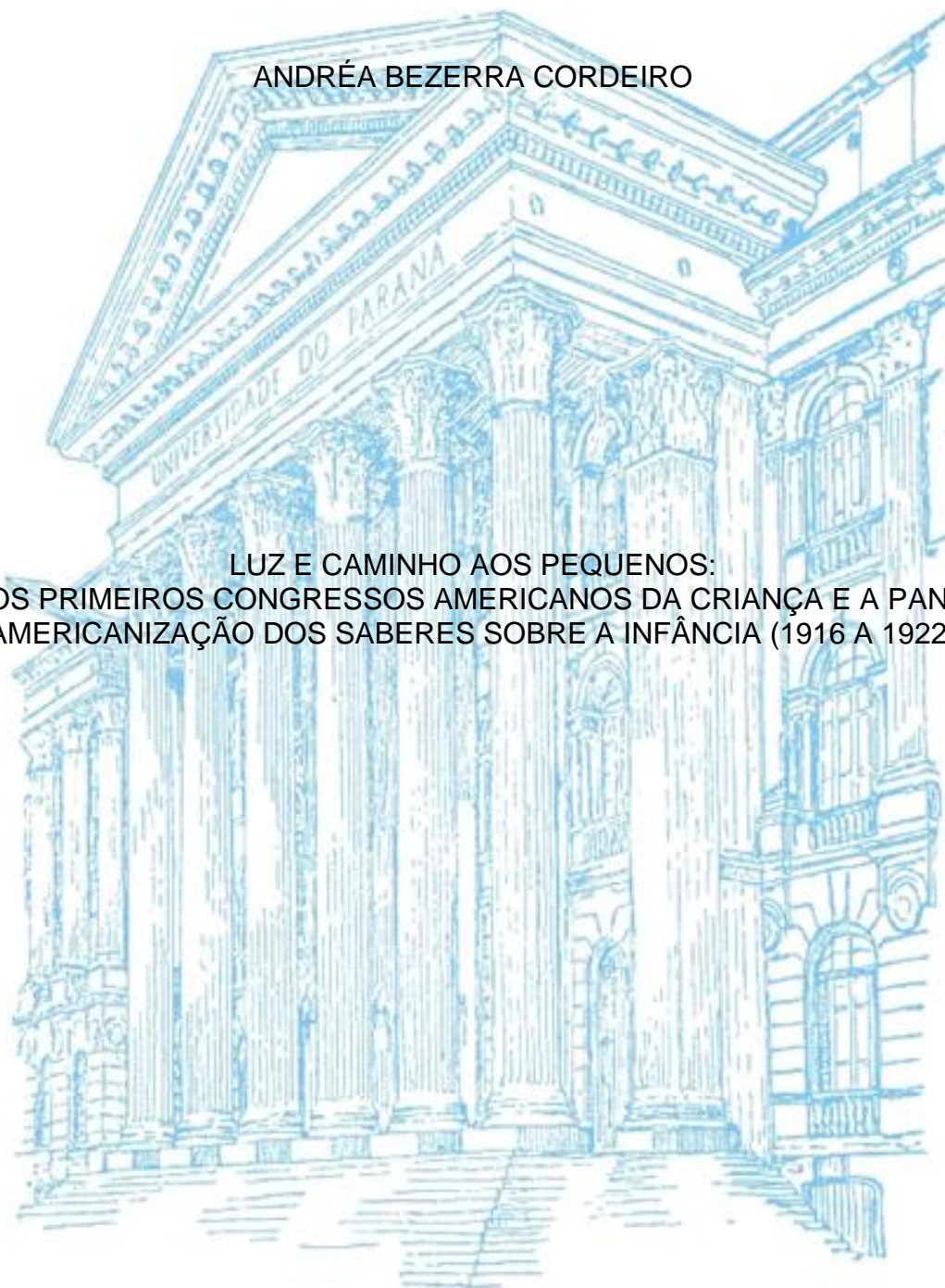


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ANDRÉA BEZERRA CORDEIRO

LUZ E CAMINHO AOS PEQUENOS:
OS PRIMEIROS CONGRESSOS AMERICANOS DA CRIANÇA E A PAN-
AMERICANIZAÇÃO DOS SABERES SOBRE A INFÂNCIA (1916 A 1922)



CURITIBA

2015

ANDRÉA BEZERRA CORDEIRO

LUZ E CAMINHO AOS PEQUENOS:
OS PRIMEIROS CONGRESSOS AMERICANOS DA CRIANÇA E A PAN-
AMERICANIZAÇÃO DOS SABERES SOBRE A INFÂNCIA (1916 A 1922)

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação, Linha de Pesquisa História e Historiografia da Educação, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Educação.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Gizele de Souza

Curitiba

2015

Catalogação na publicação
Mariluci Zanela – CRB 9/1233
Biblioteca de Ciências Humanas e Educação - UFPR

Cordeiro, Andréa Bezerra

Luz e caminho aos pequenos: os primeiros Congressos Americanos da Criança e a Pan-Americanização dos saberes sobre a infância (1916 a 1922)
/ Andréa Bezerra Cordeiro – Curitiba, 2015.
379 f.

Orientadora: Profa. Dra. Gizele de Souza

Tese (Doutorado em Educação) – Setor de Ciências Humanas da
Universidade Federal do Paraná.

1. Educação de crianças – História. 2. Infância – História. 3. Infância -
Aspectos sociais. 4. Direitos das crianças - Congressos. I. Título.

CDD 372.01

Ata (200) duzentos referente a sessão pública de Defesa de Tese de Doutorado em Educação. Aos vinte e quatro dias do mês de março do ano de dois mil e quinze, às quatorze horas, nas dependências do Programa de Pós-graduação em Educação, instalou-se a sessão pública da Defesa de Tese, intitulada "**LUZ E CAMINHO AOS PEQUENOS: OS PRIMEIROS CONGRESSOS AMERICANOS DA CRIANÇA E A PAN-AMERICANIZAÇÃO DOS SABERES SOBRE A INFÂNCIA (1916 A 1922)**", desenvolvida pela doutoranda **Andréa Bezerra Cordeiro**, aluna regularmente matriculada no Programa de Pós-graduação em Educação, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Gizele de Souza, que presidiu a Banca. A Banca Examinadora foi composta também pelas Professoras Doutoras Diana Gonçalves Vidal, Susana Sosenski Correa, Vera Lucia Gaspar da Silva e Dulce Regina Baggio Osinski. A Presidenta da Banca Examinadora declarou aberta a sessão e passou a palavra à doutoranda, que desenvolveu uma exposição oral de seu trabalho de Tese. Após a exposição, teve lugar o procedimento de arguição de cada membro da Banca, bem como a defesa, pela doutoranda, das questões arguidas. Concluída a arguição, a Banca Examinadora reuniu-se sigilosamente e exarou Parecer Final de que a doutoranda está Apta a receber o título de DOUTORA em Educação. A Presidenta da Banca Examinadora declarou que a candidata foi aprovada e cumpriu todos os requisitos para obtenção do título de DOUTORA em Educação, Área de Concentração Educação, devendo encaminhar à Coordenação, em até 60 dias a contar desta data, a versão final da Tese, versão esta devidamente aprovada pela professora orientadora. Encerrada a sessão, lavrou-se a presente ata que vai assinada pela Banca Examinadora e pela candidata. Curitiba, vinte e quatro de março de dois mil e quinze. *A banca*

realça o trabalho de levantamento de fontes em arquivos de outros países; o excelente diálogo com a historiografia e o apelo teórico. E recomenda amplamente a divulgação da pesquisa realizada.


Prof.ª Dr.ª Gizele de Souza


Prof.ª Dr.ª Diana Gonçalves Vidal


Prof.ª Dr.ª Susana Sosenski Correa



Prof.ª Dr.ª Vera Lucia Gaspar da Silva


Prof.ª Dr.ª Dulce Regina Baggio Osinski


ANDRÉA BEZERRA CORDEIRO

CONFERE COM O ORIGINAL

Em 24/3/15


Sandra Mara Maciel de Lima
Matrícula Sape 6344206
Secretária PPGE



Para Wilson, meu pai (*in memoriam*) e Netinha, minha mãe. Como cantávamos
ao redor da fogueira: *sempre na mente, no coração, junto de mim, estarão.*

AGRADECIMENTOS

Os últimos cinco anos serão inesquecíveis. Em 2010 as surpresas da vida me impulsionaram à reinvenção e a ideia do doutoramento deixou de ser um sonho e passou a ser um projeto necessário que marcaria, junto com o nascimento de meu terceiro filho, um ponto de mutação importante nas minhas ideias de carreira e de futuro, pelo que agradeço aos reveses, à sorte, ao destino, a Deus. Obrigada.

E a vida acadêmica nesse período foi como a fábula budista do cão que entra na casa de espelhos: eu sorri e (surpreendentemente?) me sorriram de volta. Encontrei caminhos e facilitadores de jornada, encontrei gente aberta, generosa e disponível, gente disposta a contribuir com minha pesquisa e a mostrar um detalhe que às vezes fica obscurecido: a Academia é feita sim, acima de tudo, de gente. Como eu e você.

A primeira a se mostrar nesse espelho e a quem devo sem dúvidas o primeiro agradecimento é você Gizele de Souza, minha orientadora, que fez o que só alguns mais raros sabem fazer: você apostou em mim e viu nas contingências que me cercavam (gravidez, filhos, trabalho social) não um empecilho à pesquisa, mas particularidades que me marcavam e que não necessariamente me limitavam. Essa aposta foi generosa, porém nunca maternalista, você foi aquele grão de areia na concha, aquele atrito que faz produzir ou buscar produzir a pérola. Promover no outro a vontade de fazer melhor sem nunca subestimá-lo... há algo mais legítimo na relação entre professor e aluno? Por isso e por tudo mais obrigada.

Os meus professores do Programa de Pós-graduação em Educação da UFPR foram parte fundamental na jornada que termina e começa com esta tese. As aulas com vocês Dulce Osinski, Liane Bertucci, Marcus Taborda de Oliveira, Serlei Maria Fischer, Gilberto de Castro e Carlos Eduardo Vieira foram os “buttons du capitonè” (sempre lembro desta imagem Professor Carlos!) que ajudaram a dar coesão aos caminhos da pesquisa e da narrativa. Os cadernos que enchi de notas nas aulas de vocês foram tão consultados quanto as fontes neste percurso e espero que possam perceber um pouco das aulas e de vocês aqui. Grata, de coração.

As professoras que compuseram meu exame de qualificação redimensionaram minhas perspectivas, lançaram provocações e sugeriram caminhos variados de maneira clara, precisa e construtiva. A leitura criteriosa de vocês Professoras Diana Vidal, Susana Sosenski e Vera Gaspar me causou muito impacto e é preciso que eu agradeça sinceramente a honra que é ter as senhoras, junto à professora Dulce Osinski, novamente como leitoras e avaliadoras do meu trabalho nesta etapa de conclusão. Obrigada, é incrível ver

os nomes que figuram nas lombadas dos livros de minha estante assim de perto e debatendo meu trabalho.

Nos primeiros movimentos da pesquisa descobri a tese recente do pesquisador Eduardo Nunes Netto e a proximidade assustadora de nossos temas também nos aproximou. Sinto, por Eduardo e sua esposa Cristiane, carinho e gratidão por terem me recebido em São Paulo, numa tarde absurdamente quente de janeiro de 2012, em meio a caixas e às vésperas de sua mudança, para que o Eduardo pudesse me ouvir e pacientemente conversar comigo sobre as possibilidades e ideias que nos aproximavam e nos diferenciavam como pesquisadores. Foi na conversa com você Eduardo, que a ideia da bolsa sanduíche nasceu. Obrigada.

A ida para Montevideu, primeiro por conta própria para mapear as possibilidades e depois como bolsista no programa de Doutorado Sanduíche, sendo aceita no programa de Antropologia Social na *Universidad de la Republica* do Uruguai, só foi possível graças à ajuda da Professora Noela Invernizzi e do Professor Javier Taks. Vocês foram o meu primeiro e auspicioso contato com os uruguaios e por sua gentileza e acolhida me deixaram confiante de que seria uma experiência de vida extraordinária, morar e pesquisar no seu país. E foi. Gracias, gracias.

Durante o período de pesquisas no exterior tive a oportunidade de trabalhar com instituições que me receberam com profissionalismo e respeito. À *Biblioteca Nacional de la Republica Argentina*, gratidão pela eficiência e profissionalismo. O *Instituto Interamericano del Niño, la Niña e Adolescente* abriu suas portas e permitiu o acesso a fontes essenciais a esta pesquisa com total liberdade, agradeço muito e em especial a Luciana Broquetas, Sr. José Carlos Thiessen, Sr. Mathias Nathan, pela confiança. À *Biblioteca de la Nación* do Uruguai sou grata pela experiência estética de estar sob seu belíssimo teto, pela experiência profissional de estar em contato com seu acervo e pela experiência afetiva de mesmo sob rigorosas regras de acesso ter sido tratada com carinho; obrigada aos funcionários pelo atendimento, consideração e amizade. À Hemeroteca da *Biblioteca Pedagógica Central Mtro Sebastián Morey Otero*, no Museu Pedagógico José Pedro Varela, e funcionários da casa, em especial Andréa e Guadalupe, um agradecimento sincero e congratulações por tanta organização e cuidado com o tesouro latino americano que guardam entre suas paredes.

O trabalho que agora se conclui tem amigos em todas as entrelinhas. Silvia, Milton, Alicja, Alexandre e Ronaldo, obrigada. Jordana Botelho, você sabe que como colegas do curso de Pedagogia, como pedagogas no chão da escola, como pós graduandas e como irmãs, nossa parceria é para sempre, não posso deixar de lhe agradecer. Caroline Maldonado, nossa amizade virtual se tornou real por conta da sua ajuda inestimável em todas as etapas da

pesquisa em Buenos Aires. Poucas pessoas fariam tanto, gratidão. Mariana Zacharias, Iriana, Joseane, Ana Julia, Etienne, Franciele, Elisângela, Márcia, Rossano, companheiros de aulas e grupos de pesquisa, agradeço muito pela presença, pelas leituras, pela força inspiradora que vi em cada um e por termos partilhado etapas edificantes nestes anos. À Etienne e Franciele cabe ainda mais um agradecimento, por terem, enquanto ainda eram bolsistas da Iniciação Científica, coletado o primeiro conjunto de fontes destes congressos no Brasil e percebido ali um belo manacial de pesquisas. Juarez Tuchinski dos Anjos, já agradeço muitas vezes o seu providencial apoio em momentos cruciais da pesquisa, mas não agradeço o bastante. Grata, de novo e sempre.

Às costureiras e costureiro do coletivo das Bonequeiras sem Fronteiras agradeço pela amizade e apoio e por terem segurado o projeto com graça e competência na minha ausência nos meses finais da pesquisa. Às administradoras do projeto: Bárbara, Cibeles, Clerdes, Márcia, Regina, Ana Paula, Silvia, Marta, Kátia e Pati, e a todas vocês bonequeiras, meu amor. Da mesma forma, preciso agradecer a uma rede de inumeráveis amigos conquistados nestes cinco anos e que torceram, rezaram e me apoiaram das mais diversas maneiras. Gratidão.

À professora Ana Luiza Fayet Sallas minha gratidão por sua amizade e gentileza em disponibilizar meu acesso a livros que só podiam ser adquiridos em bibliotecas no México, gracias. As professoras e amigas Elizabeth Sanfelice e Alda Quadros do Couto foram leitoras especiais. Betinha, agradeço por ter dedicado tempo em plenas férias para me ajudar com os lapsos de “portunhol” que se infiltravam em meu texto. Alda obrigada pela experiência rica e tranquilizadora nos arremates do trabalho, no que chamo de “revisão-reflexiva” do texto final. Inestimável ajuda. Obrigada.

Minha família, eu tenho mais motivos para me orgulhar de vocês do que o contrário, mas ainda assim sei que esta etapa também é sentida com orgulho por vocês, só posso agradecer por tudo que são. Ao Wilson e Netinha mais um tributo pelos esforços que fizeram em nos educar para o enfrentamento de limites, para a inconformidade e para o amor ao trabalho e ao outro.

Laura, Helena e Benjamin, minhas filhas e meu filho, companheiros mais próximos no empreendimento de viver, obrigada, tenho muita sorte por vocês e vocês o sabem. Lúcio, deixar as suas coisas todas para ir comigo e o pequeno para o Uruguai para que a pesquisa pudesse se realizar foi um ato de desprendimento amoroso pelo qual sempre serei grata. Sua presença e seu amor em todos os momentos foram meu pilar. A você e aos seus pais, Lourdes e Walmir, obrigada.

Por fim minha gratidão sincera à toda a população brasileira que custeou meus estudos por via da CAPES. Reconheço o que lhes custou e quero poder honrar seu investimento com tudo que estiver ao meu alcance. Obrigada.

Até hoje me pergunto pelo singular destino das sombras que se moveram
juntas, pelas mesmas paredes...

Cecília Meireles – *Nós e as sombras*

RESUMO

As discussões acerca da infância assumem crescente importância na agenda política e científica das nações no início do século XX. Esta tese se estrutura sobre a análise debates acerca das questões da infância na América, sobretudo na América Latina, a partir do estudo dos três primeiros *Congresos Americanos del Niño*, cujas primeiras edições ocorreram nos anos de 1916, 1919 e 1922. Busco prioritariamente analisando os registros das palestras, comunicações e conferências proferidas nestes eventos analisar de que modo através dos *Congresos Americanos del Niño*, se constituíram as representações sobre “el niño americano” do início do século - sua educabilidade e escolarização, sua vida social e familiar, seus direitos - dentro de uma perspectiva pan-americana de internacionalização de conceitos, projetos, modelos e referenciais sobre a infância. Para tanto a pesquisa se respalda em referenciais teóricos da História Cultural, ancorada principalmente em Chartier, com os conceitos de Representação, Apropriação, Lutas de Representação e Circulação. O aporte de pesquisadores da História da Infância, como Egle Becchi, Sandra Carli, Moysés Kuhlmann Jr., Irma Rizzini, Gizele de Souza, Susana Sosenski, entre outros, é igualmente essencial a esta pesquisa. Os *Congresos Americanos del Niño*, (que a partir de sua quarta edição em 1924 em Santiago do Chile, passam a se chamar *Congresos Panamericanos del Niño*) tornaram-se uma instituição longa, tendo a mais recente de suas edições ocorrido em 2014 no Brasil. As análises desta tese estarão restritas às três primeiras edições por considerar fecundo um aprofundamento nos discursos germinais que consolidaram estes congressos e que sem dúvida constituíram parte importante desta mesma longevidade.

Palavras-chave: História da Educação, História da Infância, América Latina, Congressos Pan-Americanos da Criança

ABSTRACT

Discussions about childhood gained political and scientific importance during the early years of 20th century. This thesis is structured on childhood issues in America, specifically in Latin America, based on research and investigation about the first editions of the Congresos Americanos del Niño, which occurred between 1916 and 1922. Analyzing data from reports of seminars and conferences given on the mentioned events I intend to investigate how the representations about “El niño americano” have been constructed during the early years of the last century - its educability and schooling, its social and familiar life - through a panamerican perspective of internationalization of concepts, projects, models and refereces about childhood. To achieve this purpose, this research was fundamented on Cultural History, anchored mainly on Chartier, making use of the concepts of Apropiation, Representation Struggles and Circulation. The Congressos Americanos Del Niño (wich were renamed Congresos Panamericanos del Niño) became an enduring institution, and the most recent event happened in 2014, in Brazil. The analysis made to this thesis is restricted to the first 3 editions, for I consider a deeper investigation on these first speeches may contribute a better undestanding about the consolidation of these events: these speeches without any doubt contributed largely for its longevity.

Key words: History of Education, History of Childhood, Latin America, Panamerican Congress of Children.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - TÍQUETE DA FEIRA MUNDIAL DE NOVA YORK, 1939	37
FIGURA 2 - FRAGMENTO DO PARECER DA COMISSÃO DE ENSEÑANZA DO SEGUNDO CONGRESO DEL NIÑO	54
FIGURA 3 - CABEÇALHO DO TEXTO DE IZABEL G. DE LA SOLANA, À SEÇÃO DE SOCIOLOGIA E DIREITO DO SEGUNDO CONGRESO AMERICANO DEL NIÑO, MONTEVIDÉU, 1919	56
FIGURA 4 - CARTÃO POSTAL ARGENTINO DO ANO DE 1910, REPRODUZINDO O CARTAZ OFICIAL DA EXPOSIÇÃO OCORRIDA NAS FESTIVIDADES DO CENTENÁRIO DA REVOLUÇÃO DE MAYO	62
FIGURA 5 - CONVITE DO CONGRESSO FEMININO INTERNACIONAL. BUENOS AIRES, MAIO 1910	66
FIGURA 6 - JULIETA LANTERI VISITANDO UMA MESA DE VOTAÇÃO EM MARÇO DE 1919	73
FIGURA 7 - NOTA SOBRE PRIMEIRO CONGRESSO NACIONAL DEL NIÑO, PUBLICADA NO SEMANÁRIO CARAS Y CARETAS, 1913	77
FIGURA 8 - ANVERSO E REVERSO DO MEDALHÃO COMEMORATIVO DO PRIMEIR CONGRESO NACIONAL DEL NIÑO, ARGENTINA, 1913	78
FIGURA 9 - CENAS DA AGENDA CULTURAL E COMEMORATIVA DO CONGRESSO NACIONAL DEL NIÑO, ARGENTINA, 1913	81

FIGURA 10 - ANVERSO E REVERSO DO MEDALHÃO DO PRIMER CONGRESO AMERICANO DEL NIÑO, ARGENTINA, 1916	82
FIGURA 11 - ANVERSO E REVERSO DO MEDALHÃO DO SEGUNDO CONGRESO AMERICANO DEL NIÑO, MONTEVIDÉU. 1919	83
FIGURA 12 - “A REPÚBLICA”, DE HONORÉ DAUMIER	85
FIGURA 13 - "A LIBERDADE GUIANDO O POVO", DE DELACROIX	86
FIGURA 14 - “ALEGORIA DA REPÚBLICA”, DE MANUEL LOPES RODRIGUES	87
FIGURA 15 - ANVERSO DO MEDALHÃO COMEMORATIVO DO TERCEIRO CONGRESSO AMERICANO DA CRIANÇA. RIO DE JANEIRO, 1922	88
FIGURA 16 - ANVERSO DO MEDALHÃO COMEMORATIVO DO PRIMEIRO CONGRESSO DE PROTEÇÃO À INFÂNCIA. RIO DE JANEIRO, 1922	90
FIGURA 17 - PESSOAL FEMININO DA CIA FOSFOREIRA ARGENTINA ..	96
FIGURA 18 - PESSOAL MASCULINO DA CIA FOSFOREIRA ARGENTINA	97
FIGURA 19 - ESTÁTUA DE LUIS MORQUIO, NA PLAZA INTEGRADORA "INSTITUTO INTERAMERICANO DEL NIÑO", MONTEVIDÉU-URUGUAI .	110
FIGURA 20 - ILUSTRAÇÃO DE F.D. BEDFORD PARA O CAPÍTULO IV DA PRIMEIRA EDIÇÃO DE PETER PAN E WENDY, 1911	128
FIGURA 21 - ILUSTRAÇÃO DE CARLO CHIOSTRI PARA O CAPÍTULO 27 DA 2ª EDIÇÃO DE PINOCCHIO	130

FIGURA 22 - FOLHA DE ROSTO DOS LIVROS PUBLICADOS COM
TRABALHOS DA SEÇÃO DE MEDICINA E DA SEÇÃO DE HIGIENE E
ASSISTÊNCIA DO SEGUNDO CONGRESO AMERICANO DEL NIÑO 140

FIGURA 23 - PÁGINA ILUSTRADA POR FOTOGRAFIAS NO LIVRO
PUBLICADO COM TRABALHOS DA SEÇÃO DE MEDICINA E DA SEÇÃO DE
HIGIENE E ASSISTÊNCIA DO SEGUNDO CONGRESO AMERICANO DEL
NIÑO 141

FIGURA 24 - CAPA DO FOLHETO “ESBOÇO DE UMA HIGIENE INTEGRAL –
HIGIENE DO LAR”, DE MATEO LEGNANI, APRESENTADO NO SEGUNDO
CONGRESO AMERICANO DEL NIÑO 145

FIGURA 25 - INTRODUÇÃO DO FOLHETO “ESBOÇO DE UMA HIGIENE
INTEGRAL: HIGIENE DO LAR”, DE MATEO LEGNANI, APRESENTADO NO
SEGUNDO CONGRESO AMERICANO DEL NIÑO, MONTEVIDEO, 1919
..... 146

FIGURA 26 - CAPA DO TRABALHO APRESENTADO POR ANTONIO
VALETA PARA O SEGUNDO CONGRESO AMERICANO DEL NIÑO E FOLHA
FINAL DO MESMO TRABALHO COM PROPAGANDA DA PUBLICAÇÃO “LA
SALUD DE LOS NIÑOS”, DO MESMO AUTOR 152

FIGURA 27 - MONCORVO FILHO ATENDENDO UMA CRIANÇA NO
DISPENSÁRIO 165

FIGURA 28 - RETRATO DE CARLOS ENRIQUE PAZ SOLDAN 166

FIGURA 29 - RETRATO DE CORA MAYERS 168

FIGURA 30 - PÔSTER OFICIAL DA CAMPANHA DO ANO DA CRIANÇA
PELO UNITED STATES CHILDRE’NS BUREAU, 1918 189

FIGURA 31 - PÔSTER DA PRIMEIRA GUERRA: "SHE IS DOING HER PART TO HELP WIN THE WAR"	191
FIGURA 32 - PÔSTER "LITTLE AMERICANS, DO YOUR BIT"	192
FIGURA 33 - CARTAZ DA CAMPANHA DO CHILDREN'S BUREAU NO ANO DA CRIANÇA 1918-1919	193
FIGURA 34 - CAPA DA REVISTA NORTE AMERICANA MC'CALLS, DEZEMBRO, 1917	198
FIGURA 35 - FRAGMENTO DO TEXTO DE JULIO PICAREL. SEGUNDO CONGRESO AMERICANO DEL NIÑO	241
FIGURA 36 - ESTÁTUA EL CANILLITA, DE AMADO CHIHAN	251
FIGURA 37 - "NEWSBOY ASLEEP ON STAIRS WITH PAPERS, JERSEY CITY, NEW JERSEY"	254
FIGURA 38 - ESTÁTUA "HOMENAGEM À IMPRENSA", DE ÉRICO GOBBI, 1976	255
FIGURA 39 - ESTÁTUA CANILLITA, PRAÇA EL CANILLITA, SANTA CRUZ DE LA SIERRA, BOLÍVIA	256
FIGURA 40 - ESTÁTUAO PEQUENO JORNALEIRO, DE ANÍSIO MOTA (FRITZ), RIO DE JANEIRO, 1933	258
FIGURA 41 - VOTO DE APLAUSO AO TRABALHO "A EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA" DE MARIA INEZ MENDOZA DE RODRIGUES, SEGUNDO CONGRESO AMERICANO DEL NIÑO, MONTEVIDEO, 1919	292
FIGURA 42 - ILUSTRAÇÃO AOS POEMAS "CORAGEM" E " PARA O LIVRO"POESIAS INFANTIS" DE OLAVO BILAC,2ª EDIÇÃO, 1913	316

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - ORGANIZAÇÃO DAS SEÇÕES DOS CONGRESSOS AMERICANOS DEL NIÑO, 1916 A 1922	117
QUADRO 2 - TEMÁRIO OFICIAL DO PRIMER CONGRESO AMERICANO DEL NIÑO ,1916	118
QUADRO 3 - TEMÁRIO OFICIAL DO SEGUNDO CONGRESO AMERICANO DEL NIÑO, 1919	120
QUADRO 4 - TEMÁRIO OFICIAL DO TERCEIRO CONGRESO AMERICANO DA CRIANÇA	121
QUADRO 5 - MEMBROS OFICIAIS, ADERENTES DE NÚMERO, POR PAÍS, CONGRESOS AMERICANOS DEL NIÑO, 1916-1922	124
QUADRO 6 - TEMAS OFICIAIS RELATIVOS AO TRABALHO INFANTIL NOS TRÊS PRIMEIROS CONGRESOS AMERICANOS DEL NIÑO	221
QUADRO 7 - TEMAS RELATIVOS AO TRABALHO INFANTIL NOS TRÊS PRIMEIROS CONGRESOS AMERICANOS DEL NIÑO	222
QUADRO 8 - PRIMEIRAS REFERÊNCIAS LEGAIS À OBRIGATORIEDADE ESCOLAR EM SETE PAÍSES LATINO AMERICANOS	270

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
1 OS CONGRESOS AMERICANOS DEL NIÑO E O MOVIMENTO DE PROBLEMATIZAÇÃO DA INFÂNCIA AMERICANA (1916-1922)	34
1.1 “UMA LUZ E UM CAMINHO AOS PEQUENOS”: O <i>PRIMER CONGRESO NACIONAL DEL NIÑO</i> , ARGENTINA, 1913	59
1.2 <i>CONGRESOS AMERICANOS DEL NIÑO</i> , SUAS ESTRUTURAS	92
1.2.1 Uma questão instrumental: quando as fontes podem trair.....	99
1.2.2 Nuances da organização do Terceiro Congresso Americano da Criança: Moncorvo Filho e as questões do apoio governamental	102
1.2.3 Nuances da organização do <i>Segundo Congreso Americano del Niño</i> : Luis Morquio e o <i>Instituto Inter Americano de Protección a la Infancia</i> . ..	109
1.2.4 A estrutura organizacional dos Primeiros Congressos Americanos da Criança	114
2.1 INFÂNCIA E ORGANIZAÇÃO FAMILIAR EM SUAS RELAÇÕES COM A HIGIENE E A RACIONALIDADE MÉDICA NOS TRÊS PRIMEIROS CONGRESOS AMERICANOS DEL NIÑO.....	139
2.1.1 Vindo à Luz: O nascimento da criança americana sob a égide da racionalidade médica nos primeiros <i>Congresos Americanos del Niño</i>	143
2.1.2 “Nunca se viu, nem se verá nunca a má semente dar boa planta”: <i>Eugenia nos Primeiros Congressos Americanos del Niño</i>	154
2.1.3 Uma possível circulação de atores e propostas de higiene, eugenia e puericultura sob o impacto dos Congressos Americanos da Criança.....	162
2.2 INFÂNCIA E ORGANIZAÇÃO FAMILIAR EM SUAS RELAÇÕES COM O ESTADO E A LEI NOS TRÊS PRIMEIROS CONGRESOS AMERICANOS DEL NIÑO	170
2.2.1 Representações sobre papéis familiares da mulher nos Primeiros <i>Congresos Americanos del Niño</i>	183
2.2.2 Representações sobre papéis familiares do homem nos primeiros <i>Congresos Americanos del Niño</i> : paternidade, autoridade e limites do Pátrio Poder.....	197
2.2.3 Abandono, delinquência e tribunais de menores nos primeiros <i>Congresos Americanos del Niño</i>	205
2.3 AS REPRESENTAÇÕES SOBRE INFÂNCIA EM SUAS RELAÇÕES COM O MUNDO DO TRABALHO NOS TRÊS PRIMEIROS CONGRESSOS AMERICANOS DA CRIANÇA.....	216

2.3.1 “Para fecundar a vida o trabalho se inventou”: discursos sobre moralização e educação pelo trabalho nos Primeiros <i>Congresos Americanos del Niño</i>	234
2.3.2 “Uma nota de alacridade na paisagem citatina”: os canillitas e a potência da infância.....	249
3 EDUCAÇÃO E ESCOLARIZAÇÃO EM DEBATE NOS PRIMEIROS CONGRESSOS DA CRIANÇA	260
3.1. ESTADO E EDUCAÇÃO NA AMÉRICA LATINA DO INÍCIO DO SÉCULO XX: “CIMENTANDO O FUTURO DA AMÉRICA DESDE OS BANCOS DA ESCOLA”	263
3.2 NUANCES DA ESCOLA NOS PRIMEIROS CONGRESOS AMERICANOS DEL NIÑO	278
3.2.1 Higienizar e alfabetizar como projeto básico para a civilização da criança americana – “Educação é a base do maior desenvolvimento do gênero humano”	281
3.2.2 A educação física e a ginástica escolar – “Pela instrução e educação deve-se forjar o homem saudável de corpo e espírito, forte, moral, trabalhador e inteligente”	287
3.2.3 Puericultura e Educação Sexual como saberes escolares. “O homem apto e pronto em todos os sentidos para iniciar-se com sucesso positivo nas ações da vida comum”	293
3.3 A ESPECIFICIDADE DA EDUCAÇÃO FEMININA TRATADA NOS PRIMEIROS CONGRESOS AMERICANOS DEL NIÑO.....	309
3.4. IDEIAS SOBRE A EDUCAÇÃO E CUIDADO DA INFÂNCIA PEQUENA FORA DO LAR NOS PRIMEIROS CONGRESOS AMERICANOS DEL NIÑO	320
FONTES	347
CONGRESSISTAS CITADOS E RESPECTIVOS TRABALHOS APRESENTADOS AOS CONGRESSOS AMERICANOS DEL NIÑO.....	350
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	361
ANEXO	377

INTRODUÇÃO

E quando nos lembrarmos que a criança de hoje é o homem de amanhã e que o feitiço da humanidade futura depende do modo pelo qual cuidarmos, orientarmos e educarmos a infância agora – então! – é força confessar que a nossa responsabilidade é tremenda! Não se trata de piedade, nem de caridade, formulas cômodas de fundo um tanto egoístas e que nada obrigam. Trata-se de um dever, para nós, formal, imprescindível. Exigem-no – a criança para seu amparo e proteção; – a raça, para seu aperfeiçoamento; – a sociedade para sua defesa e sua melhor organização; – as três para um remoto ideal de humanidade feliz.

(Olinto de Oliveira, Presidente do 3º Congresso Americano da Criança–Rio de Janeiro – 1922. Discurso de Abertura).

Encadeados, os termos criança e homem, hoje e amanhã, infância e humanidade, piedade e dever são as escolhas de impacto da fala do pediatra brasileiro Olinto de Oliveira, que escolho para fazer as vezes de arauto e prenunciar parte das representações acerca da infância e de seu lugar nos discursos políticos, científicos e pedagógicos do início do século XX na América Latina.

Esta pesquisa se ocupou em olhar para esses e outros distintos aspectos que compõe as ideias e perspectivas que circulavam na América do início do século XX sobre a criança americana, crianças que, sob o signo de seu tempo e pelo bem de um continente também visto como um menino em busca da própria imagem,¹ protagonizarão as discussões dos *Congresos Americanos del Niño*, cujas primeiras edições ocorreram entre os anos de 1916 e 1922.

A compreensão de questões que cercavam os debates sobre a infância naquele momento histórico foi buscada através da análise dos registros dos trabalhos, discursos solenes e conferências proferidas no *Primer Congreso Americanos del Niño*, do ano de 1916 em Buenos Aires – Argentina, no *Segundo Congreso Americanos del Niño*, ocorrido em 1919 em Montevideu – Uruguai e no Terceiro Congresso Americano da Criança realizado em conjunto

¹Em debates que adentram o século XX, não obstante os esforços de afirmação americana, em especial latino americana, o novo mundo segue sendo visto como um vir-a-ser, uma promessa de futuro. Ortega y Gasset (1963) comentando a visão de Hegel sobre a América e a perpetuação da imagem de imaturidade e inferioridade do continente ante o imaginário europeu dirá:: “Niña, reciente, coralina y tierna la tierra del nuevo mundo; débiles sus fieras y sus hombres y sus culturas autóctonas. No se puede desconocer la sutileza con que todo esto está visto en 1820. Porque es el caso que posteriormente no ha hecho sino acentuarse ante la investigación científica ese carácter extraño de la fauna y del indígena americanos”.

com o Primeiro Congresso Brasileiro de Proteção à Infância, no ano de 1922 no Rio de Janeiro – Brasil; todos contando com a participação de representantes de diferentes setores sociais de países da América Latina.

Os *Congresos Americanos del Niño* – que a partir de sua quarta edição, em 1924 em Santiago do Chile, passam a se chamar *Congresos Panamericanos Del Niño* – atravessaram o século XX e adentraram o XXI, tendo a mais recente de suas edições (*XXI Congreso Panamericano del Niño, la Niña y Adolescentes*) ocorrido em dezembro 2014 em Brasília, Brasil. Limitarei minhas análises às três primeiras edições por considerar fecundo um aprofundamento nos discursos germinais que produziram esses congressos e que sem dúvida constituíram parte importante dessa mesma longevidade.

O Terceiro Congresso Americano da Criança será a baliza final das análises, considerando que nesse congresso, ocorrido em 1922 no Brasil, um ciclo fundante se conclui e são lançadas as sementes de uma nova fase para os Congressos vindouros. Essa nova fase se afirmará com a concretização de um projeto em trâmite desde o congresso em Montevideu: a criação e aprovação do estatuto do *Instituto Internacional Americano de Proteccion a la Infancia*, na ocasião do 4º *Congreso Panamericano Del Niño* em 1924, e que resultou em uma “instituição exclusivamente intergovernamental de caráter intra-regional e internacional, relacionada ao tema da infância e ainda existente, mais antiga do mundo” (NUNES, 2011, p.32).

Os *Congresos Panamericanos del Niño*, a partir de então, continuam a existir como organização autônoma, mas integram o *Instituto Internacional Americano de Proteccion a la Infancia*, o que de fato implicou em mudanças no status dos encontros que assumem um viés oficialmente intergovernamental.

Os registros de trabalhos enviados, atas das sessões, organização e conclusões dos eventos encontram-se em documentos produzidos como parte da proposta dos Congressos em boletins oficialmente impressos e publicados pelas comissões organizadoras de cada um dos eventos.

O arquivamento e preservação dessas fontes se deu de maneira irregular, tendo sido possível recuperar apenas parte dos registros do *Primer Congreso Americano del Niño*, sob a forma de uma publicação oficial com os dados organizativos do evento (temários, seções, comitês organizativos, presidentes de mesas) localizada na *Biblioteca Nacional Argentina*.

Além desta publicação foram recuperados os trabalhos enviados pelo comitê uruguaio ao *Primer Congreso Americano del Niño*, publicados em uma edição de 1917 da revista de educação uruguaia *Annales de la Instrucción Primaria*, localizada na hemeroteca da *Biblioteca Pedagógica Central Mtro Sebastián Morey Otero* em Montevideu. Os trabalhos enviados pela comitiva brasileira foram publicados no Brasil em dois volumes sob o patrocínio da Presidência da República do Brasil e organização do médico Moncorvo Filho. Um exemplar de cada um destes volumes foi localizado na Biblioteca de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Paraná, em Curitiba.

Outra fonte primária de suma importância para pesquisa foram os documentos inéditos referentes ao *Segundo Congreso Americano del Niño*, Montevideu, 1919: um conjunto de *carpetas* – fichários de couro nos quais estão reunidos os trabalhos originais enviados pelos participantes dos comitês de diferentes países para todas as sessões propostas naquele evento.

Esta coleção de *carpetas* oferece, para além do conteúdo dos trabalhos, a chance de análise da circulação e repercussão das ideias em debate nos congressos, pois traz às margens de muitos dos textos originais o comentário anterior à apresentação, feito pelos analistas das diferentes comissões. Com apontamentos e correções, além de apresentar o parecer das comissões após a apresentação dos textos inclui, em alguns casos, o registro das reações da audiência à apresentação do trabalho. Estes e outros documentos foram localizados na *Biblioteca Luis Morquio*, no *Instituto del Niño la Niña e Adolescente* em Montevideu.

Em relação às fontes do Terceiro Congresso Americano da Criança, realizado no Brasil em conjunto com o Primeiro Congresso Brasileiro de proteção à Infância, foi possível recuperar alguns documentos (uma publicação com a organização e conclusões, uma caderneta distribuída aos congressistas) na mesma *Biblioteca Luis Morquio*, em Montevideu.

Os trabalhos das comitivas estrangeiras enviados para o Terceiro Congresso Americano del Niño parecem ter sido extraviados devido a uma série de dificuldades enfrentadas pela comissão de organização do evento, tópico que será discutido no decorrer da tese. No entanto, nos Anais do Primeiro Congresso Brasileiro de Proteção à Infância encontrei os trabalhos apresentados pelos participantes brasileiros de maneira conjunta aos dois

eventos, que de fato foram unificados. Além disso, há nesses anais um precioso registro inexistente nas fontes dos demais encontros: as atas dos debates em cada uma das sessões realizadas conjuntamente no evento, com o relato dos posicionamentos e discussões realizadas no congresso.

Além desses documentos, oficialmente publicados pela organização dos congressos, muitas outras fontes foram agregadas, pois diversos trabalhos levados aos eventos foram publicados em jornais, revistas e antologias. O levantamento de fontes foi feito, além de nas bibliotecas acima citadas, na Biblioteca de la Nación, no Uruguai; Biblioteca Nacional, no Brasil; Biblioteca Nacional de Maestros, Argentina.

Tal conjunto de fontes, que resultou em mais de 400 trabalhos apresentados ou inscritos nos três eventos, foi em grande parte coletado durante o período de quatro meses de Doutorado Sanduíche no Uruguai, com passagens pela Argentina. O conjunto se constitui como fonte principal da pesquisa, ao qual foram aliadas outras fontes como fotografias, objetos numismáticos, textos relativos aos congressos publicados em periódicos especializados e na imprensa da época, além de livros.

Acredito que o potencial dessas fontes reside no fato de expressarem significativamente diferentes produções discursivas e construções sociais acerca da infância, bem como a relação destas concepções com os processos históricos que estabelecerão certos saberes e práticas educativas, legais e de assistência social, direcionados à infância nas primeiras décadas do século XX na América Latina.

Este corpus denso de fontes foi explorado a partir de um problema que se colocava ante a pesquisa: de que modo nesses primeiros *Congresos Americanos del Niño* se produziram e circularam ideias e propostas sobre e para "el niño americano" e a educabilidade da infância?

A partir deste problema e dos contatos com as fontes algumas questões derivadas foram produzidas à guisa de diretrizes de estudo e pesquisa:

- Os temas relativos à infância na América foram pontos de convergência de interesses e esforços cooperativos entre os países da América Latina?

- Em que medida teriam os *Congresos Americanos del Niño* se tornado espaços de exercício das relações internacionais na América Latina nas primeiras décadas do século XX?
- Na perspectiva dos projetos de progresso e civilização das populações americanas, como foram tematizadas as questões da educação e escolarização nos congressos focalizados?
- Quais serão as representações acerca da família, da maternidade, da paternidade fortalecidas ou produzidas pelos encontros?
- Em que medida alguns profissionais envolvidos nesses eventos, numa perspectiva de internacionalização, foram vetores de subsídios gerados pelos congressos para a elaboração de ações nacionais em forma de projetos, experiências e leis acerca da infância, em seus respectivos países?

Tais questões foram experimentadas no percurso empírico da pesquisa, mediante a mirada sobre as fontes, realizada em diálogo com o aparato teórico que estrutura esta pesquisa e tendo como baliza a hipótese central desta tese: nos *Congresos Americanos del Niño*, pela voz das autoridades científicas, educacionais e políticas da América (sobretudo da América Latina), ecoaram representações sobre “El niño americano” do início do século - sua educabilidade, sua vida social e familiar, seus direitos - dentro de uma perspectiva pan-americana que contribuiu para a circulação de conceitos, projetos, e referenciais sobre a infância.

Minha intenção no tensionamento da hipótese e das questões derivadas do problema principal é de, no decorrer do exercício analítico, realizar o que Dominique Julia (2001, p.17) afirma ser factível ao historiador habilidoso: encontrar no documento normativo a relação com as práticas sociais. E, talvez assim, extrapolar os limites do dito, conseguindo perceber indícios que clarifiquem aspectos da vida infantil, sua inserção na sociedade e sua relevância na vida política daquele momento histórico, bem como as representações dos adultos que se ocuparam a pensar a infância naquele momento histórico.

Becchi (1994) refere-se ao exercício de busca da criança na história como um exercício permeado pela “incerteza discursiva”:

O saber da criança no presente e a reconstrução da história da infância no passado podem vir inseridos neste quadro, que é de incerteza discursiva, (...) de difícil identificação do objeto do qual se pretende tratar, de aproximações inéditas e quase sempre duvidosas, as quais requerem aquela mobilidade do olhar e aquela sensibilidade de escutar que o antropólogo e o psicanalista têm, próprios do estudioso de um sujeito diverso de si, evasivo, quase assim mudo ou que se expressa em um código de todo peculiar (Becchi, 1994, p.VI).

Essa ideia de “incerteza” é deliberadamente provocativa, pois fala da busca pela construção de uma legítima narrativa histórica a partir dos vestígios dispersos da experiência infantil, diluídos nos documentos que trazem a expressão da experiência adulta em relação à infância. A incerteza é também, no caso do historiador que se dedica à infância, a corda sobre a qual ele caminha ao construir sua pesquisa e narrá-la. No entanto estes riscos que corre o historiador não são impeditivos de que as pesquisas se façam, de que se busque no método e no trato com as fontes a aproximação, o tanto quanto possível, do conhecimento histórico² sobre aquelas infâncias que protagonizam os eventos em estudo.

A tarefa do historiador da infância é convidativa e desafiadora justamente *porque a infância – o exprime a definição mesma – supõe-se não falar, não comunicar, não dizer de si, não estar em condição de dar – e tanto menos de escrever informações essenciais sobre uma sua identificação* (BECCHI, 1994). Então há que se arriscar a identificar seu testemunho mudo, pois elas estavam lá, é sobre elas que versam essas palestras, sejam representadas como perigo ou salvação, como puras ou deterioradas, como chaga social ou como esperança de um homem novo.

Quando se amplia o espectro no estudo da história da infância no começo do século XX é impossível ignorar o impacto das políticas educativas e de proteção à infância sobre os rumos dessas sagas. A infância e a escola irão

² Sigo no exercício de pensar o conhecimento histórico na sua construção de acordo com Ginzburg que, contra o escorregadio relativismo, afirma: “A ideia de que as fontes, se dignas de fé, oferecem acesso imediato à realidade é igualmente rudimentar. As fontes não são nem janelas escancaradas como acreditam os positivistas, nem muros que obstruem a visão, como pensam os cépticos: no máximo poderíamos compará-las a espelhos deformantes. A análise da distorção específica de qualquer fonte implica já um elemento construtivo. Mas a construção (...) não é incompatível com a prova; a projeção do desejo, sem o qual não há pesquisa, não é incompatível com os desmentidos infligidos pelo princípio de realidade. O conhecimento (mesmo o conhecimento histórico) é possível” (GINZBURG, 2002b, p.45).

convergir como parte de uma dinâmica mundial que se deu par e passo com a trajetória da modernidade³ e suas implicações.

É no movimento ciclônico das mudanças nas formas de “pensar que afetam os modos de agir, de viver” (SMOLKA, 2002, p.109) no decorrer dos séculos XIX e XX que também se produzem novas abordagens sobre a infância. Vivendo a modernização⁴ e fazendo parte dela havia crianças, muitas delas pobres, cuja existência era concreta o bastante para que fossem – ainda que com desgosto – notadas e que precisavam de alguma forma entrar na conta das perdas e ganhos do progresso.

A família em farrapos do poema Baudelairiano sai de trás dos detritos, pára e se coloca no centro da cena. O problema não é que eles sejam famintos ou pedintes. O problema é que eles simplesmente não irão embora. (...)

Esta cena primordial revela algumas das mais profundas ironias e contradições na vida da cidade moderna. O empreendimento que torna toda a humanidade uma “grande família de olhos”, em expansão, também põe à mostra as crianças enjeitadas dessa família (BERMAN, 1988, p.148).

Podemos ler a citação acima fazendo a analogia proposta pelo autor: entendendo a população pobre em geral como “as crianças enjeitadas” da grande família composta pela humanidade. Mas uma leitura literal do texto, no caso específico desta citação, não a esvazia de sentido, pois o processo de modernização de fato pôs em descoberto de maneira inegável a existência de uma infância que escapava ao projeto moderno de organização harmônica, asséptica e racional das relações sociais.

As crianças estavam lá e quando pobres denunciavam em suas privações a fragilidade de um progresso que contraditoriamente era a panaceia para todos os males, mas não era capaz de incluir a todos. E elas cresceriam, desafiando a crença na evolução positiva (VEIGA, 2004, p.72) infalível do

³ O conceito de modernidade que adoto baseia-se em Berman: a modernidade tomada como uma “experiência de tempo e espaço, de si mesmo e dos outros, das possibilidades e perigos da vida – que é compartilhada por homens e mulheres em todo o mundo”. Uma experiência sem fronteiras, de longa duração, prenhe de mudanças, desintegrações, esperanças e contradições (BERMAN, 1988, p.15).

⁴ Novamente é em Berman que entendo a ideia de Modernização como os processos sociais em curso na modernidade, os quais mantêm o ritmo de irrealização, de incompletude, de devir, ao que Berman chama de “turbilhão da vida moderna”, que engloba desde os avanços da ciência, da técnica, da produção às mudanças de poder e os reflexos de tudo isso no cotidiano de homens, mulheres e – acrescento eu – crianças (BERMAN, 1988, p.16).

homem – cara à elite intelectual da época – ameaçando o vir-a-ser que constituía parte fundamental do que sustentava a busca pela modernidade.

Em vez de representar a coisa já existente mediante signos, estes se encarregam de representar o sonho da coisa, tão ardentemente desejada nessa época de utopias, abrindo o caminho a essa futuramente que governaria os tempos modernos e alcançaria uma apoteose quase delirante nos tempos contemporâneos. O sonho de uma ordem servia para perpetuar o poder e conservar a estrutura socioeconômica e cultural que esse poder garantia. E, além disso, se impunha a qualquer discurso opositor desse poder, obrigando-a a transitar, previamente, pelo sonho de outra ordem (RAMA, 1984, p.31-32).

Assim, a preservação da ordem e do sonho (ou do sonho da ordem) colocou a preocupação com a questão da infância em um lugar central nos projetos das nações que se queriam modernas e às ações e planos dos Estados aliaram-se representantes de diferentes setores sociais em torno da causa da infância.

Preocupar-se e ocupar-se da infância passará então a ser um indício de desenvolvimento dos Estados e as questões referentes aos cuidados, formação e educação da criança e de suas famílias figurarão entre os principais temas dos governos e de diversos grupos de médicos, educadores, profissionais liberais, filantropos, que se imbuíram da missão de sanear, proteger e regenerar a sociedade através da intervenção sobre a infância.

É justamente neste sentido que os Congressos da Criança configuram-se como eventos potencialmente férteis para a pesquisa em História da Educação e da Infância, pois, seguindo os moldes das outras grandes conferências e exposições universais, imprimiram visibilidade⁵ e revestiram as discussões sobre a infância e sua educação com um caráter científico e de abrangência internacional.

Perscrutar a infância no contexto de eventos oficiais, com seu formalismo e abrangência é oportunidade de ampliar a compreensão acerca do que a sociedade pensava, desejava e temia em relação às crianças e à

⁵ Para um maior aprofundamento acerca do papel das Exposições Universais ver PESAVENTO, S.J. **Nós e Os Outros**: As Exposições Universais e o Imaginário Europeu sobre a América. In: Bessoni, T. M. T.; Queiroz, T. A. P. de (Orgs.) América Latina: Imagens, Imaginação e Imaginário. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura; São Paulo: EDUSP, 1997.

infância e também sobre as diferentes esferas de inserção da criança naquela sociedade:

Os trabalhos sobre a criança percorrem um arco que vai desde o final dos anos 60 até a atualidade. (...). Neles se avançou na análise da vida privada das crianças, dos afetos familiares, dos vínculos inter-relacionais, dos fenômenos demográficos. (...) Os estudos sobre as crianças não podem ser objeto exclusivamente de investigação na esfera da vida privada, mas sendo a educação um fenômeno público, é necessária uma leitura das maneiras em que a criança nela estará inserida (CARLI, 2003, p.18).⁶ (Tradução minha)⁷.

A infância de que se trata, de que se fala e sobre a qual se elaboram programas de assistência e de educação, está presente nos textos dos Congressos de maneira fracionada e por vezes antagônicas, revelando que, ainda que planejados em sua temática, na escolha de seus palestrantes e tendo um pano de fundo comum, as tensões inevitável e sutilmente se estabelecem nos modos de ver e pensar a infância a partir de lugares (a medicina, o direito, a educação) e posições políticas diferentes: “A ideia de tensão (...) é sempre a ideia de demonstrar que não há a possibilidade de ler qualquer fenômeno de maneira unitária, de uma maneira que não englobe as contradições” (Chartier, 2001).

Os congressos e exposições são por excelência lugares para a produção, afirmação e divulgação de discursos que se constituem em expedientes para dar inteligibilidade, forma e certa ordem ao mundo social (Chartier, 2002), produzindo representações sobre esse mundo.

O Brasil e outros países da América Latina adentram esse universo dos congressos⁸ voltados à questão da infância, inicialmente como membros participantes⁹ para depois, principalmente por ocasião da crise europeia

⁶ Los trabajos sobre infancia recorren un arco que va desde fines de los años '60 hasta la actualidad. (...) En ellos se avanzó en el análisis de la vida privada de los niños, los afectos familiares, los vínculos interrelacionales, los fenómenos demográficos. (...) Los estudios sobre la infancia no pueden ser objeto exclusivamente de la indagación de la esfera de la vida privada, sino que en tanto la educación es un fenómeno público, se requiere una lectura de las formas en las que el niño se inscribe en ella (CARLI, 2003, p.18).

⁷ As citações de teóricos em outros idiomas que forem por mim traduzidas serão apresentadas no rodapé em idioma original.

⁸ Um histórico bastante descritivo, mas muito completo sobre Congressos voltados à Infância desde a metade do século XIX pode ser encontrado em CARNEIRO, Levy. **Nova legislação da Infância**. Rio de Janeiro, Empresa Bibliográfica Moderna, 1923.

⁹ Kuhlmann Jr. localiza as primeiras incursões do Brasil nesses encontros internacionais voltados à infância a partir da participação do médico higienista Arthur Moncorvo Filho como ouvinte no 1º Congresso de Proteção à Infância, ocorrido em 1913 na Bélgica (KUHLMANN JR, 2001, p.116).

deflagrada com a Primeira Guerra Mundial, intentarem organizar e sediar alguns destes dos eventos na busca também da afirmação de uma maioria intelectual no que concerne às discussões sobre a infância. Esse desejo americano de se potencializar mundialmente fica nítido em discursos como o proferido de na abertura dos trabalhos do *Segundo Congreso Del Niño*, realizado em 1918 em Montevideu:

Europa, berço das ciências, fonte de todo progresso, vê seu esforço bruscamente interrompido com a guerra e a América, já preparada para intervir com eficácia e capital próprio nas lides do saber, acolheu calorosamente entre outras coisas a ideia de celebrar os Congresos Del Niño.¹⁰ (Tradução minha).¹¹

Neste sentido os *Congresos Americanos del Niño* tornam-se peça importante no movimento de interação, principalmente entre países da América Latina que, embora partilhassem um passado colonial, diferiam em seus processos históricos de independência, definição de território e formação de suas identidades nacionais e que ocupavam diferentes lugares dentro do cenário das relações internacionais; o que não os impedia de estarem igualmente envolvidos na dinâmica cosmopolita da modernização, enfrentando problemas parecidos em sua busca pelo ideal de civilização.

Entendendo que na multiplicidade de possibilidades investigativas está a riqueza desses congressos como objeto, o aparato conceitual que auxiliará a sustentar a análise se inscreve prioritariamente na perspectiva da história cultural, tendo em Roger Chartier e nos conceitos de Representação, Apropriação, Lutas de Representação e Circulação as principais ferramentas interpretativas.

Outros autores foram convocados para auxiliar a fundamentação da pesquisa: Ginzburg, Hobsbawn, Foucault, Certeau, Farge, Davis polvilharam a

¹⁰ *Europa cuna de las ciencias, fuente de todo progreso, vio su labor bruscamente interrumpida con la guerra y América ya preparada para intervenir con eficacia y capital propio en las justas del saber, recogió calurosamente, entre otras muchas, la idea de la celebración de los Congresos del Niño, (...). Introducción, Antecedentes y organización. Segundo Congreso Americano del Niño 2. Montevideo, 1919, p. 13.*

¹¹ A maior parte das citações retiradas dos documentos e discursos dos congressos está originalmente em castelhano, algumas em inglês. Optei por traduzi-las e apresentá-las em português para uma maior fluidez ao leitor, apresentando a versão original em nota de rodapé. A referência remeterá ao nome e sobrenome do congressista, congresso, número de página e ano. As informações completas sobre o trabalho de onde foi extraída a citação (título do trabalho e demais dados) podem ser encontradas na “Lista de congressistas citados”, nos anexos desta tese.

narrativa e a polifonia de seus aportes condizentes com a miríade de questionamentos que brotavam das fontes, compostas por discursos de sujeitos de áreas diversas e com diferentes modos de ver o mundo e a infância.

Os sujeitos que concorrem aos congressos buscando dar um tratamento racional e científico à questão da infância, muitos se guiando pelas ideias de modernização e cientificização que permeiam o ocidente, via de regra não o farão lidando semanticamente com uma ideia de *criança* enquanto indivíduo, como sujeito daquela experiência histórica. A criança dos *Congresos Americanos del Niño* surge primordialmente como figura metonímica e grande parte das ações de proteção e educação se voltarão para a infância – entendida aqui como construto social que se referiria a uma coletividade de crianças forçosamente uniformizada e categorizada. *Ele ama o povo, mas não como pessoas*, disse certa vez a assistente do urbanista Robert Moses (BERMAN, 1988, p.289), ícone da modernização dos Estados Unidos. Analogamente poderíamos pensar que as nações modernas *amavam a infância, mas não necessariamente as crianças*.

Essas crianças tão diluídas nos discursos que homogeneizam “el niño americano” dentro de uma idealizada infância americana não deixaram entretanto de ser o filhos reais de pais e mães cujos papéis, atribuições e falhas serão muito discutidos nos *Congresos Americanos del Niño*. Também num contexto marcado pela ambiguidade de representações: os pais e mães das crianças pobres são, há um só tempo, responsabilizados pelas falhas e desventuras de seus filhos, bem como chamados à alta missão de guardiões desse capital humano.

Embora tenha havido, naquele período histórico, um movimento no sentido de reforçar a ideia de família nuclear e do poder pátrio, as dúvidas quanto à adequação dos pais a tal missão coloca o Estado em sobreaviso para que assuma a responsabilidade nos casos em que a tutela familiar for ineficiente. Tais são as palavras do higienista Ferreira de Magalhães no Terceiro Congresso Americano da Criança em 1922:

Quando recolhemos um pequeno ser atirado sozinho nas tumultuosas maretas dos refolhos sociais, vítimas de pais indignos ou de taras profundas, não é ele que nós protegemos, são as pessoas honestas que defendemos; quando tentamos chamar ou fazer voltar à saúde física ou moral seres decadentes e fracos, ameaçados pela contaminação do crime, é a própria sociedade que defendemos

contra a injúria, da qual o abandono das crianças constitui uma ameaça ou um presságio. Inquestionavelmente, o problema da criança é o máximo problema do Estado. A proteção dos meninos infelizes é, ao mesmo tempo, a proteção dos nossos filhos; devemos ter o máximo interesse em alcançar para os meninos desgraçados uma certa dose de moralidade e felicidade, de saúde e de bem estar (FERREIRA DE MAGALHÃES, 1924,p.133).

A criança pobre aqui referida é representada como uma ameaça à segurança da gente de bem e uma sombra sobre as expectativas de grandeza da nação. Cuidar da criança não pela criança, mas pelo país e pela ordem social é o que parece ser o intuito deste Estado, que, contudo, nem sempre estende sua responsabilização ao combate às causas da pobreza e da exclusão social.

Nesse mesmo sentido de normalização e controle serão apresentados muitos trabalhos aos congressos prescrevendo saberes e condutas a serem transmitidos às crianças pobres pela via da escola, num discurso que embora seja hegemônico não será homogêneo e concorrerá com outras visadas sobre as funções sociais da escolarização.

Ao tomar em análise textos de natureza claramente *oficial, normativa ou propositiva* como são as documentações do *Congresos Americanos del Niño*, é fundamental não perder de vista uma prudente recomendação ao historiador que ousa adentrar ao campo da história da infância, sintetizada aqui por Maria Cristina Soares Gouvea:

...a documentação produzida pelo adulto espelha as expectativas sociais dirigidas ao sujeito infantil, mais do que expressa suas formas de inserção num determinado momento histórico. Os discursos e práticas de socialização, ao dirigirem-se à criança, constroem um imaginário sobre a infância, produzindo modelos de gestos, hábitos, comportamentos que são material de socialização no processo de formação de tais atores. A criança é também produto de tais práticas e discursos (GOUVEIA, 2008, p.106).

As intrincadas representações acerca da infância presentes nas fontes não poderiam ter sido percebidas e esmiuçadas sem o aparato fornecido principalmente pela produção de autores que se dedicam à infância e sua história em diferentes instâncias, como Egle Becchi, Sandra Carli, Moysés Kuhlmann Jr., Irma Rizzini, Gizele de Souza, Susana Sosenski, entre outros.

A produção desses autores aguçou o olhar para os sentidos intrínsecos nas menções à criança e à infância nos discursos dos congressistas em uma

profusão que abarcará desde a ideia classificatória daquele que pela idade ainda não é adulto, até, e muitas vezes, a metáfora para o não adulto pobre e desvalido. Acerca destes sentidos ideológicos dados aos termos criança e infância Egle Becchi é bastante clara quanto à importância de se levar em consideração o seguinte:

(...) o jogo metafórico da página de infância inspira alguns fatos onde ele se revela muito sutil e sinuoso porque não se trata somente das dimensões da argumentação, de locuções de grande relevância poética, mas principalmente de substanciosas obras ideológicas que tocam e colocam em questão não só representações e imagens do não adulto, mas também os comportamentos e as práticas coletivas, institucionalizadas ou não, que o atravessam em todas as suas conexões. Desfazer a ambiguidade das metáforas de infância significa, portanto, colocá-las em relação com as circunstâncias nas quais elas foram construídas e expressas, e analisar as consequências efetivas que elas tiveram (BECCHI, 1994,p.4).

A busca pelo desvelamento deste jogo metafórico em torno da ideia de criança e infância nos eventos se revela já no título desta tese: “Luz e caminho aos pequenos”. Mais do que “relevância poética” a frase, originalmente em latim *Lucem Puero Viamque Date*, foi o lema do *Primer Congreso Americano del Niño* e será miudamente discutida no decorrer da pesquisa. No entanto é pertinente dizer aqui que as ideias nela expressas são chaves interpretativas importantes para uma compreensão dos caminhos da pesquisa que se segue.

Tal congresso, organizado pela *Liga para los Derechos de La Mujer y El Niño*, recebia forte influência do ideário socialista e ao mencionar os pequenos, que deveriam receber “luz e caminho”, se referia diretamente à criança, mas veladamente à toda a classe operária. Aqui as metáforas se estendem da criança como o ser de pouca idade para todo “não adulto” no sentido de que, por ser alijado de direitos e de bem estar, o operário pobre não poderia ser plenamente emancipado. Além disso, há a metáfora da luz, amplamente associada à educação e às “instituições de ensino como ‘focos de luz’ irradiadores do conhecimento que permitiria a conquista do progresso” (CATANNI, 1998, p.47). O caminho, esse se faria pela luta por direitos a tal educação e bem estar.

Embora a pesquisa vá demonstrar algumas mudanças nessa ideia matriz que era lema do primeiro congresso, a aproximação entre as crianças,

mulheres e pobres seguirá muito presente em todos os eventos, bem como a crença no papel iluminador da educação e escolarização.

Os *Congresos Americanos del Niño* foram objeto de análise em outras pesquisas dentre as quais destaco a recente tese de doutoramento de Nunes (2011), na qual a incursão pela trajetória dos congressos é feita numa extensão temporal mais alargada, cobrindo desde o primeiro encontro em 1916 ao 8º encontro em 1948. Numa abordagem que privilegia o desvelamento do processo de produção das especialidades profissionais em torno da infância e que envolveu um extenso levantamento documental em vários países, o balanço promovido pela tese de Nunes foi de inestimável ajuda para os desdobramentos desta pesquisa.

Kuhlmann Jr.(2001, 2002), por diversas vezes, problematizou os *Congressos Pan-americanos del Niño* e o *Primeiro Congresso Brasileiro de Proteção à Infância* em livros e artigos, inserindo-os numa discussão mais abrangente em relação às questões da educação e assistência à criança.

Destaco também os trabalhos da norte-americana Donna Guy, produzidos a partir de documentos vinculados aos *Congressos Americanos del Niño*, enfocando a atuação do movimento feminista argentino na primeira edição do encontro e a participação ativa das organizações feministas americanas nas lides da infância, em um plano pan-americano.

O trabalho dos pesquisadores uruguaios Susana Iglesias, Helena Villagra e Luis Barrios “Un viaje a través de los espejos de los Congresos Panamericanos del Niño” (1992), publicado em uma coletânea da UNICEF sobre a condição jurídica da infância na América Latina, merece ser lembrado por intentar sintetizar a trajetória dos congressos, buscando nas análises das resoluções publicadas nos encontros a localização de palavras-chave, conceitos e abordagens que marcaram, na visão dos pesquisadores, diferentes momentos dos eventos desde a sua primeira edição até 1984.

Alguns historiadores latino americanos irão buscar nos registros dos congressos material para ampliar seus estudos regionais sobre as histórias da infância em seus países, como o fazem os mexicanos Castillo Troncoso¹² e

¹² TRONCOSO, Alberto de Castillo. **Conceptos, imágenes y representaciones de la niñez en la ciudad de México**, 1880-1920. México : El Colegio de México, 2006.

Susana Sosenski¹³ em distintos estudos sobre a infância no México. A argentina Sandra Carli¹⁴ também fará referência a esses encontros, ao analisar as transformações nos discursos sobre a infância na História da Educação Argentina.

No recente livro “Nuevas miradas a la historia de la infancia en América Latina” organizado por Susana Sosenski e Elena Jackson Albarrán, do Instituto de Investigações Históricas da Universidade Autônoma do México, que congrega artigos sobre histórias da Infância no Chile, México, Colômbia, Argentina e Brasil os *Congresos Americanos del Niño* são citados na introdução:

A preocupação não apenas em resolver os problemas das crianças da América Latina, mas em construir uma identidade infantil latino-americana, que ocupava a mente dos especialistas em áreas relacionadas com a criança no século XIX, passou a ter uma expressão tangível no início do século XX e os profissionais da infância: médicos, professores, psicólogos e advogados, mesmo quando influenciados por ideias europeias, procuraram mostrar que as crianças latino-americanas tinham uma especificidade com base em histórias, línguas e políticas comuns. Não obstante o racismo inerente baseado no positivismo, que permeou muitas das ideias de parlamentares ao longo do século, as edições do Congresso Pan - Americano da Criança consolidaram uma cultura de atenção, cuidado e preocupação com a criança latino-americana. (SOSENSKI e ALBARRÁN, 2013, p.8).¹⁵

Ainda que tenham sido anteriormente foco de pesquisas, o mote que diferencia a pesquisa que ora apresento está na proposta de empreender um mergulho vertical e específico nos textos apresentados aos congressos, nos discursos proferidos e registrados nos encontros. Tal abordagem buscará muito menos discorrer sobre a estrutura e desenvolvimento destes eventos no decorrer do século XX e se concentrará em tentar perceber as relações entre o

¹³ SOSENSKI, Susana. **Niños en acción**. El trabajo infantil en la ciudad de México (1920-1934), México, El Colegio de México, 2010

¹⁴ CARLI, Sandra. **Niñez, pedagogia e política**: transformaciones de los discursos acerca de la infancia em la historia de la educacion argentina entre 1880 e 1955. Buenos Aires: Miño y Dávila srl, 2003.

¹⁵ la preocupación no sólo por resolver los problemas de la infancia latinoamericana, sino por construir una identidad infantil latinoamericana, que ocupó las mentes de los especialistas en los campos relacionados con la infancia en el siglo xix, llegó a tener una expresión tangible a principios del siglo xx y los profesionistas de la infancia: médicos, pedagogos, psicólogos o juristas, aun cuando estuviesen influidos por las ideas europeas, buscaron demostrar que la infancia latinoamericana tenía una especificidad basada en historias, lenguajes y políticas comunes. No obstante el racismo inherente basado en el positivismo, que permeó muchas de las ideas de los congresistas a lo largo del siglo, las ediciones del Congreso Panamericano del Niño consolidaron una cultura de atención, cuidado y preocupación por el infante latinoamericano. (SOSENSKI e ALBARRÁN, 2013, p.8)

pan-americanismo, as demandas de ordenamento da infância e da família e a escolarização como caminho para a inserção de normas, ações e saberes no seio da população dos países americanos.

No primeiro capítulo discutirei os antecedentes conceituais e processos de produção simbólicos que possibilitaram a organização dos primeiros *Congresos Americanos del Niño*, tais como:

- a proposição da discussão da infância e sua relevância ímpar comum a todos os países das Américas;
- o desejo de consolidação de uma rede de saberes intercambiáveis na América que busca sua emancipação da tutela europeia e se confronta com a expansão da influência norte americana no âmbito das relações intercontinentais;
- a atuação dos presidentes dos congressos – Julieta Lanteri, da Argentina; Luiz Morchio, do Uruguai e Olinto de Oliveira, do Brasil – que juntamente a seus grupos foram fundamentais para a construção daquele lugar de debates.¹⁶
- os aspectos estruturais dos encontros: organização, funcionamento, participantes, áreas de interesse, bem como algumas análises sob os aspectos materiais observados quanto às comitivas participantes.

O capítulo dois será dedicado ao aprofundamento nos discursos dos congressos em busca das representações sobre a criança e de indícios de sua participação na vida social, familiar e no mundo do trabalho. Serão discutidas:

- as formas plurais com que a infância e a família são projetadas nos discursos destes eventos;
- as relações entre a higiene e a racionalidade médica sobre a infância e suas formas de relacionamento e organização familiar;
- a presença do discurso eugênico, suas nuances e interpretações pelos congressistas;

¹⁶Estes atores serviram como guias pelo labirinto das fontes, no sentido de seus nomes servirem como possibilidades de indícios para a compreensão de determinadas tramas a serem desveladas pela pesquisa. Não serão tomados como protagonistas dessa história, mas seus nomes serão importantes no sentido dado por Guinzburg ao retomar a ideia do “fio do nome” como método para a história (GINZBURG, 1989, p. 169-178).

- aproximações à circulação de atores e propostas de higiene, eugenia e puericultura a partir dos debates dos congressos;
- as representações acerca da maternidade, da paternidade, do pátrio poder e do abandono e delinquência de crianças;
- as representações sobre infância em suas relações com o mundo do trabalho.

O terceiro capítulo tratará de análises acerca da educação e escolarização e as relações destes saberes com as demandas políticas e sociais, enfocando:

- pressupostos acerca da escolarização, obrigatoriedade escolar e Estado docente na América Latina a partir dos debates nos congressos;
- alguns dos saberes tomados por fundamentais e valorizados em projetos pela sua inserção e implementação nas escolas, a saber: a alfabetização, a higiene, a ginástica, a puericultura e a polêmica inserção da Educação Sexual como saber escolar;
- a circulação de apropriações sobre métodos pedagógicos pela América e América Latina na forma em que são citados em trabalhos dos congressos;
- aspectos da educação e cuidado da pequena infância fora do lar e da educação feminina.

O intento é de que, nas análises que se seguem, pelo detalhe, pela nuance do que foi captado dos primeiros *Congresos Americanos del Niño*, surjam oportunidades de ampliação das possibilidades de reflexão sobre aquele momento na história da infância americana.

1 OS CONGRESOS AMERICANOS DEL NIÑO E O MOVIMENTO DE PROBLEMATIZAÇÃO DA INFÂNCIA AMERICANA (1916-1922)

Não apenas temos o direito de reclamar, em favor da história, a indulgência devida a todos os começos. O inacabado, embora tenda a ser perpetuamente superado, tem, para todo espírito um pouco ardoroso, uma sedução que equivale à do mais perfeito triunfo. O bom trabalhador, disse, ou disse quase isso, Péguy, ama o trabalho e a semeadura assim como as colheitas (BLOCH, 2002, p.49).

Um elogio aos começos, para começar. Os começos são caros a esta tese que se volta ao estudo de pioneiros movimentos de problematização internacional da infância americana - os três primeiros ***Congresos Americanos del Niño (1916-1919-1922)***.

O eleger desses começos como centro de minha pesquisa não se deve, no entanto, a uma vontade de localizar origens. Abordo esses começos tendo em mente que nada neles deve ser lido como origem absoluta, que não devo estudá-los no afã de fincar uma bandeira na iluminura perfeita que sinaliza o início de uma história que pode ser impecavelmente refeita pelo estrito retroceder nos fatos, ainda que me tente a ideia.

Gosta-se de acreditar que as coisas em seu início se encontravam em estado de perfeição; que elas saíram brilhantes das mãos do criador, ou na luz sem sombra da primeira manhã; A origem está sempre antes da queda, antes do corpo, antes do mundo e do tempo; ela está do lado dos deuses, e para narrá-la se canta sempre uma teogonia (FOUCAULT, 1988, p. 18).

Sem mitos cosmogônicos, sem elogios aos deuses (no máximo uma reverência a Cronos e a Mnemósine), me debruço sobre os documentos e ali, nas linhas e entrelinhas, no dito e no sugerido, encontro algo mais bonito que um poema mitológico, que uma linha perfeita que encadeia fatos rumo ao telos: encontro a ação do acaso, as relações de força, os apagamentos de memória, a força das vontades individuais e coletivas de homens e mulheres que se

entrelaçam neste emaranhado (uma tessitura cheia de nós, feita por mãos humanas e não divinas ou mecânicas) que é a História.

A indulgência aos começos, reclamada por Bloch, deve aqui abarcar também o reconhecimento de que nenhum começo existe *per se*, e que nenhuma cadeia de explicações construída do presente ao passado pode ser capaz de determinar em absoluto o passado de uma ideia, de um evento ou do que seja. Mas há que se considerar que é a história este espaço das variáveis, de disputa, estratégias, acaso, sorte, e que a pluralidade de caminhos e possibilidades implícitas, não é impedimento para que se tente produzir conhecimento histórico. Tentarei.

E no, inicialmente tímido e progressivamente mais intenso, contato que travei com as fontes me foram sendo apresentados os tais “sinais, indícios, fios e rastros” (GINZBURG, 2002a) que acabei por perseguir no percurso do trabalho com os *Congresos Americanos del Niño* e que trouxeram também surpresas para além das confirmações.

A percepção do valor histórico das fontes provenientes de congressos e exposições internacionais não é algo novo para a história nem para a história da educação em específico. A intencionalidade explícita da prática das exposições e congressos em finais do século XIX e início do XX, como estratégia importante dos modernos Estados-nação para propagandear avanços científicos e tecnológicos, é nítida e transparente. O fato de que esses encontros correspondiam ao desejo de proliferação de um ideal de modernidade bastante centrado no paradigma de progresso e desenvolvimento é igualmente evidente, assim como o é o aspecto de divulgação e conagração de intelectuais e políticos, de figuras iminentes em suas áreas em torno do elogio ao novo tempo, tempo de luz, de saber, de ciência e eficiência (KUHLMANN Jr., 2001).

Então por que pesquisar mais um congresso ou conjunto de congressos? Porque um objeto dessa natureza, concebido para ser espaço de compartilhamento de ideias e ideais e para sinalizar desejos de união, nos traz também surpresas que, dependendo dos caminhos de cada pesquisador e suas escolhas, podem ser reveladas no jogo dos discursos e sua vontade de hegemonia, nos apagamentos ou ênfases conscientes sobre atores ou grupos, nas nuances dadas por posicionamentos filosóficos e políticos conflitantes.

Essas pequenas disputas, que surgem como notas fora do tom, me permitiram a vivência, na prática da pesquisa, da até então teórica noção da relevância do conflito trazida por Davis quando resgata o valor de Marx e dos estudos pós-marxistas, por justamente demarcarem a fecundidade do que desarmoniza, destoa e incomoda:

Sem dúvida eles nos ajudam a combater uma visão de mundo como um mero texto e a nos lembrar do quanto é importante o conflito para a compreensão de uma cultura. Sim, pois o que eu acho muito importante – e que sempre insisto em minhas aulas – é a noção de que um modo mais apropriado de se identificar um período é estudando os profundos conflitos que existem entre as pessoas. Nestes, muito mais do que nas crenças que as pessoas compartilham, me parece se encontrar a chave para a identificação de períodos e culturas (DAVIS, 2000, p.92).

A força de conclave, de vitrine e de palco que esses eventos imprimiam às áreas que cada vez mais buscavam distinção e especialização dentro de uma lógica expansivista - capitalista, confere a esses encontros uma grande potencialidade para a pesquisa, uma vez que se tornam um lócus propício para a circulação de ideias, para a afirmação de representações e, na mesma medida, das lutas de representação.¹⁷

Sendo mais um marco da modernidade, as exposições e congressos permearão o projeto de modernização¹⁸ nos Estados ocidentais em expansão e povoarão a própria ideia de progresso, civilização e técnica quase que de maneira naturalizada. Podemos mensurar a penetração da ideia desses eventos como símbolos de seu tempo lendo o relato de Marshal Berman, ao refletir sobre a força da modernização e seus ícones – em especial o arquiteto Robert Moses¹⁹ - sobre suas experiências desde a primeira infância, vivida numa casa repleta de souvenirs da Feira Mundial de Nova York 1939-1940:

¹⁷ “Ao trabalhar sobre as lutas de representação, cuja questão é o ordenamento, portanto a hierarquização da própria estrutura social, a história cultural separa-se sem dúvida de uma dependência demasiadamente estrita de uma história social dedicada exclusivamente ao estudo das lutas econômicas, porém opera um retorno hábil também sobre o social, pois centra a atenção sobre as estratégias simbólicas que determinam posições e relações e que constroem, para cada classe, grupo ou meio, um ser-percebido constitutivo de sua identidade” (CHARTIER, 1991, p. 183).

¹⁸ Sobre o conceito de modernidade e modernização com os quais opero ver notas 3 e 4 da introdução.

¹⁹ Robert Moses (18 de dezembro de 1888 - 29 de julho de 1981) foi o engenheiro responsável pela grande reestruturação urbana de Nova York nas décadas de 40 e 50 e é um ícone da modernização das cidades, tendo influenciado uma geração de engenheiros, arquitetos e urbanistas em todo o mundo. Berman (1988) analisa os aspectos simbólicos e práticos das

Ele produziu um acontecimento que teve uma magia especial para mim: a Feira Mundial de 1939-40, à qual compareci no ventre de minha mãe e cujo elegante logotipo, o trylon e a perisfera, enfeitava nosso apartamento nas mais variadas formas — programas, cartões-postais, flâmulas e cinzeiros, simbolizando a aventura e o progresso humanos, a fé no futuro, todos os ideais heroicos da idade para a qual eu tinha nascido (BERMAN, 1988, p.276).

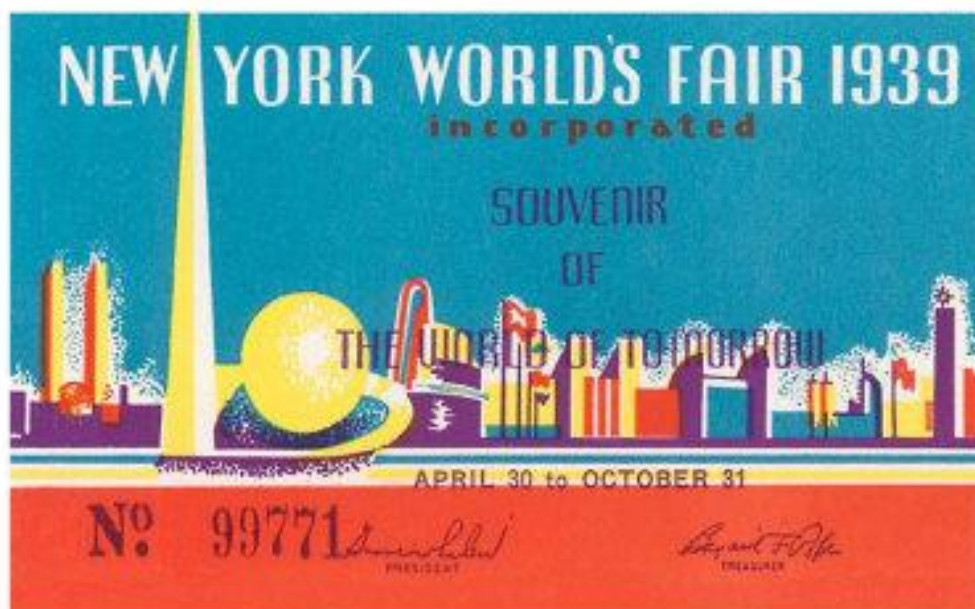


FIGURA 1 – TÍQUETE SOUVENIR DA FEIRA MUNDIAL DE NOVA YORK, 1939-40. FONTE: ALLPOSTERS.COM.²⁰

“Lembrança do mundo de amanhã”, assim o futuro se anuncia, em sua glória de tecnologia, ciência e avanços sem limites, não apenas no bilhete de entrada da imagem acima, mas no imaginário de várias gerações. Essa construção do porvir se repete à exaustão desde meados do Século XIX, permeia as memórias da infância de Berman, e certamente a de outras muitas crianças por todo o mundo.

Mas para além de marcas subjetivas e individuais, os congressos e exposições e o que representam estarão também na rota da infância ocidental tomando-a como objetos de preocupação e problematização. A infância, categoria volátil, no desenho dos tempos que se modernizam não passará

obras de Moses no contexto das pessoas e comunidades que enfrentaram as mudanças da cidade em suas vidas.

²⁰Disponível em: http://www.allposters.com.br/-sp/souvenir-ticket-to-new-york-world-s-fair-1939-posters_i8272277_.htm Acesso em: 24 de abril de 2013

despercebida pelo Estado e pelos interessados no progresso da sociedade, da ciência e da economia e passará também a ser problematizada, principalmente pelos vieses da medicina, da lei, da educação e da assistência.

A cada vez mais apregoada condição da criança como, nas palavras de Nunes (2011), "tributária do futuro" da humanidade (esse futuro sensacional que se anuncia e espera), a colocará na pauta de ações de toda cidade, país ou continente que deseje se afirmar civilizado e moderno. Assim a infância povoará os discursos políticos e se tornará mais um território a ser mapeado, explorado, organizado e estruturado pela ciência: "a infância aparecia assim, como problema científico; e o futuro como tributário e dependente dos cientistas" (NUNES, 2011 p. 15).

No discurso proferido na Sessão Preparatória ao *Segundo Congreso Americano del Niño*, 1919, em Montevideu diz o presidente do evento, Luiz Morquio:

A ciência e as necessidades modernas têm dado ao conceito de criança um caráter completamente novo; partindo de sua fisiologia e de sua psicologia normal podemos ver todas as alterações que se derivam como se constituíssem os ramos diferentes vinculados a um tronco comum que mantém sua afinidade e disciplina. Das questões de puericultura, surgem problemas de ordem coletiva que interessam à sociedade e ao Estado: a proteção e conservação do pequeno ser. A Educação é dirigida por princípios científicos e morais, que visam à conservação integral, física e intelectual do indivíduo, um meio de ação e de defesa individual e coletiva. Toda a proteção da criança e as questões que a cercam e a animam nos fazem ver a ação eficiente do médico, em contato com a dor e o sofrimento da miséria física e moral, apontando rumos certos e precisos para a ação social. A criança anormal e a delinquente são produtos patológicos e sociais que reclamam remédios que surgem das causas e natureza de suas alterações. Por toda parte é prevenção, é educação, é profilaxia; na luta contra os males físicos e morais o empirismo e a rotina cedem espaço à ciência e à disciplina dentro de princípios mais humanos e mais de acordo com as necessidades do momento (MORQUIO, 2º Congreso Americano del Niño, 1919, p. 68).²¹

²¹ *La ciencia e las necesidades modernas, han dado al concepto del niño, un carácter completamente nuevo; partiendo de su fisiología y de su psicología normal, hace ver todas las alteraciones que se deriva, como constituyendo ramas diferentes, vinculadas a un tronco común que mantiene su afinidad y disciplina. De las cuestiones de puericultura, surgen intensos problemas de orden colectivo que interesa a la sociedad y al estado: la protección y conservación del pequeño ser. La educación está dirigida por principios científicos y morales, que busca con la conservación integral, física e intelectual del individuo, un medio de acción y de defensa individual y colectiva. Toda la protección a la infancia y las cuestiones que la rodean y la animan, nos hacen ver la acción eficiente del médico, en contacto con el dolor y el sufrimiento de la miseria física y moral, señalando rumbos ciertos y precisos a la acción social. El niño anormal, el delincuente, son productos patológicos y sociales, que reclaman remedios que surgen de las causas y naturaliza de sus alteraciones psicológicas. Por todas partes es*

A essa mirada científica, e buscando a ela se sintonizar, unia-se a preocupação política crescente com a infância, com a definição do papel dos pais, mães e do Estado na tutela e encaminhamento da criança, principalmente da criança pobre.

As crianças que se avolumavam em postos de trabalho, que morriam às centenas antes dos cinco anos de idade,²² pululavam como problemas tanto nas regiões mais remotas como na paisagem das cidades que cresciam e se urbanizavam.

Elas não poderiam ser ignoradas e passam, desde o século XIX, a compor as reformas legais de alguns países europeus e dos Estados Unidos, no intuito de minimizar o sofrimento das crianças que trabalhavam sob rotinas abusivas e potencialmente mortais ou debilitantes e que viviam sob as constantes ameaças da fome, insalubridade e epidemias.

Neste sentido aliavam-se à questão da regulamentação do trabalho infantil medidas médicas e higiênicas, para conter a mortalidade infantil e doenças endêmicas. Tal preocupação e ações podem ser consideradas, em algumas leituras, como medidas de socorro não à criança em si, num esforço ético humanitário, mas ao próprio sistema capitalista que poderia acabar por arruinar as possibilidades de se manter em futuro próximo por falta de pessoas com a mínima saúde para produzir.

Em auxílio aos Estados que enfrentavam essas questões estavam os homens e mulheres de ciência – juristas, médicos, educadores, sociólogos – que foram se arregimentando ao redor da causa da infância. A especialização de áreas em torno da infância, tema enfaticamente discutido por Nunes (2011), se fará mais clara ao longo do Século XX, apresentando-se ainda num certo amálgama de áreas nas primeiras empreitadas de congressos voltados à

previsión, es educación, es profilaxis; en la lucha contra los males físicos y Morales, el empirismo y la rutina, ceden paso a la ciencia e a la disciplina, dentro de principios más humanos y más de acuerdo con las necesidades del momento (Luis MORQUIO. **Segundo Congreso Americano del Niño**. Montevideo, 1919, p. 68).

²²Vejamos, por exemplo, dados da mortalidade infantil em 1913, trazidos pelo jornal Argentino *La Vanguardia*: “*La Vanguardia* del 24 de marzo 1913 publica cifras alarmantes, recogiendo los datos difundidos por la Dirección de Registro Civil: sobre 650 defunciones ocurridas en dicho mes, exceptuando el departamento de la capital, 476 corresponden a menores de cinco años, es decir, 73%. E nel departamento de la capital, sobre 361 nacimientos habidos en el mes de enero, se produjeron 275 defunciones” (Diario *La Vanguardia*, mayo, 1913, Argentina. Fonte: Archivo Histórico de La Escuela Normal de Quilmes).

infância e nas edições dos *Congresos Americanos del Nino* realizados nas primeiras décadas do século XX.

A imbricação das áreas em torno do “objeto comum infância” não é fenômeno inconsciente, os intelectuais revestidos da autoridade para falar da criança estavam cientes desse amálgama e o sustentavam com argumentos e metáforas também científicos, como os da criança sendo unidade tronco, de onde derivam diferentes ramos, como vimos acima, ou mais claramente, como justificou Luiz Morquio:

As questões médicas, educativas, sociais e jurídicas estão intimamente vinculadas de maneira que uma se deriva da outra, se mesclam e se relacionam entre si como se se tratasse de diversos elementos de um mesmo componente, ao extremo de que este consórcio, que pareceria disparatado, resulta de uma afinidade e coesão, que constitui uma união facilmente compreensível e até necessária (MORQUIO, 2º Congreso Americano del Niño, 1919, p. 68).²³

A separação mais específica das áreas com detalhamento de especialidades e uma maior delimitação da atuação de cada profissional se dará em um processo que em parte derivou dos intercâmbios promovidos nos próprios congressos científicos internacionais e nacionais e da grande série de eventos dedicados à infância que se realizavam em todo o ocidente (NUNES, 2011).

Podemos citar entre esses encontros o *Congresso sobre problemas de alimentação da criança*, no ano de 1905 em Paris; o *Congresso de Proteção à Primeira Infância*, 1907, em Bruxelas; o *Primeiro Congresso Internacional de Tribunal de Menores*, 1911, em Paris; O *Primeiro Congresso de Proteção à Infância*, 1912 em Bruxelas – no qual esteve presente, como ouvinte, o pediatra brasileiro Moncorvo Filho, que futuramente se tornaria um dos entusiastas da empreitada de fazer da prática de Congressos sobre a criança uma questão para a América.

No continente americano o histórico de exposições e congressos na passagem entre os séculos XIX e XX é também bastante extenso, revelando

²³ Las cuestiones médicas, educativas, sociales y jurídicas, están íntimamente vinculadas, de manera que unas se derivan de otras, se mezclan y se relacionan entre sí como si se tratara de diversos elementos de un mismo componente, al extremo de que este consorcio que parecería disparatado, resulta de una afinidad y cohesión, que constituye una unión fácilmente comprensible y hasta necesaria (MORQUIO, 2º Congreso Americano del Niño, 1919, p. 68).

um dos muitos empreendimentos das nações americanas na sua busca por um lugar dentro do rol dos povos civilizados ou “do concerto das nações”, nas palavras de Kuhlmann Jr. (2001).

A construção de uma identidade americana é parte dessa dinâmica de busca de espaço e de emancipação política, econômica e principalmente simbólica, que exigia um desvencilhamento do imaginário construído em torno da colonização e da idealização do idílico ou rústico continente novo. Nas palavras de Mignolo (2007), pesquisador da corrente contemporânea de estudos americanos que trabalha com o paradigma de modernidade/colonialidade,²⁴ será a simbólica busca pela cicatrização da “ferida colonial” (MIGNOLO, 2007) e seu consequente legado de uma identidade repleta de recalques e sentimentos de inferioridade dos americanos em relação aos europeus.

Os movimentos pela unificação da América e pela consolidação de uma comunidade americana estarão no bojo desse projeto difuso e marcado pelo paulatino afastamento dos países latino americanos da excessiva influência europeia em diferentes áreas, enquanto sincronicamente ampliam-se cada vez mais os esforços norte-americanos por uma liderança junto aos demais países das Américas.

As lutas de representação estabelecidas nessa nova etapa de afirmação de uma essência americana, pós-independência e definição de territórios, serão permeadas pela ideia de uma “solidariedade americana”, de base bastante volátil, uma vez que essa busca se produz na dialética da diferenciação que se estabelece, cada vez mais fortemente, entre a América do Norte (ou simplesmente América) e o “sul do mundo” – numa das expressões usadas por jornais estados unidenses²⁵ para se referirem aos países da América Latina.

²⁴Walter Mignolo, Aníbal Quijano, Immanuel Wallerstein são alguns dos pesquisadores que debatem a história da ideia de América Latina por um viés que busca desvencilhar-se da hegemonia de produção do conhecimento eurocêntrica, propondo uma história que admita que o “descobrimento” da América, com o que trouxe de genocídio e destruição, é a face obscura da expansão capitalista europeia e da modernidade, uma sombra que ao mesmo tempo foi sustentáculo do próprio projeto de modernidade. Isto posto, buscam uma história que considere o ponto de vista das populações nativas americanas e dos negros trazidos para a América como parte da estrutura de produção da colonialidade.

²⁵Teresa Dulci, em pesquisa sobre a 1ª Conferência Pan-Americana (1889-1890), aponta o uso recorrente da expressão “os países ao sul de nós”, nos jornais norte-americanos. Ao Sul,

A América Latina vive em uma incerteza de identidade, de denominação. Vários setores são identificados com diferentes imagens culturais. A identidade é associada com uma iconografia que expressa os conflitos coloniais e estruturas sociais e de poder. Neste conflito de identidades os latino-americanos enfrentam o desprestígio racial, discriminação e até mesmo o imperialismo cultural que ao final do século passado (dezenove) lhe subtraiu o direito a um nome genérico, chamado-se simplesmente de América, forçando subdeterminar-se (MIX, 1991, p.23).²⁶

Nesse território geo-histórico, plural e fragmentado, se gestam movimentos por alguma coesão fortalecedora através da integração dos países latino-americanos, como o americanismo (ou pan-americanismo²⁷) de matriz bolivariana, cujas raízes advêm das lutas por independência dos países hispano-americanos, e cujos ideais de solidariedade, liberdade, reciprocidade e integração serão representados pela figura de Simón Bolívar, sob a égide do anticolonialismo.

O bolivarianismo, como doutrina pan-americanista latina, assumia uma faceta universalista à medida que desejava ampliar e estreitar as relações comerciais intracontinentais, mas também entre países latino-americanos e a Europa. As resistências para sua implementação foram especialmente relativas às dúvidas quanto à possibilidade de tal projeto, em tudo integrador, resultar numa perda de soberania dos países individualmente.

segundo a perspectiva desses jornais, estariam os países que compunham o “resto” da América. Essa situação deve-se a dois fatores: o primeiro seria um desinteresse dos norte-americanos em diferenciar os países abaixo da fronteira, em buscar a especificidade de cada nação; o segundo seria o interesse em formar um bloco, entendendo que “os países ao sul de nós” eram essencialmente agrários, incivilizados, com um passado colonial muito aproximado, países periféricos para escoar a produção industrial norte-americana através dos tratados de reciprocidade comercial (DULCI, Teresa, 2008, p. 38).

²⁶ La América latina vive en una incertidumbre de identidad, de denominación. Diversos sectores se identifican con distintas imágenes culturales. La identidad está asociada a una iconografía que expresa los conflictos coloniales y las estructuras sociales y de poder. En este conflicto de identidades se enfrentan los latino americanos al desprecio racial, a la discriminación e, incluso, al imperialismo cultural que a fines del siglo pasado (diecinueve) les sustrajo el derecho a un nombre genérico, el de llamarse simplemente América, obligando a subdeterminar-se.

²⁷ “Segundo a abordagem desenvolvida por Anatoli Glinkin, é possível observar duas perspectivas nas quais o termo pan-americanismo foi utilizado na história do continente: primeiramente, uma latino-americana (desde as independências hispano-americanas até o final do século XIX), com Simón Bolívar e posteriormente, uma norte-americana (desde o fim do século XIX). (...) Outros autores, entretanto, optam por utilizar o termo pan-americanismo apenas em referência às relações interamericanas, encabeçadas pelos Estados Unidos, surgidas no final do século XIX, especialmente depois da I Conferência Pan-Americana de 1889, utilizando assim, o termo bolivarianismo em referência às relações interamericanas iniciadas com Bolívar até o final do século XIX” (RÉ, 2010, p.19).

Além disso, as próprias bases para a construção da identidade latino americana – as similaridades culturais e irmandade de origens – não se mostraram sólidas o bastante para resistir às diferenças reais e ao isolacionismo das nações que mantinham relações mais próximas com a própria Espanha que com países avizinhos. Nas palavras de Flávia Ré (2011, p.22): “A precariedade econômico-social e a falta de vontade política acabaram por desencadear forças centrífugas, culminando no desenvolvimento de conflitos que explicitavam a supremacia dos interesses locais sobre uma possível unidade latino americana”.

Ao fracasso do projeto bolivariano de união da América latina sobrepõe-se a investida norte-americana, com intuito político-estratégico e comercial, sobre a América Latina, através da Doutrina Monroe, que visava a ampliar a influência dos Estados Unidos sobre os demais países americanos, sob a bandeira da proteção à independência e autonomia do Novo Mundo contra possíveis investidas de recolonização das jovens nações latino americanas por países europeus.

Em termos da conjuntura, a Doutrina se insere em um contexto no qual os Impérios coloniais da Espanha e de Portugal estavam em plena decadência, ficando as ex-colônias à mercê de possíveis tentativas de recolonização lideradas pela Santa Aliança. Nesse momento, os Estados Unidos não desejavam arriscar-se a enfrentar uma nova presença europeia no continente e esboçaram a primeira manifestação de sua influência, tentando se afirmar como uma das grandes potências no hemisfério ocidental. Nesse sentido, a mensagem do presidente Monroe determinava que os Estados Unidos não aceitariam a recolonização de nenhum país americano por país europeu (...) Ainda, afirmava a separação entre os assuntos europeus e americanos, declarando qualquer intervenção europeia no sistema político na América como disposição inamistosa para com os Estados Unidos. E assumia o compromisso de não intervenção nos assuntos europeus (RÉ, 2011, p.23).

Tendo, pois, primeiramente, se manifestado como uma declaração unilateral dos Estados Unidos, que assumem uma postura política isolacionista em relação à Europa, logo este sentido se espargirá por sobre o restante da América, na forma mais conhecida do Pan-americanismo, à qual estarão embutidos princípios para o regramento das relações comerciais, políticas e jurídicas dos países da América Latina entre si e com os Estados Unidos.

Em oposição ao americanismo latino, com sua busca de uma identidade americana com notas universalistas, o monroismo, opondo-se às relações com

a Europa, exacerbava a ideia de dicotomização do mundo em duas partes. Além disso, a doutrina Monroe não sustentava as ideias de ajuda mútua visando ao bem comum entre os países americanos, mas se apresentava com um forte elemento de unilateralidade em benefício da liderança norte americana sobre os assuntos no continente americano como um todo (AZEVEDO, 2000; RÉ, 2011).

Vários encontros serão promovidos pelos EUA desde 1890, para fomentar a adesão dos países da América Latina a esse projeto que, se por um lado não era integrador como a proposta de Bolívar para as Américas, por outro contava com o forte apelo do sucesso da América do Norte em termos de desenvolvimento econômico e que, ao defender a soberania dos países americanos ante intervenções alheias, parecia menos ameaçador às individualidades nacionais que a proposta bolivariana.

Dentre esses encontros, a mais emblemática em termos históricos será a Conferência de Washington ou 1ª Conferência Pan-Americana, em 1889, para a qual foram convidados quase todos os países independentes do “lado sul” da América e na qual os processos de integração, separação, irmandade e segregação, resistência e estruturas de dominação seriam a tônica.

E se nesse encontro a lista de propostas dos Estados Unidos para as relações intercontinentais é extensa (união alfandegária e abertura de porto entre as Américas; sistema aduaneiro unificado; unificação de pesos e medidas; proteção de marcas e patentes e direitos autorais unificados; moeda comum; entre outras), grande também foi a desconfiança e oposição de países latino americanos em relação à maioria delas.

A rejeição às propostas e a resistência de muitos países latino americanos, não obstante as pressões dos EUA, reiteram as perspectivas teóricas de Richard Morse (1988) e de Otávio Ianni (2005) que, embora estudem a América Latina sob diferentes prismas, são incisivos quanto à necessidade de se enfrentar o estudo da história das relações entre a anglo-América e a ibero-América despojando-se das clássicas e recriminatórias fórmulas da vitimização ou marginalização da América Latina, abrindo espaço para o que Morse chama de uma leitura da “experiência histórica da Íbero-américa, não mais como um caso de desenvolvimento frustrado, mas como a vivência de uma opção cultural” (MORSE, 1988, p. 14).

É assim que essas nações, cada uma a seu modo, e todas como se fossem um concerto de grande envergadura, se constituem como processos históricos e mentais, realidades sociais em devir, possibilidades de realização e criação. Em todos os casos, e em todas as épocas, compreendendo tanto o colonialismo e o imperialismo como o globalismo, o que está em causa é o enigma envolvido no contraponto pensamento e pensado, conceito e metáfora, categoria e alegoria. Subsiste sempre a impressão de que o pensamento, em suas várias e diferentes modalidades, não apreende o que realmente está ocorrendo, quais são os problemas e os dilemas cruciais. É como se o processo de conhecimento se intimidasse diante do que pode revelar o esclarecimento. Alguns se intimidam com o que se vê, taquigrafa e revela, porque não corresponde a ideias, modelos ou ilusões imaginários, emprestados de outras realidades. Outros, no entanto, podem fascinar-se com o que se vê, taquigrafa e revela, precisamente porque assim se desvendam outras, diferentes e fascinantes realidades, possibilidades e modos de ser, sentir, agir, compreender, explicar e fabular (IANNI, 2005, p.1).

Assim, o ideal de uma solidariedade intra-americana como ideologia mobilizadora dos países da íbero-américa, sob uma pretensa coesão de identidade cultural, continuará a ser perseguido com mais ou menos intensidade por décadas, desde as lutas emancipatórias dos países da América hispânica ao primeiro quartel do século XX. Sob a forma de um americanismo de sotaque latino, que manterá a tendência universalista e multilateral, ainda que a historiografia por vezes dê a entender que essa tendência tenha sido completamente soterrada pela influência indubitavelmente poderosa dos Estados Unidos na virada do século XIX para o XX.

Neste sentido uma leitura dos documentos produzidos nos três primeiros *Congresos Americanos del Niño* é fértil em pequenos detalhes capazes de clarificar a dialética do processo, como quando é proposto um voto pela “Confraternização Americana”²⁸ ou a criação de um “hino à raça latino-americana”²⁹. Ou quando, em muitas comunicações em todos esses eventos, se dedicam os congressistas a discutir a criança nos termos de “El niño americano”, entre outros exemplos que analisarei na sequência deste capítulo.

²⁸Proposto por G. Ruiz, delegado da comitiva Salvadorensense no **3º Congresso Americano da Criança**. Rio de Janeiro, 1922. Tomo 1. Votos, Secção de Pedagogia, p.131. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1924.

²⁹Proposto por Benito Soria, delegado da comitiva chilena. **3º Congresso Americano da Criança**. Rio de Janeiro, 1922. Tomo 1, Votos, Secção de Pedagogia, p.131. Rio de Janeiro Imprensa Nacional, 1924.

No entanto, é nítida a presença dos EUA no imaginário social, construída, seja a partir de medidas militares e econômicas, seja sob as formas pelas quais os EUA dão-se a ver – como um país cujo projeto civilizatório e emancipatório foi bem sucedido em diversos campos – e este é um aspecto do americanismo bastante referido na historiografia brasileira e latino americana.

Miriam Warde (2000) analisa minuciosamente o fenômeno da recepção do americanismo no Brasil, buscando os “mecanismos – discursivos e não-discursivos” sob os quais efetuou sua penetração na imaginação social, e “plantou nos corações e nas mentes a silhueta do ‘homem novo’ – racional, administrado e industrioso”.

Warde refere-se a uma espécie de sentimento de inferioridade atávico, presente em parte significativa da intelectualidade brasileira, que almejava, num impulso de Sísifo, perseguir o exemplo dos EUA na economia, na política e, sobretudo, nas políticas educativas. Ainda que – segundo o prognóstico de muitos intelectuais do período analisados por Warde – o esforço redundasse em um arremedo, dadas as condições prévias da formação do povo brasileiro.

Ao Brasil, então, faltava povo, pois que esse se faz com instrução, trabalho e muitas virtudes. (...). Aí estava todo o abismo que nos separava! Além disso, o ponto de partida dos Estados Unidos fora a Constituição Inglesa, desde o início tiveram Assembleias Provinciais e beberam da fonte da Liberdade. Por fim, começaram pelo trabalho e pela indústria. E o Brasil, foi fadado a quê? A ser povoado por profugos e degredados; ser organizado pelas Ordenações portuguesas bárbaras e góticas; nosso regime foi o mais duro colonialismo, com mandonismos, caprichos e trapaças dos todopoderosos. Em lugar de trabalho e indústria, calaçaria e fausto. Essa fala é paradigmática; nela, estão contidos praticamente todos os elementos que alimentarão o imaginário de que no Novo Mundo do Norte instaurava-se a terra prometida, mas também a descrença de que pudéssemos atingi-la, por vício de origem. Nosso pecado era original! (WARDE, 2000, p.38).

Mignolo (2007) irá se referir à camada intelectualizada da sociedade latino-americana, em busca de afirmação da especificidade e identidade americana, como “elite criolla”, composta por progressistas preponderantemente brancos ou mestiços, mas vinculados simbolicamente à história e ascendência europeia. Estabeleço aqui uma relação entre essa elite ainda muito reverente à sua ascendência europeia, citada por Mignolo, e a elite

que, não obstante o vínculo à raiz europeia, está muito atenta ao que fazem e pensam os Estados Unidos da América.

Essa elite, com sua origem e características, estaria presente nos estratos intelectualizados de vários países latino-americanos e me parece muito bem caracterizada numa de minhas fontes secundárias: um texto do jurista e professor de Filosofia do Direito da Universidade de Buenos Aires, Antonio Dellapiane, apresentado no *Congreso Americano de Ciencias Sociales* em 1916³⁰ e posteriormente publicado na revista de filosofia e literatura argentina *Nosotros*:

Todavía é difícil precisar con rigor científico as causas que geraram e em que consiste o espírito e o caráter americano (...). Mas o que se pode dizer, sem medo de ser contradito - tão claramente o fenômeno se oferece à vista do observador menos atento - é que, no imenso laboratório geográfico constituído pelo hemisfério ocidental está a fazer-se, para o bem da civilização, uma das mais gigantescas e notáveis experiências sociológicas da história. Numerosos grupos de homens de raça superior, principalmente em idade de casar e dotados de poderosa energia para o trabalho – a flor da população europeia de várias maneiras – somam-se de forma constante às massas americanas, misturando a elas seu sangue e forjar um Novo Mundo, uma humanidade também nova e, melhor dizendo, renovada e melhorada (...) dizer-se americano é dizer-se homem que se sente de uma raça distinta da Europa e, que em muitos aspectos, se considera superior à estirpe de que procede (DELLAPIANE, 1916, p. 9).³¹

Não percamos de vista que, naquele momento da história, a Primeira Guerra Mundial chocava o mundo e abria as portas para que continentes até então menosprezados pudessem olhar para o velho continente com ar de pesar e reprovação. A “flor da população europeia” que escapara do morticínio

³⁰O *Congreso Americano de Ciencias Sociales* se deu em Tucuman e assim como o *Primer Congreso Americano del Niño* compunha a agenda de congressos e eventos das festividades do Centenário da Independência Argentina, em 1916.

³¹Difícil es todavía precisar con rigor científico que causas han generado y en que consiste el espíritu y el carácter americano (...) Pero lo que si puede afirmarse, sin temor de ser contradicho, – tan claro se ofrece el fenómeno a la vista del observador menos atento – es que, en el inmenso laboratorio geográfico constituido por el hemisferio occidental está realizando-se en bien de la civilización, uno de los experimentos sociológicos más notables y gigantescos de la historia. Grupos numerosos de hombres de raza superior, en su mayoría núbiles e dotados de recias energías para el trabajo, - la flor de la población europea en muchos sentidos – acrecen incesantemente las masas populares americanas mezclando a ellas su sangre y forjando en el Nuevo Mundo una humanidad también nueva o por mejor decir renovada y mejorada(...) decir-se Americano es decirse hombre que se siente de una raza diferenciada de la europea, y, en muchos conceptos, se considera superior a la estirpe de que procede (Antonio DELLAPIANE. **Congreso Americano de Ciencias Sociales**. Buenos Aires, 1916, p. 9).

estava agora na América gerando os “niños americanos”, superiores em tudo e capazes de restaurar a civilização futura. Simultaneamente, boa parte das preocupações dessa elite intelectual estará em limitar o poder de intervenção norte americano, tomando os Estados Unidos como referência em muitas áreas, mas não como exemplo absoluto de política e conduta ética.

Na sequência do discurso de Delappiane (1916, p.9), o jurista cita os Estados Unidos como um dos membros do grupo de países mais “desenvueltos de nuestra gran familia de naciones”, juntamente com as “potencias del tríptico A B C” referindo-se à Argentina, Brasil e Chile. Ao alinhar os quatro países num mesmo nível de importância, Delappiane reafirma a sua ideia de um pan-americanismo que não compactua completamente com os desejos de controle estadunidenses³² o que me parece ficar bastante evidente no parágrafo final de seu discurso no qual, após a exposição de sua ideia de um pan-americanismo pautado na igualdade e justiça internacional, declara:

Assim entendido e praticado o pan-americanismo atual pode considerar-se como a forma mais evoluída e perfeita do monroísmo, cuja divisa vaga, equivocada e de aparência egoísta denunciou, mesmo assim, no continente que a fazia sua a vocação e a vontade de existir a fim de chegar à missão histórica que lhe está reservada no mundo (DELAPIANNE, 1916, p.12).³³

Em que medida esse posicionamento da “elite criolla”, superior aos seus antepassados, e pronta para substituí-los enquanto raça mais evoluída, era partilhado pelos congressistas que representaram os diversos países participantes dos primeiros *Congresos Americanos del Niño*? Em minha análise das fontes históricas desses eventos percebi que o deslumbramento ante ao gigante *yanke* divide espaço com um julgamento muito menos laudatório sobre os norte-americanos e que as referências elogiosas e tentativas de “espelhamento” no próspero EUA são tão recorrentes quanto a crítica ao

³²É relevante também pensar essa contraposição aos EUA como um posicionamento muito característico entre os intelectuais argentinos do início do século, posto historicamente estarem naquele período tentado rivalizar com a influência norte-americana sobre a América Latina no início do século XX. “Para esta geração a Argentina seria não apenas o líder da América latina, mas também o contrapeso antipodal dos Estados Unidos” (ROCK, 2013, p.544).

³³ *Así entendido y practicado, el pan-americanismo actual puede considerarse como la forma más evolucionada y perfecta del monroísmo, cuya divisa vaga, equivoca y en apariencia egoísta acusó, no obstante, en el continente que la hacía suya, la vocación y la voluntad de existir, a fin de llenar la misión histórica que le está reservada en el mundo* (DELAPIANNE, 1916, p.12).

isolacionismo, materialismo e unilateralismo da proposta norte americana de Americanismo.

No cenário complexo dos congressos, composto por jogos de força sociais, manobras e estratégias de representação e apropriação, é possível perceber a extensão de um debate muito mais amplo em torno da construção de uma visão da América sobre si mesma. Na *Sesion Solemne Inaugural* do *Segundo Congreso Americano del Niño*, Luiz Morquio, na qualidade de Presidente do Congresso, diz em seu discurso inicial:

Que nos sirva de exemplo, esta incomparável instituição do *Children Bureau* dos Estados Unidos, criada em 1912, que é o cerne de toda a defesa da criança naquele grande país, e a quem compete o controle e a vigilância de todas as organizações e instituições infantis de 0 a 14 anos. O mundo inteiro se encheu de assombro não só pela preparação, valor e intrepidez dos norte americanos na recente guerra, mas também pelo admirável de suas organizações sanitárias e particularmente pelo enorme desenvolvimento, pela perfeita harmonia e sentido prático de suas instituições infantis, estimando-se que tenham chegado a um grau de aperfeiçoamento insuperável e que eles mesmos consideram, a justo título, a força viva de sua nação (MORQUIO, 1919, p.75).³⁴

A esse fragmento se segue o elogio, bem menos inflamado, à iniciativa europeia levada a voto no *Congreso Internacional de Proteção à Infância*, em Bruxelas, 1913, de criação de uma oficina Internacional de Proteção à Infância. Essa fala precedia a entrada de Morquio em um assunto da mais alta importância para a comissão organizadora do Congresso: a introdução da ideia da criação de uma *Oficina Internacional Americana de Proteccion a la Infância*. Ideia que será retomada muitas vezes durante esse encontro e no congresso seguinte e que será levada a cabo anos depois, no *Cuarto Congreso Panamericano del Niño*, realizado em Santiago do Chile, em 1924.

O exemplo citado é interessante por reiterar uma metáfora recorrente nos estudos contemporâneos sobre a América Latina, a metáfora do “espelho

³⁴ Nos sirva de ejemplo, la Oficina de los Estados Unidos esta singular institución para niños creado en 1912, que es el núcleo de toda la defensa de los niños en ese gran país, y que es responsable del control y la supervisión de todas las organizaciones e instituciones para niños 0 a 14 años. El mundo entero se llenó de asombro no sólo para la preparación, el valor y la audacia de los estadounidenses en la guerra reciente, pero también por sus organizaciones de salud admirables y en particular por los acontecimientos significativos, la perfecta armonía y el sentido práctico de las instituciones de sus hijos, la estimación hemos llegado a un nivel sin igual de la perfección y que se consideran, con razón, la fuerza de vida de su nación (Luiz MORQUIO. “Discurso de abertura”. **Segundo Congreso Americano del Niño**. Montevideo, 2º Congreso Americano del Niño, 1919, p.75).

de Próspero”,³⁵ na qual – sob diferentes perspectivas – a América Latina só consegue se ver, se entender e se dar a ler através do espelhamento em espelho alheio, seja ele o da Europa ou dos Estados Unidos. No entanto, na amplificação da leitura desse microcosmo que é o discurso de Luiz Morquio nessa sessão solene, colocando a fala do congressista em relação ao discurso que se seguirá imediatamente ao dele e, ampliando este cotejamento para além dessa sessão e desse evento, é que se descortinam outras possíveis formas pelas quais a América do período buscava a si mesma.

Separados pelo tempo da execução da abertura da Sinfonia “Guilherme Tell” estavam o discurso de Morquio, acima citado, e o discurso de Gregório Araoz Alfaro, Presidente da delegação argentina, que entre as medidas de praxe, já no início de sua fala trata de deixar claro que a preocupação com a infância é ainda mais central nos “jovens países americanos” para os quais são elas um investimento no futuro:

Esperamos, todavia – com a única exceção de nossa grande irmã do Norte – a eclosão de uma raça própria que estamos recém plasmando com elementos étnicos muito distintos e que desejamos ver surgir com todos os atributos de vigor, da inteligência e do poder (ALFARO, 1919, p.75).³⁶

O discurso segue entre referências ao pioneirismo argentino e organização uruguaia na realização dos dois primeiros *Congresos Americanos del Niño* e é conduzido para a impactante menção às “hecatombes da luta trágica”³⁷ das quais a Europa precisa se recuperar através da grande obra da proteção à infância. Alfaro então menciona a oportunidade que se apresenta à América de fomentar o seu crescimento através da criação de “uma humanidade melhor, mais generosa, mais sã, mais feliz”. Por fim, conclui: “que

³⁵O uruguaio Rodó foi o primeiro a usar esta metáfora em seu ensaio *El mirador de Próspero* (1909), com base nas personagens da peça *A tempestade*, de Shakespeare, realizando um paralelo entre os personagens Ariel-Próspero-Caliban – vistos como o Puro, o Mediador e o Materialista, relacionando-os com a América do Sul, o processo civilizatório e a América do Norte. Richard Morse retoma a metáfora, mas usa a ideia de espelho como possibilidade de a Anglo-América e a Ibero-América se enxergarem reciprocamente em seus anverso e reverso, problemas e enfermidades. Mirian Warde, Otavio Ianni, Carlos Fuentes são alguns outros autores que retomaram essa imagem dando-lhes diferentes enfoques no estudo da América Latina.

³⁶ *Esperamos todavía – con la sola excepción de nuestra grande hermana del Norte – la eclosión de una raza propia que estamos recién plasmando con elementos étnicos muy distintos y deseamos ver surgir con todos los atributos de vigor, de la inteligencia y del poder* (Gregório Araoz ALFARO, 2º Congreso Americano del Niño, 1919, p.75).

³⁷Referindo-se à primeira guerra Mundial.

dos debates que havemos de ter aqui, saia, uma vez mais, fortalecido o espírito do mais puro, maior americanismo no sentido em que resumiu a breve fórmula de um de nossos grandes homens desaparecidos: “América Para a Humanidad!” (ALFARO, 2º Congreso Americano del Niño 1919, p.76).³⁸

A “fórmula” – tão tácita e colocada estrategicamente ao final da fala de Alfaro – quando analisada em sua historicidade, considerando sua autoria e contexto de produção, excede em muito seu sentido literal. O sentido da enunciação por dentro dela é capaz de transformar um discurso proferido com sutis lances de oposição à ideia da superioridade norte americana em um discurso altamente provocador e que marca uma posição histórica absolutamente antagônica em relação à política Norte Americana para a Latino América.

Ao usar a frase “América para a humanidade” Alfaro reproduz o epílogo do forte discurso proferido pelo político argentino Roque Saéz Peña³⁹ durante a Conferência de Washington em 1889. Nesse discurso, em que Peña se opõe frontalmente às bases da doutrina Monroe, defendendo o princípio de independência e autonomia política e econômica dos países latinos americanos e combatendo o projeto estadunidense de unificação aduaneira e universalização do dólar como moeda para todo o continente. À célebre síntese da Doutrina Monroe: “América para os Americanos” Saéz Pena e depois Alfaro reafirmam a posição universalista e multilateral de uma América que se quer dar a ver como mais que uma comunidade continental definida pela geografia: uma América universalista, uma “América para a Humanidade”.

Tal posicionamento, ao que parece, povoou as lutas de representação acerca do americanismo desejado principalmente pela América Latina, pois localizei a confrontação à síntese monroísta “América para os Americanos” novamente no já citado discurso de Dellapiane para o *Congreso Americano de*

³⁸ *que de los debates que hemos de tener aquí, salga una vez más fortalecido el espíritu del más puro, del más grande americanismo en el sentido en que lo compendió la breve formula de uno de nuestros grandes hombres desaparecido: “América Para La Humanidad!”* (ALFARO, 1919, p.76).

³⁹ A trajetória política de Roque Saéz Peña é repleta de eventos extraordinários que o tornaram conhecido não apenas entre as Repúblicas do Plata, mas em toda a América do Sul, principalmente por sua atuação voluntária na Guerra do Pacífico, entre Chile e Peru, em 1879, na qual se ofereceu para lutar pelo Peru, fazendo, com seu engenho militar, retroceder as forças chilenas. Foi presidente da Argentina entre 1910 e 1914.

Ciencias Sociales, em 1916, na cidade de Tucuman. Diz o jurista, também ao finalizar sua fala:

Sem buscar superar precisamente a fórmula monroeana, a de Sáenz Peña, - "A América para a humanidade" - evidencia o sentido altruista de idea Pan-Americana. Em plena posse de si mesmo e consciente de seu destino, o novo pan-americanismo dispõe-se a atuar e a fazer diferença no mundo, como a sua força moral e material civilizadora, e sua fórmula definitiva expressa, em termos sintéticos mais claros, sobre seu propósito defensivo e fins construtivos perseguidos, poderia ser resumido nas seguintes palavras:

América para a civilização!

(DELAPIANNE, 1916, p. 12)⁴⁰

As falas de Delappiane e Alfaro podem soar excessivamente dramáticas, tendenciosas, posto serem argentinos como Sáenz Peña, e sua escolha como objeto de análise poderá ser tomada como um recurso demasiado "pirotécnico", para usar as palavras de Mirian Warde no seu já citado ensaio "Americanismo e Educação, um ensaio no espelho". Busquei então dedicar minha atenção também a outros tipos de "provas históricas", o que Warde chamará de "elementos mais discretos", pequenos indícios que pudessem reconstruir, ainda que parcialmente, algumas das representações sobre a ideia de pan-americanismo em embate e debate durante os três primeiros *Congresos Americanos del Niño*, bem como captar um pouco das relações dos demais países com os Estados Unidos.

Nessa busca me deparei com a mesma oscilação entre a admiração pelo sucesso norte-americano, tomando-o como parâmetro e/ou relativizando-o como resultado do contexto político e econômico daquele país e a crítica, na maior parte das vezes discreta, às falhas de suas políticas de proteção à infância trabalhadora ou de relações internacionais.

De acordo com o acervo de fontes que analisei, diversos trabalhos nos três congressos trazem referências elogiosas aos Estados Unidos, a saber, em

⁴⁰ *Sin aventajar con precisión a la formula monroeana, la de Sáenz Peña, – "América para la humanidad" – evidencio el sentido altruista de la idea panamericana. En plena posesión de sí mismo y consciente ya de su destino, el nuevo panamericanismo dispónese a actuar y a pesar en el orbe, como fuerza moral y material civilizadora, y su fórmula definitiva, expresada en términos sintéticos, comprensivos, con todo, así de la finalidad defensiva como de los propósitos constructivos que persigue, pudiera compendiarse en las siguientes palabras: América para la civilización* (DELAPIANNE, 1916, p. 12). (Os grifos e o espaçamento diferenciado são do autor).

sua maioria trabalhos de brasileiros. Como exemplo cito um trecho do texto apresentado ao *Primer Congreso Americano del Niño*, Buenos Aires, 1916, pelo jurista Dr. Alfredo Balthazar da Silveira, que ao falar dos tribunais para Menores ressalta a fórmula encontrada pelos norte-americanos para conter a criminalidade infantil. Diz ele:

Calmo e perseverante na realização dos projetos que traçou com inteligência, e executa, algumas vezes, com a audácia que caracteriza os temperamentos formados na escola do trabalho, o americano do norte, qual químico que analisa as substâncias, decompondo-as, combinando-as, misturando-as pôde, investigando as causas que alimentam a delinquência primária descobrir um poderoso específico que a tem reduzido. (...) Estava fadado aos Estados Unidos da América do Norte, o admirável país cujo desenvolvimento moral e industrial é de natureza a entusiasmar aos que o visitam, o admirável país onde o voto do mais obscuro cidadão é apurado, não se admitindo o desembarque de imigrantes analfabetos, oferecer às demais potências que não tenham economizado sacrifícios para debelar a criminalidade infantil, tão excelente aparelho judiciário que operou verdadeiros milagres, corrigindo menores viciosos e indolentes, que renegavam outrora o trabalho e agora são elogiados pelos patrões e mestres das oficinas em que foram admitidos, tais as maneiras distintas por que se conduzem (SILVEIRA, 1916, p.50).

Toda a admiração perante o desenvolvimento técnico, científico norte americano e sua aplicabilidade social se revela nesse fragmento que pode nos auxiliar a entender um pouco melhor as maneiras pelas quais os Estados Unidos eram lidos e se davam a ler pelas demais nações americanas. Obviamente, o discurso enamorado do Dr. Alfredo Balthazar da Silveira contrasta com o que hoje sabemos acerca da moderna história da imigração norte americana, que não se compôs romanticamente de europeus alfabetizados nem, tampouco, faz jus à versão que contariam as crianças empregadas nas fábricas acerca da qualidade dos métodos disciplinadores que as converteram de viciosas e indolentes em exemplares trabalhadoras.

A escola do trabalho na qual, segundo o médico brasileiro, se forjam os norte americanos, foi também literalmente a única escola que muitas crianças pobres do período puderam frequentar⁴¹ e a eficácia na contenção de crimes praticados por menores foi também a que lançou muitos menores ainda mais fortemente ao jugo dos mestres de oficinas, os quais, por terem em seu

⁴¹<http://www.nationalchildlabor.org/> Acessado em 18 de setembro de 2013.

controle menores órfãos ou famílias desacreditadas quanto ao potencial genitor, aplicavam severas sanções e mesmo castigos físicos nos seus pequenos empregados.⁴²

No entanto, nem tudo é deslumbramento. Por exemplo, tomemos parte de um trabalho apresentado na Seção de *Enseñanza* do *Segundo Congreso Americano del Niño* (Montevideu, 1919). O texto intitulado “La luta contra el analfabetismo en los países latino americanos” apresentado pelo Inspetor de ensino argentino Amable Alvarez, sob a forma de um projeto, traz a seguinte proposição em seu artigo 2: “Se impõe como uma necessidade iniludível e patriótica que os recursos econômicos destinados à educação do povo sejam consideravelmente aumentados de maneira que o gasto médio por aluno seja igual ou se aproxime ao dos Estados Unidos” (ALVAREZ, 2º Congreso Americano del Niño, 1919, p.177). Após a leitura do trabalho por seu autor e de sua discussão pela audiência, a comissão de avaliação da Seção de *Enseñanza* emite o seguinte parecer:

A comissão que subscreve informando sobre o projeto do Sr. Amable Alvarez referente à “Luta contra o analfabetismo nos países latino americanos” aconselha sua aprovação com as modificações seguintes: (...) ao invés de dizer “seja igual ou se aproxime ao dos Estados Unidos” dizer; “Seja o mínimo possível”.⁴³

⁴² "Stories Of Child Labor In America 1890-1915. in <http://www.epubbud.com/read.php?g=JUVGYNMY&p=43> Acessado em 18 de setembro de 2013.

⁴³ La comisión que subscribe, informando en el projeto del Sr. Amable Alvarez, referente a la “Lucha contra el analfabetismo en los países latino americanos”, aconseja su aprobación con las modificaciones siguientes: (...) en vez de decir, “sea igual o se aproxime al de Estados Unidos”, decir: “sea el mínimo posible” (Comisión de Enseñanza in Alvarez., 2º Congreso Americano del Niño, 1919, p. 177).

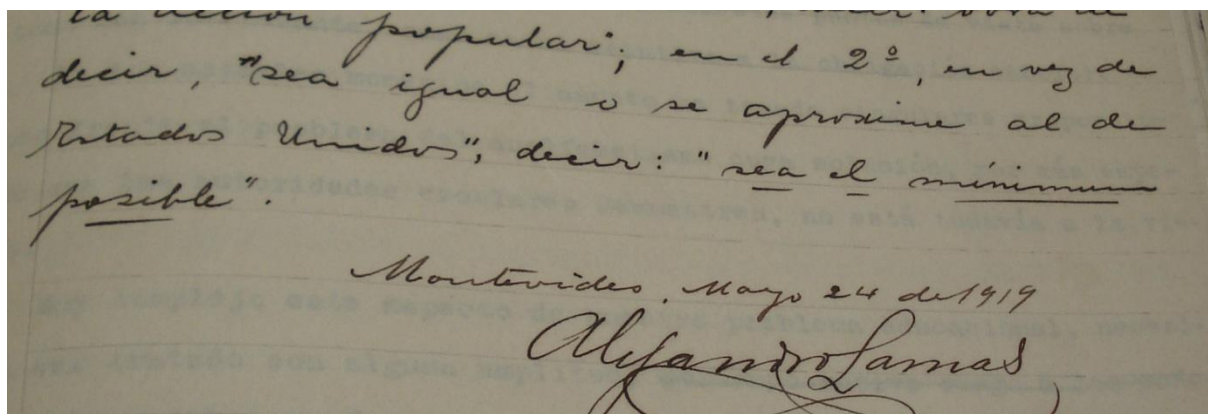


FIGURA 2 – FRAGMENTO DO PARECER DA COMISSÃO DE ENSEÑANZA DO SEGUNDO CONGRESO DEL NIÑO, MONTEVIDÉU 1919, SOBRE O PROJETO APRESENTADO POR AMABLE ALVAREZ. FONTE: *SEGUNDO CONGRESO AMERICANO DEL NIÑO*, MONTEVIDÉU 1919, CARPETA 3, TOMO 7.

Essa alteração sugerida no parecer me intrigou por dias, não parece fazer muito sentido a ideia de investir o mínimo possível (seria o mínimo para que algo pudesse ser feito ou o mínimo no sentido negativo de “o quanto menos possível”?) No entanto, o que fica patente é que havia um entendimento de alguns participantes de que, para que se colhessem resultados semelhantes aos dos norte americanos, haveria de se investir dinheiro público na educação na mesma medida em que eles o faziam. E que, por outro lado, havia uma consciência prática por parte da comissão de que não poderia aprovar um projeto que propusesse algo que não estaria ao alcance das demais nações americanas. Ao que tudo indica, as alterações sugeridas não foram feitas, pois nada consta sobre esse projeto nos registros Votos Aprobados da Seção de Enseñanza⁴⁴ do congresso.

Em meio às documentações analisadas há uma intensa variedade de termos usados para denominar a América como um todo ou suas subdivisões: América, pan-américa, Latino América, Ibero América. As fontes não permitem que se infira com segurança sobre os debates travados ou não acerca do uso desses termos, nem foi possível perceber claramente a hierarquização e ordenamento simbólico dados a essas nomenclaturas e seus sentidos. No entanto, fica claro que esse não era um ponto absolutamente neutro, destituído de valoração consciente e disputas por parte dos autores que os escolhiam.

⁴⁴ Votos aprobados, *Segundo Congreso Americano del Niño*, 1919, p. 172 a 196.

Em ao menos um documento, é possível observar o tensionamento dos termos quanto a sua validade e adequação, numa nítida disputa de representações:

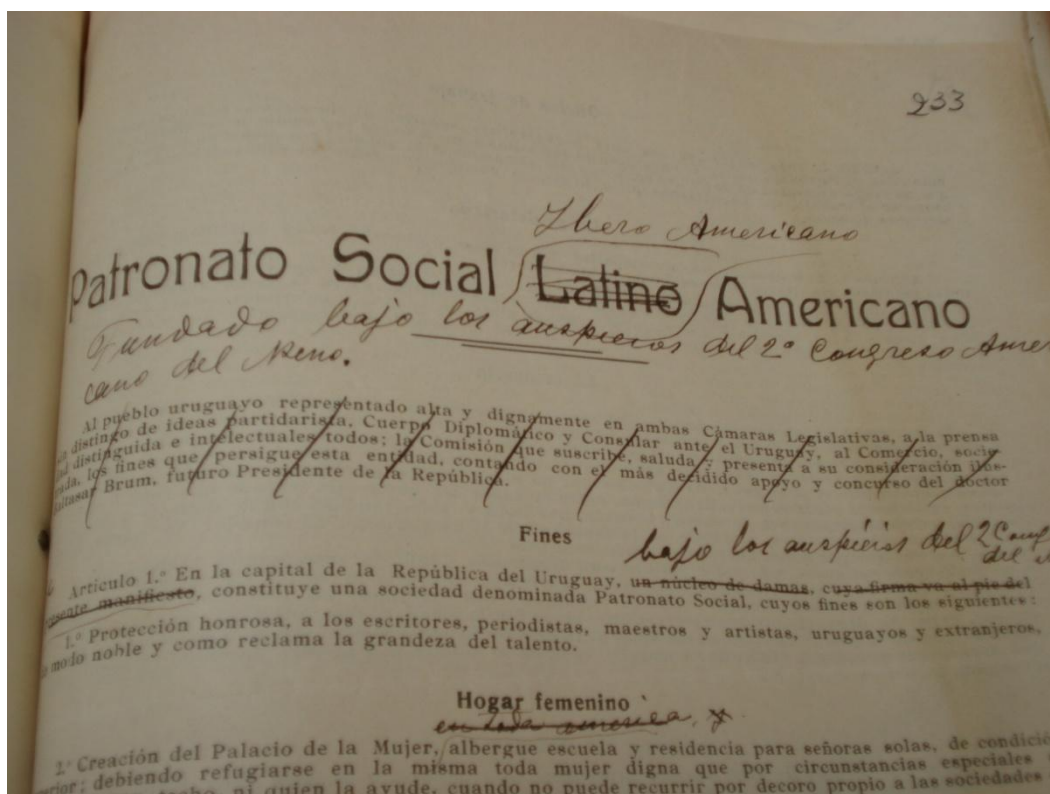


FIGURA 3 – CABEÇALHO DO TEXTO ORIGINAL APRESENTADO POR IZABEL G. DE LA SOLANA, À SEÇÃO DE SOCIOLOGIA E DIREITO DO *SEGUNDO CONGRESO AMERICANO DEL NIÑO*, MONTEVIDÉU, 1919. FONTE: *SEGUNDO CONGRESO AMERICANO DEL NIÑO*, MONTEVIDÉU 1919, p.233.

O recorte acima foi extraído de um dos documentos presentes nas carpetas que organizam os materiais enviados por autores que almejavam participar das diferentes sessões do *Segundo Congreso del Niño*, em Montevideu – 1919, na Seção de Sociologia e Direito. As alterações feitas sobre o texto eram realizadas pelo comitê que compunha a mesa em cada seção durante as discussões posteriores à apresentação do trabalho e às colocações da audiência, com o assentimento do autor. Tais alterações tinham por finalidade realizar os ajustes necessários para qualificar o trabalho para publicação posterior e, ocasionalmente, para que fosse levado a voto na sessão plenária geral, na qual são escolhidos os trabalhos de maior relevância em cada seção.⁴⁵

⁴⁵ Reglamento del Congreso. *Segundo Congreso Americano del Niño*. Montevideo, 1919.

Interessa neste momento, nesse recorte repleto de alterações significativas, pensar nas rasuras feitas por sobre a palavra *Latino* e na indicação de sua substituição pela palavra *Ibero* no título do trabalho.

Os sentidos contemporaneamente dados aos termos em questão⁴⁶ talvez não sejam suficientes para uma interpretação histórica eficiente, então, empreendi uma interpretação com base no mergulho que executei no léxico desses eventos, entendendo que *Latino americano* e *Ibero americano*, embora usados em equivalência de sentidos em alguns casos, designam diferentes opções político ideológicas que perpassam esses encontros e o momento histórico das Américas.

Assim, através dessas duas palavras, ideias não complementares podem ser expressas: enquanto a Latino-américa surge como conceito amplamente vinculado à ampliação da influência norte-americana e às reações defensivas intra americanas ante esse expansionismo como discutido anteriormente, a ideia de uma Ibero- América (bem menos recorrente, mas presente) diz respeito muito menos a uma oposição defensiva frente à América do Norte, mas a uma busca pelo reavivamento das raízes europeias e da inclusão das Américas no cenário internacional extra continental. Novamente se dá, pela sutileza da palavra, o embate entre a Ibero- América, que se pretende universalista, inserindo-se nas relações com outras partes do mundo e a Latino-américa que busca o fortalecimento interno enquanto “raza”, e nesse movimento volta-se muito mais sobre si mesma. Mais uma vez nos vemos diante das máximas: “uma América para os americanos” X “uma América para a humanidade”.

A opção por solicitar a alteração da palavra *Latino* nesse documento, enquanto o mesmo termo aparece sucessivas vezes em outras comunicações apresentadas para essa mesa nesse mesmo dia, está provavelmente vinculada ao fato de que nesse caso a palavra não esteja inserida em uma frase em meio a um texto, mas estaria sendo usada para nomear uma instituição cuja

⁴⁶O termo América Latina remonta à estratégia semântica de inclusão da França e exclusão dos anglo-saxões entre os países com influência na ocasião da invasão francesa no México (1863-1867), e, sob o ponto de vista de Richard Morse, o termo passa a dar solidez “ao discurso geo-ideológico” para uma suposta unidade linguística, cultural e racial dos povos latinos, em contraposição aos germânicos, anglo-saxões e eslavos. O termo ibero América não se refere apenas aos países americanos de matriz espanhola e portuguesa, mas utiliza-se também para designar o grupo de países formado por estes países americanos mais a Espanha e Portugal.

proposta de ações prevê um alcance internacional ao atendimento dos menos favorecidos.

Ante esta fonte foi impossível deixar de pensar no sentido “performativo”,⁴⁷ dado a essa troca de palavras. Refiro-me aqui à ideia de Austin (1990) de que em alguns contextos específicos, dadas as condições necessárias, uma palavra é um ato, ou seja, dizer pode ser fazer. Assim como o “sim” dos nubentes, o ato de troca da palavra *latino* por *ibero* no contexto de uma mesa seccional, em um congresso, tem esse caráter de performance, capaz de criar um novo estado de coisas: mudando essas palavras muda-se uma visão sobre si, abarca-se uma herança, altera-se um horizonte.

Esses dilemas americanos em produção serão em grande parte difundidos, transformados e defendidos nos congressos, simpósios e encontros intra continentais, e os eventos destinados à discussão da infância americana compunham parte importante da discussão da “raza”, do futuro, dos destinos da América.

Os principais eventos americanos, de caráter nacional, pan-americano ou extracontinental, dedicados às questões da infância que antecederam aos *Congresos Americanos del Niño* foram: o *Congresso Pedagógico Internacional*, em Buenos Aires, 1882; o *Congresso Higiénico-pedagógico*, em 1882, no México; o *Congresso de Instrução*, em 1883 no Rio de Janeiro; O *Congresso Pedagógico Centro- americano*, em 1893, na Guatemala; a Conferência da Casa Branca, Washington, EUA, 1909; o *Congresso Nacional de Proteção à Infância*, em Santiago, no Chile, 1912; e o *Primer Congreso Nacional del Niño*, em Tucumán, na Argentina, 1913, encontro este sobre o qual nos deteremos um pouco mais por ser um evento referido nas fontes e em estudos como o de Guy (1998a) como a principal matriz dos Congressos Americanos del Niño.

⁴⁷ Enunciados ativos e de caráter contratual, criadores de um novo estado-de-coisas; fazem algo, são ações ou parte de uma ação. Ao enunciar o falante não descreve nem afirma a realização de uma ação: está a efetuar-la realmente. Os enunciados performativos não descrevem nem verificam algo, não são verdadeiros ou falsos, não são apenas o dizer ou afirmar, mas são parte da ação. Fonte: <http://pt.shvoong.com/humanities/linguistics/793929-pragm%C3%A1tica-actos-fala-performativos-constativos/#ixzz2DuZjmOa1> Acesso em: 12 de junho de 2012

1.1 “UMA LUZ E UM CAMINHO AOS PEQUENOS”: O *PRIMER CONGRESO NACIONAL DEL NIÑO*, ARGENTINA, 1913

A ideia de estudar em um Congresso todas as questões referentes à criança nasceu na República Argentina em um primeiro congresso nacional em Tucumã durante o centenário, que serviu de base ao 1º Congresso Americano que teve lugar em Buenos Aires em 1916. Não faremos a história completa deste congresso, só diremos que aquele certame, que havia sido visto com muita simpatia não teve a transcendência que merecia nem satisfaz as esperanças que inspirou a ideia geradora. Não faríamos menção a isso não tivesse sido motivo desfavorável que muito pesou na organização deste congresso, como uma gerência defeituosa que nos obrigou a esforços especiais para depurá-la. Sem embargo, o princípio não poderia corresponder a motivos mais nobres e elevados. Se existiram erros, frutos são eles possivelmente da magnitude da obra que se realizava pela primeira vez, da deficiência dos elementos em sua organização – porém fica sempre a inspiração nobre e altruísta digna dos maiores aplausos (MORQUIO, 2º Congreso Americano del Niño, 1919, p.64).⁴⁸

Dos festejos realizados para comemorar o centenário da declaração de nossa independência nenhum maior, mais simbólico, e mais digno da Pátria que este Congreso Americano del Niño, que acabamos de realizar. Obra popular, pois é um expoente de um grupo de pessoas que se ocupam com a elevação do nível de vida das mulheres, das crianças e das classes humildes, desligada da tutela do governo, conseguimos estender sua ação e obter a representação de quinze repúblicas americanas. (...) Se este congresso não tivesse outra função que não fosse a de colocar em contato as pessoas que têm afinidades em ideais e se ele não servisse para nada mais do que para nos fazer conhecer pessoas cujas ideias devendo ser conhecidas, permanecem, não sabemos por que razões, ignoradas, confessemos que já haveria desta forma cumprido sua missão perfeitamente (MUZILLI, 1º Congreso Americano del Niño, 1916, p. 64).⁴⁹

⁴⁸“La idea de estudiar en un Congreso todas las cuestiones referentes al niño, nació en la República Argentina en un primer Congreso Nacional en Tucumán durante el centenario, que sirvió de base al Primer Congreso Americano que tuvo lugar en Buenos Aires en 1916. No vamos a hacer la historia completa de este Congreso, solo diremos que por diversas circunstancias, aquel certamen, que había sido mirado con grandes simpatías no tuvo la trascendencia que mereciera, ni satisfizo las esperanzas que inspirara la idea generadora. No haríamos mención de esto, si eso no hubiera sido uno motivo desfavorable que pesó por mucho en la organización de este Congreso, como una herencia defectuosa que nos obligó a esfuerzos especiales para depurarla. Sin embargo, el principio no podía responder a móviles más nobles y elevados; si han existido errores, frutos son ellos posiblemente la magnitud de la obra que se realiza por primera vez, de la deficiencia de elementos en su organización, - pero queda siempre la inspiración noble y desinteresada digna de los mayores aplausos” (Luiz MORQUIO, 2º Congreso Americano del Niño, 1919, p.64).

⁴⁹“De los festejos realizados para conmemorar la primer centuria de la jura de nuestra independencia, ninguno más grande, más simbólico y más digo de la Patria que este Congreso Americano del Niño, que acabamos de realizar. Obra popular, por cuanto es el exponente de un grupo de personas que se ocupan en la elevación del nivel de vida de las mujeres, los niños, de las clases humildes, desligada de tutela gubernativa, ha podido extender su acción hasta obtener la representación de quince repúblicas americanas. (...) Si estos congreso no tuvieran otra eficacia que la de poner en contacto a personas que tienen afinidad en ideales y si ellos

As duas citações que servem de epígrafe a este subcapítulo revelam muito mais do que opiniões conflitantes elaboradas por participantes expoentes do processo de problematização da infância na América e permitem “levantar uma série de indícios, até então inobservados e, daí por diante, ‘notáveis’, pois se sabe aproximativamente a que funções devem corresponder” (CERTAU, 2008, p.123).

Nos discursos de Morquio (médico uruguaio, à frente da organização do Segundo Congresso Americano del Niño) e de Muzilli (ativista socialista e costureira argentina, integrante do grupo feminista que organizou o *Primer Congreso Americano del Niño*), contrapostos aqui, insinuam-se as visões de mundo, posicionamentos políticos e relações de força que englobam não uma disputa fútil e uma rivalidade cortês; revelam-se os esforços por visibilidade e apagamento de memória – sempre presentes na história, mas por vezes nem sempre captáveis.

“Não faremos a história completa deste congresso, só diremos que aquele certame, que havia sido visto com muita simpatia não teve a transcendência que merecia nem satisfiz as esperanças que inspirou...” diz Morquio. Exatamente essa opção por não fazer “a história completa” é uma maneira, consciente ou não, de criar, por completo, uma versão da história. Versão que escolhe revelar as deficiências que, na opinião de Morquio e do grupo que representa, eram tributáveis à desproporção entre o imenso tamanho da missão de discutir e propor soluções aos problemas da infância americana e o modesto tamanho de quem primeiramente se propôs a isso – e aqui nos deparamos com a pluralidade de elementos que podem estar envolvidos nesse desejo de desqualificação: eram, à frente do primeiro evento, mulheres socialistas, que em colaboração com alguns homens estavam envolvidas com as demandas populares operárias.

Donna Guy, historiadora norte-americana que possui extensa produção acadêmica nas lides dos estudos de gênero e da história da sexualidade na América Latina, ao analisar, em um artigo, o papel das feministas argentinas no

no sirvieran más que para hacernos conocer a determinadas personas cuyas ideas debiendo ser conocidas, permanecen, no sabemos por cuales designios, ignoradas, confesemos que de habrían llenado en esta forma perfectamente su misión” (Carolina MUZILLI, 1º Congreso Americano del Niño, in **Nosotros**: Revista mensual de letras, 1916, p.64).

debate pan-americano sobre a proteção à criança, lança a questão que eu, mesmo antes de tomar conhecimento de seu texto, também formulava, atônita: como os homens puderam continuar a ignorar, seja simbolicamente ou em termos de participação, as mulheres nos congressos da criança? (GUY, 1998a).⁵⁰

Façamos então, senão a história completa (já que desta ambição a história há tempos já dissuadiu a todos) desse primeiro Congresso, um esforço por dar visibilidade a alguns dos aspectos tornados opacos na história da construção desse evento, e se este esforço não servir “para nada mais do que para nos fazer conhecer pessoas cujas ideias devendo ser conhecidas, permanecem, não sabemos porque razões, ignoradas” (MUZILLI, 1916, p.64) daremos por bem feito o empenho.

O *Primeir Congreso Nacional del Niño*, encontro referido em estudos sobre Congressos Americanos da Criança, como o de Guy, Nunes Neto e Kuhlmann Jr, como germinal para as discussões americanas sobre a criança recebeu a aprovação de sua realização durante o *Congresso Científico Internacional*, ocorrido em 1910 em Buenos Aires por ocasião do centenário Revolução de Mayo⁵¹.

Buenos Aires, à época do centenário, vivia um momento de prestígio internacional e auto-confiança nacional, motivada pelos elevados índices econômicos⁵² que via de regra são tomados como os indicadores de prosperidade de uma nação, não obstante as mazelas por que passam quem faz a roda girar para que tais números se mantenham.

Com a economia forte, Buenos Aires torna-se grande metrópole e passa a ser conhecida como a Paris da América⁵³, não poupando esforços para

⁵⁰ “How men could continue to by pass, both symbolically and in terms of participation, women in the child congresses” (GUY, 1998a, p. 280).

⁵¹ Movimento social e político ocorrido no início do século XIX que visava à emancipação do vice-reinado do Prata, (parte de cujo território hoje é a Argentina), da Coroa Espanhola.

⁵² Em 1910 a Argentina representava 50% de todo o PIB latino-americano. Fonte: Revista **Indicadores Econômicos** FEE, Porto Alegre, v. 30, n.2, p.251.

⁵³ “Salvo os entrepostos como a Holanda e a Bélgica, nenhum outro país do mundo importava mais mercadorias per capita que a Argentina. Sua renda per capita era comparável à da Alemanha e dos países Baixos e era maior que a da Espanha, da Itália, da Suécia e da Suíça. Buenos Aires, a capital federal, com seu 1,5 milhão de habitantes era proclamada “A Paris da América do Sul”. Graças a seu crescimento a uma taxa de 6,5 por cento a partir de 1869, era agora a segunda cidade mais populosa da costa do Atlântico, depois de New York, Era de longe a maior cidade da América Latina, ultrapassando pela primeira vez Rio de Janeiro,

manter essa aproximação à Europa que a distanciava da caturrice e atraso cultural e econômico, sempre associados às colônias, principalmente as latino-americanas. Uma cidade que, como tantas referidas na historiografia da modernização ocidental,⁵⁴ enfrentou otimista uma extensa reforma urbana e emanava, no início do séc. XX, o brilho e a técnica da arquitetura neoclássica; num país cujas ambições de futuro eram as de suplantar em importância a influência internacional dos próprios EUA.

Apesar desse prestígio a crescer, a tarefa de afirmar-se ante os demais países da América e Europa passava pela construção subjetiva de uma imagem de prosperidade e desenvolvimento que ia para além de números. Então “tão exibicionista e insegura quanto uma debutante” (ÁSUA, 2011, s/p), a Argentina escolheu os congressos e exposições como mote principal de seus suntuosos festejos no aniversário da revolução, pois eram esses eventos poderosas armas publicitárias do progresso de uma nação.



Cidade do México, Santiago; as outras ficavam muito para trás” (ROCK, in BETHEL, 2013, p. 544).

⁵⁴ Para saber sobre as reformas urbanas em Paris e nos EUA ver: BERMAN, M. Tudo que é sólido desmancha no ar. Sobre a Reforma Urbana no Rio de Janeiro e São Paulo ver respectivamente: SEVCENKO, N. Literatura como Missão: Tensões Sociais e Criação Cultural na Primeira República. São Paulo: Cia. Das Letras, 2003, pp. 286-287; SEVCENKO, Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Cia. das Letras, 1992.

FIGURA 4 - CARTÃO POSTAL ARGENTINO DO ANO DE 1910, REPRODUZINDO CARTAZ OFICIAL DA EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE BELAS ARTES, TRANSPORTES TERRESTRES E FERROVIAS, AGRICULTURA E HIGIENE, OCORRIDO NAS FESTIVIDADES DO CENTENÁRIO DA REVOLUÇÃO DE MAYO. FONTE: CENTRO DE ESTUDIO E INVESTIGACIÓN DE LA TARJETA POSTAL EN ARGENTINA (CEITPA).

A figura 4 exemplifica bem o trabalho simbólico desenvolvido em relação às Exposições e Congressos. A imagem que estampa um Cartão Postal argentino é reprodução do cartaz da *Exposición Internacional de Belas Artes, Transportes terrestres e Ferrovias, Agricultura e Higiene*, ocorrido nas festividades do Centenário. O próprio suporte, um postal, é extremamente significativo, uma vez que esses objetos filatélicos produzidos pelo Estado se destinavam à correspondência, mas também ao colecionismo e à difusão de imagens através do mundo. Os postais tradicionalmente estampam episódios cívicos, paisagens nativas e grandes monumentos ou pontos turísticos de um país. Um cartaz de uma Exposição Internacional num selo ou cartão postal dimensiona a importância dada ao evento à época.⁵⁵

Na imagem, alegorias com estética claramente clássica representam cada uma das áreas da Exposição (Transporte, Belas Artes, Higiene e Agricultura) e saúdam enquanto aguardam a chegada de navios em um porto adornado por bandeiras – todas indefinidas, exceto a da Argentina que aparece em tamanho maior e bem ao centro da imagem – recepcionando os visitantes de toda parte. Ao fundo a imagem do Cabildo da cidade, ao centro da Praça de Mayo, onde foi declarada a Revolução de 1810.

Hobsbawm (1997), ao analisar a produção em massa de tradições nos anos pouco anteriores à primeira guerra, localizará em países europeus, assim como em alguns do continente americano, uma série extensa de “exercícios de relações públicas” que consistiriam na invenção oficial de tradições sob a forma de ritos, comemorações, monumentos, com o intuito de que “assegurassem ou

55 O livro “História do Bilhete-Postal”, de Martin Willoughby, editado em Portugal em 1993, informa que “na Exposição Universal de Nuremberg, Alemanha, em 1882, já apareceu um cartão-postal oficial e comemorativo do evento, exibindo uma pequena vinheta ao lado do endereço. Na Exposição Universal de Paris em 1889, os postais com desenhos da Torre Eiffel, fizeram grande sucesso. (...) Foram publicadas dez vistas cromo litográficas para comemorar a Exposição Mundial Columbiana, realizada em Chicago” (DALTOZO, José Carlos. Cartão-Postal, Arte e Magia. Presidente Prudente (SP): Gráfica Cipola, 2006, p.16).

expressassem identidade, coesão social” em nações que atravessavam as profundas transformações sociais do período. Entre esses “exercícios” destaca a “feliz descoberta – ou talvez fosse melhor dizer invenção – do jubileu ou do aniversário cerimonial” (HOBBSAWM, 1997, p.288), cujo protocolo completo, de exposições e inaugurações às competições desportivas e emissões de estampas comemorativas em material postal, foi cumprido.

Assim, Buenos Aires recepcionou, nos festejos do Centenário da Revolução de Mayo, muitas delegações internacionais em uma série de eventos que se sucederam numa agenda frenética de exposições e congressos tais como o *XVII Congreso Internacional de Americanistas*, entre 17 e 23 de maio; o *Congreso Internacional Americano de Medicina e Higiene*, entre 30 de maio e 5 de junho, o *Segundo Congreso Internacional de Estudiantes Americanos* entre 9 al 15 de julho, *Cuarta Conferencia Panamericana* , entre 2 de julho e 30 de agosto; e talvez o maior dos conclaves nessa lista, o *Congreso Científico Internacional Americano (CCIA)*, ocorrido entre 10 e 25 de julho com a coordenação da Sociedade Científica Argentina e todo apoio estatal e de onde, como já mencionei, saiu a aprovação para a realização, em 1913, Centenário da Independência, do *Primeir Congreso Nacional del Niño*.

Tudo festa e conagraçamento, no entanto a disputa de forças se dava mesmo por dentro dessa atmosfera cívica e aparentemente laudatória das benesses do Estado e seus feitos. Não devemos nos esquecer de que “os exercícios de relações públicas”, já mencionados, estavam também, e isso atesta Hobsbawm (1997, Capítulo 7), ao alcance de grupos opostos ao establishman, que muitas vezes utilizam as próprias formas e símbolos criados para e pelo Estado.

Certau diz algo correlato quando destaca essa “arte do fraco” em “captar no voo as possibilidades oferecidas por um instante” para então utilizar vigilante, as falhas que as conjunturas particulares vão abrindo na vigilância do poder (CEARTEU, 2008, p.101). Um exemplo dessa “astúcia” (tomada aqui no sentido dado por Certau à ideia de tática como essa “arte do fraco” que se faz forte ao usar as conjunturas ao seu favor, resistindo sem enfrentamento direto) que me interessa no estudo dos congressos da criança está no fato nada acidental da realização concomitante de dois

eventos naquele festivo maio argentino. Entre os dias 18 e 23, se realizaram, com força de contrapeso, o *Primer Congreso Patriótico de Señoras en América del Sur*, organizado pelo conselho Nacional de Mulheres, grupo tradicional, católico e bem relacionado como o establishment, e o *Primer Congreso Femenino Internacional*, convocado pela *Asociación de Universitarias Argentinas*, socialista e feminista, coordenado pelas médicas Cecilia Grierson e Julieta Lanteri, que contou com a participação de feministas argentinas como Alicia Moreau, Elvira Rawson e Carolina Muzzilli, além do apoio de aderentes internacionais como Maria Montessori, Marie Curie e Hellen Key.⁵⁶

O convite do congresso feminino revela algo de sua intencionalidade na imagem de uma mulher que escreve compenetrada, e nos dizeres finais traz o refrão do Hino Nacional Argentino:⁵⁷ “Al gran Pueblo Argentino, Salut”. A escolha pela referência ao Hino não me parece apenas uma menção patriótica, mas também uma provocação dado o teor do hino pontuado por referências à igualdade e liberdade, como podemos ver na primeira estrofe:

Oid ,mortales! e grito sagrado:
¡Libertad, Libertad, Libertad!
Oid el ruido de rotas cadenas:
Ved en trono a la noble Igualdad.

Nas entrelinhas do convite a lembrança da igualdade e as saudações ao povo, dadas pela mulher que busca se afirmar não como mãe e esposa caridosa, mas como intelectual e cidadã.

⁵⁶ Os nomes das participantes, algumas páginas das atas do Congresso Feminino e imagens das participantes, estão disponíveis em uma página da web organizada a partir do trabalho de Dora Barrancos (socióloga e historiadora do CONICET, referência na investigação sobre gênero na Argentina) editado pela Universidade Nacional de Buenos Aires em 2008. Em: <https://www.facebook.com/media/set/?set=a.108160162563738.4518.100001092641896&type=>
Acessado em: junho de 2013.

⁵⁷ Composto em 1883 Vicente López y Planes e sua música por Blas Parera.



FIGURA 5- CONVITE DO CONGRESSO FEMININO INTERNACIONAL. BUENOS AIRES, MAIO 1910. FONTE: ARQUIVO DIGITAL MUJERES QUE HACEN HISTORIA.⁵⁸

Enquanto no Congresso Feminino se discutia a ampliação da igualdade civil e dos direitos políticos das mulheres, além de políticas públicas de proteção, saúde e educação à mulher e à criança, no Congresso Patriótico eram apresentadas as contribuições femininas à pátria dentro de moldes bem aceitos pela economia patriarcal vigente, destacando-se a atuação da mulher enquanto criatura ponderada e maternal, e em defesa da interferência de instituições religiosas e privadas na assistência à infância.

Os indícios todos apontam para o fato: no seio do Congresso Feminino é que se elaborou a proposta para a realização do *Congreso Nacional del Niño* de 1913, a ser presidido por Julieta Lanteri e organizado pelo grupo de feministas socialistas argentinas, que já possuíam uma pauta extensa de reivindicações quanto à saúde, educação e cuidados com a infância e a mulher. E no decorrer da história dos primeiros congressos, a rivalidade das demandas e posições entre os grupos conservadores católicos e as feministas

⁵⁸ Disponível em: <http://mujeresquehacenlahistoria.blogspot.com.br/2011/09/siglo-xix-sara-justo.html>. Acesso em 12 de fevereiro de 2015

socialistas reaparecerá repetidas vezes, mesmo que sob nova forma, pelo viés da disputa entre filantropia e as políticas públicas de assistência à criança.

A indicação da realização de um congresso nacional específico sobre a criança a se realizar no ano do centenário da Independência (1913) foi levada a voto pelas mãos do médico Antônio Vidal, expoente e bem relacionado higienista argentino, segundo consta no registro do discurso de apresentação da Sessão preparatória ao Segundo Congresso del Niño, em 1919, pelo médico Gregório Alfaro, presidente da comitiva Argentina :

Foi, em efeito, em Buenos Aires, durante o Congresso Científico Internacional, em 1910, por ocasião do centenário de nossa Revolução Libertadora que um médico, professor e sociólogo Doutor Antônio Vidal, propôs e fez sancionar o “Congreso Nacional del Niño”, cuyos fundamentos se enraizan – dizia em sua comunicação – na conveniencia em que concorram em prol da criança, e por conseguinte, da sociedade nascente, todas as iniciativas e actividades que possam melhorar sua condição e destino, todas as conquistas alcanzadas com as disciplinas naturales e biológicas, psicológicas e sociales, todas as ciencias e todas as técnicas” (ALFARO, 1919, p.96).⁵⁹

Algum elo ainda por descobrir uniu cooperativamente Antônio Vidal e Julieta Lanteri nessa manobra política em busca de apoio à realização do congresso. O nome de Vidal aparece nas fontes do Segundo e do *Terceiro Congreso del Niño* como o personagem que leva a ideia do congresso sobre a criança a voto em 1910, mas também consta nas fontes referentes ao *Primeiro Congreso del Niño* de 1913, presidido por Julieta Lanteri, como o responsável pela subseção de higiene.

Quanto ao nome de Julieta Lanteri, Presidente do *Primer Congreso Americano del Niño* e do congresso que o originou, este é omitido ostensivamente das publicações dos congressos subsequentes. Ao buscar por seu nome e pelo de Carolina Muzilli dentre a lista de delegados da comitiva argentina, localizei apenas o de Julieta Lanteri como inscrita da Seção de Medicina do segundo Congresso, em Montevideu, no entanto não localizei seu

⁵⁹Fue, en efecto, en Buenos Aires en 1910 y en el Congreso Científico Internacional reunido allí en el centenario de nuestra revolución libertadora, que un médico, profesor y sociólogo el Dr. Antonio Vidal, propuso e hizo sancionar, “ el Congreso Americano del Niño”, cuyo fundamento radica, decía en su comunicación, “en la conveniencia de que concurren en pro del niño, es decir, de la sociedad naciente, todas las iniciativas y actividades que puedan mejorar su condición y destino, todas las conquistas alcanzadas con las disciplinas naturales y biológicas, psicológicas y sociales, todas las ciencias, todas las técnicas” (Gregório ALFARO. 2º Congreso Americano del Niño, 1919, p.96).

trabalho nas carpetas correspondentes, o que indica que ela pode ter se inscrito, mas não participou de fato do encontro. Quanto à menção ao seu nome como presidente do primeiro evento, ele não é referido, ou melhor, creio que deliberadamente não é referido. Isto é o que deixa entrever a continuação do discurso de Alfaro:

O Dr. Vidal, que desgraciadamente não pode estar aqui conosco, obteve a sanção para que se realizasse o Congreso Americano del Niño em Buenos Aires em 1916 e se encarregaria de sua preparação a mesma Sociedad Científica Argentina. Desgraciadamente esta velha e meritória instituição não se dedicou a levar a cabo tão feliz iniciativa e foi outra entidade – a Liga Pelos Direitos Da Mulher e da Criança – que realizou o primeiro Congreso Nacional em 1913 e o Primeiro Congreso Americano em 1916, o qual, por razões que não é o caso recordar, não teve a importância e a eficiência desejadas.⁶⁰

As razões “que não veem ao caso recordar” não ficam claras, e em nenhum registro do primeiro congresso a que eu tive acesso aparece algum incidente, falha de programação ou algo significativo do ponto de vista organizacional (o que não significa que não possa ter ocorrido, haja vista as fontes de que disponho sobre esse evento serem em maior parte publicadas no *La Vanguardia*, jornal do Partido Socialista). No entanto, é possível aventar algumas possibilidades explicativas que extrapolam as questões logísticas e avançam para aspectos simbólicos e para a seara das lutas de representação.

Pensemos primeiramente no que pode ter significado um evento internacional que, ao invés de ter sido realizado sob os auspícios da “velha e meritória” Sociedad Científica, repleta de homens advindos das melhores famílias *criollas*, vem a lume pelas mãos do grupo de Lanteri, completamente vinculado ao Partido Socialista,⁶¹ que compunha o cenário político argentino não sem a resistência dos membros da elites oligárquicas políticas do Plata.

⁶⁰ *El Dr. Vidal, que desgraciadamente no ha podido encontrarse hoy entre nosotros, obtuve la sanción que la primera reunión del Congreso Americano del Niño se realizara en Buenos Aires en 1916 y de que se encargara de su preparación de la misma Sociedad Científica Argentina. Desgraciadamente esta vieja y meritoria institución no se dedicó a llenar a cabo tan feliz iniciativa y fue otra entidad- la Liga por los Derechos de la Mujer y el Niño – la que realizó el Primer Congreso Nacional en 1913 y el Primer Congreso Americano en 1916, el cual, por razones que no es del caso recordar tuvo la importancia y la eficiencia deseables (ALFARO, 2º Congreso Americano del Niño, 1919, p.97).*

⁶¹ Sobre a identificação entre o socialismo e o feminismo na Argentina em princípios do século 20 diz Barrancos: “*En las primeras décadas del siglo surgían por doquier asociaciones femeninas identificadas con los principios socialistas, y debe decirse que no fueron pocas las veces en que feminismo fue sinónimo de socialismo. En efecto, fue bastante común que los*

A presença do Partido Socialista, num país que experimentou a força rebelde dos anarquistas em 1905, era considerada em certa medida pelo governo conservador progressista de Saenz Pena um mal menor, uma válvula de escape⁶² para a classe trabalhadora ter seu sentimento de representatividade avivado, mas os limites de sua ação eram dados pelo apreço à propriedade privada por significativa parte das camadas mais influentes da sociedade argentina (os grandes proprietários, banqueiros, industriais e comerciantes que controlavam a economia do país e também a classe média), extremamente conservadores quanto à política econômica.

Eventos como os *Congresos del Niño* oportunizavam a circulação de representações também sobre os países envolvidos e é provável que os argentinos mais conservadores não se satisfizessem com a imagem de país levada pela Liga pelos Direitos da Mulher e da Criança, com suas exposições sobre o enriquecimento das nações às expensas do flagelo de trabalhadores, mulheres e crianças pobres.

No entanto, outra boa possibilidade é pensar essa reserva também, e principalmente, como uma maneira de diluir a força de organização e realização das mulheres e do movimento feminista argentino e de obliterar o alcance internacional ao nome de Julieta Lanteri, cuja militância impertinente pelos direitos das mulheres e crianças causava incomodo aos seus contemporâneos mais conservadores.

Aqui cabe falar um pouco de Julieta Lanteri, na perspectiva de entendê-la como sujeito histórico cujo percurso não pode ser isolado do movimento de reivindicação dos direitos da mulher e problematização da infância da América Latina.⁶³

términos se engarzaran de tal modo que a la perspectiva del sentido común le resultara difícil distinguir los conceptos, especialmente en torno del Centenario" (BARRANCOS, 2010, p.126).

⁶²“O objetivo, além de satisfazer os radicais, era dar às associações moderadas da classe trabalhadora, especialmente ao Partido Socialista (fundado em 1894) uma oportunidade de substituir os anarquistas. Em 1912, um membro Conservador do senado nacional, Benito Villanueva, sugeriu a necessidade de ‘abrir uma válvula de escape e permitir dois ou três socialistas no Congresso, sobretudo nessa época de inquietação da classe trabalhadora em que está para ser discutida uma legislação sobre greves’” (ROCK, 2013, p.581).

⁶³“Ao longo dos últimos anos, reprovou-se muitas vezes à historiografia dita pós-moderna, de inspiração nietzschiana, ter minado a ideia de verdade histórica e afastado assim toda possibilidade de avaliar o passado. Parece-me importante sublinhar o quanto o perigo do relativismo, que corrói o princípio de responsabilidade individual, é igualmente inerente a uma leitura impessoal da história que pretende descrever a realidade pelo viés de anônimas relações de poder” (LORIGA, 2011, p. 12). A opção por recuperar algo da particular vida de

Italiana de nascimento, mas residente em Buenos Aires desde criança, Lanteri teve trajetória acadêmica impecável tendo sido a quinta mulher a formar-se em medicina em Buenos Aires. Em 1910, numa estratégia interessante, ela reivindicou cidadania argentina para concorrer a uma cadeira como professora de pediatria na Faculdade de Medicina. Ao obter o documento da cidadania (e ela foi a primeira mulher a fazê-lo) Julieta usou a objetividade da letra para reivindicar judicialmente que se cumprisse o que na carta estava expresso: ela queria ser reconhecida como cidadã em plenos direitos. A Câmara Federal ao lhe dar ganho de causa declarou que:

Como juiz tenho o dever de declarar que o seu direito de cidadania está consagrado na Constituição, e, portanto, que a mulher [cidadã] tem direitos políticos iguais aos que as leis outorgam aos cidadãos do sexo masculino, com as únicas restrições expressamente determinadas nessas leis, porque nenhum habitante é privado de que elas não proibem (DELEIS, DE TITO & ARGUINDEGUY; apud, PIGNA, 2012, p.462).⁶⁴

Esse precedente levou Lanteri à conclusão de que, se o direito ao voto era concedido aos cidadãos, ela teria esse direito e portando os documentos que lhe afirmavam cidadã plena votou na eleição de 26 de novembro de 1911, fato que foi amplamente divulgado pela imprensa, posto ter sido o primeiro voto feminino ocorrido na América do Sul. Três meses depois, é sancionada uma alteração no sistema eleitoral argentino, que já estava em debate, estabelecendo o voto secreto e obrigatório e acrescentando às definições um item que determinava que, para exercer o voto, o cidadão deveria ter comprovante de alistamento militar. Esta última medida é, para alguns dos pesquisadores da história das mulheres na América Latina, como Felipe Pigna (2012, p.125) e Dora Barrancos (2010, p.135), completamente reativa às ações de Julieta Lanteri e suas possíveis consequências.

Julieta, ante esta lei, tentou se alistar no serviço militar, sob a presença da imprensa, mas foi impedida. Conquanto não pudesse votar, não desistiu de

uma pessoa, suas motivações, atos e escolhas, insere-se na vertente da historiografia que busca salvaguardar alguma dimensão do sujeito e sua pluralidade como parte da história, na contra mão de tendências a que Sabina Loriga chamará de “desertificação do passado” que procuram ocultar os indivíduos sob categorias impessoais, que aqui poderiam ser “as mulheres”, “as feministas”, “as socialistas argentinas”.

⁶⁴ *Como juez tengo el deber de declarar que su derecho a la ciudadanía está consagrado por la Constitución, y en consecuencia, que la mujer goza de los mismos derechos políticos que las leyes acuerdan a los ciudadanos varones, con las únicas restricciones que, expresamente, determinen dichas leyes, porque ningún habitante está privado de lo que ellas no prohíben* (DELEIS, DE TITO & ARGUINDEGUY; apud PIGNA, 2012, p.462).

sua militância e pelas brechas que encontrou na lei lançou seu pedido de candidatura ao cargo de deputada à junta eleitoral, uma vez que na legislação o que constava com pré requisito para participar como candidato era a designação genérica de “cidadão”. A nota apresentada por ela à Junta foi enviada também à imprensa e publicada pelo jornal *La Nación* de 18 de março de 1919:

Sendo cidadã Argentina por nacionalização e, em virtude da sentença da Corte Suprema, não figura meu nome na lista eleitoral, apesar dos esforços que fiz para essa finalidade. Acho, porém, que isso não representa qualquer impedimento para obter o cargo de deputada, uma vez que a Constituição Nacional emprega a designação genérica de cidadão sem excluir pessoas do meu sexo, não exigindo qualquer coisa além que condições de residência, idade e respeitabilidade, dentro das quais eu me encontro, portanto, concordando com a lei eleitoral, que não menciona as mulheres em qualquer uma das exceções (LANTERI, s/d, s/p).⁶⁵

Resignadamente a Junta Eleitoral aceitou sua candidatura e Julieta, que a esta altura já era presença constante na imprensa que jocosamente a chamava de “La Lanteri” (PIGNA, 2012, p.463), lança sua candidatura dando visibilidade a uma plataforma extremamente progressista e em muito voltada aos direitos da mulher e da criança.⁶⁶ Diz Lanteri em seu primeiro discurso de campanha:

⁶⁵ *Siendo ciudadana argentina, por nacionalización y, en virtud de sentencia de la Corte Suprema no figura mí nombre en el padrón electoral, no obstante las gestiones que he realizado con tal propósito. Creo sin embargo, que ello no constituye impedimento alguno para la obtención del cargo de diputado, y ya que la Constitución Nacional emplea la designación genérica de ciudadano sin excluir personas de mi sexo, no exigiendo nada más que condiciones de residencia, edad y honorabilidad, dentro de las cuales me encuentro, concordando con ello la ley electoral, que no cita a la mujer en ninguna de sus excepciones. (La Nación, 18 de março de 1928, p.8). Disponível em: <http://mg-mujeres.blogspot.com.br/2009/06/en-el-parlamento-una-banca-me-espera.html> Acesso em: 5 de junho de 2013.*

⁶⁶ *“El programa electoral de la Dra. Lanteri se completaba con la protección al niño huérfano, igualdad civil para los hijos legítimos y los conceptuados no legítimos, divorcio absoluto, abolición de la prostitución reglamentada, abolición de la venta de bebidas alcohólicas, sufragio universal para los dos sexos, jubilación y pensión para todo empleado u obrero, abolición de la pena de muerte; y representación proporcional de las minorías en el orden nacional, provincial y municipal”. Dados do Diario La prensa de 16-3-1919, p 9 apud DI MANGO, Secretaría de la Comisión de la Mujer del Colegio Público de Abogados de Buenos Aires, in <http://www.agendadelasmujeres.com.ar/index2.php?id=3¬a=4770> Acesso em: 20 de setembro de 2013.*

Meus atos são uma afirmação da minha consciência que me diz que eu cumprio o meu dever: uma afirmação da minha independência que satisfaz meu espírito e não se submete a falsas correntes da escravidão moral e intelectual, e uma afirmação do meu sexo, do qual estou orgulhosa e pelo qual eu quero lutar.

E aquí esta essa mulher que se proclama a si mesma candidata a deputado nacional, que aspira a essa cadeira no parlamento e pede a seus concidadãos que a levem até ela (LANTERI, apud DI MANGO, s/d, s/p).⁶⁷

Licença maternidade, auxílio estatal por filho, proteção estatal aos órfãos, sufrágio universal para os sexos, igualdade salarial para homens e mulheres, igualdade de direitos civis para filhos legítimos e ilegítimos, eram alguns dos pontos pelos quais ela e as organizações políticas das quais participava (principalmente a *Liga Feminina pelos direitos da Mulher e da Criança* e o *Partido Feminista Nacional*) mobilizavam energias. Alicia Moreau, Elvira Rawson e Carolina Muzilli são outras das “feministas reformistas” cuja atuação movimentou a cena argentina nas décadas de 1910 e 1920, e que não se restringirá à fronteira do país, uma vez que a circularidade dessas propostas se dará intra e extra-continentalmente, pela via das publicações, encontros, e claro, dos congressos.

⁶⁷ *Mis actos son una afirmación de mi conciencia que me dice que cumplo con mi deber: una afirmación de mi independencia que satisface mi espíritu y no se somete a falsas cadenas de esclavitud moral e intelectual, y una afirmación de mi sexo, del cual estoy orgullosa y para el cual quiero luchar. Y aquí está esta mujer que se proclama a sí misma candidata a diputado nacional, que aspira a esa banca en el parlamento y que pide a sus conciudadanos que la lleven a ella* (LANTERI, apud DI MANGO, op cit).



FIGURA 6 – JULIETA LANTERI VISITANDO UMA MESA DE VOTAÇÃO EM MARÇO DE 1919, FISCALIZANDO AS CÉDULAS DE VOTAÇÃO COM SUA CANDIDATURA A DEPUTADA. FONTE: PERIODICO CONEXION 2000.⁶⁸

Não posso deixar de ler as expressões dos homens da mesa na imagem acima. Esta leitura, que não é a única possível obviamente, mas que se faz de imagem e contexto, diz que mais do que sorridentes para a fotografia seus olhos, seus sorrisos, parecem embaraçados e até um pouco irreverentes ante a presença de Lanteri. A foto parece ter captado a aura de ridicularização que acercava as atitudes impertinentes de Julieta Lanteri.

A grande quantidade de inimigos políticos que Lanteri foi adquirindo nesses anos de trabalho é considerável e as animosidades⁶⁹ pelas suas posturas radicais à época, e pela capacidade que ela tinha de comunicar seus projetos em performances de grande visibilidade, podem ter sido um elemento

⁶⁸Disponível em: http://periodicoconexionarteycultura.blogspot.com.br/2012/02/julieta-lanteri-y-el-primer-voto_27.html. Acesso: 12 de fevereiro de 2015.

⁶⁹Lanteri foi morta em 1932, em um acidente de carro, no qual o automóvel dirigido por um membro da Legião Cívica subiu de ré na calçada e a atropelou. O caso foi considerado acidental à época, mas historiadores e biógrafos afirmam ter se tratado de um atentado. Fonte: Universidade Nacional de La Plata, disponível em: http://www.unlp.edu.ar/articulo/2012/3/7/perfil_julieta_lanteri Acesso em: junho de 2013.

que contribuiu para que seu nome (e do grupo a que pertencia) à frente do *Primeir Congreso Americano del Niño* tenha sido conscientemente desconsiderado e obscurecido nas edições seguintes dos congressos.

A mulher americana é invocada inúmeras vezes em diversos discursos e comunicações do Segundo e Terceiro *Congresos del Niño*, mas, como veremos detidamente no capítulo dois desta tese, quase sempre é um chamado de apelo sentimental pela sua abnegação, amor e virtude, na conservadora visão da mulher em sua vocação inalienável e exclusiva para a maternidade e caridade, como expressa Morquio à plenária do *Segundo Congreso Americano del Niño*:

Que as distintas damas que prestam à infância desvalida sua mais nobre e generosa proteção queiram continuar sua obra de amor e abnegação, cooperando ao ideal de bem estar e redenção que guia nossos trabalhos e nossas aspirações (MORQUIO, 1919, p. 76).⁷⁰

Ou como apela o delegado venezuelano na Sessão inaugural do Terceiro Congresso Americano da Criança:

Pensamos, oh mães que me escutam, que vocês sentem um desejo veemente de colaborar na obra de nosso aperfeiçoamento étnico, eu sei que em seus lares se fala com surpresa carinhosa deste renascimento e porvir alargador que este congresso quer iniciar, eu sei que em suas almas, vasos repletos de afeto e transbordantes de ternura, existe o sentimento imaculado de que este futuro esta em vocês mesmas, em suas entranhas sagradas, que são a pedra fundamental, o granito firme de onde a Pátria quer solicitar as bases de sua estabilidade e grandeza. (Terceiro Congresso Americano da Criança. Rio de Janeiro, 1924, p. 86).⁷¹

⁷⁰ *Que las distinguidas damas que prestan a la infancia desgraciada, su mas noble y generosa protección, quieran continuar su obra de abnegación y de amor, cooperando al ideal de bien estar y de redención que guía nuestras actividades y nuestras aspiraciones* (MORQUIO, 2º Congreso Americano del Niño, 1919. p.76).

⁷¹ *Pensamos, oh madres que me escucháis, que vosotros sentís un deseo vehemente de colaborar en esta obra de nuestro perfeccionamiento étnico; yo sé que en vuestros hogares se habla con sorpresa cariñosa del renacimiento y del porvenir halagador que este Congreso quiere iniciar; yo seque en vuestras almas, vasos colmados de afecto y desbordándose de ternura, existe el sentimiento inmaculado de que ese porvenir esta en vosotras mismas, en vuestras entrañas sagradas que son la piedra fundamental, el granito firme en donde la Patria quiere solicitar mañana las bases de su estabilidad y de su grandeza* (Terceiro Congresso Americano da Criança. Rio de Janeiro, 1924. p. 86). Observação: A autoria é de um dos delegados oficiais venezuelanos, no entanto o discurso não está assinado, nem faz menção ao nome do autor. Foram delegados oficiais da Venezuela naquele evento os doutores Atílio Narancio, Sebastián B. Rodriguez e Pedro Figari.

A exceção ao acordo tácito de apagamento do papel da *Liga pelos direitos da mulher e da criança* e de Julieta Lanteri na história dos congressos, com o qual me deparei nas fontes, vem da fala do peruano Carlos Enrique Paz Soldán, na Sessão de Abertura do Terceiro Congresso Americano da Criança. Ainda que ele não mencione o nome de Lanteri nem da Liga, é notável que chame atenção ao pioneirismo das mulheres argentinas no campo da luta pelos direitos da infância:

São vocês, e ao dizer vocês me dirijo a todas as mulheres da América, que têm em suas mãos a sorte ulterior e definitiva deste continente de paz. E o Terceiro Congresso Americano da Criança faria trabalho incalculável, despertando este sentido da atividade feminina em forma precisa e esclarecida... Mas o que estou dizendo? Se foram precisamente umas tantas damas argentinas, cheias de gana por esta nobre jornada redentora de berços, as que em sua ânsia continentalista e nacionalista deram vida a este certame. Não creio estar traindo a opinião geral deste III Congresso da Criança deixando publicamente constado este feito; (...) (PAZ SOLDÁN, 3º Congresso Americano da Criança, 1924, p. 81).⁷²

O reconhecimento por parte de um homem, do papel da mulher na criação dos congressos, ainda que raro, abre espaço para que retomemos a parceria de Vidal e Lanteri.

Homens e mulheres trabalharam juntos pela realização dos congressos de 1913 e 1916, é o que indica esta história, ainda que o que conste na documentação seja o registro oficial do nome de Vidal. Este episódio vivifica a noção de que ao estudar a mulher e seu papel na história importa também destituí-la da apatia da vítima ou da dramaticidade da mártir. Cabe entendê-la como sujeito de ação, que encontra, sob inegáveis obstáculos, seu modo de participar das mudanças sociais.

Eu acho que deveríamos nos interessar pela história tanto dos homens quanto das mulheres, e que não deveríamos trabalhar unicamente sobre o sexo oprimido, da mesma forma que um historiador das classes não pode fixar seu olhar unicamente sobre os

⁷² *Sois vosotras, y al decir vosotras me dirijo a todas las mujeres de la América, las que tenéis en vuestras manos la suerte ulterior y definitiva de este continente de paz. Y el III Congreso Americano del Niño haría la labor incalculable despertando este sentido de la actividad femenina en forma precisa y esclarecida... ¿Más que digo? Si fueran precisamente unas cuantas señoras argentinas ganadas a esta noble cruzada redentora de las cunas, las que en su ansia continentalista y nacionalista dieron vida a este certámenes. No creo traicionar la opinión de este III Congreso del Niño dejando públicamente constancia en este hecho;(...)* (PAZ SOLDÁN, 3º Congresso Americano da Criança, 1924. p. 81).

camponeses. Nosso objetivo é entender a importância dos sexos, dos grupos de gêneros no passado histórico. Nosso objetivo é descobrir a amplitude dos papéis sexuais e do simbolismo sexual nas várias sociedades e épocas, achar qual o seu sentido e como funcionavam para manter a ordem social e para mudá-la (DAVIS, 1975, p.90).

As socialistas feministas, representadas por Julieta Lanteri, tendo garantida a realização do *Primero Congreso Nacional del Niño*, organizarão o evento instalando uma secretaria na sala da própria casa de Lanteri⁷³. No entanto, esse aparente amadorismo na organização não aparece refletido nos registros do evento efetuados pela imprensa.

A revista *Caras y Caretas*, “subtitulado” como “semanario festivo, literario, artístico y de actualidades”,⁷⁴ que era a revista de maior circulação em Buenos Aires, dedicou à divulgação do comitê executivo do evento, no dia 10 de outubro de 1913, uma nota que ocupou meia página, ilustrada com fotografias.

Na nota, aparecem a Dra. Julieta Lanteri, como presidente do evento; Dr. N. Sarmiento, vice-presidente; Srta. Raquel Camaña, secretária geral; Eng. A. Restagno, secretário do comitê de exposições; Srta. J. Douberc Routin, tesoureira; Dr. J. V. González, presidente da seção de Cultura e Educação; Dr. E. Cantón, presidente da seção Assistência à mãe e à criança; Dr. F. A. Barroetaveña, presidente da Seção de Direito; Dr. F. P. Suinico, presidente da Seção de Higiene, y Dr. C. R. Etchart, presidente da Seção de Psicologia.

⁷³Fonte: Archivo Histórico de La Escuela Normal de Quilmes. <http://archivo104.blogspot.com.br/2011/12/ciertas-visiones-de-la-infancia-7> Acesso em: 12 de junho de 2012.

⁷⁴ Descrição encontrada na página de apresentação da revista na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional de España. <http://hemerotecadigital.bne.es> Acesso: 14 de junho de 2012.



FIGURA 7 – NOTA SOBRE O PRIMEIRO CONGRESSO NACIONAL DEL NIÑO, PUBLICADA EM 10 DE OUTUBRO DE 1913 NO SEMANÁRIO CARAS Y CARETAS, OCTUBRE II 1913, AÑO XVI. NUIVL. 784, p. 52. FONTE: HEMEROTECA DIGITAL DA BIBLIOTECA NACIONAL DE ESPAÑA.

Seguramente, havia no grupo das feministas, mulheres profissionais capacitadas a assumirem a coordenação de algumas dessas seções, no entanto, ao que parece, mais uma vez as mulheres à frente do evento preferirão, ou terão que, prestigiar os colegas homens como forma estratégica de assegurar uma maior visibilidade, repercussão e adesões ao congresso. Essas formas sub-reptícias de estar completamente imiscuídas nas discussões políticas sobre a mulher e a criança, encontradas pelas feministas socialistas argentinas, nesses primeiros fóruns na Argentina, reforçam o desdobramento de uma das questões derivadas da hipótese desta tese, no sentido de que o tema da infância possui uma força capaz de aglutinar diferentes vertentes políticas em torno de objetivos comuns, mobilizando grupos que disputam, mas que também cedem espaço pela viabilização política das reivindicações, estrategicamente.

Para ampliar a discussão sobre as táticas furtivas de afirmação política, sobre os espaços cedidos e ganhos, sobre o uso por parte dos sindicatos, associações e outras organizações dos recursos propagandísticos aos moldes propostos pelo Estado, trago um pequeno achado, que jazia perdido entre várias moedas e medalhas numa loja de numismática em Rosário-Argentina e que hoje tenho a sorte de trazer comigo em um cordão de prata: um exemplar

da medalha comemorativa produzida para marcar a realização do *Primer Congreso Nacional del Niño*:



FIGURA 8 – ANVERSO E REVERSO DO MEDALHÃO COMEMORATIVO DO PRIMEIRO CONGRESSO NACIONAL DEL NINÕ, ARGENTINA 1913. FONTE: A AUTORA.

A prática de emitir moedas e medalhas comemorativas não é uma invenção moderna, mas uma adaptação desse costume antiquíssimo passará a ser recorrente como recurso de visibilização e ritualização de determinados eventos e datas dentro da lógica de produção em massa de tradições (HOBBSAWM, 1997, p.289). Esse tipo de artefato possui, enquanto documento histórico, potencial para revelar muitos dos aspectos da vida social e simbólica de uma sociedade, sendo que essa miríade de possibilidades se estende ao terreno das investigações das ideias políticas e da propaganda estatal.

O medalhão comemorativo criado para o *Congreso del Niño* indica que esse evento não teve uma importância pequena dentro da agenda cívica, política e social daquele momento histórico. Embora sobre este medalhão em específico faltem dados sobre a cunhagem, as medalhas de eventos dessa natureza são em sua maioria cunhadas pelas Casas da Moeda⁷⁵ dos países

⁷⁵Foi possível obter dados da cunhagem oficial na Casa da Moeda das medalhas do Segundo e do Terceiro *Congreso del Niño* através de relatórios das reuniões de organização, no caso do Terceiro Congresso Americano da Criança e Primeiro Congresso Brasileiro de Proteção à

que sediam os congressos, recebendo o cuidado destinado às moedas e selos comemorativos. Entretanto, a leitura dos elementos dessa fonte suscita mais do que a ratificação, bastante básica, do lugar ocupado pelo congresso.

No anverso da medalha há a imagem, numa estética art-nouveau, de uma mulher em vestes diáfanas como as de uma imagem clássica grega; ela olha para uma criança, um menino e o conduz pela mão esquerda em uma subida íngreme e pedregosa. Sobre a imagem a inscrição *Lucem Puero Viamque Date* – “Dê luz e caminho aos pequenos”. No reverso as informações “Primer Congreso Nacional Del Niño – Liga para los Derechos de La Mujer y El Niño – 12 Octubre 1913 República Argentina”.

Não é complexa a metáfora da mulher conduzindo o menino em sua trajetória inicial pela vida, trajetória que poderia ser especialmente difícil para as crianças órfãs ou mesmo filhas de operárias, agricultoras e pequenas artesãs das nações do mundo naquele início de século vinte. A mulher à frente dessa condução é também um truísmo, posto que seu papel de protetora maternal, de tutora carinhosa é amplamente espraído e difundido, quase como se a maternidade e a boa condução das crianças fossem essência da “natureza do feminino”. Nos textos dos *Congresos Americanos de Niño* esta ideia aparecerá em inúmeros discursos. Ideia que na medalha se completa com a frase em latim.

É exatamente na frase que se abrem possibilidades de inclusão de mais elementos, complementados pelas informações do reverso. “Dar uma luz e um caminho aos pequenos” não se restringe ao auxílio às crianças, mas abrange também o auxílio e proteção à mulher e seus direitos. E podemos arriscar pensar, – considerando a matriz política socialista da *Liga para los Derechos de La Mujer y el Niño*, fortemente engajada às questões dos trabalhadores – que entre esses pequenos estejam também a grande massa da população empobrecida, sejam homens, mulheres ou crianças, apequenados pelas poucas possibilidades de igualdade política e de bem estar social.

Nas palavras de Carolina Muzilli, proferidas em uma de suas palestras no congresso “se extrema a exploração do pobre, o martírio da mulher e a

Infância (6º boletim, 1924, p.91) e de consulta a um especialista em uma feira de numismática na cidade de Montevideu, UR, no caso do Segundo Congresso.

primeira força da criança”.⁷⁶ Pobres, mulheres e crianças equiparados pela desqualificação social e exclusão de direitos.

Os conteúdos das palestras e discussões desenvolvidos no congresso são, em grande parte, vinculados às demandas das mulheres e crianças trabalhadoras submetidas a uma crescente pauperização e a condições de trabalho insalubres; além de palestras sobre a assistência à mãe, a criança abandonada, a valorização do salário dos professores, a laicização da escola, o analfabetismo, a educação de crianças retardadas, a ginástica e higiene na escola, entre outros.

Os discursos proferidos por membros do Partido Socialista foram publicados no órgão de comunicação do partido, o jornal *La Vanguarda*, de significativa circulação no país. Nesses discursos a crítica clara ao capitalismo crescente, à exploração do trabalho “dos pequenos” e à convivência do estado com esse esquema que em parte trazia o progresso econômico e o prestígio desfrutado internacionalmente pela Argentina no período. Diz Carolina Muzilli em sua conferência sobre “El menor obrero”:

O avanço da tecnologia e a facilidade de manuseio das máquinas, que requerem menor uso de força muscular, fazem com que as mulheres e as crianças substituam os homens das fábricas e oficinas (...) longe de beneficiar moralmente à sociedade, este estado de coisas a proclama profundamente imoral. (...) Imoral é, em uma palavra a riqueza adquirida sacrificando o que constitui o futuro de uma nação (Muzzili, 1º Congreso Americano del Niño, in *La Vanguardia*, 13 de julho de 1916, p.2).⁷⁷

Convivendo com esse e outros discursos indignados e com os debates de socialistas e anarquistas pontuados por denúncias ao sistema excludente, à falta de amparo legal às mulheres e crianças, à carência de escola e materiais, estarão autoridades convidadas a ciceronearem os congressistas de outras cidades por Tucumã, inaugurando exposições, conhecendo Bibliotecas Infantis, assistindo a encenações teatrais de escolares, num protocolo clássico do modo

⁷⁶ “*se extrema la explotación del pobre, el martirio de la mujer y la primera fuerza del niño*” (MUZILLI, “El menor obrero”. 1913, Congreso Nacional Del Niño, Tucumã, Argentina. In MUZILLI, Carolina. **La salud de la Raza**. Buenos Aires: Virtus, 1919).

⁷⁷ *El adelanto de la técnica y el fácil manejo de las máquinas que requieren un menor empleo de fuerza muscular, hacen que las mujeres y los niños vayan desalojando a los hombres de las fábricas y talleres (...) lejos de beneficiar moralmente este estado de cosas a la sociedad la proclama profundamente inmoral. (...) Inmoral es, en una palabra la riqueza adquirida sacrificando lo que constituye el porvenir de una nación* (MUZZILI, 1º Congreso Americano del Niño, in *La Vanguardia*, 13 de julio de 1916, p.2) .

de se fazer um grande congresso naquela época, como se vê nas fotografias publicadas em edição da Revista Caras y Caretas⁷⁸, que diferentemente do jornal La Vanguardia, opta por divulgar o encontro como um evento social elegante, com seus festejos, homenagens, passeios.



FIGURA 9 – CENAS DA AGENDA CULTURAL E COMEMORATIVA DO CONGRESSO NACIONAL DEL NIÑO, 1913, ARGENTINA. FONTE: REVISTA CARAS Y CARETAS, Nº 785, 18 DE OUTUBRO DE 1913, p. 48. HEMEROTECA DIGITAL DA BIBLIOTECA NACIONAL DE ESPAÑA.

Na primeira foto, Julieta Lanteri acompanhada pela comitiva do ministro Ibarra na inauguração de uma exposição. Na segunda foto, o vice-presidente da república e o Ministro da Instrução visitam uma instalação da biblioteca infantil de Belgrano. Na primeira foto da segunda linha, autoridades assistem apresentação de um grupo escoteiro. Na última foto autoridades apreciam a exposição preparada por participantes de Rosário.

Esse amálgama de vitrine e protesto, de convivência de vertentes políticas díspares, de disputas de gênero e concessões em torno da criança

⁷⁸ Semanário Caras y Caretas, nº 785. Buenos Aires, 18 de outubro de 1913, p. 48.

americana – seu presente e seu futuro – estará impresso em muitos aspectos dos primeiros *Congresos Americanos del Niño*.

O encontro de Tucumã marca assim um começo para o debate internacional especializado e multidisciplinar sobre as questões da infância na América. A estrutura organizacional desse encontro será base dos encontros futuros, como veremos adiante, e a própria imagem escolhida simbolicamente para representar esse Congresso Nacional será replicada como símbolo também do *Primer Congreso Americano del Niño*:



FIGURA 10 – ANVERSO E REVERSO DO MEDALHÃO COMEMORATIVO DO *PRIMER CONGRESO AMERICANO DEL NIÑO*, ARGENTINA 1916. FONTE: NUMISMÁTICA KANDAHAR. QUILMES. ARGENTINA.

A medalha, feita em bronze, reproduz a imagem e a frase em latim da medalha de 1913: *Dê luz e caminho aos pequenos*, mas seu reverso não traz mais a menção à *Liga para los Derechos de La Mujer y del Niño*, exibindo nome, data e local do evento.

A análise das duas medalhas argentinas me levou à busca da existência de medalhas similares, marcando o congresso de 1919 em Montevideu e o congresso de 1922, no Rio de Janeiro. Encontrei ambas, sendo que apenas a do congresso realizado no Brasil não pude ver pessoalmente. As medalhas manterão traços gerais da produzida em 1913, trazendo imagens femininas e referências clássicas, mas as mudanças, ainda que pequenas, são sensíveis.



FIGURA 11 – ANVERSO E REVERSO DO MEDALHÃO COMEMORATIVO DO *SEGUNDO CONGRESO AMERICANO DEL NIÑO*, MONTEVIDÉU. 1919. FONTE: *MEDALLAS URUGUAY*. MONTEVIDÉU. URUGUAI.

A medalha cunhada em bronze para o *Segundo Congreso Americano del Niño* foi criada pelo escultor Luiz Cantu, um artista bastante conhecido e premiado no Uruguai do início do século, principalmente por ser autor de monumentos a personagens históricos do país, como dos bustos de Florencio Sanchez⁷⁹ e Artigas⁸⁰.

Esta medalha, retangular, também traz em seu anverso a imagem feminina, porém, se a compararmos com as medalhas argentinas analisadas, perceberemos que a postura da mulher é outra: ela não está em pé, conduzindo uma criança numa paisagem externa, está sentada, num lugar que não traz referência alguma ao mundo externo (seria uma casa?) cercada por duas crianças que se apoiam em suas pernas – o que também a mantém

⁷⁹ Florencio Sánchez (Montevideu, 17 de janeiro de 1875 - Milão, Itália, 7 de novembro de 1910) foi dramaturgo e jornalista uruguaio, cuja produção e herança artística se desenvolvem nas duas margens do Rio da Prata. É considerado uma das figuras principais do teatro rio-platense.

⁸⁰ José Gervasio Artigas (Montevideu, 19 de Junho de 1764 - Ibiray, 23 de Setembro de 1850) foi um político e militar uruguaio e é o maior herói nacional do Uruguai, chamado em seu país “el padre de la Nacionalidad Oriental”.

sentada – enquanto uma terceira está em seu colo e lhe puxa a parte superior do vestido para baixo, como se pedisse para ser amamentada. A mulher da imagem é uma mãe que olha para o bebê que lhe exige o peito, ela certamente deu “a luz”, mas não necessariamente deu “caminho aos pequenos” como a guia das imagens das medalhas argentinas.

Ao ler as fontes do segundo congresso, as quais irei debater nos capítulos que se seguem, pude entender a centralidade do chamado à amamentação e ao papel materno que está presente em quase todos os trabalhos do evento, principalmente nas sessões de *Medicina* e de *Higiene e Assistência*, isso justificaria a imagem simbólica cunhada no medalhão ser a dessa nutriz, dessa mãe receptiva e terna.

No entanto, indo um pouco mais fundo nas camadas simbólicas dessa medalha, podemos pensar no quão importante é a substituição da imagem de uma mulher em pé, em movimento, em ação e à frente, mostrando o caminho, por outra sentada, cercada por crianças e com seu olhar e atenção exclusivamente voltado ao bebê em seu colo. Estabeleço um paralelo entre o tensionamento das duas imagens e as Alegorias da República analisadas por José Murilo de Carvalho em seu livro “A formação das Almas” (1990), em especial pensando na similitude entre a imagem de Cantu, usada na medalha do congresso em Montevideu e a imagem “A República” de Honoré Daumier, na qual também há uma mulher sentada, três crianças e a amamentação – não insinuada, mas clara e central na imagem.



FIGURA 12 – “A REPÚBLICA”, HONORÉ DAUMIER (1848). ÓLEO SOBRE TELA. FONTE: WAHOOART.COM⁸¹

Segundo José Murilo de Carvalho (1990, p.76), a imagem pintada por Daumier vem a lume no momento em que se proclama a “Segunda República” na França e representa uma nova visão sobre o uso da figura feminina como alegoria da República. O que ela sintetiza é uma república “maternal, protetora, segura e sólida” marcando a cisão que se aprofundará entre uma república burguesa que busca se fortalecer e uma república socialista representada pela mais marcante imagem simbólica da Revolução Francesa: a de “Marianne”, a mulher que aparece como figura central no quadro de Eugène Delacroix intitulado “A Liberdade Guiando o Povo” (1830). Marianne, nome popular na França, é a representação da liberdade e da República, com sua atitude de liderança e seus seios nus no cenário de caos e destruição. Ela está “dando o caminho”.

⁸¹ <http://pt.wahooart.com/a55a04/w.nsf/opra/brue-7z4qwy> Acesso em: 12 de agosto de 2013.



FIGURA 13 – "A LIBERDADE GUIA O POVO", EUGÈNE DELACROIX (1830). ÓLEO SOBRE TELA. MUSEU DO LOUVRE, PARIS.

FONTE: WIKIPEDIA, LIBERDADE GUIANDO O POVO.⁸²

Suavizar Marianne, revestindo-a de sentimentos maternos, destituindo-a de qualquer traço de agressividade foi um caminho tomado para a distinção entre as ideias de república burguesa ou socialista.

Já se distinguem uma República burguesa e uma República socialista. Embora mantendo a figura feminina a distinção começa a se fazer seja pela maneira de representar a mulher (sentada, em pé, maternal ou combativa, cabelos penteados ou revoltos, seios cobertos ou nus), seja pelos atributos que a rodeiam (CARVALHO, 1990, p.78).

Ao analisar os expedientes simbólicos adotados para a representação e constituição do ideário da república no Brasil, José Murilo de Carvalho menciona as resistências encontradas ao se estabelecer uma imagem simbólica que trouxesse uma mulher em atitude de liderança e força como a representada por Marianne. A representação alegórica feminina da república

⁸² http://pt.wikipedia.org/wiki/a_liberdade_guiando_o_povo. Acesso em: 13 de agosto de 2013.

melhor aceita no Brasil, segundo o autor, se deu pelo viés da suavidade e da maternidade. A república era apresentada por uma mulher sentada, maternal e bem menos combativa.

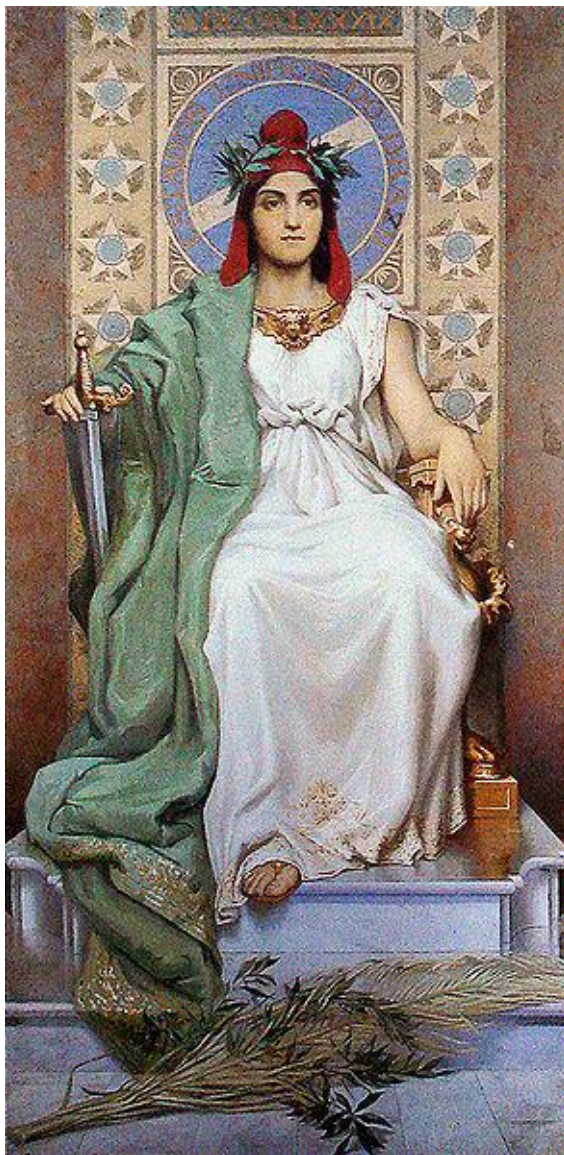


FIGURA 14 – ALEGORIA DA REPÚBLICA. MANUEL LOPES RODRIGUES (1896), ÓLEO SOBRE TELA, SALVADOR. FONTE: MUSEU DE ARTE DA BAHIA.⁸³

Guardadas as proporções, creio que o embate simbólico, a luta de representação subjacente à escolha das imagens do primeiro e segundo congresso é também uma expressão da cisão entre um foro de debates que se constituiu socialista e uma nova direção, mais moderada e burguesa, para as

⁸³Disponível em: http://www.dezenovevinte.net/bios/bio_mlr_files/mlr_1896_republica.jpg. Acesso 13 de agosto de 2013.

edições seguintes dos *congresos del niño*. Marca também a luta pelo apagamento do papel de liderança da mulher frente aos congressos e às políticas de proteção à infância e à mulher na América, refletindo o empenho por obscurecer as ações das feministas socialistas argentinas e por “recolocar” a mulher em seu apregoadado papel de mãe suave e delicada.

Em relação ao Terceiro Congresso Americano da Criança, (Rio de Janeiro, 1922), considerando que foi realizado em paralelo com o *Primeiro Congresso Brasileiro de Proteção à Infância* e com ele dividiu grande parte dos trâmites administrativos, podemos inferir que, tal qual o evento nacional, teve sua medalha “cunhada graciosamente na Casa da Moeda”⁸⁴ por determinação do Ministro da Fazenda, Homero Batista.



FIGURA 15 – ANVERSO DO MEDALHÃO COMEMORATIVO DO TERCEIRO CONGRESSO AMERICANO DA CRIANÇA. RIO DE JANEIRO. 1922. FONTE: RIOPOSTAL - ANTIGUIDADES E COLECIONISMO. RIO DE JANEIRO. BRASIL.

Nesta medalha observamos uma mudança bastante significativa: ao centro e à frente, a criança. Por trás dela a mulher, quase uma sombra (ou um anjo) em relevo menos aparente, agora vestida e penteada como uma dama do

⁸⁴ MONCORVO Filho, em Acta da 4ª Reunião da Comissão Executiva, realizada em 29 de março de 1920. Primeiro Congresso Brasileiro de Proteção à Infância, 6º Boletim. Rio de Janeiro, 1921-1922.

início do século, que com olhos baixos vela pelo pequeno. A criança ergue os braços num gesto ambíguo: parece pedir colo, mas as mãos cerradas insinuem, na minha leitura, uma comemoração de triunfo. A ambiguidade dessa infância que é vitória e fragilidade e aparecerá na frase em latim: *Per pueros ad humanita em* – “Pela criança, para a humanidade”, ou seja, façamos agora pela criança e ela garantirá o porvir.

A mulher aí representada aprofunda as transformações em curso desde a iconografia do segundo congresso e assume a face da mulher que se desmaterializa, que perde aos poucos até mesmo seu corpo, para se tornar pouco mais que um espírito. Agora o que se insinua é a mulher no papel volátil de protetora espiritual, piedosa e mística; papel, segundo Jean Lebrun, muito difundido desde o século XIX e que corroborou para o reforço da investida por restringir a atuação da mulher às esferas menos públicas e políticas da cidade:

O papel espiritual das mulheres exercia-se através da piedade e da mística: assim Teresa de Lisieux preconiza o “caminho pequeno”, o caminho da infância que se pretendia acessível a todos, daí a popularidade desta santa. Deve-se também contar com o espiritismo, muito difundido no sec. XIX, e cujas médiuns eram mulheres. Assim se esboçava uma divisão, cheia de perigos, entre a cidade terrestre, gerida pelos homens e a cidade espiritual, nas mãos das mulheres. Este era um argumento suplementar para lhes interditar a primeira (LEBRUN apud PERROT, 1998, p.111).⁸⁵

Esta leitura se completa com a análise da medalha do Primeiro Congresso Brasileiro de Proteção à Infância, encontro que ocorreu concomitante ao Congresso Americano da Criança de 1922:

⁸⁵ Sobre o caminho pequeno diz Teresa de Lisieux “sou muito pequena para escalar a íngreme escada da perfeição. [...] Teus braços, então, Ó Jesus, são o elevador que deverão elevar-me até o céu. Para chegar lá, não preciso crescer; ao contrário, preciso permanecer pequena, preciso me tornar ainda menos” (Santa Teresinha, 2012: p.110).



FIGURA 16 – ANVERSO DO MEDALHÃO COMEMORATIVO DO PRIMEIRO CONGRESSO DE PROTEÇÃO À INFÂNCIA. RIO DE JANEIRO, 1922. FONTE: MILITARIA ARTIGOS MILITARES E COLECIONISMO. RIO DE JANEIRO – BRASIL.

Aqui a explícita substituição: não há uma guia real, tampouco uma nutriz, não há uma mulher humana, enfim; nesta representação a mulher assumirá um dos papéis mais difundidos no imaginário ocidental desde o século XVIII, ela é um anjo, cobrindo as crianças com seu manto de virtudes. O Anjo do Lar que tantas tradições feministas se esforçarão por matar.⁸⁶

⁸⁶Para aprofundar a compreensão sobre a força desta representação e seu apelo sobre a atuação social da mulher ver o interessante artigo “Profissões para mulheres” no qual Virginia Wolf narra a luta interna travada ao se tornar escritora, intento realizado apenas após a morte simbólica deste anjo do lar e de tudo que ele sussurrava sobre o que deveria ser e como deveria agir uma mulher (Wolf, 2013, p.11-14).

Voltemos, então, à medalha que iniciou este transcurso de leituras de imagens; a primeira delas, em prata, distribuída no *Congreso Nacional del Niño* de 1913, para que eu possa reafirmar: Com essa medalha e com esse evento uma tradição americana foi inventada.



1.2 CONGRESOS AMERICANOS DEL NIÑO , SUAS ESTRUTURAS

Tenhamos porem fé no futuro desta grande terra.

Irmãos latino-americanos!

Certa vez ilustre tribuno brasileiro lembrou que Deodoro da Sicília contara que em uma das praças de Cartago havia um bronze vultoso, terrífico, braços estendidos para o solo, mãos espalmadas, apontadas para um abismo onde sem cessar crepitavam as rubras labaredas de um fogo inextinguível: - era a estátua de Khronos, a divindade cruenta. Para aplacar-lhe a cólera em que sempre ardia, as populações apavoradas iam em romaria levar-lhes bandos de crianças, que postas uma a uma em seus braços inexoráveis rolavam para todo sempre para o fatídico abismo incandescente...

Longe de imitar o exemplo deste terrível deus púnico, cumpre-nos o contrário, tomar as criancinhas, aconchegando-as aos nossos peitos, com amor e carícia beijando-as, arrancando-as da perdição, da doença e da morte, para bem da pátria e da família Americana, hoje uma só em todo continente pelos elos que, agora mais que nunca a todos também nos unem.

Salve América! Salve Brasil!

(Moncorvo Filho, em discurso no *Terceiro Congresso Americano da Criança*, Rio de Janeiro, 1922)

Passamos, pois, ao eixo estrutural sobre o qual se organizaram esses encontros, construções sociais cujas expectativas, ainda que em certa medida românticas e grandiloquentes quando expressas nas falas solenes de abertura, moviam e faziam circular um arcabouço de conhecimentos acerca da infância, uma rede de multiplicidade de interesses, disputas e representações.

Como foi dito, no *Congreso Nacional del Niño*, em 1913, em Tucumã, Argentina, se instituiu a comissão que em 1915 definiria as bases da organização do *Primer Congreso Americano del Niño*, realizado em 1916 em Buenos Aires.⁸⁷

Esse congresso se dará em uma América que, entre estupefata e ansiosa por oportunidades de afirmação, assiste ao auge da 1ª Guerra Mundial, que há dois anos deixa de ser uma fantasia de futuristas e passa a assumir a sua condição catastrófica. “Situação política, passional existencial a guerra é um acontecimento em instância que “desmultiplica” os sentimentos ao mesmo

⁸⁷“*Primer Congreso Americano de Niño que se celebra en Buenos Aires el 8 de julio de 1916, en Conmemoración del 1º Centenario de la Independencia Argentina, por resolución tomada en la sesión plenaria de clausura del Primer Congreso Nacional del Niño el 19 de octubre de 1913 y en la asamblea extraordinaria de adherentes del 30 de octubre de 1915*” (Primer Congreso Americano de Niño, 1916, capa).

tempo que obriga os seres humanos a se tornarem diferentes daquilo que queriam ou imaginavam ser” (FARGE, 2011, p.47).

Alterando profundamente a economia, a política e a diplomacia internacional, com a Primeira Guerra Mundial não mudam apenas as regras, “amplia-se o tabuleiro”, como bem o diz Hobsbawm (1988, p.434) e para a América, em alguns aspectos, a Guerra pareceu trazer a oportunidade de participar do jogo mundial das relações internacionais e de afirmar sua maioria política e intelectual em diversas áreas, inclusive no que concerne às discussões sobre a infância.

A guerra e a crise europeia estarão presentes no corpo dos textos de diferentes trabalhos apresentados nesses eventos⁸⁸ e serão mencionadas em várias introduções de discursos dos participantes dos congressos americanos da criança; a tônica dessas menções é a de um pesar com toques de uma triunfante censura à Europa “donde o sangue de seus melhores filhos corre como água e a obsessão pela luta faz esquecer toda visão de futuro”.⁸⁹

É como se a América, representada por esses homens e mulheres nos congressos, estivesse, numa analogia com a psicanálise, finalmente vivendo a completude do “complexo de Édipo”, com seus sentimentos contraditórios de amor e hostilidade à velha Europa, a quem inveja e de quem quer imensamente se libertar. Esse desejo americano de se potencializar mundialmente fica nítido em textos como o de abertura dos trabalhos do *Segundo Congreso del Niño*, realizado em 1919 em Montevideu:

Europa, berço das ciências, fonte de todo progresso, vê seu esforço bruscamente interrompido com a guerra e a América, já preparada para intervir com eficácia e capital próprio nas lides do saber, acolheu calorosamente entre outras coisas a ideia de celebrar os Congresos del Niño.⁹⁰

Se a guerra reaviva ainda mais o já emergente desejo de liberação da hegemonia e tutela científica-cultural das Américas em relação à Europa, ela,

⁸⁸ Em especial, nos textos da Comitativa Norte- Americana presente no segundo Congresso Americano del Niño, como veremos no capítulo dois desta tese.

⁸⁹ *Segundo Congreso Americano del Niño*, 1919, Antecedentes y organización. p.65

⁹⁰ *Europa, la cuna de las ciencias, fuente de todo progreso, vio su labor bruscamente interrumpida con la guerra y América, ya preparada para intervenir con eficacia y capital propio en las justas del saber, recogió calurosamente, entre otras muchas, la idea de la celebración de los Congresos del Niño (...)* (**Segundo Congreso Americano del Niño**. Antecedentes y organización. Montevideo, 1919, p. 13).

entretanto, não inaugura o movimento de intercâmbio de ideias e da ciência no continente americano, que já vinha em um contínuo desde as últimas décadas do século XIX e que se vincula claramente ao processo mundial de expansão da especialização científica e internacionalização de debates, tributários lógicos dos processos inerentes ao capitalismo:

O período entre 1880 e 1930 esteve marcado pelo forte incremento das interações no âmbito científico, tecnológico, intelectual – também produtivo, econômico, demográfico com as imigrações – manifestado através da organização de congressos e publicação de revistas; da circulação de ideias e pessoas; da criação de entidades e sociedades científicas, de caráter nacional e internacional. (...) Os inúmeros empreendimentos imperiais que transitam no interior dos circuitos internacionais de produção intelectual e científica sob a hegemonia de alguns países europeus e de forma crescente dos Estados Unidos, não determinaram necessariamente os únicos horizontes nos quais as interações científicas e políticas da latino-américa ocorreriam. A realização de foros procurando congrega os diferentes países do continente Americano para discutir inúmeras temáticas vinculadas ao campo científico, intelectual, diplomático, ocorria desde princípios do século XIX (NUNES, 2011, p.25).

Os debates em torno da temática da infância nas Américas também não se inauguram com os *Congresos Americanos del Niño*, posto que este tema foi centro de muitos encontros de caráter científico, que no entanto, possuíam como característica dedicarem-se a um aspecto específico da infância, como por exemplo em congressos exclusivamente pedagógicos ou congressos nas áreas da medicina e higiene, proteção e assistência.

A especificidade dos *Congresos Americanos del Niño* reside, entre outras coisas, na abordagem da infância como eixo em torno do qual se agregarão diferentes especialistas e personalidades políticas, que discutirão a criança na perspectiva da educação, saúde, cuidado, assistência e legislação num mesmo encontro. Este diferencial imprimirá uma marca digna de nota, pois possibilitará o trânsito e a inter-relação de profissionais de diferentes áreas de atuação e diferentes países num foro internacional de discussões sobre a criança, que intentará aproximar os países americanos para que se construa uma abordagem própria em torno do tema infância. Diz Morquio:

Diz-se e se repete com justíssima razão que entre os países americanos não existe uma compenetração suficiente, que o

intercâmbio é tão reduzido que se dá o raro fenômeno, que enquanto conhecemos até os menores detalhes da obra dos homens de ciências e instituições de além-mar, desconhecemos quase em absoluto o trabalho de nossos vizinhos e irmãos. (MORQUIO, 1919, p.14).⁹¹

A abrangência de temas, a quantidade de participantes e a estrutura necessária para sustentar simbólica e materialmente um evento com a ambição de “tratar de todas as questões que se referem à criança desde o ponto de vista médico, social, pedagógico, higiênico, etc.”,⁹² exigiram uma organização e estrutura composta de elementos práticos, ligados à logística do evento e também elementos de natureza política, publicitária e diplomática. Assim, assumir o compromisso de receber esse congresso em sua cidade implicava em muita publicidade ao país sede, por certo, mas também em bastante trabalho e necessidade de apoio financeiro e institucional, que ao menos a partir do Segundo Congreso, em Montevideu, derivava em grande parte do governo federal do país sede.

Como vimos, o *Primeir Congreso Americano del Niño*, em julho de 1916 na Argentina, foi organizado sob as diretrizes da *Liga para los Derechos de la Mujer y del Niño*, e como relata Carolina Muzilli⁹³ manteve-se relativamente independente da chancela oficial do governo argentino, embora contasse com seu apoio.

As fontes que pude examinar evidenciam a independência temática e interna do evento, mas mencionam o apoio logístico do Estado e de indústrias e patronos patrocinadores dos festejos do 1º Centenário da Independência Argentina, pois o congresso compunha a agenda de eventos científico culturais desse jubileu.

⁹¹ *Se dice y se repite con justísima razón, que entre los países americanos no existe una compenetración bastante, que el intercambio es tan reducido que se da el raro fenómeno, que en tanto que conocemos hasta en sus menores detalles la obra de los hombres de ciencia y instituciones de allende los mares, desconocemos casi en absoluto la labor de nuestros vecinos y hermanos* (MORQUIO, 2º Congreso Americano del Niño, 1919, p.14).

⁹² **Terceiro Congresso Americano da Criança**. Organização e Conclusões, Regulamento. Rio de Janeiro, Brasil, 1922. p. 3.

⁹³ “Obra popular, porque é um expoente de um grupo de pessoas que se ocupam com a elevação do nível de vida das mulheres, das crianças e das classes humildes, desligada da tutela do governo, conseguimos estender sua ação e obter a representação de quinze repúblicas americanas. (...)” (Carolina Muzilli sobre o *1º Congreso Americano del Niño*, em artigo à revista **Nosotros**: Revista mensual de letras, Ano X Tomo XXIII, Buenos Aires, 1916, p.64).

Mais uma vez nos depararemos com as implicações do momento histórico e político da Argentina no período do Centenário da Independência diante da realização desse primeiro congresso intercontinental sobre a criança americana.

A ambiência de apoio parcial do governo de Saenz Pena à participação do Partido Socialista em certas esferas das manifestações e participação política (ROCK, 2013, p. 569) possibilitou que um congresso organizado por mulheres socialistas, e com uma pauta altamente embebida nos princípios de luta pelos direitos da mulher e da criança, de melhoria das condições de vida dos trabalhadores e pela regulamentação severa do trabalho infantil, fosse patrocinado por um governo bastante conservador do ponto de vista da economia e por indústrias que se mantinham prósperas também por empregarem crianças, principalmente meninas, como podemos ver nas fotos da Edição Comemorativa do Centenário do Jornal argentino *La Nación*,⁹⁴ dedicada entre outras coisas a homenagear os patrocinadores do jubileu:



FIGURA 17 – PESSOAL FEMININO DA COMPANHIA FOSFOREIRA ARGENTINA. FOTOGRAFIA PUBLICADA NO JORNAL LA NACION, 9 DE JULHO DE 1916, *NÚMERO ESPECIAL EN EL CENTENÁRIO DE LA PROCLAMACION DE LA INDEPENDENCIA ARGENTINA*.

⁹⁴ *La Nación*, 9 de Julio 1916, Buenos Aires.

apresentar dados sobre o número de crianças empregadas em diferentes funções no país, questiona:

As crianças, que se veem obrigadas a suportar com estoicismo toda uma vida de amarguras, adultos sem haver vivido a infância, velhos, por toda uma eternidade de sofrimentos, sem ter deixado seu invólucro exterior de crianças. Pode-se imaginar algo mais horrível que uma infância envelhecida – paradoxo real – que sabe de todas as dores dos homens, sem saber uma, sequer uma apenas, de suas alegrias? ⁹⁵

Claro está que para Carolina, trabalho e dores seriam atributos da idade adulta. A criança não deveria estar submetida a essa ordem de exigências, a infância que ela aqui concebe é momento no qual deveriam ser poupadas e protegidas. Paradoxos como este nos colocam diante da ideia de que “uma das tarefas da história consiste em medir a distância, ou as relações entre a formalidade das práticas e a das representações; por aí se pode analisar, com as tensões que trabalham uma sociedade na sua espessura, a natureza e as formas de sua mobilidade” (CERTAU, 2008, p.162).

A partir do segundo congresso a oficialidade da participação dos governos dos países sede passa a ser patente, estando os eventos em parte sob a responsabilidade do Ministério das Relações Exteriores, aos quais caberá “convidar os diversos governos americanos a fazerem-se representar”.

A relação, entre os membros dos comitês executivos dos congressos e o Estado, será então um fator relevante no jogo de relações interdependentes que se estabelecerá na organização e execução dos eventos.

Foram presidentes dos congressos em estudo, à frente das comissões executivas, a médica pediatra Julieta Lanteri, na Argentina em 1916; o médico pediatra Luiz Morquio, no Uruguai em 1919 e o médico pediatra Olinto de Oliveira, no Brasil em 1922. O fato de todos os presidentes serem pediatras logicamente não é acidental e relaciona-se com a preponderância da área médica nas searas pioneiras da infância como objeto de estudo, pesquisa e ação, tema que será aprofundado no segundo capítulo desta tese.

⁹⁵ *Los niños que se ven obligados a soportar, con estoicismo, toda una vida de amarguras, adultos sin haber vivido la infancia, viejos, por toda una eternidad de sufrimientos, sin haber dejado su envoltura exterior de niños. ¿Puede imaginarse algo más horrible que una infancia envejecida – paradoja real – que sabe de todos los dolores de los hombres, sin saber una, tan siquiera una sola, de sus alegrías?* (MUZILLI, Carolina, 1º Congreso Americano del Niño, Buenos Aires 1916, in **La Vanguardia**, Buenos Aires, 16 de julio de 1916, p.1).

Os presidentes além de médicos mantinham forte atuação política e vinculação aos grupos mobilizados em torno da proteção e assistência à infância.

O brasileiro Olinto de Oliveira talvez seja o médico historicamente menos pesquisado e portanto, menos conhecido dentre os três presidentes entre 1916 e 1922. Esse menor destaque talvez se deva ao fato de Olinto compor o grupo de Moncorvo Filho, médico que será o grande nome da pediatria, puericultura e políticas da infância no Brasil do início do Século XX, ficando Olinto de Oliveira um pouco à sombra nesse contexto. No entanto, alguns elementos da trajetória deste médico e uma grave incorreção histórica nos registros do Terceiro Congresso Americano da Criança, erro que pode ter obscurecido a história da sua participação na presidência do evento, são dignos de um aparte, que se segue.

1.2.1 Uma questão instrumental: quando as fontes podem trair

Durante o período inicial desta pesquisa, localizei na Biblioteca do Instituto Interamericano del Niño, em Montevideu, uma pequena coleção de brochuras que prometiam algo digno de animar a qualquer pesquisador: uma revisão feita em 1954 em Washington, pelo departamento Jurídico da União Pan-americana (futura OEA) sobre os mais importantes Congressos e Conferências pan-americanos. A coleção trazia em seu fascículo 64 a “Organização e Conclusões” do Terceiro Congresso Americano da Criança, documento que eu havia acessado no Brasil em versão brasileira publicada em 1924 no Rio de Janeiro.

Apesar de apresentar basicamente o mesmo conteúdo da versão brasileira o atrativo desse novo documento estava em uma nota de rodapé na página 3, que dizia: “Convém advertir que existe uma versão em português deste regulamento que sofre de vários erros tipográficos (...). A versão castelhana da presente publicação está corrigida”. Isto posto, passei a usar a versão de 1954 como referência, apoiada na crença na nota de rodapé e no selo da União Pan-americana que pareciam lhe conferir maior estofo.

A versão de Washington, dentre as muitas correções, optou por colocar o prenome do Presidente do Congresso, que na versão brasileira é registrado como Olinto de Oliveira, e que passa, na versão de 1954, a ser referido como “Plínio Olinto de Oliveira, ex-Professor de Clínica Pediátrica e antigo diretor da Faculdade de Medicina de Porto Alegre”.

Desde então passei a me referir ao presidente como Plínio Olinto de Oliveira, no entanto, no contato mais estreito com os temas apresentados no congresso algo passou a incomodar: não obstante a formação médica do período ser menos fragmentada e mais global parecia estranho que o mesmo médico, presidente do congresso, que apresentou o tema “Acidose na Infância” e “Nefrite Epidêmica” (especificidades da nefrologia) na seção de Medicina, pudesse ter apresentando o tema “métodos de agrupamento escolar das crianças retardadas nas escolas” na seção de Pedagogia. Segundo o documento de Washington os três trabalhos são de Plínio Olinto Oliveira, segundo o documento brasileiro dois seriam de Olinto de Oliveira e um de Plínio Olinto de Oliveira.

Buscando esclarecer esse incômodo me debrucei sobre a versão brasileira, sobre os boletins do Congresso Brasileiro de Proteção à Infância e trabalhos diversos nos quais houvesse a citação do nome Plínio Olinto. Os trabalhos nacionais relativos aos Congressos Americanos da Criança ou ao Congresso Brasileiro de Proteção à infância referem-se ao presidente do congresso de 1922 como Olinto de Oliveira, sem mencionar o prenome.

Encontrei em bancos de dados registros sobre Plínio Olinto, um médico psiquiatra atuante no Rio de Janeiro no início do século XX e que se tornará proeminente nas lides da psicologia escolar, dados que não eram compatíveis com os registros da atuação de Olinto de Oliveira (sempre referido sem prenome), pediatra diretor da Faculdade de Medicina do Rio Grande do Sul.

Do cruzamento de fontes várias, a resposta: Plinio Olinto de Oliveira, psiquiatra, participante do Terceiro Congresso Americano da Criança na Sessão de Pedagogia, era o irmão mais novo de Olympio Olinto de Oliveira,⁹⁶ ou simplesmente Olinto de Oliveira, pediatra, Presidente do Terceiro

⁹⁶ O documento chave para esclarecer este equívoco foi uma biografia de Olinto de Oliveira escrita por um seu colega, o médico Gonçalves Vianna. GONÇALVES VIANNA, Olinto de Oliveira. Editora Livraria o Globo. Porto Alegre, 1945.

Congresso Americano da Criança, que nos registros da união pan-americana teve seu nome obliterado.

Olinto de Oliveira nasceu em de Porto Alegre e formou-se médico pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1888. Atuou desde sua graduação até 1918 em Porto Alegre, como pediatra, professor, escritor e crítico de arte, tendo dirigido a Faculdade de Medicina, e fundado na capital gaúcha o Club Haydn em 1897 e também o Instituto de Belas Artes em 1908 e a academia Rio-grandense de Letras, em 1901.

Paralelamente à sua intensa atividade médica e cultural no Rio Grande do Sul, mantinha contato com o pediatra Fernandes Figueira no Rio de Janeiro⁹⁷ e com ele fundou a Sociedade Brasileira de Pediatria, em 1910. A partir de 1920 passa a residir e trabalhar no Rio de Janeiro, compondo ativamente o grupo de pediatras envolvidos nas políticas públicas pela infância, ainda que de maneira discreta e pouco documentada.⁹⁸

A explicação para os relativamente modestos registros de sua atuação junto aos grandes nomes da pediatria brasileira das primeiras décadas do século passado pode estar também no fato dos múltiplos interesses de Olinto lhe ocuparem boa parte do tempo. Diz ele sobre si: “Já por índole, já por temperamento, conservo-me sempre afastado da política militante, da qual me arredam ainda mais as minhas ocupações favoritas: o estudo das ciências que cultivo e o estudo das artes que me seduzem” (OLINTO OLIVEIRA, apud VIANNA, 1945, p. 147).

O fato da família Olinto de Oliveira possuir três médicos no Rio de Janeiro (além de Olympio e Plínio, há ainda Mário, filho de Olympio que se tornará pupilo de Fernandes Figueira e fará seu nome na pediatria nacional) contribui para a diluição das especificidades dos três médicos, podendo contribuir para que em textos mais aligeirados se tome um pelo outro. O fato é que a lição das fontes foi aprendida e a correção histórica referente ao documento de Washington feita, ainda que permaneça tímida e restrita aos leitores desta tese.

⁹⁷Segundo NUNES, Olinto de Oliveira trabalhará na organização de uma revista chamada “Arquivos Latino-americanos de Pediatria”, que contará também com o argentino Araújo Alfaro, com o uruguaio Luis Morquio e com Fernandes Figueira, consolidando uma rede de difusão de pesquisas e debates sobre temas da pediatria numa perspectiva interamericana (NUNES, 2011, p.265).

⁹⁸Dados de GONÇALVES VIANNA, 1945, e da Sociedade Brasileira de Pediatria, disponível em: <http://www.sbp.com.br/hotsite/mario-olinto-de-oliveira-patrono.aspx> Acesso em 2 de janeiro de 2015.

1.2.2 Nuances da organização do Terceiro Congresso Americano da Criança: Moncorvo Filho e as questões do apoio governamental

A escolha de Olinto de Oliveira, que assume a presidência do congresso após a partida de Aloysio de Castro para trabalhos na Europa, se dá há apenas dois meses da realização do evento que, como veremos, precisou de esforços empenhados da comissão executiva frente às questões de organização e financiamento por parte do governo brasileiro.

O envolvimento do governo brasileiro na organização do Terceiro Congresso Americano da Criança é marcado por uma série de desencontros e rearranjos, cabendo a esses entraves boa parte da responsabilidade do Congresso Americano da Criança de 1922 ter se realizado em conjunto com o Primeiro Congresso Brasileiro de Proteção à Infância, evento originalmente planejado para o ano de 1920, pelo pediatra brasileiro Moncorvo Filho, antecedendo o Terceiro Congresso Americano del Niño.

Devido a uma série de entraves burocráticos na tramitação do projeto de lei 210/1920 na Câmara dos Deputados, que previa a destinação de uma verba de 50\$000 para o evento nacional, além de auxílios com a impressão gratuita de boletins e informes na imprensa nacional, o transporte gratuito aos congressistas nas estradas de ferro e linhas de navegação da União, entre outros, acabou sendo postergado (Kuhlmann Jr., 2002).

A memória da organização do Congresso Brasileiro de Proteção à Infância encontra-se registrada nas atas de reuniões da comissão executiva, cujo primeiro encontro se deu, esperançoso, em julho de 1919, menos de dois meses depois do final do Segundo Congresso Americano del Niño, no qual se escolheu a cidade do Rio de Janeiro como sede do próximo congresso americano, que assim como o congresso de 1916, se realizaria durante as comemorações do centenário da Independência do Brasil.

A historiografia brasileira tende a mencionar ligeiramente o atraso da realização do 1º Congresso Brasileiro de Proteção à Infância, situando a realização do congresso, no ano de 1922, menos como contingência e mais

como algo propositadamente pensado para ser realizado em concomitância com os demais eventos comemorativos do Centenário:

Entre as inúmeras iniciativas empreendidas pelos intelectuais modernizadores, por ocasião dos festejos, destacam-se: a organização do Primeiro Congresso de Proteção e Assistência à Infância, a criação do Museu da Infância e a produção do livro “Histórico da Proteção à Infância de (1500-1922)”, iniciativas idealizadas pelo Diretor-fundador do Instituto de Proteção e Assistência à Infância do Rio de Janeiro (IPAI), o médico Arthur Moncorvo Filho. Como parte constitutiva das atividades comemorativas do Centenário, a tríade proposta por Moncorvo Filho tencionava atribuir centralidade às questões associadas à assistência, proteção, regeneração e educação da infância. Asseverava, então, que a cruzada em defesa da criança era antes de tudo uma cruzada em defesa do país e de sua nacionalidade sendo, portanto, exigido da sociedade realizar ações em prol da saúde moral, intelectual e física da criança (CÂMARA, 2013, p.1).

A análise de Sônia Câmara acerca das intenções de Moncorvo Filho em buscar centralidade para o tema da proteção e assistência à infância é precisa, no entanto, ao acompanharmos as atas das reuniões presididas por Moncorvo Filho, que busca organizar a parte científica do Primeiro Congresso Brasileiro de Proteção à Infância, enquanto também buscava apoio financeiro e logístico dos governos estaduais e federal, visando a realizar esse congresso em julho de 1920, percebemos certa angústia que vai lhe acometendo à medida que as mesas das seções são organizadas, os convites são expedidos, as adesões científicas ao congresso se avolumam e o apoio governamental inconsistente obriga a adiamentos sucessivos.

O primeiro adiamento parte do grupo de médicos que compõe a comissão executiva do congresso, que na 4ª reunião executiva, em março de 1920, propõe a realização da abertura no dia 15 de novembro de 1920, aniversário da República e data da Inauguração do novo edifício do Instituto de Proteção e Assistência à Infância, fundado e dirigido por Moncorvo Filho.

No início de novembro de 1920, mais uma vez, por razões que não ficam claras, é proposto o adiamento do congresso que já contava com cobertura da imprensa e mais de duas mil adesões, sendo remarcado para a data “improrrogável” de 3 a 13 de maio de 1921. Em nova reunião se registra o não recebimento do apoio prometido pelo governo do Estado do Rio de Janeiro e

na sequência da reunião é proposto novo adiamento para o dia sete de setembro de 1921.

Por fim, em agosto de 1921, Moncorvo é chamado para reunião com o Ministro do Interior que lhe “revelou os desejos do Exmo. Sr. Presidente da República de que o 1º congresso Brasileiro de Proteção à Infância fosse adiado para as festas do centenário, realizando-se conjuntamente com o 3º Congresso Americano da Criança” (1ºCBPI, 6º Boletim, Acta da 8ª reunião da Comissão Executiva, 1921, p.101).

No discurso de abertura do Primeiro Congresso Brasileiro de Proteção à infância e Terceiro Congresso Americano da Criança, o Ministro do Interior, Alfredo Pinto, irá se referir com leveza à concomitância dos dois congressos:

Congratulemo-nos pela honra da presença dos sábios estrangeiros no 3º Congresso Americano da Criança, por uma coincidência feliz inaugurado no mesmo dia e hora do 1º Congresso Brasileiro de Proteção à infância, circunstância propícia a uma colaboração de maior amplitude aos fins humanitários e econômicos que procuramos atingir (PINTO, 3º Congresso Americano da Criança, 1924, p.121).

Considerando o empenho de Moncorvo Filho e os muitos adiamentos que culminaram com o pedido do próprio Presidente da República, parece a ideia de “feliz coincidência” um grande eufemismo para justificar a conveniência e economia em que implicava realizar os dois congressos ao mesmo tempo. Tal hipótese se reforça diante do veto presidencial, em janeiro de 1922, ao projeto de lei da Câmara dos Deputados que pedia o reconhecimento da utilidade pública do Departamento da Criança e dos Congressos Brasileiros de Proteção à Infância.

O reconhecimento da utilidade pública nos termos do projeto implicaria, entre outras coisas, em auxílio financeiro direto do governo federal para o Primeiro Congresso Brasileiro de Proteção à Infância, auxílio esse que, recusado o projeto, foi repassado sob a forma de uma verba única destinada para os preparativos da festa do centenário cujo montante, de 80 contos de réis, seria dividido entre os dois congressos. A justificativa presidencial ao veto, publicada no Diário oficial da União de janeiro de 1922, traz a ideia de que o acordo de união dos dois congressos partiu do Instituto Brasileiro de Proteção à Infância e do Congresso Americano da Criança e não de um pedido da presidência:

No crédito votado pelo Congresso Nacional para a comemoração do centenário da nossa independência está compreendida a parcela de oitenta contos de réis para auxiliar o primeiro Congresso Brasileiro de Proteção à Infância, que aqui se reunirá por ocasião do centenário e esta quantia foi fixada *por acordo* entre o Governo e as duas associações interessadas na reunião de mesmo congresso: o Instituto Brasileiro de Proteção à Infância e o Terceiro Congresso Americano da Criança, a cada uma das quais toca a soma de quarenta contos. Vê-se assim que o projeto, apresentado sem dúvida antes de votado aquele crédito não tem mais razão de ser e assim deixo de sancioná-lo e o devolvo á Câmara que o iniciou (PRESIDENTE EPITÁCIO PESSOA, DOU, 1922).

Os dissabores e dificuldades ante o frágil apoio do governo brasileiro nos preparativos do congresso são sutilmente referidos por Moncorvo Filho em seu discurso na abertura do Congresso Brasileiro de Proteção à Infância:

Falar na causa da infância tem sido, até muitos dias atrás, em nosso país, dura verdade, malhar no deserto! Raros, muito raros mesmo, têm encarado o problema, sob o seu aspecto profundamente civilizador e político – o da economia social. (...) Envergonhava-nos conhecer o progresso dos outros países quando temos sempre vivido numa incompreensível estagnação em face do magno problema. Mantendo-nos quase isolados, de cerca de trinta anos a esta parte, numa ação tenaz em prol da criança, não nos fatigando de uma ingentíssima peleja durante a qual não nos faltaram os mais amargos dissabores, sem o menor desfalecimento, fundamos em 1899 a nossa Assistência à Infância e com ela a mais cerrada das cruzadas (MONCORVO FILHO, 3º Congresso Americano da Criança, 1924, p.123).

As consequências dos interditos e empecilhos burocráticos podem não ter transparecido durante a consecução do Terceiro Congresso Americano da Criança, mas ao buscarmos os registros desse evento os encontraremos apenas em parcelas vinculadas ao Congresso Brasileiro de Proteção à Infância, em cuja abertura do Sétimo Boletim, Publicado em 1924, Moncorvo Filho expressa seu desgosto pela falta de compromisso público ante a publicação dos anais dos eventos, feita com muito atraso e sem subsídios do governo, conforme o que estava acordado:

Contra os hábitos do abaixo assinado, o presente volume só agora, com muito atraso, vem a lume (...). A Comissão Executiva do 1º Congresso Brasileiro de Proteção à infância procurou o mais possível conciliar os interesses dos membros do Certame com as condições financeiras deste, sendo conveniente que se saiba que, ainda agora, esta publicação é custeada pelos cofres do nosso congresso

(MONCORVO FILHO, 3º Congresso Americano da Criança, 1924, p.3).

Todos esses elementos, que indicam uma contingência – quando não uma manobra do Estado movida por interesses vários – quanto à realização dos dois congressos em único momento, nos colocam em alerta para buscar outra lógica dentro da “formalidade das práticas”, tentando escapar às armadilhas de aplicar a “unicidade de um modelo” à “multiplicidade fugidia das organizações sociais” (CERTEAU, 2008a, p. 126).

No entanto, não invalidam o que muitos historiadores da educação têm apontado: a oportunidade que os eventos pátrios, festas e jubileus trazem para a legitimação de debates, para o fortalecimento de grupos e para a divulgação de projetos, haja vista que, como apontamos acima, os adiamentos do Congresso Brasileiro de Proteção à Infância eram repensados também procurando colocá-lo em concomitância com alguma data cívica (Proclamação da República, Independência).

A escolha de uma data de centenário é relevante, pois como pudemos observar em relação à Argentina, o momento do aniversário comemorativo, que Hobsbawm destaca como momento de grande força publicitária para a nação (1997, p. 288), é também um momento de balanço, de recuperação das promessas da independência, de encontro com as realidades nacionais (no âmbito interno de cada país) e de se dar a ver em suas conquistas aos convidados de outros países.

Das atas das reuniões que organizavam o Congresso Brasileiro de Proteção à infância fica a impressão que o intento seria instaurar uma discussão interna, nacional, sobre a questão da infância, para depois partir para encontro americano. A disposição nacional entre a intelectualidade brasileira no período era exatamente essa, de apurar o olhar sobre a complexidade do país, como ressalta Marly Motta:

(...) forçados a pensar o Brasil que se preparava para comemorar seu Centenário da Independência, variados setores da intelectualidade brasileira se voltaram para a temática nacional entre a segunda metade da década de 1910 e os primeiros anos da década de 1920. (...). Atribuindo-se e se auto representando como portadores de uma missão social, os intelectuais se empenharam obstinadamente em criar um saber próprio sobre o país. A palavra de ordem era conhecer, desvendar, investigar e mapear o Brasil e a sua realidade, bem como traçar simultaneamente os contornos da

identidade nacional. Há como que um despertar para a importância de colocar no papel a avaliação correta do passado, a interpretação segura do presente e as sugestões valiosas para o futuro da nação (MOTTA, 1992, p.4).

A importância dos Centenários dentre os países americanos, que em grande parte comemorarão sua independência ou efemérides importantes em anos muito próximos, pode ser compreendida no discurso de Paz Soldán, delegado peruano no Terceiro Congresso Americano da Criança, no qual ele lança a proposta de realização do *IV Congreso Americano del Niño* na cidade de Lima em 1924, usando como argumento a efeméride do centenário da Batalha de Ayacucho, celebrada como a derrocada final do domínio espanhol sobre a América do Sul:

Antes que se suspenda por breves minutos esta sessão para que as várias delegações americanas informem seu julgamento quanto à designação da sede do próximo Congresso, cumpre a mim dizer aqui que, no mês de dezembro 1924 deve congregarse a toda a América ao pé do lendário Condorcanqui, na histórica planície de Ayacucho para render seus votos de gratidão para com o gênio exuberante de Bolívar, no centenário da total libertação política da América (...). O Primeiro Congresso da Criança recebeu os clarões de uma efeméride Argentina e foi um positivo êxito. Este III Congresso alcança os relevos que permanecerão na história das instituições internacionais de América graças à data que comemora com o Brasil o mundo todo, de preferência, os povos que compõem a grande confederação afetiva do continente. Pergunto: o IV Congresso não poderia também receber reflexos que o abrilhantarão permitindo o maior esplendor de uma pompa continental do significado e importância de que irá comemorar o Peru em 1924? (PAZ SOLDÁN, 3º Congresso Americano da Criança, 1924, p.118).⁹⁹

⁹⁹ *Antes que suspenda por breves minutos esta sesión a fin de que las diversas delegaciones americanas informen su criterio respecto a la designación de la sede ulterior del Congreso, yo cumpro con expresar aquí que en el mes de diciembre de 1924 habrá de congregarse la América toda al pié del legendario Condorcanqui, en la histórica planicie de Ayacucho para rendir sus votos de gratitud al genio flamígero de Bolívar, con ocasión del centenario de la liberación política de América (...). El I Congreso del Niño recibió los destellos de una efeméride argentina y fue un positivo éxito. Este III Congreso alcanza los relieves con que quedará en la historia de las instituciones internacionales de América gracias a la fecha que conmemora con el Brasil el mundo entero y de preferencia los pueblos que componemos la gran confederación afectiva del Continente. Pregunta: el IV Congreso no podría recibir también reflejos que lo abrilhantaran permitiéndolo mayor esplendor de un fasto continental de la significación e importancia del que habrá de conmemorar el Perú en 1924?* (PAZ SOLDÁN, 3º Congresso Americano da criança, 1924, p.118).

Lima perderá a votação e Santiago do Chile sediará o IV Congresso, numa manobra que, segundo o informe de Paz Soldán ao governo do Peru¹⁰⁰, indica que a “grande confederação afetiva do continente” era movida por interesses eminentemente políticos e econômicos. Assim depois de anunciada a intenção do Peru e de terem sido colocadas por Olinto de Oliveira (Presidente do III Congresso) as regras da votação que exigiam um único voto aberto por delegação, um movimento liderado pelos argentinos propôs e conseguiu adesões para que se fizesse o voto secreto de todos os participantes da sessão plenária.

A delegação argentina, numericamente volumosa, reafirmará seu apoio ao Chile, que vencerá por 31 votos contra 12. Tal apoio argentino está diretamente ligado às relações que se estabeleceram entre Argentina e Chile¹⁰¹ durante a Guerra do Pacífico (Chile versus Bolívia e Peru), e as feridas ainda não fechadas da disputa voltarão a latejar ao menos para a delegação peruana, que levará deste “incidente”, como o chamará Paz Soldán, certo sentimento de injustiça ante as “irregularidades e erros” que “podem comprometer no futuro a cordialidade destes certames, uma vez que se colocam em desigual condição de eficácia às diversas nações que integrando estas assembleias lhes prestam sua importância e valor” (PAZ SOLDÁN, 3º Congresso Americano da criança, 1924, p.7).

O incidente acima nos ajuda a dimensionar a importância dada no período aos encontros internacionais e matiza também as intenções, deixando expostas as lutas de representação que se davam nos entremeios das sessões plenárias e a relação dos delegados nacionais com seus governos federais, diretamente implicados naqueles foros de debate.

¹⁰⁰ Localizei este informe oficial em uma coletânea de textos de Paz Soldán, publicada em Lima em 1944.

¹⁰¹ Chile e Argentina viviam uma disputa legal de décadas em relação a territórios da Patagônia. Quando da Guerra do Pacífico, temendo que a Argentina formasse uma *entente* se unindo à Bolívia e Peru o Chile cedeu às pressões argentinas e através do Tratado de Limites (23 de julho de 1881), abriu mão da Patagônia, parte da Terra do Fogo e parte do estreito de Magalhães, firmando um tratado de amizade e comércio entre os dois países (ROJAS, 2010, in:

http://www.revistargumentos.org.pe/los_territorios_que_perdio_chile_en_la_guerra_del_pacifico.html). Acesso em: 12 de dezembro de 2014.

1.2.3 Nuances da organização do *Segundo Congreso Americano del Niño*: Luis Morquio e o *Instituto Inter Americano de Protección a la Infancia*.

Em relação ao apoio governamental, o *Segundo Congreso Americano del Niño* congresso, realizado no Uruguai em 1919, parece ter sido o melhor respaldado, apesar dos percalços relatados pela comissão executiva e das contingências, dentro e fora da América, que acabaram alterando a data de sua realização:

Contudo, os momentos eram difíceis, a catástrofe mundial estava em seu apogeu, as circunstâncias eram angustiantes e se fazia impossível chamar a atenção dos homens de ciência, dos pensadores para a causa da criança, pois não obstante esta preocupação estar em nosso meio, o pensamento voava e se absorvia na imensa tragédia de que o destino nos fez espectadores, sem embargo e apesar disso seguimos adiante pois nos alentava a ideia de que não era banalidade ocupar-se da criança, como poderiam supor alguns espíritos sutis, quando nos países em guerra o sangue dos melhores de seus filhos corria como água (...) continuamos trabalhando aguardando a ocasião propícia e quando julgávamos que ela se apresentou com o fim da guerra, as dificuldades que seguiram, sobretudo a epidemia de gripe que assolou a América com características de uma praga tão perigosa quanto aquela, nos deteve postergando mais uma vez o congresso. Felizmente chegamos ao dia de hoje, (...) (MORQUIO, 1919, p.65).¹⁰²

É relevante lembrarmos o lugar do qual fala Morquio, em nome da comissão organizadora no fragmento acima, dos efeitos produzidos na sua fala onde certo heroísmo em empreender essa tarefa transparece.

No entanto, o apoio do governo do Uruguai, somado à capacidade de mobilização de Morquio, resultou não apenas numa boa estrutura durante os eventos, mas também na continuidade do fomento aos projetos de incentivo à problematização da infância. Neste sentido, mais uma vez nos deparamos com uma pessoa e suas singularidades no conjunto desse movimento continental.

¹⁰²*Pero los momentos eran difíciles, la catástrofe mundial estaba en su apogeo; las circunstancias eran angustiosas y se hacía imposible llamar la atención de los hombres de ciencia, de los pensadores, de los trabajadores de todos los países a interesarse por la causa del niño, cuando la preocupación estaba ya lejos de nuestro medio, el pensamiento volaba y se absorbía en la inmensa tragedia que el destino nos hizo espectadores. Sin embargo a pesar de eso, seguimos adelante; nos alentaba la idea de que no era banalidad ocuparse del niño como pudieron suponerlo algunos espíritus sutiles, cuando los países guerra, donde el sangre de lo mejor de sus hijos corría a raudales, como el agua (...) continuar trabajando y esperando la oportunidad cuando pensamos que fue presentado con el fin de la guerra, las dificultades que siguieron, especialmente la epidemia de gripe que azotó América con características de una plaga tan peligrosa como la que nos detuvimos una vez más aplazar el congreso. Afortunadamente llegamos al día de hoy (...) (MORQUIO, 2º Congreso Americano del Niño, 1919, p.65).*

Pensar Luiz Morquio “inscrevendo sua singularidade na multiplicidade dos espaços, na complexidade social” (REVEL, 1989 apud FARGE, 2011, p.75) pressupõe conhecer um pouco sua trajetória pessoal.

O pediatra uruguaio é hoje lembrado em recantos vários de Montevideú, nomeando ruas, biblioteca e sendo representado em uma das muitas estátuas da cidade, localizada na Plaza Integradora "Instituto Interamericano del niño", que não por acaso foi construída diante do portão principal de um dos maiores hospitais pediátricos do país, o Hospital de Niños Pereira Rossell.



FIGURA 19 – ESTÁTUA DE LUIS MORQUIO, NA PLAZA INTEGRADORA "INSTITUTO INTERAMERICANO DEL NIÑO", DEFRENTE AO HOSPITAL DE NIÑOS PEREIRA ROSSELL. MONTEVIDÉU-URUGUAI. FONTE: A AUTORA.

Na estátua, a representação do homem de ciência com seu semblante sério e suas vestes de médico, mas que segura com delicadeza o menino nu, para quem seus olhos se voltam. Na placa ao lado da estátua, ilegível na foto por conta da luz solar, a inscrição: “Luis Morquio, professor, médico, puericultor. Dedicou sua vida à proteção da criança”. A estátua ocupa na praça o espaço de um pequeno jardim ladeado por um parque infantil projetado principalmente para dar alguma diversão às crianças e mães que esperam por atendimento no hospital¹⁰³.

¹⁰³ Informações sobre a finalidade do parque infantil e da praça integradora fornecidas pela Intendência de Montevideú em entrevista radiofônica.
Disponível em: <http://www.espectador.com/sociedad/269258/nueva-plaza-integradora-instituto-interamericano-del-nino-que-estan-construyendo-en-frente-al-hospital-pereira-rossell> Acesso em: 15 de dezembro de 2014.

Morquio, após sua graduação em medicina na *Universidad de la Republica*, em Montevideu, passa uma temporada de estudos em Paris, no final do século XIX, onde trava contato com as discussões sobre a infância na Europa. Ao retornar para a capital uruguaia, em 1894, assumiu a luta pelo fim das Rodas de Expostos, propondo que o Estado garantisse às mães o direito de entregar seus filhos à guarda estatal em um órgão oficial e especializado. Propôs também a instituição de políticas preventivas contra o abandono infantil e em favor da amamentação e do direito das mães a ela.

Em 1900 foi nomeado professor de *Medicina das Crianças*, chefiando o Departamento de Pediatria da Universidade da República do Uruguai. Em 1915, fundou a Sociedade de Pediatria de Montevideu (hoje Sociedade Uruguaia de Pediatria) e era figura internacional de destaque entre os especialistas em medicina infantil, tendo lhe sido concedida a honraria de compor, no ano de 1933, a conceituada Academia de Medicina de Paris, como membro associado estrangeiro.

Concomitantemente à docência e atuação pelas políticas públicas em favor da infância, Morquio era pesquisador. Vários autores destacam seu trabalho minucioso quanto ao registro de dados nos prontuários de pacientes do Ambulatório de Caridade,¹⁰⁴ algo novo na época, base de seu método científico e de seus sucessores, e a partir do qual pode descobrir os padrões para uma variação da poliomielite, que lhe rendeu reconhecimento científico internacional.

Sua produção científica começou em 1892 e terminou em 1936. Foram publicados nesses 44 anos 335 artigos em revistas nacionais e internacionais, sobre doenças da Infância e questões de proteção à criança; estas últimas abarcavam seu projeto pela manutenção de uma via de discussões acerca da infância, para além dos encontros pontuais em congressos, e que possibilitasse a circulação cultural desses temas.

Tal conjuntura de fatores – uma pessoa qualificada acadêmica e socialmente e um Estado que aderiu à lógica crescente da técnica e da ciência como respaldo para as novas políticas a serem desenvolvidas – manteve o

¹⁰⁴ Dado disponível em: <http://www.smu.org.uy/publicaciones/libros/ejemplares/morquio.pdf>
Acesso em: 15 de dezembro de 2014.

Uruguai à frente das ações relativas aos Congressos ao menos até a quarta edição.

O desejo de manter vivas as discussões sobre a infância levantadas no congresso e de dinamizar o intercâmbio de saberes sobre a infância é manifesto desde o *Primer Congreso del Niño*, e foi sistematizado na conferência proferida por Julieta Lanteri sob o título “El Congreso Americano del Niño, institución estable” (NUNES, 2011, p.31).

No contexto dos três primeiros congressos foi planejada a fundação do Instituto Internacional Americano de Proteção à Infância. Luis Morquio foi o responsável por levar o projeto à plenária do *Segundo Congreso del Niño*, propondo essa instituição de cunho permanente então chamada de Oficina Internacional Americana de Proteção à Infância, a qual aprovou o projeto que se concretizaria após maior acuramento de seu estatuto, objetivos e condições materiais de criação.

A Oficina Internacional completará a obra de nosso congresso que neste sentido tem também a virtude de atrair até nós um grande número de personalidades e diversos países que durante sua estada, nas inesquecíveis horas do congresso estreitaram vínculos que nada nem ninguém terá o poder de romper, vínculos preciosos não só do ponto de vista científico como também em seu aspecto internacional. Estas reuniões de intelectuais hão de influir poderosamente na aproximação dos homens do novo continente, ávidos por alcançar o sumo do progresso conquistado nas lutas pacíficas e promissoras do trabalho e do saber (Segundo Congreso Americano del Niño, 1919, p.14).

No 3º Congresso Americano da Criança mais uma vez é dado voto favorável à criação deste bureau que ainda não se instituiu concretamente. Finalmente, no quarto congresso, a empreitada obteve êxito:

As tentativas para concretizar a OIAPI foram encabeçadas por Morquio e tiveram continuidade até a véspera do 4º CPN, quando o Governo do Uruguai aprovou a sua criação formal, dia 24 de julho de 1924. Coube a Morquio ficar à frente da coordenação temporal da mesma até a aprovação oficial pelo CPN, em vias de realizar-se. No 4º CPN, de posse de planos melhor delineados, os delegados aprovaram o estatuto e a criação do IAPI. Votaram afirmativamente os delegados de 16 países americanos: Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Costa Rica, Cuba, Equador, Estados Unidos, México, Nicarágua, Panamá, Paraguai, República Dominicana, Uruguai, Venezuela. Também foi aprovada a adesão à “Declaración de Derechos de Niño, de 1924, de Genebra”, e à “Oficina Internacional de Protección a la Infancia de Bruxelas”. Tomando como referência o ano de

sua criação mais consequente, em 1924 – apesar de que já havia sido aprovada em 1919, no 2ºCPN, sua organização –, o IIAPI é, assim, a instituição exclusivamente intergovernamental de caráter intra-regional e internacional, relacionada ao tema da infância, e ainda existente, mais antiga do mundo. Antes dela existiram outras, não exclusivamente oficial-intergovernamental, uma vez que participavam entidades privadas na composição das mesmas (NUNES, 2011, p.32).

A Oficina Internacional Americana de Proteção à Infância ainda hoje mantém suas atividades com sede em Montevidéu, e teve seu nome alterado para, quando da sua incorporação à estrutura da *Organização dos Estados Americanos*, como “organismo especializado interamericano”, em 1957. É no arquivo desse Instituto, na biblioteca Luis Morquio, que grande parte das fontes relativas aos *Congresos Americanos del Niño*, que possibilitaram esta pesquisa até aqui, encontram-se preservadas.

O protagonismo do Uruguai nos primeiros anos do século XX, no que tange à Proteção à Infância, é algo que intriga. O que exatamente favoreceu a ambiência para que o país tomasse a frente de uma série de iniciativas relativas à infância e siga ainda hoje,¹⁰⁵ conseguindo grande mobilização não apenas de profissionais ligados às especialidades ao redor da infância, mas da própria população é algo que escapa ao meu entendimento.

A relação da formação intelectual e educação formal dos uruguaios em relação com a história do país certamente é um dos fatores dessa preponderância. O escritor Angel Rama, em uma pequena nota biográfica, nos deixa algumas pistas sobre a influência dessa sociedade sobre seus “filhos”:

O Uruguai me fez e sou um produto, para o bem e para o mal; eu sou o filho de sua história e de sua comprovada vocação para a liberdade e justiça, tenho sido moldado por sua educação inteligente e impregnado de seu sentimento democrático de igualdade, fui formado no trabalho e na exigência, com a convicção de servir uma comunidade orgulhosa e trabalhadora, eu acreditei em suas aspirações de um Estado de direito e por ser fiel a este mandato que atravessa sua história, eu tentei expandir o reino de justiça, do conhecimento mútuo e melhor, da felicidade comum, com todos recursos ao meu alcance (RAMA , 1979 , p.75).¹⁰⁶

¹⁰⁵ Veja-se, por exemplo, o amplo movimento civil “No a la Baja” realizado em 2014 contra a proposta de diminuição da maioria penal, que conseguiu sucesso com a não aceitação da baixa por voto nas eleições de outubro de 2014. A organização, participantes argumentos e atividades estão belamente organizados no seguinte endereço: <http://noalabaja.uy/> Acesso em: 15 de dezembro de 2014.

¹⁰⁶ *El Uruguay me hizo yo soy un producto, para bien y para mal; yo soy hijo de su historia y de su probada vocación de libertad y de justicia, yo he sido modelado por su inteligente educación*

Este pronunciamento de Rama é obviamente frágil como prova histórica, mas creio, e como professora preciso crer, que se pode tributar a esse sentimento de liberdade e igualdade fomentado por uma educação que se esforça por ser politizada e humanista, uma parcela de responsabilidade na formação também de intelectuais que se voltam à causa da infância, como ocorreu com Luis Morquio.

1.2.4 A estrutura organizacional dos Primeiros Congressos Americanos da Criança

Apesar da importância que as personalidades de Lanteri, Olinto de Oliveira e Morquio empreendem aos eventos em estudo, não esqueçamos que esses sujeitos compunham a Comissão Executiva – formada por presidente, vice-presidente, secretário, tesoureiro e vogais – e que as decisões eram partilhadas com a comissão nas reuniões da comissão que antecediam o evento.

A comissão executiva se encarregava de uma série de tarefas que incluíam desde a definição da parte científica do evento (como a proposição dos temas, a definição das mesas e respectivos relatores de cada seção e a escolha das conferências), até atribuições logísticas e de propaganda. Estabelecia contato com países convidados, buscando adesões ao evento, procurando o apoio e patrocínio de hotéis e empresas de transporte; fazia-se lembrar pelos poderes públicos, gerenciando as adesões oficiais dos países participantes. Tanto respondia cartas e telegramas, organizava o programa de trabalhos, passeios e festividades, quanto era responsável pela guarda dos trabalhos recebidos. Da mesma forma, com apoio do governo, cuidava das publicações referentes ao encontro: regulamentos, boletins, livretos de conclusões e votos aprovados nas seções plenárias.

Esses impressos são a memória dos congressos e encontram-se espalhados em diversos arquivos pela América. Pude, com sorte, encontrar

y he sido impregnado de su sentimiento democrático de igualdad, he sido formado en el trabajo y en la exigencia con la convicción de servir a una comunidad activa y laboriosa, he creído en su aspiración a un estado de derecho y por ser fiel a este mandato que atraviesa su historia y , he tratado de ampliar el reino de la justicia, del mutuo y mejor conocimiento, de la felicidad común, con los recursos a mi alcance (RAMA, 1979, p.75).

documentos particularmente raros de se localizar em um arquivo, pois feitos para o uso individual e pessoal dos congressistas inscritos, como um livreto em um arquivo em Montevideu: o “Guia do Congressista”.

Esse livreto constitui-se em uma espécie de caderneta produzida para os participantes do Terceiro Congresso da Criança e Primeiro Congresso Brasileiro de Proteção à Infância, na qual constam desde dados sobre o congresso (um breve histórico dos *congresos del niño*, regulamento, programação, comitivas de todos os países participantes) até informações sobre serviços de telégrafo, transporte, câmbio, instruções de como se diz as horas no Brasil e os endereços de consulados e embaixadas.

Ao final desse guia, páginas em branco nomeadas de *Memorandum*, para que o participante tomasse notas. No guia que pude manusear, as notas feitas a caneta em letra caprichada pelo congressista eram constituídas basicamente de contatos na área da medicina em toda a América: nomes e endereços de médicos participantes de diferentes localidades do Chile, Venezuela, Argentina, Uruguai e Estados Unidos. Sob alguns nomes indicações: “enviar discurso academia”, “engenheiro na destruição do morro do Castelo”, “comissão dos cirurgiões yankees”. Esse tipo de vestígio material fornece indícios de que a rede de interdependência no câmbio de saberes, de relações sociais e profissionais em torno da criança, proclamada e almejada nos discursos oficiais dos congressos, provavelmente de fato se estabelecesse.

Os trabalhos apresentados eram organizados nas seguintes modalidades:

- Palestras sobre temas oficiais, determinados pela Comissão Executiva: cujos palestrantes oficiais teriam 30 minutos para leitura de seu trabalho e 10 minutos após as discussões para replicar objeções. Essas palestras, via de regra, ocorriam nos últimos dias dos encontros depois das sessões de comunicações.

- Comunicações sobre temas recomendados pela Comissão Executiva: nas quais o autor teria 15 minutos para ler seu trabalho e 10 minutos para responder objeções

- Comunicações de temas de livre escolha: nas quais o autor teria 15 minutos para ler seu trabalho e 10 minutos para responder objeções.

A regra para audiência das palestras era a seguinte: cada participante poderia fazer uso da palavra por 5 minutos uma única vez por palestra e depois deveria entregar a sua questão por escrito à mesa. Infelizmente não foi possível localizar essas papeletas com as questões formuladas em minhas buscas por fontes, seriam inestimáveis registros.

Das discussões foi possível recuperar fragmentos do teor do que se debateu no Terceiro Congresso Americano da Criança, a partir do registro detalhado das seções que consta no 6º boletim do Primeiro Congresso brasileiro de proteção à Infância.

No caso do *Segundo Congreso Americano del Niño*, os textos originais, arquivados em pastas para as seções de *Enseñanza* e de *Sociología y Derecho*, estão margeados por anotações e observações da comissão executiva e delegados oficiais. Alguns desses trabalhos trazem em anexo a carta da comissão executiva na qual se registram os ajustes sugeridos, referências às questões colocadas pela audiência e outras recomendações, que apontam indícios de que havia uma circulação efetiva da palavra durante as palestras, que era levada em conta no momento das recomendações e deliberação dos votos.

Os trabalhos eram agrupados por temas a cada uma das seções. Não houve uma regularidade absoluta entre as seções presentes em cada um dos três congressos, embora se mantenha a ênfase em três grandes áreas de interesse: saúde, educação, direito e assistência à infância, sob diferentes subdivisões:

QUADRO 1- ORGANIZAÇÃO DAS SEÇÕES DOS CONGRESOS AMERICANOS DEL NIÑO – 1916 A 1922

Primer Congreso Americano del Niño	Segundo Congreso Americano del Niño	Terceiro Congresso Americano da Criança
Direito	Medicina e Cirurgia	Medicina
Legislação industrial	Ensino	Educação
Higiene	Higiene e Assistência	Higiene e Assistência
Educação	Sociologia e Legislação	Sociologia e Legislação
Assistência à Mãe e à criança		
Psicologia e Antropometria		
Sociologia		

FONTES: *SEGUNDO CONGRESO AMERICANO DEL NIÑO*. ORGANIZACIÓN E CONCLUSIONES, 1919. *TERCER CONGRESO AMERICANO DEL NIÑO*. ORGANIZACIÓN E CONCLUSIONES, 1922. *CONGRESSO BRASILEIRO DE PROTEÇÃO À INFANCIA*, 1924.

Não obstante a aparente regularidade das seções, um olhar sobre os temários oficiais nos reporta às sutilezas e diferenças entre os enfoques políticos e sociais escolhidos por cada comissão executiva dos diferentes congressos. Analisando os quadros abaixo perceberemos que no *Primer Congreso Americano del Niño* há a preponderância das temáticas ligadas à maternidade e aos direitos da mulher, sobretudo da mulher trabalhadora. A fiscalização e organização do trabalho infantil também é tema recorrente nas sessões de Legislação Industrial, Assistência à mãe e à criança e Sociologia.

QUADRO 2 – TEMÁRIO OFICIAL SEÇÕES. *PRIMER CONGRESO AMERICANO DEL NIÑO* – 1916

Direito	Legislação Industrial	Higiene	Psicologia e Antropometria	Educação	Assistência à mãe e à criança	Sociologia
Organização do Ministério Público de menores	Projeto de legislação Industrial - temas: Inferioridade física e psíquica da criança do meio trabalhador; alimentação deficiente, fadiga, mal alojamento e ambiente na fábrica; repouso de trabalhadoras grávidas e puerpas;	Educação Física e intelectual na escola primária	Caracteres somáticos da criança americana, por região, idade e sexo	Ação social da escola	Proteção à maternidade	Conceito sociológico de maternidade desde os seguintes pontos de vista: a maternidade, as condições sociológicas e o pauperismo; maternidade em relação à ordem política, sua função dentro do Estado; critérios sociológico com que se deve considerar a mulher mãe.
Investigação de paternidade e a questão dos filhos adulterinos	Fundos de maternidade	Efeitos psico físico patológicos do sedentarismo escolar arraigado por métodos de ensino deficientes.	Capacidade auditiva da criança americana, por região, idade e sexo	Coeducação	Educação especial das jovens	As casas de expostos
O menor delinqüente, vicioso e abandonado	Fundos de seguro	Causas domésticas e sociais da morbidade e mortalidade infantil	Capacidade de atenção da criança americana, por região, idade e sexo	Como determinar que gênero de atividades no ramo dos conhecimentos é essencialmente educativa	Leis restritivas do trabalho feminino	Proteção social à criança exposta, órfãos e desvalidos: seguro estatal para crianças.
	Criação de berçários (salas cunhas) anexos às fábricas	Educação das crianças débeis, retardadas, defeituosas: matéria de escolas comuns ou especiais e complementares?	Capacidade amnésica e associativa da criança americana, por região, idade e sexo	Qual seria a norma do Estado aos programas de estudo convertidos nos programas de atividades escolares e no rol de conhecimentos exigíveis	A mortalidade infantil como elemento de bancarrota social	Estudo do desenvolvimento mental e físico da criança segundo as condições econômicas de seu lar.

Direito	Legislação Industrial	Higiene	Psicologia e Antropometria	Educação	Assistência à mãe e à criança	Sociologia
	Morbidade e mortalidade de crianças no meio trabalhador		Capacidade racionalizadora, generalizadora, imaginativa e de consciência da criança americana, por região, idade e sexo	Qual seria o espírito e conteúdo dos textos nas escolas de forma a não apenas transmitirem conhecimentos, mas guiarem o aluno nas operações de observação e descoberta por si mesmos	Proteção à criança abandonada	Considerações sociológicas sobre o Estado e suas relações com a instrução primária
	Inspeções no trabalho		Capacidade expressiva, muscular, afetiva, estética, volitiva e social da criança americana, por região, idade e sexo	Qual seria o critério das promoções	Por que o trabalho das crianças não beneficia à sociedade econômica e moralmente?	Socialização na escola primária
	O trabalho da mulher nas fábricas e oficinas			Qual seria a organização da inspeção técnica melhor encaminhada para dar alto valor à ação do professor que melhor educasse	A obrigatoriedade de escolar como a melhor forma de impedir que a criança seja explorada no trabalho	É ou não vantajoso para a sociedade tratar de melhorar certas crianças anormais
	O regramento do trabalho a domicílio			Qual a melhor maneira do Estado organizar e medir a obra educacional pública sem que a verificação do conhecimento dogmático sirva de medida	Clubes de mães	Causas impedoras do desenvolvimento da personalidade e da criança
	O trabalho das crianças			Qual seria a medida da educação recebida pela criança	Clubes de crianças	Sociedades de Temperança : forma prática de orientar suas ações

Direito	Legislação Industrial	Higiene	Psicologia e Antropometria	Educação	Assistência à mãe e à criança	Sociologia
	Salubridade de fábricas e oficinas que empregam mulheres e crianças				Necessidade e formas de favorecer as indústrias próprias da mulher nos distintos regimes	A eugenia como fator biológico, social e etnológico: estudo de um meio heterogêneo de renovação constante; influência do Estado para a consecução relativa e gradual de seus fins.
	Indústrias e trabalhos especialmente perigosos				Trabalhos infantis ao alcance dos lares que visem o bem estar da criança.	

FONTE: PRIMER CONGRESSO AMERICANO DE NIÑO, 4º BOLETIN, 1916, P. 41 A 48.

No *Segundo Congreso Americano del Niño* os temas oficiais aparecem em linhas mais gerais com menor detalhamento. Ainda apareceram menções ao trabalho infantil, no entanto, as questões da mulher trabalhadora praticamente serão excluídas do temário oficial, o que reforça a discussão anterior deste capítulo sobre a paulatina modulação das representações da mulher naqueles eventos.

QUADRO 3 – TEMÁRIO OFICIAL DO *SEGUNDO CONGRESO AMERICANO DEL NIÑO* – 1919

Seção de Medicina	Seção de Higiene e Assistência	Seção de Ensino	Seção de Sociologia e Legislação
Transtornos Gastrointestinais do Lactante	Profilaxia do Abandono da criança	Ensino Industrial	Reformatórios de menores
Doença de Hayne Medin	Obras Peri escolares	Obrigatoriedade do Ensino	Trabalho de menores
Diagnóstico e tratamento de adenites tuberculosas	Assistência à criança tuberculosa	Educação artística na escola	O Pátrio poder

FONTES: SEGUNDO CONGRESO AMERICANO DEL NIÑO, ORGANIZACION E CONCLUSIONES, MONTEVIDEO, 1919.

No Terceiro Congresso Americano da Criança o temário oficial não mencionará a questão do trabalho da criança nem da mulher. Será inserido o tema da assistência às mães solteiras e às gestantes de maneira geral. Essas mudanças demonstram o recrudescimento da já discutida recolocação do papel da mulher dentro da organização social, retirando-a do protagonismo de quem exige e discute direitos e colocando-a na posição de objeto de tutela.

QUADRO 4 – TEMÁRIO OFICIAL DO TERCEIRO CONGRESSO AMERICANO DA CRIANÇA

Seção de Medicina	Seção de Higiene e Assistência	Seção de Pedagogia	Seção de Sociologia e Legislação
Perturbações digestivas do Lactante	Clínicas escolares; assistência médica aos educandos.	Os retardados biológicos: causas e remédios, métodos de os agrupar na escola e de educar-los e melhorá-los	Os menores abandonados
Tumores de encéfalo em crianças	Ensino Popular da Puericultura	Os retardados mentais: reconhecimento e correção; o problema do analfabetismo .	O Pátrio poder: suspensão, perda, renúncia, reintegração
Alcoolismo na patologia infantil	Enfermeiras visitadoras na puericultura	Propaganda sanitária pela escola: educação higiênica	A soldada
Síndromes anafiláticas na infância	Organização da obra de defesa do recém nascido	Educação sexual nas escolas	Juízo privativo para proteção, defesa, processo e julgamento de menores abandonados e delinquentes
Encefalite Letárgica	Estatística mortinatalidade e mortalidade na primeira infância na América: sua uniformização	A educação Física e a Educação Moral e Cívica: métodos e programas	Sentença Indeterminada

Seção de Medicina	Seção de Higiene e Assistência	Seção de Pedagogia	Seção de Sociologia e Legislação
Estudos Endocrinológicos da criança	As Maternidades em países da América: notas e estatísticas	Disciplinas instrutivas preferenciais na escola primária, dada a finalidade (desenvolvimento mental e preparação para a vida social pela educação) e pela relativa preponderância dessas disciplinas	Institutos de educação, preservação e reforma
Acidose na Infância	A Proteção à mãe solteira	As disciplinas instrutivas preferenciais na escola secundária, dada a finalidade da mesma (formação das <u>elites</u> ¹⁰⁷ pela cultura geral)	O papel das associações de patronato
Disenteria Amibica	Assistência social à mulher grávida nos países da América do Sul	A seleção de incapazes afortunados nas escolas secundárias: proteção social dos mais aptos para a formação das <u>elites</u> ¹⁰⁸	O direito à vida e à saúde
Disenterias Parasitárias	A Nipologia e o Instituto de Nipologia	A educação integral e a especialização: oposições e concordâncias para maior rendimento humano e coletivo.	Do seguro social

FONTE: TERCEIRO CONGRESSO AMERICANO DA CRIANÇA, ORGANIZACIÓN Y CONCLUSIONES, UNIÓN PANAMERICANA, WASHINGTON, D.C. 1954.

O desejo de tabular uma infância americana e colocar em números suas necessidades, organizando um balanço do “niño americano” para enfim traçar novos planos para a América aparece nesses temas, principalmente no primeiro e terceiro congressos, nos quais são patentes os detalhes quanto às questões da organização da escola, dos espaços educacionais e do papel do Estado como fomentador, regulador e fiscalizador da educação.

Há que se considerar que, para além desses temas oficiais houve temas recomendados e temas livres, que trouxeram aos congressos uma amplitude de discussões que os quadros não abarcam. No entanto a oficialidade das

¹⁰⁷ Grifo do documento original.

¹⁰⁸ Grifo do documento original.

escolhas da comissão executiva pode ser lida como uma representação de tendências, anseios, conceitos e ideias sobre a criança, a mulher, a escola e o Estado.

A participação como congressista poderia se dar de maneira simbólica, na categoria de **membro honorário**, normalmente outorgada à guisa de homenagem pela Comissão Executiva às autoridades do país sede, políticos ou personalidades que se destacavam por sua atuação com a infância. Já os **membros oficiais ou titulares** eram participantes das delegações oficiais formadas pelas comissões dos diferentes países. A esses delegados, que em geral eram atuantes nas diferentes áreas de assistência, educação e saúde da criança, era facultada uma participação mais efetiva nos trabalhos de conclusão dos congressos, pois eram esses os membros que votavam a aprovação dos trabalhos nas seções temáticas. O papel dos delegados era central no trabalho de estreitamento de laços e estabelecimento de relações internacionais e circulação de saberes entre os países.

Os demais participantes tornavam-se membros do congresso mediante a inscrição formal e pagamento da taxa, sendo que no Primeiro e Terceiro Congressos se praticou o desconto de 50% nas taxas de professores e estudantes¹⁰⁹. Esses membros teriam o direito a apresentar comunicações, tomar parte nas discussões, participar das festas, receber as publicações, desde que apresentassem o Cartão do Congressista (Terceiro Congresso americano da Criança, Regulamento, 1924).

Embora não estivessem revestidos da autoridade dos membros oficiais, esses participantes, também chamados de **aderentes**, que poderiam ser pessoas físicas ou representantes de instituições voltadas ao trabalho com a infância, imprimiam aos congressos uma maior dinâmica e proximidade com as questões reais postas na prática de seus trabalhos com diferentes realidades da infância. Assim podiam, por suas intervenções nas discussões e votos, influenciar nas conclusões finais dos congressos, permitindo a circularidade de visões sobre a infância e suas especificidades.

E importante não perdermos de vista que a discussão em torno da América e seu empenho por via dos congressos para a internacionalização de

¹⁰⁹O valor da inscrição para o Terceiro Congresso, no Brasil era de 25 mil reis. O valor de inscrição no Segundo Congresso. No Uruguai, era de 5.0 pesos.

saberes e ações em prol da infância não toma o continente americano como um bloco. A participação dos países é variável. A adesão dos países está condicionada a imponderáveis diversos e observa-se que entre os fatores que limitam a participação estavam, além das questões de política interna aos países, fatores econômicos e geográficos.

Nunes (2011) realizou um extenso trabalho de tabulação de dados referentes às participações dos países nos Congressos Americanos del Niño entre 1916 e 1948. Com base em três tabelas construídas por ele, e em dados coletados em fontes primárias, organizei o quadro abaixo, no qual podemos visualizar a participação dos países nos três congressos, tanto em número de **membros honorários (M.O.)** como em número de **aderentes (A.)**.

QUADRO 5 – NÚMERO DE MEMBROS OFICIAIS E ADERENTES POR PAÍS, CONGRESOS AMERICANOS DEL NIÑO, 1916-1922

País	1º Congreso Americano del Niño		2º Congreso Americano del Niño		3º Congreso Americano da Criança	
	M.O. ¹¹⁰	A.	M.O	A.	M.O	A.
Argentina		138	13	139	2	123
Bolívia		1	2		1	
Brasil		31	7	66	7	13 ¹¹¹
Chile		7	1	18	4	57
Colombia		1	1		1	
Costa Rica			1		1	
Cuba		1	2		1	
Equador			1		1	33
El Salvador					1	
EUA		2	2	63	1	
Guatemala			1		2	
México			2		2	
Nicaragua					1	
Panamá			1		1	
Paraguai			2	21	4	30
Peru		7	1	21	2	24
Uruguai		22	58	748	2	164
Venezuela		1	3		3	3
Total		211	98	1076	30	455

¹¹⁰ Não há dados referentes aos Membros Oficiais do *Primer Congreso del Niño*, 1916, Buenos Aires.

¹¹¹ Foram computados apenas os 13 aderentes brasileiros que participaram exclusivamente do Terceiro Congresso Americano del Niño -1922, pois houve adesões registradas concomitantemente no Congresso Brasileiro de Proteção à Infância que chegaram ao número de 2.243 adesões, o que resultaria num total de 2.689 adesões.

FONTES: NUNES NETO (2011). CONGRESO AMERICANO DEL NIÑO, ORGANIZACION E CONCLUSIONES 2, 1919; TERCER CONGRESO AMERICANO DEL NIÑO, ORGANIZACION E CONCLUSIONES, 1922.

A participação de aderentes residentes nos países sede é sempre ampla e seria de se esperar que os países mais avizinados ao país sede contassem com mais participantes, mas a relação de proximidade não é exatamente direta à participação. O grau de envolvimento de cada nação com o projeto de internacionalização das discussões sobre a infância americana e a atuação dos grupos internos a cada país nessa mobilização pesam na conta. Uruguai, Argentina e Brasil, que sediam os eventos, encabeçam esse processo e contam com os maiores números de participantes nos três encontros, seguidos pelo Chile, Estados Unidos e Paraguai.

A comissão organizadora do *Primer Congreso Americano del Niño* foi definida pela Assembleia Extraordinária de Aderentes formada a partir do *Primer Congreso Nacional del Niño*, no ano de 1910 em Tucumã. Por sua vez, em sessão fechada, antes da última reunião do *Primer Congreso Americano del Niño*, tendo presentes os representantes oficiais dos países participantes, foi definido que o próximo congresso se realizaria no Uruguai na cidade de Montevideu. Essa se tornará uma prática tradicional, assim ao final de cada congresso, em uma sessão anterior à solene “Sesion de Clausura”, são apontados e votados os países que têm interesse em sediar o evento. A partir dessa definição os delegados do futuro país sede, junto ao seu governo, definem os nomes que comporão o Comitê Executivo.

Um total de 18 países esteve representado nos primeiros congressos, número bastante expressivo e que corrobora a relevância dada à criação de um espaço de discussões e fomento de ações em prol da infância, bem como a necessidade crescente das trocas de experiências e saberes numa perspectiva internacional pan-americana, a partir das realidades particulares e regionais.

O apoio diplomático oficial dos governos dos países às participações nos congressos é uma das faces do movimento pela problematização da infância, que ganha na esfera das relações internacionais da época certa visibilidade e força. Nesse movimento complexo, de ações e intenções variados, podemos perceber a sutileza das cadeias de interdependência que se estabelecem não apenas entre adultos que querem discutir, entender e coordenar a infância.

Podemos pensar que nesse jogo de relações interdependentes, as crianças e a vida infantil, enquanto são discutidas e mapeadas, também produzem uma nova forma de organização e sociabilidade na vida dos adultos.

2 A CRIANÇA E A INFÂNCIA AMERICANA EM DEBATE NOS PRIMEIROS CONGRESOS AMERICANOS DEL NIÑO

Os meninos Perdidos, crianças que caíram de seus carrinhos de bebê e foram esquecidas nas ruas por mães e babás descuidadas, compõem na história do escritor escocês J. M. Barrie o grupo de **Peter Pan** (1903). São meninos que vivem sem orientação da família, sem nome civil, sem documentos ou registros e sem os mínimos princípios da civilidade, tendo sua sobrevivência garantida por instinto e sorte.

Vivem na história, apartados da sociedade, num lugar distante: a *Terra do Nunca Jamais*, onde nada os tolhe nem os acolhe, os pune ou os orienta. Vivendo de aventuras são *outsiders*¹¹² no mais amplo sentido, afastados da vida da cidade, dividindo o espaço da ilha com piratas e selvagens, sem regras e sem futuro já que esses meninos nunca crescerão.

Peter, o líder dos *Meninos Perdidos*, é um experiente sobrevivente, um malabarista dos ares, destemido, debochado, mas no fundo solitário (daí sua busca por uma garota para ser a mãe de todos eles). Nesses meninos fictícios, – que aprendem a sobreviver se adaptando e se arriscando em voos incertos e arrojados – há um paralelo com o homem moderno descrito por Berman:

O homem da rua moderna, lançado nesse turbilhão, se vê remetido aos seus próprios recursos – frequentemente recursos que ignorava possuir - e forçado a explorá-los de maneira desesperada para sobreviver. Para atravessar o caos ele precisa estar em sintonia, adaptar-se aos movimentos do caos, precisa aprender não apenas a pôr-se a salvo dele, mas a estar sempre um passo adiante. Precisa desenvolver sua habilidade em matéria de sobressaltos e movimentos bruscos, em viradas e guinadas súbitas, abruptas, irregulares – e não apenas com as pernas e com o corpo, mas também com a mente e a sensibilidade (BERMAN, 1986, p.154).

¹¹²A ideia de outsider aqui remete a uma das faces do herói moderno de Baudelaire (Benjamin, 2006), o homem solitário e comum que tenta sobreviver na constante situação de conflito gerada pelas contradições e belezas da modernidade, sem conseguir, no entanto, se enquadrar ao ideal de homem moderno, industrial, consumidor, racional.



FIGURA 20 – ILUSTRAÇÃO DE F.D. BEDFORD PARA O CAPÍTULO IV DA PRIMEIRA EDIÇÃO DE PETER PAN E WENDY, 1911, (UK) & (USA).

A ideia do homem – e da mulher e da criança - modernos enfrentando a rua e a cidade que só cresce e que nesse movimento de expansão pode lhes “atropelar”, metafórica e literalmente, remete a uma das passagens mais marcantes da história de Peter Pan, representada na ilustração acima, na qual ele inicia os irmãos Wendy, John e Michael nas artes do voo e da sobrevivência no ar, sob os constantes sobressaltos de uma angustiada Wendy que teme por seus irmãos e as risadas de um despreocupado Peter para quem o risco de vida é uma espécie de esporte.

Os irmãos seguem o líder sem saber ao certo se podem confiar tanto em Peter como em suas próprias habilidades, mas já não podem fugir desse voo

caótico - não sabem como parar nem tampouco podem voltar para casa. O único a fazer é seguir voando, aprendendo com as aves, de cujos bicos roubam o pão com manteiga que os pássaros por sua vez pegaram de alguém.

A frase emblemática sob a ilustração “Let him keep who can” não aparece no corpo do texto do capítulo, mas sintetiza a sua ideia geral. Poderia ser traduzida como: *Deixe que ele [Peter] mantenha [em seu bando] quem consegue*. A lição de Peter Pan neste paralelismo com a sobrevivência na modernidade é clara: não será fácil para ninguém, sobretudo para as crianças, sobreviver no início de século XX, a vida moderna com sua tecnologia, sua ciência, sua beleza “é inseparável de sua miséria e ansiedade intrínsecas, é inseparável das contas que o homem moderno tem que pagar” (BERMAN, 1996, p.138).

Igualmente difícil e cheia de ação é a iniciação de Pinóquio na vida de menino. Criada pelo italiano Carlo Collodi e publicada pela primeira vez em 1883, a narrativa das aventuras e desventuras do boneco que passa por inúmeras provas até se tornar um menino de verdade foi traduzida para diversos idiomas e teve inúmeras reedições.

A tônica das aventuras do boneco se centra nos esforços de seu pobre pai artesão para que Pinóquio frequentasse a escola – vende a roupa do corpo para lhe comprar uma cartilha – e as tentações da cidade que sempre levavam o boneco para longe dos bancos escolares. Espetáculos teatrais, possibilidade de ganhar dinheiro, folguedos com meninos vagabundos na praia – tudo parece mais atraente que a escola.



FIGURA 21 – ILUSTRAÇÃO DE CARLO CHIOSTRI (FIRENZE, 1863 – FIRENZE, 1939) PARA O CAPÍTULO 27 DA 2ª EDIÇÃO DE PINOCCHIO – FIRENZE, 1901.

A ilustração acima se refere a uma das mais paradigmáticas desventuras de Pinóquio em suas incursões pelo universo escolar. Determinado a se corrigir depois de muitas más ações, o boneco vai à escola com as mais altas intenções de aprender e satisfazer as expectativas de seu pai, no entanto é convencido por colegas de classe, espertos e vadios, a ir para a praia ver tubarões. Lá descobre ter sido levado para uma armadilha: será alvejado por livros e cartilhas; assustado, consegue se desviar do ataque que acaba por atingir outro menino que é morto por um livro atirado em sua cabeça, crime pelo qual o boneco é responsabilizado e perseguido pela polícia.

O chamado das ruas versus a rotina escolar aparecerá em muitas passagens do livro, sendo o episódio da “Ilha dos Prazeres” provavelmente o mais conhecido: Um lugar sedutor, um paraíso onde a fartura de diversão e alimento é complementada pela ausência de qualquer escola. Os meninos e

meninas atraídos àquele lugar se perderam gazeando aulas, fugindo das regras e deveres escolares e estão fadados a um futuro burlesco, pois à medida que se alienam do saber formal, do regramento e da tutela dos adultos, no lar e na escola, começam a se bestializar, vendo lhes nascer rabos, crescer orelhas, para que finalmente se tornem burros de carga.

As crianças de Peter Pan e Pinóquio: uns perdidos da família, outros perdidos da escola, todos perdidos do controle do Estado, esses meninos fictícios representam, entre outras coisas, uma infância que se afasta paulatinamente do ideal romântico da infância pura¹¹³ e nos oferecem um panorama acerca de algumas concepções em ebulição, entre o final do século XIX e início de século XX, sobre infância, família e escola.

Marc Bloch retoma o provérbio árabe para nos avisar: *Os homens parecem-se mais com seu tempo do que com seus pais* (BLOCH, 2001, p.60). E assim também a literatura, tomada aqui como um observatório de ideias em circulação, captadas e registradas por homens que se parecem com seu tempo, revela, pelos temas, pela linguagem, pela estrutura e pelo suporte, muito do lugar de sua produção.

Lembremos que *Pinóquio* e *Peter Pan* são oriundos do mesmo movimento que alterava profundamente a existência material de homens, mulheres e crianças que viviam o inquieto entre séculos mencionado. Os *Meninos Perdidos* que abrem este capítulo estão aqui para nos lembrar de que foram criados a partir de representações do imaginário social para quiçá sublimar o desejo de que as crianças nas ruas e casas pobres fossem resgatadas, educadas, higienizadas, moralizadas – civilizadas, enfim. A pena sugerida para as incorrigíveis e inadaptadas é clara: banimento da cidade e a condenação simbólica a nunca crescerem ou se transformarem em bichos.

As adaptações a uma vida cidadã, cuja complexidade era crescentemente produzida, foram experienciadas pelo conjunto da sociedade – homens, mulheres e crianças vivendo e criando a modernidade em

113 A imagem sublime, pura e potencialmente criativa que filósofos do início do séc. XVIII, como o italiano Giambattista Vico, constroem sobre a infância irá aparecer fortificada, posteriormente, na segunda metade do séc. XVIII na França, principalmente por meio de Rousseau, autor que se servirá também da metáfora da criança como planta em crescimento, mas que pontuará essa comparação com a afirmação de que “Amanham-se as plantas pela cultura e os homens pela educação”.

dependência recíproca¹¹⁴, vivenciando novas formas de organização no trabalho e na vida social, de relacionamento comunitário e familiar entre outros. Nesse território que se expandirá no séc. XX tudo é de certa forma, inaugural, surpreendente, excitante e assustador.

Trata-se de uma paisagem de engenhos a vapor, fábricas automatizadas, ferrovias, amplas novas zonas industriais; prolíficas cidades que cresceram do dia para a noite, quase sempre com aterradoras consequências para o ser humano; jornais diários, telégrafos, telefones e outros instrumentos de *media*, que se comunicam em escala cada vez maior; Estados nacionais cada vez mais fortes e conglomerados multinacionais de capital; movimentos sociais de massa, que lutam contra essas modernizações de cima para baixo, contando só com seus próprios meios de modernização de baixo para cima; um mercado mundial que tudo abarca, em crescente expansão, capaz de um estarrecedor desperdício e devastação, capaz de tudo exceto solidez e estabilidade (BERMAN, 2008.p.28).

Nesse contexto de transformação repleto de paradoxos emerge a necessidade de novas diretrizes sociais e políticas em busca de algum regramento e controle sobre as crescentes populações urbanas e a consequente recrudescência da exclusão, miséria, doenças endêmicas, mortalidade infantil e delinquência.

A imagem de um centro em volta do qual a pressão aumenta com violência em ventos convergentes é bastante descritiva do fenômeno da moderna urbanização. “Centros ciclônicos de civilização” – é assim que Josiah Strong chama a cidade moderna – “com sua proliferação de problemas sociais, seu cadinho de raças e classes em contato íntimo, seus contrastes sociais, sua mistura própria de expectativas e desilusões, e seu misterioso crescimento tentacular” (BRADBURY, 1989, p.78). Nesse movimento a cidade se produz, e em pulsão caótica recria a cultura e a própria civilização.

Tornar-se então, no torvelinho, um pouco estranho à sua própria cidade é uma experiência compartilhada entre adultos e crianças. E se por um lado a cidade moderna se organiza para ampliar as possibilidades de conquista de bem estar, de saúde, de educação e de segurança, através de novos

¹¹⁴ Pensaremos a infância nesta tese não como categoria isolada e demarcada por marcos temporais, mas compreendendo o tempo da infância em sua dimensão de produção sócio cultural (VEIGA, 2004, p.37), e em uma dinâmica de “dependência recíproca” (ELIAS, 2001, p. 153) em relação ao adulto.

regramentos impostos para a vida social, por outro vai ficando cada vez mais evidente que o bem estar não é pleno e nem amplamente inclusivo.

O mundo moderno revelou-se “carregado e perigoso” (GIDDENS, 1991, p.19), nele são parcialmente invalidados os arcabouços de experiências anteriores e as referências mais familiares, como a relação do indivíduo com o lugar em que vive. E é esta relação fluida com o espaço uma das características mais marcantes da experiência da modernidade, “uma experiência que está sempre mudando, que não permanece estática e que é sentida com maior clareza no centro metropolitano da cidade” (FER, 1993, p.10).

E não apenas o espaço é de certa forma desconstruído na experiência social moderna, o tempo e os sentidos de passado e tradição também são revolvidos. Giddens se refere ao caráter de descontinuidade histórica associado ao período moderno, atentando para a especificidade desta ordem social que tem por vocação deslocar os indivíduos das zonas do que é tradicional ou familiar, colocando-os frente a experiências inéditas e profundamente estranhas. Tais mudanças, ainda segundo Giddens, são diferentes de quaisquer outras transformações antes ocorridas na história, visto a velocidade em que se operam e a magnitude do alcance que atingem, espalhando-se por todo o mundo.

O sentimento de vácuo entre o passado, presente e futuro na experiência de modernidade do século XX é recorrente em vários autores e bem debatido por Hannah Arendt, que localiza um novo paradigma de impermanência e perplexidade¹¹⁵ nas formas de vida social, com o esmaecimento da ideia de tradição:

Por longos períodos em nossa história, na verdade no transcurso de milênios, que se seguiram à fundação de Roma e que foram determinados por conceitos romanos, esta lacuna foi transposta por aquilo que chamamos tradição. Não é segredo para ninguém o fato de essa tradição ter se esgarçado cada vez mais à medida que a época moderna progrediu. Quando afinal rompeu-se o fio da tradição a lacuna entre o passado e o futuro deixou de ser uma condição

¹¹⁵ “[o mundo], com efeito, começou desde então a mudar, a se modificar e transformar com rapidez sempre crescente de uma forma para outra, como se estivéssemos vivendo e lutando com um universo proteico, onde todas as coisas, a qualquer momento, podem se tornar praticamente qualquer outra coisa” (ARENDT, 2009, p. 132).

peculiar unicamente à atividade do pensamento e adstrita, enquanto campo de experiência, aos poucos eleitos que fizeram do pensar sua ocupação primordial. Ela tornou-se realidade tangível e perplexidade para todos, isto é, um fato de importância política (ARENDT, 2009, p. 40).

Essa percepção de ruptura com a tradição pode ser sentida de maneira sutil, mas reiterada, nos debates trazidos nos *Congresos Americanos del Niño*. Naquele contexto parece adquirir nuances especiais, pois romper com a tradição nesse caso se configurará, na maior parte das vezes, romper com a Europa que decai em consequência da Primeira Grande Guerra, deixando as nações americanas na condição de críticas pesarosas, mas dispostas a assumirem seu quinhão de liderança nova sobre a humanidade.

Cezar Sanches Aizcorbe, delegado da comitiva peruana no *Segundo Congreso Americano del Niño*, Montevideu, 1919, diz sobre o modelo educativo e político tradicional europeu, em seu discurso na solenidade de abertura do evento:

Depois desta guerra global, este grande salto para trás, deste retrocesso à barbárie não é mais possível, senhores, persistir no erro que tantas lágrimas e tanto sangue custou à humanidade. Reconheçamos, pois, ainda que este reconhecimento possa ferir muitos preconceitos e interesses valiosos criados. Toda dissecação, exceto em um cadáver, tem que ser dolorosa. E eu já vos disse. América, a América nossa, a Atlântida sonhada pelos poetas e deduzida como uma necessidade de equilíbrio geográfico pelos sábios do mundo antigo é a nossa esperança para a Humanidade. A ela, a nós, aos homens de nossa geração corresponde, por um verdadeiro mandato histórico, dirigir após o cataclismo a obra da reconstrução. Invistamos nisto com plena consciência de nossos inexcusáveis deveres e de nossos grandiosos destinos. Salvemos, com o pensamento e com o coração, nossas fronteiras políticas, para formar a alma coletiva americana, que será a alma da humanidade (AIZCORBE, 1919, p.126).¹¹⁶

¹¹⁶ Después de esta guerra mundial, de este gran salto atrás, de este retroceso a la barbarie, ya no es posible, señores, persistir en el error que tantas lágrimas y tanta sangre han costado a la humanidad. Reconozcámoslos, pues, aunque este reconocimiento hiera muchos prejuicios y valiosos intereses creados. Toda disección, salvo en un cadáver, tiene que ser dolorosa. Y ya os lo he dicho. América, la américa nuestra, esta Atlántida soñada por los poetas y deducida como una necesidad de equilibrio geográfico por los sabios del mundo antiguo, es la nuestra esperanza de la humanidad. A ella, a nosotros, a los hombres de nuestra generación corresponde por un verdadero mandato histórico, dirigir después del cataclismo la gran obra reconstructiva. Acometámosla con plena conciencia de nuestros inexcusables deberes y de nuestros grandiosos destinos. Salvemos, con el pensamiento, y con el corazón nuestras fronteras políticas, para formar el alma colectiva americana, que será el alma de la humanidad (Cesar Sánchez, AIZCORBE. 2º Congreso Americano del Niño, 1919, p.126).

E a formação dessa alma americana será em grande medida entendida como equivalente à formação da infância. A criança, ou mais especificamente “El niño americano”, se torna, naquele contexto a própria carne da ruptura, a personificação da “alma americana e da humanidade”, o elemento capaz de preencher – com as esperanças e temores que cercam a ideia de criança no período - a lacuna entre o passado e o futuro.

Ao analisar as metáforas nos discursos dos congressos é possível perceber de que maneiras se “extrapola a questão da criança como sujeito e se projeta sobre as transformações da sociedade como um todo, o que indica sua articulação com a emergência dos imaginários sociais acerca das novas gerações” (CARLI, 2003, p. 27).¹¹⁷

A infância que é sujeito dos discursos desses eventos é então entendida como terreno de constituição das crianças, mas também de modulação da sociedade e das gerações adultas futuras (ibid, p.15).

Confrontamo-nos então com um imaginário social que inscreve a infância num tempo mais amplo que o tempo presente da criança, conectando-a ao tempo da política e da educação que é sempre impulsionado ao futuro, um tempo marcado por expectativas e projetos no qual a tradição passa a ser a tradição produzida pela geração adulta presente (lembremos aqui do discurso do congressista Aizcorbe e sua ideia de “mandato histórico” de responsabilidade sobre a humanidade futura) em busca de sua inscrição no legado ao futuro.

A infância está circunscrita, pois, na tensão entre tradição, presente e futuro, e nesse contexto assume as feições de “símbolo socializador”,¹¹⁸ do qual a manutenção e aperfeiçoamento da própria modernidade e da América como continente forte passa a depender simbolicamente. Percebamos como as imagens de passado, futuro, esperança, oferenda, bem e amor aparecem encadeadas à ideia de criança em um pequeno fragmento do discurso do

¹¹⁷ “Si desborda la cuestión del niño como sujeto y se proyecta sobre las transformaciones de la sociedad como totalidad, y que indica su articulación con la emergencia de los imaginarios sociales acerca de las nuevas generaciones” (CARLI, 2003, p.15). (Tradução minha).

¹¹⁸ A concepção de símbolo socializador foi elaborada a partir das reflexões de Elias (1998) sobre o tempo como aprendizagem e produção social: “um símbolo, entretanto, para ser aceito e legitimado por um grupo e uma sociedade, precisa constituir-se em uma referência” (VEIGA, 2004, p.63).

Ministro de Instrucción del Uruguay, Rodolfo Mezzera, na sessão solene inaugural do *Segundo Congreso del Niño* – 1919; ele pronuncia o discurso no mesmo dia do funeral de sua mãe e faz menção às coroas de rosas e outros tributos deixados sobre os túmulos em honra da memória dos falecidos:

Penso – no entanto – que seria muito melhor, que teria um significado mais amplo e impacto mais eficaz oferecer para aqueles que se foram na honra e no bem – na forma de uma insigne recompensa – o canto alegre das crianças, que levam em cada sorriso uma esperança e a cada mecha de cabelo uma incógnita e em cada olhar e cada grito e cada gesto o belo germe do bem e do amor. Não pode haver maior oferta desde que é a infância um belo símbolo que com os elementos do passado constrói e desenvolve o futuro (MEZZERA, 1919, p.73).¹¹⁹

Esse imaginário simbólico tem uma perspectiva multifacetada, pois assim como a infância e a criança serão simbolizadas como berço e raiz do novo homem moderno e de uma nova e próspera humanidade, protagonizarão grande número de problemas sanitários, educacionais, legais e sociais e serão muitas vezes associadas como resíduo mais evidente de uma população doente, ignorante e degenerada.

O tensionamento da infância entre o passado e o presente será tema retomado no capítulo três desta tese, no qual as questões da escolarização serão detalhadas. A discussão incluirá também a hipótese de que muitas das ideias educativas em debate nos congressos, por um lado, circularão no terreno da dissolução de determinados laços para com a tradição escolar e herança cultural europeia. Por outro, buscarão criar novos laços pela via das pedagogias “ativas”, de um ensino “prático” que levasse à preparação para o mundo do trabalho muito mais que à erudição.

Antecipando um pouco esta discussão, observemos o que disse Webster E. Browning, delegado dos EUA, na sessão solene de abertura do *Segundo Congreso del Niño*, 1919:

¹¹⁹ *Pienso – sin embargo – que sería mucho mejor, que tendría un más alto significado y una repercusión más efectiva ofrecer a los que se fueron en el honor y ele bien, – a la manera de una insigne recompensa, – con los cantos alegres y bulliciosos de los niños, que llevan en cada sonrisa una esperanza, y en cada guedeja una incógnita, y en cada mirada y en cada grito y en cada gesto el germen hermoso del bien e del amor. No puede haber oferta superior desde que la niñez es un hermoso símbolo que con los elementos del pasado construye y desarrolla el porvenir* (Rodolfo MEZZERA. 2º Congreso Americano del Niño, 1919, p. 73).

O homem meramente instruído, ainda que ostente títulos das mais reconhecidas universidades do Velho Mundo e do Novo e brilhe por suas habilidades prodigiosas, pode chegar a ser um perigo para a sociedade que o rodeia. E uma nação repleta de tais cidadãos, homens somente instruídos, sem essa cultura necessária da mente e do espírito, pode se converter em um perigo para a humanidade inteira. E quanto mais instruído é o cidadão, ou a nação, sem a correspondente medida de educação pode ser maior o perigo. Para comprovar esta verdade, não teríamos que virar muitas páginas da história, pois o mundo inteiro ainda geme e sangra por causa da falência e crimes de uma civilização que foi cuidadosamente instruída - se assim quiserem - mas que carecia desta educação da mente e coração (BROWNING, 1919, p. 115).¹²⁰

A Europa, cuja vulnerabilidade causada pela guerra abalava o prestígio, ao menos no campo das relações internacionais, assumia em certa instância o papel de anti-modelo; tomo de empréstimo uma ideia de Hobsbawm sobre a recrudescência dos nacionalismos em tempos de guerra nos países europeus e a aplico ao caso do crescente americanismo e ao uso das estratégias discursivas que colocam em destaque as “falhas” do Velho Mundo: “Tudo isso enfatizava a diferença entre ‘eles’ e ‘nós’. E não há modo mais eficaz de unir as partes díspares de povos inquietos do que uni-los contra forasteiros” (HOBBSAWM, 1990, p.112).

A escola prática, moderna, cientificamente planejada será discutida em inúmeras teses apresentadas nos três primeiros congressos americanos da criança e os vieses dessa educação para a eficiência e para o trabalho se refletirão também nas representações de criança que engendram: a criança ativa, mas não irrequieta; a criança inteligente, mas obediente; a criança econômica, limpa, trabalhadora, fiel, organizada e a um passo de assumir seu papel de condutora da América a dias cada vez melhores.

Pensar essas representações como desejos e projeções de um modelo da criança ideal leva a pensar no quão compensatórios poderiam ser esses

¹²⁰ *El hombre meramente instruido, aunque ostente títulos de las más reconocidas universidades del viejo e del nuevo mundo, y brille por sus aptitudes portentosas, puede llegar a ser un peligro para la sociedad que lo rodea. Y una nación, completa de tales ciudadanos, de hombres solo instruidos, que carecen de esa cultura necesaria de mente y de espíritu, puede convertirse en un peligro para la humanidad entera. Y cuanto más instruido sea el ciudadano, o la nación, sin la medida correspondiente de educación tanto más puede ser el peligro. Para comprobar esta verdad, no tendríamos que dar vuelta a muchas páginas de la historia, pues el mundo enterró aún gime e sangra a causa de la bancarrota y los delitos de una civilización que fue esmeradamente instruida, – si se quiere – más carecía de educación, de mente e corazón (Webster E. BROWNING. 2º Congreso Americano del Niño, 1919, p. 115).*

paradigmas e a que modelo de infância ele poderia estar tentando se contrapor. Que criança era essa que não passivamente se enquadrava na fôrma do "niño americano"? Qual sua potência, suas relações com os adultos e com o mundo social como um todo, incluindo o universo do trabalho, da urbanização, do entretenimento, do consumo?

Pois, se há um modelo deve haver quem lhe escape, e perceberemos isso nos discursos que apontam as questões da criança trabalhadora (enaltecida ou lamentada nos diferentes momentos dos congressos e de acordo com as disputas de representação que se travam nos eventos), da criança adoentada, enfraquecida e considerada anormal, da criança vagabunda e perniciosa, da criança que teima em desafiar o projeto eugênico e nasce nas famílias consideradas menos modelares e preparadas para a concretização do sonho americano de superioridade. Da criança que é inúmeras vezes retratada como delicada demais, frágil demais, incapaz demais para ser descuidada por um segundo que seja. E de quem a todo custo se busca obliterar a potência, a capacidade de atuar socialmente e as particularidades que lhe possibilitam resistir às diferentes formas de domínio do adulto.

Passo então a discutir esses papéis simbólicos imputados à criança e presentes nas fontes, buscando não perder de vista a crítica a uma tradicional historiografia da infância que desprovê a criança de sua capacidade de produtora de cultura, como alerta Susana Sosenski:

É tempo de adotar uma atitude crítica diante das posições paternalistas que consideram crianças e adolescentes como objetos passivos, meros receptores de políticas e de proteção, vítimas de exploração ou sujeitos dominados de papeis simbólicos como a pureza ou a inocência e começar a pensá-los como atores sociais, culturais e econômicos, na medida em que tiveram possibilidades de atuar, transmitir valores entre gerações, transformar seu meio, resistir à dominação e afirmar sua individualidade (SOSENSKI, 2010, p.1231).¹²¹

¹²¹ Es tempo de adoptar una actitud crítica hacia las posturas tradicionales y paternalistas que consideran a los niños y adolescentes como objetos pasivos, meros receptores de políticas y de protección, víctimas de la explotación o sujetos dominados por papeles simbólicos como la pureza o la inocencia y comenzar a pensarlos como actores sociales, culturales y económicos, en la medida en que tuvieron posibilidades de actuar, transmitir valores entre generaciones, transformar su medio, resistir a la dominación y afirmar su particularidad (SOSENSKI, 2010, p.1231).

Buscarei sempre que possível, pensar as representações e também tentar entrever os vestígios da atuação social das crianças presentes nos congressos pela voz dos adultos que as fizeram sujeitos – ou objetos – de seus debates nos três primeiros congressos.

Para tanto organizei a análise das representações de infância e criança em alguns eixos, que constituíram os seguintes itens:

- As representações sobre infância e organização familiar em suas relações com a higiene e a racionalidade médica nos três primeiros congressos americanos da criança;
- As representações sobre infância e organização familiar e suas relações com o Estado e a lei nos três primeiros congressos americanos da criança;
- As representações sobre a infância e suas relações com o mundo do trabalho nos três primeiros congressos americanos da criança.

Neste exercício analítico com as fontes busco sinais de como os eixos atravessam todas as diferentes seções dos três primeiros congressos, apontando algumas das maneiras pelas quais a lei, a higiene, o trabalho construíam as ideias de infância americana e sob que debates se planejavam mecanismos para que elas se espargissem e tomassem forma em todo continente.

2.1 INFÂNCIA E ORGANIZAÇÃO FAMILIAR EM SUAS RELAÇÕES COM A HIGIENE E A RACIONALIDADE MÉDICA NOS TRÊS PRIMEIROS CONGRESOS AMERICANOS DEL NIÑO

A Biblioteca Especializada Dr. Luis Morquio, localizada no Instituto Interamericano del Niño la Niña y Adolescentes, em Montevideu, foi um dos mais importantes centros de documentação acessados durante esta pesquisa. Lá grande parte dos documentos oficiais e registros dos *Congresos Americanos del Niño* encontram-se preservados e dão seu testemunho material do esforço por documentar e oficializar aqueles eventos.

Um grande acervo sobre o congresso de 1919 realizado no Uruguai é sem dúvidas um dos maiores patrimônios do espaço. Há pastas de couro que guardam, organizados por índices escritos à mão, textos originais enviados para submissão ao congresso (alguns deles preciosamente rabiscados,

corrigidos à mão e comentados pelas comissões avaliativas), algumas cartas convite a delegações estrangeiras e comentários posteriores à apresentação dos trabalhos nas seções de *Ensenaza e Sociologia e Direito*.

Os trabalhos apresentados nas seções de *Medicina e Higiene y Asistencia*, no entanto, receberam tratamento diferenciado: além dos originais que constam nas *carpetas*, os trabalhos foram impressos em forma de livro em três volumes, dois inteiramente dedicados aos trabalhos de Medicina e outro dividido entre trabalhos de Medicina e Higiene e Asistencia.

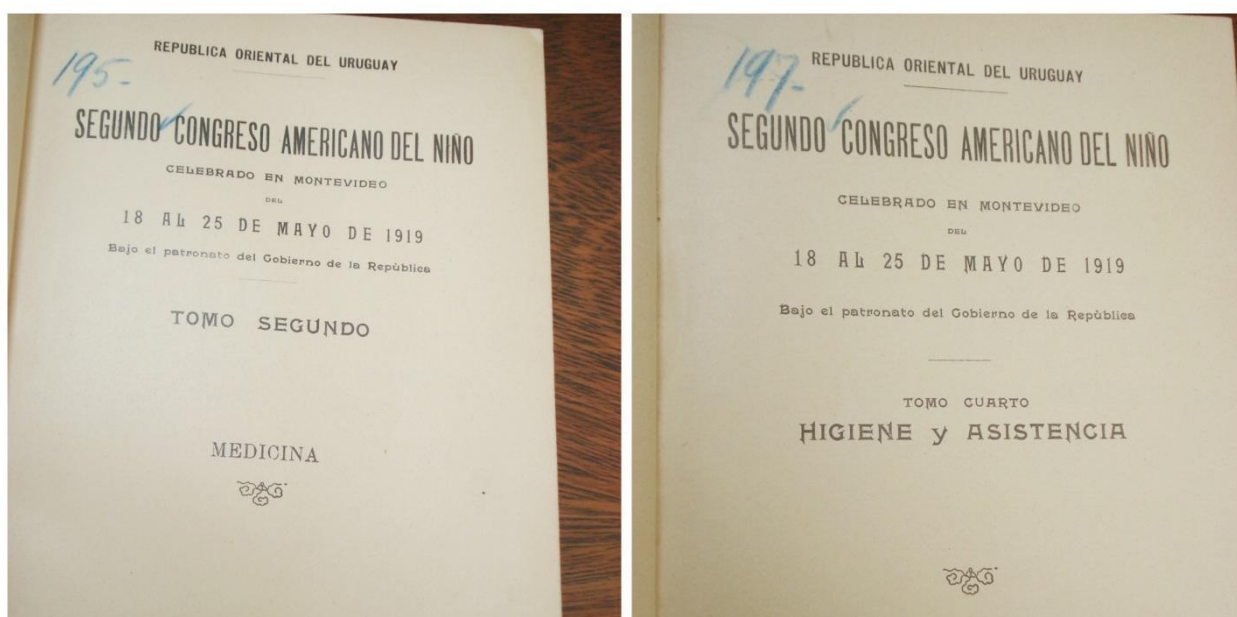


FIGURA 22 – FOLHA DE ROSTO DOS LIVROS PUBLICADOS COM TRABALHOS DA SEÇÃO DE MEDICINA E DA SEÇÃO DE HIGIENE E ASSISTÊNCIA DO *SEGUNDO CONGRESO AMERICANO DEL NIÑO* – TOMOS 2 E 3, MONTEVIDEO, PEÑA HNOS. IMPRESORES, 1919.

Dos volumes desses livros que a Biblioteca Luiz Morquio guarda – um exemplar de cada um – dois deles ainda traziam algumas páginas não refiladas que necessitei cortar para ler, não sem me comover um pouco ao perceber que era a primeira leitura que receberiam 93 anos depois de sua edição. Infelizmente não descobri a tiragem e distribuição dessas publicações cuja impressão foi feita sob o patrocínio do governo do Uruguai em livros de capa dura, bem encadernados e ilustrados.

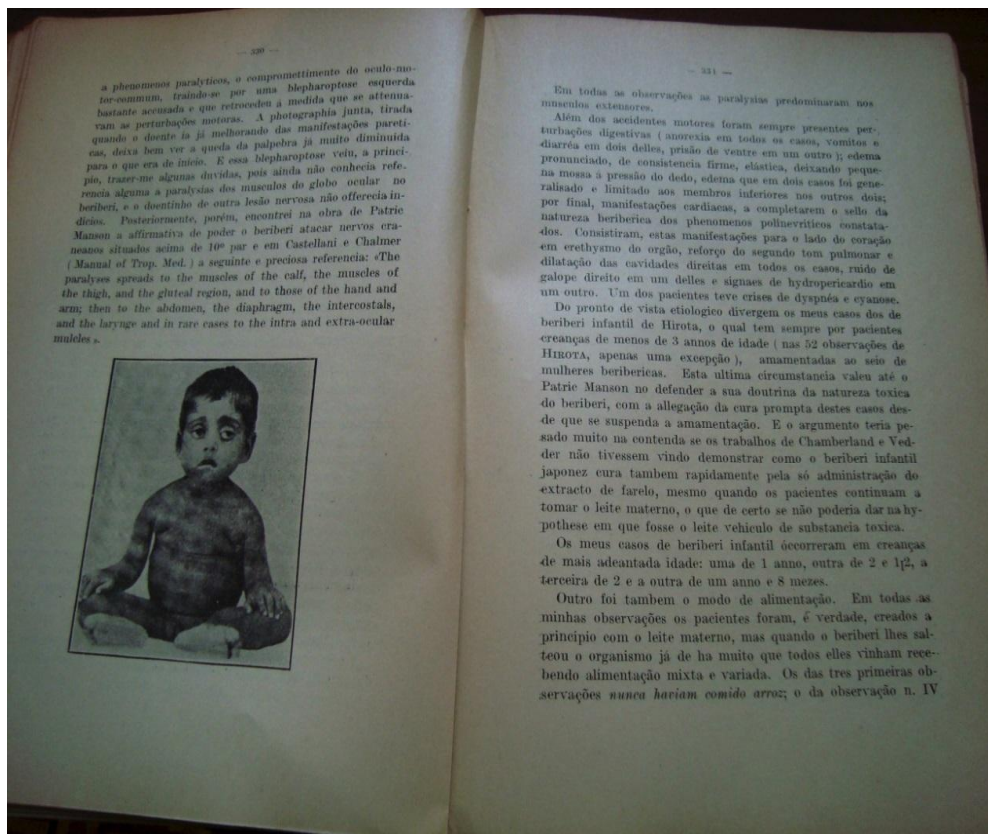


FIGURA 23 – PÁGINA ILUSTRADA POR FOTOGRAFIAS NO LIVRO PUBLICADO COM TRABALHOS DA SEÇÃO DE MEDICINA E DA SEÇÃO DE HIGIENE E ASSISTÊNCIA DO SEGUNDO CONGRESSO AMERICANO DEL NIÑO – MONTEVIDEO, PEÑA HNOS. IMPRESORES, 1919.

A maneira diferenciada de perpetuar os trabalhos de *Medicina e Higiene y Asistencia* em formato de livro, enquanto os trabalhos de *Enseñanza e Sociologia y Direito* permaneceram arquivados apenas nas versões apresentadas por seus autores, traz indícios sobre o *lugar* ocupado pela Medicina e Higiene nos *Congresos Americanos del Niño* no início do século XX na América e na América Latina.

E mais uma vez aqui, o *lugar* é pensado a partir de Certeau (2008a, p.123-125) entendendo-o como o espaço onde se produz uma prática, de onde se emite um discurso, e que é importante referência na validação dos sentidos da prática, desse discurso. Assim o prestígio e autoridade da ciência médica esteiam e diferenciam a valoração simbólica dada às produções nas seções de Higiene e Medicina.

Não é fato de menor importância que a presidência e organização dos congressos da criança tenham médicos como protagonistas: Julieta Lanteri,

Luis Morquio, Olinto de Oliveira (este último em parceria com Moncorvo Filho, grande articulador das políticas de assistência à infância e mentor dos congressos no Brasil). Todos pediatras, imbuídos da autoridade que a figura do médico já conquistara em cerca de dois séculos de medicina social¹²² em ação por todo o ocidente.

Os médicos, com a força da corporação que constituíam, deram o tom e tomaram a frente dos movimentos de organização de saberes sobre a infância. As marcas da racionalidade e da ciência médica se espalharam por sobre todas as áreas que envolviam os cuidados com a infância e a família.

Olhar e decifrar. Analisar e prescrever. Controlar e prever. Diagnosticar e prever. Verbos que supõem atos, configurando, igualmente, uma gramática de práticas correlatas a uma ciência e uma corporação. Constituída e continuamente reafirmada nestes termos a racionalidade médica reuniu argumentos, calculou procedimentos, investiu em técnicas, constituiu instituições e fabricou tecnologias suficientes para produzir a ordem médica (GONDRA, 2003, p.27).

A reafirmação dessa posição diretiva nos projetos de desenvolvimento modernos pela via da higiene e seus desdobramentos – sobretudo a puericultura e a eugenia – e da normalização dos corpos e condutas é reiterada frequentemente nos textos dos médicos (e eles são muitos) que participam dos primeiros *Congresos Americanos del Niño*. A intenção a seguir é a de que recuperemos alguns desses debates em busca de detalhes, das representações mais hegemônicas sobre esses temas, bem como das disputas e lutas de representação engendradas nos eventos.

¹²²O conceito de medicina social que emprego aqui se baseia na hipótese Foucaultiana de que a medicina foi desde o século XVIII ostensivamente utilizada como mecanismo de poder e controle sobre as populações citadinas. Num primeiro momento a bio-política visou a fortalecer ao Estado e à própria ideia de Estado (com o registro da morbidade e a normalização da prática médica principiada na Alemanha do séc. XVIII); num segundo momento visou a normalizar os processos de urbanização pela via do saneamento e por fim, num terceiro momento, se voltou à normalização das populações pobres (FOUCAULT, 1988, p.79-111). Nos movimentos médicos e higiênicos observados através das fontes dos Congressos Americanos da Criança das primeiras décadas do novecentos fica bastante evidente a ação bio-política incidindo sobre os processos de urbanização e sobre os trabalhadores e pobres em geral, principalmente pela via dos intentos de medicalizar, higienizar e moralizar a infância enquanto se normalizavam também as famílias e seus costumes. Apesar disso, reconheço, é claro, as ações do Estado pelo saneamento e pela prevenção e cura de doenças como fundamentais na redução da mortalidade infantil e melhoraria das condições gerais de saúde da infância latino americana.

2.1.1 Vindo à Luz: O nascimento da criança americana sob a égide da racionalidade médica nos primeiros *Congresos Americanos del Niño*

Gondra (2003) afirma que a constituição do campo da Higiene enquanto eixo fundamental foi essencial para a representação da medicina como uma “verdadeira e efetiva ciência do social” (p.28). No contexto dos congressos em estudo percebi o quão forte era o desejo de reafirmação da preponderância da higiene e do papel dos higienistas. Vejamos um fragmento do texto do médico uruguaio Mateo Legnani, na seção de Higiene e Assistência do *Segundo Congreso Americano del Niño*:

Difundem-se circulares que advertem aos médicos que adotem hoje uma, amanhã outra medida profilática...

Porém o que digo é que se deve pedir mais: que cada profissional se converta em vivo e ativo agente de propaganda higiênica, comportamento que deveria ser observado por toda parte. (...)

O médico, desde que egressa da faculdade, ao começar a curar deve começar a higienizar também, como se sua ânsia fosse a de evitar a todo custo que seu cliente caia de cama, ou, dizendo de modo mais sugestivo, como se preferisse a luta serena e fria da higiene como forma de se esquivar da luta emocionante e esmagadora do clínico (LEGNANI, 1919, p.173-174).¹²³

A crítica do congressista se direciona às ações do *Consejo Nacional de Higiene do Uruguai* e corporações análogas nos demais países americanos, entendidas por ele como pouco incisivas no trabalho de continuamente conclamar os médicos a não esquecerem de sua tarefa magna enquanto agremiação que deve espalhar a prevenção e cumprir seu papel perante a civilização de maneira contínua e diligente.

A luta “serena e fria” da higiene, sabemos hoje, era uma quimera, basta que nos lembremos do levante de 1904 no Brasil com a Revolta da Vacina¹²⁴; no

¹²³ *I si reparten circulares que advierten a los médicos que adopten hoy una, mañana otra medida profiláctica ... Pero lo que digo es que debe pedirse más, todavía. Que cada profesional se convierta en vivo y activo agente de propaganda higiénica, compartición que debería observarse en todos lados. (...)El Médico, desde que egresa de la Facultad, al empezar a curar debe empezar a higienizar también, como si su anhelo fuera impedir, a todo trance que sus clientes cayeran en cama, o expuesto con mayor sugestivita, como si prefiriera la lucha serena y fría de la higiene á objeto de esquivar la tarea emocionante y aplastadora del clínico* (Mateo LEGNANI. 2º Congreso Americano del Niño, 1919, p.173-174).

¹²⁴ “Esta foi marcada por um levante popular contra as autoritárias leis sanitárias e violentas intervenções urbanas impostas pelo prefeito da capital federal Pereira Passos com indicação do Dr. Oswaldo Cruz, diretor do Serviço de Saúde Pública. (...) depois de vários dias de levante

entanto o texto de Legnani permite perceber uma representação intercorporativa da função regeneradora e social do médico do período. Para Legnani, seria um desperdício imperdoável que os médicos – produtos da civilização – se formassem nas universidades e em detrimento de seus objetivos individuais deixassem de assumir a tarefa higienizadora.

É preciso que a civilização retire de suas criações a totalidade do suco extraível. Que as autoridades o exijam. De outro modo as obras do progresso tendem a assumir as feições de monstruosidades. Se a enorme fecundidade de títulos que caracterizam nossas universidades não é aproveitada de maneira consciente resultará que as democracias fundadoras, alimentadoras e excitadoras das universidades obterão o fracasso, se verão defraudadas, uma vez que em lugar da superiorização geral colherão pauperismo intelectual, desequilíbrio econômico e delinquência (LEGNANI, 1919, p. 173).¹²⁵

Este fragmento contundente do texto Legnani, embora se refira à questão dos médicos que deixam de dar sua contrapartida à democracia que os possibilitou a existência profissional, mescla elementos de uma igualdade social difusa que deseja a promoção (ou “superiorização”) de todos, mas tem uma base fortemente ancorada em princípios liberais e na força de uma ideia central no processo da expansão capitalista: a de que cada homem e mulher na moderna sociedade deveriam ser úteis¹²⁶, deveriam ter “seu suco extraído ao limite”, pelo bem da civilização.

Esse amálgama de intenções e objetivos, bem como a proeminência das questões de saúde e higiene em estreita relação com medidas e discursos educativos, que unem estreitamente medicina e escola,¹²⁷ estão muito presentes nos três primeiros *Congresos Americanos del Niño*.

em toda a cidade, das prisões, deportações e execuções, o governo conseguiu conter os revoltosos e impor sua discutível política sanitária” (MOTA, 2003, p. 22-23).

¹²⁵ *Es preciso que la civilización saque de sus creaciones la totalidad del jugo extractable. Que las autoridades lo exijan. De otro modo las obras del progreso suelen adquirir aspecto de monstruosidades. Si la enorme fecundidad de títulos, que caracteriza a nuestras universidades, no es aprovechada a consciencia resultará que las democracias fundadoras, alimentadoras e excitadoras de las universidades obtendrán fracaso, se verán defraudadas, desde que en vez superiorización general cosecharan pauperismo intelectual, desequilibrio económico e delincuencia* (LEGNANI, 2º Congreso Americano del Niño 1919, p.173).

¹²⁶ É este princípio de utilidade, de serventia até mesmo dos pobres para que a maquinaria urbana funcionasse que justifica, para Foucault, o interesse da medicina para com as camadas populares (FOUCAULT, 1988, p. 94).

¹²⁷ No capítulo três desta tese me detive mais detalhadamente sobre a especificidade dos saberes higiênicos e sua penetração nos programas escolares pela via da Educação Física, Puericultura e Educação Sexual.

O desafio de “higienizar a todo custo” encontrará na escola uma ferramenta de amplo alcance, aliada a outros meios de divulgação. Os impressos, tais como cartilhas e folhetos, foram parte do processo de difusão atuando como uma categoria dentre os “múltiplos dispositivos por intermédio dos quais se procurou divulgar, dentro ou fora da escola os preceitos da moderna higiene a toda população” (ROCHA, 2003, p.185).

Nos debates dos primeiros congressos alguns modelos de folhetos e cartilhas foram propostos, inclusive pelo já citado Legnani, que apresenta em anexo ao seu trabalho uma pequena brochura, cuja proposta, exposta nas conclusões, poderia servir de modelo para médicos de toda a América e ser anexada a toda receita médica emitida em qualquer consultório da América.¹²⁸

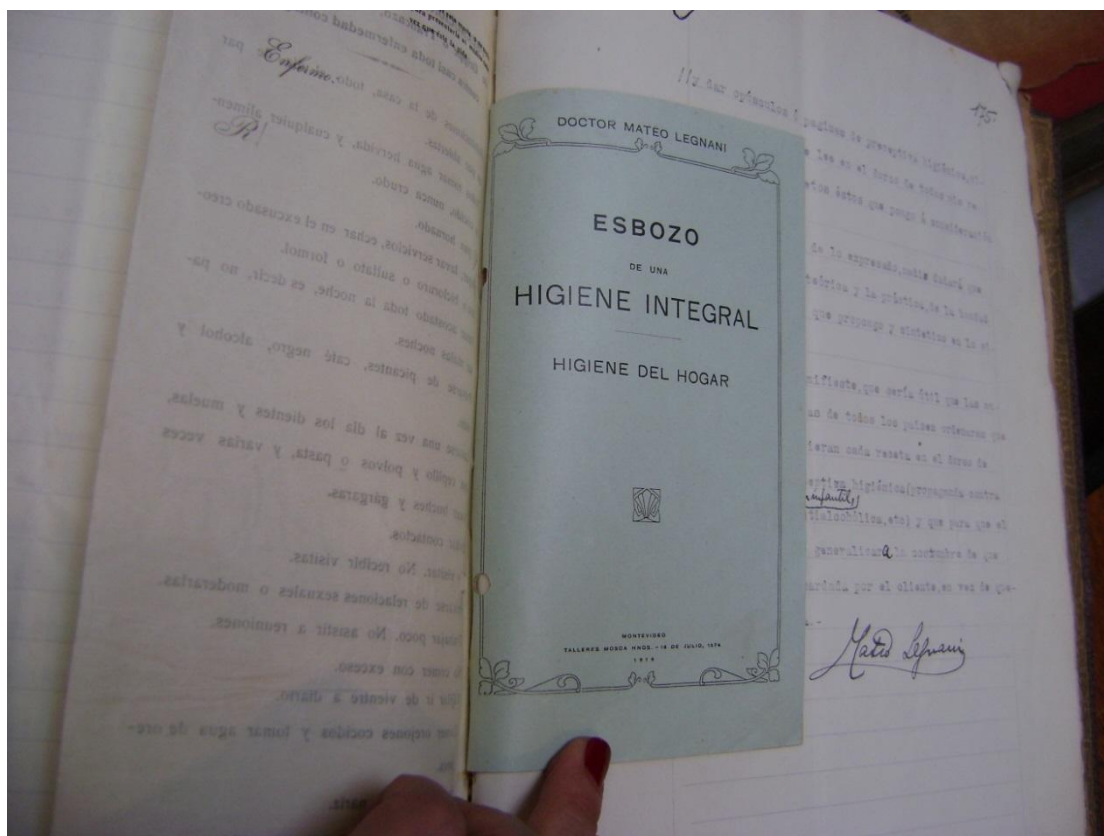


FIGURA 24 – CAPA DO FOLHETO “ESBOÇO DE UMA HIGIENE INTEGRAL – HIGIENE DO LAR”, DE AUTORIA DE MATEO LEGNANI, APRESENTADO NO *SEGUNDO CONGRESO AMERICANO DEL NIÑO*, CARPETA 2, MONTEVIDEO, 1919.

O impresso “Esboço de uma Higiene Integral – Higiene do Lar”, tipografado, em papel jornal e com capa em cartolina, era composto por 11

¹²⁸ Proposta apresentada na conclusão do trabalho de LEGNANI, 1919, 2º *Congreso Americano del Niño*, p.175.

páginas divididas em quatro seções dedicadas a explanar em itens listados princípios básicos para a higiene da sexualidade e do ato sexual (no item “cuidados del amor”); cuidados pré-natais (no item “cuidados del embarazo”); princípios de higiene durante o parto dirigidos às parteiras (na seção “cuidados del parto”); e uma lista de procedimentos para atender ao recém-nascido (na seção “cuidados de los niños chicos”). Por representarem algumas das principais ideias sobre eugenia, puericultura e princípios sobre a normatização da sexualidade alguns tópicos dessas seções serão tensionados no decorrer deste sub-capítulo.

No livreto de Legnani as instruções, diretas e curtas, são precedidas por uma “Advertência”, à guisa de introdução, cuja imagem segue:

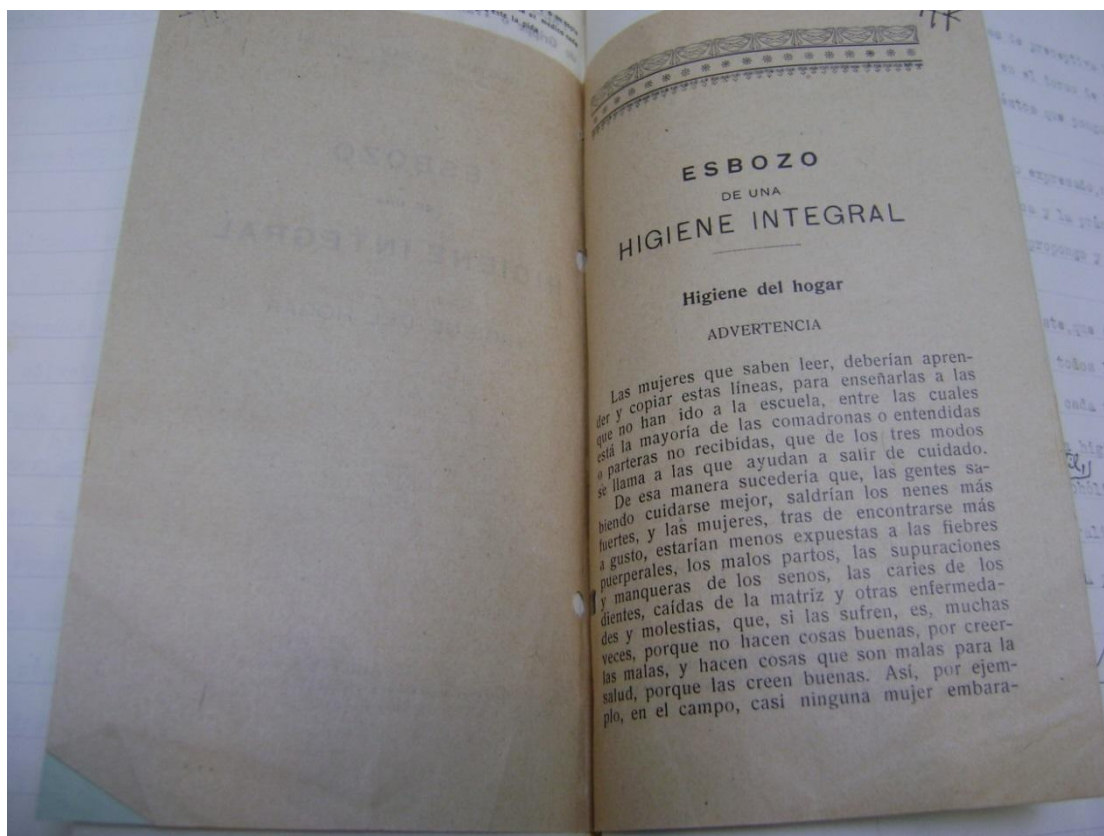


FIGURA 25 INTRODUÇÃO DO FOLHETO “ESBOÇO DE UMA HIGIENE INTEGRAL – HIGIENE DO LAR”, DE AUTORIA DE MATEO LEGNANI, APRESENTADO NO *SEGUNDO CONGRESO AMERICANO DEL NIÑO*, CARPETA 2, MONTEVIDEO, 1919.

A abertura do folheto convocava as mulheres que sabiam ler a difundirem os conhecimentos ali expostos entre as mulheres que não foram à escola, dentre as quais estariam a maior parte das “comadronas, entendidas e

parteras no recibidas”¹²⁹ mulheres que realizavam a maior parte dos partos e davam assistência às gestantes e puérperas (realidade que se repetia por todos os países americanos no período) e que detinham a confiança das demais mulheres pelos saberes adquiridos na prática, ainda que não possuíssem nenhum treinamento avalizado pelo saber médico científico.

Os perigos de infecções, as más condições de higiene de muitos partos realizados em casa no início do século XX eram, sem dúvidas, responsáveis por muitas infecções, doenças e óbitos, mas a desqualificação do saber não científico possuído por essas mulheres possui também um componente político, de controle e poder muito fortes.

Combater as parteiras era parte do movimento de afirmação da medicina assim como foi, notadamente com maior vigor a partir do século XIX, o movimento médico contra o curandeirismo,¹³⁰ mesclado a um forte componente de disputa de gênero que se revela na preocupação em promover a erradicação da atividade dessas mulheres, vistas por muitos médicos como curandeiras, “sacerdotisas do culto às crenças coletivas” (LEGNANI, 1919, p.179).

Controlar as parteiras deveria, no entendimento da maioria dos profissionais médicos do período, ser uma responsabilidade do Estado que precisaria exigir a regulamentação e treinamento das parteiras, como aparece relatado em outros trabalhos nos três congressos em estudo, indiciando a disputa de poder que se travava em todo ocidente pelo domínio do território da obstetrícia.

No Terceiro Congresso Americano da Criança (Rio de Janeiro, 1922) o médico Maurity Santos apresenta, na seção de Assistência, a questão das parteiras e da resistência das mães a aceitarem o internamento nas

¹²⁹ Nomenclaturas dadas em espanhol às mulheres do povo que realizavam partos e atendimentos ao recém-nascido, puérperas e crianças. No Brasil equivaleriam às *curiosas, entendidas ou parteiras*. Em alguns trabalhos dos *Congresos Americanos del Niño* as parteiras treinadas por médicos ou enfermeiras recebiam o nome em espanhol de *parteras recibidas*. Já as parteiras que se dedicavam à interrupção da gravidez pelo aborto aparecem por vezes sob o nome de *faiseuses d'anges*.

¹³⁰ Sobre o embate entre as práticas populares de cura e a ciência médica há muitos estudos, destaco o livro de CHALHOUB, Sidney; MARQUES, Vera Regina Beltrão; SAMPAIO, Gabriela dos Reis; SOBRINHO, Carlos Roberto Galvão (orgs). **Artes e ofícios de curar no Brasil**. Campinas: Unicamp, 2003.

maternidades (que eram, de qualquer forma, insuficientes de acordo com o congressista):

Em consequência desta mesma insuficiência e dada a recusa formal mais ou menos justificada de muitas gestantes em se internarem nas maternidades, é injusto desampara-las e convém, em grande número de casos, que podem ser determinados em linhas gerais, aceitar o parto em domicílio pobre, dispondo-se para isso de pessoal habilitado e fornecendo o material necessário para partos naturais e intervenções obstétricas comuns por via baixa. Com isso, que não deve tender a diminuir o número de gestantes que aceitam o internamento em maternidades, *far-se-á propaganda moral e científica*, além de *limitar a ação das curiosas* “mais ou menos criminosas” (SANTOS, 1924, p.310-311) [aspas do autor]

O texto de Maurity Santos, bem como o de Legnani, revela a luta de representações em curso na sociedade naquele início de século: não obstante a força coercitiva do saber científico e do Estado, a recusa das mães à hospitalização do parto explicita a resistência dos modelos comunitários e populares de condução das demandas da saúde, e da relação das pessoas comuns, dos homens e mulheres “ordinários” de Freud e Certeau, com o corpo e a natureza, os nascimentos, doenças e mortes. Segundo um indignado Legnani, enquanto muitos médicos eram vistos com desconfiança nas vilas rurais, a parteira era “respeitada, chamada de dona, convidada com guloseimas”,¹³¹ o que nos mostra uma das faces das microresistências do homem e mulher comuns sobre o avanço da “língua artificial” da ciência no território do que é cultural e popular, como nos ensina Certeau:

Ainda que a ambição “da ciência” vise conquistar este “resto” [a cultura] a partir dos espaços onde se exercem os poderes de nossos saberes, ainda que, para preparar a realização integral deste império, haja reconhecimentos que inventariam as regiões fronteiriças e ligam assim o claro ao obscuro (...), a ruptura que as instituições científicas produziram entre línguas artificiais de uma operatividade regulada e falares do corpo social jamais cessou de ser um foco de guerras ou de compromissos. Esta linha divisória, aliás mutável, continua sendo estratégica nos combates para confirmar ou contestar os poderes das técnicas sobre as práticas sociais (CERTEAU, 2008b, p.65).

¹³¹ Trecho extraído do parágrafo do trabalho de Legnani sobre a regulamentação das parteiras, no qual ele afirma que: “*Recebir uno ó dos pesos y además ser respetada, llamada con doña y tratada con gulosinas no es bajo precio para quien se limita a conversar, atar un cordon y banar un chico*” (Mateo LEGNANI. 2º Congreso Americano del Niño, Montevideo, 1919. p183).

Mateo Legnani, o autor do folheto *Esboço de uma higiene integral*, anteriormente analisado, expressa de maneira mais enfática sua opinião sobre o perigo das parteiras populares em outro trabalho também apresentado na seção de Higiene e Assistência do *Segundo Congreso Americano del Niño* (Montevideu, 1922). Considera que as mulheres mais obtusas e insensíveis, as “suas e privadas de repugnâncias”,¹³² são as que assumem as tarefas do parto e dos cuidados com as crianças pequenas, mulheres que só o fazem por terem, além da experiência de já serem mães, audácia e alta tolerância aos gritos e à sujeira produzida no momento do parto:

Por ter parido e criado filhos, e estar dotada de audácia o suficiente para atender um parto e ouvir as lamentações e pressões mantendo-se inabalada é que se é comadrona¹³³. Bem, por isso também, naturalmente, é que se chega a ser especialista em crianças (...) só pode aceitar o cargo uma mulher que careça de toda sensibilidade e inteligência elevadas, uma vez que, se as possuísse, não aceitaria tarefas cheias de possíveis contratempos. Apenas a ausência de qualidades superiores permite enfrentar¹³⁴ ofícios evidentemente capazes de assustar mulheres dotadas de virtudes mentais e morais inatas (Legnani, 1919, p.179).¹³⁵

¹³² Legnani é bastante agressivo no teor do trabalho, pelo que se desculpa em uma anotação feita à mão ao pé de página de seu texto, justificando que precisa ser realista, pois os médicos da cidade não conhecem a realidade do campo e era seu papel lhes fazer entender que tipo e mulheres faziam o atendimento ao parto. No corpo do texto em vários momentos desqualifica as parteiras. Destaco aqui um trecho ácido do autor que revela que mesmo sob a justificativa do bem das parturientes há uma nota acentuada de rancor e certa destemperança no pleito de Legnani: “Pois mulheres que foram lavadeiras, engomadeiras, que por cinco pesos mensais trabalham de sol a sol todos os dias, que são lavradoras, que são simples coisa destinada a levar uma surra do marido por dia, que vendem bolos, é lógico que desempenhem as funções de ajudar nos partos e curandear as mães.” (*Pues mujeres que han sido quién lavanderas, o planchadoras que por cinco pesos mensuales trabaja todos los días de sol a sol, quién, labradoras, quién, simples cosa destinada a recibir una paliza marital diaria, quien vendedora de pasteles, es logico desempeñan sus funciones de ayudar partos y curandear madres*) (LEGNANI, 2º Congreso Americano del Niño, 1919, p.182).

¹³³ Referindo-se a parteiras não supervisionadas.

¹³⁴ No original em espanhol a palavra usada é *apechugar*, para a qual não encontrei uma boa tradução literal uma vez que seu sentido é *fig. y fam. Cargar con alguna obligación o circunstancia ingrata y no deseada*. 21ª edición del diccionario de la Lengua Española (Real Academia Española) Madrid 1992. *Aceptar una cosa, venciendo la repugnancia que causa*. Equivaleria em português aproximadamente ao termo “peitar”.

¹³⁵ *Por haber parido y criado hijos, y estar dotada da suficiente audacia para atender un parto e oír los pujos y los lamentos sin inmutarse es que se es comadrona. Pues por eso también, naturalmente, se llega a especialista en niños (...) solamente puede aceptar el cargo una mujer que carezca de toda sensibilidad e inteligencia elevadas, desde que a poseerlas no aceptaría faenas llenas de posibles contratiempos, solo la ausencia de cualidades superiores permite apechugar con oficios evidentemente capaces de atemorizar a las mujeres dotadas de virtudes mentales y morales innatas* (LEGNANI, 2º Congreso Americano del Niño, 1919, p.179).

O tom irônico da primeira e segunda frase, que destacam o despreparo das encarregadas da saúde de mães e crianças pequenas nas populações pobres e do campo, acentua um aspecto muito presente na dinâmica higienista: a atribuição da falta e da culpa dessas pessoas simples numa perspectiva em que não se responsabiliza o indivíduo como culpado em si, mas como produto da ignorância.

Em outro momento de seu texto Legnani fala em “eliminar” as parteiras não registradas e acentua que não se pode fazer isso pela denúncia médica à justiça nem por força policial (p.183). A maneira mais eficiente de eliminá-las seria substituindo-as por parteiras formadas em cursos dados nas faculdades de medicina e que trabalhariam para o Estado recebendo um soldo para estarem nas vilas camponesas oferecendo seus préstimos, mostrando na prática as vantagens do saber científico sobre os saberes populares respeitados pela confiança adquirida nas *comadronas* através de laços de vizinhança construídos nas práticas sociais.

Ora, a dissolução gradual dos laços de solidariedade e sua substituição pela norma no caso das parteiras não registradas é estratégia análoga à relatada por Jurandir Freire Costa (1989) no que tange à intervenção da ordem médica sobre as famílias e sua organização no séc. XIX. Em ambos os casos “a norma desenvolveu-se para compensar as falhas da lei” (COSTA, 1989, p.52) e para forçar a adesão à higiene racional e a submissão ao poder médico. Pela normatização se “eximia o sujeito da punição legal e eventualmente da própria culpa, mas não da correção” (idem, p. 71),

A proposta de Legnani ao *Segundo Congreso Americano del Niño*, recebeu o apoio e complementação dos colegas de seção, mas sua implantação dependia de um movimento político extenso e burocrático. Nesse sentido buscando justamente “corrigir” na medida do possível as condutas da população é que ele e muitos médicos investem na prática de publicar impressos sobre higiene junto a outros dispositivos educativos. Nas palavras de Antonio Valeta, outro médico congressista de 1919, pela via da

racionalidade higiênica seriam “a verdade e justiça social impostas pela força da razão e não pela razão da força”.¹³⁶

Ambicionar que todas as parturientes e bebês fossem atendidas por médicos não parecia plausível dada a estrutura de saúde pública incipiente no período em toda a América latina. No entanto, havia o desejo de que estivessem sob o atendimento de parteiras regulamentadas e registradas, ou ao menos de parteiras com o mínimo conhecimento das normas de higiene – lidas ou ouvidas – pela via dos manuais e folhetos. Por esse dispositivo, a autoridade da ordem médica se faria presente ainda que de maneira volátil, como menciona Vera Beltrão Marques em seu estudo sobre a função dos manuais médicos desde o Século XVIII:

Se por um lado havia uma preocupação em difundir normas de higiene e de viver com saúde, visando a impedir ou mesmo tratar as doenças que assolavam as populações, o intento desses manuais parece também ter sido outro: reger procedimentos, formas de tratar os doentes e suas doenças, em um esforço normatizador que colocava o médico mesmo nos lugares nos quais ele não era encontrado. Assim normas médicas foram sendo disseminadas nestes conselhos ou avisos que lidos ou ouvidos cumpriam a tarefa de fazer circular preceitos da medicina dita científica. (MARQUES, 2003, p.172)

A circulação dos manuais de puericultura e higiene é tema que vem recebendo algum investimento por historiadores da saúde bem como da educação e creio que o variado acervo da Biblioteca Luiz Morquio - Uruguai possa contribuir com dados importantes sobre o assunto. Os *Congresos Americanos del Niño* também possibilitam olhar para essas lides, principalmente apontando para alguns elementos da recepção – quando há comentários à obra, como no caso do folheto de Legani – ou sobre estratégias de circulação, como no caso do higienista uruguaio Antonio Valeta¹³⁷, que ao final do trabalho apresentado no *Congreso Americano del Niño* de 1919 anexa ao corpo do texto uma propaganda de seu manual de higiene e puericultura naturista *La salud de los Niños*.

¹³⁶ *La humanidad, en pocas palabras se sentiría orgullosa en ver a la verdad y a la justicia social impuestas por la fuerza de la razón y no por la razón de fuerza.* (Antonio VALETA, 2º Congreso Americano del Niño, 1919, p.188).

¹³⁷ Um pouco da interessante trajetória desse médico pode ser conhecida em: SUBURÚ, A. **Recuerdos del Parque Higiene y Salud**: La infancia de Irma Martirena. Online: <http://www.monografias.com/trabajos98/recuerdos-del-parque-higiene-y-salud-infancia-irma-martirena/recuerdos-del-parque-higiene-y-salud-infancia-irma-martirena.shtml#ixzz3JT9wLBrl> Acesso: 23 de outubro de 2014.

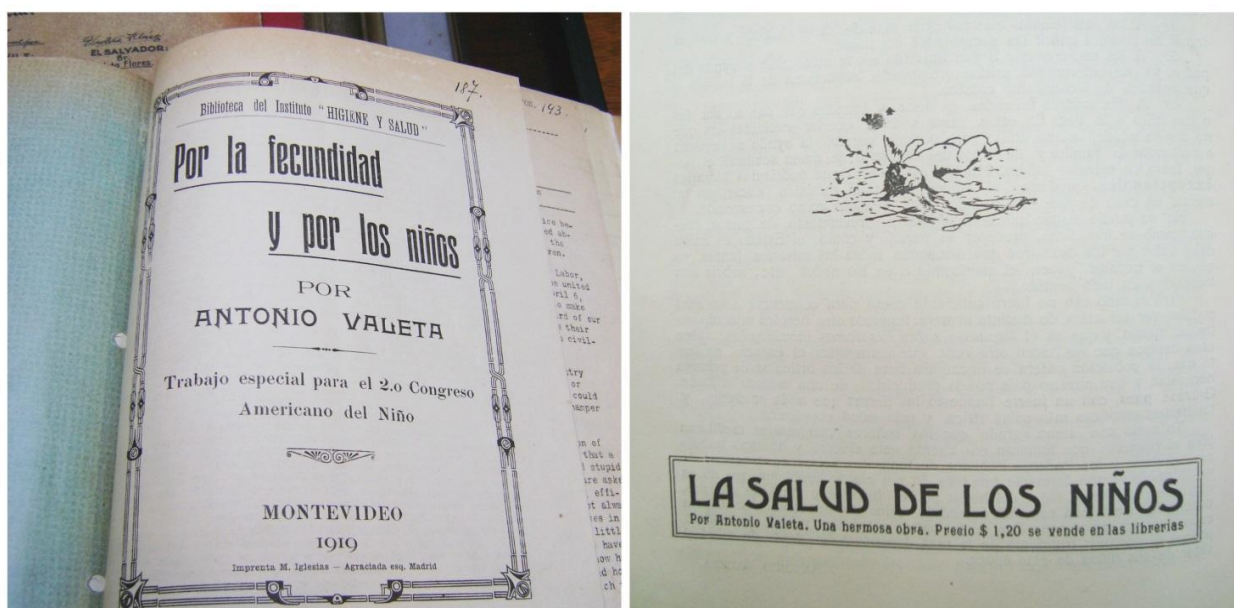


FIGURA 26 – CAPA DO TRABALHO APRESENTADO POR ANTONIO VALETA PARA O SEGUNDO CONGRESO AMERICANO DEL NIÑO E FOLHA FINAL DO MESMO TRABALHO COM PROPAGANDA DA PUBLICAÇÃO “LA SALUD DE LOS NIÑOS”, DO MESMO AUTOR. FONTE: SEGUNDO CONGRESO AMERICANO DEL NIÑO, CARPETA 2, MONTEVIDEO, 1919.FOTO DA AUTORA.

O texto do trabalho não faz nenhuma menção ao manual divulgado na última página, no entanto a divulgação do impresso em um espaço destinado a discutir a infância em caráter intercontinental parece fazer todo sentido do ponto de vista do desejo de circulação da obra.

A capa do trabalho de Valeta indica ser uma obra vinculada ao *Instituto Higiene e Salud*¹³⁸, escrita especialmente para o *Segundo Congreso Americano del Niño*, assim como o manual divulgado, “uma bonita obra” segundo o que diz a propaganda e que se encontraria à venda nas livrarias, divulgando preceitos da puericultura, saber em franca ascensão à época dos congressos que aqui estudamos e que foi mote de grande número de manuais médicos por todo o mundo ocidental.

Os manuais de puericultura consistiam em uma das estratégias empregadas pelos pediatras para levar os seus ensinamentos para além dos seus consultórios. Serviam como um suporte de informações particularmente útil, na medida em que, estando sempre à mão, podiam ser consultados no exato momento em que surgisse

¹³⁸ Criado em 1911 pelo próprio Antonio Valeta, o Instituto teve amplas atividades na área da higiene e educação física no Uruguai, com a criação de práticas esportivas, da revista “*Higiene e Salud*” (publicada mensalmente entre 1916 e 1946) e de um parque dedicado à higiene de nome “*Parque Higiene e Salud*”. Há muitas publicações de Antonio Valeta espalhadas por sebos do Brasil.

uma dúvida em relação ao cuidado com o bebê. A partir do início do século XX, além de serem destinados às mulheres grávidas, esses compêndios passaram a ser redigidos também como material didático dos cursos de puericultura oferecidos nas Escolas Normais. Apresentavam, portanto, sempre um propósito educativo (GODINHO LIMA, 2007, p. 103).

No capítulo três desta tese discuto com mais vagar as propostas de inserção dos saberes médicos e em especial da puericultura nos programas escolares, mas a ideia de higiene e cuidados com a infância estará atrelada à de educação da população num sentido mais amplo. A ideia de intervir nas formas de organização familiar, instituindo um aprendizado da higiene e puericultura, vai ao encontro de preceitos gerais da eugenia no período, que segundo Sônia Camara, incluíam não apenas “conhecer as causas da decadência da raça” mas agir propositivamente, numa abordagem educadora-moralizante, sobre essas causas “de forma preventiva e regeneradora”, instituindo “a normatização e higienização de condutas e comportamentos, estabelecendo hábitos saudáveis na instituição do progresso e da civilização” (CAMARA, 2006, p. 764).

Nesse sentido, uma das estratégias moralizantes tinha como intuito penetrar a sensibilidade do povo e gerar um sentido de responsabilização sobre as doenças, déficits físicos e cognitivos, ou qualquer traço que retirasse a criança do padrão de robustez, saúde e disposição moral e intelectual desejado para a criança americana ideal. Responsabilizar os pais pela doença (e menos pela saúde, esta era quase sempre uma prerrogativa da Ciência e do Estado) e pela morte dos filhos foi uma maneira encontrada pela ordem médica de conquistar, segundo Ana Laura Godinho Lima, “o espaço doméstico, transformando-o em campo privilegiado para administrar as condições de vida da população infantil” (LIMA, 2007, p. 103).

Daí a profusão de índices antropométricos a serem inferidos e comparados, definindo o modelo da criança bela e sã¹³⁹, criança que seria o sinal mais claro de um lar equilibrado, de uma mãe zelosa e de um futuro sem

¹³⁹ Por exemplo, tomo trabalho de Christovam Dantas que dentre suas propostas no Terceiro Congresso Americano da criança apresenta uma tabela com as medidas antropométricas ideais a serem perseguidas, envolvendo desde peso, altura e largura do tórax (medidas mais comuns e comentadas por outros trabalhos) como formato das orelhas, distância entre os olhos e aspecto do queixo, entre outras. O congressista propõe que as crianças que se aproximem deste ideal recebam premiações do estado (Christovam DANTAS, 3º Congresso Americano da Criança, 1924, p. 178).

sustos para a civilização, nas palavras do congressista Christovam Dantas: “cuidando da criança, pela eugenia, removem-se as incertezas do amanhã”.

2.1.2 “Nunca se viu, nem se verá nunca a má semente dar boa planta”: *Eugenia nos Primeiros Congressos Americanos del Niño*

Crear a dor é um crime perante a humanidade; crear a monstruosidade é um crime perante a raça. Quem por acaso do destino, não for capaz de engendrar seres que desempenhem um papel positivo na sociedade, abstenha-se do culto ao amor. Será cruel; mas urge que seja assim (Christovam Dantas, 1924, p. 176).

A modernidade, o desenvolvimento e o progresso desejados pelos médicos exigiram o convencimento e os esforços de toda a população: “Fazer, criar, educar o homem é agora uma coisa tão complexa como a vida que levamos. Demanda conhecimentos, esforços, cuidados próprios” dizia Carneiro Leão no *Primer Congreso Americano del Niño*. Não obstante essa complexidade, demarcada pelo saber científico, os pais eram muitas vezes colocados na linha de frente dessa batalha simbólica contra o atraso:

Oh! Mães, que vos prezais, tratai cautelosamente da sorte dos vossos filhos. (...) E’ de vós que depende quase que exclusivamente, o seu destino. Fizeste-o de vosso sangue e ide cria-lo na vossa solicitude no vosso exemplo, tudo depende, pois, do vosso carinho e da vossa inteligência. Eles nada mais são do que o total das predisposições hereditárias recebidas de vós somado às sensações, influxos dia a dia transmitidos pelo meio e pelo cuidado de seus educadores (CARNEIRO LEÃO, 1916, p.199). (Grifos do autor).

Sobre os pais recaía a dupla responsabilidade: a da herança genética e a das influências que suas condutas e cuidados desencadeariam nos filhos. Estar na linha de frente significou para os pais estar no difícil lugar da falta e da desqualificação, o lugar codificado e submetido a regras precisas que Foucault aponta como “meio físico denso, saturado permanente, contínuo que envolva, mantenha e favoreça o corpo da criança” (1988, p.199). A tensa relação entre médicos e famílias e a responsabilização das últimas pelos primeiros será uma constante nos discursos dos primeiros Congressos Americanos da Criança, como na sequência de seu trabalho reafirma Carneiro Leão:

Não se deve esquecer nunca, pelas necessidades mais prementes a sorte da criança senão será somar a miséria ao desleixo - uma calamidade a outra calamidade maior.

Dia virá em que os pais moldarão, à vontade, uma grande parte dos destinos dos seus descendentes, da sua sorte futura, só por dirigi-los, para fazê-los inteligentemente na infância. (...) E a não ser em casos fatais: filhos de pais alcoólatras impenitentes ou sífilíticos irremediáveis, em que as células orgânicas da criança já surgem quimicamente alteradas e sobre as quais todo poder é nulo, será sempre possível uma influência benéfica definitiva na formação de uma criatura por tarada que seja. Entretanto não são somente os tarados, mas aqueles mesmos que, com boa hereditariedade por causas quaisquer se encontram enfraquecidos, um momento, atacados por uma moléstia grave ou, ainda, os que nada tendo passaram uma infância antigênica, todos estes sofrerão, para sempre, as consequências do desleixo na construção de sua vida (Carneiro Leão, 1916, p.205).

Para Carneiro Leão a puericultura, os cuidados da família com a criança - tomada como um sinal vivo do sucesso ou fracasso da família – sob as recomendações dos médicos, a educação somada à higiene seria a fórmula para recuperar quase toda sorte de degenerescência. Ou quase toda, pois haveria os casos “fatais” nos quais a força da genética não sucumbiria a nenhuma lógica ou doutrina higiênica. Mas para muitos médicos do período, inclusive os participantes dos *Congresos Americanos del Niño*, a questão genética era extremamente grave e exigiria pronta ação do Estado e da sociedade culta em geral pela via dos preceitos eugênicos.

Esse aprimoramento da raça,¹⁴⁰ apregoado nos *Congresos del Niño* e para além deles, pode ser tensionado a partir da perspectiva foucaultiana de “poder sobre a vida” segundo a qual disciplinar o corpo e regular a população (inclusive intervindo sobre a sua procriação) são os polos do bio-poder (FOUCAULT, 1988, p.131). Puericultura e Eugenia circulam entre estes dois polos.

Veremos nesses eventos uma profusão de autores sendo citados: Nietzsche, Monteiro Lobato, Darwin, Charles Richet, Metchnikoff, Haeckel, Loria, Belisário Penna e com especial deferência Gustave Le Bon e Francis Galton, cujos enunciados mais conhecidos aparecem como referenciais para sustentar a legitimidade dos princípios eugênicos e foram apropriados de maneiras às

¹⁴⁰ Nos congressos em estudo a ideia de raça não indica diretamente a distinção de etnias ou entre “raça branca” e “raça negra”, mas a raça como sinônimo de humanidade, povo, população.

vezes diversas pelos participantes, como veremos a seguir, por exemplo, nas apropriações distintas feitas por dois congressistas: Muzilli e Kehl.

Os congressos oferecem também uma mostra das representações acerca do que se desejava estimular ou coibir do ponto de vista do aumento e “evolução” da população americana através de propostas de controle diligente sobre os casais e sua sexualidade. Serão abundantes os discursos eugênicos, vindos não apenas de médicos, mas de diferentes sujeitos envolvidos com as questões da infância. Eugenia não era uma temática restrita a um grupo mais conservador ou a alguma categoria profissional específica, nos *Congresos Americanos del Niño* encontraremos menções ao aprimoramento da raça dentre os mais diversos grupos, desde as feministas socialistas até políticos tradicionais.

Carolina Muzilli, socialista argentina, membro da *Liga para los Derechos de La Mujer y el Niño*, na qualidade de congressista e autodidata, comenta esse amplo interesse pela Eugenia numa nítida provocação à autoridade médica que desejaria, segundo ela, aos moldes dos antigos sacerdotes “guardar a sabedoria e oferecê-la hermeticamente fechada em cofres em adoração ao “povo ingênuo”, em momentos determinados, sem jamais explicar nada”.¹⁴¹

Sempre consideramos oportuna a discussão destes temas de interesse para a coletividade. Longe de nós a ideia de limita-los apenas aos Universitários (...). No entanto, é bom notar que alguns médicos, ciumentos de seu título universitário, acreditam que a discussão de tais questões deve ser limitada a eles. Como se a Eugenia, que é a tendência que prega o melhoramento da saúde física e mental de raça, não se preocupasse igualmente o sociólogo, o educador, o legislador, o estudioso! (...) Assim, vemos que nos congressos e nos jornais populares se começa a abordar estas questões, por mais do que o orgulho dos universitários se ressinta da discussão que possa surgir entre os “não universitários” (MUZZILI, 1919, p.187).¹⁴²

¹⁴¹ *Esa manía de querer limitar la discusión de temas que, más que a nadie, interesan al pueblo mismo, nos recuerda el procedimiento de los antiguos sacerdotes guardianes de “la sabiduría”, que herméticamente cerrada en cofres la entregaban a la adoración del “ingenuo pueblo”, en fechas fijas, sin jamás explicarle su contenido* (MUZZILI, 1919, p. 187).

¹⁴² *Siempre consideramos oportuna la discusión de estos tópicos que interesan a la colectividad. Lejos de nosotros la idea de que deban limitarse únicamente a los universitarios (...). Sin embargo, bueno es hacer notar que algunos médicos, celosos de su título universitario, creen que la discusión de tales temas debe limitarse exclusivamente a ellos. Como si el eugenismo, o sea la tendencia que pregonaba el mejoramiento físico y mental de raza no preocupara por igual al sociólogo, al educador, al legislador, al estudioso! (...) Por eso vemos que en los congresos y en los diarios populares se comienza a abordar estos temas por más*

É oportuno aqui, para ampliar nossa visão do contexto, que tomemos contato com as ideias de Francis Galton, mas faremos isso a partir das próprias fontes, ricas em conceituações sobre eugenia e citações de Galton, autor que a partir dos princípios da seleção natural desenvolvidos por Darwin, seu primo, cunhou em 1883 o termo Eugenia, que abarcaria suas pesquisas visando à aplicação das ideias de seletividade ao que acreditava ser o aperfeiçoamento biológico e moral da espécie humana.

No Terceiro Congresso Americano da Criança o brasileiro Renato Kehl, Fundador da Sociedade Eugênica de São Paulo, ressaltará que pela eugenia o homem superaria a natureza e a seleção natural em termos de velocidade e qualidade na promoção de melhorias na sua própria espécie (KEHL, 1924, p. 873)¹⁴³. Kehl apresentará os “ideais eugênicos de Galton” nos seguintes termos:

Assim demonstrada as grandes possibilidades da arte humana de beneficiar a sua própria espécie, é necessário que um ideal reúna os homens numa religião – de fundamentos científicos – para alcançar a felicidade de um futuro apanágio da saúde, da alegria, da beleza, dum futuro todo de – Harmonia – entre os homens e a natureza. Esse ideal é o de GALTON – essa religião é a Eugenia. As aspirações galtonianas são as únicas capazes de apressar a marcha evolutiva da espécie (KEHL, op. cit. p. 873).

A eugenia exposta como uma religião científica – e essa era uma representação recorrente – reafirma o contraponto de Carolina Muzzili, que questiona o saber médico que se faz quase mítico. Renato Kehl como um “discípulo” dos mais devotos dirá que

a definição de Eugenia é curta, os seus fins é que são imensos: - é a ciência do aperfeiçoamento moral e físico da espécie humana. Eugenizar quer dizer selecionar a espécie humana, fazendo com que o planeta se povoe de gente sã, moral e somaticamente (...). O seu programa consiste: a) em favorecer a formação de qualidades ótimas e hereditárias; b) em impedir a aquisição de caracteres degenerativos e transmissíveis hereditariamente (KEHL, op.cit. p. 877).

Se a ideia geral de Eugenia como aperfeiçoamento da espécie é aparentemente bem aceita entre os participantes dos congressos americanos

que el amor propio de los universitarios se resienta de la discusión que pueda suscitarse entre los "no universitarios" (Idem, ibidem).

¹⁴³ Renato KEHL, 3º Congresso Americano da Criança, 1924, p.873.

da criança, as nuances acerca das formas de atingir esse aperfeiçoamento serão marcadas por sutis lutas de representação.

Medidas tais como a esterilização de homens e mulheres tuberculosos, epiléticos ou com tendências “alienantes”,¹⁴⁴ embora não tenham sido explicitamente recomendadas são tratadas com muita naturalidade no trabalho de Renato Kehl, que discorre sobre o modelo dos comitês de esterilização Norte Americanos como um exemplo pragmático de economia e ação eugênica para garantia da diminuição das populações geneticamente imperfeitas (KEHL, *idem*, p.880).

No *Segundo Congreso Americano del Niño* uma proposta ainda mais radical constará no trabalho de Angelica Mendoza, uma congressista argentina que depois de discorrer por páginas em prol das crianças tristes, desvalidas e depauperadas pelo capitalismo, apontara as causas das tristezas na infância e entre elas estão “ as misérias físicas dos progenitores” que condenariam as crianças a uma vida limitada e infeliz:

A infelicidade infantil depende em grade parte das misérias físicas herdadas de seus progenitores. E a seleção natural é a única coisa que pode salvar a raça de sua bancarrota. Na maioria dos casos a miséria física das crianças depende da ignorância das mães. Os filhos de degenerados físicos são caracterizados pela sua miséria psicológica. Na escola onde a cada passo os encontramos, são os retardados os que obstaculizam o livre desenvolvimento do ensino. Eles são uma trava, uma barreira na vida da sociedade, são os que constituem os rebanhos cinzas de fracassados. A vida dos pequenos degenerados não deverá prorrogar-se. O sentimentalismo atual do ambiente impede uma purificação em seres humanos. Mas sem cair no infanticídio espartano, poderia ser retirada a vida desses pequenos por meios imperceptíveis, indolores, privando a sociedade de seres frustrados, portadores da angústia, e a eles de uma vida cheia de desventuras (MENDOZA, 1919, p.83).¹⁴⁵

¹⁴⁴ *Alienados, lunáticos, loucos, retardados, doidos* são termos usados no trabalho de Renato Kehl, acima citado, e também faziam parte do léxico do período, sendo encontrados em outros trabalhos de congressistas, sempre se referindo a pessoas com aparentes doenças mentais.

¹⁴⁵ *La Infelicidad infantil depende en muchísima parte de las miserias físicas heredadas de sus progenitores. Y es la selección natural lo único que podrá salvar a la raza de su bancarrota. En la mayoría de los casos, la miseria física de la niñez depende de la ignorancia de las madres. Los hijos de degenerados físicos se caracterizan por su miseria psicológica. En la escuela donde a cada paso los encontramos, constituyen los retardados los que obstaculizan el libre desenvolvimiento de la educación. Son una trava, una valla en la vida de las sociedades, los que constituyen los rebaños grises de los fracasados. La vida de los pequeños degenerados no debiera prolongarse. La sensiblería actual del ambiente impide una purificación en los humanos. Sin embargo sin caer en el infanticidio espartano, podría alejarse la vida de estos pequeños por medios insensibles, indolores, privando a la sociedad de los seres frustrados, portadores de la angustia, y a ellos de una vida llena de desventuras* (Angelica MENDOZA. 2º Congreso Americano del Niño, 1919, p.83).

As ideias de esterilização dos doentes, do isolamento dos “lunáticos” para que não se reproduzam, e no limite, do extermínio de crianças com alguma imperfeição comprometedora, embora sejam parte de alguns programas eugênicos desenvolvido a partir de Galton, não terão, ao que tudo indica, acolhida ampla entre a maioria dos higienistas latino americanos. O extermínio só será mencionado nesse trabalho de Mendoza, que não parece ter sido levado a debate, posto não constar no programa do *Segundo Congreso Americano del Niño*.

O isolamento e a proibição de reprodução de “indivíduos reconhecidamente nocivos à espécie” (DANTAS, Terceiro Congresso Americano da Criança, p.179) aparecem com maior frequência, mas o tema da esterilização foi apresentado apenas no corpo do trabalho de Renato Kehl que teve somente as suas conclusões lidas e debatidas (e elogiadas na plenária), mas em cujo conteúdo não se mencionava tal medida.

No entanto acredito ser pertinente conhecermos as representações do projeto eugênico por alguns divulgado na América latina, lembrando que a ação de tais pessoas não esteve restrita apenas aos congressos, mas circulava pela sociedade através de publicações, conferências, aulas. Ao serem adotadas as ideias de Eugenia nos programas de antropometria e higiene escolar, de educação física e puericultura na escola, alguns “ramos” (usando aqui a imagem da árvore cara aos eugenistas) dessas ideias entendidas como medidas de *Eugenia restritiva ou Eugenia Negativa*¹⁴⁶ chegavam a tocar de maneira velada as vidas de muitas crianças e suas famílias.

Medidas intermediárias (que corresponderiam à chamada *Eugenia Preventiva ou Puericultura pré-concepcional*), no entanto, serão largamente difundidas, entre elas as propostas de regulação sanitária do matrimônio via

¹⁴⁶ “A eugenia positiva tinha como objetivos centrais propiciar a seleção eugênica na orientação aos casamentos e estimular a procriação dos casais considerados eugenicamente aptos para tal. (...) A eugenia negativa visava o segundo aspecto do ideal eugênico, ou seja, diminuir o número dos seres não-eugênicos ou disgênicos e incluía basicamente a limitação ao casamento e procriação daqueles assim considerados. Propunha-se maior controle governamental sobre os casamentos e sobre a reprodução, através da exigência de exames pré-nupciais e de estudos genéticos, sendo a procriação desaconselhada, por exemplo, em caso de avançada idade materna ou de consanguinidade do casal. Defendia-se o aborto eugênico, o controle das fontes de degeneração como o alcoolismo e as doenças venéreas e algumas limitações nas políticas imigratórias do país; discutia-se sobre segregação e esterilização de doentes mentais e outros degenerados” (MAI & ANGERAMI, 2006, p.254).

exames pré-nupciais obrigatórios e a profilaxia do sexo por via de instruções nos manuais e programas de higiene que levarão à população uma série de normas a serem observadas sobre sua sexualidade. Por exemplo, dizendo às mulheres quando recusar ou não se insinuar aos seus maridos (se estiverem bêbados ou muito cansados a prole nascerá deficiente) (LEGNANI, 1919, p.178). E aos maridos quando evitar suas mulheres (se estiverem doentes, menstruadas, convalescentes ou com bebês de menos de dois meses) (Idem, p.179). Tais ensinamentos e regras serão também alvo de debate quanto à adequação de estarem ou não nos programas escolares sob a forma de Educação Sexual, tema que debatarei mais detidamente no próximo capítulo desta tese.

Dentre as medidas eugênicas apresentadas nos congressos haverá uma atenção especial, sobre o controle dos abortos e do infanticídio, cuja discussão virá revestida de um caráter fortemente moralizante e incidirá diretamente sobre as mulheres. As preocupações eugênicas englobavam a melhora qualitativa e quantitativa da população americana e enquanto se pretendia restringir o nascimento de crianças filhas de “degenerados” se visava também a coibir a prática do aborto por mulheres saudáveis, sob o argumento dos riscos da despovoação, medo gerado em parte pelo crescente domínio das mulheres sobre seu corpo através das técnicas de contracepção e da prática de aborto:

Considerando um panorama mais amplo, até o final do século XVIII e começo do XIX, sob uma perspectiva mais geral, as mulheres dispunham de um arsenal mais limitado de meios para evitar filhos. No final do século XIX e início do século XX as técnicas para este fim se tornam mais comuns e acessíveis. Em uma sociedade centrada, em termos de padrões, na divisão que pregava para a mulher exclusivamente a reprodução e o cuidado da família, o uso mais intensivo de recursos de controle do número de filhos colocava sérias ameaças. Representava a possibilidade de ruptura no que diz respeito ao modelo tradicional de relação entre os gêneros, que se atualizava principalmente nas classes mais abastadas (ROHDEN, 2003, p.15).

Rohden salientará também que, segundo estudos de McLaren (1990), ainda que as práticas contraceptivas se popularizem paulatinamente a partir do fim do século XIX, deixando de ser exclusivas das mulheres abastadas, o aborto ainda seria o recurso mais acessível às mulheres pobres que não

pudessem ou quisessem seguir com uma gestação (ROHDEN, 2003, p.30). No *Primer Congreso Americano del Niño* (1916) a preocupação quanto à disseminação de doutrinas de controle da natalidade e práticas contraceptivas entre as mulheres das camadas operárias aparecerá no trabalho de Antônio Pinto Machado:

Outro fato que requer observação acurada é o de haver nos meios proletários quem se encarregue de traduzir Bulffi, Paul Robin e Malthus, autores, como se sabe, da guerra à gestação, livretos que são hoje distribuídos fartamente nos centros de trabalho e lidos por todos, dando em resultado tão perversas teorias, levar a mulher obreira a preocupar-se seriamente em não querer exercer a santa missão da maternidade (MACHADO, 1916, p. 258).¹⁴⁷

Parece um pouco exacerbada tal preocupação com livretos malthusianos, considerando que o número de operárias alfabetizadas no Brasil do período não era expressivo, mas a mesma lógica que regia a distribuição das cartilhas de higiene pode ser aplicada no caso das doutrinas de controle da natalidade: a difusão das ideias por via de algumas mulheres alfabetizadas às suas colegas, vizinhas e familiares analfabetas.

As preocupações das autoridades políticas e intelectuais das primeiras décadas do século XX quanto ao aborto, à esterilidade, à contracepção, se fazem representar nos Congressos Americanos da Criança em discursos em que muitas vezes se confunde aborto, infanticídio, contracepção, quase sempre enfocando o caráter antinatural ou desnaturado¹⁴⁸ da mulher que nega a maternidade, entendida como a maior missão feminina.

A prática do aborto, muito mais do que uma questão de foro pessoal é encarada como uma afronta à moral, ao patriotismo e ao americanismo, é a renúncia a fornecer os “filhos que lhe povoem e cultivem o extensíssimo território” (MADEIRA, 1924, p. 66).¹⁴⁹

¹⁴⁷ Antônio Pinto MACHADO. 1º Congresso Americano da Criança, 1916, p.258.

¹⁴⁸ Um exemplo da mistura entre as ideias de parto e aborto e do uso da imagem da mulher desnaturada que se espalhará até a atualidade encontramos na fala de Mario Alcântara Vilhena, no Terceiro Congresso Americano da Criança: Se precocemente expelida fora do útero, quando lhe falta a proteção do desnaturado órgão materno, acha-se ela ao léu do rabulismo inconsciente, pronto a requerer habeas-corpus, que inutilize os preguiçosos e exíguos esforços da Justiça para apurar as responsabilidades do aborto. Sobre isso dogmatizarão as autoridades. Estranheis senhores que vos fale da criança logo após o parto e mesmo ainda quando se acha o ovo no útero (Fabre); assim, porém, julgo poder-me expressar, porque o ovo hoje, amanhã será a criança (VILHENA, 3º Congresso Americano da Criança, 1924, p. 115).

¹⁴⁹ Almir MADEIRA, 3º Congresso Americano da Criança, 1924, p.66.

“Precisamos de braços, de muitos braços para arrancar das terras uberinas e despovoadas toda a imensa riqueza que dorme em suas entranhas”, estas são as palavras do brasileiro Almir Madeira, que no *Terceiro Congresso Americano da Criança e Primeiro Congresso Brasileiro de Proteção à Infância* se pronunciará também preocupado com a expansão da propaganda neomalthusiana no Brasil, exigindo seu combate: “Verdadeira “antítese biológica”, sobre ser um crime de lesa pátria, um atentado contra os princípios de moral e altruísmo, a renúncia à procriação vai ganhando terreno, insidiosamente” (Idem, ibidem).

Propostas tais como a da quebra do privilégio de sigilo entre médico e paciente, autorizando os médicos a deporem em juízo denunciando as mulheres que eles acreditassem terem cometido aborto e a proposta de impronúncia da abortada que denunciasse o realizador do aborto, ambas levadas ao Terceiro Congresso Americano da Criança pelo brasileiro Fernando de Magalhães (1924, p. 135) nos mostram o campo de tensões que se estabelecia neste ambiente de controle e culpabilização sobre a sexualidade e a reprodução. Ao mesmo tempo, uma ampla propaganda enaltecendo a maternidade eugênica e o papel da mulher-mãe americana se amplia. A pesquisadora Fabíola Rodhen aprofunda esta questão e sintetiza o que expus até aqui:

Diante do panorama instalado pela eugenia e pelo nacionalismo, que via o número de cidadãos como garantia de soberania, era preciso convencer as mulheres sadias da importância do seu papel de mães. Era preciso recuperar em seus espíritos, talvez abalados pelo excesso de civilização, educação e trabalho, o instinto materno. E também era preciso melhorar a capacidade de ser mãe de acordo com os princípios da eugenia, da higiene e da puericultura (Rodhen, 2003, p.118).

2.1.3 Uma possível circulação de atores e propostas de higiene, eugenia e puericultura sob o impacto dos Congressos Americanos da Criança

A pesquisadora norte-americana Donna Guy discute em um de seus trabalhos (Guy, 1988b) um acontecimento significativo ocorrido na Primeira Conferência Panamericana de Eugenia e Homicultura¹⁵⁰, em 1927 – Havana.

¹⁵⁰ Compareceram ao evento representantes dos seguintes países: Argentina, Bolívia, Colômbia, Costa Rica, Cuba, Chile, El Salvador, Estados Unidos de América, Guatemala,

Segundo Guy, a conferência, realizada alguns dias após o *Quinto Congreso Panamericano del Niño* – Havana, teria um grande número de congressista latino americanos inscritos em ambos os eventos, no entanto um numeroso grupo de congressistas se recusou a apoiar o que descobriram ser o intuito principal do encontro: a aprovação do *Código de Evantropia*, que desejava instituir em todos os países um grande registro classificatório da população, separando-os por “categorias genéticas” entre *bons*, *duvidosos* ou *maus*. Essa classificação serviria ao controle do estado para determinar quem poderia se casar e ter filhos e quem não teria o direito de procriar nem de imigrar para outras localidades.

Ainda de acordo com Guy, os especialistas da infância latino americanos que participaram anteriormente dos debates no *Quinto Congreso Panamericano del Niño* haviam chegado a algumas conclusões, segundo as quais as causas genéticas teriam sim algum peso na vida das crianças, mas que medidas sociais, de educação e higiene amplamente balizadas pelo Estado seriam suficientes para sanar grande parte dos males morais e físicos das gerações futuras. Sendo assim, se posicionaram contrários ao *Código de Evantropia*, mostrando que teriam, no geral, mais afinidades com medidas eugênicas moderadas do que com a eugenia dogmática dos proponentes da *Conferencia de Eugenia e Homicultura*.

Tal posicionamento teria sido construído nos debates dos *Congresos del niño* e a autora destacará o papel da presença feminina nesses encontros (na *Conferencia de Eugenia* só participaram homens) e a contribuição da interlocução de homens e mulheres em busca de saídas para a melhoria da saúde e vida da criança (Guy, 1988b, p.273).

Carolina Muzzili, congressista argentina no Congreso Americano del Niño de 1916 e já anteriormente citada, oferece em seu trabalho “El mejor factor eugenético”, publicado postumamente em 1919, uma mostra de como diferentes visões sobre temas como a eugenia partilharam espaço nos congressos. Esse trabalho, segundo sua autora, aprofunda à luz da eugenia

Honduras, México, Panamá, Peru, República Dominicana, Uruguai, Venezuela. Fonte: <http://www.dipublico.com.ar/101353/primera-conferencia-panamericana-de-eugenesia-y-homicultura-de-las-republicas-americanas-la-habana-21-23-de-diciembre-1927/> Acesso: 12 de novembro de 2014.

tópicos anteriormente debatidos no trabalho “Má alimentação, fadiga, mau alojamento no ambiente da fábrica” apresentado ao *Primer Congreso Americano del Niño*.

Carolina estudará Darwin e Galton, como Renato Kehl e outros congressistas o fizeram, e se apropriará de seus conceitos de maneira particular. Os autores de base da eugenia mais “ortodoxa” e seus preceitos eugênicos serão usados para reiterar sua opinião de que o grande problema da infância e da saúde da raça está localizado nas raízes das diferenças sociais e da injusta luta pela sobrevivência que se estabelece para as famílias operárias. Para ela “o melhor fator eugenético está na elevação e na educação das massas populares” (MUZZILI, 1919, p. 191).¹⁵¹

Esses matizes nas visões sobre diferentes temas podem, paulatinamente, ter produzido o alargamento de possibilidades interpretativas, a crítica e autocrítica acerca de posturas e propostas e, se Donna Guy estiver certa, podem ter auxiliado a produzir um olhar menos dogmático sobre a infância pobre e suas famílias na América.

As iniciativas em torno da puericultura e de seu poder regenerador de gerações encontraram terreno propício para o debate nos congressos médicos e higiênicos mundo afora, não sendo diferente nos *Congresos Americanos del Niño*. Nomes muito relevantes na história destes congressos americanos da criança como o argentino Gregorio Araóz Alfaro,¹⁵² o uruguaio Luiz Morquio, o peruano Carlos Enrique Paz Soldan, a chilena Cora Mayers e o brasileiro Moncorvo Filho terão em suas trajetórias como médicos uma estreita vinculação com a difusão da Puericultura em seus países, ao ponto de seus nomes estarem associados com a própria história da puericultura em suas nações.

A influência dos *Congresos Americanos del Niño* sobre as propostas de divulgação da puericultura em diferentes países não é mera suposição, ao

¹⁵¹ (...) *el mejor factor eugenético está en la elevación y en la educación de las masas populares*. (MUZZILI, 1919, p. 191).

¹⁵² Considerado o principal nome da pediatria argentina no início do século XX, Gregorio Araóz Alfaro foi um dos responsáveis pela difusão dos preceitos da puericultura em seu país no período e se envolveu ativamente nas campanhas higiênicas visando a infância. Fundou a revista “Archivos de Pediatría” na Argentina e a revista “Archivos Latino Americanos de Pediatría” junto com os pediatras Luis Morquio, Olinto de Oliveira e Fernandes Figueira, todos ativos articuladores e participantes dos *Congresos Americanos del Niño*.

menos em alguns casos é possível perceber, no entrecruzamento de fontes, que alguns dos conhecimentos e modelos que circulavam nos *congresos del niño* foram levados pelos participantes para seus países e agregaram ideias, modificaram planos e instituíram novas modalidades de ação.



FIGURA 27 – MONCORVO FILHO ATENDENDO UMA CRIANÇA NO DISPENSÁRIO: ACERVO DA FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. FONTE: FREIRE E LEONY (2011).¹⁵³

Moncorvo Filho citará a influência dos dois primeiros congressos americanos da criança, como decisiva para que ele efetivasse a criação do Departamento da Criança no Brasil em 1919, assim como mencionará a influência direta dos debates e cartas trocadas com o uruguaio Luiz Morquio em sua trajetória como médico e filantropo. Moncorvo é associado à entrada do termo puericultura no Brasil, entrada que teria se dado a partir das ideias trazidas por ele dos inúmeros congressos internacionais sobre saúde e proteção da infância que frequentou.

Paz Soldan, médico e professor de Higiene peruano, delegado oficial do Peru no Terceiro Congresso Americano da Criança (e também nos próximos quatro *Congresos Panamericanos del Niño* que se sucederão) é também um nome associado aos movimentos pela difusão da puericultura no Peru no início

¹⁵³ Disponível em: – 59702011000500011&lng=en&nrm=iso> Acesso em 05 de fevereiro de 2015.

do século XX. Ele participará da criação da *Junta de Defensa de la Infancia* em seu país no ano de 1922, e será nesse mesmo ano secretário geral da *Primera Conferencia Nacional sobre el Niño Peruano*, que terá grande espaço para a discussão da puericultura, naquele mesmo ano, em Lima (MANNARELLI & CARO, 2011, p.451).



FIGURA 28 – RETRATO DE CARLOS ENRIQUE PAZ SOLDAN. FONTE: “JORNADAS DE SALUD PÚBLICA CARLOS ENRIQUE PAZ SOLDÁN” MARZO 2009.¹⁵⁴

Paz Soldan publicará em 1944 um livro intitulado *Los Niños*, no qual reunirá suas principais conferências e discursos, algumas atas sobre o trabalho do *Instituto Nacional del Niño (1925-1930)* e que trará em capítulo de abertura os trabalhos e discursos por ele apresentados nos *Congresos Americanos del Niño*. O interessante do ponto de vista da análise do papel dos *Congresos Americanos del Niño* da circulação inter-continental de ideias e modelos sobre a puericultura e cuidados com a infância será atentarmos para a introdução desse livro, na qual Paz Soldan revela que durante os congressos, como modo de preservar o “prestígio” de seu país, manteve-se silente e discreto sobre os problemas internos do Peru quanto à infância:

¹⁵⁴Disponível em: <http://enfermerasperu.blogspot.com.br/2009/03/jornadas-de-salud-publica-lima-peru.html>. Acesso em: 5 de fevereiro de 2015.

Não falei neles mais do que eu deveria falar. Nessas Assembleias de otimismo continental pretendi que minha palavra fosse o clarim vibrante fazendo apologia do quanto de bom fizemos em casa. Jamais nessas ocasiões fiz censuras, nem pronunciei condenações ao peruano, coisas que sempre pensei ser meu dever reservar para uso doméstico (PAZ SOLDAN, 1944, p.IX).¹⁵⁵

A reserva revelada por Paz Soldan nos leva a refletir sobre o espaço dos congressos. Certamente a estratégia de não revelar muito dos problemas e enaltecer os avanços deve ter sido adotada por delegados de muitos – senão todos – os países participantes. Recorrendo novamente à comparação desses eventos com uma “vitrine” de projetos e propostas, podemos entender que não obstante este desejo um tanto vaidoso de revelar aos seus pares de outros países os avanços e bons resultados de medidas em prol da infância em seus países, havia um movimento fecundo nessas trocas de experiências, capaz de promover a ampliação de repertório de ideias e de modelos de ação.

O mesmo texto de Paz Soldan oferece elementos para pensar na dinâmica de ver, dar-se a ver, refletir, agir. O autor diz que o princípio que o guia como higienista, congressista e professor é *Verba e Opera*, fala e age. E nessa linha dedicará o restante do livro a expor trabalhos que propõem ações técnicas para os serviços de atendimento às mães e à infância, a fim de alterar a “desnuda realidade” de “atraso” quanto aos cuidados com as mães e crianças no Peru (PAZ SOLDAN, 1944, p. X).

Das evidências sobre a circulação das ideias de puericultura pela via dos congressos a mais direta estará, creio, no trabalho da chilena Cora Mayers, médica e professora, delegada do Chile no *Terceiro Congresso Americano da Criança*, que passou à história médica de seu país como a principal difusora da Puericultura.

¹⁵⁵ *No hablé en ellos más de lo que debía hablar. Y en esas Asambleas de optimismo continental mi verbo procure que fuera clarinada vibrante haciendo la apología de cuanto de bueno habíamos realizado en casa. Jamás en esas ocasiones, hice censuras, ni pronuncie condenaciones de lo peruano, las que siempre creí deber mío reservar para uso doméstico* (PAZ SOLDÁN, 1944 , p.IX).



FIGURA 29 – RETRATO DE CORA MAYERS. FONTE: FACULTAD DE MEDICINA DE LA UNIVERSIDAD DE CHILE, MUSEO NACIONAL DE MEDICINA - DR. ENRIQUE LAVAL.¹⁵⁶

Cora Mayers foi autora de diversos livros e produzia mensalmente um popular folheto direcionado às mães chilenas com indicações de cuidados com a saúde da criança. Organizou o trabalho de enfermeiras visitadoras em Santiago a fim de melhor acompanhar o desenvolvimento dos bebês e criou no *Hospital Clínico de la Universidad de Chile* o *Servicio de Pediatría Profesional*, bem como a *Escuela de Enfermería de la Universidad de Chile*, à qual dirigiu de sua fundação em 1930 até o ano seguinte, no qual foi brutalmente assassinada por um colega médico num feminicídio, sobre o qual, lamentavelmente, poucas informações a história guarda.

Cora organizou o *Museo Internacional de Puericultura, Proteccion a la Infância y Eugenesis*, inaugurado em 12 de outubro de 1924, integrando a agenda de eventos do *IV Congreso Panamericano del Niño*, em Santiago-Chile. O museu, que funcionou na realidade como uma exposição temporária, foi instalado em salas da recém-inaugurada Biblioteca Nacional, mas seria, no desejo de Cora Mayers, a “primeira pedra para el Museo Permanente del Niño”.

¹⁵⁶ Disponível em: <http://www.museomedicina.cl/home/index.php/historia-de-la-medicina/180-dra-cora-mayers-1895-1931.html> Acesso em 5 de fevereiro de 2015.

Nos registros da história médica do Chile são referidas as viagens para a Europa, mas Cora Mayers deixará claro que as experiências dentro da América serão profundamente marcantes em seus projetos no Chile. No discurso inaugural do Museu Internacional de Puericultura ela diz:

Abundância de coração era a minha quando regressava do Rio de Janeiro, após a conclusão do Terceiro Congresso Americano da Criança. Tantas obras exemplares de proteção e amor às crianças tinha visitado lá e na minha passagem pelo Uruguai e República Argentina; tantas lições inesquecíveis de trabalho social tinha ouvido falar neste Congresso que o meu coração transbordava do desejo de servir às crianças de meu país e de todo o continente, se para tamanha empresa chegassem as minhas forças.

(...)

Ao inaugurar este Museu e convidar carinhosamente aos que me escutam a visitá-lo me cumpre dizer que se sua inspiração nasceu sob os auspícios dos Congresos del Niño, se em grande parte devemos sua realização aos esforços de don Arturo Alessandri,¹⁵⁷ o material que o forma temos que agradecer às delegações estrangeiras que com o esplêndido material provido por elas, quiseram contribuir deste modo na nossa cruzada em favor da salvação da infância. É, pois, este Museu Nacional da Criança verdadeira obra do Pan-americanismo, obra em que se fundem os desejos de homens e mulheres não somente do Chile, mas também dos países mais distantes das três Américas, unidos desta vez em um só sentimento, em um só desejo: que vivam e cresçam belos, fortes e exuberantes todos os filhos de todas as mães da América (MAYERS, 1925, p. 152).¹⁵⁸

No que pese o fato da congressista estar falando para uma plateia composta em grande parte por membros do *IV Congreso Panamericano del Niño* -1924, exercendo a elegância protocolar exigida em tais circunstâncias,

¹⁵⁷ Presidente da República do Chile nos períodos 1920-1925 e 1932-1938.

¹⁵⁸ *Abundancia del corazón era la mía cuando regresaba de Río de Janeiro, después de la celebración del tercer Congreso Americano del Niño. Tantas ejemplares obras de protección y amor a la infancia había visitado allí, y en Uruguay, a mi paso, y en República Argentina; tantas inolvidables lecciones de obra social había escuchado en ese congreso, que rebosaba mi corazón del anhelo de servir a los niños de mi país y todo el continente, si para tamaña empresa alcanzaran mis fuerzas. (...)*

Al inaugurar este museo, e invitar cariñosamente a los que me escuchan a visitarlo, me hago un deber en expresarles que si su inspiración naciera bajo los auspicios de los Congresos del Niño, si en gran parte debemos su realización a los esfuerzos de don Arturo Alessandri, el material que lo forma tenemos que agradecerlo a las delegaciones extranjerias con el espléndido material aportado por ellas, han querido contribuir de este modo en la cruzada nuestra pro salvación de la infancia. (...) Es pues este Museo Nacional del Niño verdadera obra de Pan americanismo, obra en que se funden los anhelos de hombres y mujeres, no solamente de Chile, sino también de los más apartados países de las tres Américas, unidas esta vez en un solo sentimiento, en un solo anhelo: que vivan y crezcan bellos, fuertes y lozanos todos los hijos de todas las madres de América. (Cora MAYERS. 4º Congreso Panamericano del Niño. Santiago do Chile, 1925, p. 152).

podemos considerar que há coerência em sua fala ao dizer que boa parte do que ali se encontraria exposto se devia ao intercâmbio propiciado pelos congressos. O Panamericanismo mais uma vez será enfeixado por laços irresistíveis e incontestáveis: o apelo à salvação da infância Americana, feita de crianças saudáveis, belas, fortes e exuberantes como a própria América gostaria de se crer.

2.2 INFÂNCIA E ORGANIZAÇÃO FAMILIAR EM SUAS RELAÇÕES COM O ESTADO E A LEI NOS TRÊS PRIMEIROS CONGRESOS AMERICANOS DEL NIÑO

No item 2.1 foram delineadas algumas das complexas relações que se estabelecem entre o Estado e as famílias e as delicadas nuances entre a assistência à saúde da infância e maternidade e o controle da infância pela faceta moralizante e higienizadora do Estado pela ordem médica.

Frente à lei, outra das premissas organizativas da sociedade, a relação das crianças e de suas famílias nas primeiras décadas do Século XX, será igualmente entretecida entre medidas que permitirão uma melhora nas garantias de segurança e bem estar das crianças e outras que se produzirão no intento de ampliar a vigilância, punição e controle das crianças, sobretudo das pobres, à potencial ameaça que essas representavam aos processos de progresso e modernização das nações¹⁵⁹. Em ambos os casos a ideia de futuro enlaçada à de criança parece ser o grande motor das ações em prol da infância naquele início de século.

Se os governos não se aparelharem para enfrentar com desassombro e energia a situação angustiosa a que nos arrastou a nossa imprevidência, seremos, em um futuro não remoto, um povo aniquilado, digno de comiseração. Quando um dia a Pátria reclamar o serviço de seus filhos para defender sua integridade e sua soberania,

¹⁵⁹ Sobre a dualidade insistente que permeia as ações voltadas à infância, sobretudo no séc. XIX e início do XX, dirá Irene Rizzini: “Esta ambiguidade na defesa da criança e da sociedade guarda relação com certa percepção de infância, claramente expressa nos documentos da época - ora em perigo, ora perigosa. Tais representações não por acaso estavam associadas a determinados estratos sociais, sendo a noção de periculosidade invariavelmente atrelada à infância das classes populares”(RIZZINI, 2006, s.p.).

Em:

http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000092006000100019&lng=en&nrm=iso&tlng=pt Acesso:26 de dezembro de 2014.

ver-se-á então a enormidade da desgraça que hora nos aflige (ARRUDA, 1924, p.100)¹⁶⁰.

A ordem das “desgraças” que afligiam a sociedade brasileira na visão de Cesário Corrêa de Arruda era bastante semelhante às mazelas vistas pelos intelectuais e políticos de muitos outros países americanos, mergulhados nas transformações mencionadas no início deste capítulo, que tornavam a cidade não apenas a promessa de um novo modo de vida visto como moderno e progressista, mas desordenado, imoral e perigoso também.

O ordenamento e saneamento da cidade dependiam em muito do controle das massas populares e as crianças eram parcela decisiva desse grupo potencialmente perigoso. Portanto também se configuravam como uma poderosa via de acesso ao controle e à manutenção de uma aparente paz social, mais baseada na conformação e submissão às regras do que no intento de emancipação e igualdade social.

A violência com que os discursos moralizantes e saneadores se lançam por sobre as famílias pobres e suas crianças, mesclados a notas emotivas e piedosas, revela muito mais do que um movimento estudado, positivista e racional em direção a um projeto de sociedade que deveria se cumprir para que as Nações latino-americanas seguissem os rumos do progresso. A violência encobre o medo, um medo palpável, da rebelião, do diferente e da diferença, um medo do que não se pode controlar, medo do que escapa à lupa e à lei e que representa, num período que prima pelo desejo de previsibilidade pautado na lei da causa e efeito, o espontâneo ato de viver. Controlar “instintos”, tolher o movimento, limitar os trajetos e os tempos desses perigosos e espontâneos indivíduos (indivíduo-individualidade, ideias também perigosas para os pequenos¹⁶¹) se torna então um imperativo e a criança encarna como nenhum outro ser esses atributos “detestáveis”, pois quase selvagens.

Através dos textos dos primeiros *Congresos Americanos del Niño* podemos delinear algumas modalidades de representações sobre a pobreza no início de século. Representações que refletirão parte das ideias que circulavam hegemonicamente nos meios cultos das primeiras décadas e conviverão

¹⁶⁰ Cesário Correia de ARRUDA, 3º Congresso Americano da Criança, 1924, P.100.

¹⁶¹ Tomo o termo “pequenos” aqui no amplo sentido discutido no capítulo um, sentido que se revela na inscrição da medalha do *Primer Congreso Americano del Niño*, a criança é o pequeno, o pobre também perante as contingências da luta pela sobrevivência.

amalgamadas, trazendo consequências às intervenções que se efetuarão sobre as crianças.

Detecto em alguns discursos a imagem do “pobre de Deus”, aquele romântico pobrezinho que desde muitos séculos parecia existir para que as culpas cristãs se espiassem ao jogar de uma moeda ou de um pão, o pobre que era querido pelos céus e que merecia a caridade dos mais afortunados. A ideia do pobre por merecimento, o ocioso, indolente, viciado e ignorante; o pobre explorado, vítima do sistema econômico e finalmente a representação do pobre mau caráter, violento, desordeiro, imoral, um pobre perigoso, pois refratário à caridade e às campanhas de regulamentação de qualquer ordem, apenas podendo ser controlado e quiçá corrigido pela força da lei.

O paralelo entre infância e pobreza que se fortalece no tensionamento das fontes com a teoria perpassará literalmente alguns trabalhos de congressistas:

Diz Maxwell que o próprio Montesquieu já falava no *Esprit des lois*: ‘*Algumas esmolas que deram na rua a um homem nu não suprem as obrigações do Estado, que deve a todos os cidadãos uma assistência assegurada, a comida, um facto¹⁶² conveniente e um gênero de vida que não seja contrária à saúde*’. Maximé isso se deduz, quando se trata da saúde física, moral e material da criança que representa o futuro ‘prosperidade e progresso do Estado, sob os pontos de vista intelectual, moral e material’ (...) Ninguém melhor que o Estado, nas circunstâncias em que nos debatemos, é capaz de assumir o peso de tais responsabilidades, tratando-se como se vê de uma necessidade pública em que ele é o maior interessado. Questão toda prática, trata-se de garantir o número de braços para o trabalho, a fim de aumentar a fortuna comum (SOBRAL, 1924, p. 304)¹⁶³.

No recorte acima é nítida a aproximação entre a infância e a pobreza, tomadas como equivalentes. A citação também trará um elemento essencial para entendermos as representações e ações sobre a infância no período, pois deixará patente a necessidade da forte ação tutelar do Estado sobre a infância. Então ao Estado, para seu próprio bem e para o progresso geral, caberia assumir a assistência aos pobres e às crianças, sob o risco de que se não o fizesse faltassem braços para o trabalho e sustento da própria maquinaria estatal. Esse modo de pensar, bastante coerente na lógica liberal que se

¹⁶² Facto aqui se refere a vestes, roupas.

¹⁶³ Francisco Fernandes SOBRAL, 3º Congresso Americano da Criança, 1924, p. 304.

instalava, é debatido por outros estudos sobre a infância do início de século XX. Irene Rizinni, ao analisar as intervenções estatais sobre as crianças “moral e materialmente abandonadas”, afirma:

A intervenção do Estado junto a esse segmento da infância era defendida como uma ampla ‘missão saneadora, patriótica e civilizatória’ em prol da reforma do Brasil. A missão era idealizada como parte do projeto de construção nacional desde os primeiros anos de instauração do regime republicano. O discurso predominante continha uma ameaça implícita - a de que o país seria tomado pela desordem e pela falta de moralidade, se mantivesse a atitude de descaso em relação ao estado de abandono da população, em particular a infância (RIZZINI, 2006, op.cit, s.p.).

Em se tratando dos demais países da América e América Latina, a partir das fontes dos *Congresos del niño* a situação de pressão quanto à ação do Estado sobre a infância pobre não era muito diferente. Embora com ritmos um pouco diversos, todas estavam, de certa forma, vivendo aquele momento de modernização, de necessidade de fortalecimento político interno, de recrudescimento dos problemas sociais em razão direta à ampliação das cidades e das mudanças nas relações de trabalho e convívio social. Sobre a necessidade americana de valorizar a infância e sua proteção diz o delegado argentino no seu discurso na cerimônia de abertura do *Segundo Congreso Americano del Niño*:

Uma evolução justíssima e de grandes resultados está sendo operada no espírito público dos países civilizados. As gerações que nos precederam amaram a criança, ser de fragilidade e frescor, somente pelo encanto e alegria que ela trazia ao lar. Nos tempos contemporâneos esta bela sentimentalidade subsiste sempre vivaz, porém ela se acompanha de preocupações positivamente utilitárias. A criança aparece, sobretudo, como um capital precioso que há que se conservar e aumentar para assegurar a saúde e a força das nações. E esta preocupação é tanto mais justa e explicável em nossos jovens países americanos, pois somos todos, mais ou menos, povos em formação, com extensos territórios que povoar, com grandes riquezas naturais que valorizar (...) (ALFARO, 1919, p.96).¹⁶⁴

¹⁶⁴ Una evolución justísima y de grandes resultados se ha operado en el espíritu público de los países civilizados. Las generaciones que nos precedieron han amado al niño, ser de debilidad y de frescura, solo por el encanto y la alegría que él aportaba al hogar. En nuestros contemporáneos esa hermosa sentimentalidad subsiste siempre vivaz, pero ella se acompaña de preocupaciones positivamente utilitarias. El niño aparece, sobre todo como un capital precioso que hay que conservar y aumentar para asegurar la salud y la fuerza de las naciones. Y esa preocupación es tanto más justa y explicable en nuestros jóvenes países americanos cuanto somos todos, más o menos, pueblos en formación, con extensos territorios que poblar, con grandes riquezas naturales que poner en valor (...) (Araoz ALFARO, 2º Congreso Americano del Niño, 1919, p.96).

Para Araoz Alfaro as representações da criança em sua pureza e fragilidade permanecerão, mas como coadjuvantes, cedendo espaço à ideia da criança como capital. Além disso, Alfaro, ao afirmar que a criança não era mais enxergada apenas como a alegria do lar, sinaliza uma tendência emergente no início de século: a paulatina homogeneização da infância pela via de sua escolarização e normatização.

E, com essa possibilidade de intervenção estatal sobre a criança, ela passa a se configurar como “um sujeito que extrapolava os núcleos familiares e os setores sociais de origem, devendo inscrever-se em uma ordem pública” (CARLI, 2003, p. 37).

Essa premissa será fundamental nos debates acerca do Pátrio Poder, do abandono dos filhos, das questões da legitimidade dos filhos e dos limites da intervenção estatal sobre as famílias, “célula ao redor da qual se agrupa toda a organização social” segundo diz o uruguaio Luis Morquio na abertura do *Segundo Congreso del Niño*. Na continuidade de seu discurso o congressista afirmará que se a família, que deveria ser a base de “solidez indispensável à criança”, agir em prejuízo da criança “corresponderá ao Estado, por intermédio de suas instituições especiais, proteger esse ser desgraçado” (MORQUIO, 1919, p. 90).¹⁶⁵

Sobre essa crescente intervenção e interesse do Estado na proteção à infância serão bastante enfáticos os discursos de quase todos os delegados oficiais dos países participantes dos primeiros *Congresos Americanos del Niño*. A ideia certauniana de lugar como força que também modela o discurso é conveniente de ser acionada aqui, pois devemos lembrar que aos delegados caberia representar, e bem, seus países mediante os pares de outras nações.

Assim, certamente, as ações ou intenções em prol da criança adotadas em cada país seriam em certa medida enaltecidas, mesmo que na prática as nações estivessem se deparando com as dificuldades da implantação de uma efetiva rede de cuidados com a infância.

Os discursos proferidos nas seções de abertura dos eventos são exemplarmente interessantes nesse sentido. Ao conhecermos o que dizem

¹⁶⁵ Si la familia es la célula, al redor de la cual se agrupa toda la organización social, hay circunstancias en que fallan los cimientos de solidez indispensables en perjuicio del niño, corresponde al Estado por intermedio de sus instituciones especiales la protección de ese ser desgraciado (...) (Luis MORQUIO. 2º Congreso Americano del Niño, 1919, p. 90).

alguns delegados oficiais de diferentes países em seus discursos de abertura nos congressos perceberemos a hegemonia do elogio à proteção à infância e algumas ideias e tópicos que se farão comuns em diferentes nações.

O governo da Costa Rica, que como disse antes, me honra com este cargo tem muito especial interesse por tudo quanto se relacione com a instrução pública e muito especialmente pelo aperfeiçoamento físico, moral e cultural da infância e não omite meios para conseguir este tão nobre desideratum (GARCIA, 1919, p. 111).¹⁶⁶

No discurso de Hipolito Garcia o interesse do Estado pela infância perpassava em primeiro plano a intervenção sobre a escolarização pela via da Instrução Pública, seguida de medidas pouco claras no tocante à melhoria física, moral e cultural dos pequenos. Veremos mais detidamente, em capítulo que se segue, os mecanismos específicos de estabelecimento de um Estado educador na América Latina.

No entanto, o que ora desejo destacar neste fragmento é um detalhe: o cuidado do orador ao afirmar o grande interesse de seu país pela causa da infância e a determinação de nenhum esforço poupar para efetivar o intento de aperfeiçoá-la.

Sem nenhuma intenção de julgar o delegado da Costa Rica, nem o governo costarriquenho do período, penso que não poderíamos esperar que no contexto desses congressos, sobretudo nos discursos de abertura dos trabalhos, encontremos alguma expressão muito diferente dessa, que declara exatamente o que se esperava ouvir de uma nação que vivia, como quase todas as demais presentes no evento, a implantação de reformas liberais marcadas pelo ideal positivista de ordem e progresso.

Segundo o historiador brasileiro Ciro F. Cardoso, “na Costa Rica o Estado Liberal, tanto social quanto politicamente teve menos de farsa grotesca do que nos outros países da América Central” (CARDOSO, 2013, p. 262). Já segundo alguns historiadores costarriquenhos, a primeira década do século XX no país foi um período no qual a realidade da maioria da população parecia não ser compatível com o que era legislado em termos de medidas sociais e “a

¹⁶⁶ *El gobierno de Costa Rica, que como digo antes, me honra con este cargo, tiene muy especial interés por todo cuanto se relacione con la instrucción pública y muy especialmente por la mayor perfección física, moral y cultural de la infancia y no omite medios para conseguir ese tan noble, tan patriótico desideratum.* (Hipolito GARCIA. 2º Congreso Americano del Niño, 1919, p. 111).

situação de falta de educação vinha unida ao problema alimentício, de saúde e habitação que experimentavam os setores populares da Costa Rica de antes de 1920” (QUESADA, 2003, p.9).

Essas informações acerca do contexto costarriquenho são elementos que provocam a reflexão sobre os sentidos que podemos apreender das fontes¹⁶⁷ e da necessidade de dar um tratamento analítico tão cauteloso quanto o possível a esses textos oriundos de eventos cujas intencionalidades e conjuntura específicas podem configurar determinados aspectos dos discursos.

No mesmo congresso de 1919 o médico boliviano Leon Velazco Blanco apontava os aspectos que mais lhe interessaria discutir com as demais nações americanas:

A proteção das crianças nestes tempos adquire dedicação especial dos governos, que já lhes prestam apoio oficial. (...) E se os rápidos progressos realizados na dietética infantil, e na puericultura em geral, permitem que empunhemos armas eficazes para combater a morbilidade e mortalidade infantil, há outros aspectos da proteção à criança que esperam deste Congresso e dos sucessivos uma pronta sanção, me refiro a temas como legislação da delinquência infantil e, especialmente, a prevenção de tal crime ou profilaxia social, problema importante que deve aderir ao progresso da ciência e guardar uma certa uniformidade em todos os países americanos (BLANCO, 1919, p. 101).¹⁶⁸

Na fala do delegado boliviano evidencia-se a reafirmação das investidas no campo da medicina e higiene e reitera-se a necessária complementação pela ação do Estado sobre a infância em outras esferas. Além disso há a revelação das preocupações com a infância perigosa,

¹⁶⁷ Arlete Farge, quando discute a abordagem e o tratamento que se dá às fontes, afirma: “Isto é sabido, não há sentido unívoco para as coisas do passado, e o arquivo contem em si esta lição. Frágil lembrança ele permite ao historiador isolar objetos e testá-los” (FARGE, 2009, p.92). É a este exercício de “isolar e por do avesso”, numa tentativa de seguir a “receita da teoria” de Certeau (2008b, 133-134) que corresponde este intervalo na narrativa do capítulo. O intento não é o de desqualificar a fala do congressista costarriquenho, afirmando que diz inverdades, mas sim o de, a partir de alguns elementos de sua fala, ampliar e contrapor os possíveis sentidos e representações expressos pela fonte.

¹⁶⁸ *La protección del niño adquire en estos tiempos especial dedicación de parte de los gobiernos, que ya le prestan oficial ayuda. (...)y se los rápidos progresos realizados en la dietética infantil y la puericultura en general nos permiten blandir armas eficaces para luchar contra la morbilidad y mortalidad infantil hay otros aspectos de la protección a la infancia que esperan de este congreso y de los sucesivos una pronta sanción, me refiero a temas como la legislación de la delincuencia infantil y sobre todo de la prevención de dicha delincuencia o profilaxis social, importante problema que debe ceñirse a los progresos de la ciencia y guardar cierta uniformidad en todos los países americanos* (Leon VELAZCO BLANCO, 2º Congreso Americano del Niño, p. 101).

delinquente e que deveria ser tratada de maneira científica, na sua correção ou prevenção.

Soma-se à preocupação com a infância delinquente a ideia da criança desvalida, “material e moralmente abandonada”, que irá pontuar diversos trabalhos dentro dos três congressos em estudo e que aparece com destaque no discurso de abertura da delegação norte-americana no congresso de 1919:

Como nunca antes é necessário um interesse vital na criança, sobretudo na criança desvalida, sem recursos, que por si só não pode elevar-se ao nível devido, nem assegurar-se da preparação necessária para que chegue a ser de real utilidade na nossa evolução social e na formação do futuro cidadão (BROWNING, 1919, p.118).

¹⁶⁹

Na opinião de Webster E. Browning a utilidade da criança está novamente em pauta como forte justificativa para seu “salvamento” pelo Estado, consolidando a aliança entre Justiça e Assistência apontada pela socióloga Irene Rizinni:

Nas duas primeiras décadas do século XX, foi estabelecida uma aliança entre Justiça e Assistência – uma associação, cujos reflexos são claramente detectáveis no discurso relativo à infância e que deu origem à ação tutelar do Estado. No que se refere à Justiça, buscou-se definir suas funções de cunho social, repudiando-se seu caráter estritamente punitivo-repressivo; o que foi feito através da aproximação com os promotores da filantropia, aproveitando-se de seu acesso ao segmento de pobres e necessitados, sobre o qual era preciso intervir. Por sua vez, os representantes da ação filantrópica viam nos promotores da Justiça a solução para dar conta da evidência crescente de periculosidade da população pobre que lhe cabia assistir. Portanto, a aliança entre Justiça e Assistência vai se dar com base na necessidade de mudança dos modelos de intervenção sobre a população pobre – aliança concebida como um desdobramento do amplo movimento filantrópico moralizador instituído a partir da lógica da nova ordem política, econômica e social que se estabelecia (RIZZINI, 2006, s.p.).

Na mira desta aliança entre família e justiça a família pobre, depositária primeira da criança - este “bem” no sentido de patrimônio, este “mal” no sentido de ameaça – viverá um paradoxo. O fortalecimento da imagem

¹⁶⁹ *Como nunca antes, se precisa un interés vital en el niño, sobre todo en el niño desvalido, falta de recursos, quien, de por sí, o puede levantarse al nivel debido, ni asegurarse la preparación necesaria para que llegue a ser de real utilidad en la nuestra evolución social y en la formación del futuro ciudadano. (Webster BROWNING, 2º Congreso Americano del Niño, p. 118).*

da família burguesa, na qual os papéis de pais, mães e crianças seriam bem demarcados, e cujo funcionamento harmonioso espreiaria harmonia por sobre toda a sociedade, assume uma força coercitiva tal que a todas as famílias a quem esse modelo não se aplicasse, pelas mais diversas contingências e escolhas, caberia o julgamento social e a pressão, por força da higiene e da justiça, para que se adequassem.

Parece existir uma contradição nesse discurso que elevava a família à condição de unidade fundamental da sociedade e, ao mesmo tempo, destruía a estabilidade das famílias de classes baixas. Torna-se evidente que as elites brasileiras associavam "família" ao padrão das classes médias e altas, que precisavam ser protegidas das camadas baixas que, pelo simples fato de existirem, representavam uma ameaça para a "família brasileira", entendida em sentido restrito. No começo do século XX, os homens que construíram o discurso nacionalista e a ideologia da assistência à infância explicitamente excluíram as famílias de classe baixa da definição oficial de "família." Assim, conseguiam justificar tanto as intervenções do Estado no mundo familiar dos menos favorecidos, quanto as propostas que, insistentemente, preconizavam a necessidade do governo assumir o papel de pais das crianças pobres brasileiras – o que efetivamente minava a estabilidade e a legitimidade dos genitores, especialmente a figura paterna, substituídos pelo poder público. (WADSWORTH, 1999 s/p).

As famílias pobres, sobretudo, regidas por outras perspectivas e vivendo outras formas de relacionamento e organização, serão foco de grande preocupação de sentido moralizante e ordenador por parte da sociedade mais abastada e do Estado, que naquele momento eram bastante claros em dizer que a segurança das pessoas bem assentadas socialmente dependia em grande parte do controle das famílias pobres e da vigilância sobre as suas crianças.

É um duelo horrível aquele que se trava entre a sociedade honesta que acumula as suas rendas para em seguida as aplicar em diversas obras, que se propõe a preservar a infância desamparada das deploráveis insinuações dos mais audazes e solertes profissionais do crime, conjugando portanto as suas melhores energias para esmagar inimigo tão cruel quanto minaz e a criminalidade infantil que cresce, se desenvolve, se enraíza nas colectividades adiantadas, ameaçando subverter a ordem constituída e implantar o bolshevismo, isto é, o regimen da mais perigosa balbúrdia (SILVEIRA, 1924, p. 189).¹⁷⁰

¹⁷⁰ Balthazar da SILVEIRA. 3º Congresso Americano da Criança, 1924, p. 189.

O texto do brasileiro Balthazar Silveira põe em destaque uma série de questões interessantes que pululavam nos debates sobre família e infância no período. A ênfase na intencionalidade da proteção à criança pobre como forma de proteção à sociedade honesta, entendida como aquela composta pelas classes médias e altas e cujo modelo de família deveria ser o norte; os paradoxos da caridade que, tomada como medida assistencial visando a “esmagar” os potenciais perigos de uma infância sem controle, espera a contrapartida de gratidão, submissão e ordem por parte dos pobres; o medo primordial a pairar no período entre os bem estabelecidos: medo de uma revolta e da “subversão da ordem construída”.

Os elementos oferecidos pelo recorte acima citado fortalecem os argumentos encontrados abundantemente na obra de historiadores e pesquisadores da infância que localizam nas ações de assistência e amparo à infância uma face bastante utilitária e estruturada, com fins de manutenção da estratificação social e não da promoção da igualdade.¹⁷¹

No entanto, ainda que parte significativa das fontes dos primeiros congressos coadune com tais princípios, é possível localizar trabalhos de congressistas que assumirão uma postura crítica diferente diante da situação das famílias pobres e seus filhos, buscando levantar nas plenárias as possíveis causas do abandono e da precária responsabilização dos pais sobre a saúde e educação das crianças.

Esses discursos serão pautados pela lógica de que a ação eficiente do Estado e da sociedade na promoção das famílias pobres estaria não em paliativos assistenciais, mas em um enfrentamento direto às questões estruturais da pobreza e carências: desemprego, salários baixos, más condições de trabalho, moradias deficientes, entre outras.

A sociedade atual não soluciona o problema da proteção à infância. O que se deve fazer é combater as causas que tornam necessárias

¹⁷¹ Sobre o assistencialismo e as preocupações com a infância pobre no início do século no Brasil diz James E. Wadsworth: Esta proposta ignorava completamente as causas estruturais da desigualdade - salários baixos, pouco ou nenhum acesso à terra, mecanismos opressivos de controle social e coronelismo - concentrando-se apenas nos sintomas ou manifestações do problema, tais como saúde precária, falta de moradia e educação, saneamento inadequado, conduta criminal. Observa-se claramente que a preocupação das classes abastadas com relação aos menores pobres não tinha como objetivo final beneficiá-los, mas sim preservar a ordem social e, conseqüentemente, proteger o futuro de seus próprios filhos (WADSWORTH, 1999 s.p.).

essa proteção. Restituir e educar eis tudo. (...) é preciso destruir o silêncio que envolve a grave questão econômica e social. Quem menos trabalha e mais gosa é o potentado, o acumulador de fortunas ilícitas. As riquezas são obtidas á custa da miséria moral, á custa do sacrifício da maioria (MOURA, 1925, p.152).¹⁷²

Neste trecho de um dos trabalhos da educadora brasileira Maria Lacerda de Moura podemos estabelecer um contraponto entre a ideia do “potentado acumulador” e a ideia de “sociedade honesta que acumula seus bens” exposto por Balthazar Silveira no mesmo congresso e seção. Os dois discursos comparados dão uma dimensão de como as lutas de representação se faziam presentes nos debates e ainda que não possamos mensurar o alcance da influência de uma ideia sobre a outra, podemos inferir que não era infértil que pontos de vista tão diversos compartilhassem espaço e fossem posteriormente publicadas em um mesmo impresso.

Outros congressistas trarão propostas que buscarão transcender ações paleativas, como, por exemplo, o uruguaio Francisco Iglesias, que no *Segundo Congreso Americano del Niño* propõe a adoção do critério da pobreza como principal elemento na seleção de funcionários estatais “em igualdade de méritos ou condições quanto à capacidade intelectual e técnica”¹⁷³ oferecendo assim um apoio que acreditava o congressista ser de fato emancipador aos homens e mulheres, dando condições de vida e sustento de suas famílias.

Os discursos que remetem às causas sociais e que criticam a caridade como paliativo que avilta “aos que querem viver de seu trabalho e não de algo tão triste e depressivo como de balbuciantes súplicas”¹⁷⁴ não serão os únicos a indicar a superação da caridade. Mesmo dentre aqueles congressistas que se referiam apenas aos efeitos da exclusão e buscavam solucionar problemas pontuais com medidas por vezes autoritárias de higiene e punição legal, a caridade muitas vezes será referida como um modelo de assistência a ser superado pela filantropia científica, pela assistência estatal racional.

¹⁷² Maria Lacerda de MOURA, 3º Congresso Americano da Criança, 1924, p.152.

¹⁷³ *En igualdad de méritos o condiciones en cuanto a capacidad intelectual o técnica, honradez, etc. dar la preferencia para ocupar cargos del Estado a toda persona pobre y sin ocupación otra alguna, que tenga hijos menores que manter* (Francisco IGLESIAS. 2º Congreso Americano del Niño, 1919, p. 124).

¹⁷⁴ *Para quienes quieren vivir de su trabajo y no de algo tan triste y depresivo como lo es la balbuceante suplica* (Idem, p. 123).

Ainda assim, a ação das damas de caridade e das obras beneficentes de entidades particulares seguirão tendo grande representatividade dentro dos eventos. Exceto o *Primer Congreso Americano del Niño*, organizado por feministas, os outros dois congressos terão uma “Comissão de Honra”, formada por damas da sociedade incumbidas de uma participação mais “social” no sentido da organização de festas e eventos vinculados aos congressos¹⁷⁵, oferecendo aos congressistas atarefados pelo trabalho sério “o alento, com a canção de ninar que eram suas melodiosas vozes”¹⁷⁶, numa clara alusão ao papel delegado socialmente às mulheres: consolo maternal, delicadeza e presença discreta como apoio ao homem. No caso do Terceiro Congresso Americano da Criança, organizado no Brasil em 1922, nos registros oficiais do evento os nomes das mulheres da Comissão de Honra não são referidos, mas sim os de seus maridos, com o pronome de tratamento “Exma. Senhora” na frente do nome e sobrenome de seus maridos, como era costume em convites e publicações do período¹⁷⁷.

O trabalho caritativo das “damas piedosas” enaltecido por alguns congressistas será uma das interfaces da complexidade das atitudes sociais frente à pobreza apontadas por GEREMEK, (1986), complexidade na qual modelos seculares da caridade cristã conviverão com apelos a uma nova política social que “permanece profundamente marcada pelas atitudes caritativas tradicionais”(p. 290) e na qual sentimentos como a piedade, a compaixão se imiscuem à ideia de ética e direito.

Quanto ao trabalho caritativo das instituições privadas, apesar da forte conclamação pelo seu controle pelo Estado, essas receberam, ao fim do Terceiro Congresso Americano da Criança, um voto reconhecendo a

¹⁷⁵ Sobre a participação da Comissão de Honra, diz o delegado Andres Puyol: *Ante el grupo de damas que integran el Comité de Honor que nos prestaron gentilmente su concurso, organizando con tacto exquisito la parte social del Congreso, que compartieron conozco las horas agitadas y febricientes de estos últimos días de absorbente labor, estimulándonos con el ejemplo, dándonos aliento con el arrullo melodioso de sus voces, nos inclinamos reverentes e ofrecemos nuestro respetuoso homenaje* (Andres PUYOL. 2º Congreso Americano del Niño, 1919, p.130).

¹⁷⁶ Idem, p.130.

¹⁷⁷ Compunham a Comissão de Senhoras do Terceiro Congresso Americano da Criança: Exma. Sra. Eptácio Pessoa, Exma. Sra. Antônio Azeredo, Exma. Sra. Ruy Barbosa, Exma. Sra. Carlos Sampaio, Exma. Sra. Olyntho de Magalhães, Exma. Sra. Miguel Calmon, Exma. Sra. Santos Lobo, Exma. Sra. Franklin Sampaio, Exma. Sra. Ildelfonso Dutra, Exma. Sra. Osório Mascarenhas, Exma. Sra. Foster Vidal, Exma. Sra. Figueira Mello, Exma. Sra. Oscar Porciunculla, Exma. Sra. Enéas Martins, Exma. Sra. Fernando Duval (Terceiro Congresso Americano da Criança, Tomo 1, 1924, p. 12).

importância de suas obra e apoiando a intensificação delas, desde que coordenadas (pelo Estado, subentende-se).¹⁷⁸

Neste sentido é interessante nos determos na fala de Luis Morquio na abertura do *Segundo Congreso Americano del Niño*. Morquio encerrará seu discurso dizendo que no decurso do congresso haveria opiniões divergentes sobre as maneiras de tratar algumas questões, mas que isso não afastaria a todos os congressistas do interesse comum: “o bem da criança”. Em seguida ele dirá, encerrando sua fala:

Para proteger a criança não devemos nos esquecer de que a caridade cede passagem ao direito e à defesa social, que o que era antes uma dádiva é hoje uma exigência, imposta pelo decoro humano e pelo porvir da raça (MORQUIO, 1919, p.69).¹⁷⁹

Substituir a caridade pela assistência social organizada pelo Estado, sob a forma do reconhecimento do direito é o caminho apontado por Morquio e que se perseguia em diferentes países americanos, tendo como grande inspiração o modelo do *Children's Bureau* norte Americano criado em 1912, que segundo a visão empolgada de Rolfo Mezzera “alcançou um grau de aperfeiçoamento insuperável” no controle de todas as instituições americanas de atendimento à infância.

A tese do historiador Eduardo Netto Nunes destaca os movimentos interamericanos em direção da formulação de uma política de assistência social e bem observa que, na prática, enquanto se almejava essa substituição da caridade à filantropia e posteriormente à assistência social. O que se percebe nas primeiras décadas do século XX na América Latina é que o “intento não era o de superar pura e simplesmente as formas anteriores - caridade, filantropia, beneficência – mas adaptá-los às novas diretrizes, além de impulsionar a presença estatal nas ações diretas de atenção à infância e à família popular” (NUNES, 2011, p.75).

¹⁷⁸ VOTO XXXVI: O Dr. J Garrahan, delegado argentino, propõe: O 3º Congresso Americano da Criança, reconhecendo a importância da obra realizada pelas instituições privadas em favor da infância, declara que tal obra poderá intensificar-se e chegar a ser mais profícua si se coordenar seu funcionamento (**Terceiro Congresso Americano da criança**, Tomo 1, 1924, p. 136)

¹⁷⁹ *Para proteger el niño no deberemos olvidar que la caridad cede su paso al derecho y a la defensa social, que lo que era antes una dádiva es hoy una exigencia, lo impone el decoro humano y el porvenir de la raza.* (Luis MORQUIO. 2º Congreso Americano del Niño, 1919, p.69).

Portanto, ao lado da figura dos cientistas e políticos em sua ação salvadora sobre a infância permanecerá o forte apelo à figura da mulher caridosa e da mãe, e sobre esta especificidade nos deteremos a seguir.

2.2.1 Representações sobre papéis familiares da mulher nos Primeiros *Congresos Americanos del Niño*

As representações acerca da maternidade captadas nas fontes dos primeiros *congresos americanos del niño* foram esboçadas no capítulo um desta tese ao tratarmos da análise das medalhas comemorativas dos congressos, as quais revelaram um crescente trabalho simbólico no intento de levar a mulher de um local de reivindicação política pública (expresso na medalha do *Primer Congreso Americano del Niño* 1916) para o reduto das casas de família e da vida privada, até finalmente transformá-la no Anjo do Lar.

Tal intento, de contenção do espaço político da mulher e de apoio à sua atuação sobre a infância numa esfera mais íntima, comedida e particular, será também sustentado com base na ideia de que a ação feminina em relação à infância possuía um sentindo instintivo, sentimental e moral muito mais do que uma visada científica, técnica ou política. Assim, a ação feminina era desejada prioritariamente como uma ação maternal e a maternidade será tomada como a grande tarefa, virtude, talento e destino da mulher americana no início de século, de acordo com o que pude captar das fontes.

Grande será a ciência dos Médicos, admirável a sabedoria dos Professores, útil o trabalho dos Higienistas e previsor a legislação dos Sociólogos, porém acima dos quatro elementos reunidos neste Congresso para levantar o novo edifício social da infância coloquemos a Mãe como base e cúspide da magna obra (CRIADO, 1919, p. 119).¹⁸⁰

A mãe será então enaltecida como “a primeira médica dos filhos”, “os primeiros bancos da escola serão os seus joelhos”¹⁸¹, será a “divina floricultora

¹⁸⁰ Grande será la ciencia de los Médicos, admirable la sabiduría de los Maestros, útil la labor de los Higienistas y previsor la legislación de los Sociólogos, pero encima de los cuatro elementos reunidos en este Congreso para levantar el nuevo edificio social de la niñez coloquemos la Madre como base y cúspide de la magna obra (Matias Alonso CRIADO. 2º Congreso Americano del Niño, 1919, p.119).

¹⁸¹ Luiz Gomes PEREIRA, 3º Congresso Americano da Criança, 1924, p. 393.

da infância” na “sagrada jardinagem cuja prática envolve a mulher num halo de santidade e de beleza astral”¹⁸² exatamente como um “anjo do lar” já mencionado no capítulo um desta tese.

No entanto para isso ela deveria ser preparada, pois à força da responsabilidade maternal delegada à mulher corresponderá a recriminação e responsabilização da mãe por todas as faltas, doenças e dificuldades dos filhos.

“A formidável hecatombe de crianças é quase somente devida à ignorância da mulher”, sentencia o médico Antônio Epaminondas de Gouveia. Na sua conferência “A Missão Social do Médico e da Mulher no Brasil”, apresentada ao final do Terceiro Congresso Americano da Criança, o congressista aproxima o papel das duas categorias na salvação da pátria: o médico deveria ser o estadista, aquele que assumiria as grandes missões de desenvolvimento do país, a mulher deveria ser instruída por uma educação feminina que se afastasse dos ideais de um “feminismo radical”, e as preparasse para seu papel de mãe e de “sacerdotisa da eugenia”. Para tanto haveria muito a fazer, pois essa mulher de tão elevados encargos é paradoxalmente tida, em linhas gerais, como uma ignorante cuja “deficiência mental”¹⁸³ era um constrangimento e um atraso para a sociedade.

É importante pensarmos que a educação desejada para a mulher seria em grande parcela essa, de viés utilitário, para consumo familiar, direcionada inteiramente à missão de gerar e educar os filhos. Tal premissa se estenderá claramente à ideia de que a mulher seria especialmente indicada para assumir a educação escolar das crianças pequenas, desde que devidamente preparada, assunto que aprofundaremos no capítulo três.

O papel da mulher no lar, cuidando das sementes do amanhã e a sua culpabilização pelo abandono e mortalidade infantil são bastante característicos do período. A representação da grande mãe salvadora e zelosa aparecerá em diferentes circunstâncias nos textos apresentados nos congressos analisados e assumirá diferentes interfaces frente às circunstâncias apresentadas pelas realidades locais e posicionamentos políticos de cada congressista.

¹⁸² Antonio Epaminondas de GOUVEIA, 3º Congresso Americano da criança, 1924, p.312.

¹⁸³ Todas as citações deste parágrafo são do texto de Antonio Epaminondas de Gouveia, op.cit., p. 302 a 313.

Alguns congressistas expressarão a preocupação com as mães de situação financeira estável, criticando as baixas taxas de natalidade entre as classes mais abastadas, atribuindo essa rejeição ao papel materno a atitudes julgadas fúteis, como a preocupação com moda e festas em detrimento dos cuidados para com a casa e os filhos:

Alimentar o próprio filho, o que era tarefa abençoada e apetecida, é hoje coisa de nojo e de fastio para algumas desequilibradas do ventre e da cabeça. Agora é elegante e chic a esterilidade. (...) A França porque zombou dos sagrados ensinamentos da religião e moral, que condenam estas torpitudes, chafurdou-se no lodaçal desta podridão antipatriótica, dando ao mundo o triste exemplo da impiedade na perfeição a que atingiu na arte diabólica de se furtar ao encargo da maternidade (GOUVEIA, op.cit., p. 312).

A entrega dos filhos para amas, a secundarização das preocupações com a família e o lar¹⁸⁴ serão tomadas como ameaças ao futuro da raça e como uma corrupção da natureza essencial da mulher. Por outro lado, haverá trabalhos nos *congresos del niño* que abordarão a secundarização dos cuidados com os filhos com grande naturalidade quando no âmbito da realidade das mães operárias, ora reivindicando uma melhor regulamentação do trabalho das mulheres mães para evitar o prejuízo da prole e da raça, ora naturalizando a função dupla da mãe e trabalhadora, reclamando melhorias, ainda que de maneira bem difusa, nas leis que regem o trabalho da mãe, os direitos das gestantes e das operárias que amamentam.

O crescimento industrial, a necessidade de subsistência das famílias e a demanda de mão de obra nas mais diferentes ocupações justificaria a presença de mães nas fábricas e comércios, desde que elas não descurassem de suas funções de mãe e dona de casa. Para tanto haveria de se estabelecer uma maior regulamentação de suas atividades e direitos:

Por ser de organização talhada para os misteres simples do lar, sem a robustez e a capacidade de trabalho da ordem de suportar serviços

¹⁸⁴ Por exemplo, o trabalho de Isabel Pinto de Vidal, no qual ao debater a defesa da mulher trabalhadora, ela se posiciona favorável à presença da mulher no mercado de trabalho e tece a seguinte ponderação acerca da mulher abastada que delega a outros a direção do lar e dos filhos: “*La mujer ociosa no es siempre la mejor esposa, ni la mejor madre. Más cuidadosa de satisfacer las frivolidades de su casa “a reenplazantes” de la lactancia y la educación del niño nacido por casualidad. De aquí un coeficiente tan débil de natalidad en las clases acomodadas y el desarrollo de la “moda” destructora de la familia.*” (Isabel PINTO DE VIDAL, 2º Congreso Americano del Niño, 1919, p. 102).

árduos prestados pelo homem, havendo ainda fases fisiológicas em sua vida que requerem cuidados especiais por sua saúde e pela dos entes que gera, é forçoso que o Estado estabeleça regras e fiscalize sua coparticipação na luta pela vida, não só em proveito dela e amparo dos filhos como do próprio estado, pelo interesse de formar futuros cidadãos dignos de defender a integridade de seu país (AZEVEDO, 1916, p.235)¹⁸⁵.

A mulher então, uma coadjuvante menos forte e capaz, deveria ser protegida não apenas por ela, mas pelo fato de ser a geradora de mais força de trabalho. No entanto, essa proteção através de leis que regulamentassem o trabalho feminino nas fábricas foi perdendo representatividade nos debates desde o *Primer Congreso del Niño*, no qual compunha parte central do encontro¹⁸⁶.

No *Segundo Congreso Americano del Niño* constarão, dentre os votos aprovados em sessão Plenária, um conjunto de sete votos subintitulados “*El Trabajo de la madre en fabricas y talleres – su reglamentacion*”, nos quais se percebe o limite de buscar instituir internacionalmente uma regra para assegurar direitos às mães em países de contextos políticos diferentes. Esses votos serão, de certa forma, reticentes, pois reconhecem a necessidade da regulamentação da situação das mães trabalhadoras¹⁸⁷ e apontam caminhos como a regulamentação do “tempo higiênico de afastamento” da operária antes e após o parto, mas não são incisivos nas indicações e abrem margem a enorme gama de interpretações ao indicar que esse tempo deve ser aquele “que a ciência considere indispensável para resguardar a saúde da mãe e da criança”. A justificativa dessa falta de definições mais precisas nos votos é dada pelo segundo voto apresentado e aprovado:

Como cada país tem um ambiente especial e, por tanto, as necessidades estarão de acordo com ele, haverá que se estudar estas questões [do trabalho das mães]: 1º Do ponto de vista nacional; 2º como o fim que deve perseguir-se é criar a raça americana do futuro, capaz de abordar com serenidade todos os problemas que o porvir nos reserva especialmente, seria conveniente estabelecer relações de país a país sobre os trabalhos realizados de fato.¹⁸⁸

¹⁸⁵ Thaumaturgo de AZEVEDO. 1º Congresso Americano da Criança, 1916, p.235.

¹⁸⁶ Ver o temário oficial deste congresso no capítulo um.

¹⁸⁷ 1º- *Los países americanos llaman la atención de las personas entendidas sobre la necesidad de reglamentar el trabajo de la madre obrera* (Voto número 1 da subsección “El Trabajo de la madre en fabricas y talleres- su reglamentación, 2º *Congreso Americano del Niño*, 1919, p.185).

¹⁸⁸ *Como cada país tiene un ambiente especial, y , por lo tanto , las necesidades estarán de acuerdo con él, habrá que estudiar estas cuestiones : 1º Desde el punto de vista nacional ; y 2º como el fin que debe perseguirse es crear la raza americana del futuro, capaz de abordar*

(Segundo Congreso Americano del Niño, Votos Emitidos e Aprobados em la seccion Higiene y assistência, 1919, p.186).

A busca da raça aperfeiçoada, configurada no *niño americano*, era uma meta, mas na prática havia um reconhecimento tácito dos limites das políticas internas de cada país frente a esse sonho.

No Terceiro Congresso Americano da Criança a presença dos debates sobre a regulamentação do trabalho feminino ainda existe, mas sua importância se revela nos votos aprovados: neles coube apenas uma menção à amamentação com a sugestão da criação de “Câmaras de Amamentação” anexas aos estabelecimentos para que as mães amamentassem os filhos em horas determinadas, sem perda salarial por esses minutos de ausência ao trabalho.

As análises empreendidas até aqui nos mostram que seja a mulher abastada, que decide diminuir o número de filhos ou opta por não ser mãe, seja a mulher proletária, que deverá receber alguma proteção e informação para que consiga desempenhar bem a maternidade ainda que trabalhe muito, a mulher será considerada um patrimônio da pátria, do marido, do patrão. Ela, a principal mantenedora do futuro não poderá renunciar ao seu papel principal e será vigiada para que não se desvie desse caminho.

Não apenas as mulheres latino americanas receberão esse tratamento bastante diretivo por parte do Estado e dos homens de ciência. A mulher norte-americana mencionada nos congressos estará também sob forte pressão, em especial devido às circunstâncias da Primeira Guerra Mundial nas quais os EUA estarão diretamente envolvidos.

O ano final da Primeira Guerra, 1918, será também escolhido como o “Ano da Criança”, nos EUA, e a meta do *Childrens Bureau* para o período entre seis de abril de 1918 e seis de abril de 1919 será instituir a campanha pela melhoria da saúde e redução da mortalidade das crianças.

“Salvar 100.000 bebês” foi o lema principal da campanha que mirava na redução da mortalidade na primeira infância e teve início no mesmo ano em que o ocidente contabilizaria os milhões de mortos na guerra e assistiria a

serenamente todos los problemas que el porvenir nos reserva especialmente,, deberían establecerse de país a países sobre los trabajos realizados al efecto. (Segundo Congreso Americano del Niño, Votos Emitidos e Aprobados em la sección Higiene y assistência, 1919, p.186).

grande epidemia de gripe espanhola devastar comunidades. Nesse quadro o trabalho do *Children's Bureau* foi implementado, apelando diretamente às mães, para que se engajassem nas campanhas, juntando-se aos comitês espalhados por todo o país e assumindo o papel de agentes da campanha, medindo e pesando crianças, ensinando noções de puericultura e nutrição e atuando junto às escolas. O clamor às mães é explícito em várias publicações do *Children's Bureau* entre 1918 e 1919, como esta apresentada à seção de Higiene e Assistência do *Segundo Congreso Americano del Niño*:

O Governo Federal, através do *Children's Bureau*, dos Estados Unidos, está pedindo particularmente às mães um serviço patriótico que exigirá os esforços unidos de um grande número de mulheres norte-americanas para o ano. O trabalho começou em 6 de abril de 1918, mas vai continuar muito além dos limites do ano; a sua finalidade é fazer com que as crianças cresçam fortes na mente e no corpo, capazes de "seguir em frente". A terça parte de nossa população que consiste em crianças hoje, será em breve homens e mulheres que têm que tomar parte na tarefa gigantesca de reconstruir depois da guerra, uma tarefa que tanto a civilização quanto a democracia pedem que seja executada (WEST, 1919, p. 193).¹⁸⁹

¹⁸⁹ *The Federal Government, through the Children's Bureau, U.S., is asking particularly of mothers a patriotic service which will demand the united efforts of a great many American women for the year. The work began on April 6, 1918, but it will go on far beyond the year's limits; for its purpose is to make the children grow up strong in mind and body, able to "carry on". The third of our population who are children today will soon be men and women who must take their part in the gigantic task of reconstruction after the war, task which civilization and democracy demand shall be well done. (Max WEST. 2º Congreso Americano del Niño, 1919, p.193.)*



FIGURA 30 – PÔSTER OFICIAL DA CAMPANHA DO ANO DA CRIANÇA PELO UNITED STATES CHILDRE'NS BUREAU, 1918. FONTE: LIBRARY OF CONGRESS, LC-USZC4-9867.¹⁹⁰

A imagem do cartaz acima, propaganda oficial da campanha do Children's Year, é luminosa e otimista: várias crianças, algumas calçadas e bem vestidas, outras vestidas com simplicidade e descalças – nenhuma indígena ou negra, o que mostra a que crianças principalmente se destinava o empenho – parecem subir uma colina de mãos dadas, o bebê ao colo de um menino maior se destaca na cena (lembrando que os bebês serão o grande foco da campanha) até por estar ao lado da frase no alto do cartaz: “A saúde da criança é o poder da Nação”.

O texto “Fazendo o trabalho de guerra em casa”,¹⁹¹ apresentado pela representante do *Children's Bureau*, Max West, no *Segundo Congresso Americano del Niño* – 1919, nos dá elementos para entender a frase do cartaz em maior profundidade no contexto dos EUA naquele período. O texto levado ao congresso era uma cópia do primeiro informativo semanal publicado em 25

¹⁹⁰ Disponível em Children's Bureau Express: <https://cbexpress.acf.hhs.gov/index.cfm?event=website.viewArticles&issueid=135§ionid=1&articleid=3495>. Acesso em 23 de dezembro de 2014.

¹⁹¹ *Doing War Work at home*, no original.

de abril de 1918 pelo *Children's Bureau* à guisa de material informativo para as mães¹⁹², a ser distribuído por todo o país:

Ao redor de 1/3 dos homens chamados e examinados para o exército em nosso país foram rejeitados por defeitos físicos, muitos dos quais poderiam ser impedidos ou curados na infância se os pais compreendessem como fazê-lo. E os defeitos que desqualificam um homem para a guerra o atrapalham também na vida civil. (...) Porém o conhecimento que temos agora de que tais defeitos podem muitas vezes ser evitados, faz com que hoje mais que nunca, as mães possam efetuar o trabalho importante e cheio de esperança de salvaguardar as condições sob as quais a presente geração de crianças está crescendo (WEST, 1919, p.193).¹⁹³

Nesse recorte mais uma vez a criança é tomada como capital, como investimento para o futuro, e a demanda principalmente de homens eugenicamente superiores, fortes e prontos para a restauração pós-guerra, seja no campo de batalha “defendendo o país e a democracia”, seja na vida civil, exigiria o cuidado da parte das mães “nesta tarefa patriótica, para fazer os cidadãos do porvir crescerem fortes, eficientes e sem imperfeições físicas”¹⁹⁴. Novamente é atribuída às mães a responsabilidade pela qualidade dos homens do futuro.

Essa representação da mãe como um membro do exército da nação, fazendo seu trabalho de guerra a partir de casa, mantendo a ordem de seu lar (o “lar dos bravos na terra dos livres”, se quisermos nos lembrar da automitologia norte americana expressa em seu Hino Nacional) e a saúde dos filhos, salvaguardando-os dos perigos trazidos pela tensa situação de guerra, será fortemente divulgada por meio de campanhas do governo. Surgirá em cartazes, slogans e panfletos visando a educar as mães (e aos pais, mas prioritariamente às mães) para que tomem a maternidade como uma missão patriótica, assim como imputarão aos filhos a função de servir à pátria fazendo

¹⁹²“Este é o primeiro de uma série de artigos semanais sobre formas das mães contribuírem no Ano da criança.” *This is the first of a series of weekly articles on how mothers can help in Children's Year* (WEST, 2º Congreso Americano del Niño, 1919, p. 143).

¹⁹³ *About one third of the drafted men examined for the army in this country are rejected for physical defects, many of which might have been prevented or cured in infancy and early childhood if the parents had understood how it could be done. And the defects which disqualify a man for service in the arm hamper the civil life was well. (...) But the knowledge which we now have that such defects can often be prevented, makes more than ever important and hopeful the work which mothers can do in safeguarding the conditions under which the present generation of children is growing* (WEST, 2º Congreso Americano del Niño, 1919, p.193).

¹⁹⁴ *So mothers especially are asked as a patriotic service, to help make a citizenship of the future strong, efficient, unhandicapped by bodily imperfections* (WEST, 2º Congreso Americano del Niño, 1919, p. 143).

sua parte (comendo direito, indo à escola, economizando) como podemos observar nas imagens abaixo.



FIGURA 31 – PÔSTER DA PRIMEIRA GUERRA: "SHE IS DOING HER PART TO HELP WIN THE WAR." AUTOR: HOWARD CHANDLER CHRISTY. CAMPANHA DA UNITED STATES FOOD ADMINISTRATION PELA PARTICIPAÇÃO FEMININA NO ESFORÇO DA REDUÇÃO DE CONSUMO DE TRIGO POR CIVIS. 1917. FONTE: LIBRARY OF CONGRESS PRINTS AND PHOTOGRAPHS DIVISION WASHINGTON, D.C. 20540 USA.¹⁹⁵

¹⁹⁵ Disponível em: <http://loc.gov/pictures/resource/cph.3g10783/>. Acesso em 18 de dezembro de 2014.

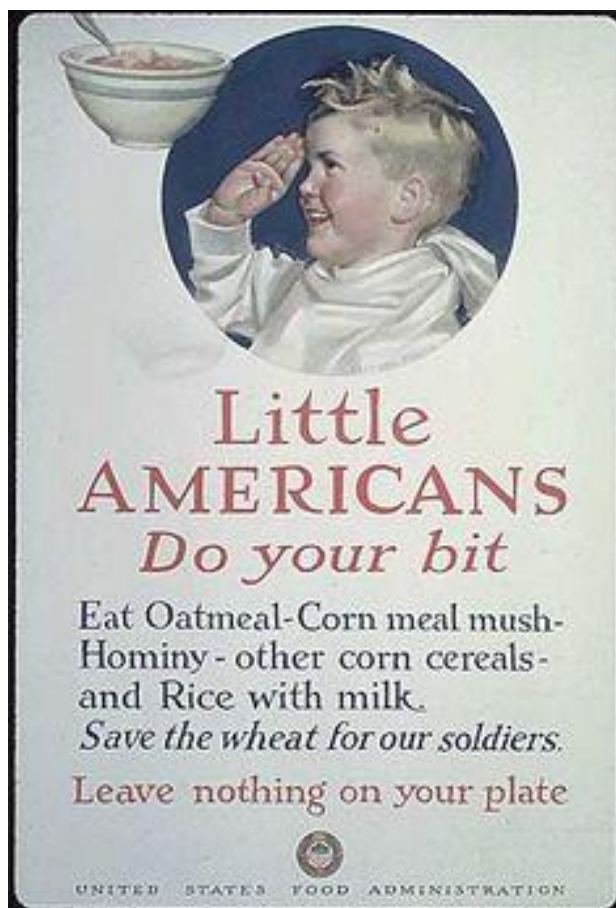


FIGURA 32 – PÔSTER “LITTLE AMERICANS, DO YOUR BIT”. AUTOR: CUSHMAN PARKER. [1917], LITOGRAFIA COLORIDA; 53 X 35 CM. SUMMARY: POSTER [1917]. CAMPANHA UNITED STATES FOOD ADMINISTRATION PELA ALIMENTAÇÃO INFANTIL E DIMINUIÇÃO DO CONSUMO DE TRIGO. FONTE: LIBRARY OF CONGRESS PRINTS AND PHOTOGRAPHS DIVISION WASHINGTON, D.C. 20540 USA.¹⁹⁶

A mulher que faz a sua parte cozinhando para a família substituindo a farinha de trigo, reservada às tropas, por outros cereais é a americana patriota que segundo o cartaz ajudará a vencer a guerra. Da mesma forma, o bebê robusto, louro, que bate continência para a tigela de mingau no cartaz acima é o bom filho norte americano, que honrará as migalhas para crescer robusto e comerá sem farinha de trigo contribuindo para com o exército.

As campanhas publicitárias oficiais norte americanas durante o “Ano da Criança” estarão também voltadas à normatização do desenvolvimento das crianças dentro de padrões antropométricos estipulados cientificamente. A pesagem e medição das crianças (intento sugerido nos três primeiros congressos americanos da criança por diversos médicos como forma de

¹⁹⁶ Disponível em: <http://www.loc.gov/pictures/item/2002712335/>. Acesso em 18 de dezembro de 2014.

controle do desenvolvimento também das crianças latino americanas) será parte importante do projeto do *Children's Year* e as sessões de testes antropométricos serão em boa parte dos Estados Unidos orientadas e executadas voluntariamente por mães que se engajaram aos comitês do *Children's Bureau*.¹⁹⁷



FIGURA 33 – CARTAZ DA CAMPANHA DO CHILDREN'S BUREAU NO ANO DA CRIANÇA 1918-1919 PELO ACOMPANHAMENTO DOS PAIS AOS PARÂMETROS DE PESO E

¹⁹⁷ Informação encontrada em boletim sobre o centenário do Children's Bureau. "Muito do trabalho de organização da campanha foi realizado por 11 milhões de mulheres em todo o país que se juntaram a comissões organizadas para reduzir a mortalidade infantil, bem como para realizarem três objetivos da campanha auxiliares para Ano das Crianças: 1- Pesar e medir crianças e bebês e registrar as informações. 2- Enfatizar a importância da recreação saudável e jogos para o desenvolvimento das crianças. 3- Certificarem-se de que as crianças permaneçam na escola." *Much of the campaign's organizational work was accomplished by 11 million women across the country who joined committees organized to reduce infant mortality, as well as carry out three ancillary campaign goals for The Children's Year: 1- Weigh and measure infants and toddlers and record the information. 2- Emphasize the importance of healthy recreation and play for children's development. 3- Make sure that children stay in school.* News From the Children's Bureau, Centennial Series: The Children's Year, 1918-1919. May 2012, Vol. 13 No. 4.

Disponível em:

<https://cbexpress.acf.hhs.gov/index.cfm?event=website.viewPrinterFriendlyArticle&articleID=34>

95 Acesso: 24 de dezembro de 2014

ALTURA DOS BEBÊS E CRIANÇAS EM IDADE PRÉ-ESCOLAR. FONTE: COLEÇÃO DE CARTAZES DOS ESTADOS UNIDOS NA PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL.¹⁹⁸

O cartaz acima faz uma clara alusão ao famoso cartaz "I Want You",¹⁹⁹ usado na provavelmente mais famosa campanha governamental de recrutamento para o exército jamais vista. O cartaz, encomendado pelas Forças Armadas norte-americanas em 1917 ao artista James Flagg, trazia a imagem do personagem simbólico da pátria americana "Tio Sam", com o dedo em riste e a frase "I Want You for U.S. Army" ("Eu Quero Você para o Exército dos EUA").

O cartaz da imagem acima, pela campanha para verificação de peso e altura das crianças, por sua vez, usa no seu texto a mesma estratégia do imperativo da pátria como figura de autoridade personificada pelo Tio Sam, que desta vez "pergunta aos pais e mães da América: suas crianças estão à altura do padrão de peso e altura? Traga sua criança em idade pré-escolar para ser pesada e medida".

A força do texto que primeiramente tenta constranger os pais com a cobrança tácita de que as crianças estejam na média de peso e altura é reforçada pela cor vermelha da frase e o uso de uma fonte diferente na palavra *suas*, passando a clara mensagem de que não se tratava de qualquer criança, mas do *seu filho*, chamando os pais à responsabilidade.

Em seguida há a convocação para que os pais tragam as crianças pré-escolares para pesar e medir, o que indica que as crianças em idade escolar já estariam sendo medidas e pesadas nas escolas que em grande número mantinham a supervisão da saúde dos alunos através dos serviços de higiene escolar²⁰⁰. O fato de o garoto maior estar vestido de marinheiro poderia ser tomado como accidental, visto que à época as roupas de menino muitas vezes eram inspiradas na marinha; no entanto, o contexto do cartaz com seu texto e a

¹⁹⁸ Disponível em: http://www.dakinarchives.net/iphoto/wwl_usa_posters/Desktop.html. Acesso em 24 de dezembro de 2014.

¹⁹⁹ Ver nos anexos.

²⁰⁰ Numa conferência realizada no Terceiro Congresso Americano da Criança, 1922, o brasileiro Levi Carneiro fará menção ao serviço de higiene escolar norte americano, que segundo o congressista atingia níveis inigualáveis de aperfeiçoamento: "cada vez mais apurado, deu, no período a que nos referimos [1918], uma demonstração iniludível das suas vantagens, porque na ocasião da pandemia gripal, as escolas de New York não se fecharam: e ao contrário, o funcionamento delas permitia inspecionar diariamente cerca de um milhão de crianças, cuidando-se desde logo das que apresentavam os primeiros sintomas do mal" (Levi CARNEIRO. 3º Congresso Americano da Criança, 1924, p. 354).

postura corporal do menino sob a régua, como se estivesse “em forma”, reforçam o caráter militar da peça publicitária.

O cartaz analisado tem o exato sentido do outro texto apresentado pela Sra. Max West na mesma sessão de Higiene e Assistência do *Segundo Congreso Americano del Niño* em nome da comitiva norte americana, sob o título: “*Mães Americanas : vocês querem ajudar a “defender as linhas”? Está é a pergunta do Tio Sam para as leais mulheres Americanas*”²⁰¹. Esse texto trará uma série de metáforas de guerra e fará o jogo linguístico de sentidos entre as linhas de frente de batalha na guerra e as linhas médias de peso e altura estabelecidas em testes antropométricos para crianças. Enquanto aos homens caberia estar bravamente nas primeiras, às mães era dada a missão de estar lutando pelas segundas:

Esta linha de combate quem defende são as mães americanas. Milhares delas mandaram seus filhos à França e milhares ainda mandarão até que termine este horrível combate. Porém nesta segunda “linha de defesa”, como a temos chamado, há mães cujos filhos e filhas serão dados ao serviço dos EUA nos anos que virão, em missão não menos patriótica do que a dos que estão atualmente na guerra. Porque ao fim desta guerra e por gerações o progresso da civilização dependerá desta classe de homens e mulheres dispostos a ganhar batalhas. A jovem mãe americana deve começar hoje a edificar o fundamento para uma perfeita saúde sobre a qual se levanta o mais alto grau de eficiência física e mental. Dirigir e ordenar o alimento e o cuidado com as crianças, tão inteligentemente que cada criança obtenha a melhor vantagem possível para uma vida sã, é a grande e patriótica tarefa que pede a Nação Americana às suas jovens mães (WEST, 1919, p.197).²⁰²

O apelo emocional às mães para sua missão patriótica e até mesmo bélica, a ser executada no lar, seguirá por todo o texto, que anunciará os folhetos de orientação para a alimentação saudável das crianças e divulgará o serviço de pesagem e medição das crianças, promovido pelo Childrens Bureau.

²⁰¹ Max WEST. “*American Mothers, will you help to “hold the line”? The question Uncle Sam is asking of the loyal American Woman*”. 2º *Congreso Americano del Niño*, 1919, p.197.

²⁰² This line is hold by American mothers. Thousands of them sent their sons to France, and thousands more will send theirs before this bitter fight over. But in this second "line of defense", as it has been called, stand many mothers whose sons and daughters will be given to the service of the United States in the years to come in no less patriotic sense than are given who now go forth to war. For at the close of this war and for generations to come the progress of civilization will upon the kind of men and women who are ready to take up its battles. The young American mother must begin today to lay the foundation of perfect health, upon which the highest degree of physical and mental efficiency is bult. To direct and manage the food and care for children, so intelligently that every child will have the best possible start toward such a life is the big patriotic task wich the nation is asking of young American Mothers (WEST, 2º *Congreso Americano del Niño*, 1919, p.197).

A concomitância do fim da Primeira Guerra em 1918, do “Ano da Criança” nos EUA e do *Segundo Congreso Americano del Niño em 1919* resultou numa participação norte americana no evento – que repercute no Congresso Americano da Criança seguinte, em 1922 no Brasil – com materiais quase inteiramente advindos das publicações do *Children’s Bureau* e muito voltadas para a história e projetos desenvolvidos por essa agência governamental para os tempos de guerra, o que causou sem dúvidas impacto nos demais países participantes, como revelam discursos que tomam os EUA como grande modelo de eficiência no gerenciamento das questões internacionais e da infância.

A circulação do modelo americano de políticas para a infância divulgado nos congressos pode ser percebida em alguns trabalhos, como, por exemplo, na conferência do brasileiro Levi Carneiro, em 1922, no Terceiro Congresso Americano da Criança. Na conferência, Levi Carneiro cita informações do texto “Fazendo o trabalho de guerra em casa” apresentado pela delegação americana em 1919 no *Segundo Congreso Americano del Niño*²⁰³. O impacto generalizado da guerra nas políticas sobre a infância, mesmo em países que não estiveram diretamente envolvidos no conflito é discutido pelo brasileiro:

Entre as inumeráveis consequências funestas da grande guerra europeia poder-se-ia supor incluída a suspensão, a restrição, a retrogradação do movimento legislativo em favor da infância, desenvolvido desde alguns anos em todos os países mais civilizados do mundo. Ao contrário, porém, logo durante a guerra, e depois de findas as hostilidades, no período, ainda não encerrado, que se lhe seguiu, intensificou-se aquele movimento, ampliou-se, requintaram-se as providencias governamentais, aumentaram-se os recursos, as modalidades, as aplicações das medidas protetoras da infância. Mais do que nunca, tornou-se esta o objetivo dos melhores cuidados dos legisladores, inspirados e orientados pela eugenia, pela pedagogia, pela higiene, pela pediatria e pela filantropia. A hecatombe de homens, dos mais validos e fortes, impôs a necessidade de preencher os grandes claros abertos na população valida de cada

²⁰³ Lembrando que como esse texto norte americano havia circulado dentro dos EUA como uma publicação do *Children’s Bureau*, existe a possibilidade de que tenha sido acessado por Levi Carneiro em outro contexto que não o dos Congressos Americanos da Criança. No entanto, considerando a rede de circulação de ideias e materiais sobre a infância estabelecida no período por via dos Congressos, o que se atesta também pela Conferência de Levi Carneiro, na qual cita e refere muitos trabalhos apresentados nas edições anteriores dos *Congresos Americanos del Niño*, há forte possibilidade que o texto tenha chegado a Carneiro por via do congresso.

país, e leva todos, mesmo os de imigração como os nossos, a estimular e proteger a natalidade (CARNEIRO, 1922, p.315)²⁰⁴.

Na citação de Levi Carneiro é patente a reiteração do apelo anteriormente citado pela restauração da raça por via do cuidado com a saúde e desenvolvimento da criança.

Em relação às representações da maternidade e à circulação do modelo materno apregoado pelos norte americanos em países latino americanos é inegável que a história da América Latina se conecta à da Europa e Estados Unidos, sendo assim modelos de atenção à infância, assim como ideias sobre a família e papel da mulher, reforçados no caso americano pela imagem de resiliência e força das mães durante a guerra, exerceu influência sobre a valorização da maternidade na missão restauradora da raça.

2.2.2 Representações sobre papéis familiares do homem nos primeiros *Congresos Americanos del Niño*: paternidade, autoridade e limites do Pátrio Poder

E quanto aos pais? A primeira dificuldade em aferir as representações sobre paternidade nas fontes desses congressos da criança esbarra em um ponto que parece simples, mas merece atenção: sendo a maior parte das fontes redigida em espanhol ou português, os textos, em grande parte das vezes, se referem “aos pais” ou “a los padres” referindo-se ao pai e mãe das famílias e a ocorrência de referência ao pai por vezes fica nebulosa no corpo dos trabalhos apresentados, num reflexo sutil da composição patriarcal das organizações familiares.

Outro aspecto que nubla a percepção dos papéis paternos nos congressos vem da secundarização dada aos pais em relação aos cuidados para com as crianças e famílias. “As mães em primeiro, os pais secundando-lhes a ação, devem ter em máxima conta a educação na virtude e a preservação da pureza de seus filhos” (MAGALHÃES, 1924, p.64)²⁰⁵, diz a conclusão do trabalho de Alfredo Ferreira de Magalhães. Essa secundarização, no entanto não tinha como objetivo a diminuição do poder do pai sobre a

²⁰⁴Levi CARNEIRO, 3º Congresso Americano da Criança, 1924,p.315.

²⁰⁵Alfredo Ferreira de MAGALHÃES, **Terceiro Congresso Americano da criança e Primeiro Congresso Brasileiro de Proteção à Infância**, 7º Boletim, p.64.

família e o aumento da autonomia da mulher, mas sim colocava aos homens em outra esfera de ações e atribuições.

O pai que aparecerá nos congressos americanos da criança também será idealizado num movimento interessante de busca de novos paradigmas para a paternidade, baseados em um homem que se desvencilharia pouco a pouco da aura de violência e descaso para com a família, passando a ser o “abrigo” dos seus filhos e esposa. A grande guerra e a necessidade de proteção da descendência e de motivação para a reconstrução pós-guerra podem ter também alguma influência sobre esse apelo à participação paterna no envolvimento afetivo com a família.

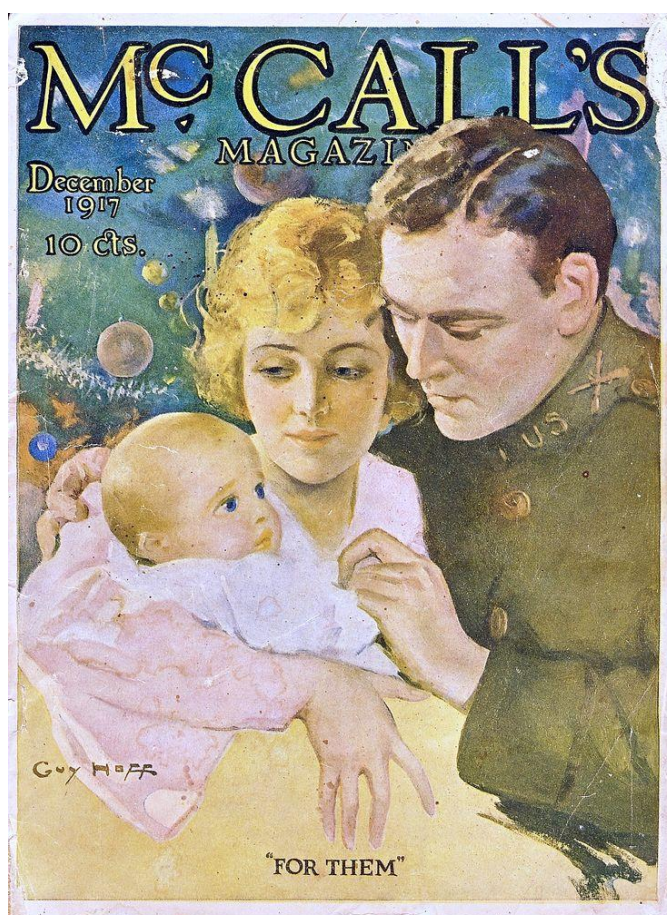


FIGURA 34 – CAPA DA REVISTA NORTE AMERICANA MC'CALLS, DEZEMBRO, 1917.
FONTE: MAGAZINE COVERS COLLECTION.²⁰⁶

²⁰⁶ Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/christine592/sets/72157614731033302#>

A capa de 1917 da revista Mc'Calls²⁰⁷, periódico norte-americano de grande circulação nos EUA, ilustra a representação que busca estabelecer novas qualidades aos pais de família. Além da figura do pai, fardado e abraçando a esposa enquanto olha para o filho e segura sua mão, o que chama a atenção na imagem é a nítida exploração do ideal familiar burguês que se implanta com força, tendo a criança como centro da união dos pais, ambos com os olhos voltados para o rosto do bebê. A árvore de Natal ao fundo reforça o clima de “lar doce lar” que emana da imagem e a inscrição “Por eles” sob a imagem deixa patente que ir à guerra era um sacrifício heroico empreendido pelos pais em prol da segurança de seu lar, sua esposa, seus filhos.

Esse tipo de mensagem sobre a família e a paternidade voltada para o bem estar da família, para a internalização do homem no lar como participante e guardião dos filhos e esposa, ganhará força, segundo Sosenski (2014), nas campanhas publicitárias a partir da década de 1930. No entanto, no contexto norte americano, a primeira grande guerra motivou uma série de intentos publicitários que já esboçavam esse modelo paterno centrado na esposa e filhos.²⁰⁸

Neste sentido, o novo desenho da paternidade será paulatinamente construído como premência dos tempos modernos e aparecerá nos *Congresos Americanos del Niño*, principalmente circundando os debates legais acerca dos limites do Pátrio Poder na América latina. Alfredo Balthazar da Silveira apresentará, no Terceiro Congresso Americano da Criança, um histórico do papel paterno desde a antiguidade aos tempos modernos, no intento de mostrar o quão necessário seria repensar de maneira “emancipada, sem

²⁰⁷ Mc'Call era uma revista voltada ao público feminino nos Estados Unidos. Muito popular, circulou desde o ano de 1873 ao ano de 2002, abordando tópicos como trabalhos manuais, moda, saúde e costumes. Teve vários colunistas famosos entre eles a própria primeira dama norte americana, Eleonor Roosevelt, durante a década de 1950, chegando a um público de 8,4 milhões no início de 1960. Fonte: http://en.wikipedia.org/wiki/McCall%27s#cite_ref-6 Acesso em: 24 de dezembro de 2014.

²⁰⁸ Como exemplo cito a Companhia Kodak, de máquinas fotográficas, que investirá maciçamente em propagandas de apelo emocional forte, impulsionando a venda de câmeras fotográficas para que as mães mantivessem o registro fotográfico dos filhos e pudessem enviar as fotografias junto às cartas aos seus maridos no front.

preconceitos e superstições” uma nova organização familiar necessária para “os sagrados interesses da sociedade moderna”:

O pater-famílias na antiguidade grega (...) era uma espécie de carrasco, que inspirava temor aos seus descendentes. Jamais vencia pela persuasão; impunha-se, ao contrário, pela crueldade que inspirava os seus atos. Comparado, porém, ao com o pátria-potestas dos romanos, o qual era um conjunto de iniquidades, que despertaram em alguns imperadores a mais viva indignação, o pátriopoder dos gregos era de uma brandura elogiável. (...) Não sabia infundir a amizade e o respeito á sua descendência, que vivia sempre, receosa dos seus caprichos, de suas esquisitices e das suas maldades reiteradas (SILVEIRA, 1924, p. 37)²⁰⁹.

Tal modelo de paternidade e Pátrio Poder deveria ser substituído na lei e nos costumes, por uma paternidade moderna que inspirasse “o amor filial que se nutre da ternura dos paes, dos carinhos que dispensam eles aos filhos, desde a tenra idade, dos sacrifícios que fazem para lhes proporcionar maiores proventos, e sobretudo, da austeridade, que lhes guia os passos no lar, e preside a todos os actos de sua vida pública” (SILVEIRA, 1924, p. 38).

As ideias de amor filial em lugar do temor da autoridade paterna, da ternura, carinho e sacrifícios dos pais para com os filhos são parte desse conjunto que busca construir um novo desenho de paternidade no início do século XX.

Assim como a idealização do papel da mãe tornará muito difícil às mães de famílias da maior parte da população se enquadrarem no padrão moderno de maternidade, a paternidade idealizada será uma meta difícil de alcançar. O ideal do chefe de família, provedor do sustento da mulher e dos filhos, responsável, sério, sacrificial, inspirador do respeito dos filhos e da sociedade, estará em disputa com os discursos que enxergam os pais das famílias populares como ignorantes, bêbados, doentes e irresponsáveis. Percebe-se no conjunto das fontes o movimento pendular já discutido por James E. Wadsworth:

(...) na mesma época em que o Estado procurou fortalecer o patriarca e tornar os pais responsáveis pelos seus filhos, os programas e discursos a respeito da assistência à infância minavam aquela autoridade e subordinavam-na ao poder público. Ainda que as classes médias e altas acreditassem na necessidade de estender a

²⁰⁹ Balthazar da SILVEIRA, 3º Congresso Americano da Criança, 1924, ,p.37

estrutura familiar para outros extratos sociais, acabaram por negar seu próprio projeto (WADSWORTH, op.cit, s/p).

Os temores relativos à incapacidade dos pais (e mães) em gerirem a vida dos filhos de maneira considerada correta motivarão as discussões sobre as leis que regulam o Pátrio Poder. Tais debates estarão presentes nos *Congresos Americanos del Niño* de maneira discreta na primeira edição (não constando entre os temas oficiais e tendo, no conjunto de fontes do congresso que pude analisar, apenas um trabalho sobre o tema), ganhando força e sendo incluídas como temas oficiais no Segundo e Terceiro Congresso Americano da Criança, sendo propostos sobretudo por congressistas argentinos e brasileiros.

É um tanto desconcertante que num congresso de matriz feminista, como foi o *Primer Congreso Americano del Niño*, em 1916, não apareça com força essa temática, no entanto as fontes não existem para atender as expectativas do pesquisador, “o arquivo não é simples: sua leitura contraditória conduz o leitor lá para onde operam sistemas de compensações recíprocas e onde se determinam atitudes ambíguas, onde se desvenda o funcionamento do confronto do masculino e do feminino” (FARGE, 2009, p.43). Neste sentido, se pensarmos nas outras camadas de envolvimento político do grupo de mulheres que organizou tal congresso e cotejarmos aos temas destacados no evento, veremos que a preocupação primeira estava voltada para a proteção da mulher e da criança no contexto do industrialismo, da exploração capitalista e da busca de uma organização de diretrizes socialistas para a defesa da mulher e da criança nas fábricas e oficinas.

O contexto geral do primeiro congresso parecia realmente estar muito voltado às questões econômicas; mesmo o texto intitulado “Trabalho de Menores e o Pátrio Poder”, do brasileiro Taciano Antonio Basilio, tem como fundo a questão do Pátrio Poder, no entanto o tema principal é o trabalho de menores. Antes de discutir funções paternas o texto discute patrimônio, o que não deixa de ser historicamente coerente com as próprias discussões do Direito Romano em torno do Pátrio Poder, que foram motivadas em grande instância pela preocupação com o patrimônio.²¹⁰

²¹⁰ “A história revela que no Direito Romano inicialmente o pai (*pater familias*) tinha poder absoluto sobre o filho, o que abrangia o “direito” de puni-lo, abandoná-lo, vendê-lo e, em casos extremos, até matá-lo. Somente na época de Justiniano deu-se a revogação do *ius vitae et necis* (direito de vida e morte), o que, sem dúvida nenhuma, representou significativo

No trabalho do congressista está sendo discutido essencialmente o limite do direito do pai a colocar seu filho menor de idade para trabalhar. Para tanto o jurista, antes de focar na questão familiar, tenta estabelecer bem claramente que não é socialista, não está motivado pelo sentimentalismo cristão, altruísmo ou fraternidade e não sugere que o Estado interfira demais na liberdade industrial. Justifica sua preocupação como direcionada para o progresso da sociedade e para efeitos de “concorrência econômica”, pois “a inobservância da higiene e o prematuro labor determinam terríveis males que suprimem ou inutilizam o indivíduo” (BASILIO, 1916, p. 219)²¹¹.

Segundo Basilio, socialmente era concebido como “justo e natural que este [o filho] corresponda aos cuidados e dispêndio do pai para a sua educação, trazendo-lhe uma contribuição para a economia do lar a fim de minorar as dificuldades materiais de subsistência da família”. Sendo assim, o trabalho de crianças à época era algo do costume e seria necessário que, para além da legislação proibir o ingresso de menores de 12 anos como operários nas fábricas, o Estado, através de “discreta intervenção”, garantisse o cumprimento da lei, intervindo nas fábricas e não nas famílias:

Cabe pois ao pai o direito de dirigir a educação do filho, exigir-lhe obediência, guarda-lo em sua companhia, castigar-lhe as faltas, mas não o de sacrificar-lhe a saúde, futuro e dignidade. E como seja difícil, vexatória, e não raro iniqua a intervenção direta do estado no lar, melhor e mais eficaz é a medida de proibir *in limine* que sejam admitidos nas fábricas os menores, dentro de certo limite de idade. Desse modo evita-se preliminarmente mediante fiscalização administrativa que seja o menor sacrificado por exaustivo labor em tenra idade, sem a dificuldade da ação publica coercitiva sobre os pais (BASILIO, 1916, p. 222);

aprimoramento do instituto do pátrio poder. A venda de filhos, por sua vez, foi proibida por Diocleciano. Novo avanço, agora no âmbito patrimonial, decorreu do reconhecimento do *pecúlio castrense*, que assegurava aos filhos a titularidade dos bens adquiridos em decorrência de atividade militar, podendo eles, com isso, constituir patrimônio próprio, separado do *patrimônio pater*. (...) É certo que esse pecúlio foi criado como atrativo para manutenção do exército romano permanente, na medida em que soldados de carreira não tinham nenhum interesse em continuar na vida militar se não lhes fossem dadas vantagens pecuniárias. Mas, seja como for, afetou a *pátria potestas*, que assegurava ao *pater familias* dispor do patrimônio da família como coisa sua” (ALONSO, 2001, p.9).

²¹¹ Taciano Antonio BASILIO. 1º Congresso Americano da Criança, 1916, p. 222.

A delicada relação da lei frente à limitação da autoridade paterna no início de século é nítida nesta citação, que sugere ser mais fácil ao Estado intervir na esfera do direito do trabalho que na do direito familiar. Reflete as práticas que de maneira geral sustentavam a liderança do homem nas famílias, mas também mostra a influência do movimento de “codificação” das leis que, desde meados do Século XIX, leva vários países Latino Americanos a organizarem seus códigos civis. Esses Códigos Civis terão forte influência do Código Civil Francês e serão marcados pelos ideais liberais, patriarcais e patrimonialistas.

O Brasil, no mesmo ano do primeiro *Congreso Americano del Niño* (1916), instaurava seu Código Civil que, consoante à sua época, “vertia uma família matrimonizada, hierarquizada e patriarcal” (FACHIN, 2003, p. 206). O exercício do Pátrio Poder no Código Civil brasileiro, bem como da Argentina, Bolívia, Chile, Peru, Paraguai, Equador, Colômbia, Panamá, El Salvador, Nicarágua e Honduras, nas primeiras décadas do século XX, será regido pelo mesmo princípio de família nuclear, monogâmica e patriarcal²¹², na qual são amplos os direitos do pai sobre a esposa e os filhos²¹³.

Assim, a lei fomentava a autoridade do homem na família. Frente a essa autoridade de foro privado é compreensível que haja tensão quanto às medidas da intervenção do Estado sobre a família no caso da autoridade paterna.

No entanto, a partir do *Segundo Congreso Americano del Niño*, o tema ganhará amplitude e segundo Nunes (2011, p.85), a amplificação dos debates nos congressos pan-americanos del Niño se estenderá por toda primeira metade do século XX.

²¹²A similaridade entre os códigos civis na América Hispânica é discutida por Bossert (2004) na conferência “A Influência do Código Civil Francês sobre o Código Civil Argentino com referência a outros Códigos da América Hispânica” proferida no Seminário Internacional alusivo ao Bicentenário do Código Civil Francês, realizado na EMERJ em 04-06-2004.

²¹³O código Civil Chileno de 1857, escrito também sob forte influência do código francês, foi modelo para o código civil da Argentina, tendo sido copiado pelo Equador, Colômbia, Panamá, Nicarágua e Honduras. A família legislada segundo o código chileno de 1857 é unidade sagrada: “dentro de esta micro-estructura el varón ejercía la jefatura soberana sobre la mujer y los hijos. “La potestad marital, dice el artículo 132, es el conjunto de derechos que las leyes conceden al marido sobre la persona y bienes de la mujer”. Los hijos, por su parte, debían obediencia absoluta; bajo la figura de la patria potestad estaban establecidos los derechos que el padre debía ejercer sobre sus hijos legítimos no emancipados. Esta potestad, según el código, no pertenecía a la madre (SALCEDO, E.D, 2010, p.140).

Em relação aos três congressos sobre os quais fecho minha lente de análise, é possível perceber que o enfoque principal dado pelos congressistas que tomam este tema estará na necessidade de flexibilização do Pátrio Poder, no que concerne a dois pontos: o entendimento de que Pátrio poder, diferentemente do que aparece em muitas leis sob influência direta do Direito Romano, não é primeiro o direito do pai, mas *seus deveres* para com o bem estar do filho; e um maior rigor e maior especificação das condições para a subtração do Pátrio Poder em casos em que a criança esteja sendo prejudicada pela conduta dos pais.

O legislador italiano Garnieri-Ventimiglia será citado como referência entre argentinos e brasileiros no que concerne ao primeiro ponto. Diz Alfredo Balthazar da Silveira no Terceiro Congresso Americano da Criança:

O pátrio poder, na idade contemporânea, como mui judiciosamente, observa Garnieri-Ventimiglia, tem a feição *di una delegazione del potere sociale, per la protezione giuridica dei minorenni*, isto é, outorgam-no os estados aos pais na justa esperança de que saibam eles cuidar da educação dos filhos, acautelando-os das funestas companhias e das deletérias sugestões de meios poluídos, e proporcionando-lhes os mais eficazes meios de atingir ao completo desenvolvimento físico e moral, que constitui a suprema ambição dos pais extremosos. (SILVEIRA, 1924, p. 38).

O Pátrio Poder, nesta perspectiva, é visto como uma delegação de poderes aos pais para a proteção da criança. O título da obra “La famiglia Moderna”²¹⁴ de Garnieri-Ventimiglia (1904), de onde é oriunda a referência de Balthazar da Silveira não é mencionada pelo congressista, mas o argentino Araóz Alfaro o fez, ao usar no *Segundo Congreso Americano del Niño* o mesmo trecho do livro de Garnieri-Ventimiglia ampliando a análise:

Como observou Garnieri Ventimiglia, em 1904, importa que “a obrigação dos pais para com seus filhos, vai assumindo o caráter de delegação do poder social para a proteção jurídica dos menores.” Surge assim, agregada, a noção jurídica do dever dos pais de proteger o desenvolvimento e cuidar da educação e instrução dos filhos. E o direito do Pátrio Poder torna-se dever de proteção e assistência ao filho; de instituição de natureza privada, no interesse

²¹⁴O livro está disponível on-line: <https://archive.org/details/lafamigliamoder00vengooq>

dos pais, a instituição publica entendida no bem-estar das crianças e dos interesses gerais da sociedade (ALFARO, 1919, P. 152).²¹⁵

Claríssima se faz a ideia de que antes de considerar o direito dos pais sobre o patrimônio e pessoa dos filhos o que se passava a visar era o direito das crianças à proteção, assistência e cuidados paternos. Alfaro também expressa um dos pensamentos mais hegemônicos do período concernente às políticas para a infância: mais uma vez cuidar da criança e protegê-la era proteger os interesses da sociedade.

2.2.3 Abandono, delinquência e tribunais de menores nos primeiros *Congresos Americanos del Niño*

Os trabalhos apresentados nos primeiros congressos del niño abordando as ações legais e assistenciais sobre a infância tentarão estabelecer com mais objetividade aspectos legais expressos de maneira pouco específica nas legislações nacionais. Foram retomadas nesses encontros questões que permaneciam muito abstratas (como a ideia de *discernimento*, usada em muitos países para avaliar a culpabilidade de menores entre cerca de 9 a 14 anos de idade); muito improvisadas (como a situação dos menores que recolhidos das ruas esperavam por julgamento em delegacias junto a criminosos adultos, ou que designados a reformatórios ficavam em prisões comuns por falta de vagas); ou indiferenciadas em relação ao tratamento dado ao adulto (como o acesso público nas audiências com menores com presença inclusive da imprensa, e os trâmites legais desde a acusação à aplicação da pena em julgamentos pela Justiça Penal, por exemplo).

No entanto, haverá a preponderância de trabalhos discutindo as motivações que justificariam a ação do Estado retirando os filhos do poder das famílias. Enquanto nos códigos civis as razões da perda do pátrio poder eram

²¹⁵ Como hacia notar Garnieri Ventimiglia, en 1904, importa que “la obligación de los padres para con sus hijos, vaya asumiendo el carácter de delegación del poder social para la protección jurídica de los menores”. Surge así, agregaba la noción jurídica del deber de los padres de proteger el desarrollo y de cuidar de la educación y la instrucción de los hijos. Y el derecho de patria potestad se transforma en deber de protección e asistencia filial; de institución de orden privado, en el interés de los padres, en institución de orden público entendido en el bien de los hijos y en los intereses generales de la sociedad (ALFARO, 2º Congreso Americano del Niño, 1919, p. 152).

em geral difusas (no código brasileiro, por exemplo, o Art. 395 institui que “Perderá por ato judicial o pátrio poder o pai, ou mãe: I - que castigar imoderadamente o filho; II - que o deixar em abandono; III - que praticar atos contrários à moral e aos bons costumes²¹⁶), nos congressos se travarão debates para tentar estabelecer o que de fato se constituiria em abandono²¹⁷ ou maus tratos, além de se pensar em estratégias para o julgamento dos casos e fiscalização das instituições que tomariam os menores ao seu encargo.

O trabalho do argentino Carlos Ibarguren, aclamado por unanimidade no *Segundo Congreso Americano del Niño*, é exemplar quanto à emergência em se estabelecer parâmetros objetivos e propostas concretas de caráter interamericano para justificar a intervenção do Estado na família em benefício da criança.

Eu penso que a eficácia de um Congresso como o que nos reúne, que não é uma assembleia puramente científica ou doutrinária, mas que persegue o fim político de promover uma ação social prática de amparo à criança, encontra-se na natureza e forma de seus votos.(...) A missão eficiente deste congresso é apresentar à consideração da opinião pública e dos parlamentos dos países aderentes a base precisa para a legislação que deveria ser sancionada ou reformada, das instituições que seria necessário fundar ou das obras cuja execução é essencial para realizar os objetivos que perseguimos (IBARGUREN, 1919, p.172).²¹⁸

Assim, após esta introdução, (que diz da essência objetiva dos congressos), Ibarguren parte para a exposição de propostas, que irão cumprir a promessa da introdução de seu trabalho e mapear objetivamente o que é abandono, e sugerir medidas necessárias para avaliar os casos, remover as

²¹⁶O código civil argentino é bastante similar: Art: 307: Los padres que exponen o abandonan a sus hijos en la infancia pierden la patria potestad. Art: 309: Los jueces pueden privar a los padres de la patria potestad si tratasen a sus hijos con excesiva dureza o si les diesen preceptos, o ejemplos inmorales. Art: 310: La patria potestad de los padres se suspende por ausencia, ignorándose la existencia y por su incapacidad mental. Código Civil Argentino, disponível em: http://www.oas.org/dil/esp/Codigo_Civil_de_la_Republica_Argentina.pdf

²¹⁷Segundo Ibarguren as categorias do abandono a serem consideradas na destituição do Pátrio poder seriam o abandono material, abandono moral e abandono objetivo (caracterizado quando apesar dos cuidados atentos dos pais a criança não corresponde à educação recebida, por idiosincrasia).

²¹⁸ *Pienso que la eficacia de un Congreso como el que nos reúne, que no es asamblea puramente científica o doctrinaria sino que persigue el fin político de promover una acción social practica de amparo al niño, radica en la naturaleza y forma de sus votos. (...) La misión eficiente de este congreso es la de presentar a consideración de la opinión pública y de los parlamentos de las naciones adherentes las bases precisas de la legislación que debería ser sancionada o reformada, de las instituciones que sea menester fundar o de las obras cuya ejecución es indispensable para realizar los objetivos que perseguimos* (Carlos IBARGUREN, 2º Congreso Americano del Niño, 1919, p.172)

crianças da casa dos pais, administrar a tutela das crianças e fiscalizar seu atendimento.

Tais propostas constituirão a essência dos votos aprovados nesse congresso sobre o tema do Pátrio Poder e sistematizam a grande preocupação das autoridades para com a questão do abandono das crianças. Mas para além disso, revelam mais uma vez a sombra de medo que as crianças pobres e suas famílias projetavam sobre a sociedade que se queria próspera. A alegação da incapacidade dos pais buscava proteger crianças do abuso e abandono, mas primordialmente protegeria à sociedade da crescente criminalidade infantil, preocupação que de fato contribuiu como motivação para que se tomassem as questões do abandono das crianças como um problema social. Nas palavras de Balthazar da Silveira:

O estado, suprimindo portanto a autoridade paterna, na educação das crianças desvalidas, usa, realmente, de um inconsciente direto, criado pelas contingências da vida hodierna, que lhe conferem todos os meios necessários à sua defesa moral, à sua prosperidade material. A suspensão e a destituição do pátrio poder constituem, inquestionavelmente, uma poderosa arma de defesa social contra a criminalidade infantil, que na feliz imagem de Garnieri- Ventimiglia é, na hora que atravessamos, o campo da mais perigosa batalha que a moderna civilização porfia em vencer (SILVEIRA, 1924, p. 45).

Se as representações acerca das mães e pais expressas nos congressos ilustram o contraponto entre esperanças e temores depositados nos rumos modernos da população latino americana nas duas décadas iniciais do século XX, o filho, complemento da tríade que consagraria a família sagrada e ideal, não escapará a essa ambiguidade, pois embora seja sempre considerada a semente do amanhã, a criança poderá amadurecer como fruto ameaçador ou benéfico no entendimento geral das autoridades e especialistas reunidos nos *Congresos Americanos del niño*.

Essa dualidade na mirada dos projetos de assistência à infância se dará “por meio da reunião, num mesmo alvo, daquilo que pode ameaçá-la (infância em perigo) e daquilo que pode torná-la ameaçadora (infância perigosa) (DONZELOT, 2002, p.79). Assim, em certa medida estarão imiscuídas, sob o mesmo rótulo ou tratamento, as crianças consideradas abandonadas àquelas consideradas delinquentes, pois a delinquência seria uma consequência direta do abandono. A fala de Genaro Giacobini no

Segundo Congreso Americano del Niño ilustra essa indiferenciação da condição das crianças sujeitas à tutela do Estado e internadas em instituições indiscriminadas, situação que se apresentará em vários países latino americanos:

Os dados expressados pelo arquivo de uma das prisões, na qual se alojaram durante vários anos os menores delinquentes e abandonados, demonstram que um dos fatores principais da delinquência na menoridade é o relaxamento dos vínculos da família. Esta prova carcerária e das estatísticas oficiais demonstra claramente que está justamente no abandono dos filhos, na vagância dos mesmos, ou seja, no problema da vagância infantil, uma das questões transcendentais relacionadas com a delinquência da criança (GIACOBINI, 1919, p. 10).²¹⁹

A atenção difusa dada aos abandonados e aos delinquentes de toda ordem será também referida em outros trabalhos dentro dos *Congresos Americanos del Niño*, e alguns sinalizariam a necessidade da discriminação entre os menores abandonados e os de fato delinquentes, pois a indiferenciação entre essas crianças e entre as entidades de atendimento a elas é tomada por alguns congressistas como muito prejudicial ao futuro do menor abandonado.

O uso generalizado da palavra *reformatório*, por exemplo, é debatido discutindo-se as marcas que deixa sobre as crianças asiladas. O entendimento sobre a função do reformatório é pontuado por modelos e exemplos trazidos por congressistas que mencionam as experiências do reformatório de Elmira em Nova York e Mettray na França²²⁰ e pelo consenso da maioria dos especialistas de que as medidas educativas deveriam superar o conceito punitivo nas instituições.

No entanto, como afirma ceticamente o congressista argentino Eduardo Jorge Coll, as descrições desses “pitorescos modelos” circulam nos meios “ilustrados”, mas não chegam a penetrar o entendimento popular, que

²¹⁹ Los datos expresados por el archivo de una de las prisiones en la cual se alojaron durante varios años los menores delincuentes y abandonados, demuestran que uno de los factores principales de la delincuencia en la menor edad, es la relajación de los vínculos de la familia. Esta prueba carcelaria y de las estadísticas oficiales, demuestra claramente que esta justamente el abandono de los hijos, en la vagancia de los mismos, es decir, en el problema de la vagancia infantil, una de las cuestiones transcendentales relacionadas con la delincuencia del niño. (Genaro GIACOBINI, 2º Congreso Americano del Niño, 1919, p. 10).

²²⁰ Localizei menções ao reformatório de Elmira nos EUA como instituição modelar em ao menos 4 trabalhos. Quais sejam: Franco VAZ, (1924, p.137); Sebastião FERNANDES, (1924, p. 183); Evaristo MORAES, (1916, p.137); COLL, 1919, p.27). Mettray será citado também de maneira elogiosa duas vezes, por COLL, (1919, p. 27) e por Evaristo MORAES, (1916, p.136).

julga a função das instituições pelo que vê na prática e que sabe que os reformatórios em seus países são “grandes estabelecimentos que aquartelam menores abandonados ou delinquentes confundidos todos em lamentável promiscuidade moral, sob o rigor da disciplina e a cruel ou indiferente vigilância de incompetentes” (COLL, 1919, p. 28)²²¹.

O fato de a palavra reformatório ter se tornado quase um sinônimo de cadeia (Coll, 1919, p.28) levará a propostas como a que pede que se retirem os “letreiros ignominiosos” com palavras alusivas a reformatório ou asilo correccional dos estabelecimentos que abrigam menores abandonados, mas não delinquentes (EYLE, 1919, p.14)²²² que deveriam ser corretamente classificados e destinados a instituições diferenciadas, o que poderia ser melhor realizado a partir da instituição de Tribunais de Menores em todos os países americanos, tema que detalharei com mais vagar logo mais.

Antes, porém, de adentrar no debate sobre os Tribunais de Menores gostaria de retomar a citação de Genaro Giacobini, pois há nela uma contribuição a mais: a relação direta estabelecida pelo autor entre a vagância e abandono com a delinquência, associação que será reiterada em diversos trabalhos durante os primeiros *Congresos Americanos del Niño*.

Os perigos para a sociedade representados pelas crianças advindas de lares desfeitos ou mal conduzidos e do excesso de permissividade dos pais que permitiam que os filhos passassem o dia sem supervisão pelas ruas, onde a vida urbana fervilha, onde “se praticam jogos a dinheiro”, onde “pequenos ambulantes vendem livros e folhetos imorais”, onde quitandas e casas de negócios “ponto de reunião de grosseiras mulheres de cozinha, dos borrachos mais inconvenientes e dos caixeiros de venda, que se incumbem de, direta ou indiretamente, lançar sua seta envenenada contra a inocência infantil”²²³ são um tópico reiteradamente trazido a lume nos eventos.

A questão da rua, “escolhida pelo discurso normalizador como lugar onde se evidenciam as marcas de uma modernidade que para alguns não deixa de ser incômoda” (LONDOÑO, 1992, p.136), será entendida, como foi apontado no início deste capítulo, como espaço para os “meninos perdidos”

²²¹ Eduardo Jorge COLL. *2º Congreso Americano del Niño*, 1919, p.28.

²²² Petrona EYLE, *2º Congreso Americano del Niño*, 1919, p.14.

²²³ Todas as citações deste parágrafo são oriundas do trabalho apresentado por Mario Alcântara de VILHENA no 3º Congresso Americano da criança, 1924, p.119.

vivenciarem a urbanidade em suas várias facetas e se, como veremos, a presença das crianças era em certa medida aprovada na rua quando estivessem ocupadas trabalhando, a presença delas socializando com alguma autonomia, sem supervisão de adultos, indicaria os primeiros passos da corrupção da infância e do agravamento da criminalidade infantil.

A obra “Crime e Cotidiano” do historiador brasileiro Boris Fausto, apresenta uma primorosa análise da criminalidade na cidade de São Paulo entre 1880 e 1924. Segundo o historiador, a preocupação oficial com a vadiagem como fenômeno coletivo no início do século XX parecia não ser muito rigorosa no Brasil, sendo os desocupados nas ruas vistos mais como um inconveniente e menos como um perigo social (FAUSTO, 1984, p.41 a 43). Assim o “desamor ao trabalho”, a vadiagem, era reprimida em certa medida, mas sem que se mobilizassem processos contra as pessoas que eram presas por estarem desocupadas pelas ruas. No entanto o autor, em certo momento da obra, trata da questão do menor e menciona a mobilização da imprensa que, em meados de 1902, culpabilizando a negligência dos pais, denuncia a vadiagem e desordem causada por “menores”, denúncias que acabaram repercutindo na criação de instituições e dispositivos de repressão contra crianças e adultos tomados por vadios (idem, p. 82).

A menção de Boris Fausto a essa ocorrência de uma demanda da opinião pública contra a vadiagem de menores, suscitando uma ação do Estado que acabará abrangendo também os adultos ociosos, me leva a uma compreensão mais global sobre a relevância dada à vagância infantil nas fontes que pude mobilizar. Adultos na rua ociosos e displicentes eram um inconveniente, mas em se tratando das crianças nas ruas os temores eram mais sólidos:

A maior contribuição dada ao crime pelos menores tem a sua fonte no abandono dos pais. Nas cidades e nos campos costumamos contemplar maltas de desocupados e vagabundos, ainda no alvorecer da vida, entregues à capoeiragem, ao jogo, e esse espetáculo é tão comum que ninguém se surpreende e raros protestam. O crime, como a tuberculose, encontra um campo muito mais propício para seu desenvolvimento no menor que no adulto (LEMOS BRITO, 1916, p.78)²²⁴.

²²⁴LEMOS BRITO. 1º Congresso Americano da Criança, 1916, p.78.

Debelar o mal ainda em raiz parecia ser a tônica das preocupações de juristas, professores, políticos, higienistas e filantropos em geral. A ideia de manter a “pureza” da infância, ou ainda de conter sua “natureza corruptível”, combatendo a delinquência como uma doença que contaminaria e debilitaria toda a sociedade será expressa no léxico do período através de metáforas médicas que abundam nos textos dos trabalhos nos primeiros congresos del niño: primeiro seria urgente executar uma “Profilaxia da criminalidade entre os menores”²²⁵, evitando que pudessem ser afetados pelos “germes infecciosos do vício que fazem presa de sua alma, fecundando-a prontamente para aparecerem algumas das formas comuns da delinquência”²²⁶, e se isso acontecesse restaria submeter os menores à “ortopedia penal”²²⁷, que lhes corrigiria e reabilitaria.

A delinquência infantil, e seu franco avanço no fim do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, será percebida como um fenômeno global,²²⁸ tematizado em uma série de livros, revistas e Congressos Internacionais, como o Congresso Penitenciário Internacional Londres (1872), Congresso de Stokolmo (1878), Congresso de S. Petersburgo (1890), Congresso Internacional de Anthropologia Criminal (Bruxelas - 1892), Congresso Penitenciário Internacional de Paris (1895), Congresso de Bruxelas (1900), Congresso Internacional de Anthropologia Criminal (Turin - 1906), Congresso Internacional de Tribunais de Menores (Paris -1911).

É muito interessante perceber que nos primeiros *Congresos Americanos del Niño* encontram-se citações, resumos, menções diversas a uma grande gama de encontros e publicações especializadas internacionais. Alguns congressistas parecem não estar se referindo a outros congressos correlatos apenas para qualificar suas opiniões e mostrar erudição, muitos deles apresentam verdadeiras sínteses de encontros que presenciaram, partilhando as conclusões e principais debates de congressos especializados ocorridos na Europa e Estados Unidos.

²²⁵ LEMOS BRITO, 1916, p.78; GIACOBINI, Genaro, 1919, p.237; entre outras muitas menções ao termo.

²²⁶ PINTO DE VIDAL, 2º Congreso Americano del Niño, 1919, p. 126.

²²⁷ BALTHAZAR DA SILVEIRA, 1º Congresso Americano da Criança, 1916, p.54.

²²⁸ O problema da criminalidade juvenil que nas últimas décadas do século passado começou a preocupar seriamente os governos bem orientados, que, alarmados viam avolumar-se aquele mal, cujas desastrosas consequências só desconhecem os que não leem os noticiários dos jornais (Alfredo Balthazar da SILVEIRA, p.49)

O fato de aparecerem não apenas menções, mas resumos e citações retiradas de tais congressos em diversos trabalhos nos primeiros *Congresos Americanos del Niño*²²⁹, consolida a ideia de que nesses congressos redes de circulação de saberes acerca da infância se fortaleciam e alimentavam projetos nacionais, demonstram que as questões da infância ante a justiça estavam sendo discutidas dentro de uma circularidade de ideias e modelos, acionados, em muitos casos, para reivindicar que mudanças organizacionais e legais fossem implantadas nacionalmente.

A circulação do modelo americano de atendimento à infância delinquente recebeu grande atenção nos congressos e muitos trabalhos tomarão como referência sua abordagem jurídica e de atendimento da delinquência que ganhou força a partir de 1899, com a fundação da *Cook County Juvenile Courts* em Chicago, o primeiro de seus Tribunais do Menor.

Estava fadado aos Estados Unidos da América do Norte, o admirável país cujo desenvolvimento moral e industrial é de natureza a entusiasmar aos que o visitam, o admirável país onde o voto do mais obscuro cidadão é apurado, não se admitindo o desembarque de imigrantes analfabetos, oferecer às demais potências que não hão economizado sacrifícios para debelar a criminalidade infantil tão excelente aparelho judiciário que há operado verdadeiros milagres, corrigindo menores viciosos e indolentes, que renegavam outrora o trabalho e agora são elogiados pelos patrões e mestres das oficinas em que foram admitidos, tais as maneiras distintas por que se conduzem (SILVEIRA, 1916, p. 50).

O entusiasmo de Silveira, que chega a chamar a esses tribunais de “milagrosa água santa” (p.52), deve obviamente ser matizado, mas de fato os tribunais de menores norte americanos não inspirarão mudanças apenas na América, a Europa também tomará alguns de seus pressupostos como “norte” e algumas legislações, como o “Children Act”²³⁰ inglês de 1908 receberão sua

²²⁹ Como no trabalho do brasileiro Evaristo de Moraes para o Primeiro Congresso Americano da Criança e do uruguaio José Salgado no Segundo Congreso Americano del Niño, e também esporadicamente presentes em outros textos de congressistas

²³⁰ A instituição da Lei da Criança (Children Act) inglês é resultado de uma longa caminhada dos ingleses em relação ao atendimento à infância, sobre isso diz a pesquisadora inglesa Kate Bradley: “A partir dos anos 1880, os militantes pela infância começaram a chamar a atenção para a introdução de um tribunal especial para lidar com casos envolvendo crianças e jovens. Esses esforços finalmente frutificaram na *Lei da Criança* de 1908, uma das várias reformas dos Governos liberais de 1906-1914, que incluiu o fornecimento de refeições escolares, inspeções médicas escolares e pensões para órfãos. Herbert Samuel, o Ministro do Interior, usou a nova *Lei da Criança* para consolidar e simplificar uma série de peças existentes na legislação, bem como para introduzir novas funcionalidades. O ato teve seis partes: proteção da vida infantil; a prevenção da crueldade; a proibição do tabagismo juvenil; o refino dos papéis de escolas

franca influência na organização de Tribunais de Menores (LODOÑO, 1991, p. 134).

Na América Latina, de acordo com os registros dos primeiros *Congresos Americanos del Niño*, a ideia dos Tribunais de Menores representava uma significativa mudança no tratamento da criança perante a lei, pois não apenas se instituiria uma esfera em separado para seu julgamento e reforma, mas, a partir do estabelecimento das atribuições dessa instância e do Juiz de Menores, se lançavam luzes sobre vários aspectos no tratamento legal da infância. O teor majoritário dos trabalhos de congressistas dedicados tanto à discussão dos reformatórios como à instituição de Tribunais de Menores, irá se referir ao atraso das instituições e leis em seus países e apontar a necessidade de especialização nos métodos de informação, julgamento e correção dos menores e na especificidade do Juiz de Menores.

Neste sentido, é dada à figura do Juiz de Menores, a partir dos debates travados no Congresso de Tribunais de Menores e Congresso de Bruxelas, uma ampla gama de atribuições nos Tribunais de Menores, aspirando que ele possa ser responsável por deliberar acerca de todos os assuntos relativos à proteção, preservação e assistência da criança perante a lei e a sociedade.²³¹

Ao juiz caberia enxergar as crianças ainda que por trás de seus atos e delitos. Nessa mirada sobre o juiz de menores se funde de certa forma o papel de jurista com o de pai sob a nova perspectiva de paternidade burguesa e responsável que já discutimos, pois “Para julgar as crianças é necessário um magistrado profissional, pai de família, que seja a um só tempo muito firme e muito paciente, que os compreenda e os ame” (SALGADO, 1919, p.24).²³²

industriais e reformatórios; a criação dos tribunais de menores; e uma divisão «Diversos», que incluiu a proibição de menores de catorze anos em casas públicas. Enquanto a Lei clareou determinadas áreas, ampliou ainda mais o poder do Estado para determinar questões de família, e introduziu formalmente o Tribunal de Menores aos sistemas jurídicos britânicos (BRADLEY, 2008, s/p). (Tradução minha).

Disponível em: <http://www.history.ac.uk/ihr/Focus/welfare/articles/bradleyk.html>

²³¹ Atribuições sintetizadas por José Salgado (1919), em seu trabalho para o 2º *Congreso Americano del Niño*, “Tribunales de Menores Delincuentes”, a partir das conclusões e votos aprovados no Congresso Internacional de Tribunales para Niños, em Paris, 1911.

²³² *Para juzgar a los niños se necesita de un magistrado profesional, padre de familia, a la vez muy firme y muy paciente, que los comprenda y que los ame* (José SALGADO. 2º *Congreso Americano del Niño*, 1919, p.24).

A ação do Tribunal de Menores deveria, no entendimento dos congressistas em sua maioria, cuidar para que os menores não fossem abandonados perante a lei, mas que fossem, na ausência de familiares, acompanhados por advogados durante as audiências que deveriam transcorrer de maneira discreta e sigilosa, sem público nem imprensa. A supervisão zelosa desses menores, depois de encaminhados para o cumprimento da reabilitação ou instituição de assistência, deveria se fazer sob a fiscalização do estado, que cuidaria que estivessem sendo bem tratados, não explorados em trabalhos extenuantes e sem proventos nem submetidos a crueldades. Caberia também ao Juiz de Menores a clivagem entre os pequenos abandonados e os menores delinquentes.

Em relação ao problema do abandono de crianças, a maior parte dos trabalhos apresentados nos primeiros *Congresos Americanos del Niño* sobre este assunto colocarão as causas sob responsabilidade da mulher. O informe oficial anexo às conclusões do *Segundo Congreso Americano del Niño*, sob o título “Profilaxia do Abandono da Criança” diz que:

O abandono deriva de Três causas principais: 1º a falta de instinto ou sentimento materno/ 2º Um sentimento excessivo de vergonha na mãe solteira, geralmente jovem enganada ou seduzida e abandonada / 3º Uma situação econômica que impossibilita à mãe ter consigo ao filho que lhe impedirá de exercer o ofício ou trabalho de que vive. (Voto emitido por la sección de Higiene y Asistencia, segundo Congreso Americano del Niño, 1919, p.180).²³³

As medidas preventivas e corretivas do abandono irão concordar com esse pressuposto e serão voltadas a medidas moralizadoras para as mulheres pela via de “prédicas constantes sobre uma moral superior”²³⁴ ou visarão à criação de maternidades discretas e longe das vistas da população, onde as jovens grávidas poderiam receber assistência. Medidas sobre a situação das mães trabalhadoras também são apontadas como solução. No que tange aos homens aparecerão algumas esparsas referências à necessidade de

²³³ *El abandono deriva de tres causas Principales: 1º la falta de instinto o sentimiento materno / 2º Un sentimiento excesivo de vergüenza en la madre soltera, general mente muchacha engañada o seducida y abandonada a su vez / 3º Una situación económica que imposibilita a la madre tener consigo al niño que la impedirá de ejercer el oficio o trabajo de que vive (Voto emitido por la sección de Higiene y Asistencia, 2º Congreso Americano del Niño, 1919, p.180).*

²³⁴ *Voto emitido por la sección de Higiene y Asistencia, 2º Congreso Americano del Niño, 1919, p.180.*

alterações nas leis nacionais para garantir melhores condições de vida aos filhos ilegítimos.

A brasileira Maria Lacerda de Moura, percebendo tais idiossincrasias de sua época, expressará seu ponto de vista sobre o problema do abandono no trabalho enviado ao Terceiro Congresso Americano da Criança:

Fundam-se associações de proteção à infância. E se não houvesse crianças desprotegidas? Há rodas porque ainda se enjeita filhos. E quando não houver filhos para ser enjeitados? Enjeita-se porque a *carga* foi inteiramente atirada aos braços da mulher. E quando as responsabilidades forem divididas e solucionadas? Na sociedade futura a criança não será protegida, pois a solidariedade exclui a proteção e a caridade (MOURA, 1924, p. 151)²³⁵. Grifo do original.

Maria de Lacerda era anarquista, feminista e humanista. Seus ideais de revolução serão exceção nesses congressos de cunho prático, científico e cada vez mais voltados à resolução dos problemas da infância pela via da normatização das condutas e da criação e regulamentação de instituições para o atendimento à infância.

As causas das questões do abandono e delinquência serão em grande parte dos trabalhos obliteradas, em outros aparecem naturalizadas como o faz, por exemplo, Balthazar da Silveira ao mencionar “o aumento espontâneo da criminalidade infantil” (p. 84) nas regiões urbanizadas, mas no *Segundo Congreso Americano del Niño*, ao final das conclusões na plenária da seção de Higiene e Assistência, é feito o registro de que todas as conclusões relativas aos problemas individuais e sociais da criança reconhecem o fator econômico como a principal causa. Reconhecida ou não a causa, no entanto, será primeiramente o problema e suas consequências e depois as medidas objetivas e alguns detalhes práticos que darão o tom aos debates.

O trabalho então será mencionado como uma panaceia geral moralizadora e restauradora de abandonados e delinquentes. “Educar pelo trabalho” será o principal discurso sobre a recuperação dos jovens e crianças e o grande remédio na profilaxia da delinquência. Sobre essa relação do trabalho com a infância tratado nos congressos me deterei no item a seguir.

²³⁵ Maria Lacerda de MOURA. 3º Congresso Americano da Criança, 1924 p.151.

2.3 AS REPRESENTAÇÕES SOBRE INFÂNCIA EM SUAS RELAÇÕES COM O MUNDO DO TRABALHO NOS TRÊS PRIMEIROS CONGRESSOS AMERICANOS DA CRIANÇA

Adentrar as análises acerca da relação das crianças com o mundo do trabalho através dos *Congresos Americanos del Niño* exige o exercício de recuperação da historicidade da própria ideia da exploração do trabalho infantil, tema desconfortável, embaraçoso e triste nos tempos atuais, pois embora seja realidade presente em todos os países em desenvolvimento das Américas, é agora debatido oficialmente sob a via da sua erradicação, considerado em grande medida como algo contrário ao bem estar e formação das crianças em diversos países.

No entanto, no contato com as fontes veremos que essa ideia atual mais preponderante²³⁶ sobre a prejudicialidade do trabalho infantil estava, no início do século XX, em lenta construção²³⁷, convivendo com a forte defesa do trabalho infantil como um paliativo da miséria e do abandono, como escola moral, como benesse aos pobres. Nesse contexto o trabalho das crianças se reveste de sentidos diversos:

Atualmente se considera que o trabalho infantil deve ser erradicado, entendido como uma forma de abuso sobre as crianças e uma atividade própria da vida adulta; uma criança que trabalha é, com frequência, descrita como um indivíduo que perdeu ou que teve a infância roubada. Sem dúvidas essas apreciações surgem como parte de uma longa história na qual o trabalho infantil foi pensado de diversas maneiras. Em muitas sociedades do passado o trabalho das crianças era aceito, valorizado e considerado uma experiência intrínseca da vida infantil. A infância, a meninice ou o trabalho são conceitos históricos, quer dizer, se transformam ou mudam ao longo do tempo. Isto quer dizer que quando falamos de trabalho infantil deveríamos levar em conta que este fenômeno, em qualquer época histórica, esteve condicionado por características sociais, políticas, culturais e econômicas, pelos lugares onde acontece, pelos contextos

²³⁶ Digo mais preponderante para a ideia de que o trabalho infantil é prejudicial e contrário aos direitos da criança levando em conta que mesmo na atualidade ainda versam opiniões familiares e mesmo políticas que defendam a inserção das crianças nas lides do trabalho, seja por princípio educativo ou pela necessidade da contribuição financeira das crianças para a sua sobrevivência e de sua família. A polêmica está muito bem sintetizada em RIZZINI, Irma. Pequenos trabalhadores do Brasil. In: DEL PRIORI, Mary. História das crianças no Brasil., São Paulo, 2002, p.397.

²³⁷ A industrialização multiplicou o número de postos de trabalho ocupados por crianças e para grande parte as famílias pobres o trabalho dos filhos era no século dezenove (seguirá sendo no XX) uma forma “defensiva de cooperação familiar” para tentar amenizar as dificuldades de sobrevivência. (Zelizer, 1994, p.60)

determinados, os conflitos e contradições de cada sociedade e seus atores (LIEBEL, 2003, apud SOSENSKI, 2003. p. 24).²³⁸

Assim, nos congressos mais uma luta de representações se trava, ainda que por vezes de maneira sutil ou por omissão, em torno das complexas redes simbólicas e também de ordem material nas quais o trabalho da criança pobre estava emaranhado. As discussões em torno das imagens da criança – operosa e útil, da criança explorada até sua última força, da criança que aprende um ofício e é por isso fonte de riqueza e crescimento da nação, da criança operária que revela a face mais cruel do capitalismo – se entrecruzam.

Para falar da relação entre crianças e trabalho nos *Congresos Americanos del Niño* dividirão a cena e tomarão a palavra o funcionário do Estado, o médico pediatra, a professora socialista, o senador liberal, o representante dos comerciantes, a senhorita do abrigo de órfãos, entre outros muitos atores, cada qual autorizado a falar do tema pelos grupos que representam, por sua própria experiência e pontos de vista.

Pesquisar a relação das crianças com o mundo do trabalho nessa polifonia de autores e em documentos cuja natureza é iminentemente revestida de um caráter oficial, normativo ou propositivo é um desafio, pois há que se ler o que dizem sempre na perspectiva de “escovarmos a contrapelo”²³⁹ os discursos e dados demonstrados.

²³⁸ En la actualidad se considera que el trabajo infantil se debe erradicar, se entiende que es una forma de abuso sobre los niños y una actividad propia de la vida adulta; a un niño que trabaja se le describe con frecuencia como un individuo que ha “perdido” o a quien le han “robado” la niñez. Sin embargo estas apreciaciones surgen como parte de una larga historia en la que el trabajo infantil se pensó de muy diversas maneras. En muchas sociedades del pasado que los niños trabajaran era algo comúnmente aceptado, incluso se valoraba y se consideraba una experiencia intrínseca a la vida infantil. La infancia, la niñez o el trabajo son conceptos históricos, es decir, se transforman y cambian a lo largo del tiempo. Esto quiere decir que cuando hablamos de trabajo infantil deberíamos tomar en cuenta de que este fenómeno, en cualquier época histórica, ha estado condicionado por características sociales, políticas, culturales y económicas, por los espacios en los que acontece, por los contextos determinados, los conflictos y contradicciones de cada sociedad y sus actores (LIEBEL, 2003, apud SOSENSKI, 2003. p. 24).

²³⁹ Mas, ao avaliar as provas, os historiadores deveriam recordar que todo ponto de vista sobre a realidade, além de ser intrinsecamente seletivo e parcial, depende das relações de força que condicionam, por meio da possibilidade de acesso à documentação, a imagem total que uma sociedade deixa para si. “Para escovar a história ao contrário” (die Geschichte gegen den Strich zu bursten), como Walter Benjamin exortava a fazer, é preciso aprender a ler os testemunhos às avessas, contra as intenções de quem os produziu. Só dessa maneira será possível levar em conta tanto as relações de força quanto aquilo que é irreduzível a elas (GINZBURG, 2002b, p. 43).

Julia (2001, p.17) afirma ser factível ao historiador habilidoso encontrar no documento normativo a relação com as práticas sociais e assim extrapolar os limites do dito. Perscrutei então os documentos tentando manter como baliza a peculiaridade do lugar social no qual os diferentes congressistas (militantes socialistas alguns, profissionais liberais bem sucedidos em suas áreas de atuação outros, muitos filantropos ligados ou não à religião, inúmeros membros do governo ou a ele vinculados) construíram seus discursos.

Pocock (2003) ressalta que a leitura de um discurso implica em não dissociá-lo das circunstâncias de sua produção e expressão e, também, em buscar nesses discursos elementos reveladores das intencionalidades dos autores ao se pronunciarem. Em defesa desta prática de pesquisa Pocock propõe o cruzamento de fontes primárias e secundárias e a busca de indícios externos aos documentos, como maneira de mobilizar provas que alicercem as hipóteses em torno das intenções do autor; propõe que se radicalize a abordagem histórica no sentido de conhecer “o que o autor estava fazendo” no momento em que produzia o discurso e as possíveis implicações posteriores desse ato discursivo.

Busquei o quanto pude me alicerçar no entorno de circunstâncias e contextos para compreender as diferentes maneiras pelas quais o trabalho infantil é levado a debate nos congressos, expressando as matizes da preocupação com a criança trabalhadora e com a própria configuração e representações acerca do trabalho infantil naquele princípio de século na América.

No início deste capítulo discutíamos as incertezas e angústias de viver um tempo que rompe os elos com a tradição e se ancora no vazio de uma experiência sem precedentes. Assim também há radicalidade no nascimento de uma prole-proletária na América, do trabalhador assalariado manejando máquinas e processos inéditos, experimentando novas formas de sociabilidades impostas aos indivíduos e às suas famílias pelo convívio com a industrialização, pela imigração e desengajamento de nativos de suas comunidades, pela transformação na economia e nos modos de sobreviver às cidades.

A representação da criança nessa nova ordem como agente produtivo acabará por ser socialmente naturalizada. Os congressos são espaço para a

manifestação dessas discrepantes representações e o que deles se preserva, o que neles se destaca ou omite, é também um sinal dos interesses dos grupos que os organizam e que se responsabilizam pela tarefa de levar à discussão determinados pleitos que acabam por enunciar interesses e posições de seus atores.

As representações são variáveis segundo as disposições dos grupos ou classes sociais; aspiram à universalidade, mas são sempre determinadas pelos interesses dos grupos que as forjam. O poder e a dominação estão sempre presentes. As representações não são discursos neutros: produzem estratégias e práticas tendentes a impor uma autoridade, uma deferência, e mesmo a legitimar escolhas. Ora, é certo que elas colocam-se no campo da concorrência e da luta. Nas lutas de representações tenta-se impor a outro ou ao mesmo grupo sua concepção de mundo social: conflitos que são tão importantes quanto as lutas econômicas; são tão decisivos quanto menos imediatamente materiais (CHARTIER, 1990, p. 17).

Partindo desse pressuposto de Chartier, proponho a leitura comparativa dos “temários oficiais” e “temários recomendados” dos três primeiros *Congresos del Niño*, lembrando que esses temários eram o rol de assuntos a serem priorizados nas diversas seções do evento. Os Temas Oficiais e Recomendados de todos os congressos em estudo foram publicados nos boletins oficiais dos congressos, documentos dedicados a registrar os antecedentes, organização e – no caso do segundo e terceiro congressos – as conclusões do congresso.

Conforme exposto no capítulo 1, os trabalhos apresentados eram organizados da seguinte forma:

- palestras sobre temas oficiais, determinados pela Comissão Executiva, nas quais os palestrantes oficiais teriam 30 minutos para leitura de seu trabalho e 10 minutos após as discussões para replicar objeções.
- palestras sobre temas recomendados pela Comissão Executiva, nas quais o autor teria 15 minutos para ler seu trabalho e 10 minutos para responder objeções.
- comunicações de temas de livre escolha: nas quais o autor teria 15 minutos para ler seu trabalho e 10 minutos para responder objeções.

Um Tema Oficial teria assim uma posição de relevância superior à de um Tema Recomendado que, por sua vez, era mais relevante (ou ao menos, mais oficializado) que um Tema Livre. Embora no capítulo um já tenham sido expostos os quadros com os temários oficiais completos de cada um dos congressos em análise, demonstro nos quadros que se seguem a posição ocupada oficialmente pelo tema do trabalho de crianças dentre os temários oficiais (Quadro 6) e recomendados (Quadro 7) em cada um dos três congressos dentro de diferentes seções.²⁴⁰

Considerarei essa oficialidade a partir da presença expressa de temas que em sua descrição se refiram:

- ao trabalho de menores (ou trabalho de crianças).
- à educação profissional ou técnica.
- à legislação trabalhista ou industrial .

²⁴⁰ Para o efeito comparativo do quadro ser mais efetivo, suprimi a especificação das seções nas quais os temas foram apresentados, uma vez que não há uma correspondência absoluta de seções de um congresso ao outro, mas mencionarei as seções no debate dos dados apresentados.

QUADRO 6 - TEMAS OFICIAIS RELATIVOS AO TRABALHO INFANTIL NOS TRÊS PRIMEIROS CONGRESOS AMERICANOS DEL NIÑO.

1º Congreso Americano del Niño. Buenos Aires, 1916.	2º Congreso Americano del Niño. Montevideo, 1919.	3º Congresso Americano da Criança, Rio de Janeiro, 1922. ²⁴¹
Projeto de legislação Industrial baseado nos seguintes temas: Inferioridade física e psíquica da criança do meio trabalhador; alimentação deficiente, fadiga, mau alojamento e ambiente na fábrica; repouso de trabalhadoras grávidas e puerpas;	Ensino Industrial	
Morbidade e mortalidade de crianças no meio trabalhador	Trabalho de menores	
Inspeções no trabalho		
O regramento do trabalho a domicílio		
O trabalho das crianças		
Salubridade de fábricas e oficinas que empregam mulheres e crianças		
Indústrias e trabalhos especialmente perigosos		
Por que o trabalho das crianças não beneficia à sociedade nem econômica e nem moralmente?		
A obrigatoriedade escolar como a melhor forma de impedir que a criança seja explorada no trabalho		
Trabalhos infantis ao alcance de todos os lares que visem o bem estar da criança.		

FONTES: *PRIMER CONGRESO AMERICANO DEL NIÑO*, 4º BOLETIN, 1916; *SEGUNDO CONGRESO AMERICANO DEL NIÑO*, TOMO PRIMEIRO, MONTEVIDEO, 1919; *TERCER CONGRESO AMERICANO DEL NIÑO*, ORGANIZACIÓN Y CONCLUSIONES, UNIÓN PANAMERICANA, WASHINGTON, D.C., 1954.

As discussões sobre o trabalho da criança são notadamente abundantes entre os temas oficiais no *Primer Congreso Americano del Niño, Buenos Aires, 1916*, ocupando grande parte dos debates, principalmente nas seções de “Legislação Industrial” e de “Assistência à mãe e à criança”.

²⁴¹ Não há temas oficiais relativos ao trabalho infantil neste congresso.

No *Segundo Congreso Americano del Niño, Montevideo 1919*, embora a preponderância das discussões sobre o trabalho seja diluída pela ênfase em outras temáticas, o trabalho infantil figurará entre os temas oficiais nas seções de “Ensino” e de “Sociologia e Legislação”. No Terceiro Congresso, no Rio de Janeiro já não constarão temas oficiais sobre o assunto²⁴². A distribuição dos temas recomendados não é muito diferente, como veremos no Quadro 7:

QUADRO 7 - TEMAS RECOMENDADOS NOS CONGRESOS AMERICANOS DEL NIÑO

1º Congreso Americano del Niño. Buenos Aires, 1916.	2º Congreso Americano del Niño. Montevideo, 1919.	3º Congreso Americano da Criança, Rio de Janeiro, 1922. ²⁴³
Estado atual da legislação industrial na América e sua aplicação prática.	Morbidade e mortalidade nas crianças do meio trabalhador	
• Como ensinar à família trabalhadora princípios de higiene social e individual inculcando noções assimiláveis de profilaxia infantil adaptada ao meio econômico, capacidade psico-moral e à insuficiência de leis trabalhistas s países e regiões americanos.	A inferioridade física e psíquica nas crianças do meio trabalhador	
Fomento da educação técnica, das escolas oficinas e oficinas escolas.	O trabalho de crianças e mães a domicílio	
	Escolas profissionais	
	Instrução profissional para segunda infância e adolescência	
	Como a escola pode cooperar eficazmente para a melhoria das indústrias e para a <i>nueva libertad</i> ²⁴⁴ a que aspiram as democracias americanas	

²⁴²Lembrando que o Terceiro Congresso Americano da Criança, 1922, Rio de Janeiro, foi realizado em conjunto com o Primeiro Congresso Brasileiro de Proteção à Infância e muitos trabalhos foram apresentados para as assembleias de ambos os congressos unidas. Embora não tenha tido acesso ao temário oficial do Congresso Brasileiro de Proteção à Infância, observei que dentre os trabalhos apresentados alguns cujos temas eram relativos ao trabalho de menores são referidos como “tema oficial” sob seu título na publicação. É o caso do trabalho de Clovis Bevilaqua (“Exploração Infantil- Medidas a serem estabelecidas para evita-la”) e Franco Vaz (“O trabalho industrial das crianças- Necessidade de sua regulamentação”) (**Primeiro Congresso Brasileiro de Proteção à Infância**. 7º Boletim, Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1924, Índice, p.III).

²⁴³ Não há temas recomendados relativos ao trabalho infantil neste congresso.

²⁴⁴ Itálico do documento original.

FONTES: PRIMER CONGRESO AMERICANO DEL NIÑO, SEGUNDO CONGRESO AMERICANO DEL NIÑO, TOMO PRIMERO, MONTEVIDEO, 1919; TERCER CONGRESO AMERICANO DEL NIÑO, ORGANIZACIÓN Y CONCLUSIONES, UNIÓN PANAMERICANA, WASHINGTON, D.C., 1954.

Percebemos que dentre os temas recomendados no primeiro e segundo congresso primam as questões sobre a educação profissional; é perceptível também que alguns pontos tratados como temas oficiais no primeiro congresso apareceram no segundo congresso com descrição muito semelhante, mas agora como temas recomendados.

A ausência de temas relativos ao trabalho de menores se mantém entre o temário recomendado do terceiro congresso, mas as fontes demonstram que algumas discussões sobre o trabalho infantil surgirão dentre os temas livres e temas oficiais do Congresso Brasileiro de Proteção à Infância apresentados em seção conjunta com o Terceiro Congresso Americano da Criança, ou incidentalmente entre temáticas diversas, como por exemplo, em citações dos estudos sobre a tuberculose do Dr. Moncorvo Filho, sobre o qual me deterei um pouco mais adiante neste capítulo.

Para além do que está claro nos quadros, mergulhemos um pouco mais fundo e pensemos nas circunstâncias específicas e nas especificidades que os diferentes atores e grupos irão imprimir nesses eventos que mantêm certa uniformidade em estrutura, mas que não são planos ao atentarmos para as relações de força que transparecem.

Se retomarmos um pouco o histórico do *Primer Congreso Americano del Niño* lembraremos que ele foi idealizado, organizado e presidido pelas mulheres feministas membros da *Liga para los Derechos de La Mujer y El Niño*, vinculadas, em sua maioria, ao Partido Socialista Argentino e afinadas aos pleitos pelos direitos dos trabalhadores, das mulheres e das crianças.

A centralidade dos debates acerca do trabalho de menores e o desejo de partilhar essas discussões num congresso intercontinental com os demais países americanos fazem todo o sentido na perspectiva desse grupo, que enxergava na exploração capitalista, sob todas as suas formas, um grande entrave para o bem estar dos “pequenos”, englobando neste conceito as mulheres, crianças e trabalhadores em geral.²⁴⁵

²⁴⁵ A equiparação simbólica entre pobres, mulheres e criança aproximando-os pela desqualificação social e exclusão de direitos foi discutida no capítulo um desta tese, p.62.

A situação das crianças pobres levadas ao trabalho pela premência das necessidades familiares ou por sua condição de abandono “moral e econômico”, no primeiro decênio do século XX, não parece diferir muito dentre os países da América Latina, uma vez que uma das marcas do expansivismo capitalista é sua capacidade de globalizar-se. Assim situações como as denunciadas pelas socialistas argentinas desde o *Primer Congreso Nacional del Niño*, em Tucumã, 1913, ocorriam analogamente em outros países americanos:

Há pouco assisti ao desfile dos pequenos que todas as noites se dirigem à estação Constitución (há formas de burlar a lei 5.291),²⁴⁶ quando as crianças felizes estão entregues ao sono reparador, a tomar o trem que os há de conduzir a seus postos noturnos de trabalho em uma indústria perturbadora como é a de vidros e garrafas. (...) Se oprime o coração só ao vê-los. Flácidos, diminutos, entorpecido com o frio, resignados ao seu triste destino... (MUZILLI, 1919, p.107).²⁴⁷

Tomar a defesa da criança trabalhadora como bandeira torna-se também um recurso poderoso de legitimação da luta operária contra a exploração dos trabalhadores em geral, uma vez que, ainda que impere certo senso sobre a inevitabilidade do trabalho das crianças pobres no período, a divulgação pela imprensa de acidentes de trabalho e mortes de crianças em suas funções nas fábricas e no campo não deixam de chocar e tocar as pessoas.

A infância explorada no trabalho, nessa dinâmica se configurará como símbolo das agruras de toda a classe trabalhadora e essa será uma representação (a criança trabalhadora explorada como símbolo do capitalismo excludente) recorrente no movimento operário em várias partes do mundo, como o salienta a historiadora Esmeralda Blanco B. de Moura em sua pesquisa sobre as crianças operárias na recém-industrializada São Paulo do início do século XX:

²⁴⁶ A Lei Argentina de número 5.291 é do ano de 1907 e proibia o trabalho de menores de 10 anos, bem como o trabalho noturno aos menores de 16 anos e o trabalho industrial aos menores de 12 anos (MARTINS, 2002, p.59).

²⁴⁷ *Ha poco asistí al desfile de los pequeños que todas las noches se dirigen a la estación Constitución (he ahí una forma de burlar la ley 5.291) cuando los niños felices están entregados al sueño reparador, a tomar el tren que los ha de conducir a ocupar su puesto nocturno de trabajo en una industria turbadora como es la de cristales y botellas. (...) Se oprime el corazón solo al verlos. Mustios, pequeñitos, ateridos de frío, resignados a su triste destino...* (MUZILLI, Carolina, *El Niño obrero, trabajo presentado o Primer Congreso Nacional del Niño*, publicado in MUZILLI, Carolina, **Por la salud de la Raza**, Buenos Aires, 1919, p. 107)

A implantação da indústria e sua consequente expansão norteou o destino de parcela significativa de crianças e também de adolescentes das camadas economicamente oprimidas em São Paulo, como havia norteado em outras partes do mundo. E, como em outras partes do mundo, o trabalho infanto-juvenil em São Paulo imprimiria talvez mais do que qualquer outra questão, legitimidade ao movimento operário. Nos pequenos trabalhadores, as lideranças saberiam identificar a causa preciosa, capaz de revelar aos olhos dos contemporâneos e também da posteridade, a condição de classe operária no que esta tinha de mais miserável (MOURA, 2002, p.260).

A identificação da “causa preciosa” da infância pelas lideranças políticas do movimento operário será estrategicamente apropriada em diferentes pleitos capazes de englobar a todos os trabalhadores, seja em questões básicas como a melhoria da fiscalização das condições de segurança e higiene nas fábricas até questões muito mais amplas como a discussão do trabalho infantil e feminino como fatores desarticuladores da luta sindical dos operários e como elementos importantes na pauperização da classe trabalhadora como um todo, discussão esta presente no *Primer Congreso Del Niño*:

...o capital em seu afã incessante de multiplicação intenta lucrar com este menor emprego de força requerido pela máquina, e tem substituído, e trata incessantemente de substituir, ao operário homem e adulto por mulheres e crianças. Claro está que ao incorporar as mulheres e crianças na indústria, tirando a maior vantagem possível delas, tem-se em conta outro fator poderoso que é a desorganização completa do trabalho de mulheres e crianças os quais ao ingressar no mercado de trabalho determinam a depreciação dos salários masculinos, estabelecendo uma competição ruinosa. O capital adquire a força de trabalho como mercadoria; fazendo a cotação toma a oferecida em melhores condições para a indústria, isto é, a mais barata, e se empregam as mulheres e crianças, os quais, com um rendimento maior de produção em sua jornada de trabalho, recebem um salário em muito inferior ao dos homens (...) o filho, a criança e quem “disputa”²⁴⁸ o trabalho com o homem, seu próprio pai, e toda tentativa de defesa do salário há de fracassar se não se retirar da fábrica a criança, se não se organizar o menor trabalhador, tratando de que forme parte de seu sindicato de ofício para defender e uniformizar o salário conjuntamente com o operário adulto (MUZILLI, 1916, p.1).²⁴⁹

²⁴⁸ Aspas no original.

²⁴⁹ ...el capital en su afán incesante de multiplicación intenta lucrar con este menor despliegue de fuerza requerido por la máquina, y haya reemplazado y trate incesantemente de reemplazar, al obrero varón adulto con las mujeres y los niños. Claro está que al incorporar a las mujeres y a los niños a la industria, sacando la mayor ventaja posible de ellos, tiene en cuenta otro factor poderoso, y es el de la desorganización completa del trabajo de las mujeres y de los niños, lo

A citação acima nos coloca diante de uma questão que parece partir da necessidade de proteger a criança, mas que transborda a dimensão paternalista e se amplifica mostrando a criança que trabalha na relação com o meio social, entendendo-a enquanto ator social importante no equilíbrio econômico e cultural.

A inserção da criança no mercado de trabalho não é tensionada aqui pelo ponto de vista da proteção e exploração tão somente, mas do ponto de vista das potencialidades que a organização dos menores trabalhadores em seus sindicatos de ofícios ofereceria às lutas operárias por melhorias gerais.

As organizadoras do *Primer Congreso Americano del Niño* não parecem ter subestimado a oportunidade de estar à frente de um evento de alcance internacional dentro das festividades do centenário, cercadas de pompa e circunstância. Sob o tema amplo que propunha discutir todos os aspectos que cercavam “el niño americano” foi possível a elas manifestarem de forma incisiva seus pleitos em favor da criança e da mulher operárias.

Caberá à argentina Carolina Muzilli desenvolver oficialmente grande parte dos 10 temas oficiais relativos ao trabalho de menores no *Primer Congreso Americano del Niño*, abrangendo em seus 3 trabalhos apresentados (“Por que el trabajo de los niños no beneficia a la sociedad ni económica ni moralmente”, “El trabajo de los Niños y los menores” e “La mortalidade infantil como um elemento de bancarrota social”) ao menos 9 tópicos levantados no temário oficial, quais sejam:

- Inferioridade física e psíquica da criança do meio trabalhador;
- Alimentação deficiente, fadiga, mau alojamento e ambiente na fábrica.

que al ingresar al mercado del trabajo determinan la depreciación de los salarios masculinos, estableciendo una competencia ruinosa. El capital adquiere la fuerza de trabajo como mercancía; siendo cotizable toma la ofrecida en mejores condiciones para la industria, esto es, a más bajos precio, y se emplea a las mujeres y a los niños, los cuales, con un rendimiento mayor de producción en su jornada de labor, perciben un salario en mucho inferior al de los hombres. (...) el hijo, el niño, es el que “disputa” el trabajo al hombre, a su propio padre, y toda tentativa de defensa del salario ha de fracasar si no se aleja de la fábrica al niño, si no se organiza al menor, tratando de que forme parte de su sindicato de oficio para defender y uniformar el salario conjuntamente con el obrero adulto (Carolina, MUZILLI. “Por qué el trabajo de los niños no beneficia a la sociedad ni económica ni moralmente”, Sección de Asistencia a la Madre y el Niño, Primer Congreso Americano del Niño, Buenos Aires 1916, in **La Vanguardia**, Buenos Aires, 16 de julio de 1916, p.1).

- Morbidade e mortalidade de crianças no meio trabalhador;
- Inspeções no trabalho;
- O regramento do trabalho a domicílio;
- O trabalho das crianças;
- Salubridade de fábricas e oficinas que empregam mulheres e crianças;
- Indústrias e trabalhos especialmente perigosos;
- Por que o trabalho das crianças não beneficia à sociedade nem econômica e nem moralmente?

Embora o conjunto completo de teses apresentadas no primeiro congresso americano da criança não tenha sido localizado, recuperei os trabalhos publicados pelo jornal *La Vanguardia*, que como órgão do Partido Socialista publicou alguns trabalhos de membros do partido, entre eles dois trabalhos de Carolina Muzilli.²⁵⁰ Foi possível ter acesso também ao conjunto de trabalhos enviados pelos participantes brasileiros e localizei na revista pedagógica uruguaia *Annales de la instrucción Primaria*²⁵¹ a publicação dos trabalhos da comitiva uruguaia.

Quanto aos trabalhos de Carolina Muzilli, além dos dois publicados no jornal *La Vanguardia*, localizei um livro de sua autoria intitulado “Por la salud de la raza”, publicação póstuma que reúne as principais palestras e estudos de Carolina, entre eles seus trabalhos apresentados no Congreso Nacional del Niño, Tucumã, 1913, e no *Primer Congreso Americano del Niño, Buenos Aires, 1916*.

O livro de Muzilli foi uma doação à Biblioteca Nacional do Uruguai pela família da feminista e ativista uruguaia Paulina Louise e pertencia à biblioteca pessoal dessa médica ginecologista, também socialista e envolvida na proteção à infância, e que participou dos três primeiros congressos americanos da criança. Encontrar uma obra de Muzilli com o carimbo ex-libris de Paulina

²⁵⁰MUZILLI, Carolina. “Por qué el trabajo de los niños no beneficia a la sociedad ni económica ni moralmente” , Primer Congreso Americano del Niño in **La Vanguardia**, Buenos Aires, Jueves, 13 julio de 1916, p.1 e 2 . e “La mortalidad infantil como un elemento de bancarrota social”, Parte I, in **La Vanguardia**, Buenos Aires, Sábado, 15 julio de 1916, p.1 e 2 e a parte II do texto em **La Vanguardia**, Buenos Aires, Domingo, 16 julio de 1916, p.2.

²⁵¹ *Anales de Instrucción Primaria*, Ano XIV – Tomo XIV – Nº 1-6, Montevideo, Imprenta El Siglo Ilustrado, 1916, p.26 a 30 e p. 243 a 281.

Luisi reitera a circulação de materiais e de ideias acerca da infância entre os países da América e América Latina.

Acredito no valor histórico de nos determos aqui nessa parcela das atividades de Carolina Muzilli, pois seu papel no primeiro congresso americano, à frente das discussões sobre trabalho, é estratégico e de grande força.

É relevante considerar, ainda, que ela era a participante mais engajada a esse problema, possuindo uma longa trajetória de estudos de campo, construção de estatísticas e de vivência pessoal direta com os trabalhadores meninos e meninas, sendo ela própria uma operária, costureira que trabalhava em domicílio, atividade amplamente adotada por mulheres e das mais insalubres e carentes de inspeção e controle no início do séc. XX.

Carolina Muzilli, como a maior parte das mulheres da *Liga para los Derechos de La Mujer y el Niño*, pertencia a um extrato do Partido Socialista que buscava reformas efetivas e urgentes para o operariado, ainda que para isso fosse necessário o consórcio junto a setores do Estado que de fato poderiam colocar em prática as ideias de melhoria, tais como o Departamento Nacional de Higiene e o Departamento Nacional do Trabalho.

A repercussão dos estudos de Carolina Muzilli, após o *Primer Congreso Americano del Niño*, resultou em um convite para que ela se tornasse a primeira mulher Inspetora de Trabalho na Argentina. As teses que ela sustentou no congresso renderam-lhe ainda um convite para escrever para a seção de Economia do Museu Social Argentino e para que participasse como representante da Argentina na Exposição Universal de 1913, em Gantes, na Bélgica.

A estratégia dos trabalhos de Muzilli no *Primer Congreso Americano del Niño* foi trazer a lume os debates sobre a exploração do trabalho de crianças e mulheres, usando para isso, além da retórica, contundente e direta, dados estatísticos sobre as condições dos trabalhadores menores por toda a Argentina. No trabalho “El menor Obrero”, apresentado primeiramente na seção de Direito no Congreso Nacional del Niño, Tucumã 1910 e depois na Seção de Legislação Industrial do Primer Congreso Americano del Niño sob o título “El trabajo de los Niños y los menores”, trará então o trabalho das crianças argentinas em números, levantando a quantidade de crianças empregadas nas diferentes áreas no país. Apoiou-se, também, na falta de

pesquisas argentinas, em dados estatísticos levantados na Itália nos quais são comparados a estatura, peso, capacidade torácica de crianças “de las clases acomodadas” e das “clases obreras”.

A estatística foi uma ferramenta fundamental não apenas na função de envernizar cientificamente seu ponto de vista, mas por trazer de maneira mais crua, sem “sacrificar las ideas a las flores de trapo de la retórica” (Muzilli, s/d, , p.15) as informações coletadas em fábricas, oficinas, lavanderias, fazendas, cortiços e nas ruas das cidades. Esse exercício de racionalidade, bem ao gosto das tendências científicas, é empreendido conscientemente por Carolina Muzilli, com o intuito de dar maior substância às suas palestras. “La obra de los escritores que se dedican a cuestiones sociales ha de ser, entonces, de precisión, para ser seria e conducente” diz no artigo *La estadística Social* (1919, p.13-18).²⁵²

E será a estatística social, sob métodos próprios e fontes diversas, a ferramenta de muitos outros membros do Partido Socialista que fazem do periódico *La Vanguardia* o veículo da divulgação de uma série de censos que visavam a chamar a atenção geral da sociedade para as dificuldades da classe operária em termos concretos e racionalizáveis.

Fatalidade. É um termo por demais usado e de aplicação infinita. (...) A estatística social é uma análise precisa que permite certificar o diagnóstico para curar a doença. Assim, o conceito arcaico de fatalidade seria suplantado, graças ao conceito moderno, racional e científico de determinismo. Tudo obedece a causas, sejam econômicas ou morais. São os homens que fazem a história, e se até hoje ela revela muitos erros, comprova a inexperiência e a ignorância daqueles para guiar seus próprios destinos. É então necessário fazer o que chamaríamos de *tática da história* [itálico no original]: conhecer todas as ferramentas que estão disponíveis para realizar a história e adestrarmo-nos em sua aplicação inteligente. E como realizar isso sem o uso de estatísticas sociais? (MUZILLI, 1919, p. 14).²⁵³

²⁵² MUZILLI, Carolina. *La estadística Social*, in: **Por la salud de la Raza**. Virtus, Buenos Aires, 1919, p.13-18.

²⁵³ *Fatalidad. Es un término por demás gastado y de aplicación infinita. (...) La estadística social es un análisis preciso que permite certificar el diagnóstico para la curación de la enfermedad. De manera que el concepto arcaico de la fatalidad sería suplantado, merced a aquella por el concepto moderno, racional y científico del determinismo. Todo obedece a causas, ya sea económicas o morales. Son los hombres los que hacen la historia, y si ella hasta hoy nos revela muchos errores, comprueba la inexperiencia y ignorancia de aquellos para guiar sus propios destinos. Necesario entonces hacer lo que llamaríamos una tática de la historia: conocer a fondo todos los instrumentos de que nos valemos para realizarla e adiestrarnos en su aplicación inteligente. ¿ Y como sin el empleo de la estadística social? (MUZILLI, Carolina.*

A expectativa de Carolina sobre o poder da estatística social me parece em certo ponto excessiva, mas é bem fundamentada. Sua opinião fica clara no decorrer do artigo citado acima, no qual, em determinado momento convoca os jovens estudantes socialistas a se unirem em *legiones juveniles* para realizar amplos registros estatísticos da situação social na Argentina como forma de contribuição cívica e humanista para a melhoria das condições gerais de vida no país.

A prevalência dos textos de Carolina no tocante aos debates sobre o trabalho nesse congresso pode nos levar à ideia de que o primeiro congresso da criança foi bastante hegemônico e afinado ao ideário socialista em sua totalidade, no entanto, mesmo dentro da mostra parcial constituída pelas fontes coletadas sobre esse congresso, é possível perceber que a presença do enfoque socialista na problematização do trabalho infantil é preponderante, mas não é a única presente nas palestras diversas, e, além disso, será radicalmente minimizada, num movimento que acredito ser de contraposição, nos congressos vindouros.

A coleção de trabalhos dos representantes uruguaios e brasileiros revela que os olhares das comitivas não convergiam exatamente para o mesmo ponto que o das mulheres da *Liga para los Derechos de La Mujer y el Niño*, sendo o enfoque dos trabalhos, em sua maioria, dirigidos a outros temas ou, quando discutindo trabalho de menores, o fazendo por um viés muito mais ameno.

O advogado brasileiro Taciano Antonio Basilio, que enviou o texto “Trabalhos de menores e o pátrio poder” para a seção de Direito do primeiro congresso, procurou deixar claro, desde as primeiras linhas de seu trabalho, que tomaria este tema para discussão sob o prisma da economia social, observando o “espírito democrático e liberal”, afastando-se das ideias socialistas que tendem a “favorecer uma classe em detrimento de outra”. Diz ele em seu primeiro parágrafo:

Tempo houve em que a simples cogitação de problemas desta natureza trazia a ideia de uma incursão das doutrinas socialistas no âmbito do direito privado ou a expressão do sentimentalismo cristão ou romântico a determinar a ingerência do Estado no domínio da liberdade industrial. Tais preconceitos, porém, já se vão dissipando

mercê de observação mais acurada e do exame concreto das realidades em jogo, ouvindo os ensinamentos da economia social (...) Assim, por exemplo, a responsabilidade do patrão pelos acidentes ocorridos no trabalho a algum de seus operários repousa sobre a teoria do risco profissional, a liberdade industrial tem por fundamento a autonomia do indivíduo (...) (BASILIO, 1916, p.217).

Não encontrei o registro de que esse trabalho tenha sido lido em sessão pelo seu autor, pois segundo a suma dos trabalhos do congresso, escrita também por Carolina Muzilli e publicada na revista *Nosotros*, os numerosos temas enviados pela delegação brasileira (a maior quantidade de trabalhos por comitiva internacional, segundo ela) foram “sostenidos, explicados y defendidos por dos hombres eminentes como los doctores Ferreyra Magalhães (médico higienista) y Lemos Brito (jurisconsulto y ex legislador).”²⁵⁴ No entanto há a certeza de que o texto de Taciano Basílio estava dentre os trabalhos enviados pela delegação brasileira e ele exemplifica aqui a presença de contrapontos e disputas no certame.

Ainda que o embate direto e presencial não tenha ocorrido, é interessante imaginar como se daria o diálogo entre o posicionamento liberal incorporado por Basílio e a posição representada por Muzilli, que em um de seus textos afirma – no que poderia ser uma resposta direta à ideia de liberdade industrial reguladora:

É que, em nome da liberdade econômica, distorcida, malogramos, ao incorporar à indústria e ao trabalho em geral, a alma da criança, considerada, como a mulher, como o próprio trabalhador, virtualmente máquina. Achille Loria, falando das terríveis consequências que a liberdade econômica traz para uma sociedade de seres economicamente desiguais - válvula de escape do capitalismo - nos diz que em holocausto a esta mesma liberdade econômica e “com o fim de obter trabalhadores dóceis e de baixa remuneração, o ardor diabólico dos capitalistas dedicou-se ao recrutamento de crianças” (MUZILLI, 1916, *La Vanguardia*, p. 1).²⁵⁵

²⁵⁴MUZILLI, Carolina. **Congreso Americano del Niño**. In: *Nosotros: Revista Mensual de Letras, Artes, Historia, Filosofía y Ciencias Sociales*. Año X – Tomo XXIII, Buenos Aires, 1916, p.64.

²⁵⁵Es que en nombre de la libertad económica, tergiversada, malogramos, al incorporar a la industria, al trabajo en general, el alma del niño, considerado como la mujer, como el obrero mismo, virtualmente máquina. Aquiles Loria, al hablar de las terribles consecuencias que reporta la libertad económica en una sociedad de seres económicamente desiguales – válvula de escape del capitalismo - nos narra que en holocausto a esta misma libertad económica y “con el objeto de obtener obreros dóciles y poco retribuidos, el ardor diabólico de los capitalistas dedicó se al reclutamiento de niños” (MUZILLI, Carolina. “Por qué el trabajo de los niños no beneficia a la sociedad ni económica ni moralmente”, Sección de Asistencia a la Madre y el Niño, Primer Congreso Americano del Niño, Buenos Aires 1916, in **La Vanguardia**, Buenos Aires, 16 de julio de 1916, p.1).

A imagem do homem virtualizado em máquina usada no fragmento acima, e bastante frequente nos discursos socialistas pelo mundo, é também recuperada por Taciano Basílio em seu texto, porém sob sua ótica liberal:

Não raro acontece que venha o próprio interesse determinar indirectamente providencias capazes de melhorar a situação do operário desde que esta esteja em relação com a qualidade de trabalho efectuada. Notemos que tal norma de proceder é motivada, não por inspirações de consciência, altruísmo ou fraternidade christan, mas pelas relações de solidariedade de efeitos na concorrência econômica. Assim sucede que a diminuição das horas de trabalho, as condições de hygiene das fábricas, o espaço e arejamento que igualmente conservam machinismos custosos, razoável salário a promover o bem estar physico e moral, etc., são elementos que infundem maior capacidade de acção e não interrompem a continuidade de produção pelo quebrantamento da energia de que dispõe o operário. Competindo virtualmente ao Estado assegurar as condições de vida e progresso da sociedade, justifica-se a sua discreta intervenção do Estado [sic] no tocante ao regimen do trabalho dos menores, em que a inobservância da hygiene e o excessivo e prematuro labor determinam terríveis males e suprimem ou inutilizam o individuo.²⁵⁶

Assim, o bem estar da criança no trabalho estaria condicionado ao liberalismo econômico, que ao enxergar a força de trabalho infantil como uma máquina a ser mantida em bom funcionamento, automaticamente se autorregularia por preservá-la, cabendo ao Estado apenas uma “discreta” intervenção nessas questões, as quais as regras da própria economia tratariam de organizar. Essa quase nula intervenção do Estado é o oposto ao que reivindicam as vertentes socialistas no congresso, que solicitam a responsabilização do Estado pela segurança e melhoria de condições de trabalho aos menores, não apenas através de leis mais aprimoradas, mas por uma fiscalização rigorosa para seu cumprimento efetivo.

No trabalho “El menor obrero” Muzilli enfatiza a necessidade de aprimoramentos na lei. Mas o ponto principal desse texto diz respeito à fiscalização para que a lei se cumpra. O papel dos fiscais de trabalho é central nesse debate:

Mas repito que, para a aplicação da lei ser eficaz como em outros países, a fiscalização e monitoramento de fábricas e oficinas devem

²⁵⁶ BASILIO, Taciano. 1º Congresso Americano da Criança, 1916, p.218.

ser confiados a pessoas capazes e aos trabalhadores, pois eles têm mais interesse em que se cumpram suas leis de defesa. Mas se não se quer dar uma parte da inspeção para os trabalhadores, pelo menos estes postos se ocupem por concurso. Só então, tenho certeza de que teríamos inspetores, pois o cumprimento da lei é quase um mito. (MUZILLI, 1919, p.118)²⁵⁷

No primeiro capítulo desta tese nos deparamos com as opiniões de vários congressistas que se expressaram nos discursos de abertura do *Segundo Congreso del Niño*, Montevideo, 1919, referindo-se de maneira aligeirada e por vezes pejorativa ao *Primer Congreso Americano del Niño*, sem um maior detalhamento sobre a natureza das falhas e problemas organizacionais que encontraram naquele evento. A *Liga para los Derechos de La Mujer y el Niño* só é lembrada em seu papel pioneiro no discurso do chileno Carlos Enrique Paz Soldán, na Sessão de Abertura do Terceiro Congresso Americano da Criança.

Com o desenvolvimento desta pesquisa e o esperado e desejado estreitamento do contato com as fontes, a possibilidade de seguir alguns veios explicativos mais profundos acabam se desenhando. E se afirmo, no início deste trabalho, que a ênfase da crítica no segundo e terceiro congressos foi construída tendo como pano de fundo o fato de serem *feministas socialistas* à frente do evento germinal, neste momento inverte um pouco a ordem da enunciação. A hipótese agora é a de que o fato de serem *socialistas feministas* a darem corpo ao evento, marcando-o fortemente com as demandas políticas de suas crenças, pode ter sido decisivo para que nos congressos seguintes – claramente cancelados pelo Estado e organizados por vieses políticos mais discretos, mas vinculados a ideias liberais – a memória do primeiro congresso fosse reconstruída de forma a neutralizar a força dos discursos e ideias socialistas ali produzidos e propagandeados.

O segundo e terceiro congressos ainda contarão com a presença membros dos partidos socialistas sustentando posicionamentos análogos aos

²⁵⁷ Pero repito que para ser eficaz como en otros países la aplicación de la ley, la inspección y vigilancia de fábricas y talleres debería encomendarse a personas capaces y a los obreros, por tener éstos mayor interés en que se cumpla sus leyes defensivas. Mas si no se quiere dar una parte de inspección a los obreros, que por lo menos se ocupe estos puestos por concurso. Recién entonces, estoy segura, habríamos de tener inspectores, pues el cumplimiento de la ley es casi un mito (MUZILLI, Carolina. *El menor obrero. Por la salud de la raza*. Virtus Editora. Buenos Aires, 1919, p. 118).

expressos pela pena e voz de Carolina Muzilli, principalmente nas seções de Sociologia e Direito e Ensino, mas a força de “bloco”, produzida pelo efeito de muitos textos de destaque nos temas oficiais e recomendados, tal como se viu no primeiro congresso, não será mais repetida.

No movediço campo das relações internacionais, os discursos proferidos na sessão de clausura do primeiro congresso nas despedidas dos delegados dos comitês internacionais, obviamente, não sinalizam as críticas que serão expressas nos discursos de abertura do congresso seguinte; e ainda que permeados dos estereótipos sobre os papéis da mulher na sociedade, reconhecem a iniciativa feminina e socialista que lança esses congressos e os proclama uma instituição estável:²⁵⁸

O Doutor César Sánchez Aizcorbe, delegado do Peru, disse que o Congreso Americano del Niño deve estar satisfeito de sua obra (...) que esta obra se deveu à mulher, cujo coração é um pedaço de céu na terra, que representa para nós uma tríplece cadeia de amor como mãe, como esposa e como filha, e que nos revelou uma vez mais que seu coração é fonte inesgotável de amor ao próximo capaz de todas abnegações e de todos os altruísmos, e que nesta oportunidade teve ocasião de arrebatrar de nossas mãos com um gesto de suprema audácia a iniciativa das grandes reformas que exige a educação da criança.²⁵⁹

2.3.1 “Para fecundar a vida o trabalho se inventou”: discursos sobre moralização e educação pelo trabalho nos Primeiros *Congresos Americanos del Niño*

Tal como a chuva caída
Fecunda a terra, no estio,
Para fecundar a vida

²⁵⁸ “*Congresos Americanos del Niño: una institución estable*” é o título do discurso de encerramento proferido por Julieta Lanteri, na sessão de clausura do primeiro congresso da criança, discurso que infelizmente não pude recuperar na íntegra, apenas em fragmentos publicados no jornal *La Vanguardia* de 17 de julho de 1916.

²⁵⁹ *El Doctor César Sánchez Aizcorbe, delegado del Perú, dijo que el Congreso Americano del Niño debe estar satisfecho de su obra (...) que esta obra se debió a la mujer, cuyo corazón es un pedazo de cielo en la tierra, que representa para nosotros una triple cadena de amor como madre, como esposa y como hija, y que nos ha revelado una vez más que su corazón es fuente inagotable de amor a o próximo capaz de todas abnegaciones y de todos altruísmos, y que en esta oportunidad ha tenido ocasión de arrebatarnos de nuestras manos con un gesto de suprema audacia la iniciativa de las grandes reformas que exige la educación del niño* (Julieta LANTERI. Primer Congreso del Niño, Sesión de Clausura. In: **La Vanguardia**, Buenos Aires, 17 de julio de 1916, p.2).

O trabalho se inventou.

Feliz quem pode, orgulhoso,
Dizer: “Nunca fui vadio;
E se hoje sou venturoso,
Devo ao trabalho o que sou!”

É preciso desde a infância
Ir preparando o futuro;
Para chegar à abundância
É preciso trabalhar

Não nasce a planta perfeita,
Não nasce o fruto maduro;
E, para ter a colheita,
É preciso semear...

O trabalho – (Olavo Bilac, 1913, p.115)

Novamente recorro à literatura infantil²⁶⁰ no intuito de ampliar o espectro de representações produzidas em torno da criança que vive as primeiras décadas do século XX. Desta vez são as lições morais poetizadas num clássico da literatura infantil brasileira, o livro *Poesias Infantis* (1904) do escritor Olavo Bilac, que nos oferece uma pequena visão das ideias acerca da importância de incutir na criança e nos adultos o amor ao trabalho e ao esforço. Este livro, adotado oficialmente e distribuído por escolas públicas de diversos estados do Brasil durante mais de três décadas desde o seu lançamento (Cordeiro, 2005) é repleto de odes ao trabalho, ao bom uso do tempo, ao orgulho que se encontra em ser produtivo e à vergonha que recai sobre o menino e a menina “vadios”.

No poema em epígrafe, que chegava às crianças – e aos seus professores e pais – por intermédio da escola, ideias sobre tempo, disciplina, mérito e trabalho se entrecruzam para formar a lição moral, disciplinadora, que objetivava impor a todas as esferas de uma sociedade as normas e os valores

²⁶⁰ A literatura destinada à criança é socialmente mediada por instituições como a família e a escola, definindo-se por um sentido pedagógico de sua produção (sentido também presente na literatura destinada ao público adulto). No caso da literatura infantil, porém, a formação de padrões de comportamento e conduta constituem marcas indelévels de tal produção. A criança se torna depositária de discursos destinados à introdução, mediada pelo ato da leitura, de valores e comportamentos historicamente identificados com o ideal civilizatório analisado por Elias (1990), ou seja, na produção de um indivíduo adulto capaz de autocontrolar suas emoções, submetendo-as a uma racionalidade própria do indivíduo civilizado (GOUVÊA, 2007, p. 29).

que garantiriam o desenvolvimento do “progresso das nações” e da industrialização que se implantava na América.

O moderno discurso sobre o trabalho, direcionado especialmente aos pobres, o vinculava à purificação da alma, à fortificação do caráter e à melhoria da sociedade como um todo, dando ao trabalho e ao tempo útil uma aura de positividade e redenção. Tal discurso também associava a questão do tempo e do trabalho com o ganho de dinheiro, e esse ganho com o sucesso (“se hoje sou venturoso/devo ao trabalho o que sou”), estabelecendo então o elo entre o tempo e seu valor de moeda e entre sucesso material e esforço individual.

Edgar de Decca coloca nos seguintes termos essa apologia moderna em torno do trabalho:

Aqueles primeiros homens, que se viram constrangidos pela pregação moral do tempo útil e do trabalho edificante, sentiram em todos os momentos de sua vida cotidiana o poder destrutivo desse novo princípio normativo da sociedade. Sentiram na própria pele a transformação radical do conceito de trabalho, uma vez que essa nova positividade exigiu do homem pobre sua submissão completa ao mando do patrão. Introjetar um relógio moral no coração de cada trabalhador foi a primeira vitória da sociedade burguesa (DE DECCA, 1990. p. 9).

De Decca fala da importante transformação no significado da palavra trabalho, bem como em sua organização prática, que se deu notadamente a partir da implantação de um determinado tipo de tecnologia que tirava das mãos do trabalhador o controle sobre a totalidade do processo de produção, tornando-o dependente da estrutura tecnológica.

E tão importante quanto enquadrar o trabalhador no novo modelo pela força da necessidade de sobrevivência era introjetar simbolicamente, nessa sociedade em transformação, as mensagens moralizantes e civilizatórias sobre o bom uso do tempo e o valor do trabalho na formação moral do homem e mulher modernos. A começar, tão cedo quanto o possível, pela criança, tornando-a útil, disposta, honesta e trabalhadora.

A criança honrada, limpa, operosa é, no imaginário de grande parte da sociedade da época, uma criança a ser esmerilhada tendo “por base a religião

e o trabalho associados ao ensino escolar” (MORAES, 1916, p.141).²⁶¹ Formar uma geração através do cultivo de um modelo de criança “forte, operosa, bondosa e útil” é, segundo o médico pediatra brasileiro Helvécio de Andrade, “todo o problema da humanidade em seu peregrinar para a perfectibilidade, para o Bem universal” (1916, p. 266).²⁶²

Essas são algumas dentre as representações paradigmáticas da infância que se apresentam em abundância nas fontes referentes aos três primeiros *Congresos Americanos del Niño*. Serão muitos os trabalhos apresentados em todas as diferentes seções desses certames que se dedicarão a discutir caminhos e obstáculos, pela via da higiene, da educação, da assistência, da lei e também do trabalho, para viabilizar esse ideal de criança, ser moldável se o moldador for habilidoso:

A infância é a idade plástica por excelência. Neste momento de formação decisiva tanto se está susceptível de alterações e desvios nefastos como de modificações salutareas, tanto se podem acentuar e fixar definitivamente as taras congênicas e adquirir males outros irremediáveis, como transformar uma predisposição defeituosa e preparar uma vida ameaçada, hereditariamente mesmo, para uma vitalidade consoladora. Tudo depende da inteligência com que for dirigida (LEÃO, 1916, p.195).²⁶³

O ideal romântico da criança pura, a viver o sagrado e doce período da infância, conviverá nas teses apresentadas nos *Congresos Americanos del niño* com referências bem mais cruas e até obscuras da criança como elemento potencialmente suscetível à vadiagem, à mendicância e ao crime, se não tomadas medidas de vigilância constante sobre seu tempo e atividades, deixando-as expostas aos perigos da rua, onde as crianças “passam elas dias inteiros perambulando em companhias mais velhas e maldosas, que não trepidam em desencaminhá-las” (Ibidem).

Sosenski (2010), em sua pesquisa sobre o trabalho de crianças no México na segunda e terceira décadas do Século XX, identifica uma preocupação análoga em relação às crianças usufruindo o espaço da rua e aponta para as idiossincrasias de uma sociedade que condena a rua como uma “influencia perniciosa e uma verdadeira ameaça de que se havia de

²⁶¹ Evaristo de MORAES. 1º Congresso Americano da Criança, 1916, p.141.

²⁶² Helvécio de ANDRADE. 1º Congresso Americano da Criança, p.266.

²⁶³ Carneiro LEÃO. 1º Congresso Americano da Criança, 1916, p.195.

poupar a infância” mas que ao mesmo tempo segue arregimentando crianças para trabalhos nas ruas como engraxates, jornaleiros, vendedores ambulantes.

Essa ambivalência é notória também nas realidades das crianças argentinas, uruguaias e brasileiras, segundo o que pude detectar das impressões de muitos congressistas. O médico Mário Alcântara de Vilhena revela-se chocado com o pequeno jornaleiro de 10 anos que todos os dias multiplicava ou perdia sua “feira” jogando baralho com seus companheiros; com o engraxate que complementava sua renda vendendo revistas obscenas para outras crianças; ou com as crianças que gastavam parte de seus ganhos se corrompendo no cinema “não só pelas fitas imorais, como pelos romances policiais pois as crianças são propensas a imitar de preferencia o que é mau” e propõe o acirramento da vigilância policial e a “proibição de crianças desocupadas nas ruas (...) como nas casas de comercio, botequins e nas chamadas quitandas” (VILHENA, 1924, p.114).

A criança ocupada em trabalhos diversos na rua preocupava, mas maior preocupação geravam a criança e o adolescente desocupados nessa mesma via pública. Esse mal estar em relação à circulação da criança nos espaços de sociabilidade é intrigante, pois revela uma apreensão por parte dos adultos que é muito mais da ordem do controle sobre a autonomia e liberdade da criança (Sosenski, 2010, p.1247), sobre as formas pelas quais ela decide gastar seu dinheiro e conviver com seus pares, uma preocupação revestida pelo senso geral da moral e dos bons costumes, moral essa que não se furta, no entanto a admitir que as crianças trabalhem para contribuir com sua família ou mesmo para garantir sustento próprio.

São múltiplas as reações dos adultos perante o fenômeno do trabalho infantil, que encontrará à época muitos defensores lastreados nos preceitos de que o trabalho é sempre construtivo, moralmente edificador e no caso dos pobres uma necessidade contingente na perspectiva de que “são os casais pobres que fornecem à Patria braços necessários ao trabalho” (MACHADO, 1924, p.312).

Salvai as crianças cercai-as de apoio e dai-lhes lar e pão, especialmente àquelas que por ali andam órfãos de pais, entregues à exploração abjeta de fingidos e indignos tutores, ensinando-as a amar o trabalho e a só no trabalho procurarem o remédio dos males que

venham a curtir. (Amparo e assistência às mulheres e crianças proletárias no subúrbio). (MACHADO, 1924, p. 314).²⁶⁴

A ideia de trabalho expressa nesta citação e em tantos outros discursos ou textos de congressistas está em consonância com o paradigma de uma sociedade disciplinada, produtiva, focada no progresso. Portanto, a questão da formação do menor no e para o trabalho extrapola as necessidades individuais ou as preocupações com o bem estar e elevação de qualidade de vida dos pobres, está vinculada a um projeto muito maior de fortalecimento das identidades, da moral e das forças produtivas de cada país e da América como continente.

Assim, reforçando as expectativas sobre o manancial de progresso representado pela criança que aprende a ser trabalhadora e a apartar-se do ócio, encontraremos também o discurso sobre a necessidade de investir na formação específica do cidadão necessário à América: o cidadão prático e habilidoso (e aqui mais uma vez os Estados Unidos figurarão como modelo e meta), o qual só se formaria pela via de uma mudança de objetivos na educação das crianças e jovens, retirando a ênfase da “cultura intelectual intensiva” e focando no preparo técnico para os trabalhos simples.

Entre muitos exemplos dentre as fontes, que poderiam corroborar esta conclusão, selecionei o texto de Julio Picarel, diretor de uma escola na Argentina e que apresentou seu trabalho na sessão de *Ensenanza* do *Segundo Congreso Americano del Niño*, 1919, Montevideo. O trabalho discorre sobre critérios essenciais para a boa prática da escola primária e condensa muitas das ideias em voga sobre as premências na formação da criança americana.

A escola orientará, preferencialmente, atividades estudantis voltadas para fontes naturais de produção ou forças vivas da terra: as indústrias mães: agricultura e pecuária, infundindo com afinho o salutar amor às artes manuais, e proclamando o respeito universal para com os trabalhadores braçais, o mesmo que se dá aos trabalhadores de pensamento. A humanidade, neste momento, necessita muito mais de artesãos qualificados do que de doutores

²⁶⁴ Antonio Augusto Pinto MACHADO. 1º Congresso Americano da Criança, 1916, p. 258.

sem ofício, e a empregomania²⁶⁵ é hoje uma praga social (PICAREL, 1919, p.66).²⁶⁶ [Grifos do original].

A escola estaria assim configurando a infância, moldando suas aptidões e produzindo o trabalhador necessário para o momento americano, que pedia frentes de trabalho cada vez mais produtivas, ordeiras e afinadas às necessidades de desenvolvimento que o período de guerra e desestruturação europeia favorecia.

A ênfase nos ofícios básicos, nas atividades agrárias e manuais, obviamente visava a aprofundar o vínculo dos trabalhadores com as lides produtivas que geravam maior lucro aos países que começavam a se industrializar, mas que ainda tinham sua economia vinculada às de grãos e carne.

A indústria recém se implantava na maioria dos países americanos e seu crescimento já experimentado nas primeiras décadas do século XX também exigiria profissionais que deveriam receber nas escolas alguma preparação, saindo do primário aptos a “conhecer e aplicar, não apenas um martelo, mas tenazes, serras (...) um filtro, as pinças, o termômetro, o barômetro, uma lupa, o nível”.²⁶⁷

Para Picarel, além do manejo de ferramentas as crianças deveriam adquirir no primário noções práticas do sistema métrico e de atividades comerciais como o uso de papel milimetrado, da máquina de escrever, de documentação comercial e cálculo mercantil. Tais noções deveriam ser apenas técnicas, mas seu ensino se daria a partir de uma forte vinculação moral e crença na indústria e no comércio, segundo o que se pode perceber nas recomendações de Picarel:

²⁶⁵ Empleomania é expressão que pode significar busca por empregos estatais e cargos por indicação. Fonte: <http://www.juventudrebelde.cu/dudas-idioma/?tag=empleoman%C3%ADa> Acesso: 1 de dezembro de 2013. Em português: empregomania, (prê) f. Neol. Mania dos que preferem empregos públicos a qualquer outro meio de vida. (De emprego + mania). <http://www.dicio.com.br/empregomania/> Acesso: 16 de janeiro de 2015.

²⁶⁶ *La escuela orientará, preferentemente, las actividades estudiantiles hacia las fuentes naturales de producción o fuerzas vivas de la tierra: las industrias madres: agricultura y ganadería, infundiendo con ahínco el sano amor de las Artes Manuales, y proclamando el respecto universal hacia el obrero del músculo, lo mismo que hacia el obrero del pensamiento. La humanidad. En la hora presente, necesita mucho más, artesanos hábiles que doctores sin oficio, y la empleomanía es hoy una plaga social* (Julio PICAREL, 2º Congreso Americano del Niño, 1919, p.66).

²⁶⁷ Idem.

A escola deve defender a importância das indústrias e fazê-las (os alunos) amarem-nas com interesse, porque elas são uma fonte inesgotável de energias muito úteis: e acima de tudo, porque elas marcam os caminhos do trabalho do dever, da moralidade, da poupança e da independência pessoal contribuindo poderosamente para a ascensão das nações.(idem, ibidem)²⁶⁸

O texto do Diretor Picarel possibilita que analisemos além de seu conteúdo, sua forma de apresentação, repleta de recursos que exortam as ideias que lhe são mais caras. Segue um fragmento de uma de suas páginas:

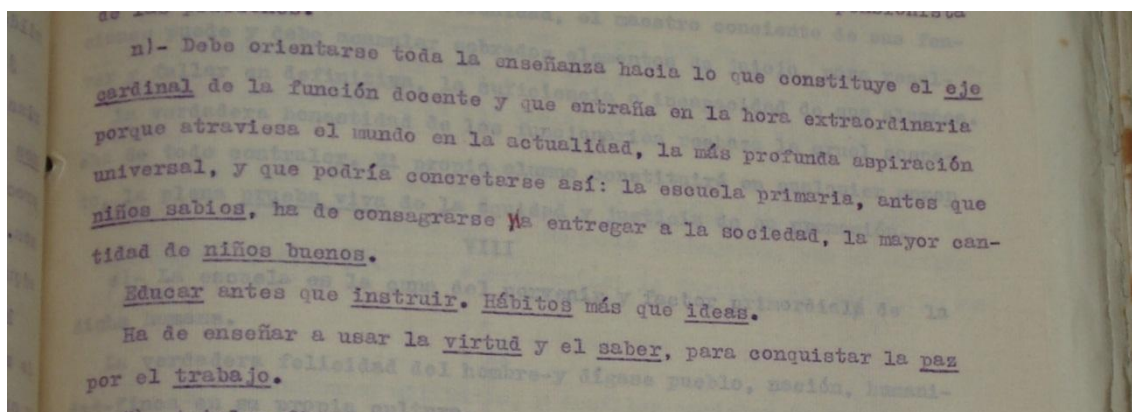


FIGURA 35 – FRAGMENTO DO TEXTO DE JULIO PICAREL. SEGUNDO CONGRESO AMERICANO DEL NIÑO, SESSÃO DE ENSEÑANZA, CARPETA 3, TOMO 7, MONTEVIDEO, 1919, P.67. FONTE: A AUTORA.

As palavras chave do texto aparecem sublinhadas e este fragmento, repleto delas, é bastante representativo de quanto a forma reforça o conteúdo, no qual a instrução vale menos que a educação, as ideias menos que os hábitos e a virtude e o saber são caminhos para encontrar a paz pela ferramenta do trabalho. À escola caberia dar à sociedade crianças boas e não crianças sábias. Voltamos aqui a nos deparar com as manifestações de desejo de controle por parte dos adultos que ensinam classificar as boas crianças como as trabalhadoras, limpas, ordeiras e adaptadas às necessidades e interesses de seu meio.

O caminho da formação prática com ênfase em uma educação menos intelectual e mais manual foi interpretado e levado à ação em muitos níveis,

²⁶⁸ La escuela debe preconizar la importancia de las industrias y hacerlas amar con interés porque ellas constituyen un manantial inagotable de energías utilísimas: y sobre todo, porque marcan los rumbos del trabajo del deber, de la moralidad, del ahorro y de la independencia personal, contribuyendo poderosamente al encumbramiento de las naciones (idem, ibidem).

mas este intento formativo parece pertencer ainda ao plano dos desejos e não das práticas escolares efetivas e amplas, pois grande parte dos congressistas que se dedicarão a falar do ensino profissional e da situação técnica dos menores e aprendizes que adentram o mundo do trabalho lamentarão o despreparo e a falta de vontade política por parte das escolas, das famílias e dos industriais e comerciantes em de fato estimularem uma formação profissional adequada às crianças e jovens:

A família Proletária, cheia de necessidades não pode entregar as crianças a aprendizagens demoradas. É preciso tirar imediata vantagem pecuniária do trabalho dos menores, embora furtando-os à escola e sacrificando-lhes aptidões. No fim de contas, pela indiferença do industrialismo e pela penúria das famílias, cresce o número e jovens inúteis ou inutilizados, que não passam de mãos aprendizes de várias artes e ofícios, e que, incapazes de ganhar honestamente a vida, vão precocemente engrossar as fileiras do exército do crime (MORAES, 1924, p.107).²⁶⁹

A discrepância entre prescrições e práticas será visível por todo o período, no que concerne ao trabalho, pois no mesmo congresso em que se levantam propostas pela educação da sensibilidade da criança²⁷⁰, por sua formação para a vida e pela obrigatoriedade do ensino escolar, também se apresentam propostas em direções opostas.

Um exemplo desta ausência de homogeneidade sobre o tema constará no projeto de lei²⁷¹ de autoria do Presidente da Cruz Vermelha do Brasil, General Thaumaturgo de Azevedo, pela Criação da Direção Central de Hygiene e Assistência pública e Privada no Brasil, que propunha a implantação de lei que obrigasse os menores trabalhadores (por ele entendidos como meninos e meninas a partir de 12 anos, exceção para crianças menores de 12 anos se “robustas” fisicamente) a frequentarem escola, que poderia ser estabelecida dentro da própria indústria, por tão somente duas horas ao dia, nos horários livres do tempo de trabalho.

Esse mesmo projeto de lei, sob a lógica de melhor fiscalizar o desempenho escolar e laboral da criança, sugere a implantação de uma

²⁶⁹ Evaristo de MORAES. 3º Congresso Americano da Criança, 1924, p.107

²⁷⁰ Genaro GIACOBINI. “La educación emotiva de la infancia”. Sessão de Ensenanza. 2º Congreso Americano del Niño, 1919, p.18 a 21.

²⁷¹ **Comitê Nacional Brasileiro do Primeiro Congresso Americano da Criança**, 1916, p.233.

carteirinha para cada menor trabalhador, na qual se registraria a sua frequência à escola e ao trabalho e seu desempenho em ambas as atividades; a carteirinha serviria para fiscalização dos empregadores e pais e se nela constasse falta à escola o menor teria 200 reis de seu salário descontado por dia de falta, valor a ser recolhido na *caixa escolar*.

Não foi possível localizar registros de que o projeto tenha sido votado e aprovado no Brasil, o que nos leva a crer que ele não saiu do papel. Mas é um documento que sinaliza a existência de uma interpretação quanto à relação entre trabalho e escola se apoiando mutuamente, ainda que numa relação de controle que torna a escola quase um castigo. O texto também dá mostras da resistência infantil em cumprir com a obrigatoriedade de frequência após a jornada de trabalho.

O tema da vigilância sobre a frequência e desempenho e da penalização por faltas ao trabalho nos remete às questões do exercício de poder disciplinar, que segundo Foucault (1987), são uma estratégia de investimento do poder sobre o corpo individual de uma forma detalhada e dirigida, buscando enquadrar as crianças à lógica produtiva dos aparelhos, “favorecendo o crescimento da utilidade do esforço laboral e do dimensionamento racional de seus resultados” (LEMOS; RODRIGUEZ & MONTEIRO, 2011, p.593).

Este aspecto do controle disciplinar é ainda mais claro ao relacionarmos o trabalho como forma de atendimento às crianças moral e materialmente abandonadas e nas práticas de correção de delinquência, nos tribunais de menores e institutos correcionais, que sob o lema da regeneração social pelo trabalho, faziam uso do trabalho infantil como panaceia para todos os males morais e sociais da infância numa perspectiva que será enaltecida, naturalizada mais do que criticada, na polifonia dos participantes dos congressos.

A universalização da representação do trabalho como lei moral superior, pela qual as sociedades evoluem e que exige o máximo de adesão dos membros da sociedade, que só através dele se tornariam úteis à coletividade, recebe uma ampla adesão desde a segunda metade do século XIX e povoará o imaginário político da América. O problema do ócio e do trabalho, quando se referia aos menores, não apresentava a questão somente do ponto de vista da produtividade, pois acenava para as implicações morais. O ócio, somado às

más influências, era identificado com a corrupção moral à qual estavam submetidos os menores.

A desocupação dos menores, desde as idades mais jovens, não era tratada tão somente como um problema social, e sim como um fenômeno moral também. Se o problema tinha esse envolvimento com a moral, o ócio e a rua eram responsáveis por produzir distorções de caráter que os comprometeriam. Há, neste problema moral, algo implícito: a individualização de um fato social, ou seja, não há uma avaliação que aponte para a marginalização como a eminente produtora dessas pessoas, mas, a transferência da responsabilidade da criminalidade e da mendicância para os indivíduos (FONSECA, 2007, p.8).

O já citado brasileiro Evaristo de Moraes apresentará um extenso trabalho no *Primer Congreso Americano del Niño*, no qual realiza um apanhado sobre os estudos acerca da Criminalidade da Infância e Adolescência, com base nos estudos de contemporâneos norte americanos e europeus e principalmente a partir das conclusões de diversos congressos internacionais, tais como o Primeiro Congresso Internacional de Psicologia em Paris, 1889, o Congresso de Stokolmo em 1878, o Congresso Penitenciário Internacional de Paris em 1895, o Congresso de Anthropologia Criminal de Amesterdã em 1901.

Nesses diferentes eventos o trabalho de crianças e jovens é indicado como uma das melhores formas para recuperar um menor que delinque e a educação correcional eficiente seria a que alia educação “ao nível das escolas elementares operárias, na maior simplicidade na alimentação, no vestuário, no alojamento e, sobretudo, na persistência e no maior cuidado nas questões de trabalho” (MORAES, 1924, p.107).

As instituições correcionais destinadas a receber menores órfãos, abandonados ou condenados por delinquência, deveriam ser, nessa lógica, espaços para a reforma pelo trabalho. Esse movimento, somado à necessidade premente de mão de obra simples em todos os setores produtivos dos países americanos, resultou em muitos casos em um empreendimento violento, no qual se capturava meninos que vagavam pelas ruas das cidades e que, sob pretexto de serem corrigidos, eram enviados

para Colônias Agrícolas e fazendas de particulares, nas quais sua força de trabalho era explorada em situações análogas a da escravidão.

Tratava-se de uma política voltada para ordenamento do espaço urbano e de sua população, por meio do afastamento dos indivíduos indesejáveis para transformá-los nos futuros trabalhadores da nação, mas que culminava no uso imediato e oportunista do seu trabalho. A história destes institutos mostra que o preparo do jovem tinha mais um sentido político-ideológico do que de qualificação para o trabalho, pois o mercado (tanto industrial quanto agrícola) pedia grandes contingentes de trabalhadores baratos e não qualificados (Rizzini, 2002, p. 380).

Embora boa parte dos trabalhos dos *Congresos Americanos del Niño* em estudo endossem tais medidas correcionais, algumas poucas vozes, quase sempre femininas, se manifestarão veementemente em contrário:

Há que se superar a fome dos pequeninos e nutrir suas almas. A sua exploração só leva à ruína, que é a ruína da própria sociedade. O convencimento de que o trabalho é uma virtude, é o que leva a essa exploração. Lei inexorável como é o trabalho não deveria ser apenas patrimônio dos pobres, mas sim daqueles privilegiados, a minoria exploradora que aponta a sua falange dolorida dizendo: "oh! Crianças! Trabalhai, porque isso é uma virtude" e, no entanto, se apoltronam satisfeitos sobre o sangue e a ruína do lar dos trabalhadores. E nas ruas se ouve o clamor rouco dos pequenos, pregoando suas mercadorias, com os pulmões gastos e os corações endurecidos, nas noites de dor e na glória das auroras (MENDOZA, 1919, p.33).²⁷²

A eloquência de Mendoza encontrará nos congressos outras vozes consoantes, no entanto a ideia de maior hegemonia será a de que o trabalho fabril, agrícola e doméstico dignifica e dá sentido à existência da criança pobre, que pela educação deveria não buscar mais e melhores maneiras de servir à lógica do mercado.

²⁷² Hay que vencer el hambre de los pequeños e nutrir sus almas. Su explotación no conduce más que a su ruina, es decir a la ruina de la propia sociedad. El convencimiento de que el trabajo es una virtud, es lo que conduce a dicha explotación. Ley inexorable como lo es el trabajo no debería solamente ser patrimonio de los pobres, sino de aquellos privilegiados la minoría explotadora, que ven pasar la falange dolorida diciéndole: "oh! Niños! Trabajad porque ello es virtud" – en tanto se apoltronan satisfechos sobre la sangre y ruina del hogar obrero. Y en las calles oyese el ronco vocerío De los pequeños que pregonan su mercancía, con los pulmones gastados y los corazones endurecidos, en el dolor de las noches y la gloria de las auroras (Angelica MENDOZA. 2º Congreso Americano del Niño, 1919, p.33).

O trabalho doméstico das meninas em especial será tratado com maior detalhamento no capítulo três desta tese, mas por ora é pertinente mencionar a prática de recolocação de crianças infratoras ou abandonadas em casas de família como empregados recorrente entre alguns países da América. Essas crianças, sobretudo meninas, eram usadas – e esse é o termo preciso – no serviço doméstico ou agrícola à troca de moradia e alimentação, sob pouca fiscalização da justiça. São muitas as denúncias de exploração, maus tratos e abusos sexuais, segundo relato de alguns congressistas, entre eles Carolina Muzilli:

O que dizer das crianças serventes? São muitas as que são entregues por juízes dos tribunais de menores para famílias que seriam incapazes de se permitir o luxo de ter empregados e então exploram crianças desta forma. Muitas vezes, conversando com algumas delas denunciaram para mim castigos corporais a que os seus "educadores" as submetem. Sei de muitos casos em que os vizinhos tiveram de intervir em defesa das crianças pobres. (...) Todas as crianças entregues pelos juízes de menores, que atendem famílias, estão em mau estado. Os meninos fogem, e as meninas ... quantas delas são vítimas dos "meninos" da casa! Meninas de treze e quatorze anos – até mesmo de doze eu vi na "maternidade" – vítimas dos caprichos dos seus patrões! Em seguida, as entregam de volta para o juiz, "porque não se pode com elas, dão maus resultados" (MUZILLI, 1916, *La Vanguardia*, p.1).²⁷³

Em se tratando do trabalho das meninas o fantasma da ociosidade, temido em relação aos meninos, assumirá uma face mais carregada: o medo de que o ambiente da rua e do trabalho as possa levar à degeneração moral ou mesmo à prostituição, dada a possibilidade de estarem em contato direto com homens de diferentes idades.

Mesmo dentre alguns dos defensores da prática da recolocação de menores em famílias "probas", como o brasileiro Evaristo de Moraes, pairará esse temor pela integridade moral e física das meninas. Ele recorda, na seção

²⁷³*Que decir de los niños sirvientes? Son muchos que los jueces de menores entregan a aquellas familias y que no pudiendo permitir-se el lujo de sirvientes explotan a los pequeños en este sentido. Muchas veces, hablando con algunos de ellos me denunciaron castigos corporales a que sus "educadores" le someten. Conozco muchos casos en que vecinos han tenido que intervenir en defensa de estos pobres niños (...) Todos los niños entregados por los jueces de menores al servicio de familias, están en malas condiciones. Los varones se fugan, y las niñas...cuantas de ellas son víctimas de los "niños" de la casa! Niñas de trece y catorce años- hasta de doce he visto en la "Maternidad" – son víctimas de los caprichos de los patrones! Luego las entregan de nuevo al juez "porque no se puede con ellas, dan malos resultados" (Carolina MUZILLI. Por qué el trabajo de los niños no beneficia a la sociedad ni económica ni moralmente" in **La Vanguardia**, Buenos Aires, Jueves, 13 julio de 1916, p.1).*

de Sociologia e Legislação do Terceiro Congresso Americano da Criança, um “caso deveras acabrunhador para a justiça”, no qual uma menina cuja mãe foi julgada moralmente incapaz de criá-la foi entregue para trabalhar e residir na casa de “velho e probo funcionário do tesouro Federal”, e que depois de ter sido estuprada pelo filho de seu depositário definhava “roída de sífilis no lamentável asilo policial de S. Cristovão” (MORAES, 1924, p.107). A solução para esse problema não é apontada nas conclusões do trabalho de Evaristo de Moraes, apenas é sugerida a medida preventiva de “intensificação do ensino profissional feminino” e a fundação de mais “recolhimentos, destinados às meninas pobres, quer sejam órfãs, quer sejam abandonadas...” (MORAES, 1924, p. 80).

O maior contraponto à mensagem de posituação do trabalho será encontrado nas menções e trabalhos sobre a saúde das crianças que trabalham ou que são filhos da classe trabalhadora (o que quase sempre implica em estarem trabalhando também). Tais menções nem sempre aparecem como crítica direta ao trabalho de menores e são matizadas por condicionantes diversos e de flexível interpretação: em geral não se condena o trabalho, mas o excesso de trabalho, não se critica a permanência da criança na fábrica, mas a criança em fábricas que ofereçam más condições (as quais não são claramente especificadas):

A vida sem trabalho, acariciado ideal de alguns extremos socialistas, como Laforge, não merece o beneplácito da ciência, é contraproducente por antifisiológica. (...) O que merece do higienista guerra sem trégua é o excesso de trabalho, o seu exercício desregrado e malsão, a torpe, desumana e estúpida exploração industrial do operário até a ruína da saúde (RODRIGUES, 1916, p.135).²⁷⁴

O trabalho infantil e suas questões surgirão também como um problema prático de saúde pública a ser controlado em alguns detalhes. O trabalho do pediatra brasileiro Moncorvo Filho (1907) sobre a tuberculose nas coletividades infantis é exemplo disso; ele não foi levado a nenhum dos três congressos, mas se tornou referência e é citado em trabalhos de outros congressistas no

²⁷⁴ Marcelino RODRIGUES, **Primeiro Congresso Americano da Criança**, 2º Volume, Rio de Janeiro, 1916, p.135.

primeiro e terceiro congressos.²⁷⁵ O trabalho baseou-se em estatísticas recolhidas sobre a saúde de empregados em duas oficinas do Estado: a Casa da Moeda e a Imprensa Nacional, que empregavam crianças órfãs e desvalidas dos asilos e casas de recolhimento do Rio de Janeiro.

Moncorvo Filho detectou, em uma inspeção sanitária, que mais de 70% das crianças que lá eram empregadas estavam tuberculosas e que morriam um ou dois adolescentes trabalhadores dessas casas pela doença todo mês. O impacto da pesquisa se deveu ao índice altíssimo, colocado claramente na imprensa e também aos resultados obtidos no controle da mortalidade por tuberculose, zerado depois de adotadas por essas oficinas as medidas sanitárias solicitadas pelo pediatra.

Se em uma oficina urbana do Estado a situação de órfãos e desvalidos como empregados apontava para tais índices de morbidade e mortalidade elevadíssimos podemos aventar que a situação da saúde e segurança das crianças nas grandes fábricas ou fabriquetas, nas propriedades rurais e comerciais América adentro seria de fato acabrunhante.

As medidas – ou meias medidas – discutidas nos congressos pela regulamentação do trabalho infantil possuem as variações inerentes às situações específicas de cada país. Enquanto países como o Uruguai e Argentina levaram propostas de elevação da idade mínima para o trabalho industrial de doze para quatorze anos, haverá trabalhos propondo a regulamentação do emprego de crianças em obras subterrâneas e subaquáticas, por exemplo.²⁷⁶

No entanto, a diversidade de realidades deixa indícios de que as questões levadas a debate, em alguma medida, fomentaram discussões internas em alguns países que, sob o influxo das ideias em circulação, repensaram suas políticas nacionais, ou ao menos conseguiram enxergar com outras miradas essas crianças trabalhadoras quase sempre tão pouco visíveis.

²⁷⁵ Citado por Taciano Antonio Basilio na seção de Direito do Primer Congreso Americano del Niño, Primeiro Congresso Americano da Criança, 4º Boletim, Rio de Janeiro 1916, p.219 e pelo próprio autor nas discussões da sessão de Higiene, no dia 2 de setembro de 1922 durante Terceiro Congresso em debate técnico com Afrânio Peixoto sobre a criação de escolas ao ar livre para as crianças pretuberculosas. **Terceiro Congresso Americano da Criança e Primeiro Congresso Brasileiro de Proteção à Infância**, 6º boletim, Rio de Janeiro, 1924. p. 234.

²⁷⁶ Thaumaturgo de AZEVEDO. 1º Congresso Americano da Criança, 1916, p.247.

2.3.2 “Uma nota de alacridade na paisagem citatina”: os canillitas e a potência da infância

Em diferentes momentos desta tese abordamos a preocupação dos adultos do início do século XX quanto às ameaças das ruas sobre a formação de caráter nas crianças que nela brincavam e trabalhavam. O fato de uma criança circular pela cidade com alguma liberdade nas ruas, via de regra era visto como um movimento imediatamente anterior à degradação moral e à entrada no mundo da criminalidade e o trabalho de crianças nas ruas era, num cenário que ainda aceitava bem que crianças estivessem trabalhando, criticado e em certa medida combatido.

Mas haverá uma categoria que será citada com a maior frequência e sobre a qual as opiniões oscilarão entre a naturalização de sua função, a piedade e o reconhecimento de sua importância para o funcionamento da imprensa: os jornaleiros (papeleros ou canillitas, como são conhecidos na Argentina, Bolívia e Uruguai e muitos outros países da América Latina).

Mientras algunas actividades callejeras infantiles fueron estigmatizadas, como la de los boleros o canasteros, que se consideraron ligadas al robo, la vagancia y la criminalidad, otras, como la de los “papeleros”, aquellos que trabajaban como voceadores y vendedores de periódicos, fueron una de las actividades más populares y una ocupación usual de la infancia pobre citadina, los papeleros fueron el grupo más grande y significativo de los vendedores callejeros infantiles (SOSENSKI, 2010, p.1249).

Estas informações de Sosenski concernentes à realidade mexicana no início do século XX correspondem a realidades similares em outros países americanos e latino americanos, nos quais as crianças jornaleiras fizeram parte fundamental de uma transformação produtiva importante no campo da imprensa e se tornaram verdadeiros símbolos da moderna forma de levar a notícia à população.

Ainda que alguns enxergassem o jornaleiro como uma categoria às portas da criminalidade (“começam como camelots, passam a venda de jornais e chegam a pivets perigosos capazes de toda sorte de degradações”

(GONÇALVES, 1924, p.457)²⁷⁷ para a maioria da população, com o apoio positivo da imprensa, esses meninos (e meninas em menor quantidade) eram uma parte fundamental da dinâmica da cidade modernizada.

Os jornaleiros nos oferecem uma oportunidade especial de reflexão sobre as representações de infância no período, pois seu protagonismo e “utilidade” os tornavam essenciais para a vida cultural, comercial e política nas cidades. A natureza de seu trabalho, que os deixava expostos em suas carências e também em seu vigor e potência, compondo o cenário da cidade, tornava esses meninos um pregão vivo anunciando que mesmo sob todos os discursos e aparelhos colocados em ação no período para reger e homogeneizar a infância pobre, havia algo de vivaz e insubmisso que podia escapar ao controle.

Ao mesmo tempo o menino maltrapilho trabalhando na rua, aos gritos, expunha a situação da criança pobre sem a barreira das paredes de fábricas e oficinas que mantinham crianças trabalhadoras em obscuro e discreto silêncio.

Muito perto de um dos arquivos em que trabalhei no levantamento de fontes para esta tese em Montevideu, na esquina das Ruas Colônia e Eduardo Acevedo, a estátua de um adolescente garboso, vestido de maneira simples mas elegante, segurando um maço de jornais me chamou a atenção.

²⁷⁷ A. GONÇALVES. 3º Congresso Americano da Criança, 1924, p.457.



FIGURA 36 – EL CANILLITA (CHIHAN, AMADO, 1977). ESTÁTUA DE BRONZE EM BASE GRANITO. INAUGURADA EM HOMENAGEM AOS MENINOS VENDEDORES DE JORNAIS NO ANO DE 1977, MONTEVIDEU, URUGUAI. FONTE: A AUTORA.

A escultura em bronze é uma homenagem aos “canillitas”. Fotografei a estátua como turista e só depois de meses na cidade, encontrando ocasionalmente mais monumentos que homenageavam a categorias profissionais ligadas à identidade do Uruguai do século XIX e XX, refleti sobre as razões da existência daquela estátua no centro de Montevidéu.

As estátuas são objetos em muito ligados à configuração moderna das cidades e desponta em muitas delas como uma afirmação da nova ordem humanista e liberal (AGULHON, 1994, p. 125) que colocará em destaque não apenas heróis e alegorias aos valores e efemérides das nações, mas também cidadãos comuns:

Ideia de que um homem, um homem ordinário, que sem pertencer a uma sacralidade religiosa ou monárquica possa ser tão grande que mereça esta espécie de heroicização é em si mesma uma ideia humanista; (...)estamos pois ante uma ética do humano e do

despontar de uma pedagogia através do homem ilustre (AGULHON, 1994, p.125).

Agulhon está se referindo especificamente à proliferação e estátuas na França entre o final do sec. XIX e início do sec. XX, mas sua análise nos ajuda a entender a dimensão “ideológica” que a estátua de uma criança, não representada com os caracteres infantis mais apregoados (a doçura, a inocência) pode assumir e que nos acostumamos a ver nas estátuas. O que vemos no canillita uruguaio é a representação de uma criança não enquanto ser vulnerável e passivo, mas como representante de um grupo que por seu trabalho e modo de sociabilidade conquistou certa autonomia e deixou uma marca evidente na constituição da cidade.

A estátua que data de 1977 é uma homenagem à memória desta categoria de trabalhadores que desde a virada do séc.XIX para o XX fez parte da vida da cidade de Montevideú.

A estátua do jovem jornalista nos ajuda a dimensionar o papel que esses meninos trabalhadores desempenhavam junto à imprensa e à economia urbana e a compreender uma parte das representações sobre esse trabalhador, oportunizando vislumbrar com maior clareza um exemplo da ação efetiva de crianças interferindo com intensidade nas esferas da vida social de sua comunidade.

O termo canillitas foi cunhado pelo dramaturgo uruguaio Florêncio Sanchez que, residindo na Argentina, trabalhava em jornais e conhecia de perto o cotidiano dos meninos que se dedicavam a pregoarem as edições pelas ruas das cidades. Florêncio Sanches escreveu um musical, que estreou em 1903, cujo protagonista era “Canillita” um menino de 15 anos, pobre, esperto e maltrapilho que, andando por toda a cidade com suas calças já curtas e suas canelas de fora, sustentava a família vendendo jornais. A peça foi um sucesso e o termo canillitas²⁷⁸ se tornou popular, passando a designar os meninos jornalheiros e em pouco tempo passou a ser empregado para todos os vendedores de jornal na Argentina e Uruguai, adultos ou crianças, ambulantes ou com bancas fixas, nomeando a toda uma categoria e, posteriormente, ao seu sindicato.

²⁷⁸ Canelas finas.

Se pensarmos na amplificação do termo, em uso por países em toda América Latina, não é um feito menor o papel desempenhado por esses meninos que em suas funções colocavam em funcionamento uma importante engrenagem da vida econômica, cultural e política da cidade. No entanto, sem perder de vista esse protagonismo, é importante voltar à figura da estátua e relativizarmos a imagem idealizada do menino com seus jornais.

Se o jornaleiro usufruía de certa consideração nas representações da imprensa da época e de algumas parcelas da sociedade, não faltaram também outros olhares sobre a prática desses trabalhadores de todas as idades, que nas palavras de Carolina Muzilli:

Vivem em contato imediato com as classes sociais mais baixas e são o braço direito do jornalismo local. Comem onde podem, dormem onde os surpreende o sono. (...) Eu os vi, alguns com cerca de sete ou oito anos às quatro da manhã carregando pacotes de jornais e revistas. Entre eles não faltam meninas já envolvidas neste trabalho árduo e difícil. Muitos destes jornaleiros acabam inválidos devido a acidentes ou quedas dos bondes. Como protestos vivos continuam, mesmo após a invalidez, na venda de jornais. As penas e martírios daquelas crianças, suportados com o estoicismo dos experientes, são inauditas (MUZILLI, *1º Congreso Americano del Niño*, 1916, La Vanguardia, p. 2).²⁷⁹

Esta citação de Muzilli e seu conteúdo de denúncia se assemelha a outras representações presentes em diferentes referências culturais em países diversos sobre a situação das crianças jornaleiras. O fotógrafo norte americano Lewis Hine, cuja obra fotográfica documentando e trazendo à vista a situação da criança trabalhadora nos Estados Unidos nas primeiras décadas do Sec. XX foi impactante na mudança na legislação do trabalho infantil em seu país, fez uma série de registros da situação dos pequenos jornaleiros nos Estados Unidos. Nos seus registros a mesma situação denunciada por Carolina Muzilli: “Comem onde podem, dormem onde os surpreende o sono...”

²⁷⁹ Viven en contacto inmediato con las clases de los bajos fondos sociales y constituyen la mano derecha del periodismo local. Comen donde pueden y duermen donde el sueño los sorprende. (...) Los he visto, algunos de siete y ocho años, a las cuatro de la mañana cargando paquetes de diarios y revistas. Entre ellos no faltan niñas que ya se dedican a este duro y penoso trabajo. Muchos de estos canillitas quedan inválidos a raíz de accidentes y caídas de los tranvías. Como protestas vivientes prosiguen aún después de la invalidez en la venta de diarios. Las penas y martirios de estos niños, soportadas con estoicismo de los avezados, son inauditas (Carolina, MUZILLI. *Primer Congreso Americano del Niño*. “Por qué el trabajo de los niños no beneficia a la sociedad ni económica ni moralmente” en La Vanguardia, Buenos Aires, Jueves, 13 julio de 1916, p. 2).



FIGURA 37 – “NEWSBOY ASLEEP ON STAIRS WITH PAPERS, JERSEY CITY, NEW JERSEY”. AUTOR: LEWIS HINE DATA: FEVEREIRO DE 1912. FONTE: THE METROPOLITAN MUSEUM OF ART, COLECCTION ON LINE.²⁸⁰

O menino jornaleiro norte americano retratado por Lewis Hine, dormindo sobre a pilha de jornais em uma escadaria de New Jersey lembra em sua fragilidade e força os outros meninos que “não moram, mas dormem como animais exaustos nas soleiras das portas, nos terrenos baldios, nos cantos excusos das vielas desertas”²⁸¹.

Na estátua da Praça Tamandaré, na cidade de Rio Grande, Rio Grande do Sul, a homenagem à imprensa é ironicamente – na minha leitura, mas não creio que na do autor da obra – a imagem do jornaleiro extenuado, descalço, em poucas roupas, dormindo sentado.

²⁸⁰ Disponível em: <http://www.metmuseum.org/collection/the-collection-online/search/283260>

²⁸¹ Jornal Folha da Noite, São Paulo, 21 de janeiro de 1932. <http://acervo.folha.com.br/fdn/1939/01/21/1/>. Acesso: novembro de 2013.



FIGURA 38 – HOMENAGEM À IMPRENSA, (GOBBI, ÉRICO, 1976). ESTÁTUA EM MÁRMORE NA PRAÇA TAMANDARÉ, RIO GRANDE, RS, BRASIL. FONTE: COMPANHIA ARTE.²⁸²

O fato de podermos localizar estátuas referentes aos jornalheiros em diferentes cidades da América Latina leva à ideia de que esta categoria de trabalhadores infantis foi icônica em muitos sentidos ao ponto de sua representação material sob a forma de monumento idealizado ou não, populista ou não (AGULHON, 1989, p.121), poder ser entendida como o "lugar de memória" de NORA (1981) que se configura num elo material estabelecido com o passado por meio de expressões simbólicas.

Assim, a memória do canillita será evocada por estas estátuas, como uma homenagem, um sinal de reconhecimento público de seu papel, e trará marcas ideológicas que se refletem nas obras que apresentarão um espectro amplo no qual contrastam o orgulhoso e belo canillita da estátua uruguaia e o extenuado jornalheiro da praça no Rio Grande do Sul.

Dentre as estátuas que localizei em diferentes cidades latino americanas o canillita uruguaio constitui-se uma exceção do ponto de vista da forma escolhida para sua representação, o que se entende se pensarmos esta estátua no conjunto com as demais que estão profusamente espelhadas pela

²⁸² Disponível em: <http://companhiaarte.blogspot.com.br/2010/09/vista-geral.html>. Acesso: novembro 2013.

cidade com representações sempre muito idealizadas de pescadores, operários, professoras, professores, agricultores. O canilitta nesse contexto é parte do expediente uruguaio de afirmação de identidade e culto aos seus trabalhadores heroicizados simbolicamente.

Vejamos abaixo a estátua instalada em homenagem aos canilittas na Bolívia:



FIGURA 39 – CANILLITA,. PRAÇA EL CANILLITA, SANTA CRUZ DE LA SIERRA, BOLÍVIA. AUTOR: DAVID PAZ RAMOS, DATA:1991. FONTE: SOY SANTA CRUZ.²⁸³

Os jornaleiros da estátua boliviana são de uma força expressiva impressionante. Ainda que descalços e mal vestidos, são meninos de corpo forte, rosto sério e expressão determinada, retratados em atitude afirmativa e impetuosa. Aos seus pés se pode ler na placa a palavra “O dever”, nome do jornal que patrocinou o monumento na Plaza Los Canillitas, e que também denuncia mais uma das representações sobre o papel dos trabalhadores

²⁸³ Disponível em: <http://www.soyasantacruz.com.bo> Acesso: novembro de 2013.

menores cumprindo seu quinhão de esforço pelo bom funcionamento da civilização. Complementando essa imagem segue um trecho da letra do tango cantado na peça musical de Florêncio Sanchez(1903):

Soy canillita
gran personaje
con poca guita
y muy mal traje
Muy mal considerado
por mucha gente
soy bueno
soy honrado
no soy pillete
y para un diario
soy un elemento
muy necesario.²⁸⁴

No Rio de Janeiro encontra-se a última estátua de jornaleiro que analiso:

²⁸⁴Fonte: Todo tango: Tango Argentino.

<http://www.todotango.com/spanish/biblioteca/cronicas/canillita.asp>. Acesso: novembro de 2013.

Acesso: novembro de



FIGURA 40 – O PEQUENO JORNALLEIRO (MOTA, ANÍSIO (FRITZ).RIO DE JANEIRO, 1933). BRONZE SOBRE BASE DE GRANITO. INAUGURADA EM PRIMEIRO DE JUNHO DE 1933, COM A PRESENÇA DO PREFEITO E ALUNOS DA REDE PÚBLICA NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO – BRASIL. FONTE: RIO QUE PASSOU.²⁸⁵

A estátua “O Pequeno Jornaleiro” é talvez a mais dramática dentre as que localizei. O menino maltrapilho, magro e de aparência sofrida, grita seu pregão. A obra foi o primeiro passo publicitário numa longa e ampla campanha do governo municipal do Rio de Janeiro em favor dos meninos jornaleiros, campanha esta que surgiu após a publicação de uma entrevista com o compositor e pintor Heitor dos Prazeres no jornal *A Noite* no dia 23 de Setembro de 1931, na qual Heitor relata as agruras de sua infância miserável de jornaleiro e engraxate. O jornal publicou junto à entrevista a letra do samba “Jornaleiro” de autoria de Heitor e uma onda de comoção foi gerada entre os leitores, o que culminou numa campanha filantrópica em favor dos meninos jornaleiros, inaugurada com a estátua de Anísio Mota, inspirado pela letra do samba:

Olha A Noite,/ Olha A Noite,/

Eu sou um pobre jornaleiro,/Que não tenho paradeiro,/

Ai, ninguém tem vida assim,/

²⁸⁵ <http://www.rioquepassou.com.br/2008/11/21/estatua-do-pequeno-jornaleiro/> Acesso: novembro de 2013.

Digo adeus a toda gente,/As vezes fico contente,/

Ninguém tem pena de mim.

(...)

Olha A Noite,/Olha A Noite./

Quando o sol vai se escondendo,/Eu vou me entristecendo,/

Porque tenho coração,/Vivo sempre amargurado,/

Como as folhas a meu lado,/ cumpri com a minha missão.

E entre muitos monumentos: estátuas, tangos, fotografias, sambas, poemas, filmes e peças teatrais, o papel das crianças vendedoras de jornais entra no imaginário cultural da América, mantendo sempre a ambivalência entre o menino que “ganha a sua vida – ou melhor, perde aos poucos a sua vida – na labuta ingrata de vender jornais”,²⁸⁶ mas que ainda assim é a “nota de alacridade na paisagem citadina: trepados nos estribos dos bondes (...) surgindo aqui e ali, por toda parte com seu pregão jovial, são eles indubitavelmente um complemento indispensável da civilização e progresso.”²⁸⁷

Se empreendo aqui esta leitura sobre a inserção dos meninos jornaleiros naquele momento histórico em alguns países americanos, não é apenas pela irresistível e confessa simpatia despertada pelas aventuras dessas pessoas, mas também por entendê-los como elementos especialmente significativos na compreensão da “alteridade” infantil que muitas vezes fica encoberta nas fontes e análises históricas. Vejo no realismo dos canilittas o paralelo mais nítido com as crianças ficcionais que abriram este capítulo: como Peter Pan e os meninos perdidos sobrevivendo à Terra do Nunca, estavam eles em sua “alteridade radical”, como diz Larrosa (1998), escapando como podem às medidas, projetos e dispositivos de poder dos adultos.

²⁸⁶ **Jornal Folha da Noite**, São Paulo, 21 de janeiro de 1932.

<http://acervo.folha.com.br/fdn/1939/01/21/1/>. Acesso: novembro de 2013.

²⁸⁷ Idem.

3 EDUCAÇÃO E ESCOLARIZAÇÃO EM DEBATE NOS PRIMEIROS CONGRESSOS DA CRIANÇA

O momento histórico no qual se darão as primeiras edições dos *Congresos Americanos del Niño* (1916-1922) foi marcado pelo forte apelo à construção e coesão nacional, mesclado às incertezas e possibilidades trazidas pela Primeira Guerra e aos esforços das Américas por assunção no cenário das relações políticas, culturais e econômicas exteriores. Naquele contexto a ideia da educação – identificada fortemente à da escolarização – como ponte para civilização e integração das populações será cara ao intento de unidade e progresso, que se refletirá tanto nos projetos nacionais como nos planos mais ambiciosos de integração interamericana, como discutimos no capítulo um desta tese.

A ideia sobre educação contemplada no período em estudo, na maior parte das vezes, envolvia atributos vários e a escolarização, sobretudo primária, era concebida como a mais eficaz forma de oferecer a complexidade de saberes, modelos e atitudes às crianças:

(...) a escola primária deveria investir, concomitantemente, na instrução e educação das crianças. Desse modo, além dos saberes específicos das matérias escolares, que estariam mais ligados à instrução ou aos aspectos intelectuais que se deveriam ensinar ao aluno/criança, por exemplo, ler e escrever, de igual modo, deveriam prevalecer os princípios da boa educação. Estes eram estreitamente relacionados aos comportamentos que o aluno/criança deveria incorporar – hábitos, condutas, atitudes, também por meio dos bons princípios da higiene – desde os seus primeiros contatos com a escola para se tornar um cidadão sadio à nação (Hoeller e Souza, 2007, p.196).

Instruir e educar, transmitir saberes e em igual medida introjetar comportamentos, esta seria a tarefa da escola dentro de um projeto maior de nação. A temática educativa será, por conseguinte, importante centro de atenção também nos primeiros congressos americanos da criança, que se ocuparam de pensar não apenas o bem estar, mas também o governo da infância.

Os trabalhos apresentados, os votos propostos e debates travados nas primeiras edições dos *Congresos Americanos del Niño* evocam frequentemente problemas, propostas e representações acerca da educação como caminho para a unificação nacional e intercontinental, como meio de desenvolvimento e avanço econômico e cultural.

É pertinente nos lembrarmos de que a organização desses congressos se dava em seções específicas dentre as quais uma se dedicaria exclusivamente à educação. No primeiro e terceiro congressos (1916 e 1922, respectivamente), a seção dedicada essencialmente às questões de educação e escolarização foi identificada como *Sección de Educacion*, no segundo congresso, em 1919 a seção recebeu o nome de *Seccion Enseñanza*. Tal entrelaçamento de termos exprime o quão forte era a identificação entre estas duas ideias, tomadas frequentemente como equivalentes e, com menos frequência, como complementares, considerando a pequena presença de congressistas que se refiram positivamente a outras instâncias de educação da criança, como a família e a comunidade.

Não obstante essa compartimentalização dentro da organização dos eventos, observa-se que as ideias acerca da educação perpassarão os trabalhos de Sociologia, Direito, Medicina, Assistência, Higiene. São *apropriadas*²⁸⁸ não apenas por professores e pedagogos, mas por uma rede de profissionais (advogados, médicos, psicólogos, filantropos, ativistas sociais) que circundam a infância naquele momento. A educação está presente na indicação das carências e das soluções para o desenvolvimento e coesão dos países e das populações.

Assim, ao dedicar este capítulo a alguns dos aspectos discutidos sobre a educação *del niño americano* apresentada nos congressos, não me restringi aos debates da seção de Educação ou *Enseñanza*, buscando também captar os diferentes, ou por vezes muito similares, olhares sobre a temática na totalidade das seções dos três eventos.

Nos primeiros *Congresos Americanos del Niño*, para além das discussões acerca dos princípios e fins da educação, serão levados às plenárias debates sobre os meios, os sujeitos e os processos pelos quais o intento de educar e escolarizar as crianças poderia ser atingido.

²⁸⁸ Para Roger Chartier, a apropriação “visa a uma história social dos usos e das interpretações, referidas a suas determinações fundamentais e inscritas nas práticas específicas que as produzem.” Neste sentido, atentar para o uso da ideia de *educação* entre os diferentes grupos profissionais, ou de indivíduos com diferentes visões de mundo, nos permite entender os movimentos de recepção, elaboração e apropriação dessa categoria, que pode parecer completamente homogênea e naturalizada quando diluída em um discurso, mas que revela diferentes produções de sentido quando analisada na “descontinuidade das trajetórias históricas” (CHARTIER, 1991, p. 180).

Os detalhes e nuances sobre o que materialmente movia as preocupações dos que discutiam a educação no período são lampejos que possibilitam uma incisão mais funda nos discursos por vezes muito gerais e totalizantes, e nos permitem identificar algumas especificidades, contradições, demandas de grupos diferentes envolvidos no processo.

O intento foi perceber as manifestações da escolarização presentes nos congressos, articulando-as às especificidades desse lugar, no qual os delegados de diferentes países buscavam exprimir o que de melhor havia em suas práticas escolares, bem como seus anseios e projetos.

Neste sentido, procurei entender os congressistas como os “praticantes” de Certeau, aqueles que ao produzirem e/ou se apropriarem de determinadas representações sobre a educação, colocam em movimento práticas, aparelhos, utensílios que corroboram ou resistem aos discursos. E que, na “curiosa circularidade” (CERTEAU, 2008, p.241) entre os discursos e as ações, são parcela importante na credibilidade de um modelo educacional.

Esses praticantes entre os múltiplos interesses que apresentarão em torno da educação, farão menções a ideias pedagógicas, defenderão métodos, sugerirão a inserção de saberes e disciplinas escolares, debaterão sobre a educação de meninas, sobre as creches e jardins de infância e sua função.

Enfim, a célebre citação de Julia (2001) que afirma que “o historiador faz flecha com qualquer madeira” se tornou, no contexto das fontes aqui mobilizadas, uma provocação às avessas, dada a qualidade e variedade da madeira que pude encontrar e que se apresentou à análise de maneira quase ostensiva e intimidadora. Foi necessário e doloroso crivar os temas sobre os quais aprofundar o olhar.

“Quando o documento se anima a ponto de levar a crer que ele se basta a si mesmo, sobrevém inevitavelmente a tentação de não se desgrudar dele” (FARGE, 2009, p. 73); contra o canto da sereia desta série de documentos opulenta me socorreu o alerta de Farge, para que me acautelasse e interrogasse a fonte para dela buscar extrair mais do que seu reflexo.

O enfrentamento e análise das questões da escolarização, expressas de maneira pulverizada nos congressos, exigiu que os temas fossem selecionados e agrupados. Nesse sentido o foco recaiu sobre os seguintes aspectos da educação e escolarização expressos nos congressos:

- Pressupostos acerca da escolarização, obrigatoriedade escolar e Estado docente na América Latina a partir dos debates nos congressos;
- Alguns dos saberes tomados por fundamentais e valorizados em projetos pela sua inserção e implementação nas escolas, a saber: a alfabetização, a higiene, a ginástica, a puericultura e a polêmica inserção da Educação Sexual como saber escolar;
- A circulação e apropriações sobre métodos pedagógicos pela América e América Latina na forma em que são citados em trabalhos dos congressos
- Aspectos da educação feminina
- Aspectos da educação e cuidado da pequena infância fora do lar.

3.1. ESTADO E EDUCAÇÃO NA AMÉRICA LATINA DO INÍCIO DO SÉCULO XX: “CIMENTANDO O FUTURO DA AMÉRICA DESDE OS BANCOS DA ESCOLA”

O pediatra e Diretor do Corpo Médico Escolar argentino Genaro Sisto, inicia seu trabalho *Accion vinculadora y solidaria de la escuela publica y el Pueblo*, apresentado na seção de *Higiene y Asistencia* do *Segundo Congreso Americano del Niño* afirmando que

Em todos os países civilizados, a escola pública é o centro da cultura com caráter oficial ou privado no qual o país molda o seu futuro e sua grandeza moral. (...) A escola penetrou no espírito público com tal pujança, que, em muitos países, adquiriu a força de um problema nacional apaixonante, e é de se desejar e aspirar que todos os agrupamentos civilizados da terra o compreendam e sintam assim, pois exaltar-se, animar-se, apaixonar-se pela escola e pela cultura humana, é lutar pelo aperfeiçoamento individual, pelo progresso geral e pela realização de uma vida melhor, fundada na mais humana concepção dela mesma. É por isso que, em toda terra, os países que melhor compreendem a importância da escola como fator de civilização lutam para melhorar e aperfeiçoar esta instituição (...) a fim de fazer dela o melhor e mais completo mecanismo de nossa grandeza e de nossa força moral (SISTO, 1919, p. 442).²⁸⁹

²⁸⁹ *En todos los países civilizados, la escuela pública es el centro de cultura con carácter oficial o privado en donde el país plasma su porvenir y su grandeza moral.(...) La escuela ha penetrado en el espíritu público con tal pujanza, que, en muchos países ha legado a adquirir la fuerza de un problema nacional apasionante y es de desear y aspirar a que todas las agrupaciones civilizadas de la tierra lo comprendan e sientan así, pues exaltarse, entusiasmarse, apasionarse por la escuela y la cultura humana, es luchar por el*

A presença da defesa da escola por um médico, e dentro de uma seção reservada para debater higiene e assistência, não representa uma quebra de padrão ou um dado de exceção. O debate sobre a escola encontra-se, no início do século XX, no terreno de diferentes especialidades, que em grande parte defenderão, como Dr. Genaro Sisto, a incorporação da escola como principal elemento para o desenvolvimento e unificação interna dos países e atribuirão ao Estado a responsabilidade por possibilitar sua expansão e universalização.

“Exaltar-se, animar-se, apaixonar-se pela escola e pela cultura” é uma missão que, na visão de Genaro Sisto, caberia a todos em um “agrupamento civilizado”, assim como ao Estado (entendido aqui como parte fundamental do “espírito público”) cabe o importante papel de promotor e difusor da escola. Os benefícios dessa escolarização e cultura só poderiam ser plenamente experienciados se a coletividade da nação se deixasse sensibilizar por esse entusiasmo e fé na instrução. O autor seguirá afirmando que para além do benefício que a escola claramente traz à criança, ela realiza “por extensão cultural, uma ação no Povo”²⁹⁰, promovendo a expansão geral e coesão das nações.

As ideias de exaltação, paixão, animação, expressas no texto do congressista, podem nos remeter à clássica e muito citada passagem do livro “A formação das almas” na qual José Murilo de Carvalho (2008), tratando dos expedientes simbólicos que visavam a legitimar a revolução francesa junto à população, cita Mirabeau:

Mirabeau disse-o com clareza: não basta mostrar a verdade, é necessário fazer com que o povo a ame, é necessário apoderar-se da imaginação do povo. Para a revolução, educação pública significava acima de tudo isto: formar as almas (CARVALHO, 2008, p. 11).

A perspectiva de “formar almas” através da adesão da população à educação pública parece estar contemplada em diversos projetos de escolarização dos países americanos e latino americanos no início do séc. XX.

perfeccionamiento individual, por el progreso general, por la realización de una vida mejor, fundada en la más humana concepción de la misma. Es por esto que en toda la tierra los países que mejor comprenden la importancia de la escuela como factor de civilización, pugnan por mejorar, y perfeccionar esa institución (...) a fin de hacer de ella el mejor y más completo mecanismo de nuestra grandeza y de nuestra fuerza moral (...) (Genaro SISTO. 2º Congreso Americano del Niño, 1919, p.442).

²⁹⁰ *La escuela además de esta función esencial que se refiere al niño realiza, por extensión cultural, una acción en el pueblo* (Idem, p.443).

Esta afirmação deve ser entendida numa perspectiva não homogeneizante, como aponta Kuhlmann JR. (2006), que reflete sobre o equilíbrio sutil entre tomar a expansão e absorção de um modelo de escolarização em diferentes países como um fenômeno retilíneo, naturalizado e independente. A difusão internacional de princípios e modelos educativos está imersa numa lógica mais ampla, que envolve a cultura, a economia, a política, as relações diplomáticas, que são “elementos constitutivos das relações sociais” dentro das quais se produzem (p. 8).

Não há, portanto, como isolar a expansão da escolarização dos demais fenômenos sociais. Tampouco são válidas as cristalizações de perspectivas de análise sobre os motores desse processo. Se em certa medida, recorrer à análise de José Murilo de Carvalho é adequado para pensarmos a força que a adesão popular teria para que um projeto de nação de fato se efetivasse, é prudente, no caso da escolarização, matizarmos leitura deste expediente de “convencimento” como uma manobra de manipulação conspiratória de uma classe intelectualizada por sobre a população incauta, bestializada.²⁹¹

A escolarização, como nos lembra Veiga, implicou na submissão de vontades por força da lei e sua implantação no Ocidente não foi processo suave e completamente livre de tensões (Veiga, 2013, p.138), no entanto a dinâmica social na qual se deu tal processo não é simples, não se submete a leituras maniqueístas. E, ainda de acordo com Veiga, deve ser entendida considerando a complexidade das alterações da relação dos homens e mulheres com o conhecimento, concomitantemente à própria formação do Estado, às alterações nas relações entre os governos e populações, e às mudanças nos costumes necessárias à adaptação à vida no contexto da dinâmica moderna.

Assim, parto do pressuposto de que a instituição da obrigatoriedade escolar não pode ser um acontecimento a ser discutido tendo como premissa apenas a ideia da escola como imposição do Estado, mesmo porque a escola é ela mesma componente do Estado em formação. Por sua vez, também não se compreende a escola como uma instituição planejada por uma elite dominante com o propósito de incutir ideologias para os dominados. A dinâmica social da qual a

²⁹¹ Uso o termo “bestializada” fazendo referência à obra de José Murilo de Carvalho **Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi**. São Paulo, Companhia das Letras, 1987. Na obra o autor discorre sobre a participação/apatia da população ante a proclamação da república no Brasil.

escola esteve cada vez mais presente envolve uma ampla e complexa gama de questões (VEIGA, 2013, p.139).

O trabalho de Genaro Sisto para o *Segundo Congreso Americano del Niño* revela um pouco dessa gama de relações levantada por Veiga. O congressista argentino afirma peremptoriamente que “povo e governo devem preocupar-se igualmente com tudo que se refira e tenha relação com a escola pública”²⁹². Assim, tornar o problema da educação foco de interesse comunitário seria, na visão deste autor, a melhor maneira de sedimentar a instituição escola como centro de cultura e progresso.

A opinião de Genaro Sisto é, em alguma medida, um contraponto aos muitos textos de congressistas que, como vimos em capítulos anteriores, destacam a profunda ignorância e despreparo da população, desqualificando-a como agente importante na dinâmica do progresso. No entanto, essa aparente contradição entre a crítica à população inculta e as demandas pela adesão de todos à ideia de cultura e progresso aliada à escola são faces de um mesmo movimento, no qual a escolarização se tornará um dever e um direito.

Um aspecto importante a observar em relação à implantação da escola e reformas educativas no início do século XX na América Latina está no fato de que os esforços pela unificação interna das nações latino americanas, pela via educativa, se deram sob o estabelecimento de um Estado de base oligárquica, muito mais centralizador e ativo do que a maioria dos Estados liberais das nações europeias ou do que o foi nos Estados Unidos.²⁹³

Ossenbach (1993) chamará a atenção sobre este aspecto significativo dos processos de modernização e escolarização na América Latina, que diferentemente do que se passou na Europa não serão encabeçados por uma burguesia já consolidada e que atua como catalizadora de mudanças:

No capitalismo tardio que opera na América Latina (...) só a partir da esfera do Estado parecia possível unir as tramas abertas do tecido social. Desde o início do período independente foi preciso encarar o fenômeno da coexistência de várias sociedades dentro de um país, e

²⁹² (...) *pueblo y gobierno deben preocuparse, por igual, de todo cuanto se refiera y tenga atinencia con la escuela publica* (SISTO, op.cit, p. 444).

²⁹³ *Los nuevos Estados americanos iniciaban procesos muy acelerados de modernización, en los que el Estado adquirió un protagonismo muy destacado que parecía ser la única posibilidad de crear un orden nuevo. Si en Europa el liberalismo proclamó en muchos sectores la necesidad de que el Estado se abstuviera de intervenir en la sociedad, en Iberoamérica el factor político tuvo un peso más significativo que en otras regiones, porque aquí la consolidación del Estado constituía un prerequisite esencial* (Ossenbach, 1993, p.95).

ante essa fragmentação e desintegração socioeconômica o Estado deve garantir não só a unidade territorial-administrativa, mas também garantir a dinâmica econômica, a representação política e o "cimento" ideológico que dá liga e une as forças centrífugas (OSSENBACH, 1993, p.95).²⁹⁴

E será notadamente na escola que este “cimento ideológico” coesivo, ao qual se refere Ossensbach, será trabalhado, assumindo o ensino uma função fortemente simbólica em relação aos valores sociais e morais, condutas e modelos de cidadãos e cidadãs a serem difundidos na sociedade.

A imagem do “cimento” evocado contemporaneamente por Ossensbach como símbolo da unidade será também uma imagem vívida à época dos congressos. Observemos o que diz o professor uruguaio Virgílio Cutinella na abertura de seu trabalho apresentado no *Segundo Congreso Americano del Niño*: "Devemos cimentar o futuro da América a partir dos bancos da escola. Esperemos destes bancos a grande reforma continental."²⁹⁵ Ou como anuncia o médico, conselheiro escolar e político argentino Genaro Giacobini:

A vida espiritual nos países americanos, cimentada sobre o alicerce moral que a explica e define, (...) tem na escola, alvorecer da infância que se educa e bate asas em seu primeiro voo intelectual, a semente da sua obra social construtiva do aperfeiçoamento ético (GIACOBINI, 1919, p.3).²⁹⁶

Será papel do Estado assumir a tarefa da difusão e controle da escolarização como ferramenta de unificação, de coesão e de civilização da população em prol do desenvolvimento das nações. A defesa de um Estado que intervém fortemente e toma para si a responsabilidade pela educação das crianças aparecerá em diferentes momentos nos trabalhos apresentados nos

²⁹⁴ *En el capitalismo tardío que se desenvuelve en América Latina, por el contrario, sólo desde la esfera estatal parecía posible cohesionar los profundos desgarramientos del tejido social. Desde el inicio del período independiente se debió encarar el fenómeno de la coexistencia de varias sociedades en el interior de un país, y ante tal fragmentación y disgregación socioeconómica el Estado debía asegurar no sólo la unidad territorial-administrativa, sino procurar igualmente la dinámica económica, la representación política y el "cimento" ideológico que vincula y reúne las fuerzas* (Ossensbach, 1993, p.95).

²⁹⁵ Debemos cimentar el porvenir futuro de América desde los bancos de la escuela. Esperemos de ellos la gran reforma continental (Virgilio CUTINELLA. 2º Congreso Americano del Niño, 1919, p. 14).

²⁹⁶ *La vida espiritual en los países americanos cimentada en el fundamento moral que la explica y define que hace de su historia y vive en la ley de su desenvolvimiento, tiene en la escuela, albor de la niñez que se educa y aletea sus primeros vuelos intelectuales, la simiente de su obra social constructiva y de perfeccionamiento ético* (Genaro GIACOBINI, 2º Congreso Americano del Niño, 1919, p. 3).

congressos em estudo, como nesta fala de José Gil Navarro apresentada na seção de *Ensenanza* do *Segundo Congreso Americano del Niño*:

O homem é um eu individual, a cujo encargo está a administração e uso de seu capital, a direção de suas ações e a prática da sua profissão. Mas como o produto do capital, o princípio da ação e o tipo da ocupação não são os mesmos (...) é preciso outro eu que canalize e abarque todas essas atividades e que nos represente a todos, colocando mais ênfase na unidade dessa grande variedade (...) este é o eu social: o Estado; esta é a sua missão e nele estão compreendidos os poderes que nós, geral e particularmente, exercendo nossa soberania lhe outorgamos. Se é verdade que este é o verdadeiro conceito da entidade chamada Estado é evidente que a ele corresponde a obrigação de prover a educação e instrução do povo, garantindo assim o cumprimento de um direito justamente reivindicado pela sociedade (NAVARRO, 1919, p.53).²⁹⁷ (Grifos do original).

Na citação acima a síntese da ideia que fomentada no Séc. XIX irá progressivamente adentrar o século XX na América Latina: o direito à educação, garantido pelo Estado, direito que se desdobrará em um dever do cidadão frente à obrigatoriedade escolar, que será paulatinamente instituída em diferentes nações do continente. A continuação do trabalho apresentado por Navarro indica essa preocupação: segundo o autor o Estado não apenas deveria ofertar o ensino, mas garantir que todas as famílias fossem obrigadas a enviar suas crianças para a escola, sem que nenhum “pretexto da autoridade paterna” as mantivesse de fora, afinal, segundo o congressista:

Não é só o interesse da criança que está em jogo aqui, é o interesse da sociedade, exigindo com todo direito que se esgote o mais cedo possível a fonte de vícios, da miséria e dos crimes (...) a causa desses males está na ignorância e na falta de educação dos indivíduos (Idem).²⁹⁸

²⁹⁷ *El hombre es un yo individual, a cuyo encargo está la administración y uso de su capital, la dirección de sus acciones y la práctica de la ocupación. Pero, como el producto del capital, el móvil de las acciones y el género de la ocupación no son unos mismos (...) se hace preciso otro yo que abarque y encauce todas estas actividades y que nos represente a todos poniendo así más de relieve la unidad en esa gran variedad (...) Este es el yo social: El Estado, esta es su misión y en el están comprendidos los poderes que nosotros, general y particularmente, en uso de nuestra soberanía le otorgamos. Si es cierto que este es el verdadero concepto de la entidad llamada Estado es evidente que a él le corresponde la obligación de proveer a la educación y instrucción del pueblo, asegurando así el cumplimiento de un derecho, justamente reclamado por la sociedad* (José Gil NAVARRO, 2º Congreso Americano del Niño, 1919, p. 53).

²⁹⁸ (...) *no es solo el interés del niño el que está aquí en juego, lo está el interés de la sociedad, que exige con todo derecho que se agote o cuanto antes la fuente de los vicios, de la miseria y de los crímenes (...) la causa de estos males está en la ignorancia y en la falta de educación de los individuos* (NAVARRO, op.cit.).

Esse clamor à exigência da escolaridade, ou nas palavras de Nunes Neto, ao “direito à obrigação” (2011, p.170), estará pulverizado em vários trabalhos nos primeiros *Congresos Americanos del Niño*, por vezes de maneira um tanto autoritária e peremptória, como nas conclusões do trabalho apresentado por Meira e Sá para o Primeiro Congresso Brasileiro de Proteção à Infância em Conjunto com o Terceiro Congresso Americano da Criança:

Cumpre que a instrução primária seja gratuita e *obligatória*, instituindo-se para isso, escolas aptas e suficientes – pois ninguém tem o direito de ser *analfabeto*, e sobretudo – *em uma república democrática a ignorância é um crime* – no exato dizer de H. Mann. (MEIRA E SÁ, 1924, p. 445).²⁹⁹(Grifos do original).

Meira e Sá, ao propor uma espécie de criminalização da ignorância, cita Horace Mann, advogado e educador norte americano que, na primeira metade do século XIX, propagava a escola pública como único caminho para a civilização e que, entre seis princípios que elaborou para a educação em seu país dizia que não poderia haver um cidadão livre e ignorante ao mesmo tempo. A ignorância, o analfabetismo, seriam um mal a ser dissipado pela ação forte do Estado.³⁰⁰

Nesse cenário, o Estado como esteio de garantias ao direito à escola será defendido, ao menos enquanto ideia e nas prescrições legais em diferentes países da América Latina, que não escapará ao processo de instituição da obrigatoriedade escolar, como é apontado por Veiga (2013):

O processo de institucionalização da escola no Ocidente aos poucos incluiu a obrigatoriedade escolar como parte da ordenação nacional. Ao longo do século XIX, de um modo ou de outro, todas as nações apresentaram a obrigatoriedade como lei (VEIGA, 2013, p. 135).

²⁹⁹ F. de MEIRA E SÁ. 3º Congresso Americano da Criança, 1924, p. 445.

³⁰⁰ “*El compromiso de Mann por la educación pública se desprende de su convicción de que la estabilidad política y la armonía social dependen de la educación: un nivel básico de alfabetización y la inculcación de ideales públicos comunes.(...) Los Seis Principios de la Educación de Horace Mann son:*

1.Los ciudadanos no pueden ser ignorantes y al mismo tiempo libres; 2.La educación debe ser pagada, controlada y mantenida por el sector público; 3.La educación debe ser impartida en escuelas que reciban niños de todos los orígenes y sectores; 4.La educación no debe ser sectaria; 5.La educación debe ser impartida usando los principios de una sociedad libre; 6.La educación debe ser impartida por docentes profesionales y bien entrenados. Fundación Sarmiento – Mann, on line: <http://www.sarmiento-mann.org/biografia-mann-es.html>. Acesso em: 27 de novembro de 2014.

O quadro a seguir mostra um levantamento sobre as primeiras menções que localizei acerca da questão da obrigatoriedade escolar formalizada e documentada em alguns países³⁰¹ da América Latina:

QUADRO 8: OBRIGATORIEDADE ESCOLAR EM SETE PAÍSES LATINO AMERICANOS

País	Nome da lei ou documento	Ano	O que diz acerca da obrigatoriedade escolar
Argentina	Ley Nº 1420 de Educación Común	1884	Art. 2º; “La instrucción primaria, debe ser obligatoria, gratuita, gradual y dada conforme a los preceptos de higiene”.
Costa Rica	Proyecto de la Constitución Política	1869	Art. 6º: la enseñanza primaria de ambos sexos : [es] obligatoria, gratuita y costeadada por la Nación”.
México	Ley Reglamentaria del Proyecto de Ley de Instrucción Primaria de 1888	1891	Art. 2º: “la enseñanza primaria es obligatoria para niños y niñas de 6 a 12 años, excepto enfermos y residentes a más de 2 kilómetros de la escuela pública”.
Paraguai	Constitución Nacional de	1870	Art. 8º: “La Educación primaria será obligatoria y de atención preferente del Gobierno y el Congreso oía anualmente los informes que a este respecto presente el Ministro del ramo para promover por todos los medios posibles la instrucción de los ciudadanos”.
Peru	Ley Nº 162 del 27.IX.1905	1905	“La Ley Nº162 estuvo apoyada en una fundamentación de tipo social; añade a la obligatoriedad la gratuidad de la enseñanza; según esta Ley, el control total de las Escuelas pasó a manos del Estado.”
Uruguai	Decreto-Ley de Educación Común	1877	“Decreto Ley de Educación Común. Fija las notas salientes de la escuela uruguaya: obligatoriedad y gratuidad, y escuelas mixtas.”

FONTE: DADOS DO PARAGUAI, PERU: INFORMES DE LOS SISTEMAS EDUCATIVOS IBEROAMERICANOS DA ORGANIZAÇÃO DOS ESTADOS INTERAMERICANOS³⁰²; DADOS DA ARGENTINA: ECYT-AR³⁰³; DADOS DO CHILE: ARQUIVOS LEGISLATIVOS MEMÓRIA HISTÓRICA DA CÁMARA DE DIPUTADOS DE CHILE³⁰⁴; DADOS D A COSTA RICA: CASTRO, W.J., 2000, p. 116; DADOS DO MÉXICO: PUBLICACIONES DIGITALES UNAM³⁰⁵;

³⁰¹ A escolha dos países citados se deu no intuito de oferecer uma amostragem de cunho geopolítico: escolhi o México por ser um país ao norte, Costa Rica por sua localização na América Central, o Peru como um exemplo dentre as Repúblicas Andinas, e as três Repúblicas Platinas.

³⁰² Disponível em: on line: <http://www.oei.es/quip>. Acesso em 29 de novembro de 2014.

³⁰³ Disponível em: http://cyt-ar.com.ar/cyt-ar/index.php/Educaci%C3%B3n_en_Argentina. Acesso em 29 de novembro de 2014.

³⁰⁴ Disponível em: <http://www.camara.cl/memoria/hito.aspx?prmHITOID=8>. Acesso em 27 de novembro de 2014

³⁰⁵ Disponível em: http://biblioweb.tic.unam.mx/diccionario/htm/articulos/sec_4.1. Acesso em 29 de novembro de 2014.

DADOS DO URUGUAI: LISTADO DE LAS PRINCIPALES LEYES NACIONALES SOBRE EDUCACIÓN³⁰⁶.

O quadro nos ajuda a vislumbrar uma ampla gama de questões que estão imbricadas e entretecem o processo de instituição da escolarização na América Latina desde o Oitocentos, adentrando o Século XX, a começar pelas datas nas quais os diferentes países tomam o tema da obrigatoriedade escolar como algo a ser legislado.

À exceção do Paraguai – que em 1870 era um país despedaçado pela Guerra da Tríplice Aliança³⁰⁷ e vivia, sob ocupação e de maneira traumática, a implantação de uma Constituição liberal nos moldes norte-americanos (Lewis, 2013, p. 635) – os demais países do quadro vivenciavam, cada um com suas particularidades, um momento de expansão das zonas urbanas, de crescimento das exportações, de inserção no mercado externo, ou seja, todos os países do quadro, de um jeito ou de outro, inseriam-se na lógica liberal da economia e política.

Essa conjuntura também incluía a expansão progressiva da urbanização e a modernização que tiveram diversas consequências, entre elas a complexificação e “fortalecimento da burocracia em virtude da consolidação dos Estados nacionais” (CARDOSO, 2013, p. 258) e a formação de uma primeira classe média e proletariado urbano na maior parte dos países.

Neste sentido, reforça-se a ideia de que concomitantemente aos intentos de consolidação da escola se dará o da consolidação do Estado.³⁰⁸ As demandas geradas pela burocratização crescente passam a perceber na escola um vetor para a inserção nos novos tempos: a ampliação dos grupos

³⁰⁶ Disponível

em: <http://www.debateducativo.edu.uy/documentos/Leyes%20%20nacionales.htm>. Acesso em 28 de novembro de 2014.

³⁰⁷ Em suma, a guerra contra o Paraguai sinaliza naquela região do planeta o “casamento de uma descolonização prolongada, seletiva e parcial com a dominação imperialista”, para utilizarmos a concisa formulação de Florestan Fernandes. O Paraguai termina a guerra exaurido. O comando aliado ocupou o governo e incumbiu o ministro das Relações Exteriores, Visconde do Rio Branco, de reorganizar o país. O governo provisório instalado em Assunção decreta a abolição dos escravos, a pedido do conde d’Eu. Grande parte da população masculina perecera durante a guerra. Com a economia devastada – sem empréstimos para reequipamento durante todo o período – e com subnutrição e epidemias de toda sorte, o Paraguai tornara-se um país de sobreviventes (MOTA, 1995, s/p).

³⁰⁸ “Essencialmente o projeto de escolarização pública que se pretende universal se inscreve no momento de afirmação dos Estados-nação, quando se torna necessário difundir um ensino moral e cívico – uma educação oral laica, diria Emile Durkheim – como cruzada patriótica” (SILVA e VALLE, 2013, p. 304).

cidadinos, as necessidades de alteração das relações das pessoas com os novos conhecimentos exigidos pela vida urbanizada, e as novas formas de trabalho e convívio social.

Outro elemento que desejo colocar em análise a partir do quadro se refere à associação da obrigatoriedade escolar a outras demandas ligadas à educação. Nos fragmentos das leis citadas no quadro podemos perceber menção à localização da escola como condicionante da obrigatoriedade (no caso mexicano a escolarização era obrigatória a todas as crianças “excepto enfermos y residentes a más de 2 kilómetros de la escuela pública”). Este tipo de referência à proximidade da escola como condicionante aparecerá em diversas legislações durante o século XIX e XX e indica, entre outras coisas, que a ideia da obrigatoriedade esbarrava frequentemente nos desafios de oferecer escolas a todas as crianças em tantos e tão distintos lugares.

México, Costa Rica e Uruguai citarão também a questão da obrigatoriedade inserção das meninas na escola, ficando claro no caso Uruguaio que tal ingresso se daria em escolas mistas (o que não necessariamente indica que meninos e meninas eram coeducados nas mesmas classes). Este dado é interessante, principalmente se pensarmos que em grande parte dos casos germinais de legislações escolares do oitocentos a obrigatoriedade se refere primordialmente aos meninos (VIDAL, 2013; SOUZA E ANJOS, 2013; SILVA, 2013). A educação das meninas, que tende naquele período a ser obrigatória por períodos de escolaridade menores, receberá nossa atenção no desdobramento deste capítulo.

Por fim, a gratuidade aparecerá como elemento fundamental na maior parte das legislações analisadas. Ainda que a gratuidade seja tomada como princípio veremos que dentro dos *Congresos Americanos del Niño* surgirão propostas e relatos de estabelecimento de taxas, de implantação de caixas escolares e de multas por faltas ou infrações dos escolares que se converteriam em verbas para a escola ou para os alunos mais pobres, cuja frequência era comprometida pela falta de roupa, calçado, material escolar, medicamentos e alimentos.

O presidente da Cruz Vermelha Brasileira, Thaumaturgo Azevedo, no trabalho apresentado para o Primeiro Congresso Americano da Criança (1916), é autor de duas propostas de recolhimento de fundos que passaram a projetos

de lei, a primeira dessas propostas se refere à criação de Caixas Escolares nas indústrias:

Aos poderes públicos cabe: (...) A fundação de *Caixas Escolares* e de *Pecúlios*, pela dedução de uma percentagem dos salários dos operários, nos mesmos estabelecimentos, a fim de se fazer o fornecimento gratuito de roupa e calçado a menores pobres e entregar-se uma quota ao operário que se retirar por motivo de moléstia ou outro justificado (AZEVEDO, 1916, p.234). (Grifos do original).³⁰⁹

Nesse caso percebemos que o poder público é conclamado a acionar a indústria, fazendo-a contribuir à obra da escolarização e seguridade. Essa colaboração não se daria por via de recolhimento direto de seu lucro, mas pela taxação sobre salários de funcionários, que pela proposta seriam também responsáveis pelo Pecúlio, uma espécie de seguro ao empregado afastado. Mesmo considerando-se que a organização do proletariado urbano no período ainda fosse titubeante no Brasil, dadas diversas contingências³¹⁰ é possível imaginar que uma proposta desse teor levantasse resistência, uma vez que a criança pobre a ser favorecida não distaria muito em qualidade de vida da criança filha dos trabalhadores urbanos.

A segunda proposta de Thaumaturgo Azevedo parece ainda mais contraditória, em se considerando que teoricamente visava a beneficiar as crianças pobres – que podemos aventar estarem também entre as crianças trabalhadoras.

³⁰⁹ Na sequência de seu trabalho o autor estabelece o montante das deduções: “20 % do salário de todos os operários, sendo: 4% como auxílio à manutenção de Creche; 2% ao honorário médico; 4% para a *caixa escolar*, destinados à aquisição de roupa e calçado para os menores pobres; e 10% para serem restituídos por quotas proporcionais a cada operário, com juro de 3% ao ano, quando se retirarem do estabelecimento” (Thaumaturgo AZEVEDO.1º Congresso Americano da Criança, 1916, p.234).

³¹⁰ Dentre estes fatores Boris Fausto citará o excedente de trabalhadores nas principais cidades brasileiras que concentravam uma indústria em irregular expansão; este excedente de mão de obra se devia ao caráter cíclico do cultivo nas fazendas de café, que obrigavam os trabalhadores rurais a migrarem para as cidades em tempos de crise no campo, somando-se aos trabalhadores já residentes nas cidades. O autor citará também os conflitos étnicos entre os trabalhadores imigrantes estrangeiros e brasileiros e a influência dos anarquistas, com a ênfase em movimentos de classe espontâneos e sem organização formal, como elementos que dificultavam uma maior coesão e força de pressão por melhoria de direitos entre os trabalhadores. Diz o autor: “A classe trabalhadora concentrava-se principalmente no Distrito Federal e nas maiores cidades do estado de São Paulo, particularmente na capital. (...) Nessas cidades havia as condições necessárias para o surgimento de um movimento trabalhista. As relações sociais eram menos clientelistas e paternalistas; a exploração era mais objetiva; a maior possibilidade de estabelecer contatos e comunicações facilitou o nascimento de uma consciência coletiva. (...) Por outro lado, uma série de fatores limitou a força do movimento trabalhista (...)” (FAUSTO, 2013, p. 792).

O congressista propõe que se empregue para as crianças trabalhadoras uma caderneta para controle dos pais e patrões, que serviria para registros relativos à frequência à fábrica, horários, salário. Mas a caderneta deveria ser também mensalmente usada para registro dos professores, já que, segundo a proposta do autor, todos os menores trabalhadores da indústria seriam “obrigados a frequentar uma escola pública ou particular durante duas horas por dia, sendo a frequência no tempo livre de trabalho e fora das horas de descanso” (AZEVEDO, op.cit, p.235). Ao professor caberia, sob pena de multa deduzida de seus salários, anotar as notas mensais e certificar a frequência da criança à escola. Diz o congressista no artigo 47 da proposta de lei apresentada no Congresso Americano da Criança de 1916:

Se o menor não apresentar mensalmente sua caderneta ou dela constar que faltou à escola, sem motivo justificado, o diretor do estabelecimento descontar-lhe-á no salário a multa de 200 réis por dia de falta a qual, como todas as multas arrecadadas serão escrituradas no *caixa escolar* (AZEVEDO, 1916, p.255). (Grifos do original).

Ou seja, a prática resume-se à máxima “vestir um santo desvestindo o outro”, pois se penaliza a criança trabalhadora que, dentre sua exaustiva jornada diária ainda teria que honrar a frequência à escola, em benefício caritativo à criança pobre que não possui sapatos e roupas para ir à escola.

O pagamento de taxas é também relatado em relação ao atendimento de crianças em creches, que embora não estejam totalmente inclusas nos projetos educativos da época, já se faziam presentes como demanda de assistência às mães trabalhadoras.

Por exemplo, o vice-diretor do Instituto de Proteção e Assistência a Infância do Maranhão, Marcelino Rodrigues Machado, ao descrever em 1916 os serviços prestados pela creche mantida pelo instituto afirmava que “São exigidos mensalmente, um atestado de ocupação das mães, e I\$500 como contribuição, destinada a lembrar às genitoras que são obrigadas a sustentar seus filhos”.³¹¹ O valor da mensalidade correspondia à época a aproximadamente uma diária de um operário em fábrica de tecidos³¹² e pelo teor da fala do congressista me parece que era exigido quase como uma

³¹¹ Marcelino Rodrigues MACHADO. 1º Congresso Americano da Criança, 1916, p.138.

³¹² LOBO, Eulália Maria Lahmeyer. **Evolução dos preços e do padrão de vida no Rio de Janeiro, 1820-1930** - resultados preliminares, 1971, p.256.

reprimenda, um aviso às mães para que não esquecessem de suas responsabilidades, como se o fato de colocar as crianças na creche de alguma forma denotasse uma falha no projeto ideal de maternidade dedicada.

Tais exemplos nos mostram que os mecanismos lógicos em ação no processo de escolarização no período, embora possam nos parecer conflituosos, faziam parte do processo de reconhecimento das necessidades de educação frente às realidades sociais, às demandas pela sobrevivência e ao reconhecimento lento e volátil das especificidades da infância.

A obrigatoriedade escolar e as questões pedagógicas associadas a ela podem parecer, se nos basearmos na sua expressão em leis, um fato consumado já no século XIX, mas uma imersão maior nas fontes e pesquisas pela vertente da História da Educação cumpre o papel de “abalar as certezas da unanimidade que cerca o debate sobre o tema” (VIDAL, 2013, p. 19).

Não obstante todas as contradições e dificuldades apontadas acerca da escolarização, a promessa de superação do atraso econômico e social pela via da educação seguirá com grande peso, duração e força, adentrando o século XX e lastreando as reformas e projetos de implantação de sistemas de educação pública através de um Estado declaradamente educador:

Apesar da profunda instabilidade política que se seguiu à Independência da América Latina, desde o início da gestação das novas repúblicas a educação pública foi um campo propício para manifestações unitárias e sua implementação foi iniciada, ainda que de forma intermitente e não sistemática, com poucos resultados práticos. A legislação em matéria de educação foi muito abundante e intensa ao longo do século XIX e o princípio de "Estado docente" foi introduzido desde o início nas novas constituições. O Estado assumiu sem hesitar a função educadora (OSSENBACH, 1993, p. 95).³¹³

Obviamente a conversão dessas proposições e leis em alterações práticas nos diferentes países é um fenômeno irregular, volátil e difícil de ser verificado. Um investimento conjunto de pesquisas inter-relacionadas por Historiadores da Educação da América Latina é um sonho que vem ganhando

³¹³ A pesar de la profunda inestabilidad política que siguió a la Independencia de América Latina, desde el comienzo de la gestación de las nuevas repúblicas la educación pública fue un campo propicio para las manifestaciones unitarias, y su implantación se inició aunque de forma intermitente y poco sistemática, con escasos resultados prácticos. La legislación sobre materia educativa fue muy abundante e intensa a lo largo de todo el siglo XIX, y el principio del "Estado docente" se introdujo desde el inicio en las nuevas constituciones políticas. El Estado se atribuyó sin vacilaciones la función educadora (OSSENBACH, 1993, p. 95).

força no campo³¹⁴ e creio que as perspectivas de constituirmos uma rede forte de pesquisadores partilhando resultados e fontes é promissora.

No entanto ainda estamos, apesar dos esforços, no caminho da criação de um grande banco de pesquisas de base sobre a escolarização na América nos séculos XIX e XX. Do contato com as fontes desses Congressos da Infância emergem diversas possibilidades de investigação, que poderiam contribuir para a diversificação e também coesão na rede de histórias da educação que são regionais, mas coexistem, se auto influenciam, se conectam.

As localidades, cidades, países do enorme continente americano não estão sujeitos exclusivamente às suas contingências internas, estão ligados entre si e a uma “conjuntura histórica mais ampla”. Esta ideia de inescapável conexão se enraíza na obra do historiador indiano Subrahmanyam (2012), que ao trabalhar sob a concepção de “histórias conectadas” aponta, entre outros argumentos tratados no livro “Impérios em Concorrência”, para o quão contraproducente seria tentar isolar, por exemplo, a periodização da história indiana da ideia de conjunto trazida pela categoria “época moderna” que, segundo ele, embora abarque uma série de diferenças aparentemente irreconciliáveis, é também uma categoria inclusiva, que permite integrar as histórias regionais às conjunturas mais amplas.

Analogamente, perceber representações sobre a educação em circulação em determinado período na América pode ser um exercício para “repensar nossas noções de fronteiras e circuitos” (SUBRAHMANYAM, 2012, p.19). Da mesma forma, alargamos nosso entendimento sobre a circulação e apropriação dos paradigmas e modelos educativos que constituem a ideia de escolarização no início do século XX, período no qual a ampliação dos processos educativos, sobretudo os que visavam às classes populares e à universalização da escola, se torna fenômeno patente por todo o mundo (VARELA, J; ALVAREZ-URIA, 1992).

³¹⁴ Destaco, dentre as iniciativas recentes, o projeto Binacional “A constituição e reforma dos sistemas educativos no Brasil e na Argentina: histórias conectadas” (1820-1980), que reuniu entre os anos de 2007 e 2009 pesquisadores argentinos e brasileiras sob o apoio da CAPES e do SECyT/MINCyT, com coordenação de Adrian Ascolani e Diana Gonçalves Vidal. Alguns resultados dessa frente de pesquisa se encontram no livro **Reformas Educativas no Brasil e na Argentina**, ensaios de história comparada da educação (1820-2000) São Paulo: Cortez, 2009.

Tais ideias sobre a escolarização serão profundamente incorporadas³¹⁵ no planejamento do desenvolvimento dos países da América Latina. Ainda que os resultados práticos possam parecer pouco substanciais, numa leitura que considere o longo tempo de luta pela erradicação do analfabetismo e pela ampliação da oferta escolar na América Latina no século XX, debater e legislar sobre essas ideias mobilizou forças internas nas diferentes regiões do continente. E acabou por produzir um “marco racionalizador” na busca por soluções para os problemas educativos, lhes dando direção e significado, que serão matizados pelas diferenças de conjuntura em cada país (RATINOFF, 1994, p.24).

A dificuldade de imprimir mudanças práticas amplas, a curto e médio prazo, não é fenômeno ignorado pelos atores em ação no processo inicial de escolarização nos países latino americanos. Não obstante o otimismo presente nos registros das falas de muitas autoridades educativas do período, havia entre as lideranças políticas e educacionais de diversos países um forte elemento de realismo em relação aos efeitos e alcance efetivo das reformas e leis. Tomemos, por exemplo, o discurso proferido pelo *Ministro de Instrucción Pública y Bellas Artes* do México, Justo Sierra, na abertura do *Congreso Nacional de Educación Primaria* (septiembre 1910), México:

...nós que formulamos há 30 anos a primeira lei de educação compulsória, sabíamos das dificuldades e impossibilidades temporárias na configuração do nosso país, na composição do nosso povo, em seu isolamento físico e espiritual sabíamos das dificuldades e também que a prescrição legal seria um motor que arrastaria, trabalhosa e incessantemente, um trem pesadíssimo das regiões obscuras às luminosas (SIERRA, Congreso, 1911, tomo I: 26, apud CASTRO, J.G, 2010, p.70-71).

Em que pese certa dramaticidade no tom da comunicação de Castro, não podemos desqualificar a magnitude do empenho que implicou ao Estado assumir, dentre outras ações que o constituíram, a formalização da tarefa educadora. Os países latino americanos, tendo enfrentado suas lutas por independência no século XIX, adentram o século XX enfrentando outra luta: a batalha pela sua consolidação enquanto “nações como progresso” – termo

³¹⁵ Aqui a palavra “incorporado” busca um sentido mais abrangente que o que traria a palavra “absorvido”. Incorporar abrange absorver, mas necessariamente requer não apenas porosidade da parte que recebe a incorporação, mas fluidez da parte da matéria que é incorporada para que se deixe misturar ao receptor.

cunhado por Hobsbawn (2002, p.51), para designar os movimentos nacionalistas que buscavam se justificar e se adequar pela busca e desejo de progresso, paradigma que sustentará projetos, legislações e reformas políticas e sociais.

3.2 NUANCES DA ESCOLA NOS PRIMEIROS CONGRESOS AMERICANOS DEL NIÑO

As fontes dos Primeiros Congressos Americanos da Criança se prestarão aqui a nos responder algumas questões e nos ajudarão a entender melhor traços dos objetivos almejados para a escolarização nos países latino americanos das primeiras décadas do século XX e das finalidades dos conhecimentos, apontados como essenciais na composição dos programas escolares.

O que seria essencial ensinar? Que tipos de conhecimentos seriam mais bem identificados com os projetos de progresso colocados em pauta no período? Quais disciplinas escolares (ainda que nem sempre assim denominadas em alguns trabalhos nos eventos) foram defendidas nos primeiros *Congresos Americanos del Niño* por abarcarem o maior número possível de conhecimentos e conteúdos necessários para que se construísse na criança o homem americano ideal? Quais os métodos mais eficientes para que tais saberes pudessem de fato operar as transformações profundas nas crianças/alunos a fim de torná-las habilitadas a cumprir seu fado de restauradoras do futuro?

As sugestões e prescrições virão de todas as seções do congresso e serão múltiplas, entrarão em disputa, nos revelando que por entre esses fortes fios da ideia de “educação e progresso” se entretecem ideias sobre a escola e os saberes sociais, fiadas pelos intentos e concepções de múltiplos sujeitos e grupos.

Chervel (1990, p.188) considera frutífero o trabalho de identificar, classificar e organizar os objetivos e finalidades de um projeto de escolarização. Ele identifica historicamente, no processo da escolarização, a proeminência de finalidades educativas que, como fenômenos vivos dentro da

dinâmica social, sofrem alterações, assumem preponderância ou são secundarizadas, mantendo-se em estreita relação.

Segundo Chervel, desde o século XIX é possível perceber finalidades educativas de *ordem sócio-política* voltadas em especial à coesão nacional, finalidades voltadas à *aprendizagem da disciplina social*, finalidades *psicológicas*, apontadas como as que “expõe as faculdades das crianças que o primário ou secundário são solicitados a desenvolver” e as *finalidades culturais* ligadas à leitura, escrita, ciências, artes, entre outras.

Pensando com Chervel, em tensionamento com as fontes dos congressos, foi possível perceber que durante os congressos da criança nas duas décadas iniciais do Sec. XX todo esse conjunto de finalidades educativas aparecerá bastante amalgamado, denunciando a já mencionada vinculação estreita entre *instrução* e *educação* (CHERVEL, 1990, 189). Vinculação que se torna circular, pois segundo o próprio Chervel, as finalidades que englobam dar *instrução* de saberes científicos, artísticos ou técnicos, compõem as finalidades *educativas* que estão ligadas a um projeto maior de progresso e modernidade.

Ao buscar pelos saberes e disciplinas escolares debatidos nos três primeiros *Congresos Americanos del Niño*, o que se ratifica é que, ainda que existam menções à “educação do gosto”, às ciências naturais, filosofia, canto, educação literária e artística, escrita e leitura, esses serão trabalhos mais pontuais. Menos debatidos em regra e menos numerosos em relação aos trabalhos apresentados sobre a Higiene como saber escolar (compreendendo aqui a Educação Física desdobrada entre ginástica, puericultura e educação sexual) e Educação para o Trabalho. O que nos diz muito acerca do papel da escola popular na preparação da criança para que assumisse determinado espaço na lógica do progresso.

Vejamos o que diz um dos congressistas do *Segundo Congreso Americano del Niño* em 1919:

Educación é a base do maior desenvolvimento do gênero humano, alcançado pelo cultivo racional e harmônico das habilidades físicas, estéticas, intelectuais, morais e cívicas da criança. Pela instrução e educação deve-se forjar o homem saudável de corpo e espírito, forte, moral, trabalhador e inteligente; apto e pronto em todos os sentidos para iniciar-se com sucesso positivo nas ações da vida comum (PICAREL, 1919, p.61) (Grifos do original).³¹⁶

³¹⁶ *La enseñanza es la base del mayor perfeccionamiento del género humano alcanzado por el cultivo racional y armónico de las aptitudes físicas, estéticas, intelectuales, morales y cívicas*

A citação ilustra o entendimento sobre *educación* e *instrucción*, elementos complementares que preparariam inteligência, o corpo e principalmente o caráter e as atitudes do homem novo. Entendimento fortemente presente no pensamento educativo do período. O fragmento citado é um pequeno recorte da proposta de Picarel, à época diretor de uma escola na Argentina e que na década de 1930 tornou-se Inspetor Técnico Geral de Educação da Capital.³¹⁷

O trabalho em questão propõe abordar em 11 páginas, além dos grandes temas, como a necessidade da educação para o progresso das nações, também aspectos de ordem prática. Sob o título “Critério Básico-Prático para orientação do ensino primário” se constitui quase em um pequeno manual de ações, condutas e configurações materiais para a escola, a fim de que o processo educativo se efetuassem com eficiência na escola primária.

O texto de Picarel chama a atenção pelas palavras que o autor fez questão de destacar ao leitor, sublinhando-as: base, forjar e iniciar.

Tomei essas palavras, significativas e recorrentes no léxico do congresso, como balizas para direcionar minhas primeiras aproximações e análises sobre os principais saberes trazidos às discussões nos debates dos eventos. Assim, a partir das ideias de *base*, *forja* e *inicio*, analiso a seguir a preponderância dos debates sobre o que identifiquei como saberes *de base* propostos pelos congressistas: à ideia de base identifiquei a alfabetização e a higiene na sua faceta mais básica: a educação sanitária. Em seguida, analiso outras duas faces da higiene na escola: à ideia de forja identifiquei a preponderância da Educação Física e ginástica escolar como disciplina fundamental na formação dos corpos e conduta das crianças americanas sãs e aptas, e a partir da ideia de inicio discuto o ensino da puericultura como saber escolar e a polêmica ante a proposta de inserção da educação sexual na escola.

del niño. Por la instrucción y la educación ha de forjar el hombre sano de cuerpo y espíritu, fuerte, moral, laborioso e inteligente; apto y listo, en todo sentido para iniciarse con éxito positivo en las actuaciones de la vida común (Julio PICAREL, 2º Congreso Americano del Niño, 1919, p.61).

³¹⁷ Disponível em: El Monitor de la Educacion Comum, Ano LI, nº 716, agosto, 1932. http://repositorio.educacion.gov.ar/dspace/bitstream/handle/123456789/109357/Monitor_9839.pdf?sequence=1 Acesso em: 2 de dezembro de 2014.

3.2.1 Higienizar e alfabetizar como projeto básico para a civilização da criança americana – “Educação é a base do maior desenvolvimento do gênero humano”

A ideia de construção da civilização sobre a forte base da educação circulava entre intelectuais de diversos países da América latina desde o século XIX. Não tenho a intenção de naturalizar essa premissa e tampouco pretendo realizar uma genealogia, no entanto “persegui” essa ideia em textos de alguns escritores do período e pude ter uma noção mais material de como alguns paradigmas circulavam pelo continente.

Como exemplo, podemos nos deter na obra do célebre escritor argentino Sarmiento, considerada um dos clássicos da literatura latino-americana do século XIX: “Facundo: Civilizacion y Barbarie”,³¹⁸ cujo título já revela a dicotomia sobre a qual será construída: a luta para erradicar a barbárie identificada com o que é rude, inculto, nativo, rural em favor do que para ele significava o civilizado: a cidade, as letras, o modelo europeu. A superação da barbárie se daria, claro, pela via da educação:

A educação nos níveis mais acima da instrução primária a depreciam como meio de civilização. É a educação primária que civiliza e desenvolve a moral dos povos. Todos os povos sempre tiveram doutores e sábios, sem ser civilizados. Por isso são as escolas a base da civilização” (SARMIENTO, apud BRAVO, 1999, p. 5).³¹⁹

³¹⁸ Facundo, publicado em 1845 por Sarmiento durante seu exílio no Chile, é mencionado por inúmeros estudos como obra clássica da literatura e pensamento Latino-americanos do século XIX. No que pese o teor doutrinário, racista e impreciso de muitos momentos da obra não se pode negar sua importância na história do pensamento latino-americano: Diz Zilberman na apresentação de uma das muitas republicações da obra: “Não parece excessivo sublinhar a importância do Facundo para a literatura argentina e latino-americana, nem de seu autor, Domingo Faustino Sarmiento (1811-1888), para a política do continente no século XIX. Líder político e reformador da educação lutou nos anos 50 contra a ditadura de Juan Manuel de Rosas e, entre 1868 e 1874, governou seu país. Como presidente, promoveu a educação pública e a agricultura, adotou uma política liberal para a imigração estrangeira e aprimorou a rede de transportes e comunicação. Resultou de sua atividade o fato de a Argentina apresentar, nos dias de hoje, um dos mais elevados índices de alfabetização da América do Sul. O Facundo, por sua vez, data de 1845, período em que Sarmiento atuava como jornalista e professor, sendo sua obra um estudo pioneiro e profundo sobre a vida nos pampas e sobre o gaúcho, precedendo e abrindo o caminho a ser trilhado depois pelo épico Martín Fierro, de seu conterrâneo José Hernández, e por toda a ficção gauchesca que marca a cultura literária associada à região do Rio da Prata”. (ZILBERMAN, Regina. “Apresentação”, in: SARMIENTO, Domingo Faustino. Facundo – Civilização e barbárie no pampa argentino 1996, p. 7).

³¹⁹ *La educación más arriba de la instrucción primaria la desprecio como medio de civilización. Es la educación primaria la que civiliza y desenvuelve la moral de los pueblos. Todos los pueblos han tenido siempre doctores y sabios, sin ser civilizados. Por eso son las escuelas la base de la civilización* (SARMIENTO, apud BRAVO, 1999, p. 5).

Educação primária para civilizar, escolas primárias como base para tal intento. A ideia expressa por Sarmiento era, segundo Bravo, um posicionamento frente à “impostergável necessidade do povo em matéria de instrução”³²⁰. Sarmiento defenderia a educação pública primária como prioridade nos projetos da nação Argentina, que deveria se preocupar primeiro com a alfabetização das massas e a escolarização das crianças, antes de implantar programas de ensino especializados ou projetos culturais sofisticados (BRAVO, 1999, p.5).

Cerca de sessenta anos depois o poeta (e Inspetor de Ensino) brasileiro Olavo Bilac, em entrevista a João do Rio em 1907, traz uma reflexão muito semelhante sobre a atenção prioritária à instrução primária:

A Arte é a cúpula que coroa o edifício da civilização: e só pode ter arte o povo que já é "povo", que já saiu triunfante de todas as provações em que se apura e define o caráter das nacionalidades. O que urge é compreender isso, e é aproveitar a lição dos fatos. Nós não temos unicamente, diante de nós, o problema do saneamento e do povoamento. Com o saneamento apenas, livrar-nos-emos das epidemias que os mosquitos, os ratos, os micróbios transmitem de corpo a corpo, mas deixaremos, intacta e tremenda, pairando sobre nós, a ameaça das epidemias morais, que depauperam o organismo social, e o conduzem à indisciplina, à inconsciência e à escravidão. Tratando apenas do povoamento, feito ao acaso das levadas de imigração, sem fundar uma escola em cada novo núcleo de povoadores, conseguiremos somente aumentar e dilatar o império da ignorância e da irresponsabilidade. O problema que tem de ser resolvido, juntamente com esses dois, é o da instrução. E o que dói, o que desespera, é que toda a gente culta do Brasil tem a consciência disto, e que, há mais de um século, esta verdade, anunciada, proclamada, escrita, em todas as tribunas, em todos os livros, em todos os jornais, ainda não achou governo que a servisse em terreno prático (BILAC, in BUENO, 1997, p.30 -31).

Aqui poderemos pensar na ideia de base da civilização por contraste: a arte seria a cúpula do palácio da civilização, a instrução, sua base. Bilac e Sarmiento, dois escritores, dois países, e uma ideia que flui: a base e a cúpula, a educação primária, a alfabetização para depois, sobre elas, se erguer a cúpula da alta cultura, das artes, do ensino superior. Não é uma coincidência fortuita, é um indício de que modelos, ideias e projetos de educação, civilização e modernização, eram compartilhados, reelaborados e colocados em uso pela intelectualidade mundial e latino-americana.

³²⁰“la impostergable necesidad del pueblo en materia de instrucción. Había que enseñar a leer a las masas, antes que acometer programas de enseñanza demasiado especializados o proyectos culturales sofisticados” (BRAVO, 1999, p.5).

Os *Congresos Americanos del Niño* compõem essa rede de circulação e as elaborações de Sarmiento e Bilac permearão também as de um grande grupo de educadores, médicos, advogados, que reiteram a premissa da educação como base da sociedade, ainda por realizar-se na prática. Premissa que atravessará ao menos três séculos e chegará à atualidade com grande força retórica, mas como projeto de difícil execução plena na prática.

Eduardo Nunes Neto (2011) destacará os congressos da criança do início do século XX como encontros cuja preocupação educativa estaria focada no verbo CIVILIZAR³²¹. A análise das fontes me leva a corroborar sua classificação.

Figurarão entre as fontes exemplos de trabalhos levados a debate, cuja temática em destaque é a das prioridades, entendendo por prioridade as ações e projetos considerados urgentes no intento da civilização da América. E parte fundamental dessas ações emergenciais estaria justamente em cimentar a base da educação primária, da higiene e da urbanidade nos estados-nação latino americanos.

Assim, alfabetização, escolarização, formação moral e medidas higiênico sanitárias ombreavam na linha de frente das propostas de desenvolvimento, constituindo a base desse projeto global.

A alfabetização, com o intento da obrigatoriedade escolar discutido no início deste capítulo, é um dos grandes desafios americanos colocados desde o século anterior ao dos debates nos congressos que estudamos aqui, e seguirá como uma preocupação presente. O analfabetismo é entendido como uma amarra ao progresso:

A Republica não pode viver, nem, portanto, se desenvolver e se consolidar na ignorância do povo ou descansando, como até aqui, no *analfabetismo*, que é a completa cegueira do espírito, para bem dizer – o alheamento da personalidade, e consequentemente, uma base inconsciente, falsa, depressora, ignóbil. (...) onde predominar o *analfabetismo*, nem a liberdade pode ser compreendida, apreciada, exercida e cultivada devidamente, nem tampouco a lei e a justiça podem ser estimadas, queridas, obedecidas e defendidas conscientemente como é imprescindível em um regime livre do – *governo do povo pelo povo, e para o povo* (MEIRA E SÁ, 1924, p. 444).³²²

³²¹ “(...) no período das três primeiras décadas do século XX, tiveram visibilidade propostas de reforma educacional defendendo a educação para a civilização, pela qual a criança seria identificada como um objeto moldável pelos adultos, na construção de uma sociedade laboriosa, ordeira, disciplinada e socialmente hierarquizada” (NUNES, 2012, p.23).

³²² F. de MEIRA E SÁ. 3º Congresso Americano da Criança, 1924, p. 444.

No entendimento do congressista Meira e Sá, o analfabetismo seria a “base” ignóbil, bárbara, residual da sociedade. Essa desqualificação do homem e da mulher analfabetos frente uma sociedade que se burocratizava e se tornava progressivamente escriturária, alimentará também os esforços pela obrigatoriedade escolar.

A força das palavras de Meira e Sá me remeteu ao “Elogio ao Analfabetismo” do escritor Hans Magnus Enzensberger, que ao lembrar os projetos de alfabetização das massas por todo o mundo ressalta, sem romantismo, que se fizeram pela força da obrigatoriedade e não por desejo do povo em ser escolarizado. Em contraponto, destaca quanto de digno há no homem analfabeto:

(...) quando eu contemplo um analfabeto ele é me é apresentado como uma figura digna de todo o respeito. Invejo a sua memória, a concentração, a sua disponibilidade, o seu talento para a invenção, a sua tenacidade e seu ouvido requintado. Por favor, não pense que eu estou falando sobre o bom selvagem. Não estou falando de uma fantasmagoria romântica, mas de seres humanos que conheci na vida. Longe de mim a intenção de idealizar. Eu também vejo a estreiteza de seu horizonte, seu erro, sua teimosia, sua extravagância. Você pode se perguntar como é que um escritor toma o lado dos que não sabem ler... Bem, é muito claro. Porque foram os analfabetos que inventaram a literatura. Suas formas elementares, dos mito à rimas infantis, desde o conto à canção, da oração à adivinha, são todos muito mais velhos do que a escrita. Sem a tradição oral, não haveria poesia; sem analfabetos não existiriam livros (Enzensberger, 1985, s/p).³²³

No entanto, nesse momento específico dos congressos, naquele início de século, os anseios por unidade e progresso não permitiam a positivação das formas mais populares de cultura. Alfabetizar e sanear era preciso. Não por acaso o texto apresentado por Meira e Sá utiliza-se de redundâncias significativas em seu título: “Do problema *capital urgente inadiável* do Brasil nas suas duas faces” [grifos meus]. Essas “faces” problematizadas pelo autor são justamente o saneamento e a instrução primária da população.

Afrânio Peixoto, nas discussões de trabalhos na seção de Pedagogia do Terceiro Congresso Americano da Criança (realizado em conjunto com Primeiro Congresso Brasileiro de Proteção à Infância) pede a palavra após a

³²³ O texto de que se extrai o fragmento foi lido por Hans Magnus Enzensberger em seu discurso ao receber o prêmio Heinrich Böll de literatura. A versão em espanhol do texto pode ser lida on line: http://elpais.com/diario/1986/02/08/opinion/508201208_850215.html. Acesso em: 12 de dezembro de 2014.

leitura do trabalho “Contribuição para o ensino de Hygiene nas escolas primárias” por seu autor, o representante do governo de Minas Gerais, José Rangel. Eis um fragmento do relato de sua intervenção registrada na Acta da Reunião da Secção de 4 de setembro de 1922:

...é dada a palavra ao professor Afrânio Peixoto, que começa dizendo, como Catedrático de higiene que é da Faculdade de Medicina, estar ali mal colocado, isto é, sente que a cadeira está mal colocada. Para alguns colegas, talvez, seja motivo de satisfação, de vaidade mesmo, ensinar no último ano médico, ser professor de doutorandos... A higiene, como a pedagogia devia constituir um exame preparatório. Todo homem, toda mulher deve conhecer a higiene, deve conhecer a pedagogia. Não é só ao médico e ao professor que cabe conhecer a higiene e a pedagogia, gasta-se no Brasil muito dinheiro com o serviço de profilaxia rural; no interior criam-se postos esgotando-se *stocks* de quenopódio e thymol. Quanto ao resultado prático, nenhum. E diz, pitorescamente, o Professor Afrânio, “o mesmo que carregar água em peneira...” E, tudo isso porque se esquecem da educação do povo. (...) Antes do problema higiênico profilático, há o educacional, muito mais importante (**Terceiro Congresso Americano da criança**, p. 189). (grifos do original).³²⁴

Na colocação de Afrânio Peixoto fica claro o amálgama entre educação básica e higiene básica; a pedagogia e a higiene como pares indissociáveis e conhecimentos necessários a todos. Na sequência da participação de Afrânio Peixoto, bem como no registro de suas demais participações nesse congresso, não fica claro o que exatamente ele entendia por *pedagogia*. À leitura de suas obras e de estudos sobre a produção de Afrânio, podemos ponderar que mais do que equivar os conceitos de pedagogia e educação, Afrânio Peixoto poderia estar se referindo à ampla ideia que tinha sobre a pedagogia e que desenvolverá no curso de suas obras. Sobretudo em *Noções de História da Educação* (Peixoto, 1933), manual no qual, segundo ROBALLO, deixa clara sua concepção da pedagogia como o último elo deste longo processo civilizatório, marcado pela luta entre o arcaico e o moderno, entre o selvagem e o civilizado (ROBALLO, 2007, p. 80). Mais uma vez a luta da civilização versus barbárie.

Em outra sessão, no mesmo Terceiro Congresso Americano da Criança, realizada no dia 2 de setembro de 1922, o mesmo Afrânio Peixoto sintetiza a essência dos debates travados naquela tarde na seção de Higiene:

O Professor Afrânio Peixoto que está na presidência, substituindo no momento o Professor Luiz Barbosa, resume o sentir da assembleia

³²⁴ Ata da reunião da seção de Pedagogia, 3º Congresso Americano da Criança, 1924, p. 189.

em relação ao assunto (...) os processos de higiene quase nada valerão, si não forem acompanhados da educação e da compreensão suficientes, de modo que o indivíduo per si se defenda dos perigos do meio. (...) As próprias estatísticas americanas acusam facto idêntico. Ao lado do uso de vermicidas é imprescindível a adoção de privadas e sapatos e isso só se conseguirá quando o povo estiver educado e é justamente à escola que compete educá-lo (**Terceiro Congresso Americano da criança**, p.232).³²⁵

No âmago de todas as discussões nessa sessão de higiene dos congressistas de 1922 um tripé se destaca estruturando o projeto da civilização – ou seu edifício, para retomarmos Bilac: escolas, privadas e sapatos.

Toda a centralidade da questão higiênica se fundamentava na gravidade que assumiram os problemas sanitários pelas Américas, em países que, ao mesmo tempo em que se modernizavam e urbanizavam, apresentavam a colateralidade radical dos processos com problemas sanitários gravíssimos, endemias rurais, epidemias urbanas de tuberculose, gripe espanhola, malária, peste bubônica, entre outras.

A tarefa de preparar a população para o combate às mazelas sanitárias, tomando os adultos como alvo de campanhas de controle, já se mostrara excessivamente difícil, pouco produtiva e bastante impopular. Tais campanhas, muitas vezes marcadas pelo autoritarismo e violência do Estado saneador sobre os cidadãos, com medidas de vacinação obrigatória, confinamento de doentes, derrube de edifícios em más condições sanitárias, geraram medo, desconfiança e até a revolta da população, como no caso Revolta da Vacina em 1904 no Rio de Janeiro, mencionado no capítulo dois desta tese.

A educação das crianças desponta nesse cenário como uma possibilidade de regeneração sanitária e adesão da população a partir da escola (STEPHANOU, 2000), de onde se espraia a necessária consciência sanitária, sob mecanismos menos violentos em certa medida, já que alguma violência se impunha, seja pela inculcação compulsória de hábitos, seja pela velada ameaça de morte e deformidade trazida às salas de aula como parte dos mecanismos de convencimento das benesses da educação sanitária, mas o enfoque positivo será mais recomendado como estratégia:

A maneira de efetivar o ensino de higiene constituía problema delicado e demandava tanto dos médicos quanto do professorado um perfeito conhecimento da matéria. De qualquer forma, os médicos

³²⁵ Ata da reunião da seção de Higiene, 3º Congresso Americano da Criança, 1924, p.232.

concordavam: a “saúde pela educação” não era uma frase utópica. Mas então, como consegui-la? Se procedermos a um inventário das expressões utilizadas para designar os fins da educação sanitária na escola, será forçoso registrar que tratam quase sempre de ações imbuídas de positividade, ao invés da tônica em coibir, reprimir, perseguir, amedrontar, punir (...) (STEPHANOU, 2000, p.1).

Seguindo a lógica de Stephanou, que retoma as expressões usadas para designar os fins da educação sanitária, voltemos à citação de Picarel, mencionada páginas atrás e que tem servido de guia neste momento. A outra expressão destacada com uma sublinha pelo congressista levanta o tema da educação e instrução como caminhos para o forjar do corpo e espírito infantil.

3.2.2 A educação física e a ginástica escolar – “Pela instrução e educação deve-se forjar o homem saudável de corpo e espírito, forte, moral, trabalhador e inteligente”

Este trecho da citação nos remeterá à análise das maneiras vislumbradas nos primeiros *Congresos Americanos del Niño* para efetivar a educação do corpo e do espírito do niño americano. A produção em História da Educação é rica em estudos que abordarão os principais expedientes educativos para a conformação dos corpos e mentes pela escola, principalmente nas lides dos estudos sobre a disciplina de Educação Física nas escolas do início do século XX. Forjar o menino e a menina trabalhadores, sadios, corretos e inteligentes era também regenerar a sociedade através da escola, tarefa tanto mais urgente quanto mais pobre e extensa se torna a população das cidades.

Antes de discutirmos as proposições para a concretização desse intento de remodelação da sociedade pela escolarização, acredito ser útil nos determos um pouco na expressão forjar e à imagem da forja, o conjunto de instrumentos composto pela fornalha, a bigorna, os martelos e tenazes, capazes de gerar a forma precisa nos metais mais duros.

Não proponho que realizemos um descolamento da palavra de seu contexto de uso, nem que nos empenhemos num estudo hermenêutico do termo, mas que pensemos que embora no uso cotidiano as palavras tenham seus sentidos transformados ou diluídos, no termo forjar subsiste uma

violência, uma força coercitiva que o torna muito mais intenso que os termos *modelar* ou *cultivar*, também amplamente usados nos discursos pedagógicos.

Forjar evoca mais que o exercício artesanal da modelagem, forjar é dar forma “a ferro e fogo”. No caso da escola a metáfora da forja se desdobrará em métodos, meios, condutas a inculcar, pois “Não se trata somente de alfabetizar trata-se de forjar uma nova consciência cívica por meio da cultura nacional e por meio da inculcação de saberes associados à noção de ‘progresso’” (JULIA, 2001, p. 23).

Dentre os saberes e práticas empregados na “forja educativa”, sem dúvidas o papel da Educação Física será estratégico sob a ideia de que “não há inteligência lúcida nem vontade firme sem ter por base a sanidade do corpo” (PIMENTA, 1916, p.459).³²⁶ Discutimos a questão da preponderância do discurso médico sobre os corpos infantis no capítulo 2, agora desvelaremos algumas das perspectivas dessa preponderância aplicada ao conhecimento escolar, aos saberes a serem empregados na escola a fim de operar a metamorfose sugerida por Tarcísio Mauro Vago – a criança ao ingressar na escola seria transformada em aluno:

Ora, a produção da criança em aluno desdobra-se: não era de uma corporeidade de criança que se deveria cuidar, mas da constituição de uma corporeidade de alunos: novas sensibilidades deveriam ser *in-corporadas*. A escola deveria produzir novos hábitos, novas subjetividades, novos ritmos – e é precisamente no corpo infantil que deveriam ser inscritos e guardados. Ele é um território – talvez o primeiro e mais central – que a escola deveria conquistar (VAGO, 2006, p.286).

Essa conquista do corpo e da mente das crianças/escolares preocupou um bom número de congressistas dos *congresos del niño*, em apresentações de trabalhos e debates intensos sobre a puericultura, a educação sexual, a profilaxia do alcoolismo e doenças venéreas, a ginástica e a disciplina do corpo dos meninos e das meninas.

A importância da educação física é mais prevalente na escola primária, porque é preciso lançar as bases para a futura grandeza social em todos os sentidos que a educação integral envolve. À escola corresponde dar mais atenção a esta disciplina, é ela quem deve seriamente encarar-la ampliando o seu âmbito para o entorno da escola, para a casa, a sociedade, para que o seu ensino seja útil pelos hábitos que ela cria (RODRIGUES, 1919, p.249).³²⁷

³²⁶ João Luiz PIMENTA. 1º Congresso Americano da Criança, 1916, p.459.

³²⁷ *La importancia de la educación física es así, mas predominante en la escuela primaria, porque ha de fundar las bases de la futura grandeza social en todos los sentidos que la educación integral comporta. A la escuela corresponde la mayor atención a esa disciplina, ella*

A ginástica será entendida nos congressos, em consonância com o desenvolvimento da ginástica escolar que se desenrola na Europa no período, como uma das principais bases da educação física escolar, como o elemento eficiente que “às organizações fortes, conserva-as e desenvolve-as, às organizações fracas, modifica-as e melhora-as” (PIMENTA, op. cit). A ginástica como componente da Educação Física, pelo que apreendo das fontes, não está apenas a serviço da plenitude física dos indivíduos, mas busca corresponder ao que Picarel, o congressista que apresentei há pouco, chamará de *cultivo racional e harmônico das habilidades físicas, estéticas, intelectuais, morais e cívicas da criança*, criança que, ainda segundo Picarel, se tornará o *homem saudável de corpo e espírito, forte, moral, trabalhador e inteligente* (PICAREL, op.cit, p.61).

Os textos localizados entre as fontes que mais minuciosamente tratam da educação física e ginástica escolar revelam uma racionalizada e científica abordagem dos princípios, dos conteúdos e uma organização metódica, considerando as idades das crianças, as partes do corpo a serem trabalhadas e os momentos das aulas organizadas em etapas.

Trata-se dos trabalhos do brasileiro João Luiz Pimenta, enviado para o *Primer Congreso Americano del Niño*, 1916 e da argentina Maria Ines Mendoza de Rodrigues, apresentado no *Segundo Congreso Americano del Niño*, 1919, ambos na seção correspondente à Educação (Pedagogia e Enseñanza, respectivamente).

Ambos os trabalhos têm em comum a forte argumentação científica sobre as questões do melhoramento da raça, do aprimoramento da moral e do intelecto e da necessidade da intervenção do Estado para que a ginástica seja implantada de maneira obrigatória como disciplina escolar (apenas no texto da argentina o termo *disciplina* será usado, no texto do brasileiro se usará o termo *especialidade*).

O que marca a diferença entre os dois textos é a exposição do que cada um dos congressistas elege como fundamentação teórica sobre a Educação

es quien debe encararla seriamente extendiendo su campo de acción al ambiente que la rodea, al hogar, a la sociedad, para que la enseñanza sea provechosa por los hábitos que ella crea. (Maria Ines Mendoza de RODRIGUES. 2º Congreso Americano del Niño, 1919, p.249).

Física. João Luiz Pimenta discorrerá detalhadamente sobre o surgimento da ginástica escolar na Europa e citará principalmente a matriz alemã com Basedow como iniciador da prática escolar da Educação Física. Empreenderá o congressista uma análise do que ele chamará de “o grande tráfico gymnastico” na Europa, citando as contribuições de Pestalozzi, Natigal, Luig, Eliseu, entre outros. Todo o investimento do congressista por retomar o histórico europeu da ginástica escolar culminará com a seguinte conclusão:

Eis como a Europa assim organizou, introduziu e tornou obrigatória a ginástica, isto é, a educação física em todas as suas escolas. A ginástica tomando assim um lugar tão importante evidencia a resolução que a instrução primária está levantando em bem da humanidade.(...) Para homens débeis e tímidos – nações fracas. Só pode ser rica e forte a nação que tiver seus filhos plenamente educados na prática da honra, do trabalho e do civismo (PIMENTA, op.cit. p. 463).

A proposta de Pimenta é a de que, espelhando-se no exemplo Europeu, a América passe a considerar com maior seriedade a ginástica escolar, entendendo-a como esteio da educação física, a educação física como esteio da escola e escola como esteio da nação.

O texto apresentado por Maria Inez Mendoza de Rodrigues irá subverter essa geografia do conhecimento e sem nenhuma menção à Europa se baseará na experiência do que ela chamará de *sistema argentino de educação física* – e que assim ficará posteriormente nomeado na história da Educação Física (Charagrodsky, 2004) – ou de *sistema científico argentino de educação física*. Me deterei um pouco nesse texto, pois ele vem ao encontro das propostas americanistas que mencionadas no capítulo um, ao propor uma metodologia criada por americanos e voltada para a realidade e intentos americanos.

A autora inicia expondo o que entende por educação física e sua base científica, invocando o aporte da Biologia, Anatomia, Fisiologia, Higiene, Pedagogia, Física, Química, Mecânica, Psicologia e Sociologia como fundamentadores da educação física escolar. Depois dessa introdução ela irá apresentar o “sistema científico argentino de educação física”, detalhadamente explicado quanto à gradação por idades, por momentos da aula, por progressão de conteúdos.

Dada a “preciosa bagagem” (RODRIGUES, 1919, p. 256) de conhecimentos científicos que dariam suporte à boa prática da educação física e ginástica escolar, a autora lamenta que nem sempre os professores,

egressos do curso normal, detenham conhecimentos suficientes para o melhor proveito da disciplina, pois “com aptidão e preparo suficiente para o ensino intelectual e moral das crianças, carecem geralmente de preparo científico para a educação física”, então sustentará a necessidade de escolas que preparem especificamente os professores de educação física:

O professor especial, ou seja, o professor de educação física, é quem se encontra em condições de abordar de forma consciente a aplicação de uma tal disciplina; só ele pode considerar o problema em todos os seus aspectos e com todos os seus fatores, e dirigir o ensino respondendo às exigências do meio (idem, ibidem)

Na sequência a congressista apresentará um histórico da formação de professores de Educação Física na Argentina, desde os primeiros cursos livres organizados nas férias para preparar rapidamente os professores primários, até a criação da escola normal de Educação Física e do Instituto Superior de Educação Física, por Enrique Romero Brest.³²⁸

É interessante perceber que durante todo o artigo as referências que circularão serão internas à Argentina. A apresentação do método não citará nenhuma influência exterior de estudos ou autores estrangeiros, no entanto ao pesquisar “escola Argentina de educação física” para além das fontes, percebe-se que Enrique Romero Brest elaborou seu método e a difusão dele a partir de muitos estudos e participações em congressos pela Europa.

O que Brest propunha e Maria Inez defendeu no congresso foi a criação de um método totalmente adaptado à realidade Argentina, cuja aplicação se fizesse apenas “com meios simples, pátios amplos e ar livre” (p.254), que poderiam ser acessados fora dos edifícios escolares, nem sempre adequados, realizando-se a atividade em praças e lugares abertos. À conclusão de sua apresentação, Maria Inez Mendoza pedirá aos participantes que considerem estudar o método e levá-lo aos seus países:

Dados os mesmos padrões de raça e meio ambiente, que caracterizam os povos da América do Sul, o sistema científico de educação física implementado nas escolas primárias pode ser

³²⁸ Enrique Romero Brest é considerado o fundador do método argentino de educação física e, por sua vez, criador do campo da educação física no país no início do século XX. Ele foi um dos atores que contribuíram para os processos de globalização neste campo de conhecimento, fazendo várias viagens à Europa inspirando-se e apropriando-se de outros métodos de Educação Física. No entanto, também reorganizou os métodos para o desenvolvimento de um método específico para a Argentina (CHARAGRODSKY, 2009, p.89).

comum e, portanto, chamamos a atenção (para estudo) sobre o sistema de ensino de educação física (RODRIGUES, 1919, p.264).³²⁹

O trabalho, após a sua leitura pela autora na Sección de Enseñanza do *Segundo Congreso Americano del Niño*, recebeu um “voto de aplauso”, cujo registro se fez a mão sobre o texto original apresentado ao congresso.

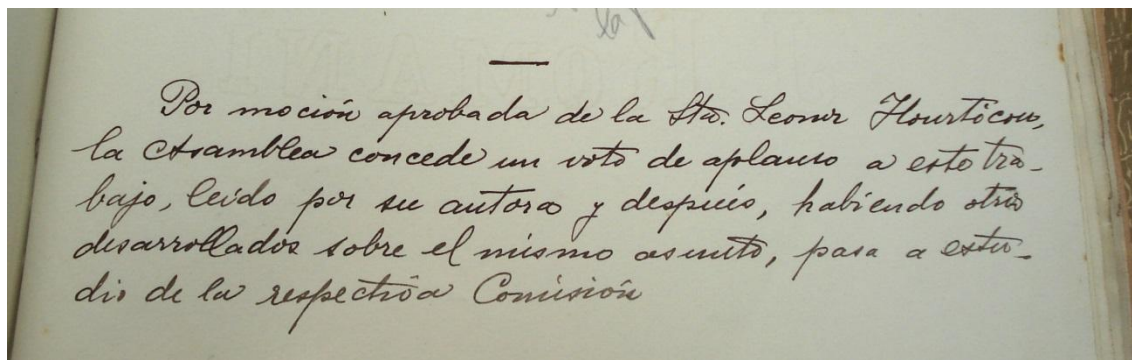


FIGURA 41... VOTO DE APLAUSO AO TRABALHO “A EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA” DE MARIA INEZ MENDOZA DE RODRIGUES, APRESENTADO NO SEGUNDO CONGRESO AMERICANO DEL NIÑO, MONTEVIDEO, 1919. FONTE: A AUTORA.

No recorte acima a seguinte nota: “Por menção aprovada da Srta. Leonor Houticou,³³⁰ a Assembleia concede um voto de aplauso a este trabalho, lido por sua autora e depois, havendo outros desenvolvidos sobre o mesmo assunto, passa ao estudo da respectiva comissão”.

Apesar da aclamação e menção elogiosa não constam registros sobre a implantação do método argentino nas escolas americanas dentre os votos aprovados à conclusão do congresso. No entanto há menções em alguns estudos de História da Educação Física³³¹ da aplicação do sistema argentino no Uruguai, Chile e Brasil.

³²⁹ *Dadas las mismas modalidades de raza y de ambiente que caracteriza a los pueblos Sud-americanos, el sistema científico de educación física implantado en las escuelas primarias puede ser común, y en consecuencia, llamamos la atención (para su estudio) sobre el sistema de educación física.* (Maria Ines Mendoza de RODRIGUES, op.cit. p.264).

³³⁰ Uruguia, professora e diretora do Instituto Normal de Montevideu que presidiu algumas das sessões na seção de Enseñanza no congresso de 1919, mas que na específica sessão de apresentação desse trabalho estava como membro da audiência.

³³¹ **Enrique Romero Brest y los inicios de la educación física escolar.** Su tiempo, su vida, su pensamiento y su obra. Abel Luis Agüero, Silvia Beatriz Iglesias, Ana E. del Valle Milanino. Departamento de Salud Pública, Facultad de Medicina, Universidad de Buenos Aires <http://www.ea-journal.com/art/Enrique-Romero-Brest.pdf> e **El padre de la Educación Física Argentina:** fabricando una política corporal generizada (1900-1940). Pablo Scharagrodsky <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/viewFile/10338/9603>

3.2.3 Puericultura e Educação Sexual como saberes escolares. “O homem apto e pronto em todos os sentidos para iniciar-se com sucesso positivo nas ações da vida comum”

A última parte da citação de Picarel destaca a palavra iniciar-se que explorarei ainda pelo prisma da Higiene, pois poucas coisas remetem mais ao princípio e à prontidão do que alguns dos seguintes saberes bastante valorados nos discursos dos congressistas em estudo: a puericultura como conteúdo escolar e os cuidados reprodutivos e eugênicos através da educação e normatização da sexualidade desde a escola.

A preocupação com a “vida comum”, citada por Picarel, reitera o aspecto civilizador e de difusão da disciplina social através da escola, bem como a ideia recorrente de que naquele momento americano os saberes escolares deveriam ser iminentemente práticos.

As fontes dos congressos sinalizam que esse estado de “prontidão” desejado para os desafios da vida social seria forjado no interior da escola, mas poderia e deveria ser favorecido e cultivado desde “o berço”, ou melhor ainda, desde a concepção, como pudemos observar ao tratar dos preceitos eugênicos em debate no período.

A escola lapidaria o estado de superioridade física e moral iniciado no lar. Na ausência desse início ideal nas lides familiares, ficaria ao encargo da escola tentar recuperar o quanto possível as crianças, recolocando-as no caminho da ordem, limpeza, laboriosidade e patriotismo.

A educação física da criança americana ocupará espaço de grande relevância nas propostas de saberes escolares e a puericultura é ramo específico da educação que além de física é moral, considerada como necessária extensão e aperfeiçoamento dos cuidados maternos na formação da criança e depois do homem.

Extensão e complemento do lar, à escola incumbe uma missão nobilíssima e transcendental tanto ou mais do que a da mãe; porque se esta forma uma criança, a escola forma homem. Seu programa não pode ser reduzido, como pretende a generalidade, a desenvolver faculdades intelectuais (...) bom é ter homens esclarecidos, mas é melhor que sejam saudáveis e fortes (AIZCORBE, 1919, p.396).³³²

³³² *Prolongación y complemento del hogar, a la escuela incumbe una misión nobilísima y transcendental tanto o más que la de la madre; porque si ésta forma un niño, la escuela forma un hombre. Su programa no puede reducirse, como pretende la generalidad, a desarrollar y disciplinar las facultades intelectuales (...) bueno es tener hombres ilustrados, pero es mejor*

Sem nenhuma hesitação é possível afirmar que, ao buscar em todo o corpus de fontes mobilizado nesta pesquisa os indícios que sinalizassem a preponderância de determinados saberes ou disciplinas, a quantidade de menções à puericultura como conteúdo escolar em diferentes trabalhos e debates dos três primeiros *Congresos Americanos del Niño* é preponderante. Tratei da proeminência do discurso médico sobre o corpo social no capítulo dois desta tese, mas a reiteração da especial importância da Puericultura e de sua inserção nos programas escolares em todos os níveis, suplantando em frequência de menções até mesmo às defesas pela ginástica e educação para o civismo, por exemplo, foi um dado surpreendente.

Tal proeminência vai ao encontro do desejo de regulação da vida privada do qual tratamos no capítulo dois, regulação que para Boltanski (1972) será uma das principais funções da Puericultura como ferramenta nos projetos de controle do Estado sobre as classes pobres, sobretudo sobre as crianças.

A presença forte da higiene, e da puericultura em específico como elemento a ser potencializado dentre os saberes escolares, tem base na ideia (já debatida aqui no item 3.2.1) de que a escola poderia auxiliar na obra sanitária de maneira decisiva por via das crianças, que seriam vetores para que esses conhecimentos, para além de auto-preservá-las, atingissem às suas famílias e comunidades. Sobre a tarefa de “educar as famílias por intermédio das crianças que frequentam a escola”, Haidée Vianna Fiuza de Castro, professora participante do Terceiro Congresso Americano da Criança, enfatiza que quando o interesse dos pais pela puericultura fosse despertado pelos estudos que seus filhos faziam na escola :

(...) poderíamos ter a certeza de que nossos ensinamentos beneficiariam [também] as crianças que não frequentassem a escola e que as noções de higiene e puericultura interessariam vivamente as crianças despertando-lhes o desejo de repetir e pôr em prática no lar o que aprendem na escola. Realizaríamos assim o verdadeiro fim da educação: melhoraríamos os Paes por intermédio dos filhos, a raça por intermédio da criança, serviríamos a pátria através da família (CASTRO, 1924, p.425).³³³

que estos sean sanos y fuertes (Cezar AIZCORBE, 2º Congreso Americano del Niño, 1919, p.396).

³³³ Haidée Vianna Fiuza de CASTRO. 3º Congresso Americano da Criança, 1924, p. 424.

O objetivo condensado na ideia exposta acima será relatado por outros congressistas em diferentes edições dos eventos em estudo, e ainda que o enfoque principal do ensino da Puericultura recaía sobre a educação das normalistas como veremos adiante, não serão raros os apelos para que a puericultura seja ministrada desde o ensino primário e até no maternal como sugere o congressista Ferreira de Magalhães em seu trabalho para o *Primer Congreso Americano del Niño*, ao compartilhar algumas propostas levadas ao Congresso internacional de Proteção à Infância de Bruxelas:

Não somente importaria orientar desde a mais tenra idade a educação de nossos meninos das classes laboriosas para as ocupações do serviço doméstico, como seria altamente desejável cultivar os dotes naturais de ternura e devotamento do coração da menina, aplicando os jogos da escola froebeliana a um preparo remoto do seu papel de mãe atenta e cuidadosa. No numero dos jogos realizados, dos brinquedos em comum o da *boneca* daria lugar a exercícios recreativos de grande alcance intuitivo. A escola froebeliana poderia sem dificuldade alguma converter-se em agradável escola de mãezinhas (PLASKI, apud FERREIRA DE MAGALHÃES, 1916, p.445).^{334 335}

Na continuidade dessa proposta se esmiúça o que caberia aos meninos fazer durante a atividade das meninas com as bonecas: eles deveriam brincar com blocos de construção, mas estando por perto para que “se habituassem pela memória dos olhos, pela memória das palavras a considerar como fazendo parte integrante das ocupações quotidianas a dar aos bebezinhos” (op. cit., p. 446). E com isto, com as impressões causadas nas meninas e meninos desde pequenos, sobre maternidade e paternidade, se atingiria os lares simples promovendo a repercussão esperada.

As ideias sobre paternidade e maternidade debatidas nesta pesquisa anteriormente se veem parcialmente representadas na citação, na qual à menina caberá despertar instintos advindos de seu coração terno e ao menino caberá ser laborioso, mas discretamente atento aos cuidados com os filhos. A puericultura naquele contexto estaria a serviço também de uma ideia de família moderna, a ser produzida desde o jardim de infância.

³³⁴ FERREIRA DE MAGALHÃES, 1º Congresso Americano da Criança, 1916, p.445).

³³⁵ Friedrich A. Froebel, que abriu seu primeiro kindergarten, o jardim de infância no início da década de 1840, em Blankenburgo, pretendia não apenas reformar a educação pré-escolar mas, por meio dela, a estrutura familiar e os cuidados dedicados à infância, envolvendo a relação entre as esferas pública privada (KUHLMANN, 2010, p.109).

As propostas que defendem a puericultura como saber escolar desde o ensino primário justificam a sua necessidade pelos efeitos profundos e duradouros que ensinamentos tão importantes para a vida prática causariam em “cérebros ainda virgens e impressionáveis”,³³⁶ considerando que “entre os seis e 12 anos se a inteligência é menor o coração é todavia mais sincero”.³³⁷

Outro aspecto, bastante importante, ressaltado em favor do ensino de puericultura e noções de profilaxia do alcoolismo, sífilis, tuberculose para crianças da escola primária se deve à constatação de que a maior parte das crianças das classes trabalhadoras encerravam seus estudos no grau primário. Seria então essa a única chance de futuros “artesãos, lavradores, operários, trabalhadores braçais e futuras mães e donas de casa” (“verdadeiros centros de difusão de conhecimentos úteis nos lares”) receberem os rudimentos de higiene, profilaxia e cuidados com os bebês. Ao decidir que a Puericultura fosse dada como disciplina apenas na escola Normal ou em níveis mais além do primário, se excluiria a preparação dos que mais precisariam desses conhecimentos.³³⁸

Embora o ensino da puericultura na escola primária fosse defendido pela maior parte dos trabalhos, houve quem se opusesse a ele, defendendo que “a difusão de conceitos de tão grande transcendência” (RUEDA, 1919, p.329)³³⁹ não poderia ser amplamente compreendida por “meninas”³⁴⁰ muito jovens e, portanto, o ensino de puericultura deveria ser privilegiado apenas no último ano da Escola Normal.

Em contraponto, houve argumentações no sentido de que “se ensinam na escola muitos problemas complexos de aritmética, gramática e física” (MONTELLANOS, op.cit, p.467), não havendo justificativas para excluir as noções de puericultura e higiene da escola. A respeito, defende também a brasileira Haidée Vianna Fiuza de Castro:

Se no fim do ano, em provas públicas, uma aluna do quinto ano é arguida sobre a data da queda do império romano, é capaz de dissertar sobre as causas da revolução francesa (...) devem também ser obrigatórias perguntas sobre condições gerais de saúde

³³⁶ Sebastian RODRIGUEZ. *2º Congreso Americano del Niño*, 1919, p.110.

³³⁷ Afrânio Peixoto em debate ao trabalho de Haydeé Vianna Fiuza de Castro na seção de Pedagogia. 1º de setembro de 1922. 3º Congreso Americano da Criança, 1924, p. 182.

³³⁸ Todo o parágrafo parafraseia trecho do trabalho de José T. MONTELLANOS, *2º Congreso Americano del Niño*, 1919, p. 464).

³³⁹ Pedro RUEDA. *2º Congreso Americano del Niño*, 1919, p. 329.

³⁴⁰ Rueda menciona apenas as meninas como alvo do ensino de puericultura.

(qualidades do recém-nascido, pesadas, vestuário, banhos) o que só se tornará possível se houver como para as outras matérias um programa de higiene infantil. Aliás, nada justifica que não exista ainda um programa especial de higiene infantil, matéria da mais alta importância que qualquer das outras ensinadas na escola, (...) (CASTRO, op.cit., p. 424).

Seja nesse contexto ou na escola normal, a puericultura pensada como saber a ser inserido na escola primária, dois aspectos serão notórios: o primeiro e mais evidente está na relação de gênero estabelecida com esse ramo do conhecimento, que mesmo quando inclui os meninos visa primeiramente as meninas. Este aspecto merece um aprofundamento em relação às ideias de educação feminina presentes nos primeiros Congressos Americanos da Criança, o que se seguirá. O segundo aspecto diz respeito aos métodos e ideias pedagógicos que são sinalizados a partir dos registros de ideias e estratégias pelas quais se objetiva transmitir os ensinamentos de puericultura e higiene.

O ensino “prático e simplificado” da puericultura deveria se dar, no caso do ensino primário, em “lições curtas”, “conversações”, “histórias ilustradas por murais”, “cartilhas”, “projeções luminosas”, pelo uso de “bonecas”, de “objetos e utensílios do dia a dia”. A orientação para esse ensino partiria do médico higienista ou pediatra, mas sua execução se daria pela professora ou professor primário.³⁴¹

Já as prescrições para o ensino de puericultura no curso Normal levariam os princípios da experiência a somarem-se aos da prática social. Ao invés de murais, cartilhas e bonecas, as moças deveriam aprender a partir da imersão na realidade dos hospitais e orfanatos:

Ao ler este livro vivente, que chora, ri e sofre, que oferece seu frágil corpinho faminto por vezes e vezes lastimado por dor e sofrimento os mais cruéis, ao ler esta página sentida e palpitante, na fonte original e pura das necessidades sociais, aprenderéis (RUEDA, op.cit.,p.330).³⁴²

³⁴¹ Foram condensados neste parágrafo aspectos metodológico mencionados em MONTELLANOS, 1919; CASTRO, 1924; MAGALHÃES, 1916; RODRIGUEZ, 1919; RUEDA, 1919.

³⁴² *Al leer este libro viviente, que llora, ríe y sufre, que ofrece su frágil cuerpecito hambriento a veces y veces lastimado por achaques más crueles, a leer esta página y sentida y palpitante, en la fuente original y pura de las necesidades sociales, aprenderéis* (RUEDA, op.cit., p.330).

O forte apelo à sensibilidade expresso na citação acima é parte da metodologia elaborada pelo médico e professor da escola normal Pedro Rueda, que acreditava ser essencial produzir “marcas profundas no coração e no cérebro” das futuras mães e professoras que tendo sua “extraordinária sensibilidade de mulher” impressionada se converteriam nos maiores agentes da mudança nos quadros das misérias físicas das crianças americanas.

A ideia de que as estudantes praticassem os princípios de puericultura atendendo, sob a supervisão dos professores, aos bebês e crianças pequenas desvalidas e órfãs será reiterada em trabalhos como o de Ferreira Magalhães, no Primeiro Congresso Americano da Criança, ao citar os votos do relatório do belga Victor Mirguet, diretor da Escola Normal de Huy³⁴³:

Os institutos de puericultura e arte materna serão, tanto quanto o possível, estabelecidos nas vizinhanças das escolas de meninas, especialmente das escolas normais froebelianas, primárias ou médias, das escolas de serviço doméstico ou profissionais, das escolas médias e dos liceus de mocinhas, dos cursos universitários femininos, etc. aos quais servirão de classe de aplicação; Nenhuma professora poderá ser chamada para exercer suas funções no ensino feminino oficial si não justificar, por um título especial, ter feito um estágio serio em um instituto de puericultura reconhecido de utilidade publica (FERREIRA DE MAGALHÃES, 1916, p. 444).³⁴⁴

A uruguaia Ana Olaondo de Nieto, no segundo *Congreso Americano del Niño*, também defenderá que “as meninas das classes superiores” (e aqui ela se refere à classe social e não ao nível de escolaridade) deveriam frequentar asilos de órfãos e os berçários³⁴⁵ anexos às fábricas (que deveriam ser implantados para atender aos filhos operárias). Os asilos de órfãos, segundo a autora, deveriam estar nas proximidades das escolas públicas para que os órfãos as frequentassem juntamente às demais crianças e para que as alunas adolescentes pudessem passar nos asilos meio turno por semana aprendendo os cuidados com a criança e praticando tarefas domésticas. A ideia de Ana

³⁴³ Apenas como mais uma marca da circulação de atores e ideias promovida nos congressos destaco aqui que Victor Mirguet, cujas ideias expostas no Congresso de Proteção à Infância de Bruxelas em 1913 serão apreciadas e trazidas aos Congressos Americanos da Criança por Ferreira de Magalhães, é autor do manual de História de Educação *Histoire de la pédagogie*, de 1884. Este manual será fonte primária para o trabalho de Marc Depaepe *Entre pédagogie et histoire: questions et remarques sur l'évolution des objectifs de l'enseignement de l'histoire de l'éducation*, Histoire de l'éducation, n. 77, 1998. Trabalho traduzido no Brasil por Maria Helena Câmara Bastos.

³⁴⁴ FERREIRA DE MAGALHÃES. 1º Congresso Americano da Criança, 1916, p.444.

³⁴⁵ Salas-cuna, no original.

Olaondo é sustentada pelo conhecimento + experiência + prática social, e ela afirmará que é esta em síntese a função da escola:

A organização escolar tem de harmonizar princípios científicos com elementos do trabalho, sem esquecer, no entanto, que as democracias americanas precisam criar esse estado social que não se satisfaz com preencher as necessidades materiais da vida, mas deve buscar na cultura do ideal o complemento para a sua felicidade. (NIETO, 1919, p.158).³⁴⁶

Todas essas ideias de aprendizagem prática, com as descrições de métodos e recursos, visava, no caso da escola primária, aproximar o aluno do conhecimento da maneira mais básica possível de modo que a “complexidade científica da higiene” fosse traduzida de maneira “mais simples de ser assimilada que uma regra de três” (MONTELLANOS, op.cit, p.467). No caso das meninas mais velhas, a ideia pode ser sintetizada nas palavras de Rueda: “ensinar fazendo, tocando, olhando”, pois “já é tempo que a ação se inicie, que os feitos substituam as teorias para que se infiltre nos lares o pleno domínio de saudáveis e indispensáveis conselhos”.³⁴⁷

As menções aos recursos didáticos, à adaptação e simplificação de conceitos científicos a experiências cotidianas, através de lições práticas e de objetos e histórias ilustradas apontam para uma possível apropriação por parte dos congressistas dos modernos métodos pedagógicos que segundo Vera (2012) circulavam na América e América Latina desde a segunda metade do século XIX, com apropriações diversas que tinham por base as ideias de Pestalozzi e acabaram por embasar teoricamente diversos projetos de reforma educacional em países latino americanos.

Os nomes de Pestalozzi, Maria Montessori, Herbrat, Froebel, Spencer, Compayerè aparecem, pontualmente, em trabalhos apresentados nos primeiros *Congresos Americanos del niño*³⁴⁸. Não chegam a produzir um corpus muito significativo do ponto de vista quantitativo, que justifique séries de análise. No entanto, as apropriações das ideias associadas a esses nomes,

³⁴⁶ *La organización escolar ha que armonizar los principios científicos con los elementos del trabajo, sin olvidar no obstante, que las democracias americanas necesitan crear ese estado social que no se satisface con solo llenar las necesidades materiales de la vida, sino que han de buscar en la cultura de lo ideal el complemento de su felicidad* (Ana Olaondo NIETO, 2º Congreso Americano del Niño, 1919, p.158).

³⁴⁷ *es tiempo ya que la acción se inicie que los hechos reemplacen a las teorías para que se infiltre en el hogar el pleno dominio de los sanos e indispensables consejos* (RUEDA, op.cit., p.332)

³⁴⁸ Pestalozzi e Maria Montessori serão mais amplamente citados dentre as fontes.

que podem ser considerados representantes³⁴⁹ da “extraordinária difusão internacional do chamado método de ensino intuitivo” (CARVALHO, 2006, p.3.) são presentes em abundância. Sob a forma de apelos ao fim do ensino livresco, enciclopédico, repetitivo, reiteram que tanto na perspectiva teórica como nas propostas de práticas levadas aos congressos, as nações da América Latina estavam discutindo, reformulando e buscando se identificar com esta tendência.

O argentino Montellanos, citado há pouco, irá, em certo momento de seu trabalho, afirmar que suas ideias sobre o ensino da puericultura na escola primária são pedagogicamente fundamentadas: “meu propósito é transformar esses princípios conquistados na higiene superior em uma higiene fundamental e adaptá-los ao sistema pedagógico bem conhecido do ensino objetivo”.³⁵⁰

Não é intenção da pesquisa que ora se apresenta aprofundar o estudo da recepção e apropriação do “método intuitivo”, do “ensino objetivo” ou das “lições de coisas” na América latina, que contam com uma larga tradição de pesquisa em história da educação. O intento é tão somente reiterar que tais ideias pedagógicas circulavam para além das lides específicas dos professores e pedagogos e compunham o repertório de outros profissionais ligados à educação por caminhos diversos, corroborando o que diz Valdemarin (2000) ao destacar que tais ideias educativas estavam muito vinculadas às ideias de progresso científico e modernidade.

O “ensino objetivo”, “ensino intuitivo” e as “lições de coisas” são frequentemente tomados como expressões equivalentes na literatura do período e na produção em história da educação, segundo estudo de Eugénia Roldán Vera:³⁵¹

No México, como na Argentina e na maioria dos países latino-americanos, os historiadores da educação tendem a usar os termos “ensino intuitivo”, “ensino objetivo” e “lições de coisas” praticamente

³⁴⁹ Marta Maria Chagas de Carvalho não menciona Herbart em seu trabalho. A inclusão de Herbart é minha, pois é um nome que aparecerá nas fontes relacionado ao de Pestalozzi, no trabalho do brasileiro Helvécio de Andrade no 3º Congresso americano da Criança, 1924, p. 432.

³⁵⁰ “*Ahora bien, mi proposito consiste en transformar esos conquistados en la higiene superior en una higiene fundamental y adaptarla al sistema pedagógico bien conocido de la enseñanza objetiva*” (MONTELLANOS, op.cit., p. 468).

³⁵¹ VERA atribuirá a equiparação das expressões às sucessivas traduções de Pestalozzi e ao próprio processo de difusão internacional de suas ideias pedagógicas, que serão apropriadas de diversas formas e transformadas nos processos de seu uso em diferentes países e regiões. VERA, 2012, p.15)

como sinônimos. Eles se referem por excelência à moderna forma de ensino, derivada fundamentalmente de Pestalozzi, com base numa aprendizagem que parte do sensível e em contato com a natureza. São os conceitos centrais de ensino promovido por sistemas nacionais de educação que foram desenvolvidos na América Latina na segunda metade do século XIX, que acompanhou a consagração da forma escolar frontal e simultânea (VERA, 2012, p.15).³⁵²

Neste sentido, Montellanos nos dá a pista de que as ideias pedagógicas com matriz em Pestalozzi circulavam com desenvoltura nos discursos e talvez nas práticas dos educadores latino americanos do início do século. E em coerência com a tendência, já expressa nesta tese, da grande interpenetração dos discursos médico, científico e educacional no período, veremos higienistas – médicos de formação – usando sem parcimônia conceitos pedagógicos em suas proposições.

Outra tendência a ser inferida é a de que no início de século XX, junto à força das “lições de coisas” ou do “ensino objetivo”, estivessem ganhando penetração teorias pedagógicas de “acento” norte americano que, às ideias de ação, prática, experiência, agregarão com maior ênfase as de democracia e socialização, que deveriam permear todos os aspectos da aprendizagem e da vida social e individual do aluno, dentro e fora da escola.

Os exemplos acima apresentados, que podem ser indícios da influência norte americana mais evidente em se tratando dos temas relativos à educação para o trabalho,³⁵³ são identificados a partir dos trabalhos de: Haidée Vianna Fiuza de Castro (com sua afirmação determinada do papel social da professora como agente de progresso dos lares e da nação); Ana Olaondo de Nieto (com seu destaque para as necessidades das democracias americanas buscarem não apenas equidade material, mas o cultivo dos ideais) e de Pedro Rueda (com o desejo de que cada aluna da escola normal se envolvesse com a

³⁵² *En México, tanto como en Argentina y en la mayor parte de los países hispanoamericanos, los historiadores de la educación tendemos a emplear las expresiones “enseñanza intuitiva”, “enseñanza objetiva” y “lecciones de cosas” virtualmente como sinónimos. Ellas refieren a la forma de enseñanza moderna por excelencia, derivada fundamentalmente de Pestalozzi, basada en un aprendizaje que parte de lo sensible y en contacto con la naturaleza. Son los conceptos centrales de la enseñanza promovida por los sistemas educativos nacionales se desarrollaron en Hispanoamérica en la segunda mitad del siglo XIX y que acompañaron la consagración de la forma escolar frontal y simultánea* (VERA, idem, ibidem).

³⁵³ Segundo NUNES NETTO (2012, p. 192), a influência da pedagogia do “american way of life”, que terá em Dewey seu nome de maior difusão, ganhará maior ênfase a partir do Oitavo e Nonos Congressos Panamericanos del Niño (1942 e 1948), impulsionados pelo contexto da Segunda Guerra Mundial e vinculados às ideias de oposição entre eixo do bem e eixo do mal, totalitarismo e democracia.

questão social da criança que sofre por falta do conhecimento de princípios de higiene por seus pais).

Se o tema da puericultura parece desfrutar de certa unanimidade de aceitação, tirante poucas divergências quanto à época mais adequada para seu ensino, o tema da educação sexual, que também remete aos inícios e à apregoada “melhoria da raça”, será um pouco mais polêmico. Diz a uruguaia Paulina Luise no *Primer Congreso Americano del Niño*:

Disse Mme. Kergomard: A educação sexual é ainda, no século XX, um espantinho a trinta milhões de francesas³⁵⁴, pelo menos. O que poderia ser dito da mulher latino-americana, agarrando-se a preconceitos, com sua mente obscurecida pelo fanatismo, rendida cortesã das tradições sociais, puritana incorrigível, mas não impecável? É sobretudo nesta mentalidade das gentes, na ignorância do grande conceito da educação, onde está a barreira que impede que chegue a porto seguro o navio carregado com todos os tesouros da nova ciência... (LUI SI, 1916, p.12).³⁵⁵

O trabalho de Paulina Luisi trará críticas diretas ao preconceito e ignorância impostos pelo excesso de melindres em torno da temática da educação sexual, melindres estes alimentados, segundo ela, pela religiosidade e pelo preconceito. A crítica aqui se volta à mulher católica, mas a resistência à inserção da educação sexual na escola não terá barreiras de gênero e estará presente entre religiosos e laicos (Vidal, 2002).

O texto “Enseñanza Sexual”, de Luisi, foi publicado em forma de livreto no Uruguai em 1916 e é o material que tomo como fonte nesta análise. Ele será reapresentado no Terceiro Congresso Americano da Criança, junto a mais três trabalhos sobre o tema. Infelizmente, como já referido, os trabalhos estrangeiros enviados para o congresso de 1922 foram extraviados e nunca publicados em anais oficiais do encontro. No entanto, há o precioso registro dos respectivos debates na sessão realizada do dia 4 de setembro de 1922 para discuti-los na Seção de Pedagogia, debate que vale a atenção pelo que revela das apropriações sobre o tema.

³⁵⁴ Referindo-se provavelmente ao número de mulheres católicas na França.

³⁵⁵ Dice Mme. Kergomard: ‘La educación sexual es todavía en el siglo XX, un espantajo para treinta millones de francesas por lo menos. Que podría decirse de la mujer latino-americana, aferrada a prejuicios, oscurecida su mente por el fanatismo, rendida cortesana a las tradiciones sociales, gazmoña incorregible aunque impecable Es sobretudo en esta mentalidad de las gentes, en esta ignorancia del concepto grandioso de la educación, donde está el escollo que impide arribar a puerto seguro la nave cargada con los tesoros de la ciencia nueva... (Paulina LUISI. Enseñanza Sexual, trabajo presentado al 1. Congreso Americano del Niño. 1916, p.12).

Os referidos trabalhos relativos à educação sexual foram analisados por uma comissão composta pelo brasileiro Afrânio Peixoto, o argentino José Rezzano e o uruguaio Emilio Fournier, que apresentaram à mesa as conclusões a que chegaram. Fournier primeiramente se declara um tanto surpreso por não haver entre os trabalhos apresentados nenhum de autoria de brasileiros, mas cortesmente afirma que pôde ver, em visita ao Serviço de Profilaxia de Doenças Venéreas do Departamento de Saúde, que havia muitos cartazes sobre o tema preparados para a Exposição Internacional, o que para ele indicava o “adiantamento” do Brasil no assunto.

A presença de cartazes na exposição internacional não indica que de fato um trabalho educativo de amplo alcance estivesse sendo feito, uma vez que, podemos pensar com Walter Benjamin e Pesavento, nas exposições como espaço para a fantasmagoria, onde se estava “mostrando o que deve ser mostrado, travestindo a realidade e ocultando o que é possível ser ocultado” (PESAVENTO, 2005, p. 25).

A educação sexual certamente figurava como preocupação de certos grupos intelectuais brasileiros nas primeiras décadas do século XX, mas a ausência de trabalhos de brasileiros nos primeiros congressos da criança discutindo especificamente o tema é mais um indício dos limites deste interesse dentre os grandes temas educacionais em voga no Brasil. De acordo com Vidal (2002, p. 71), mesmo nos anos 30 a educação sexual não irá aparecerá como reivindicação dentre as modificações curriculares, o que não implica que não tenha sido tomada como um saber escolar pela via de outras disciplinas ou dos fazeres cotidianos de professores e alunos.

Especificamente no debate registrado no congresso de 1922 chama atenção a atmosfera de desconforto que parece circundar a assembleia ao tratar da inserção da educação sexual nos programas escolares. Fournier dirá que a ideia da educação sexual lhe parece lícita, mas que o que lhe confere “aspecto desagradável é a palavra *sexual* que parece causar algum espanto” (Terceiro Congresso Americano da Criança, 1924, p.185 - *italico no original*).³⁵⁶

Afrânio Peixoto concorda com ele e diz que “talvez seja a brutalidade das palavras, antes que o valor das ideias, que mova esta guerra a esse

³⁵⁶ Ata da Reunião da Seção de Pedagogia, 3º Congresso Americano da Criança, 1924, p.185.

gênero de instrução” (idem, ibidem), mas afirmará que se o tema for convenientemente tratado desde a escola primária, com a mesma pureza com que se ensina a criança a recitar “bendito fruto de vosso ventre” ao aprender a Ave-Maria, o assunto perde seu mistério, o que diminuirá a curiosidade adolescente.

Esse pequeno debate em torno da palavra “sexual” numa assembleia, revela a tensão associada ao tema no período. O recurso de Afrânio Peixoto, recorrendo aos exemplos das lições da catequese para suavizar o assunto e, sobretudo, fazendo alusões à Virgem Maria e ao fruto de seu ventre como antítese da malícia vinculada ao sexo, demonstra a força que ainda exercia a religião sobre os assuntos da educação e das condutas sexuais, apesar do cientificismo e positivismo que emanavam dos eventos.

A religiosidade e sua interferência sobre a educação sexual será abordada por Paulina Luisi, que retomará em seu trabalho sobre educação sexual os embates no Uruguai na ocasião da aprovação da laicização da escola pública, traçando entre os dois temas interessante paralelo. Ela lembrará que muitos pais resistiram e retiraram seus filhos da escola pública quando esta se tornou laica, matriculando-os em escolas particulares católicas, mas que em pouco tempo o impacto da mudança foi absorvido e as escolas públicas voltaram a estar cheias.

Para Luisi, o mesmo tipo de reação iria ocorrer quando da introdução da *instrução sexual* na escola, “seria o suficiente estabelecer que a *instrução sexual* fosse facultativa a critério dos pais; as primeiras violências acabariam vencidas e o ensino viria pouco a pouco para todos”. Essa confiança de Luisi quanto à massificação gradativa da educação sexual na escola ela justifica afirmando que, a exemplo da laicização da escola, a população trabalhadora, mais necessitada de instrução e também a mais indiferente à educação dos filhos veria com indiferença tais reformas (LUISI, 1916, p.13).

A religião será apontada por ela como grande entrave, propagando argumentos que ela chamará de *teses obscurantistas*:

O catolicismo anatematizando a carne como um dos inimigos da alma há desenvolvido durante séculos inteiros – e isto deixa sulcos profundos na mentalidade das massas – há desenvolvido, eu dizia, o prejuízo religioso do *pecado*; a *ideia absurda de órgãos vergonhosos, de funções imorais*; órgãos vergonhosos, de funções imorais, encarregados no entanto de cumprir as leis mais fundamentais do organismo, tanto que a natureza entregou a eles seus poderes de perpetuação da espécie; órgãos e funções necessários, não obstante para cumprir o preceito bíblico que admite esta mesma religião “Crescei e multiplicai-vos” (LUIZI, 1916, p. 12). (Grifos no original).³⁵⁷

E se a religiosidade aparece como um elemento importante na tematização da educação sexual, como saber escolar não será o único fator a impor certas resistências ao tema. Concordando com Vidal (1998, p.72), o discurso leigo em geral sintonizava com a posição repressiva da igreja e, mesmo dentre intelectuais de forte postura cientificista, ainda se pode perceber uma espécie de lacuna deixada sobre os preceitos gerais da educação escolar, quando passa a ser oficialmente laica, lacuna que passa a ser preenchida com uma ideia de Moral que cercará grande parte dos debates sobre o tema. Mateus Legnani, ao debater a Higiene como saber escolar dirá:

O que eu busco senhores congressistas, é que já que lançamos Deus para fora da escola, não se permita que em seu lugar se instale o culto à vida, o culto à saúde sem que se explique ante às rápidas imaginações infantis que esse ideal é a vida e saúde da Humanidade (...) que os professores aprofundem o estudo da Higiene, desde o ponto de vista da Moral (LEGNANI, 1919, p.38).³⁵⁸

A preocupação de Legnani era compartilhada com outros congressistas³⁵⁹, seu trabalho foi aprovado na seção de educação e recebeu uma recomendação especial de que passasse à plenária para os votos finais do

³⁵⁷ El Catolicismo anatematizando la carne como uno de los enemigos del alma ha desarrollado durante siglos enteros – y esto deja surco profundo en la mentalidad de las masas – ha desarrollado, decía, el prejuicio religioso del pecado; la idea absurda de órganos vergonzosos y funciones inmorales; órganos vergonzosos, funciones inmorales encargados, sin embargo, de cumplir las leyes más fundamentales del organismo, cuanto que en ellas la naturaleza misma delegó sus poderes al encargarlas de perpetuar la especie; órganos y funciones necesarias, no obstante, para cumplir el precepto bíblico que admite esta misma religión; “Creced y multica-os” (Paulina, LUIZI. Enseñanza Sexual, 1916, Montevideu, p. 12).

³⁵⁸ Lo que busco señores congresistas, es que ya que arrojamos a Dios de la escuela, no se permita que en su lugar se instale el culto a la vida, el culto a la salud, sin que se explique ante las rápidas imaginaciones infantiles que ese ideal es la vida y la salud de la Humanidad...que los maestros de escuela aprofundizen el estudio de la Higiene desde el punto de vista da Moral. (LEGNANI, Mateo. 2º Congreso Americano del Niño, 1919, p.38).

³⁵⁹ Por exemplo, diz a brasileira Maria da Glória de Almeida: “A educação moral deve ser baseada em princípios religiosos que penetrem o coração da criança; os modernos educadores, mesmo os ateus, vêm reconhecendo as lacunas funestas que o ensino leigo deixa na alma do povo” (Maria da Glória ALMEIDA. 3º Congresso Americano da Criança, 1924, p. 450)

congresso, que aprovou a premissa de que a higiene deveria ser ensinada desde o ponto de vista da moral.

Colocar a moral – uma moral que contribuiria para a expansão dos preceitos eugênicos e que buscou atuar também como “profilaxia” das doenças venéreas e da gravidez precoce – no lugar do vazio deixado pela retirada (ainda que parcial) da religiosidade da escola parece ter sido uma preocupação que acabará por perpetuar na escola uma série de princípios normatizantes que ombrearão com vários princípios religiosos como a monogamia, a desaprovação à masturbação, o sexo após o matrimônio.³⁶⁰

A imaginação infantil mencionada por Legnani será em alguns trabalhos associada ao “sensualismo” que levaria as crianças a terem sua sexualidade despertada antes do tempo. A professora brasileira Eunice Caldas, por exemplo, protestará veementemente, durante os debates do Terceiro Congresso Americano da Criança, contra a inserção da educação sexual na escola. Segundo o relator da sessão ela argumentará que “a questão sexual acha-a sem importância. A seu ver a sensualidade está no desejo e se o desejo existe na imaginação, esta se mata na escola” (Ata da Reunião da Seção de Pedagogia, Terceiro Congresso Americano da Criança, 1922, p.188).

Matar a imaginação e o desejo na escola, uma ideia que pode hoje soar chocante como a antítese dos discursos contemporâneos sobre educação. No entanto, é uma premissa que vai ao encontro dos desejos de normatização de condutas e de contenção dos instintos infantis pela via da escola.

Comidas e bebidas excitantes e falta de higiene íntima também estarão associadas à precoce curiosidade sexual e poderiam levar à prática da masturbação, ou “tocamentos obscenos” nas palavras de J. Fernando Carbonell. Regular a alimentação, estar atento à higiene dos órgãos sexuais, que jamais deveriam ficar irritados para que a criança não descobrisse neles “a fonte da voluptuosidade” e proporcionar atividade física vigorosa para as crianças escolares poderia ser uma saída ao controle de suas “más inclinações” e não lhes permitiria que se “entregassem a uma ocupação tão nociva”, na opinião de Carbonell, que arremata as prescrições afirmando que com tais cuidados a criança à noite “cai em sua cama rendida de cansaço e

³⁶⁰ Um debate interessante sobre a aproximação do discurso laico e religioso nos debates sobre Educação sexual no Brasil desde a década de 1930 está em Vidal (1998).

com o coração puro e alegre”.³⁶¹ Neste sentido, se visava a manter a representação da pureza e alegria da infância, ainda que sob a vigilância intensa e cerceamentos diversos.

O argumento de que alimentação, higiene pessoal e demais cuidados, seriam formas de conter o “sensualismo” será defendido também pela professora uruguaia Delia de La Gamma, que em seu trabalho (aclamado pela comissão organizadora do *Segundo Congreso Americano del Niño* por sua “valentia e discernimento”) ponderará que antes de tentar estabelecer a educação sexual como disciplina escolar seria necessário administrar essas “causas” e que isso seria uma responsabilidade das mães.

Antes da professora está a mãe, antes da escola está casa. Mãe e professora, casa e escola, são conceitos tão inseparáveis em sua profunda significação como Moral e Ciência, e se tivéssemos que separá-los teríamos: LAR-MORAL, CIÊNCIA-ESCOLA, de modo que antes de tudo está a mãe (GAMMA, 1919, p.547, destaques no original).³⁶²

A mãe antes da professora, a família antes da escola, a moral antes da ciência. Essa hierarquia, cara há muitos intelectuais naquele momento histórico, também balizava o contexto das discussões sobre a educação sexual da criança americana.

Uma atribuição da casa ou da escola, da família ou da professora? Essa preocupação se fará presente também naquele já referido debate do Terceiro Congresso Americano da Criança na seção de pedagogia, em torno do termo “sexual” e de sua adequação ou não em se tratando de educação de crianças e adolescentes.

³⁶¹ *El niño que fácilmente entretendrá con tocamientos obscenos, tan pronto como la casualidad y muchas veces la irritación genital producida por falta de aseo de los órganos sexuales le revele la fuente de la voluptuosidad, no tendrá ninguna razón para entregarse a una ocupación tan nociva si la higiene en su aspecto limpieza le evita irritaciones locales, si la higiene alimentar consistente en la supresión de excitantes ha prevenido el despertar de estímulos precoces y anormales y por último si abandonado a movilidad continua que es propia de su edad, cae en el lecho rendido de cansancio y con el corazón puro y alegre* (J. Fernando CARBONELL. 2º Congreso Americano del Niño, 1919, p.16).

³⁶² *Antes de la maestra esta la madre, antes que la escuela esta el hogar. Madre y maestra, hogar y escuela, son conceptos tan inseparables en su hondo significado como Moral y Ciencia, y se hubiéramos de separarlos tendríamos: HOGAR-MORAL, ESCUELA-CIENCIA, de modo que antes de todo esta la madre.* (Delia de la GAMMA. 2º Congreso Americano del Niño, 1919, p.547).

O debate, segundo o registro da reunião, foi acalorado e se estendeu por algum tempo,³⁶³ entre apoios e rechaços. O brasileiro Manuel Bonfim tomaria a palavra sobre o tema e “bordará longamente em torno do assunto” terminando por dizer que o que lhe repugna não é a palavra *sexual*, mas a palavra *educação* (Ata da Reunião da Seção de Pedagogia, Terceiro Congresso Americano da Criança, 1922, p.189). À parte o espanto que possa causar esta afirmativa, tudo leva a crer que Bonfim estará se referindo à preferência pela palavra *instrução* anteriormente mencionada por Afrânio Peixoto e detalhada no trabalho de Paulina Luisi, que dirá que a *educação sexual* caberia à família, ao passo que a *Instrução sexual*, científica, clara, moral e sem dogmas, seria papel da escola.

Neste sentido, para finalizar este tópico, cabe pensar acerca de um princípio debatido algumas páginas atrás e colocado nas reivindicações da inserção da puericultura na escola: a ideia de que as crianças aprendendo conceitos de higiene infantil na escola seriam agentes de educação de seus pais e comunidade. Por que a mesma lógica não se aplicaria à educação sexual, tendo sido a premissa da família educadora como preferencial por muitos congressistas? Será novamente a representação da pureza infantil o que limitará a ação da criança como agente de transformação, determinando que em certas áreas da vida social e da ciência ela deveria, para se manter “pura”, ser necessariamente mais ignorante que os adultos?

Paulina Luisi parece ter sido uma das poucas vozes favoráveis à manutenção do princípio da criança como agente de educação da comunidade também em relação aos conhecimentos da sexualidade. Segundo ela, a “corrente inversa” das crianças ensinando a seus pais sobre os princípios da instrução sexual promoveria uma indireta, salutar e necessária expansão da escola (LUISI, 1916, p.23).

Do ponto de vista da análise histórica, a temática da educação sexual levada aos congressos foi talvez a melhor das oportunidades para observar as lutas de representação, para perceber como mudanças (como a laicização da

³⁶³ Tão acalorado, ao que parece, que um congressista, Eloy Alonso, pede a palavra para dizer que em sua opinião, tantas minúcias e tanto debate não caberia em um congresso como aquele, que deveriam ser lidas as conclusões e expostos problemas em linhas gerais. (Ata da Reunião da Seção de Pedagogia, **Terceiro Congresso Americano da Criança e Primeiro Congresso Brasileiro de Proteção à Infância**, 1922, p.188).

escola) são embebidas de permanências (como a ideia de moralidade em um substitutivo à de Deus). Não houve consenso sobre o tema e é justamente esta diversidade de posicionamentos que permite que “a lição” desta análise se assemelhe às boas lições da história referidas por Natalie Zemon Davis: “Estas, se existem, são pouco claras e nos levam a uma visão mais ampla da variedade das experiências humanas” (DAVIS, 2000, p.86).

Passaremos à análise de algumas ideias sobre outros temas específicos da educação trazidos ao debate nos três primeiros Congressos Americanos da Criança e que versam sobre duas categorias que tem deixado marcas desde o início dessa pesquisa: a mulher e a criança. Deterei-me na análise de aspectos sobre a educação da primeira infância e a educação feminina, buscando levantar as principais tendências relativas a esses tópicos que apareceram incidentalmente ou como temas centrais em alguns trabalhos apresentados em diferentes seções dos eventos.

É preciso lembrar que nos congressos não existiu “pensamento homogêneo, mas sim hegemônico” (KUHLMANN, 2002a, p.474) e que o destaque que será dado aqui a eles não se fez como no caso dos temas de puericultura e higiene que “saltavam” das fontes dada a proeminência que recebiam no período. A educação da criança pequena e a educação feminina foram tematizadas aqui necessariamente por uma questão de interesse de estudo, caminhos de pesquisa e foco analítico.

3.3 A ESPECIFICIDADE DA EDUCAÇÃO FEMININA TRATADA NOS PRIMEIROS CONGRESOS AMERICANOS DEL NIÑO

Durante algumas das análises até aqui empreendidas foi possível perceber que as mulheres eram consideradas em suas funções e capacidades de maneira diferenciada em relação aos homens. A diferenciação das atribuições e capacidades se estendia às meninas, alunas, em relação aos meninos, alunos.

A função materna, a sensibilidade, a delicadeza, o acolhimento estarão muito presentes como representações de um feminino que em sua sombra traria no bojo de alguns discursos a vaidade, a irritabilidade, a fragilidade, a menor agudeza intelectual.

Não há nos Primeiros Congressos Americanos da Criança uma hegemonia absoluta nas prescrições sobre a educação feminina na América Latina do início do século XX. Considerando a diversidade de sujeitos que compunham esses encontros, há a expressão de tendências mais marcantes, de projetos que se manifestam em diferentes países e se conectam a partir da propagação das atribuições que ainda recaíam sobre a menina e a mulher.

Ao tratar anteriormente do ensino de puericultura e das questões da maternidade no imaginário social do período fica claro o que se repete exaustivamente também quanto ao foco principal da escolarização das meninas no período: o grande projeto é a preparação da mulher para a função materna e para o cuidado com a casa e a família.

No entanto, a maternidade apregoada nos congressos excederia às práticas baseadas nos costumes e heranças culturais comunitárias. A maternidade desejada teria base na ordem moral e científica e poderia ser ensinada e aprendida na escola. Assim, “desde a infância, nas escolas, nos asilos, por toda parte enfim [se deveria ir] preparando o espírito da menina para a compreensão da função maternal” (MAGALHÃES, 1924, p.151).³⁶⁴

Magalhães menciona, além da escola, os asilos de órfãs como espaço para a preparação da mãe moderna ciosa de suas funções. Haverá outros tantos trabalhos que igualmente mencionarão a formação da menina órfã para a maternidade e para o atendimento dos cuidados e educação da criança pequena, como veremos mais adiante. Mas frequentemente a indicação será de que à menina desvalida seja dada uma educação concernente ao meio de onde vem, assim “justo é que as asiladas pertencendo às classes menos favorecidas da fortuna se habituem não somente a observar o trabalho doméstico, mas a pô-lo em execução” (FARIA, 1916, p.158).³⁶⁵

O relato de Zeferino de Faria mencionará ainda que se entre as órfãs do “Asilo de Orfãs da Sociedade Amante da Instrução” do Rio de Janeiro, algumas poucas se tornaram professoras, outras foram contratadas para o comércio, mas “a sua maioria está empregada em serviços domésticos, ou são mães de

³⁶⁴ Fala de Mário de Magalhães registrada na Ata da Reunião da Seção de Assistência, 3º Congresso Americano da Criança, 1924, p. 151.

³⁶⁵ Zeferino FARIA. 1º Congresso Americano da Criança, 1916, p.158.

família, e estas, qualquer que seja a sua posição social, não devem ignorar os trabalhos próprios do sexo” (p. 158).³⁶⁶

No caso das meninas da “Sociedade Amante da Instrução” embora sejam elas, segundo Zeferino Faria, partícipes de seu sustento, executando todas as tarefas das instituições e ainda oferecendo em eventos e exposições suas prendas de agulhas, a recolocação das jovens em estabelecimentos e casas, para trabalharem como domésticas, só se daria aos 21 anos. No entanto a julgar pelo teor de algumas comunicações feitas nos congressos, a prática de recolocar meninas desvalidas ainda muito jovens (com menos de 16 anos) como empregadas domésticas em lares mais abastados parece ser comum em grande parte da América Latina no início do século XX.

As denúncias dessa prática, tomada por algumas congressistas como “desumana e antipatriótica”³⁶⁷ estarão presentes desde o *Primer Congreso Nacional del Niño*, em Tucumã, 1913, onde já se apresentam pedidos de que esse costume seja proibido e que as meninas órfãs e desvalidas submetidas a trabalhos excessivos e em péssimas condições em “casas de família” “sejam arrancadas deste servilismo humilhante que hoje lhes é imposto, tendendo a privá-las debilmente para a alta missão que lhes corresponde na vida”, qual seja, a maternidade.

A proposta é que a essas meninas seja dada pelo Estado a proteção em asilos que lhes faculte uma educação que permita que aprendam “a grande missão da mulher na vida humana” (HUNTER, 1913, p.9).³⁶⁸

Carolina Muzilli em relatório sobre o trabalho de menores discorre sobre o cotidiano de exploração e violência decorrente da prática de recolocar meninas órfãs ou abandonadas em casas de “famílias de bem”:

Conheci uma menininha que estava servindo uma família de onze pessoas; não tinha mais de treze anos, e todo o trabalho doméstico -

³⁶⁶ Os trabalhos próprios do sexo feminino, neste sentido, estão relacionados à limpeza e organização da casa, cuidados para com a família e as crianças da casa e tarefas manuais como os “trabalhos de agulhas”.

³⁶⁷ *El menor doméstico vive en condiciones anormales que estorban su desarrollo natural y abrevian su vida; circunstancia deplorable desde el punto de vista humanitario y más todavía del patriótico en nuestros países latino-americanos, cuyos quebrantes provienen del estado de despoblación* (Dora MEYER. **Primer Congreso Nacional del Niño**. Buenos Aires, 1913, p.7).

³⁶⁸ Sobre os internatos e educandários para as meninas de 4 a 21 anos dirá HUNTER: *El trato en estos internados Modernos será familiar para enseñar a las asiladas a amar a sus semejantes y comprender la gran misión de la mujer en la vida humana* (Beatriz Cacace HUNTER. **Primer Congreso Nacional del Niño**. Buenos Aires, 1913, p.9).

até mesmo os mais pesados correspondiam a ela. Estava submetida aos caprichos de meninas na casa; dormia em um colchão deitado na cozinha onde a senhora a trancava a chave para evitar, dizia a senhora, "algo que pudesse lhe acontecer por parte de seus filhos, porque a menina sendo filha de quem era não seria uma surpresa se se perdesse" (MUZILLI, 1919, p.113).³⁶⁹

A dramaticidade do relato revela, além da circunstância social com seus conflitos de classe e exploração da força de trabalho, a “marca de nascença” que tendia a condicionar o futuro das meninas – e podemos estender isso aos meninos – sobretudo das meninas muito pobres, para as quais o caminho mais óbvio levava para um futuro estreito, servindo, limpando e tentando escapar de violências.

A mesma menina, portanto, que estava destinada à maternidade – julgada missão grandiosa e máxima da mulher – era também a mais requerida para a realização dos serviços vistos, nesse caso, como os mais servis e degradantes.

Ao uruguaio André Puyol, no *Primer Congreso Americano del Niño*, também chamará a atenção o paradoxo que se coloca para as funções femininas na época, ora exageradamente enaltecidas, ora relegadas às funções menos especializadas na sociedade:

A mulher é um anjo destinado a embelezar com seus encantos o lar (...) Com estas e outras formas canta nossa fantasia à mulher, porém a realidade brutal da vida não está sempre de acordo. E a que não tem um lar para embelezar, ou a que deve contribuir para sustentá-lo não só materialmente, mas com as luzes de sua inteligência? Devemos fazê-la descer do seu alto pedestal erigido por nós mesmos e relegá-la a trabalhos vis quando não humilhantes? Por que ela não pode compartilhar conosco as tarefas mais nobres, mais elevadas se lhe havemos confiado já à sagrada missão do ensino das crianças? Porque não facilitar-lhe todos os meios para que nas demais manifestações da atividade humana: a medicina, direito, comércio, etc. tenham o lugar que lhes corresponde? (PUYOL, 1916, p.37).³⁷⁰

³⁶⁹ Conocí a una niñita que estaba al servicio de una familia compuesta de once personas; no tenía más que trece años, y todos los quehaceres de la casa – incluso los más pesados – correspondían a ella. Estaba sometida a los caprichos de las niñas de la casa; dormía en un jergón tendido en la cocina donde la señora la encerraba con llave para evitar, decía, ‘algo que pudiera sucederle por parte de sus hijos varones, por cuanto la niña, siendo hija de quien era, no fuera de extrañar que se perdiese’ (MUZILLI, 1919, p.113).

³⁷⁰ La mujer es un ángel destinado a embellecer con sus encantos el hogar (...) Con estas u otras formas canta nuestra fantasía a la mujer, pero la realidad brutal de la vida no está siempre de acuerdo: ¿Y la que no tiene un hogar para embellecer, o la que debe contribuir a su sostenimiento, no sólo material, sino con las luces de su inteligencia? Es que debemos hacerla descender de su alto pedestal erigido por nosotros mismos y ser relegada a trabajos viles cuando no humillantes? ¿Por qué no ha de compartir con nosotros las tareas más nobles, más elevadas, si le hemos confiado ya la sagrada misión de enseñanza de la niñez? ¿Por qué, repito, no facilitarle todos los medios para que en las demás manifestaciones de la

O autor destaca o trabalho da mulher nas lides do ensino infantil, tema que será aprofundado a seguir. Puyol usará a bem aceita condição da mulher como professora de crianças, tarefa de relevância cívica, para sugerir que se expandam as possibilidades de contribuição social feminina. Nesse trecho de seu trabalho ele irá expor brevemente a experiência e objetivos da *Universidad de Mujeres*, que desde 1913 funcionava em Montevideu. Essa instituição foi pensada para o ensino secundário das moças que, apesar de teoricamente terem acesso à universidade, na prática, por pressão social e familiar se viam dela excluídas.

A *Universidad de Mujeres* foi fundada sob fortes discordâncias entre políticos uruguaios do período, que alegavam, em contrário à sua fundação, acima de tudo, o perigo da dissolução dos lares, a abertura de precedentes para que as mulheres reivindicassem mais direitos, como o sufrágio, e a escassez de empregos para os homens se as mulheres entrassem em concorrência com eles (NAHUN, 2008, p.27). Mas o projeto, de autoria do Executivo e assinado pelo Presidente da República José Batlle y Ordóñez, foi aprovado no Parlamento em 1911 e trazia em seu texto a seguinte justificativa:

É muito escassa a concorrência de mulheres à universidade por prejuízos que devem ser combatidos mediante a fundação de uma seção especial que abra à mulher novos horizontes... Não se trata de separar homens e mulheres senão de reconhecer um fato que justificável ou não impede que a mulher adquira a mesma cultura que o homem... contribuir assim com maior eficácia na difusão da cultura em todas as classes sociais, especialmente nas menos afortunadas e entrar na luta pela vida em condições menos desvantajosas que as atuais (BATLLE Y ORDÓÑEZ, apud NAHUN, 2008, p.27).³⁷¹

O reconhecimento de que as mulheres que entravam na “luta pela vida” o faziam em condições de desigualdade em relação aos homens, do ponto de vista das possibilidades e da valorização salarial, se fará presente nos primeiros *Congresos Americanos del Niño* em concomitância com trabalhos

actividad humana: la medicina, el derecho, el comercio, etc. Tengan el sitio que les corresponde?(Puyol, 1º Congreso Americano del Niño, 1916, p. 37)

³⁷¹ *Es muy escasa la concurrencia de mujeres a la Universidad por prejuicios que deben combatirse mediante la fundación de una sección especial que abra a la mujer nuevos horizontes... No se trata de separar a los dos sexos, sino de reconocer un hecho que, justificable o no, impide que la mujer adquiere la misma cultura que el hombre...contribuir así con más eficacia a la difusión de la cultura en todas las clases sociales, especialmente en las menos afortunadas y entrar a la lucha por la vida en condiciones menos desventajosas que las actuales* (BATLLE Y ORDÓÑEZ, apud NAHUN, 2008, p.27).

que polarizarão o seu enfoque para a maternidade e para os conhecimentos de economia doméstica e afazeres manuais.

Tais funções corresponderiam a uma maior predisposição feminina, de acordo com uma “psicologia”³⁷² muito diferente da dos homens, o que as incapacitava para determinadas atividades vigorosas do corpo e da mente e as tornavam especialmente habilidosas nas artes de cuidar e ornamentar – lares, pessoas e nações.

Maria da Glória Almeida, congressista participante do Terceiro Congresso Americano da Criança, será uma enfática defensora desses saberes contra “a febre de intelectualismo, as escolas, transformadas em usinas cerebrais [que] fabricam tudo menos boas mães e honestos jornaleiros”. Este modo de ver a educação escancara a premissa de que o acesso à educação, visto com bons olhos por praticamente toda a elite, é interpretado por diferentes lentes, algumas, muitas até, buscam que esse espaço formate e não emancipe. Dirá ela sobre a educação das meninas:

As meninas deveriam levar para a escola três instrumentos: agulha, pena e colher, colher de pau, bem entendido para o brinquedo de “mexer quitutes”! Do material escolar, em que se gastam rios de dinheiro deveriam fazer parte um desses fogõezinhos americanos, onde, sobre as mesas de jantar as modernas mães de família cozinham um almoço inteiro...e passam muito bem na grande crise da criadagem, *fruto da escola modelo*, que faz das alunas pobres, umas pobres desclassificadas as quais “ao saírem dos maravilhosos palácios da instrução pública (diz L. Rimbault) não podem mais viver no misero tugúrio de pais paupérrimos, nem querem sujeitar-se ao ofício de criadas de servir” (ALMEIDA, 1924, p.449).³⁷³ (Itálicos no original).

Almeida trata, então, das especificidades da educação da menina para os ofícios do lar e do serviço doméstico em casas alheias. Para além disso, reitera o propósito já mencionado por Zeferino Faria sobre o horizonte de futuro das meninas pobres, limitado pela sua origem, como se assim o exigisse uma ordem social que precisasse lidar a contragosto com as crises (reais ou imaginárias?) que a expansão da escola poderia lhes proporcionar, uma vez

³⁷² O congressista argentino Muniagurria empregará a justificativa das propensões e da psicologia feminina como influentes para a aprendizagem de saberes voltados à maternidade e puericultura (Ata da Reunião da Seção de Pedagogia, 3º Congresso Americano da Criança, 1924, p.224).

³⁷³ Maria da Glória ALMEIDA. 3º Congresso Americano da Criança, 1924, p. 449.

lhes abrisse horizontes e lhes desse margem para sonhar com algo que transcendesse suas origens.

A congressista que critica as novas formas de organização escolar em edifícios próprios (“templos do saber”) e novas metodologias, também apresentará um argumento que já foi mencionado no capítulo um desta tese, acerca do lugar da mulher, quando usei o exemplo dado por Jean Lebrun, que aponta a popularidade de Santa Teresinha na França dada a sua postura humilde e discreta. A *modéstia* seria um atributo que deveria ancorar as meninas à terra firme das realidades, ser modesta seria uma forma de moralidade e Almeida dará destaque a esta “virtude”:

Na Suíça e na Bélgica a primeira condição de uma escola profissional é... a *modéstia*. Desde as dimensões da casa, até o último dos utensílios há de ser escolhido de modo que a rapariguinha pobre, filha de honestos operários, *não se ache deslocada*, e não leve a cabeça cheia de sonhos impossíveis e ambições desmedidas. Não sendo assim o ensino popular só poderá gerar a *revolta*, a *inveja*, a *tristeza*, a *desventura*! (ALMEIDA, *idem*, p.449). (Itálicos no original).

O medo de alguma espécie de revolução promovida a partir dos bancos da escola se faz palpável na citação acima e não é uma manifestação isolada. Por trás das esperanças de progresso e evolução de uma América Latina que se lança na empreitada da modernização está também uma tradição aristocrática que teme a perda de privilégios e de espaços. E se essa América clama por homens e mulheres melhor instruídos, exigirá e esperará, na verdade, homens e mulheres educados e prontos para cumprir determinados papéis e não outros facultados por suas vontades.

Neste sentido, a virtude da modéstia para as mulheres se fará fartamente presente nas representações do período, não apenas nas preleções e exemplos religiosos como o de Santa Teresinha, mas povoando também o discurso laico da época. A literatura infantil e escolar daquele período será rica em modelos e discursos sobre a modéstia, vinculando-a ao sexo feminino.

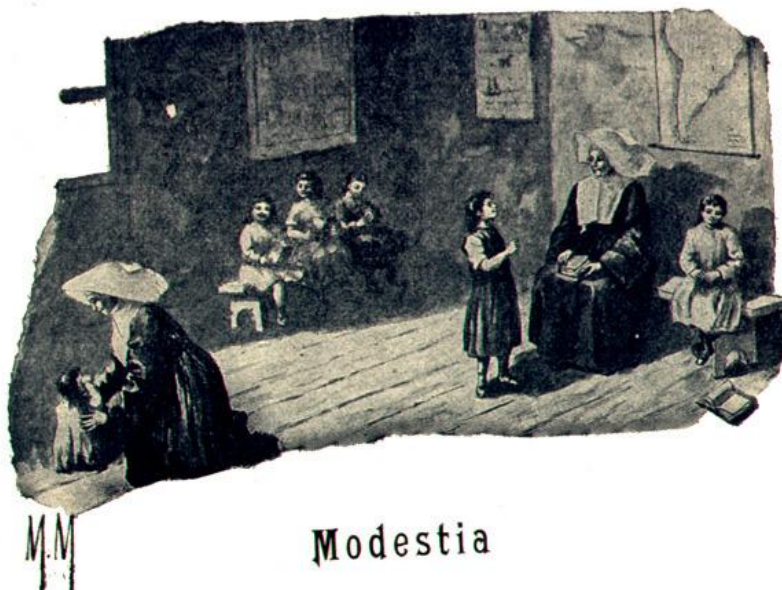
Em pesquisa anterior, sobre ideias educativas presentes na obra *Poesias Infantis*, de Olavo Bilac, adotada nas escolas brasileiras entre 1906 e meados dos anos 1950, foi perceptível essa distinção de gênero: aos meninos a ousadia e a coragem, às meninas a modéstia.

Sob análise, as imagens abaixo, que ilustravam os poemas *Coragem* e *Modéstia* nas primeiras edições do livro de Bilac – e que não por acaso se

encontram em sequência imediata no livro – são bastante claras quanto à distinção entre atributos femininos e masculinos:



A Coragem



Modéstia

FIGURA 42. ILUSTRAÇÃO AOS POEMAS “CORAGEM” E “ PARA O LIVRO” POESIAS INFANTIS” DE OLAVO BILAC, 2ª EDIÇÃO, 1913.. FONTE: A AUTORA.

[O poema] *A Coragem* foi ilustrado por figuras masculinas: um menino que sorri intrépido, em uma pose quase arrogante, com uma mão tranquilamente apoiada na cintura, enquanto a outra ergue um instrumento para matar uma cobra (ao fundo outro menino corre do perigo, com os braços erguidos em desespero). Já [o poema] *Modéstia* é ilustrado apenas por figuras femininas: duas freiras em uma sala de aula, simples e quase sem móveis, educando seis meninas, que – a exceção das outras meninas que aparecem no livro – usam vestidos muito simples e sem adereços. O segundo verso desse poema ensina: Valem mais que a inteligência/A constância e a

aplicação/ Sê modesto! Estuda, aplica-te,/ E fuge da ostentação!
(CORDEIRO, 2005, p.89).

O contraste que marca as imagens acima, com os meninos enfrentando a natureza e sendo bravios e livres, enquanto as meninas permanecem no interior da sala, contidas, sentadas e guardadas por religiosas, reiteram essa marca de gênero sobre a educação, apresentada também nos *Congresos Americanos del Niño*.

Será justamente essa absoluta oposição de estilos de educação, com o favorecimento de experiências tão díspares aos meninos e às meninas, que sustentará uma interessante tese: a inteligência da mulher atrofia, pois sua atividade é mal dirigida e mal aplicada, graças à “educação feminina, ou melhor a deseducação da mulher [que]tem retardado a civilização” (MOURA, 1924, p.467). Tal tese foi levada ao Terceiro Congresso Americano da Criança pela brasileira Maria Lacerda de Moura em três trabalhos: dois dedicados a discutir a educação feminina e um a defender a educação laica.

Metade do gênero humano está absolutamente sacrificada, impedindo o progresso das gerações vindouras. (...) E as existências femininas se deslizam e se extinguem entre costuras e bordados e limpeza de móveis e cuidados inconscientes com filhos *não cuidados*, vida sem ideal, sem noção do que possa ser a sociedade futura, sem visão da Beleza, sem um olhar dirigido em prol da ação para maior bem estar (MOURA, 1924, p.564).

Maria de Lacerda Moura, professora mineira, feminista e anarquista,³⁷⁴ tratará de argumentar em seus textos que a lógica usada para pensar a educação das meninas era em tudo avessa a seu desenvolvimento e que o cultivo intelectual da mulher seria a maior arma para a elevação da humanidade.

Os trabalhos de Maria de Lacerda Moura serão construídos com base na análise e frequentemente na refutação de diversos pressupostos científicos³⁷⁵ sobre a natureza da mulher e sua inferioridade intelectual. Com um desembaraço intelectual notável, a autora defenderá que “maternidade é missão, mas não é profissão” (p.471) e que assim como os homens nascem

³⁷⁴ Existem alguns estudos biográficos sobre Maria de Lacerda de Moura, inclusive um vídeo dirigido por Mirian Leite, que em entrevista para os Cadernos Pagu aprofunda questões de sua vida e obra, disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332004000100012.

³⁷⁵ Para defender a tese de que a mulher “é um atrasado pedagógico e não mentalmente anormal” Maria de Lacerda Moura citará – e eventualmente refutará – pressupostos levantados por Schopenhauer, Darwin, Binet, Spencer.

com determinadas características que o tornarão biologicamente pai, a mulher nasce biologicamente preparada para as funções maternas, e que ainda assim, “o homem é homem antes de ser pai. É sábio, generoso, filósofo, operário, político, guerreiro, inventor, andarilho independente das funções de pai. E por que razão nos dizem com arrogância axiomática: a mulher nasceu para esposa e mãe?” (p. 465).

A defesa de Maria de Lacerda Moura é a de que o cultivo da inteligência da mulher engrandeceria a todos, homens e mulheres e que à menina deveria ser facultado o direito de desenvolver toda sua vocação e sua inteligência. Para tanto, a reforma da educação feminina deveria ser também a da educação masculina, a coeducação seria o caminho sob a pedagogia científica em busca da igualdade social e entre os sexos e com orientação dos pressupostos de Dewey.

Ainda segundo Maria de Lacerda e sua visão sobre a educação, surgirá uma última questão, importante, relativa à educação feminina e educação em geral, que expressará outro paradoxo à semelhança do que já tratamos quanto à mulher ser ao mesmo tempo designada como protagonista da missão mais nobre como mãe e da mais servil como criada. O paradoxo que agora se apresenta é o de que a mesma mulher tomada por menos inteligente e apta será paulatinamente responsabilizada pela educação popular dos meninos e meninas americanos.

“À mulher estão sendo entregues os destinos da educação popular. E a instrução e a educação que recebe estão longe, muito longe da responsabilidade que lhe assiste” (Maria de Lacerda, op.cit., p.573). Frente a esse desafio se reforça, para Maria de Lacerda, que a grande reforma na educação e na sociedade começaria pela reforma da educação das meninas e do reconhecimento da necessidade de uma educação básica e profissional para a mulher que possa “elevá-la à altura dos resultados que é preciso atingir em vista do futuro sempre maior” (idem, p.471):

A educação feminina é base de qualquer reforma. A mulher é exclusivamente pessoal, subjetiva, faz-se mister alargar os seus horizontes limitados, faze-la entrever o ideal comum, interessa-la na pesquisa da Verdade, na luta social em *pró do bem estar para todos*. Só a mulher instruída compreenderá porque se diz: *as liberdades não se pedem- conquistam-se*.

Os trabalhos dessa autora oferecem contraponto direto ao trabalho de Maria da Glória Almeida analisado anteriormente, pois se Maria da Glória pregava o servilismo em favor da manutenção de uma ordem social conformada, onde às meninas pobres caberiam funções que não deveriam ser desvirtuadas pela escolarização, Maria Moura enxergará na escola o lugar de onde se deverá “levantar o voo da inteligência até os picos mais altos do pensamento”.

Maria da Glória exaltava a modéstia como virtude, no sentido de que as meninas deveriam ter seus horizontes bem delimitados pela educação; Maria Moura dará à menina a potência de “forma e luz”, pois

se a mulher nasceu para perpetuar a espécie deve elevar-se à altura da Beleza a que possa atingir – é a forma. Deve instruir-se até esgotar toda a centelha que ilumina o seu cérebro – é a luz (...) deve caminhar e fazer caminhar a humanidade em busca da Beleza, da Luz e da Perfeição (MOURA, 1924, p.477).

Confrontar essas duas Marias foi um exercício que intentou superar o “procedimento anedótico” (FARGE, 2009, p.90) que destacaria duas histórias em polos opostos sem a intenção e conectá-las de alguma forma, uma à outra, ambas ao contexto. O intuito foi exatamente o oposto, as Marias, ambas professoras brasileiras, ambas intelectuais inseridas numa sociedade dinâmica, são uma forma de demonstrar que nas individualidades estão também presentes a coletividade, as afinidades, as leituras e escolhas. Como diz Farge “defender histórias é se obrigar a mostrar como o indivíduo constitui seu próprio agenciamento com aquilo que historicamente e socialmente é colocado à sua disposição” (FARGE, 2009, p.91). Através dessas diferentes maneiras de pensar a condição feminina ante a educação escolar do período, expresso mais uma vez as lutas de representação, a disputa de pontos de vista, as leituras variadas sobre as atribuições e formas de fazer a educação escolar.

Recorrendo novamente a Maria de Lacerda e a seu modo de pensar a educação, surgirá uma última questão, importante, relativa à educação feminina e educação em geral, que expressará outro paradoxo à semelhança do que já tratamos quanto à mulher ser ao mesmo tempo designada como protagonista da missão mais nobre como mãe e da mais servil como criada. O paradoxo que agora se apresenta é o de que a mesma mulher tomada por

menos inteligente e apta será paulatinamente responsabilizada pela educação popular dos meninos e meninas americanos.

“À mulher estão sendo entregues os destinos da educação popular. E a instrução e a educação que recebe estão longe, muito longe da responsabilidade que lhe assiste” (LACERDA, op.cit., p.573). Frente a esse desafio se reforça, para Maria de Lacerda, a necessidade de uma educação básica e profissional para a mulher que possa “elevá-la à altura dos resultados que é preciso atingir em vista do futuro sempre maior” (idem, ibidem).

3.4. IDEIAS SOBRE A EDUCAÇÃO E CUIDADO DA INFÂNCIA PEQUENA³⁷⁶ FORA DO LAR NOS PRIMEIROS CONGRESOS AMERICANOS DEL NIÑO

Ao analisar as fontes dos primeiros congressos americanos da criança é existem poucos trabalhos que trazem em seu título a menção às creches e jardins de infância. Dentre os mais de 400 trabalhos apresentados nos três congressos e lidos por mim, localizei apenas três que trazem essas palavras no título e tratarão direta e exclusivamente do tema.³⁷⁷ No entanto, as questões relativas à educação da infância pequena fora de casa estarão presentes em uma série de textos que discutirão temáticas mais amplas como a formação moral da criança, o abandono e a assistência à infância.

Essa baixa ocorrência de trabalhos dedicados exclusivamente à discussão da educação da criança pequena fora de casa e das instituições que dela se ocuparão, em congressos especialmente dedicados a estudar a criança em sua totalidade, pode parecer incoerente, no entanto reflete aspectos que circundavam o atendimento à infância no período, que envolvia uma série de desdobramentos e foi marcado por uma intensa variedade de modelos para a

³⁷⁶ A nomenclatura infância pequena não faz parte do léxico do período nas fontes estudadas, foi uma escolha para abarcar os trabalhos que tratariam da educação da criança antes da “idade escolar” propriamente dita, que na maior parte dos países participantes dos congressos inicia aos seis ou sete anos. A escolha se justifica pela diversidade de termos que são usados abarcando sentidos diferentes nos textos dos congressos ao se referir às crianças nessa faixa etária: para alguns congressistas a primeira infância, para outros segunda infância (há quem considere que dos dois aos seis não é mais primeira infância), pré-escolares.

³⁷⁷ Os textos que mencionam o Jardim de Infância ou Creche no seu título foram apresentados no *Segundo Congreso Americano del Niño: Kindergarten legislation in California* de autoria da norte americana Lillian Clarck; *Propaganda Work for de extension of Kindergarten in the United States*, pela norte-americana Louise Schofield e *El Jardin de Infantes como base da educação integral del nino.*, da argentina Matilde de la Fuente.

educação das crianças de 0 a 6 (KULHMANN, 2000, 2001; 2007; KISHIMOTTO, 1988).

Nos congressos americanos da criança a questão da educação da pequena infância aparecerá no amálgama entre modelos que, ainda que tivessem alguns objetivos educativos, estavam voltados para atendimento num âmbito da assistência (com a menção de asilos, regulamentação de cuidadoras, escolas maternais, creches industriais, berçários, lactários) e de alguns modelos mais vinculados à educação, como os jardins de infância, que, contudo, não perderiam de vista aspectos assistenciais.

Concordando com Kuhlmann Jr. (2010, p.68-73), creio que o pesquisador da infância há que se acautelar diante da polarização da classificação das instituições de atendimento à criança pequena entre *assistenciais* e *educativas*, no sentido de que não é produtivo deduzir a lógica interna de uma instituição a partir de suas origens ou fins declarados, sem, no entanto, relacioná-las com os demais elementos da sociedade em seu tempo histórico.

Neste sentido, há que se considerar que a dinâmica das relações que eram estabelecidas entre os anseios do Estado, das instituições de fomento ao atendimento à criança, dos adultos (professores, diretores, atendentes, mães) e das crianças recebidas nesses espaços não se perfilava por esta predeterminação bipartida.

Espaços de assistência planejados para atender a demanda de cuidados das crianças pobres (abandonadas ou filhas de trabalhadores) também buscavam em alguma medida os objetivos educativos em circulação hegemônica, que norteavam as instituições planejadas para a educação das crianças das ditas “elites” que frequentarão os jardins de infância.

A proposta da argentina Rita Bertelli, levada ao *Primer Congreso Nacional del Niño*, Argentina – 1913, pode nos ajudar a perceber o quanto os discursos assistencialistas e educativos se interpenetravam:

O número de crianças em idade pré-escolar guarda uma manifesta desproporção com as instituições de proteção que a elas se destinam; por isso, é necessário abrir refúgios utilizáveis em qualquer momento para aqueles que negligenciados por seus pais, por conta das necessidades prementes da vida, estão expostos a todos os perigos. Propor uma melhor saúde física e moral da criança pré-escolar, cultivar a sua linguagem e suas faculdades de percepção,

cercando-a de objetos que lhe seduzam e provoquem a sua alegria é facilitar a obra da escola ³⁷⁸ (BERTELLI, 1913, p. 25).

As preocupações de Bertelli (que incluem o desenvolvimento da saúde física e moral, desenvolvimento da linguagem, das faculdades dos sentidos e facilitação ao trabalho da escola) não estão circunscritas ao campo do atendimento assistencial, embora ela revele, ao falar dos pré-escolares que precisam de instituições, que se refere àqueles que necessitam de proteção por estarem negligenciados pelos pais. Sua fala guarda uma notável semelhança de objetivos com os que foram detectados por SOUZA (2010, p.134), ao analisar os decretos que regulamentavam o funcionamento de jardins de infância no estado do Paraná-Brasil, na década de 10:

Os objetivos para o jardim de infância previstos na legislação dos anos 10 do século XX orientavam para a finalidade de preparar as crianças por meio do “desenvolvimento dos sentidos”, “para iniciarem com vantagem o estudo primário e aproveitar as aptidões”, modificar a “índole”, formar o “caráter” e despertar e auxiliar “o desenvolvimento das faculdades físicas, morais e intelectuais”.

A semelhança entre o que defende a argentina Rita Bertelli e o que se expressa na legislação paranaense é indicativo de que ideias acerca da educação da infância pequena circulavam vigorosamente no continente naquele início de século. Bertelli, que fala a partir do lugar de uma instituição considerada de assistência aponta, ao arrolar os objetivos, numa direção preponderantemente vinculada na história com a trajetória dos jardins de infância.

Em corrente inversa observo que, ao falar dos jardins de infância, alguns congressistas, como a brasileira Alexina de Magalhães Pinto e a argentina Matilde de la Fuente, demarcavam essa instituição como um lugar seguro para que as crianças de famílias ricas fossem resguardadas da falta de tempo dos pais e mães (DE LA FUENTE, 1919, p.308) e das más influências de criados (PINTO, 1916, p.485 e VILHENA, 1924, p.117), discurso que não deixa de ser

³⁷⁸ *La cifra de niños en edad pre-escolar guarda una desproporción manifiesta con la de las instituciones de protección que les están destinadas; por lo cual es preciso abrir un refugio utilizable en cualquier momento para aquellos que desatendidos por sus padres a causa de las necesidades premiosas de la vida, se hallan expuestos a todos los peligros. Proponer a la mejor salud física y moral del niño en edad pre-escolar, cultivar su lenguaje y sus facultades perceptivas rodeándole de objetos que le seducen y provocan su alegría es facilitar la obra de la escuela* (Rita BERTELLI. Conclusiones. **Primer Congreso Nacional del Niño**. Buenos Aires, 1913, p. 25).

uma forma de assistência³⁷⁹ aos que por razões várias não poderiam estar sob a supervisão dos pais.

A criança pequena e sua educação e cuidado fora de casa, sem sombra de dúvidas, ocuparão um espaço muito menor nos debates que o dedicado a discutir a educação da criança em idade escolar. No entanto, a temática estará presente e indicará, pelo tratamento recebido dos congressistas, que a América não estava alheia à “efervescência” que marcará o movimento que indica “em fins do século XIX e início do século XX, a organização das inúmeras instituições educativas para educar a infância em espaços escolares e não escolares” (SOUZA, 2010, p.124).

O rol de necessidades nos diferentes contextos dos países participantes será o motor para a criação ou solicitação de criação de instituições e regulamentações para atender à criança pequena. Tais necessidades, de ordem econômica e social, serão apontadas como o fator que fará com que as crianças deixem de ser cuidadas e educadas por suas mães em determinados períodos.

Vários congressistas falarão a favor da criação das *creches*, *creches industriais* ou *berçários*, referindo-se ao espaço que deveria ser criado nas indústrias para atender às crianças das mães trabalhadoras. Essa necessidade aparece ora sob a forma de relato de experiência, ora como denúncia de ausência e proposta de implantação. Os nomes adotados para definir essas instituições de cuidado e educação dos pequenos em cada localidade também diferem, de modo que sob o título de *creche* por vezes se encontram instituições com funções diferentes.

Da mesma forma, as nomenclaturas *escola maternal* e *asilo maternal* também se confundem entre funções de guarda permanente de abandonados ou espaço para atendimento diário durante o período de trabalho das mães. O delegado do Chile, Manoel Camilo Vial, irá chamar a atenção sobre essa

³⁷⁹ Pensar assistência estendendo esta ideia às crianças abastadas é pouco usual, mas é um sentido que pode ser considerado se entendermos que as principais políticas de assistência apregoavam sua aplicação não apenas sobre as crianças “moral e materialmente abandonadas”, mas àquelas que se viam privadas por tempos limitados da supervisão e cuidados dos pais – principalmente em virtude do trabalho das mães fora de casa – e considerando “as práticas de assistência à infância como formas de governo que objetivam conduzir a conduta dos sujeitos” (LOCKMANN e MOTTA, 2013, p.78).

especificidade no caso de seu país, no Segundo Congresso Americano del Niño:

(...) os *asilos de crianças* são *creches* de reduzidos número de leitos, anexos a abrigos de crianças com idade mais avançada (...). Os estabelecimentos industriais que empregam mulheres operárias, salvo um em Santiago, ainda não estabeleceram instalações tais como as que operam em outras partes com nome de *creches industriais*. A sociedade chamada *Las Creches* e com sede em Santiago, tem dois estabelecimentos destinados a receber permanentemente crianças com mais de um ano até completarem três anos os homens e 15 anos as mulheres (VIAL, 1919, p.234).³⁸⁰ (Grifos meus).

As creches, no relato do chileno, se assemelhavam à função de asilos para crianças abandonadas com a especificidade de atender permanentemente às crianças mais novas. As creches industriais (ainda com pequeníssima implantação no Chile) seriam as instituições para guarda das crianças durante o período de trabalho as mães.

O fato de, na citação acima, ser notório que as instituições para crianças estejam localizadas na capital, lhes reafirma o caráter bastante vinculado às necessidades urbanas que se impõem à população. Outro dado pertinente diz respeito à idade das crianças aceitas por *Las Creches*: as crianças com menos de um ano, pelo que se subentende no restante do texto, eram atendidas em “pequenos abrigos dirigidos por religiosas” e no *Asilo Maternal* criado sob o *Patronato da Infância* em 1917 e que também abrigava mães que recentemente deram a luz.

A diferença relatada entre a idade de saída dos meninos (aos 3 anos) e das meninas (aos 15) pode ser um indicativo de que os meninos com mais de 3 anos seriam realojados nos citados abrigos para meninos maiores e que para as meninas não haveriam muitas instituições, por isso sua permanência em *Las Creches* até os 15 anos.

A palavra *creche*, portanto, no contexto da história das instituições para crianças pequenas na América Latina, pode abarcar significados que

³⁸⁰ *Los asilos de niños son creches de reducido numero de camas, anexos a albergues de niños de edad más avanzadas (...) Los establecimientos industriales que ocupan operarias mujeres, salvo uno en Santiago, no han establecido aun instalaciones como las que funcionan en otras partes con el nombre de creches industriales. La sociedad llamada de Las Creches y establecida en Santiago, tiene dos establecimientos destinados a recibir permanentemente niños mayores de un año hasta tres años, los hombres, e 15 las mujeres (Manoel Camilo VIAL. 2º Congreso Americano del Niño, 1919, p.234).*

extrapolam os cortes etários e as funções mais conhecidas contemporaneamente. Algumas vezes o local destinado a receber as crianças filhas de operárias não recebia sequer um nome determinado, ressaltando o caráter ainda muito novo desse tipo de estabelecimento ou espaço, se não na teoria, ao menos na prática.

No Uruguai, por exemplo, segundo descreve Andrés Puyol, reconhecendo que “a instalação nas fábricas de berçários, de ‘garderies d’enfants’ o ‘creches d’usines’ da França, são de utilidade incontestável” se estabeleceu por lei que houvesse uma “peça” destinada a alojar “as crianças de peito” durante as horas de trabalho. Após os dois anos as crianças poderiam frequentar os Asilos Maternais. Uma “peça”, um espaço “que reunirá as condições convenientes para seu fim”, condições essas que não se explicitam. Quanto aos fins: “local para depositar os filhos das empregadas da fábrica para que estas possam amamentar as criaturas”.³⁸¹ Guardemos certa distância da força contemporânea dos termos *depositar* e *criaturas*, que podem causar desconforto pela crueza, mas que embora pesados, indicam um movimento em favor dos direitos das mães e crianças no início do século; essas sutilezas da linguagem ajudam a desnaturalizar discursos e demonstrar que os direitos da infância são construto de um árduo trabalho no tempo histórico.

As necessidades das crianças pequenas muito pobres, filhas de mães que se empregavam fora de casa, mas em serviços domésticos e como amas de leite, também receberam a atenção de alguns congressistas que solicitarão ao Estado a responsabilização sobre a supervisão das cuidadoras que se encarregam desses bebês e crianças filhas das amas e empregadas domésticas.

³⁸¹ Neste parágrafo condensei as ideias da seguinte citação: “*La instalación en las fábricas de salas cuna, las “garderies d’enfants” o “creches d’usines” de Francia, son de una utilidad incontestable. Es evidente que la madre que está obligada por sus tareas a separarse de su hijo 8 a 10 horas a cada día se ve en la necesidad de recurrir a la alimentación mixta o artificial (...) en tanto que existiendo en cada fábrica un local apropiado para depositarlo la lactancia no es interrumpida. Dice en su artículo 10 la ley de referencia: “En las fabricas en que trabajen mujeres habrá una pieza destinada a ser alojamiento de los niños de pecho, durante las horas de trabajo. Las mujeres dispondrán del tiempo necesario para amamentar a las criaturas. El local a que arriba se alude reunirá las condiciones convenientes para sus fines”* (Andrés F. PUYOL . 1º Congreso Americano del Niño., 1916, p.22).

As crianças filhas de mães que se empregavam como amas de leite parecem ter chamado especial atenção de autoridades em diferentes países, pela delicadeza de sua situação, segundo o congressista argentino Mamerto Acuña no *Segundo Congreso Americano del Niño*. Ele mencionou leis na França e no Uruguai que procuravam reverter a alta mortalidade a que estavam sujeitas essas crianças, que mesmo antes dos três meses eram deixadas com cuidadoras, vizinhas ou conhecidas, por uma pequena soma mensal para que as mães se empregassem como nutrizes em casas de mulheres de melhor condição financeira. As cuidadoras, “ignorantes e sem senso de responsabilidade”, nas palavras de Acuña, eram a causa da alta mortalidade de crianças por seu descuido e abandono:

Este grêmio de “Cuidadoras de Crianças” está recrutado entre gente ignorante, de sentimentos endurecidos, sem escrúpulos e sem a mínima noção da responsabilidade de seu alto cargo. Trata-se para elas somente de um negócio (...) não é estranho que a maioria destas crianças termine por falecer (ACUÑA, 1919, p.376).³⁸²

A continuidade do trabalho trará uma proposta bastante completa de fiscalização e registro das cuidadoras, visando a atender não apenas aos filhos de amas de leite, mas a todas as crianças com até dois anos que fossem cuidadas fora de seu lar por pessoas que não sejam seus pais.

No que pese a preocupação do congressista, chama a atenção que a responsabilização dos óbitos de crianças recaia totalmente sobre as cuidadoras, avaliadas como ignorantes e sem sentimentos. Nenhuma palavra se diz sobre as condições sociais que levavam as mães ao “aleitamento mercenário”, condições essas que também levavam outras tantas mulheres a receberem por poucos trocados em suas casas pobres, uma ou mais crianças, para que as mães se sustentassem e aos filhos. Tampouco se questiona o que levaria famílias abastadas a recorrerem à contratação de nutrizes, as quais, pelo que se explicita no trabalho de Acuña, eram buscadas junto a agenciadores e em anúncios de jornais publicados em profusão, o que sugere uma demanda significativa do serviço.

³⁸² Este gremio de “Cuidadoras de Niños” esta reclutando en efecto entre gente ignorante, de sentimientos endurecidos, sin escrúpulos y sin la más mínima noción de la responsabilidad de su alto cargo. Se trata para ellas solamente de un negocio (...) no es extraño que la mayoría de estos niños termine por fallecer (Mamerto ACUÑA. 2º Congreso Americano del Niño, 1919, p.376).

Sobre o mesmo assunto, mas com o olhar matizado pelas contingências econômico-sociais, falará a congressista uruguaia Célia Alvarez de Amézaga, que verá na implantação de creches nos bairros operários e dentro das fábricas a solução para os cuidados com as crianças de 0 a 3 anos:

O filho durante o período de amamentação é, para a mulher viúva e para o qual não há recursos do trabalho de um marido, um fardo pesado. Por um lado, implica custos e cuidados impossíveis em uma casa atingida pela pobreza e em segundo lugar paralisa a atividade econômica da mãe (...) para a mãe levanta-se o terrível dilema de escolher entre a criança e o trabalho, e seu amor de mãe a obriga a aceitar a segunda opção do dilema, que manterá sua vida e de seu filho. Em uma situação tão desesperadora aquela mãe, que se recusa a entregar o filho ao asilo da Assistência Pública, contrata uma mercenária, geralmente uma vizinha, a quem paga um valor mensal para cuidar da criança durante as horas do seu trabalho (...) (AMÉZAGA, 1919, p.489).³⁸³

Depois de explicitar seu ponto de vista sobre o dilema das mães, a autora irá propor a solução: “o estabelecimento – ainda que em caráter experimental, para que se observem praticamente seus resultados – de creches, às quais as mães levarão seus filhos de menos de três anos para que ali sejam cuidados durante as horas de trabalho” (Idem, p. 490).³⁸⁴

Ao propor que se implantem as creches em caráter experimental, Amézaga não apenas nos indica que ainda não havia uma efetiva implantação das creches no Uruguai (contradizendo um pouco o cenário positivo apresentado no congresso de 1916 pelo anteriormente citado Andres Puyol, que inclusive menciona a lei que impunha a implantação das creches no país). Ela também sinaliza para a discrepância que por vezes acompanha uma ampla circulação de ideias e teorias pedagógicas e sua efetivação. As creches eram, no campo da circulação de ideias, boas e modernas soluções, mas ainda pairavam dúvidas sobre seus resultados práticos, ao que transparece através do trabalho de Amézaga.

³⁸³ *El hijo durante el período de lactancia constituye para la mujer viuda y para la que no cuenta con recursos proporcionados por el trabajo del marido una carga muy pesada. Por un lado impone gastos y cuidados imposibles en un hogar afligido por la miseria, y por otro lado paraliza la actividad económica de la madre (...) Se plantea a la madre el terrible dilema de optar entre el hijo y el trabajo, y su amor de madre la obliga a aceptar el segundo de los extremos del dilema que le permite mantener su vida y la de su hijo. En tan desesperante situación la madre que no se resigna a abandonar su hijo en la cuna de la Asistencia Pública contrata – generalmente a una mercenaria, casi siempre una vecina del mismo inquilinato, a quien paga una designación mensual para que cuide del niño durante las horas de su trabajo (...).* (Célia Alvarez de AMÉZAGA. 2º Congreso Americano del Niño, 1919, p.489).

³⁸⁴ “el establecimiento, aunque sea por vía de ensayo a fin de observar prácticamente sus resultados- de creches, casas cunas, a que las madres llevaran sus hijos de menos de três años para que allí sean cuidados durante las horas del trabajo” (Idem, p. 490).

Os hiatos entre teorias que circulam e práticas que não se efetivam em completude se acentuam no híbrido terreno das relações sociais em cada país. No contexto dos Congressos Americanos da Criança foi possível detectar algumas dessas idiossincrasias, como no trabalho escrito por uma brasileira para o *Primer Congreso Americano del Niño*, no qual a relação entre a educação e cuidados da criança pequena por pessoa que não a mãe ainda estaria, no imaginário social daquele país, expresso pela autora, relacionada aos serviços realizados por escravos domésticos.

No trabalho em questão, a autora, professora da Escola Normal de São João del Rey, e posteriormente da escola Normal do Rio de Janeiro, Alexina de Magalhães Pinto,³⁸⁵ apresenta a proposta de que as meninas internadas em orfanatos sejam especialmente treinadas para assumirem “todos os serviços das creches, hospitais e asilos de criancinhas”, bem como os serviços domésticos e cuidados para com as crianças nos lares (PINTO, 1916, p.482).³⁸⁶

A ideia do aproveitamento das órfãs para serviço doméstico é recorrente, como veremos no subcapítulo que se segue. O que há de notável na exposição de Alexina Pinto, no entanto, é a proposta de “real e não mural anexação dos jardins de infância e creches aos estabelecimentos de educação, amparo e preparo feminino” (idem, p.489), ou seja, aos asilos e demais abrigos de meninas, para que aprendessem na prática a cuidar de crianças pequenas e pudessem, numa complementação ótima, suprir com esse preparo a carência de mão de obra adequada para cuidar das crianças, como criadas e babás domésticas em lares abastados.

Duas finalidades em uma mesma ação: atender a demanda dos lares pobres, fornecendo mão de obra para o atendimento das crianças filhas de trabalhadores nas creches e jardins de infância, e suprir as necessidades dos lares ricos preparando suas empregadas:

Enquanto regurgitam de enclausuradas sem ideais os orfanatos do Brasil, luta a família brasileira pela obtenção de serviços domésticos.

³⁸⁵ Alexina Magalhães Pinto teve sua trajetória como folclorista estudada por alguns pesquisadores. Para conhecer mais de seu trabalho de registro e modificação de canções infantis e preservação de brincadeiras folclóricas com viés de criação de uma “cultura popular infantil” patriótica e afinada ao progresso da nação, ler o trabalho de Flávia Guia CARNEVALI disponível em: file:///C:/Users/Andr%C3%A9a/Downloads/FLAVIA_GUIA_CARNEVALI.pdf

³⁸⁶ Alexina Magalhães PINTO. 1º Congresso Americano da Criança, 1916, p.482.

(...) Enquanto malbaratamos a seiva dos orfanatos, fontes naturais da organização doméstica dos lares abastados, como dos lares pobres, continua mesmo nos lares abastados a sorte das crianças a correr a revelia (Idem, p.484).

A proposta de Alexina Pinto será sustentada pela autora através da tese do “amparo mútuo de desamparados” empregado segundo ela na Suíça e nos Estados Unidos (idem, p.482 e 488), classificando dessa forma tanto as crianças pequenas como as mulheres e meninas que a elas se dedicariam profissionalmente como desamparadas. Ao fundamentar sua proposta Alexina irá retomar um tema que estava sendo lentamente digerido pelas elites brasileiras: a abolição da escravatura e as lacunas que o trabalho escravo doméstico deixara na organização das famílias.

Para Alexina as amas-secas do período pós-abolição não teriam para com as famílias a mesma dedicação e preparo no cuidado com as crianças que teriam os escravos domésticos:

Outrora nos lares em que o encargo de servir às “sinhas-moças” e de pajearem aos “senhores-moços” era hereditário; - em que os contos, os brincos e “ciências de distrair” e “entretêr” passavam de pais para filhos, o ofício [de cuidar de crianças e entretê-las] trazendo e condicionando mesmo certas regalias para os membros da família escrava que mais de perto servia, podia ser, e era por isso de certo modo, disputado, ou mais, querido; ou esforços eram feitos para conservá-lo. Hoje o ideal da “movimentação” da migração é a regra geral, também no Brasil entre os que servem. (...)

Em tais condições, faltando a hereditariedade do encargo no instituto, hereditariedade que de certo modo garantia preparo no desempenhá-lo, parece que se deveria ter cuidado nos estabelecimentos de educação, oficiais ou não, em que viceja a puberdade feminina rica e pobre, do conveniente preparo tanto das que são destinadas a dirigir como das que são destinadas a servir (idem, p.481-482).

No decorrer do trabalho, Alexina deixará mais claro que, em sua opinião, o despreparo para lidar com as crianças após o fim do serviço dos escravos domésticos atingia as amas e também as mães, que por mais que saíssem das escolas cultas e letradas, recorriam a expedientes incorretos para disciplinar aos filhos e não sabiam fiscalizar bem as amas. Daí sua menção à necessidade de que a mulher que irá dirigir, como a que irá servir, recebesse uma educação mais focada no cuidado para com a criança. Em ambos os casos a ideia de “destino” para servir ou ser servida como tributário direto da classe social ou situação familiar em que nascia a menina, em muito lembra uma estrutura de castas, não oficializada, mas aceita e naturalizada.

A correção dessa “grande crise de criadagem” relatada também pela brasileira Maria da Glória Almeida no Terceiro Congresso Americano da Criança (1924, p.449) se instalara, segundo Alexina Pinto, entre as elites e poderia ser solucionado com a medida “simples” de receber nos lares abastados as órfãs que seriam preparadas nas creches para servirem de amas:

...este meio novo poderia ser à própria educanda um abrigo redentor, pelo amor das crianças. Famílias há que se interessam pela dotação e bom casamento das amas-secas; passam a considerá-las como a própria família se adoecem ou se solteiras envelhecem.

Quando proponho, pois, a instrução das órfãs nas artes de dirigir e guiar a criança pela anexação das creches e jardins de infância também aos institutos de educandas pobres, proponho, penso, quase que a *única saída natural*, quase que o único meio de conquista de um lar próprio (através do devotamento efêmero a um alheio) para esses seres sem amparo e sem raízes na terra (...) (PINTO, 1916, p.485, *itálicos no original*).

Acolher o empregado doméstico e “considerá-lo quase como se fosse da família” é um discurso que ainda hoje no Brasil se professa e que guarda um forte resíduo da tradicional relação dos senhores com os escravos domésticos. A subserviência por “dívida afetiva”, por laços de afeto, encobre uma forte violência psicológica (quando não física) de patrões sobre empregados e obstaculiza ainda mais as possibilidades de autonomia e emancipação. Sob esse sentimento difuso, a autora elabora sua proposta para a preparação das mulheres que cuidariam e guiariam as crianças.

Enquanto essa solução não se efetivasse pelo preparo das meninas órfãs, Alexina irá mencionar que o temor dos pais ricos em colocar seus filhos nos jardins de infância, por medo de “cansar seus cérebros precocemente” ou acreditando que “jardins de infância e colégios [são] fontes de contato com a plebe impura, a evitar-se a vida, principalmente à menina”, seria pouco procedente em comparação com os prejuízos dos “chistes de senzala” que as crianças aprenderiam nos “porões e cozinhas” com os criados (PINTO, 1916, p.485).³⁸⁷

³⁸⁷ Ainda sobre os criados e sua forte influência sobre as crianças dirá a autora: “Não obstante a extinção do tráfico em 1831 e a lei áurea de 1888, continuamos a ter a África em nossa cozinha (...) o domínio que esses seres providos desse meio dos que com os braços servem, e assim primitivos mesmo a distância exercem sobre as crianças brasileiras é tal que encontradas lavadas em lágrimas, molestadas, de braços deslocados, negam-se a revelar a origem do dano que as faz sofrer aos seus naturais protetores” (PINTO, 1º Congresso Americano da Criança, 1916, p.480).

Esse olhar, expresso pelo trabalho de Alexina, sobre os perigos que as amas secas mal preparadas ofereciam às crianças, que se estenderá no texto aos prejuízos do excesso de colo e do repertório de canções e brincadeiras “primitivos”, lança mais algumas luzes sobre os efeitos, no Brasil do início do século XX, da escravidão e dos sulcos profundos que abriu nas relações sociais, afetando também as relações entre empregados e empregadores domésticos e as representações acerca dos profissionais que se dedicariam aos cuidados para com as crianças nos lares e fora deles.

Essa representação – que equipara a atendente de creche e jardim de infância com as amas que atendem as crianças em casas (seria essa uma das atávicas raízes do costume ainda em uso no Brasil de nomear as professoras de escolas de educação infantil como “tias”?)³⁸⁸ e que de alguma maneira parece classificá-las como pessoas socialmente pouco qualificadas, carentes, servis, gratas pelo amor que as crianças lhes voltariam, dedicadas mas sem muitas outras perspectivas, não será a única colocada no palco dos congressos americanos da criança. A professora de jardim de infância como uma profissional inteligente, especializada, com capacidades de não apenas gerir o trabalho com as crianças, mas lutar pela implantação dos jardins de infância no sistema público de educação, aparecerá em ao menos três trabalhos, ambos no *Segundo Congreso Americano del Niño*.

O jardim de infância e a professora “inteligente e bem preparada” (De la Fuente, 1919, p.309) serão tematizados pela argentina Matilde de la Fuente, que em seu trabalho “O Jardim de Infância como base da educação Integral da Criança”.³⁸⁹ Defenderá a tese de que os pedagogos da América do Sul ainda não haveriam despertado para a importância do papel dos jardins de infância como base da escola primária (De la Fuente, op.cit., p. 307).

A autora argumentará que seria no jardim de infância público que a criança rica, como a pobre, salutarmente conviveriam e se devolveriam moral e intelectualmente, pois a educação da família teria um alcance limitado junto à criança, cujo “instinto social” só poderia ser satisfeito pela “socialização com

³⁸⁸ O clássico texto “Professora sim, tia não”, de Paulo Freire aborda esta temática no bojo do exercício político e profissional das professoras de fins do século XX. Disponível em: <http://teiaufmg.com.br/wp-content/uploads/2014/07/FREIRE-Paulo-Professora-sim-tia-n%C3%A3o.pdf>

³⁸⁹ Matilde DE LA FUENTE. 2º Congreso Americano del Niño, 1919, p. 307 a 309.

crianças de mesma idade e de distintas classes sociais” promovida no jardim de infância (idem, p.308).

Além disso, o ensino dado pelos pais, sem método e sem a direção de uma mestra preparada, seria pouco eficiente e poderia atrapalhar a futura escolarização da criança, gerando repulsa aos estudos, o que não aconteceria com professoras bem preparadas e programa consistente:

(...) a criança que frequenta o jardim de infância trabalha sem ficar sobrecarregada; pois brincando aprende a contar, desenhar números, pintura, modelagem, desenhar formas, trabalhos manuais que consistem em objetos úteis e simples, aprendem versos bonitos, músicas fáceis que educam o ouvido e o sentimento do belo e harmonioso; nesses mesmos jogos adquirem noções de Ciências Naturais; modos cultos; boas maneiras ao comer; gosto artístico em combinar formas e cores, uma linguagem clara e precisa. Fazem passeios ao ar livre e festas recreativas. Uma preparada e inteligente professora de jardim pode, portanto, dar aos seus jovens alunos a base de todas as ciências e de todas as artes (idem, 309).³⁹⁰

No breve esboço de programa de atividades do jardim de infância reclamado por Matilde de la Fuente, com declarada base em Froebel, fica perceptível o projeto moderno de educação que tanto busca embasar-se no ideal “civilizador de transformar os pequenos em sujeitos educáveis, por meio de métodos apropriados a esta infância, mediados pela educação dos sentidos e pela condução das “mãos” particulares de uma mestra(...)” (SOUZA, 2002, p.131). Infelizmente, De la Fuente nada menciona acerca dos dispositivos de formação dessa professora “jardineira”.

De la Fuente defenderá a ideia de que era urgente que os políticos argentinos repensassem a questão dos Jardins de Infância no país, à qual segundo ela, se dava pouca importância apesar de serem estas instituições “universalmente aceitas, auspiciadas, estudadas e aperfeiçoadas”. O modelo norte-americano (Kulmann, 2011, p.113) de valoração do Jardim de Infância e de incorporação desta etapa de ensino à educação pública será apontado como expressão de excelência:

³⁹⁰ (...) el niño que asiste al jardín de Infantes trabaja sin abrumarse; pues jugando aprende a contar, dibujar números, pintar, modelar, dibujar formas, trabajos manuales que consisten en sencillos objetos útiles, aprenden bonitos versos, fáciles cantos, que educan el oído y el sentimiento de lo bello y armónico; en sus mismos juegos adquieren nociones de Ciencias naturales; modales cultos; maneras de comer; gusto artístico en la combinación de colores y formas, claro y preciso lenguaje. Hacen excursiones al aire libre y fiestas de recreo. Una preparada y inteligente profesora de jardín, puede pues dar a sus pequeños alumnos la base de todas las ciencias y todas las artes (De la Fuente, op.cit., p. 309).

Nossos pedagogos sul americanos, ou melhor, Argentinos, pouco têm se preocupado em fazer um estudo sério sobre esta instituição. (...) na América do Norte, especialmente nos Estados Unidos, não há atualmente uma única escola de alguma importância que não tenha o seu Jardim de Infância como base da sua educação primária. Não há muito tempo eu lia em um jornal dos Estados Unidos a notícia da fundação de um destes estabelecimentos numa cidade de quinta ordem nesse país (DE LA FUENTE, op.cit., p.307).³⁹¹

A admiração pela valoração do jardim de infância como base da escola primária nos Estados Unidos, expressa pela professora argentina, sintetiza a influência norte americana que segundo Kuhlmann “marcou preponderantemente a expansão internacional dos jardins de infância e a sua chegada ao Brasil” (KUHLMANN, 2010, p.111) e demais países da América latina, pelo que denunciavam fontes dos congressos.

Ainda segundo Kuhlmann, o referencial vindo diretamente da Europa tinha sua penetração junto à circulação internacional das ideias sobre os jardins de infância, mas nos Estados Unidos a preponderância desse modelo, de acordo com Dahrendorf (apud KUHLMANN, 2010, p.113), oferecia o contexto de uma sociedade liberal “que abria a esfera privada para as virtudes públicas da sociabilidade, a cidadania, a responsabilidade política” (KUHLMANN, idem). O que justifica que naquele país a instituição dos jardins de infância tenha atingido grande desenvolvimento. Em sociedades mais tradicionais (como a alemã e seguramente a de muitos países da América Latina) a preponderância da esfera privada imporia mais limites às “possibilidades de exercício de papéis sociais tanto das crianças como das mulheres, ambos profundamente relacionados com os jardins de infância” (idem, p.111)

É importante ressaltar que, como destaca SOUZA (2011), a difusão e circulação dos modelos de jardins de infância de base froebeliana se fará também como “fruto da circulação e propagação das ideias pedagógicas ancoradas em princípios de modernização, renovação pedagógica e modelos educativos em vigência no cenário Europeu” além do norte-americano

³⁹¹ *Nuestros pedagogos Sudamericanos, o mejor dicho, Argentinos, poco se han preocupado en hacer un estudio serio de esta institución.(...) en Norte- américa, sobretudo en Estados unidos no existe actualmente un sola escuela de alguna importancia que no tenga su Jardín de Infantes como base de la escuela primaria. No hace tiempo leía en un diario de los Estados Unidos la crónica de la fundación de uno de esos establecimientos anexo a una escuela primaria de una ciudad de quinto orden en ese país* (DE LA FUENTE, op.cit., p.307).

(SOUZA, 2011, p.253). Assim mais uma vez reitera-se o necessário cuidado ao precisar origens, ante o amplo transito de sujeitos e ideias que se estabelece naquela primeira década do séc. XX.

No entanto, a absorção, pela sociedade norte-americana, do valor educacional, civilizador e moralizante dos jardins de infância nos Estados Unidos, parece ter sido de fato favorecida por seu contexto político e social, que poderá ter influído na difusão da instituição dos jardins de infância no país, o que a análise de algumas das fontes dos *Congresos Americanos del Niño* corrobora.

O trabalho apresentado pela norte americana Lillian Clark no *Segundo Congreso Americano del Niño* revela algumas das estratégias adotadas por associações de mães e professores junto à população e aos políticos para assegurar a implantação de uma lei sobre a implantação e manutenção dos jardins de infância na Califórnia. Entre outras coisas, essa lei alterou, em dois anos, o número de condados que ofereciam jardins de infância: de 14 condados em 1913 para 56 condados com mais de 106 jardins instalados em 1915.³⁹²

Lillian Clark inicia seu relato explicitando que até 1913 não existia nenhuma lei coercitiva que obrigasse o Estado a abrir e prover jardins de infância anexos às escolas da Califórnia, cuja instalação dependia do entendimento do Departamento de Educação de cada vila ou cidade sobre sua importância.

Consequentemente, cada cidade ou vila desejando um jardim de infância em conexão com a sua escola pública tinha que depender da vontade do seu comitê de educação. Em muitos casos, estes comitês municipais de educação, não percebendo a importância do jardim de infância como uma parte do sistema de escola pública, não ouviam a nenhum pedido trazido a eles nesse sentido, e, pela falta de qualquer lei convincente, os diretores dessas escolas se viam impotentes para fazer mais do que pedir e aceitar a recusa se o seu pedido não fosse concedido (CLARK, 1919, p. 279).³⁹³

³⁹² Lillian CLARK. *Kindergarten legislation in California*. **Segundo Congreso Americano del Niño**. Montevideo, 1919, p. 279.

³⁹³ *Consequently each city or town desiring one in connection with its public school had to depend upon the will of its individual board of education in regard to its establishment. In many instances these boards of education, not realizing the importance of the kindergarten as a part of the public-school system, failed to listen to any and every request brought to them, and, because of the lack of any compelling law, patrons of these schools were powerless to do more than request and accept the refusal if their request was not granted* (Lillian CLARK. 2º Congreso Americano del Niño, 1919, p. 279).

A autora então demonstrará que o trabalho pela anexação dos jardins de infância no estado da Califórnia ao sistema de educação primária foi feito a partir dos desafios expostos na citação acima: buscar o reconhecimento da sociedade e administradores públicos sobre a importância do Jardim de Infância junto à escola básica, e ao mesmo tempo tentar garantir por lei a sua implantação.

Tal intento se deu, segundo a autora, a partir de uma intensa campanha que começou encabeçada pela associação de mulheres *California Congress of Mothers*, em 1913. Essa campanha recebeu a adesão da *National Kindergarten Association* e de agremiações de professores de jardim de infância. Seu foco era conseguir adesões de políticos e pessoas influentes para levar à Conferência Legislativa de Los Angeles, no segundo semestre de 1912, uma proposta de lei que regulamentasse o estabelecimento de jardins de Infância Públicos no estado, e outra proposta que regulamentasse o exercício profissional dos professores de jardim de infância para que esses recebessem uma licença para lecionar também no ensino primário. Esse seria um primeiro passo para que tais propostas seguissem para a Assembleia de Representantes e para o Senado.

O interessante é perceber no relato de Lillian Clark que o peso dado à qualidade jurídica da elaboração do projeto³⁹⁴ era equivalente, senão menor, ao peso dado à propaganda sobre a importância dos jardins de infância junto às comunidades e políticos. Era necessário “educar o povo e criar um sentimento público em favor dos Jardins de Infância” (idem, 283), para que as demandas fossem aceitas. Sendo assim, os trâmites de tais projetos em diferentes instâncias desde a Conferência legislativa em 1912 até sua aprovação na Câmara de Representantes e no Senado em 1913, foram marcados por ações rápidas e amplas de propaganda da “causa do jardim de infância” junto às comunidades.

Essa propaganda, considerada a parte mais fundamental da campanha, envolveu a organização dos professores de jardim de infância, grupos de

³⁹⁴ O texto ressalta que, após as discussões preliminares, o trabalho de converter as demandas do *California Congress of Mothers* e das agremiações de professores e diretores de escolas em projetos de lei que pudessem receber apoio nas casas legislativas foi feito por um especialista em legislações escolar: “The County School Superintendent, who was considered an authority on state school law, was asked to formulate the two bills” (CLARK, op.cit, p.280).

mães, clubes femininos, inspetores de ensino, diretores de escola e entidades como a Câmara de Comércio de diferentes condados.

As professoras de jardins de infância de diferentes partes do estado foram convocadas para uma reunião em Los Angeles, da qual saíram, em retorno às suas localidades, munidas de argumentos fortes, material informativo sobre a função dos jardins de infância para impressão e distribuição, cartas, formulários e petições que se comprometeram a enviar às personalidades educacionais e sociais de suas localidades. Além disso, o envio de artigos para jornais locais e entrevistas pessoais com as lideranças políticas fez parte da ação massiva para que o projeto, antes de chegar à Câmara, já fosse amplamente conhecido e contasse com importantes adesões do ponto de vista da representatividade política.

O resultado, segundo Clark, pode ser visto antes mesmo da aprovação final dos projetos, que ainda que tenham recebido sanções e sofrido alterações, chegaram aos debates nas casas legislativas defendidos diretamente por professoras de jardim de infância escolhidas como representantes da causa e contaram com uma ampla plataforma de apoio conquistada pela propaganda. A autora relata um pormenor da discussão dos projetos de lei diante da Comissão de Educação da Câmara que denunciaria a adesão:

Formulavam-se muitas perguntas e respostas que demonstravam o interesse com que se tratava do assunto. Também foi interessante observar que todo membro da Comissão de Educação que tomava a palavra começava por dizer 'Naturalmente eu sou partidário dos Jardins de Infância', o que denunciava que não era mais preciso nenhum esforço para convencer os legisladores do valor dos Jardins de Infância como parte do sistema escolar (CLARK, 1919, p.289).

Como resultado de toda a campanha, em 1913 foi sancionada a lei que estipulava que todo condado que não tivesse um jardim de infância anexado a uma escola pública primária seria obrigado a fundá-lo e provê-lo com os mesmos recursos que proviam as escolas primárias, mediante a apresentação da petição de mais de 25 pais de crianças de 4 e 5 anos solicitando a abertura do estabelecimento. Foi também aprovada a lei que garantiria o certificado de professor de primeiro grau aos professores de jardins de infância, desde que comprovassem ter experiência de um ano no ensino primário e frequência de ao menos um ano à escola normal.

Essa lei imprimia ainda mais poder à opinião pública, exigindo grande atenção ao trabalho de convencimento dos pais, por parte dos que defendiam os jardins de infância como agentes de progresso e de melhoria da educação básica como um todo (além de como agente de reforma moral e espraio das virtudes públicas norte americanas, como destaca Kuhlmann, 2010).

Para que o jardim de infância fosse aberto era preciso convencer os pais de que dele precisavam. Neste sentido a paráfrase da frase da poeta brasileira Adélia Prado, muito repetida e empregada por educadores, diz da essência da tarefa que se impunha: “Não bastaria oferecer a faca e o queijo, era preciso dar a fome”.

Para causar nos pais a “fome de jardim de infância”, campanhas intensas se articularam, como relata o trabalho “Propaganda para a expansão dos jardins de infância nos Estados Unidos” apresentado pela também norte-americana Louise Schofield.³⁹⁵ que trata de demonstrar detalhadamente os caminhos pelos quais se buscou disseminar dentre as comunidades o sentido da importância dos Jardins de Infância, pois se em muitos estados do país “a abertura de jardins de infância públicos estaria também sob a responsabilidade da demanda dos pais seria necessário convencer a todas as famílias das vantagens que trará a seus filhos a assistência a um jardim de infância” (SCHOFIELD, 1919, p.294).³⁹⁶

Tais campanhas se baseavam, sobretudo, na divulgação de folhetos, publicação de artigos relativos aos jardins de infância e seus benefícios em revistas; envio de oradores da Associação Nacional de Jardins de Infância para palestras em clubes e associações femininas; distribuição de materiais como cartazes e lâminas de projeção sobre o trabalho dos jardins de infância.

A divulgação dos princípios para a prática da professora “jardineira” especialista (“primeiro requisito para um bom jardim de infância”) também era considerada importante. Para isso foi elaborado um boletim com instruções às autoridades que desejassem contratar professoras de jardim de infância e para estudantes que desejassem ingressar nessa carreira.

³⁹⁵ Participante do *Segundo Congreso Americano del Niño* como representante da National Kindergarten Association dos Estados Unidos e em colaboração com o Bureau of the U.S. Education, Washington (SCHOFIELD, 2º Congreso Americano del Niño, 1919, p. 293).

³⁹⁶ “The kindergarten division of education and national Kindergarten association want all parents to understand what kindergarten training will do for their childrens hand to realize their responsibility in helping to get classes started” (Louise SCHOFIELD.op.cit., p. 294).

O papel da mulher nessas campanhas, seja como professora, seja como mãe, é reconhecido como essencial em ambos os trabalhos das norte americanas acima citadas. Por um lado, revela-se aí a face das pequenas concessões patriarcais feitas para possibilitar alguma participação política de mulheres no cenário social do século XIX e XX (face essa bastante explorada pelos estudos das instituições para infância). Mas, revela-se, sobretudo uma ampla gama de conquistas de espaço pelas mulheres, que pelo terreno da infância começam a ocupar com seu ativismo as casas legislativas e espaços públicos, levando sua voz para além dos limites do privado.

A conquista de participação efetiva na política exigiu um exercício que parece não ter sido simples no contexto da época, como relata Clark, ao aconselhar a postura mais eficiente para a mulher ao fazer o trabalho essencial e difícil de falar sobre os jardins de infância com os legisladores:

A tarefa mais árdua e mais eficaz nessa classe de assuntos é falar com os legisladores. Para fazer este trabalho com sucesso e de forma aceitável, deve-se possuir grande reflexão e tato, reconhecer e aproveitar o momento oportuno para defender a causa com poucas frases lógicas e concisas e fazê-lo com dignidade e feminilidade, impondo respeito e conseguindo a atenção do legislador. Deve-se também evitar a subtrair muito tempo de um homem ocupado (CLARK, 1919, p.283).³⁹⁷

Assim, entre concessões e conquistas, entre estratégias e táticas, ousadas e recatos, a história dos jardins de infância atrela-se à história das mulheres em relação ao cenário ainda predominantemente masculino da política. O caso norte americano trazido aos congressos americanos da criança pode soar como uma exceção dentre as realidades da América e América Latina, no que concerne às conquistas de espaço femininas e a propagação das representações dos jardins de infância na América como um todo. No entanto, as fontes do período já apontavam a forte influência dessa conexão mulher-política-infância e dos caminhos que historicamente se revelarão muito

³⁹⁷ *The most harder and more effective job in this class of subjects is to talk with legislators. To do such work successfully and acceptably, one should possess a great amount of thoughtfulness and tact be able to recognize and take advantage of the opportune time for pleading the cause in a few logical, concise, and telling sentences. This should be done in such a dignified, womanly manner as to command the respect and attention of the legislator. It is also necessary to avoid encroaching too long or too often upon a busy man's time* (CLARK, 2º Congreso Americano del Niño, 1919, p.283).

potentes e que encontraram nos congressos do início do século XX um interessante espaço de difusão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O propósito desta pesquisa foi buscar no estudo dos três primeiros *Congressos Americanos del Niño* (1916, 1919, 1922) elementos que contribuíssem para o entendimento do papel desses eventos na ampliação de uma discussão intracontinental sobre as questões da criança e da infância americana das primeiras décadas do século XX, recorrendo sobre as implicações dessas discussões na circulação de ideias e representações acerca da infância – sua educabilidade, sua família, sua saúde – e das leis que buscarão regulá-la em sua vida social, familiar e escolar.

A hipótese central da pesquisa acreditava que nos *Congressos Americanos del Niño*, a reunião de autoridades científicas, educacionais e políticas da América (sobretudo da América Latina), teria favorecido a produção e circulação de representações sobre “*El niño americano*” ideal do início do século. A criança ideal, na infância ideal, seria feliz, educável, saudável, obediente, estudiosa, ordeira e ao mesmo tempo seria a raiz do novo cidadão americano: racional, resiliente diante dos limites ditados por sua origem social, pronto a servir ao país e a engrandecer a América com sua força de trabalho e espírito patriota, sem no entanto exceder os limites da ordem progressista e socialmente estratificada que se impunha.

Nesse sentido o que as fontes puderam sinalizar foi a confirmação da hipótese pela via da criação de uma série de projetos e da produção de discursos que visavam hegemonicamente, mas não homogeneamente, lapidar e fazer circular tal modelo. No entanto, para além do intento moralizador e racionalizador que buscava modular o futuro da América pela nova geração os eventos foram um grande foro de discussão da infância americana e de suas presentes questões e consolidaram um espaço de debates para que a partilha de ideias, problemas e soluções se estabelecesse em caráter que buscava a especificidade da infância americana e latino-americana, sobretudo.

O recorte temporal foi estabelecido entendendo que os três primeiros congressos foram essenciais para estabilizar uma forma de organização que, ainda que com pequenas variações de um congresso para o outro, abarcasse em caráter interdisciplinar a participação de sujeitos diversos ligados às questões da infância nas nações americanas, e em especial latino americanas,

discutindo-as pelos vieses da educação, higiene e medicina, assistência e legislação.

Apesar de uma relativa estabilidade na forma de organização, a análise dos móveis dos congressos demonstrou que conflitos ideológicos, disputas de poder e variadas acepções sobre educação, assistência, políticas públicas para a criança, a mulher e a família, compartilhavam as tribunas desses eventos, também permeados por questões que transbordavam os temas da infância e abarcavam concepções diversas sobre as amplas questões sociais que emergiam numa América em modernização.

O trabalho e as relações de produção, a escola e seu papel civilizatório ou emancipatório, a infância pobre e seus vieses de perigo e promessa de futuro, a mulher e sua participação política ou seu cerceamento aos espaços familiares serão alguns dos polos que, entremeados por inúmeras gradações de posicionamentos, comporão os trabalhos apresentados e os debates levantados nos congressos americanos da criança.

Entendendo os congressos americanos da criança em absoluta vinculação com o momento histórico da América, a pesquisa buscou trazer a lume o entorno político e social no qual os eventos estavam imersos e que os penetra com suas contingências. Portanto, enquanto se debatia a infância americana também se debatia a própria identidade americana, em conflito de afirmação perante as cicatrizes coloniais que a primeira grande guerra vem reavivar e os desejos de controle político sobre a América Latina que os Estados Unidos manifestavam no campo das relações internacionais.

Neste sentido, a questão, derivada da hipótese principal, de que a infância ocupou um espaço simbólico importante no período, dentro das discussões das relações interamericanas se confirmou. Foi possível perceber o quanto países que nutriam rusgas e rancores em diferentes setores das relações internacionais, como o Chile e a Bolívia ou os Estados Unidos e a Argentina, por exemplo, mantiveram um discurso polido, que não escondia as diferenças, mas que buscava diplomaticamente matizá-las frente ao foco dos encontros: o debate da infância.

Assim, se a economia, a política externa, a segurança, os territórios e fronteiras eram campos de central preocupação nas discussões interamericanas, a infância acabou por se constituir, simbolicamente, como um

lugar para o qual confluíam as esperanças de futuro de todas as nações do continente, e espelhava os desejos de fortificação da identidade da América como continente promissor, moderno e independente. Para as nações que buscavam o progresso e a unidade, preocupar-se com a criança e alicerçar-se em preceitos científicos modernos para tratar de suas questões, era preocupar-se com seu próprio futuro.

O investimento na organização do corpus de fontes, buscando os registros oficiais dos congressos em arquivos nas cidades onde foram realizados (Buenos Aires, Montevideu e Rio de Janeiro), somando a eles uma série de outras fontes, como jornais, revistas, fotografias, medalhas, postais e literatura infantil, entre outros aportes, foi estruturante na composição da narrativa e principalmente na amplificação da análise da circulação de ideias, sujeitos e disputas produzidas dentro dos congressos ou derivadas deles.

Ao longo do contato com essas fontes foi possível perceber que aqueles grandes certames foram de fato locus importante para a ampliação de conhecimentos, para o estabelecimento de alianças intelectuais e políticas e para que saberes e projetos fossem intercambiados e levados a diferentes países por via de seus representantes.

Da mesma forma, dentro dos congressos americanos se oportunizou a difusão de conteúdos debatidos em congressos especializados em diversas áreas relativas à infância pela Europa e Estados Unidos, conteúdos estes que circularam nos encontros e foram muitas vezes tensionados às realidades latino americanas, sinalizando uma busca de unidade e de especificidade que não isolasse a América do cenário científico e político sobre as questões da infância, mas que lhe possibilitasse participar da comunidade internacional de debates sobre a infância.

As fontes compostas essencialmente de discursos oficiais, por propostas e projetos, por modelos e relatos, revelaram um universo de proposições e pontos de vista sobre políticas e ações a serem aplicadas sobre a criança e a infância. Nesse sentido, terminaram por provocar um aprofundamento muito maior nas conexões entre as discussões e seus fundamentos e desdobramentos políticos e ideológicos.

Esta opção analítica, é preciso que se reconheça, revelou também a limitação da pesquisa em relação ao desvelamento das práticas sociais infantis

em si, que foram mais complexas de ser percebidas em fontes dessa natureza. Embora tenham sido constantemente interrogadas, no processo estarão presentes de maneira menos incisiva. No entanto, foi possível perceber sinais da participação infantil naquele momento histórico, ainda que de maneira mais sutil do que a ansiada no início do percurso de pesquisa.

Foi também no acercamento às fontes que se tornou imperativo discutir os antecedentes do *Primer Congreso Nacional del Niño*, realizado em 1916, em Buenos Aires. O intento levou à percepção das características e motivações do primeiro encontro vinculado fortemente às demandas das mulheres socialistas e feministas argentinas participantes da *Liga de los derechos de la mujer e del Niño*. Aquelas mulheres gestaram um primeiro congresso nacional sobre a criança em 1913 e a partir dele prepararam o *Primer Congreso Americano del Niño* em 1916, realizado durante as festividades do Centenário da Independência Argentina o em Buenos Aires.

Ao se dedicar a compreender as implicações das raízes socialistas e feministas do primeiro encontro em relação aos desdobramentos nos congressos vindouros, a pesquisa se deparou com uma série de expedientes simbólicos, que aos poucos intentavam transformar o lugar da mulher dentro dos eventos, em um movimento de suavização de suas posturas, apagamento da memória de seu pioneirismo nas lides dos congressos e alteração das preocupações centrais do primeiro encontro. Inicialmente muito vinculadas à mulher e criança operárias, as preocupações passaram a vincular-se a outras ordens, como a higiene física e moral da infância, a escolarização básica, o regramento e normalização da criança e da família pobres.

A análise se estendeu à organização interna dos eventos, buscando compreender as maneiras pelas quais os grupos envolvidos nas questões da infância buscavam estabelecer acordos, angariar apoios e conquistar a chancela do Estado para mover a logística dos eventos.

A amplitude de temáticas debatidas nos congressos e a fecundidade das fontes exigiram o direcionamento da pesquisa em determinadas perspectivas. A premência do tema da higienização da infância e da instituição de uma racionalidade médica sobre o “*niño americano*”, que deveria crescer física e moralmente sadio, exigiu um maior investimento na análise dos trabalhos permeados por essas ideias, que se espalhavam para além das questões

estritamente médicas. Ampliando sua influência sobre a família e a escola, prescrevendo novos hábitos, elencando novos saberes escolares, como a puericultura, alterando relações comunitárias, (como no caso da restrição às tradicionais parteiras), e buscando ajustar as crianças e os adultos às normas da razão científica, sob a égide do desenvolvimento.

Nesta lógica, a circulação de representações sobre as modernas mães e pais da América encontrará espaço nesses eventos e as questões da maternidade e suas atribuições, do abandono da criança e das medidas legais em relação ao pátrio poder, tornam-se focos de muitas discussões. No bojo dos questionamentos acerca das representações dos papéis familiares, a pesquisa examinou também alguns dos expedientes em construção pela via jurídica para que o Estado assumisse em determinadas circunstâncias a tutela das crianças abandonadas ou cujos pais fossem avaliados como incompetentes. Tais medidas visavam não apenas à proteção da criança, mas à defesa da sociedade contra os possíveis danos que menores abandonados, ou advindos de famílias cujos valores não coadunassem à ética modelar burguesa, poderiam, no entendimento do período, acarretar.

Os paradoxos entre as imagens da infância, ora um bem, ora uma ameaça, serão também os paradoxos que rescindiriam sobre as famílias populares em suas competências como pais, que ao mesmo tempo protagonizarão discursos que os enaltecem como célula prima de uma sociedade racional e ordeira, e outros que lhes atribuirão a culpa por todos os insucessos do progresso, em virtude de sua incompetência e ignorância.

As relações das crianças e jovens com o mundo do trabalho também ocuparam espaço significativo na tese e revelaram as idiossincrasias de um momento no qual a criança era de certo modo considerada um capital das nações. Assim, se observam nos *Congresos Americanos del Niño* projetos de difícil conciliação, pois o discurso do necessário desenvolvimento moral da criança pobre pelo trabalho resvalará na difícil realidade das crianças exploradas em diferentes ocupações. A mão de obra infantil, barata e abundante, era preciosa para o funcionamento do progresso. Contudo as ideias de moralidade e governo da infância exigiam das crianças e jovens trabalhadores uma postura participativa no trabalho, enquanto lhes cerceava uma participação mais efetiva na vida social da cidade, sendo muitos os

trabalhos nos congressos que clamavam pela repressão da presença das crianças e jovens sem supervisão pelas ruas da cidade.

Essa ambivalente postura, que aceita o jovem e a criança como trabalhador – afinal o trabalho edifica – mas rejeita o menino ou menina circulando autonomamente pelas ruas, encontrará na figura dos jornaleiros um vórtice perturbador. Os meninos e meninas jornaleiros, que foram fundamentais na cena urbana do início do século XX na América, marcaram na pesquisa um dos mais claros índices da potência da infância em ação na sociedade.

Desde o primeiro lampejo trazido pela leitura parcial das fontes dos primeiros *Congresos Americanos del Niño*, a educação já despontava como elemento fulcral nas discussões sobre a construção de um futuro glorioso para a América. Da discussão da educação e escolarização se ocuparam diversos sujeitos: médicos, pedagogos, juristas, políticos, filantropos, mobilizados pela certeza de que o cidadão americano das gerações futuras deveria ser forjado na escola. Voltando o foco para o tema da educação e escolarização, a pesquisa pôde perceber a circulação de ideias, de modelos e propostas educativas e a luta de representações em torno delas.

As questões sobre educação e escolarização levantadas nos congressos eram bastante amplas e a pesquisa buscou esmiuçar em particular os debates sobre a educação profissional, ao discutir a relação das crianças com o mundo do trabalho, enfocando as tendências hegemônicas levadas aos encontros acerca da necessidade de uma educação prática que se dirigisse às crianças da classe trabalhadora com o propósito de prepará-las para que mantivessem seus sonhos dentro do limite aceitável para a manutenção da organização social estratificada, a educação numa dimensão emancipatória e de conquista de autonomia intelectual será defendida por poucos congressistas.

Assim também se conduziu grande parte dos debates acerca da educação feminina e me detive sobre o tema analisando as representações acerca da menina, da mulher e de sua educação, capacidades e funções no entendimento dos congressistas e das congressistas. Mais uma vez, a luta de representações se fez presente e conquanto houvesse hegemonia em torno da ideia da maternidade e do cuidado com o outro como função social da mulher, vozes contrárias – preponderantemente femininas - se farão presentes,

revelando um entendimento mais amplo da inserção da menina e da mulher na escola e na sociedade.

A educação e o cuidado da criança pequena fora do lar foi tematizada nos congressos e oportunizou um entendimento sobre os processos de circulação de ideias pedagógicas e de assistência em torno das creches, berçários e jardins de infância. Circulação essa que, por ampla que tenha sido, ainda era discrepante em relação à implantação prática desses estabelecimentos de atendimento à infância. A implicação da mulher como móvel desse processo na América e América Latina revelou muito mais do que uma conformação das mulheres aos papéis de professora, mãe, cuidadora. Revelou as táticas, a articulação e a inteligência de mulheres que adentram ao campo da política a partir de seu lugar, nada neutro, de professoras.

A circulação de métodos e ideias educativas comporá a idealização da escolarização da infância americana, que estará nessas tribunas ao lado de debates que levantarão as dificuldades de um continente ainda mergulhado no analfabetismo. A escola que civilizaria, ordenaria, prepararia para o trabalho e para a vida em uma sociedade homogeneizada e ordeira é uma constante nos projetos apresentados, mas também uma lacuna frente às realidades das nações participantes.

O movimento de concluir uma trajetória de pesquisa e dobrar-se sobre o trabalho feito – ouroboros mordendo a própria cauda – é desafiador. Nesse retorno ao ponto de saída, alguma resiliência é necessária frente às inevitáveis escolhas e suas consequentes exclusões. Há muito mais nas fontes, e reconhecer que o que foi dito talvez seja tão essencial quanto o que não foi, gera a necessidade de um difícil despojamento frente ao reconhecimento da extensão do empenho.

O desejo sincero de contribuir ao campo se revela nestas páginas e à conclusão delas volto ao início, à fala de uma das congressistas do *Primer Congreso Americano del Niño*:

Se este congresso [trabalho] não tivesse outra função que não fosse a de colocar em contato as pessoas que têm afinidades em ideais e se ele não servisse para nada mais do que para nos fazer conhecer pessoas cujas ideias devendo ser conhecidas, permanecem, não sabemos por que razões, ignoradas, confessemos que já haveriam desta forma cumprido sua missão perfeitamente (Carolina Muzilli, 1916).

REFERÊNCIAS

FONTES

PRIMER CONGRESO NACIONAL DEL NIÑO. Trabajos presentados (conclusiones). Escofier, Caracciolo y cia: Buenos Aires, 1913.

PRIMEIRO CONGRESSO AMERICANO DA CRIANÇA. Comité nacional brasileiro. 3º Boletim, maio e junho de 1916. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional. 1916. p.103.

PRIMEIRO CONGRESSO AMERICANO DA CRIANÇA. Comité nacional brasileiro. 4º Boletim, julho a agosto de 1916. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional. 1917. 503p.

PRIMER CONGRESSO AMERICANO DE NIÑO, 4º boletín, Imp. Escoffier, Caracciolo y cia, Buenos Aires, 1916

PRIMER CONGRESSO NACIONAL DEL NIÑO, Conclusiones, Imp. Escoffier, Caracciolo y cia, Buenos Aires, 1913

SEGUNDO CONGRESO AMERICANO DEL NIÑO. Antecedentes y organización; programas; sesiones plenarias; visitas; excursiones; votos aprobados en plenario. Tomo I. Montevideo: Peño Hmos. Impresores, 1919. 270 p.

SEGUNDO CONGRESO AMERICANO DEL NIÑO. Medicina, Tomo Tercero. Montevideo: Peño Hmos. Impresores, 1919. 443 p.

SEGUNDO CONGRESO AMERICANO DEL NIÑO. Medicina, Higiene y Asistencia, Tomo Cuarto. Montevideo: Peño Hmos. Impresores, 1919. 651 p.

SEGUNDO CONGRESO AMERICANO DEL NIÑO. Trabajos inéditos. Carpeta 1, Tomo V, trabajos de la sección Higiene y Asistencia. Montevideo, 1919. 212 p.

SEGUNDO CONGRESO AMERICANO DEL NIÑO. Trabajos inéditos. Carpeta 2, Tomo VI, trabajos de la sección Higiene y Asistencia. Montevideo, 1919. 204 p.

SEGUNDO CONGRESO AMERICANO DEL NIÑO. Trabajos inéditos. Carpeta 3, Tomo VII, trabajos de la sección Enseñanza . Montevideo, 1919. 293 p.

SEGUNDO CONGRESO AMERICANO DEL NIÑO. Trabajos inéditos. Carpeta 4, Tomo VIII, trabajos de la sección Enseñanza . Montevideo, 1919. 121 p.

SEGUNDO CONGRESO AMERICANO DEL NIÑO. Trabajos inéditos. Carpeta 5, Tomo IX, trabajos de la sección Enseñanza . Montevideo, 1919. 168 p.

SEGUNDO CONGRESO AMERICANO DEL NIÑO. Trabajos inéditos. Carpeta 6, Tomo X, trabajos de la sección Enseñanza . Montevideo, 1919. 291 p.

SEGUNDO CONGRESO AMERICANO DEL NIÑO. Trabajos inéditos. Carpeta 7, Tomo XI, trabajos de la sección Enseñanza . Montevideo, 1919. 309 p.

SEGUNDO CONGRESO AMERICANO DEL NIÑO. Trabajos inéditos. Carpeta 8, Tomo XII, trabajos de la sección Enseñanza, Montevideo, 1919. 187 p.

SEGUNDO CONGRESO AMERICANO DEL NIÑO. Trabajos inéditos. Carpeta 9, Tomo XIII, trabajos de la sección Sociología y Legislación. Montevideo, 1919. 280 p.

SEGUNDO CONGRESO AMERICANO DEL NIÑO. Trabajos inéditos. Carpeta 10, Tomo XIV, trabajos de la sección Sociología y Legislación . Montevideo, 1919. 156 p.

SEGUNDO CONGRESO AMERICANO DEL NIÑO. Conclusiones Generales Sancionadas. Imprenta Nacional. Montevideo, 1919. 26 p.

Tercer Congreso americano del Niño. Organización y Conclusiones. Serie sobre Congresos y Conferencias N° 64. Union Panamericana. Washington, D.C., 1954. 45 p.

TERCEIRO CONGRESSO AMERICANO DA CRIANÇA, 1922, Rio de Janeiro. Guia do Congressista. . Rio de Janeiro: Imprensa Nacional. 1922.

TERCEIRO CONGRESSO AMERICANO DA CRIANÇA, 1922, Tomo I: parte geral: antecedentes, organização, programas, delegações e aderentes. Sessões plenárias. Votos. Imprensa Nacional: Rio de Janeiro: 1924. 167p.

PRIMEIRO CONGRESSO BRASILEIRO DE PROTEÇÃO À INFÂNCIA. Teses oficiais, memórias, conclusões. 6º boletim. Rio de Janeiro, 1924. 381 p.

PRIMEIRO CONGRESSO BRASILEIRO DE PROTEÇÃO À INFÂNCIA. Teses oficiais, memórias, conclusões. 7º boletim. Rio de Janeiro, 1924. 1.060 p.

CUARTO CONGRESO PANAMERICANO DEL NIÑO. Tomo I. Imprenta Cerventes, 1925. 196 p.

Anales de Instrucción Primaria, Año XIV – Tomo XIV – Nº 1-6, , Imprenta El Siglo Ilustrado, 1916, Montevideo, 1916.

DELAPPIANE, Antonio. , El Panamericanismo, em Nosotros: Revista mensual de letras, Artes, Historia, Filosofía y Ciencias Sociales. Año X – Tomo XXIII, Buenos Aires, 1916,.

El monitor de la educación común. Organo del consejo nacional de educación. Año 34 – Tomo 58. Buenos aires, 1916.

La Nacion, 9 DE JULHO DE 1916, número especial en el Centenario de la Proclamación de la Independencia Argentina e 18 de marzo de 1928, Buenos Aires

La Vanguardia, Diario del Partido Socialista Argentino, marzo de 1913 de julio de 1916, Buenos Aires.

LUISI, Paulina. Enseñanza sexual. Trabajo al Primer Congreso Americano del Niño, Buenos Aires, 1916. Imp. Imp. El Siglo Ilustrado: Montevideo. 1916. 57p

MUZILLI, Carolina. Congreso Americano del Niño. In: Nosotros: Revista Mensal de Letras, Artes, Historia, Filosofía y Ciencias Sociales. Año X – Tomo XXIII, Buenos Aires, 1916.

MUZILLI, CAROLINA. Por la salud de la raza. Virtus Editora. Buenos Aires, 1919, 230 p.

PAZ SOLDAN, Carlos Enrique. Los Niños., Ediciones La Reforma Medica, Lima , 1944. 483 p.

PUYOL, Andrés. La protección a la infancia en el Uruguay. Conferencia leída en Buenos Aires con motivo del Primer Congreso Americano del Niño. Imp. El Siglo Ilustrado: Montevideo. 1916. 24 p.

Semanário Caras y Caretas, nº 785, 18 de outubro de 1913, Buenos Aires

VENTIMIGLIA, Guarnieri. **La familia moderna (1904)**. Disponível em: <https://archive.org/details/lafamigliamoder00vengoog>

CONGRESSISTAS CITADOS E RESPECTIVOS TRABALHOS APRESENTADOS AOS CONGRESSOS AMERICANOS DEL NIÑO³⁹⁸

ACUÑA, Mamerto. “Protección a los hijos de madres colocadas como nodrizas mercenarias y a todo niño menor de dos años atendido por cuidadoras fuera del domicilio de sus padres”. Segundo Congreso Americano del Niño, Sección de Higiene y Asistencia, Tomo 4, Montevideo, Penã Hnos Impresores, 1919, p. 375-390.

AIZCORBE, Cesar Sánchez. “Educación física del niño”. Segundo Congreso Americano del Niño, Sección de Higiene y Asistencia, Tomo 4, Montevideo, Penã Hnos Impresores, 1919, p. 393-399.

AIZCORBE, Cesar Sánchez. Discurso do delegado do Peru Dr. Cesar Sánchez Aizcorbe na Sessão Solene Inaugural em 18 de Maio de 1919. Segundo Congreso Americano del Niño. Tomo I, Montevideo, 1919, p.125-128.

ALFARO, Gregório Araoz. “Sobre la organización de la proteccion y asistencia de la infancia”. Segundo Congreso Americano del Niño, Sección de Higiene y Asistencia, Tomo 4, Montevideo, Penã Hnos Impresores, 1919, p. 422-440.

ALFARO, Gregório Araoz. “Sobre legislación de la patria potestad”. Segundo Congreso Americano del Niño, Sección Sociología y Legislación, carpeta 9, Tomo 13. Montevideo, Trabajos Inéditos, 1919.

³⁹⁸ Incluídos os trabalhos de BERTELLI, Rita; HUNTER, Beatriz Cacace; MAYER, Dora; MUZILLI, Carolina; apresentados no *Primer Congreso Nacional del Niño*, 1913. E o trabalho de DELAPPIANE, Antonio, apresentado no *Congreso Americano de Ciencias Sociales* em 1916

ALFARO, Gregório Araoz. Discurso do delegado da Argentina Dr. Gregório Araoz Alfaro na Sessão Solene Inaugural em 18 de Maio de 1919. Segundo Congreso Americano del Niño. Tomo I, Montevideo, 1919, p.95-99.

ALMEIDA, Maria da Glória Ribeiro de. “Vida moral e intelectual da criança”. Terceiro Congresso Americano da Criança e Primeiro Congresso Brasileiro de Proteção à Infância. 7º Boletim, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1924, p.446-450.

ALVAREZ, Amable. “La luta contra el analfabetismo en los países latino americanos”. Segundo Congreso Americano del Niño, Sección Enseñanza, carpeta 3, Tomo 7. Montevideo, Trabajos Inéditos, 1919.

AMÉZAGA, Célia Alvarez. “La asociación Pró-madre”. Segundo Congreso Americano del Niño, Sección de Higiene y Asistencia, Tomo 4, Montevideo, Peña Hnos Impresores, 1919, p. 486-493.

ANDRADE, Helvécio de. “Algumas ideias sobre o problema de proteção à infância”. Terceiro Congresso Americano da Criança e Primeiro Congresso Brasileiro de Proteção à Infância. 7º Boletim, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1924, p.263-267.

AZEVEDO, Thaumaturgo de. “Legislação industrial”. Primeiro Congresso Americano da Criança, 4º boletim, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1916, p.233-256.

BASILIO, Taciano Antonio. “Trabalho de Menores e o Pátrio Poder”. Primeiro Congresso Americano da Criança, 4º boletim, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1916, p. 217.

BERTELLI, Rita. “Plazas-recreos para niños en edad pre-escolar”. Primer Congreso Nacional del Niño. Trabajos Presentados (Conclusiones). Buenos Aires; Escoffier, Caracciolo y Cia, 1913.

BEVILAQUA, Clovis. “Exploração Infantil- Medidas a serem estabelecidas para evita-la”. Terceiro Congresso Americano da Criança e Primeiro Congresso Brasileiro de Proteção à Infância. 7º Boletim, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1924, p. 65.

BEVILAQUA, Clovis. “Exploração Infantil- Medidas a serem estabelecidas para evita-la” Terceiro Congresso Americano da Criança e Primeiro Congresso

Brasileiro de Proteção à Infância. 7º Boletim, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1924, p.65.

BLANCO, Leon Velazco. Discurso do delegado da Bolívia Dr. Leon Velazco Blanco na Sessão Solene Inaugural em 18 de Maio de 1919. Segundo Congreso Americano del Niño. Tomo I, Montevideo, 1919, p.99-108.

BROWNING, Webster E. Discurso do delegado dos Estados Unidos Dr. Webster E. Browning na Sessão Solene Inaugural em 18 de Maio de 1919. Segundo Congreso Americano del Niño. Tomo I, Montevideo, 1919, p.114-118.

CAMEU, Francolino. “O ensino de estenografia na escola primária e nos Jardins de Infância”. Terceiro Congreso Americano da Criança e Primeiro Congresso Brasileiro de Proteção à Infância. 7º Boletim, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1924, p.365-372.

CARBONELL, J. Fernando. “El cultivo de la superioridad desde la cuna”. Segundo Congreso Americano del Niño. Sección de Higiene y Asistencia, carpeta 2, Tomo 6, Trabajos Inéditos, 1919.

CARNEIRO, Levi. “Conferência: Leis e tendências legislativas em favor da infância, contemporâneas da guerra europeia”. Terceiro Congreso Americano da Criança e Primeiro Congresso Brasileiro de Proteção à Infância. 6º Boletim, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1924, p.315.

CASTRO, Haidée Vianna Fiuza de. “A criança na escola (para protege-la, observa-la)”. Terceiro Congreso Americano da criança e Primeiro Congresso Brasileiro de Proteção à Infância. 7º Boletim, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1924, p.413- 424.

CLARK, Lillian. “Kindergarten legislation in California”. Segundo Congreso Americano del Niño. Sección Enseñanza, carpeta 7, Tomo 11, Montevideo, 1919

COLL, Eduardo Jorge. “Reformatorios”. Segundo Congreso Americano del Niño, Sección Sociología y Legislación, carpeta 10, Tomo 14. Montevideo, Trabajos Inéditos, 1919.

CRIADO, Matias Alonso. Discurso do delegado de la Republica del Ecuador Dr. Matias Alonso Criado na Sessão Solene Inaugural em 18 de Maio de 1919. Segundo Congreso Americano del Niño. Tomo I, Montevideo, 1919, p.119-122.

CUTINELLA, Virgilio. "El americanismo en la escuela primaria". Segundo Congreso Americano del Niño. Sección de Enseñanza, carpeta 4, Tomo 8, Trabajos Inéditos, 1919.

DANTAS, Christovam. "A criança e a eugenia". Terceiro Congresso Americano da Criança e Primeiro Congresso Brasileiro de Proteção à Infância. 7º Boletim, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1924, p.175-179.

DE LA FUENTE, Matilde. "El Jardín de Infantes como base da educación integral del niño". Segundo Congreso Americano del Niño. Sección Enseñanza, carpeta 7, Tomo 11, Montevideo, 1919.

DELAPPIANE, Antonio. El Panamericanismo, en Nosotros: Revista mensual de letras, Artes, Historia, Filosofía y Ciencias Sociales. Año X – Tomo XXIII, Buenos Aires, 1916.

EYLE, Petrona. "La situación de los menores y el rol de las defensorías de menores". Segundo Congreso Americano del Niño, Sección Sociología y Legislación, carpeta 10, Tomo 14. Montevideo, Trabajos Inéditos, 1919.

FARIA, Zeferino. "Sociedade Amante da Instrução". Primeiro Congresso Americano da Criança. 4º boletim, 2º volume. Rio e Janeiro, 1916, p.153-160.

FERNANDES, Sebastião. "A infância abandonada e as colônias educativas". Terceiro Congresso Americano da Criança e Primeiro Congresso Brasileiro de Proteção à Infância. 7º Boletim, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1924, p.181-185.

FERREIRA DE MAGALHÕES, Alfredo. "Desenvolvimento do ensinamento da puericultura nas escolas normais". Primeiro Congresso Americano da Criança. 4º Boletim, Primeiro Volume, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1916, p.441-450.

GAMMA, Delia de la. "Reflexiones que me sugiere el proyecto sobre enseñanza de higiene sexual en nuestras escuelas publicas". Segundo Congreso Americano del Niño. Sección de Higiene e Asistencia, Tomo 4, Montevideo, Peña Hnos Impresores, 1919.

GIACOBINI, Genaro. "El niño como entidad civil y ante las leys penales y la influencia pedagógica". Segundo Congreso Americano del Niño, Sección Sociología y Legislación, carpeta 9, Tomo 13. Montevideo, Trabajos Inéditos, 1919.

GIACOBINI, Genaro. "La educación emotiva de la infância". Segundo Congreso Americano del Niño. Sección de Enseñanza, carpeta 6, Tomo 10, Trabajos Inéditos, 1919

GIACOBINI, Genaro. "La vagancia infantil y la escuela". Segundo Congreso Americano del Niño, Sección Sociología y Legislación, carpeta 9, Tomo 13. Montevideo, Trabajos Inéditos, 1919.

GONÇALVES, A. "Nos domínios da pedagogia". Terceiro Congresso Americano da Criança e Primeiro Congresso Brasileiro de Proteção à Infância. 7º Boletim, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1924, p.454-459.

GOUVEIA, Antonio Epaminondas de. "Conferência: A Missão Social do Médico e da Mulher no Brasil". Terceiro Congresso Americano da criança e Primeiro Congresso Brasileiro de Proteção à Infância. 6º boletim, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1924, p. 302 a 313.

GRACIA, Hipolito. Discurso do delegado de Costa Rica Sr. Hipolito Gracia na Sessão Solene Inaugural em 18 de Maio de 1919. Segundo Congreso Americano del Niño. Tomo I, Montevideo, 1919, p. 111.

HUNTER, Beatriz Cacace. "Niños huérfanos en el servicio domestico". Primer Congreso Nacional del Niño. Trabajos Presentados (Conclusiones). Buenos Aires; Escoffier, Caracciolo y Cia, 1913.

IBARGUREM, Carlos. "La patria potestad". Segundo Congreso Americano del Niño, Sección Sociología y Legislación, carpeta 9, Tomo 13. Montevideo, Trabajos Inéditos, 1919.

IGLESIAS, Francisco. "Sobre un punto fundamental". Segundo Congreso Americano del Niño, Sección Sociología y Legislación, Carpeta 9, Tomo 13. Montevideo, Trabajos Inéditos, 1919.

KEHL, Renato. "Da eugenia e o futuro do Brasil". Terceiro Congresso Americano da Criança e Primeiro Congresso Brasileiro de Proteção à Infância. 7º Boletim, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1924, p. 870-884.

LANTERI, Julieta. "Congresos Americanos del Niño: una institución estable". Congreso del Niño, Sección de Clausura. In: La Vanguardia, Buenos Aires, 17 de julio de 1916.

LEÃO, Carneiro. "Cuidados a criança". Primeiro Congresso Americano da Criança. 4º Boletim, segundo volume, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1916, p.195-209.

LEGNANI, Mateo. "Proyecto de parteras municipales". Segundo Congresso Americano del Niño. Sección de Higiene y Asistencia, carpeta 2, Tomo 6, Trabajos Inéditos, 1919.

LEGNANI, Mateo. "Recetas de higiene". Segundo Congresso Americano del Niño. Sección de Higiene y Asistênciã, carpeta 2, Tomo 6, Trabajos Inéditos, 1919.

LEMONS BRITO. "Da profilaxia da criminalidade entre os menores". Primeiro Congresso Americano da Criança. 4ª Boletim, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1917, p.75-82.

LOPES, Antônia Ribeiro de Castro. "A criança e a escola". Terceiro Congresso Americano da Criança e Primeiro Congresso Brasileiro de Proteção à Infância. 7º Boletim, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1924, p.392-396.

LUISSI, Paulina. Enseñanza Sexual, trabajo presentado al 1. Congreso Americano del Niño. Buenos Aires, 1916, Montevideo, Imp. El Siglo Ilustrado, 1916.

MACHADO, Antonio Augusto Pinto. "A criança nas fábricas e nas oficinas". Primeiro Congresso Americano da Criança. 4ª Boletim, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1916, p.257-264.

MACHADO, Antonio Augusto Pinto. "Amparo e assistência às mulheres e crianças proletárias no subúrbio". Terceiro Congresso Americano da Criança e Primeiro Congresso Brasileiro de Proteção à Infância. 7º Boletim, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1924, p.312-313.

MACHADO, Marcelino Rodrigues. "A assistência à infância no estado do Maranhão". Primeiro Congresso Americano da Criança. 4º Boletim, 2º Volume, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1916, p.135-138.

MADEIRA, Almir. "Da renúncia à procriação: Como encarar o perigo que nos ameaça?". Terceiro Congresso Americano da Criança e Primeiro Congresso Brasileiro de Proteção à Infância. 7º Boletim, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1924, p.66.

MAGALHÃES, Alfredo Ferreira de. "Atentados ao pudor da criança: Profilaxia e meios coercivos". Terceiro Congresso Americano da Criança e Primeiro Congresso Brasileiro de Proteção à Infância. 7º Boletim, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1924, p.57-64.

MAGALHÃES, Fernando de. "Luta contra o aborto criminoso". Terceiro Congresso Americano da Criança e Primeiro Congresso Brasileiro de Proteção à Infância. 7º Boletim, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1924, p.135.

MAYER, Dora. "El empleo de los menores en el servicio domestico". Primer Congreso Nacional del Niño. Trabajos Presentados (Conclusiones). Buenos Aires; Escoffier, Caracciolo y Cia, 1913.

MAYERS, Cora. Discurso de Inauguração do Museo Internacional de Puericultura, Protección a la Infancia y Eugenesis. Cuarto Congreso Panamericano del Niño. Tomo I, Santiago de Chile, 1925.

MEIRA E SÁ, F. de S. "Do problema capital, urgente, inadiável do Brasil nas suas duas faces". Terceiro Congresso Americano da criança e Primeiro Congresso Brasileiro de Proteção à Infância. 7º Boletim, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1924, p. 434-445.

MENDONZA, Angelica. "La causa de la infelicidad de los niños". Segundo Congresso Americano del Niño. Sección de Sociología y Legislación, carpeta 9, Tomo 13, Trabajos Inéditos, 1919.

MEZZERA, Rodolfo. Discurso del Ministro de Instrucción Publica del Uruguay Dr. Rodolfo Mezzera na Sessão Solene Inaugural em 18 de Maio de 1919. Segundo Congresso Americano del Niño. Tomo I, Montevideo, 1919, p. 73-74.

MONCORVO FILHO. "Discurso de abertura do Primeiro Congresso Brasileiro de Proteção à Infancia". Terceiro Congresso Americano da Criança e Primeiro

Congresso Brasileiro de Proteção à Infância. 6º Boletim, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1924, p.122-130.

MONTELLANOS, José T. "Higiene-puericultura objetiva". Segundo Congreso Americano del Niño, Sección de Higiene y Asistencia, Tomo 4, Montevideo, Penã Hnos Impresores, 1919, p. 461-478.

MORAES, Evaristo de. "Criminalidade da Infância e da adolescência". Primeiro Congresso americano da criança, 4º Boletim, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1916, p.83-216.

MORQUIO, Luis. Discurso del Presidente del Congreso Dr. Luis Morquio na Sessão Solene Inaugural em 18 de Maio de 1919. Segundo Congreso Americano del Niño. Tomo I, Montevideo, 1919, p. 75-94.

MOURA, Maria Lacerda de. "A educação feminina". Terceiro Congresso Americano da Criança e Primeiro Congresso Brasileiro de Proteção à Infância. 7º Boletim, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1924, p.564-573.

MOURA, Maria Lacerda de. "Das vantagens da educação intelectual e profissional da mulher na vida pratica das sociedades". Terceiro Congresso Americano da Criança e Primeiro Congresso Brasileiro de Proteção à Infância. 7º Boletim, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1924, p.464-476.

MOURA, Maria Lacerda de. "Educação laica". Terceiro Congresso Americano da Criança e Primeiro Congresso Brasileiro de Proteção à Infância. 7º Boletim, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1924, p.381-391.

MOURA, Maria Lacerda de. "O atual regime social soluciona o problema da proteção à infância?". Terceiro Congresso Americano da Criança e Primeiro Congresso Brasileiro de Proteção à Infância. 7º Boletim, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1924, p.150-155.

MUZILLI, Carolina. "El menor obrero". ". Primer Congreso Nacional del Niño. Trabajos Presentados (Conclusiones). Buenos Aires; Escoffier, Caracciolo y Cia, 1913.

MUZILLI, Carolina. "La mortalidad infantil como un elemento de bancarrota social". Sección de Asistencia a la Madre y el Niño, Primer Congreso Americano del Niño, Buenos Aires 1916, in La Vanguardia, Buenos Aires, 15 e 16 de julio de 1916.

MUZILLI, Carolina. "Por qué el trabajo de los niños no beneficia a la sociedad ni económica ni moralmente", Sección de Asistencia a la Madre y el Niño, Primer Congreso Americano del Niño, Buenos Aires 1916, in La Vanguardia, Buenos Aires, 13 de julio de 1916.

MUZILLI, Carolina. La estadística Social, in: Por la salud de la Raza. Buenos Aires: Virtus, 1919, p.13-18.

NAVARRO, José Gil. "La educación y el Estado". Segundo Congreso Americano del Niño. Sección Enseñanza, carpeta 3, Tomo 7, Montevideo, 1919.

NIETO, Ana Olaondo. "La escuela hogar". Segundo Congreso Americano del Niño. Sección Enseñanza, carpeta 5, Tomo 9, Montevideo, 1919.

PAZ SOLDÁN, Carlos Enrique. "Los Niños: Opera et Verba". Lima: Ediciones de la Reforma Médica, 1944.

PAZ SOLDÁN, Carlos Enrique. Sessão de Abertura. Terceiro Congresso Americano da Criança. Tomo 1. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1924.

PEIXOTO, Afrânio. Ata Seção de Pedagogia. (1º de setembro de 1922). Primeiro Congresso Brasileiro de proteção à Infância. 6º boletim. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1924, p. 182.

PICAREL, Julio. "Criterio básico-practico en la orientación de la enseñanza primaria". Sección de Enseñanza. Segundo Congreso Americano del Niño. Carpeta 3, Tomo 7, Montevideo, Trabajos Inéditos, 1919.

PIMENTA, João Luiz. "O valor da educação física e a necessidade de seu ensino ser obrigatório". Primeiro Congresso Americano da Criança. 4º Boletim, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1916, p.457-468.

PINTO, Alexina Magalhães. "Contribuição para o estudo da psicologia da criança brasileira". Primeiro Congresso Americano da Criança. 4º boletim, 2º volume. Rio e Janeiro, 1916, p.479-489.

PUYOL, Andrés. Discurso del Secretario del Comité Ejecutivo Dr. Andrés Puyol na Sessão Solene de Encerramento. Segundo Congreso Americano del Niño. Tomo I, Montevideo, 1919, p. 128-133.

PUYOL, Andrés. La protección a la infancia en Uruguay. Conferencia. Primer Congreso Americano del Niño. Buenos Aires, Imp. "El Siglo ilustrado", 1916.

RODRIGUES, Maria Ines Mendoza de. "La educación física en la escuela primaria". Segundo Congreso Americano del Niño. Sección Enseñanza, carpeta 7, Tomo 11, Montevideo, 1919.

RODRIGUEZ, Sebastian. "La escuela como medio de propaganda contra la Tuberculosis, la Sífilis, el Alcoholismo y los Quistes Hidáticos, etc". Segundo Congreso Americano del Niño, Sección de Higiene y Asistencia, Tomo 4, Montevideo, Penã Hnos Impresores, 1919, p. 108-119.

RUEDA, Pedro. "Enseñanza de la puericultura". Segundo Congreso Americano del Niño, Sección de Higiene y Asistencia, Tomo 4, Montevideo, Penã Hnos Impresores, 1919, p. 328-374.

SALGADO, José. "Tribunales para Niños". Segundo Congreso Americano del Niño, Sección Sociología y Legislación, carpeta 10, Tomo 14. Montevideo, Trabajos Inéditos, 1919.

SANTOS, Maurity. "Sobre a proteção e assistência à mulher grávida nas classes pobres do Brasil". Terceiro Congresso Americano da Criança e Primeiro Congresso Brasileiro de Proteção à Infância. 7º Boletim, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1924, p.309-311.

SCHOFIELD, Louise. "Propaganda Work for de extension of Kindergarten in the United States". Segundo Congreso Americano del Niño. Sección Enseñanza, carpeta 7, Tomo 11, Montevideo, 1919

SEIDL, Carlos. "Dos meios práticos de interessar as populações nas questões de higiene". Terceiro Congresso Americano da Criança e Primeiro Congresso Brasileiro de Proteção à Infância. 7º Boletim, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1924, p.832-835.

SILVEIRA, Alfredo Balthazar da. "Limites e restrições ao pátrio poder: função tutelar do estado moderno em relação aos menores e materialmente abandonados". Terceiro Congresso Americano da Criança e Primeiro Congresso Brasileiro de Proteção à Infância. 7º Boletim, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1924, p.39-47.

SISTO, Genaro. "Acción vinculadora y solidaria de la Escuela Publica y el pueblo". Segundo Congreso Americano del Niño, Sección de Higiene y Asistencia, Tomo 4, Montevideo, Penã Hnos Impresores, 1919, p. 442-450.

VALETA, *Antonio*. "Por la fecundidad e por los niños". Segundo Congreso Americano del Niño, Sección Higiene y Asistencia, carpeta 2, Tomo 6. Montevideo, Trabajos Inéditos, 1919.

VAZ, Franco. "O trabalho industrial das crianças - Necessidade de sua regulamentação". Terceiro Congresso Americano da Criança e Primeiro Congresso Brasileiro de Proteção à Infância. 7º Boletim, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1924, p.135-136.

VIAL, Manuel Camilo. "La protección a la infancia en Chile". Segundo Congreso Americano del Niño, Sección de Higiene y Asistencia, Tomo 4, Montevideo, Penã Hnos Impresores, 1919, p. 228-235.

VIDAL, Izabel Pinto de. "Causas de la infelicidad infantil". Segundo Congreso Americano del Niño, Sección Sociología y Legislación, carpeta 9, Tomo 13. Montevideo, Trabajos Inéditos, 1919.

VILHENA, Mario Alcantara de. "Da proteção moral à infância". Terceiro Congresso Americano da Criança e Primeiro Congresso Brasileiro de Proteção à Infância. 7º Boletim, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1924, p.114-127.

VILHENA, Mario Alcantra de. "Da proteção moral à infância". Terceiro Congresso Americano da Criança e Primeiro Congresso Brasileiro de Proteção a Infância. 7º Boletim, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1924, p.114-127.

WEST, Max. "American Mothers, will you help to "hold the line"? The question Uncle Sam is asking of the loyal American Woman". Segundo Congreso Americano del Niño. Sección de Higiene y Asistencia, Carpeta 2, Tomo 6, Montevideo, Trabajos Inéditos, 1919.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALONSO, Paulo Gimenes. **Do pátrio poder ao pátrio dever:** novas reflexões sobre um velho instituto. 2001. Disponível em: <http://www.pjpp.sp.gov.br/wp-content/uploads/2013/12/1.pdf>

ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro.** São Paulo: Perspectiva, 2009.

ÁSUA, M. **La fiesta de la ciencia:** El Congreso Científico Internacional Americano de 1910 . Revista Ciencia Hoy em Linea. Volumen 21 - Nº 125, Octubre – Noviembre, 2011.

AUSTIN, J. **Quando dizer é fazer.** Trad. Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: Artes médicas, 1990.

AZEVEDO, Cecília. Pelo avesso: crítica social e pensamento político-filosófico no alvorecer do “século americano” in **Anais eletrônicos do V encontro da ANPHLAC** Belo Horizonte - 2000 ISBN 85-903587-1-2, 2000. Disponível em: http://anphlac.fflch.usp.br/sites/anphlac.fflch.usp.br/files/cecilia_azevedo_1.pdf

BARRANCOS, Dora. **Mujeres en la sociedad Argentina:** una história de cinco siglos. Buenos Aires: Sudamericana, 2010.

BARRIE, J. M. **Peter Pan e Wendy.** Tradução: Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1999

BAUDELAIRE, Charles. **Sobre a modernidade:** o pintor da vida moderna. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

BECCHI, Egle. **I bambini nella storia.** Bari: Laterza Ed, 1994.

BECCHI, Egle. **Retórica de infância.** Tradução Ana Gomes. Florianópolis: Perspectiva, ano 12, n. 22, p. 63-95, ago./dez. 1994.

BENJAMIN, W. **A Modernidade.** Vol. 3. Lisboa: Assírio & Alvim, 2006.

BERMAN, Marshal. **Tudo que é sólido desmancha no ar:** a aventura da modernidade. São Paulo: Cia das Letras, 1986.

BLOCH, Marc. **Apologia da História** ou O Ofício de Historiador. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BOLTANSKI, L. Puericultura e morale di classe. Tradução Cesare Marconi. Firenze: Guaraldi, 1972.

BOSSERT, Gustavo Alberto . A Influência do Código Civil Francês sobre o Código Civil Argentino com referência a outros Códigos da América Hispânica (conferência em pdf). In: **Seminário Internacional alusivo ao Bicentenário do Código Civil Francês**, EMERJ, 2004. Disponível em: http://www.emerj.tjrj.jus.br/revistaemerj_online/edicoes/revista27/revista27_125.pdf

BRADBURY, Malcolm. O nome e a natureza do modernismo. In: BRADBURY, Malcolm; McFARLAINE, James. **Modernismo**. Guia Geral. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. (p. 13-41).

BRADLEY, Kate. Juvenile delinquency and the evolution of the British juvenile courts. In **History in Focus**. Disponível em: <http://www.history.ac.uk/ihr/Focus/welfare/articles/bradleyk.html>

BUENO, Alexei (org.). **Olavo Bilac, Obra Reunida**. Rio de Janeiro : Editora Nova Aguilar, 1997 Nova Aguilar, 1997

CÂMARA, Sônia. **A infância como monumento no contexto das comemorações do Centenário da independência do Brasil em 1922**. 2013. Disponível em: <http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe7/pdf/07-%20HISTORIA%20DAS%20INSTITUICOES%20E%20PRATICAS%20EDUCATIVAS/A%20INFANCIA%20COMO%20MONUMENTO%20NO%20CONTEXTO%20DAS%20COMEMORACOES.pdf>

CÂMARA, Sônia. **A Sementeira do amanhã**: o primeiro congresso brasileiro de proteção à infância e sua perspectiva educativa e regenerada da criança. Disponível em: <http://www2.faced.ufu.br/colubhe06/anais/arquivos/66SoniaCamara.pdf>

CÂMARA, Sônia. Por uma ação preventiva e curativa da infância pobre: os discursos jurídicos –educativos no Brasil e em Portugal nas décadas de 1910-1920. In LOPES, Alberto; FILHO, Luciano Mendes de Faria; FERNANDES, Rogério (orgs). **Para a Compreensão histórica da infância**, Belo Horizonte: Autentica, 2007.

CARDOSO, Ciro F., A América Central: A era liberal, c.1870-1930. In: BETHEL, Leslie. (org.) **História da América Latina**. São Paulo: EDUSP, 2013. p. 235-270.

CARLI, Sandra. **Niñez, pedagogia e política**: transformaciones de los discursos acerca de la infância em la historia de la educacion argentina entre 1880 e 1955. Buenos Aires: Miño y Dávila srl, 2003.

CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas**: O imaginário da República no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CATANI, Denice Bárbara. Metáforas da Iluminação: observações acerca do estudo da história da educação republicana. In: SOUZA, Cynthia Pereira (Org.). **História da Educação. Processos, práticas e saberes**. São Paulo: Escrituras, 1998.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008a.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. 15ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2008b.

CHALHOUB, Sidney ; MARQUES, Vera Regina Beltrão; SAMPAIO, Gabriela dos Reis; GALVÃO SOBRINHO, Carlos Roberto (org.), **Artes e ofícios de curar no Brasil**: capítulos de história social. Campinas, Ed. da UNICAMP, 2003.

CHARAGRODSKY, Pablo .**El Dr. Enrique Romero Brest, las visitas a instituciones europeas de formación y el congreso de educación física realizado en 1913 como indicadores de la globalización y la nacionalización de la cultura física**. Disponível em:
http://www.researchgate.net/publication/262685975_El_Dr._Enrique_Romero_Brest_las_visitas_a_instituciones_europeas_de_formacion_y_el_Congreso_de_Educacion_Fisica_realizado_en_1913_como_indicadores_de_la_globalizacion_y_la_nacionalizacion_de_la_cultura_fisica

CHARAGRODSKY, Pablo. O pai da educação física na Argentina: fabricando uma política corporal. In: **Perspectiva**, jan. 2004. ISSN 2175-795X. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/10338>>.

CHARTIER, Roger. **Cultura escrita, literatura e história**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

CHARTIER, Roger. **O mundo como representação**. Estudos Avançados: Instituto de Estudos Avançados - USP, São Paulo, v. 5, n. 11, 1991. >>1990

CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 2002.

VEIGA, Cyntia Greive. Obrigatoriedade escolar em minas gerais no século XIX: coerção externa e autocoerção, In: VIDAL, Diana Gonçalves; SÁ, Elizabeth Figueiredo & SILVA, Vera Gaspar da. **Obrigatoriedade Escolar no Brasil**. Cuiabá: EdUFMT, 2013.p.135-154

Collodi, Carlo. **Pinóquio**. Disponível em:
http://www.pinocchio.it/Download/Testo_ufficiale_LeAvventure_di_Pinocchio.pdf

CORDEIRO, Andréa. **Dando vida a uma raiz: o ideário pedagógico da Primeira República na poesia infantil de Olavo Bilac**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Curso de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2005.

CORTÉS CONDE, Roberto C. O crescimento da economia Argentina, c. 1870-1914, In: BETHEL, Leslie. (org.) **História da América Latina**. São Paulo: EDUSP, 2013. p.

COSTA, Jurandir Freire. **Ordem médica e norma familiar**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

DALTOZO, José Carlos. **Cartão-Postal, Arte e Magia**. Presidente Prudente (SP): Gráfica Cipola, 2006.

DAVIS, Natalie Zemon. "Women's History" in transition: the European case, 3, *Feminist Studies*, 1975.

DAVIS, Natalie Zemon. **O retorno de Martin Guerre**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

DAVIS, Natalie. Entrevista a Maria Lucia Pallares-Burke in: **As muitas faces da história**: nove entrevistas. São Paulo: UNESP, 2000.

DE DECCA, **O nascimento das fábricas**. Coleção Tudo é História. 7ª Edição. São Paulo: Brasiliense, 1990.

DEL PRIORI, M. (org.) **História das crianças no Brasil**. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2002.

VIDAL, Diana Gonçalves. Faces da obrigatoriedade escolar: lições do passado, desafios do presente, In: VIDAL, Diana Gonçalves; SÁ, Elizabeth Figueiredo & SILVA, Vera Gaspar da. **Obrigatoriedade Escolar no Brasil**. Cuiabá: EdUFMT, 2013.p.11-20

DI MANGO, Patricia. **Julietta Lanteri, pionera del sufragio femenino en la Argentina**. Secretaría de la Comisión de la Mujer del Colegio Público de Abogados de Buenos Aires. Disponível em:

DONZELOT, Jacques. **A polícia das famílias**. 3 ed. Rio de Janeiro: Graal, 2001

DULCI, Teresa. **As conferências Pan-Americanas**: identidades, união aduaneira e arbitragem (1889 a 1928). Dissertação de Mestrado em História Social. São Paulo: FFLCH/USP, 2008.

ELIAS, N. **O processo civilizador: formação do estado e civilização**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

ELIAS, Norbert. **A Sociedade dos Indivíduos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

ELIAS, Norbert. **Norbert Elias por ele mesmo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. Em http://biblioteca.universia.net/html_bura/ficha/params/id/520226.html Acesso:

ENZENSBERGER, Hans Magnus. **Elogio ao analfabeto**. Disponível em: http://elpais.com/diario/1986/02/08/opinion/508201208_850215.html. Acesso em: 12 de dezembro de 2014.

FACHIN, Luiz Edson. Teoria Crítica do Direito Civil. Rio de Janeiro: Renovar, 2003

FARGE, Arlete. **Lugares para a História**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

FARGE, Arlete. **O sabor do Arquivo**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de (org). **A infância e sua educação – materiais, práticas e representações**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de (org). **Pensadores sociais e História da Educação**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

FARIA FILHO, Luciano Mendes; OLIVEIRA SANTOS, Vanessa. Instrução pública e modernização do trabalho agrícola: a experiência de Firmino Costa em Minas Gerais (1908- 1920). In: LOPES, A.; FARIA FILHO, L.; FERNANDE, R. **Para a compreensão histórica da infância**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

FAUSTO, Boris. Brasil: Estrutura social e política da primeira república, 1889-1930. In: BETHEL, Leslie. (org.) **História da América Latina**. São Paulo: EDUSP, 2013. P

FAUSTO, Boris. **Crime e Cotidiano**: a criminalidade em São Paulo (1880-1924). São Paulo: Brasiliense, 1984.

FER, Briony. Introdução. In: FRASCINA, Francis (et alii). **Modernidade e modernismo**: Pintura francesa no século XIX. São Paulo: Cosac & Naify, 1998. (p. 3-49).

FONSECA, S. C. Do abandonado ao menor: o caso do Instituto Disciplinar em São Paulo (1903-1927). In: **XXX Reunião Anual da ANPED**, 2007, Caxambu. Anais. Rio de Janeiro : ANPEd, 2007.

FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso. São Paulo: Loyola, 1999.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Tradução e organização. Roberto Machado 7ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. Tradução: Lígia M. Pondé Vassalo. 5ª edição. Petrópolis: Vozes. 1987

FREITAS, Marcos Cezar de & KUHLMAN Jr, Moysés (orgs). **Os intelectuais na história da infância**. São Paulo: Cortez, 2008.

FREITAS, Marcos Cezar de. História da infância no pensamento social brasileiro. Ou, fugindo de Gilberto freire pelas mãos de Mário de Andrade. In: FREITAS, M.C. **Historia Social da Infância no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2011.

GIDDENS, Antony. Introdução. In: _____. **As consequências da modernidade**. Tradução Raul Fiker. São Paulo: UNESP, 1991.

GINZBURG, Carlo. **A micro-história e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais**. 2ª ed. São Paulo: Cia das Letras, 2002a.

GINZBURG, Carlo. **Relações de força**. São Paulo: Cia das Letras, 2002b.

GODINHO LIMA, Ana Laura. Maternidade higiênica: natureza e ciência nos manuais de puericultura publicados no Brasil. **História Questões & Debates**, set. 2008. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/historia/article/view/12112>>. Acesso em: 09 Nov. 2014.

GONÇALVES VIANNA. **Olinto de Oliveira**. Porto Alegre: Editora Livraria o Globo, 1945.

GONDRA, José Gonçalves. Homo hygienicus: educação, higiene e a reinvenção do homem. In: **Cadernos Cedes 59** – Educação pela higiene; história de muitas cruzadas, Campinas, v. 23, n. 59, p 1 – 128, abril 2003.

GONDRA, José Gonçalves. Medicina, higiene e educação escolar. In: **500 anos de Educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

GOUVÊA, Maria Cristina Soares. A literatura como fonte para a história da infância: possibilidades e limites. In LOPES, Alberto; FILHO, Luciano Mendes de Faria; FERNANDES, Rogério (orgs). **Para a Compreensão histórica da infância**, Belo Horizonte: Autentica, 2007.

GUY, Donna J. **The Pan American Congresses, 1916 to 1942**: Pan Americanism, Child Reform and the Welfare State in Latin America. *Journal of Family History*, v. 23, n.3, p. 272-291, 1998b.

GUY, Donna J. **The Politics of Pan-American Cooperation**: Maternalist Feminism and the Child Rights Movement, 1913-1960. *Gender & History*, v.10, n.3, p.440-469, 1998a

GUY, Donna J. **Women Build the Welfare State**: Performing Charity and Creating Rights in Argentina, 1880-1955. Durham: Duke University Press, 2009.

HOBBSBAWM, Eric & RANGER, Terence (orgs). **A invenção das tradições**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

HOBBSBAWM, Eric. **A era dos impérios**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
<http://www.agendadelasmujeres.com.ar/index2.php?id=3¬a=4770> . Acesso em: 20 de setembro de 2013.

HOBBSBAWM, Eric. **Nações e nacionalismo desde 1780**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

IANNI, Octávio. **Enigmas do pensamento latino-americano**. Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, 2005. Disponível em: www.iea.usp.br/artigos. 42 p. Acesso em: 12/11/2012

JULIA, Dominique. A Cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**: n.º 1: Jan./Jun. 2001. p. 17

KATZ, Friedrich. O México: A república restaurada e o porfiriato, 1867-1910. In: BETHEL, Leslie. (org.) **História da América Latina**. São Paulo: EDUSP, 2013. p. 23-103.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **A Pré-Escola em São Paulo no início da República (1877 a 1940)**. São Paulo: Edições Loyola, 1988.

KLARÉN, Peter P. As origens do Peru moderno, 1880 – 1930. In: BETHEL, Leslie. (org.) **História da América Latina**. São Paulo: EDUSP, 2013. p. 317 - 375.

KUHLMANN JR., Moysés. **A circulação das ideias sobre a educação infância e Educação Infantil**: uma abordagem histórica. Porto Alegre: Mediação. 1998b.

KUHLMANN JR., Moysés. **As grandes festas didáticas**: a educação brasileira e as exposições internacionais (1862-1922). Bragança Paulista: Editora da UniUniversidade São Francisco, 2001.

KUHLMANN JR., Moysés. **Infância e Educação Infantil**: uma abordagem histórica. Porto Alegre: Mediação. 1998a.

KUHLMANN JR., Moysés. A circulação das ideias sobre a educação das crianças: Brasil, início do século XX. In: FREITAS, Marcus . Cézar de.; KUHLMANN JR., Moysés (Orgs). **Os intelectuais na história da infância**. São Paulo: Cortez, 2002a. p. 459-501.

KUHLMANN JR., Moysés. Educando a infância brasileira. In: **500 anos de Educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

KUHLMANN JR., Moysés. **Ideias sobre a educação da infância no 1º Congresso Brasileiro de Proteção à Infância**, Rio de Janeiro, 1922. 2002b. Disponível em: <http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe2/pdfs/Tema7/0749.pdf>

KUHLMANN JR., Moysés (2006). História da educação, comparação e classificação. In: **Anais do VI Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação**: percursos e desafios da pesquisa e do ensino de história da educação. Uberlândia, 2006. v. 1 (pp. 6429-6438). Disponível em: <http://www.faced.ufu.br/colubhe06/anais/arquivos/581KuhlmannAtual.pdf>.

KUHLMANN JR., Moysés. **Infância e Educação Infantil uma abordagem histórica**. Porto Alegre: Mediação, 2010.

LARROSA, Jorge e LARA, Nuria Péres de. (orgs.) **Imagens do Outro**. Petrópolis: Vozes, 1998.

LEMOS, Ana Heloisa; RODRIGUEZ, Daniel; MONTEIRO, Vinicius. Empregabilidade e sociedade disciplinar: uma análise do discurso do trabalho contemporâneo à luz de categorias foucaultianas. In: **Organizações & Sociedade**, Salvador, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-92302011000400002&lng=en&nrm=iso>. Acesso: 18 de fevereiro.

LEWIS, Paul H. O Paraguai da Guerra da Tríplice Aliança à Guerra do Chaco, México: A república restaurada e o porfiriato, 1867-1910. In: BETHEL, Leslie. (org.) **História da América Latina**. São Paulo: EDUSP, 2013. p. 23-103.

LOCKMANN, Kamila; MOTA, Maria Renata Alonso. Práticas de assistência à infância no Brasil: uma abordagem histórica. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 14, n. 26, jan./jun. 2013. p. 76 – 111.

LONDOÑO, Fernando Torres. A origem do conceito *menor*. In: História da criança no Brasil, São Paulo: Contexto. 1992. p.129- 145

LORIGA, Sabina. **O pequeno X**: da biografia à história. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

MAI, Lilian Denise & ANGERAMI, Emília Luigia. Eugenia negativa e positiva: significados e contradições. **Revista Latino-americana de Enfermagem**, março-abril; 14(2):251-8. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rlae/v14n2/v14n2a15>

MANNARELLI, María Emma & CARO, Betty Alicia Rivera. Una aproximación histórica a la salud infantil en el Perú: las mujeres en el cuidado de la infancia (1900-1930), In: **Investigaciones sociales**, vol.15 N°27. Disponível em: <http://revistasinvestigacion.unmsm.edu.pe/index.php/sociales/article/viewFile/7683/6688>. Acesso em 27 de novembro de 2014.

MARQUES, Vera Beltrão. Instruir para fazer a ciência e a medicina chegar ao povo no setecentos, In: **Revista portuguesa de pedagogia**, Ano37-2, **Coimbra: Ediliber**, 2003. p. 171 - 183

MARTINS, Adalberto, **A proteção constitucional ao trabalho de crianças e adolescentes**, São Paulo: LTr, 2002.

MIGNOLO, Walter. **La idea de América latina**: la herida colonial y la opción decolonial. Barcelona: Gedisa, 2007.

MIX, Miguel Rojas, **Los Cien Nombres de América** (Eso que Descubrió Colón). Barcelona: Editorial Lumen, 1991, pp. 23-24.

MORSE, Richard. **O espelho de Próspero: cultura e ideias nas Américas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

MOTA, André. **Quem é bom já nasce feito: sanitarismo e eugenia no Brasil**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

MOTA, Carlos Guilherme. História de um Silêncio: a guerra contra o Paraguai (1864-1870) 130 Anos depois. **Estudos avançados**, São Paulo, v. 9, n. 24 de agosto 1995. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141995000200012&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 09 de outubro de 2014

MOTTA, Marly Silva da. **A nação faz cem anos: a questão nacional no centenário da independência**. Rio de Janeiro: Editora FGV: CPDOC, 1992. 129 p.

MOURA, Esmeralda Blanco. Crianças Operárias na Recém - industrializada São Paulo. In: DEL PRIORI, Mary. **História das Crianças no Brasil**, São Paulo, Contexto, 2002, p.259 a 288.

NUNES, Eduardo Netto. **A Infância como portadora do futuro na América Latina: 1916-1948**. Tese de Doutorado em História Social. Universidade de São Paulo, USP, Brasil. 2011.

NUNES, Eduardo Netto. **Redes científico-intelectuais na América Latina: o papel do Boletín del Instituto Interamericano del Niño, na década de 1930-1940**. Disponível em: www.anphlac.org/periodicos/anais/.../eduardo_silveira_netto_nunes.pdf. Acesso em: 28/09/2010.

ODDONE, Juan A. A formação do Uruguai Moderno, c.1870-1930, In: BETHEL, Leslie. (org.) **História da América Latina**. São Paulo: EDUSP, 2013. p.

ORTEGA Y GASSET, José: **Hegel y América**. El espectador VII (1930), en Obras completas. Madrid: Revista de Occidente, 1963, vol. II, p. 563-570. Disponível em: http://www.filosofia.mx/index.php/forolibre/archivos/hegel_y_america

OSAWA, Ruth Hitomi; RIESCO, Maria Luiza Gonzales; TSUNECHIRO, Maria Alice. Parteiras-enfermeiras e Enfermeiras-parteiras: uma interface de Profissões Afins, porem distintas. **Revista brasileira de Enfermagem**. Brasília, v. 59, n. 5, outubro de 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672006000500020&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 19 de fevereiro de 2015.

OSSENBACH SAUTER, Gabriela. Estado y Educación en América Latina a partir de su independencia (siglos XIX y XX). In: **Revista Iberoamericana de Educación**. Número 1, - Estado y Educación, Enero – Abril, 1993. Disponível em: <http://www.rieoei.org/oeivirt/rie01a04.htm>

PANCERA, Carlo. **Semânticas da infância**. Perspectiva, Florianópolis, UFSC, vol. I 2, n. 22, pp. 97- I

PEIXOTO, A. **Noções de História da Educação**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1933.

PERROT, Michelle. **Mulheres Públicas**. Tradução: Roberto Leal Ferreira. São Paulo: UNESP, 1998.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da História**: Operários, mulheres e prisioneiros. Tradução de Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Exposições Universais: Espetáculos da Modernidade do século XIX**. Editora Hucitec – São Paulo. 1997

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & história cultural**. 2ª Edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. 132p.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Nós e Os Outros**: As Exposições Universais e o Imaginário Europeu sobre a América. In: Bessoni, T. M. T.; Queiroz, T. A. P. de (Orgs.). América Latina: Imagens, Imaginação e Imaginário. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura; São Paulo: EDUSP, 1997 (p. 557-67).

PIGNA, Felipe. **Mujeres tenían que ser**. 9ª Ed. Buenos Aires: Planeta, 2012.

POCOCK, J. G. A. **Linguagens do ideário político**. São Paulo: Edusp, 2003.

PROST, Antoine. **Doze lições sobre a história**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

QUESADA, Juan Rafael. **Estado y educacion en Costa Rica**: del agotamiento del liberalismo al inicio del Estado Interventor (1914-1949). San Jose: Editorial de la Universidad de Costa Rica, 2003

RAMA ,Angel. Outra vez la Utopia, en el inviern de nuestro desconsolo, in: **Cuadernos de Marcha**, 2ª época, ano I México, 1979.

RAMA, Angel. **A cidade das Letras**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

RATINOFF, Luis. Las retóricas educativas en América Latina: La experiencia de este siglo, in: **Boletín del Proyecto Principal de Educación en América Latina y el Caribe**, Nº 35, UNESCO-OREALC, Santiago, 1994.

RÉ, Flávia Maria. **A distância entre as Américas**: uma leitura do Pan-americanismo nas primeiras décadas republicanas no Brasil (1889-1912). Dissertação de Mestrado em Ciência Política. Universidade de São Paulo, USP, 2011.

REVEL, Jacques. **História e historiografia**: exercícios críticos. Curitiba: Editora UFPR. 2010.

RIZZINI, Irma. Pequenos trabalhadores do Brasil. In: DEL PRIORI, Mary. **História das Crianças no Brasil**. São Paulo, Contexto, 2002, p.376 a 406.

ROBALLO, Roberlayne de Oliveira. **Manuais de história da educação da coleção Atualidades Pedagógicas (1933-1977)**: verba volant, scripta manent. Curitiba, 2012. 373f. Tese (Doutorado em Educação).Setor de Educação. Universidade Federal do Paraná.

ROCHA, Heloisa Helena Pimenta. Cultura escolar e práticas de higienização da infância na escola primária paulista. In: VIDAL, Diana Gonçalves e Schwartz, Cleonara Maria (Org.). **História das culturas escolares no Brasil**. Vitória: EDUFES, 2010.

ROCHA, Heloisa Helena Pimenta. Higiene em imagens: os impressos e a propaganda de novos modos de viver. In: **Revista portuguesa de pedagogia, Ano37-2, Coimbra: Ediliber**, 2003. p. 185 - 202

ROCK, David. A Argentina de 1914 a 1930. In: BETHEL, Leslie. (org.) **História da América Latina**. São Paulo: EDUSP, 2013, p. 543-608.

RODHEN, Fabíola. **A arte de enganar a natureza**: contracepção, aborto e infanticídio no início do século XX. Rio de Janeiro: Fiocruz. 2003

ROJAS, Rolando. Los territorios que perdió Chile en la Guerra del Pacífico. In: **Revista Argumentos**, set.2010. Disponível em: http://www.revistargumentos.org.pe/los_territorios_que_perdio_chile_en_la_guerra_del_pacifico.html.

SALCEDO, Dalin Miranda. Familia, mujer y tradición en el código civil chileno de mediados del siglo XIX. In: **Advocatus**, Edición especial N° 14: 139 - 143, 2010 Universidad Libre Seccional Barranquilla, p. 139 a 143.

Santa Teresinha. **A história de uma alma**. 2012. Disponível em: <http://www.eesabh.com.br/public/uploads/albuns/Historia%20de%20uma%20alma.pdf>

SARMENTO, Manuel; GOUVEIA, Maria Cristina S. de (orgs). **Estudos da Infância: Educação e Práticas Sociais**. Petrópolis: Vozes. 2008

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como Missão**: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SILVA, Vera Lúcia Gaspar da & VALLE, Ione Ribeiro. Obrigatoriedade escolar: da obrigatoriedade pela força à força da Obrigatoriedade, In: , In: VIDAL, Diana Gonçalves; SÁ, Elizabeth Figueiredo & SILVA, Vera Gaspar da. **Obrigatoriedade Escolar no Brasil**. Cuiabá: EdUFMT, 2013.p.303 – 320.

SOSENSKI, Susana y Albarrán, Elena Jackson (org.). Nuevas miradas a la historia de la infancia en América Latina: entre prácticas y representaciones. México : Unam, Instituto de Investigaciones Históricas, 2012. Disponível em: <http://www.historicas.unam.mx/publicaciones/publicadigital/libros/miradas/miradas.html>

SOSENSKI, Susana. Entre prácticas, instituciones y discursos: trabajadores infantiles en la ciudad de México (1920-1934). **Historia Mexicana**. México, v. LX, n. 238, octubre-diciembre de 2010.

SOSENSKI, Susana. **Niños en acción**: El trabajo infantil en la ciudad de Mexico (1920-1934). México, D.F.: El Colegio del México, Centro de Estudios Históricos, 2010.

SOUZA, Gizele de & . A criança, os ingênuos e o ensino obrigatório no Paraná, In: VIDAL, Diana Gonçalves; SÁ, Elizabeth Figueiredo & SILVA, Vera Gaspar da. **Obrigatoriedade Escolar no Brasil**. Cuiabá: EdUFMT, 2013.p.189 - 208

SOUZA, Gizele de & ANJOS, Juarez José Tuchinski dos. A criança, os ingênuos e o ensino obrigatório no Paraná, In: VIDAL, Diana Gonçalves; SÁ, Elizabeth Figueiredo & SILVA, Vera Gaspar da. **Obrigatoriedade Escolar no Brasil**. Cuiabá: EdUFMT, 2013.p.189 – 208

SOUZA, Gizele de. Os Jardins de Infância públicos no início do século XX. In: SOUZA, Gizele (org.) **Educar na Infância**, perspectivas históricos-sociais. São Paulo: Contexto, 2010.

SUBURÚ, A. **Recuerdos del Parque Higiene y Salud**: La infancia de Irma Martirena. Disponível em: <http://www.monografias.com/trabajos98/recuerdos-del-parque-higiene-y-salud-infancia-irma-martirena/recuerdos-del-parque-higiene-y-salud-infancia-irma-martirena.shtml#ixzz3JT9wLBrI>

Subrahmanyam, Sanjay. **Impérios em concorrência** : histórias conectadas nos séculos XVI e XVII; tradução : Marta Amaral. Lisboa : ICS, 2012.

TRONCOSO, Alberto de Castillo. **Conceptos, imágenes y representaciones de la niñez en la ciudad de México**, 1880-1920. México : El Colegio de México, 2006.

VAGO, Tarcisio Mauro. “Uma verdadeira revolução de costumes”: educação de corpos infantis na reforma do ensino de 1906 em Minas Gerais. In: LOPES, Alberto; FILHO, Luciano Mendes de Faria; FERNANDES, Rogério (orgs). **Para a Compreensão histórica da infância**, Belo Horizonte: Autentica, 2007.

VALDEMARIN, Vera Teresa. **Lições de coisas**: concepção científica e projeto modernizador para a sociedade. Cad. CEDES [online]. 2000, vol.20, n.52, pp. 74-87. ISSN 0101-3262. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-32622000000300006>.

VEIGA, Cyntia Greive. **Pensando com Elias as relações entre Sociologia e História da Educação**.Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

VERA, Eugenia Roldan. ¿“**Enseñanza intuitiva**”, “**enseñanza objetiva**” o **lecciones de cosas**”? derroteros supranacionales de tres conceptos pedagógicos modernos en el siglo XIX. In: Anales de la XVII Jornadas Argentinas de Historia de la Educación. Tucumán, 2012.

VICO, G. **Princípios de (uma) ciência nova**. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

VIDAL, Diana Gonçalves & ASCOLANI, Adrián. **Reformas Educativas no Brasil e na Argentina**: Ensaios de história comparada na educação(1820-2000). São Paulo: Cortez, 2009.

VIDAL, Diana Gonçalves. **Culturas Escolares**: estudo sobre práticas de leitura e escrita na escola pública primária (Brasil e França, final do século XIX). Campinas: Autores associados, 2005.

VIDAL, Diana Gonçalves. Educação sexual: produção de identidades de gênero na década de 1930. In: SOUZA, Cynthia Pereira (Org.). **História da Educação. Processos, práticas e saberes**. São Paulo: Escrituras, 2002.

VIOTTI DA COSTA, Emília. Brasil: A era da reforma, 1870-1889, In: BETHEL, Leslie. (org.) **História da América Latina**. São Paulo: EDUSP, 2013. p.

WADSWORTH, James. **Moncorvo Filho e o problema da infância**: modelos institucionais e ideológicos da assistência à infância no Brasil. Universidade do Arizona, 1999.

WARDE, Mirian J. 2000. **Americanismo e educação**: um ensaio no espelho. São Paulo: Perspectiva, vol14, Apr/June 2000.

Wolf, Virgínia. **Profissões para mulheres**. In: Profissões para mulheres e outros artigos feministas. Tradução: Denise Bottmann. Porto Alegre: L&PM, 2013.

ZELIZER, Viviana A. **Pricing the priceless child**: the changing social value of children. Princeton: Princeton University Press, 1994.

ANEXO



JAMES MONTGOMERY FLAGG (1877-1960). "I WANT YOU FOR THE U.S. ARMY"
LITHOGRAPH, 1917. FONTE: FONTE: LIBRARY OF CONGRESS PRINTS AND
PHOTOGRAPHS DIVISION WASHINGTON, D.C PRINTS & PHOTOGRAPHS DIVISION